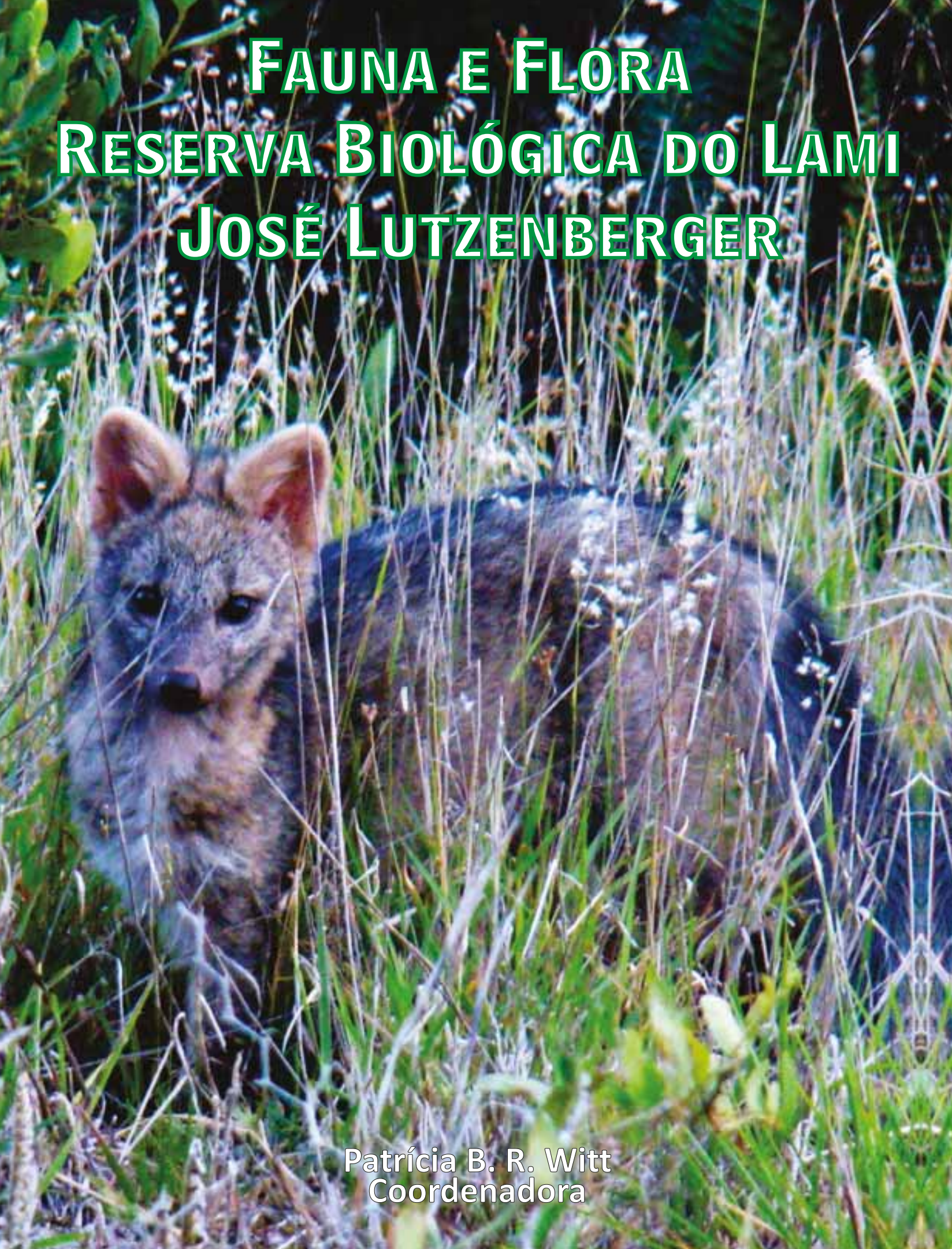


FAUNA E FLORA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER



Patrícia B. R. Witt
Coordenadora





FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA

DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

José Alberto Reus Fortunati - Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE

Luiz Fernando Salvadori Záchia - Secretário

Supervisão de Parques, Praças e Jardins

Francisco Eduardo Mellos dos Santos - Supervisor

Supervisão do Meio Ambiente

Mauro Gomes de Moura - Supervisor

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA
DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Bióloga Patrícia Bernardes Rodrigues Witt
Coordenadora

Porto Alegre, 2013

Tiragem: 510 exemplares

Impressão: Janeiro de 2013

Arte da capa e abertura dos capítulos: Acadêmica do Curso de Publicidade e Propaganda Karina Paizano Almeida.

Fotos da capa: Patrícia Bernardes Rodrigues Witt e André Alberto Witt

Diagramação: Ana Paula Sassanovicz Dufech

Impressão: Gráfica Pallotti

Impresso em papel couchê certificado com recursos financeiros: Termo de Compensação Vegetal (TCV) Decreto Municipal nº 17232/2011

Catálogo na fonte: bibliotecária da SMAM - Carmem Maria Lapolli von Hoonholtz CRB 10º/473

P853f Porto Alegre. Secretaria Municipal do Meio Ambiente.
Fauna e Flora da Reserva Biológica Lami José Lutzenberger/
coordenadora Patrícia Bernardes Rodrigues Witt . – Porto Alegre : Secretaria
Municipal do Meio Ambiente, 2013.
308 p. il. ; 30 cm

1.Fauna - Porto Alegre. 2. Flora – Porto Alegre. 3. Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. 4. Unidade de conservação da natureza. I. Witt, Patrícia Bernardes Rodrigues, Coord. II. Título

CDU (Edição-Padrão Internacional) 502.4(816.51)

Permitida a reprodução desde que citada a fonte conforme a referência da obra no todo abaixo:
WITT, Patrícia Bernardes Rodrigues (Coord.). **Fauna e Flora da Reserva Biológica Lami José Lutzenberger**. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2013.

Encaminhado à Biblioteca Nacional para depósito legal – Lei Federal nº 10.194/2004

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE (SMAM)

Av. Carlos Gomes, 2120 – Bairro Três Figueiras

CEP: 90480-002 – PORTO ALEGRE/RS

Tel.: (51) 3289-7500 e-mail: smam@smam.prefpoa.com.br

site: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/smam>

RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Rua Otaviano José Pinto, s/nº, CEP: 91787-680 - PORTO ALEGRE/RS

e-mail: reservalami@smam.prefpoa.com.br

Telefone (51) 3258-1314

COORDENADORA

Patrícia Bernardes Rodrigues Witt

Bióloga CRBIO 2545803-D

Gestora da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL), SMAM.

AUTORES

MAMÍFEROS

Marta Elena Fábian - Profa. Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

André Alberto Witt - Biólogo da Secretaria Estadual da Saúde/RS, Programa de Controle e Profilaxia da Raiva (DVAS/CEVS), Centro Estadual de Vigilância em Saúde, Divisão de Vigilância Ambiental.

Patrícia Bernardes Rodrigues Witt - Gestora da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL), SMAM.

Daniel Alexandre Stüpp-de-Souza - Biólogo, mestre em Biologia Animal, Laboratório de Mastozoologia, Departamento de Zoologia, UFRGS.

RÉPTEIS

Márcio Borges-Martins - Prof. Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Martin Schossler - Biólogo, Pesquisador colaborador, Laboratório de Herpetologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Laura Verrastro - Profa. Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Clóvis de Souza Bujes - Biólogo, Coordenador Geral da ONG Projeto Chelonia: Biologia, Manejo e Conservação de Anfíbios e Répteis.

Roberto Baptista de Oliveira - Biólogo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Balneário Pinhal, Balneário Pinhal, RS, Brasil.

Morgana Mosena - Bióloga, Laboratório de Ecofisiologia Vegetal, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, UFRGS.

ANFÍBIOS

Luis Fernando Marin da Fonte - Biólogo, Pesquisador colaborador, Laboratório de Herpetologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Caroline Zank - Bióloga, Pesquisadora colaboradora, Laboratório de Herpetologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Gabriele Volkmer - Bióloga, Pesquisadora colaboradora, Laboratório de Herpetologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Luciana Ardenghi Fusinato - Bióloga, Doutoranda do Departamento de Ecologia, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, UERJ.

Marcelo Duarte Freire - Biólogo, CRBio 34692-03.

Patrick Colombo - Biólogo, Pós-Doutorando do Programa de Pós Graduação em Biologia Aquática Continental, FURG.

PEIXES

Luiz R. Malabarba - Prof. Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Clarice B. Fialho - Profa. Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

Vinicius A. Bertaco - Biólogo, Museu de Ciências Naturais, Laboratório de Ictiologia, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZBRS).

Fernando R. Carvalho - Biólogo, pós-doutorando do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), UNESP, São José do Rio Preto, SP.

Ana Paula S. Dufech - Bióloga, Pesquisadora colaboradora, Laboratório de Ictiologia, Departamento de Zoologia, UFRGS.

Juliano Ferrer - Biólogo, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Zoologia, UFRGS.

Julia Giora - Bióloga, pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Zoologia, UFRGS.

AVES

Iury de Almeida Accordi - Biólogo, doutor em Ecologia.

FLORA

VEGETAÇÃO E FLORA VASCULAR

Cláudio Augusto Mondin - Prof. Departamento de Biodiversidade e Ecologia, PUCRS.

Pedro Joel Silva da Silva Filho - Programa de Pós-Graduação em Botânica, UFRGS

Auxiliares de Campo: Eric Hermann, Vínicius Lorini da Costa e Alexandre Martins, acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas, PUCRS.

ESTUDOS POLÍNICOS

Soraia Girardi Bauermann - Profa. do Curso de Ciências Biológicas, Laboratório de Palinologia, ULBRA.

Eduardo Magalhães - Biólogo, Laboratório de Palinologia, ULBRA

COLABORADORES

Carmem M. L. von Hoonholtz (adequação da publicação de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas(ABNT) bibliotecária CRB 10º/473 – mat. nº. 09072.7, Centro de Educação e Informação Ambiental(CEI) Equipe de Bibliotecas (EBIB) - SMAM

Cândida M. Johann (auxílio na compilação de referências) estagiária de Biblioteconomia matrícula. nº112699.7.

Mônica Baldauf (orientações quanto às normas gerais de comunicação da Prefeitura Municipal), servidora, matrícula nº 33638.8, coordenadora, Coordenação de Eventos - SMAM

Agradecimentos

Para a realização desta importante obra, contamos com a colaboração e a dedicação de vários profissionais, os quais tornaram possível este trabalho, com sua imensa dedicação.

Gostaria de agradecer aos autores e seus colaboradores e aos co- autores pelo empenho na compilação de dados das pesquisas realizadas na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Um agradecimento especial aos autores, Professor Luiz Roberto Malabarba e a sua equipe, destacando a importância das atividades de campo realizadas, que proporcionaram a identificação de espécies da ictiofauna sazonais na Unidade de Conservação.

À professora Marta Elena Fábian e ao Biólogo André Alberto Witt, Mastozoólogos, pela dedicação na realização do capítulo sobre Mamíferos da Reserva, em especial ao apoio às saídas de campo para as atividades de monitoramento com armadilhamento fotográfico, trabalho desenvolvido ao longo dos últimos dois anos, e ainda, pelas pesquisas sobre Chirópteros, inéditas, uma vez que não havia estudos sobre morcegos na Unidade de Conservação.

Ao Biólogo Márcio Borges Martins e sua equipe, pela elaboração no Capítulo de Répteis, assim como aos autores que elaboraram o capítulo de Anfíbios, pois várias pesquisas foram realizadas na Reserva Biológica do Lami. Especial atenção ao trabalho do Biólogo Luis Fernando Marin da Fonte, pelo empenho na construção deste capítulo, bem como aos demais autores.

Meu agradecimento ao professor Cláudio Augusto Mondin pelo trabalho desempenhado em campo nesta Unidade de Conservação, para obtenção de dados que enriqueceram o capítulo de Flora do livro, assim como aos demais colaboradores, com as contribuições que complementam o capítulo da Flora, proporcionadas pelos estudos de pesquisa científica realizadas na Reserva Biológica do Lami sobre estudos Polínicos, importantes resultados em termos de pesquisa evolutiva, orientados pela Bióloga Soraia Girardi Bauermann.

Agradeço ao Ornitólogo Iury de Almeida Accordi pela elaboração do capítulo sobre aves enriquecendo informações sobre a avifauna da Reserva Biológica e região.

À Dra Annelise Monteiro Steigleder, promotora de Justiça, pelo acompanhamento da Gestão da Reserva Biológica do Lami, desde a elaboração do Plano Manejo, publicado no ano de 2008, assim como pela preocupação e empenho para que esta Unidade de Conservação cumpra efetivamente seus objetivos de Conservação.

Meu reconhecimento e considerações aos colegas da SMAM que se dedicaram e se empenharam para os trâmites que garantiram a publicação desta obra científica, em especial à equipe de Bibliotecas, coordenada por Carmen M. Lapoll Von Hoonholtz e à equipe de Eventos, coordenada por Mônica Baldauf e à estagiária Karina Almeida, assim como o setor de comunicação em especial à Aline Czarnobay.

Importante reconhecer a atenção especial do Secretário Municipal do Meio Ambiente, Luiz Fernando Záchia, e Supervisor do Meio Ambiente da SMAM, Mauro Gomes de Moura, pelo entendimento e apoio à realização desta importante obra científica, inédita, oportunizando a sociedade, órgãos públicos e comunidade científica, o conhecimento da riqueza biológica de flora e fauna que abriga esta valorosa Unidade de Conservação da Natureza em Porto Alegre.

*Bióloga Patrícia Bernardes Rodrigues Witt
Gestora da Unidade de Conservação da Natureza
Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger*

PREFÁCIO

É preciso conhecer para amar. Amar para proteger. Foi pensando nisso e, certamente, movida por um grande amor pela biodiversidade da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger, que a Bióloga Patrícia Witt, Gestora desta Unidade de Conservação, organizou o presente livro, onde reuniu os estudos mais representativos de pesquisadores sobre a fauna e a flora nativas desta região de Porto Alegre.

O livro, em cada um dos seus capítulos, oferece uma profunda pesquisa sobre a flora, a ictiofauna, a avifauna, os mamíferos, os anfíbios e os répteis da Reserva Biológica do Lami, evidenciando a riqueza dos atributos biológicos da região e, com isso, comprovando as razões pelas quais a Unidade de Conservação mereceu ser criada, no ano de 1975, em uma área de 204 hectares, com o objetivo de assegurar a proteção integral da biodiversidade, vedando-se todo e qualquer uso direto e admitindo-se, exclusivamente, atividades de conservação, educação ambiental e pesquisa científica.

Ao longo destes anos em minhas atividades junto à Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, tive inúmeras oportunidades de convívio com a Bióloga Patrícia Witt, e pude testemunhar o seu esforço grandioso e abnegado por tornar a Reserva Biológica do Lami um espaço de efetiva proteção ambiental. Diversas conquistas foram consolidadas: a elaboração do Plano de Manejo aprovado e publicado no ano de 2008, a reforma das instalações físicas, criando-se um Centro de Educação Ambiental, que leva o nome de um grande ambientalista Augusto Carneiro, as atividades do Programa de Educação Ambiental, a criação do Conselho Consultivo, os convênios com as Universidades e outras instituições de pesquisa, a fiscalização com qualificação para a Unidade tendo como objetivo a salvaguarda dos atributos naturais legalmente protegidos para coibição dos crimes Ambientais.

Agora, este livro que, certamente, coroa este processo de reconhecimento público da importância da Reserva Biológica, permitindo a difusão do conhecimento sobre esta biodiversidade única de Porto Alegre e deixando em aberto para as gerações futuras novas responsabilidades em termos de preservação ambiental.

Parabenizo também a Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMAM pelo apoio à publicação da obra, com o que demonstra seu real comprometimento com a salvaguarda desta Unidade de Conservação, eis que os conhecimentos sobre a fauna e a flora da área e sobre a forma como são impactadas, certamente, influenciarão os processos decisórios sobre a gestão ambiental da cidade de Porto Alegre.

Annelise Monteiro Steigleder
Promotora de Justiça

Porto Alegre, 30 de abril de 2012.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| PREFÁCIO | 8 |
| APRESENTAÇÃO | 25 |
| MAMÍFEROS | 29 |
| INTRODUÇÃO | 29 |
| MÉTODOS | 29 |
| Ordem DIDELPHIMORPHIA | 30 |
| Família Didelphidae | 30 |
| <i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840 | 30 |
| <i>Lutreolina crassicaudata</i> (Desmarest, 1804) | 31 |
| Ordem CINGULATA | 31 |
| Família Dasypodidae | 31 |
| <i>Dasypus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758 | 31 |
| <i>Dasypus septemcinctus</i> Linnaeus, 1758 | 32 |
| Ordem PRIMATES | 32 |
| Família Atelidae | 32 |
| <i>Alouatta guariba</i> (Humboldt, 1812) | 32 |
| Ordem RODENTIA | 33 |
| Família Cricetidae | 33 |
| <i>Akodon montensis</i> Thomas, 1913 | 33 |
| <i>Nectomys squamipes</i> (Brants, 1827) | 34 |
| <i>Holochilus brasiliensis</i> (Desmarest, 1819) | 34 |
| <i>Oligoryzomys flavescens</i> (Waterhouse, 1837)..... | 34 |
| <i>Oligoryzomys nigripes</i> (Olfers, 1818) | 35 |
| Família Erethizontidae | 35 |
| <i>Sphiggurus villosus</i> | 35 |
| Família Caviidae | 35 |
| <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766) | 35 |
| <i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777 | 37 |
| Família Ctenomyidae | 37 |
| <i>Ctenomys lami</i> Freitas, 2001..... | 37 |
| Família Echimyidae..... | 38 |
| <i>Kannabateomys amblyonyx</i> (Wagner, 1845) | 38 |
| Família Myocastoridae | 39 |
| <i>Myocastor coypus</i> (Molina, 1782) | 39 |
| Ordem CHIROPTERA | 40 |
| Família Phyllostomidae | 40 |
| <i>Artibeus fimbriatus</i> Gray, 1838 | 40 |
| <i>Desmodus rotundus</i> (E. Geoffroy, 1810) | 41 |
| <i>Glossophaga soricina</i> E. Geoffroy, 1818 | 42 |
| <i>Sturnira lilium</i> (E. Geoffroy, 1810) | 43 |

| | |
|---|----|
| Família Noctilionidae | 44 |
| <i>Noctilio leporinus</i> (Linnaeus, 1758) | 44 |
| Família Molossidae | 45 |
| <i>Molossus molossus</i> (Pallas, 1766) | 45 |
| <i>Tadarida brasiliensis</i> (I. Geoffroy, 1824) | 46 |
| Família Vespertilionidae | 47 |
| <i>Histiotus velatus</i> (I. Geoffroy, 1824) | 47 |
| Ordem CARNIVORA | 48 |
| Família Felidae | 48 |
| <i>Puma yagouaroundi</i> (É. Geoffroy Saint-Hilare, 1803) | 48 |
| Família Canidae | 48 |
| <i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766) | 48 |
| <i>Lycalopex gymnocercus</i> (G. Fischer, 1814) | 50 |
| Família Mustelidae | 50 |
| <i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782) | 50 |
| <i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818) | 51 |
| Família Procyonidae..... | 52 |
| <i>Procyon cancrivorus</i> (G. [Baron] Cuvier, 1798) | 52 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 53 |

| | |
|----------------------|----|
| RÉPTEIS | 61 |
|----------------------|----|

ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS NA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ

| | |
|---------------------------------------|----|
| LUTZENBERGER E ARREDORES | 67 |
|---------------------------------------|----|

| | |
|--|----|
| SQUAMATA - COBRAS-CEGAS OU COBRAS-DE-DUAS-CABEÇAS | 68 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| Família Amphisbaenidae | 68 |
| <i>Amphisbaena trachura</i> Cope, 1885 | 68 |

| | |
|----------------------------------|----|
| SQUAMATA - LAGARTOS | 68 |
|----------------------------------|----|

| | |
|--|----|
| Família Anguidae | 68 |
| <i>Ophiodes fragilis</i> (Raddi, 1820) | 68 |

| | |
|-----------------------|----|
| Família Teiidae | 69 |
|-----------------------|----|

| | |
|---|----|
| <i>Teius oculatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837) | 69 |
| <i>Tupinambis merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839) | 69 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| SQUAMATA - SERPENTES | 70 |
|-----------------------------------|----|

| | |
|--|----|
| Família Colubridae | 70 |
| <i>Chironius bicarinatus</i> (Wied, 1820) | 70 |
| <i>Mastigodryas bifossatus</i> (Raddi, 1820) | 71 |

| | |
|--|----|
| Família Dipsadidae | 71 |
| <i>Atractus reticulatus</i> (Boulenger, 1885) | 71 |
| <i>Helicops infrataeniatus</i> (Jan, 1865) | 72 |
| <i>Lygophis anomalus</i> (Günther, 1858) | 72 |
| <i>Erythrolamprus jaegeri</i> (Günther, 1858) | 73 |
| <i>Erythrolamprus semiaureus</i> (Cope, 1862) | 73 |
| <i>Erythrolamprus poecilogyrus</i> (Wied, 1825) | 74 |
| <i>Oxyrhopus rhombifer</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854 | 75 |

| | |
|--|-----|
| <i>Philodryas olfersii</i> (Lichtenstein, 1823) | 76 |
| <i>Philodryas patagoniensis</i> (Girard, 1858) | 76 |
| <i>Sibynomorphus</i> aff. <i>neuwiedi</i> (Ihering, 1911) | 77 |
| <i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i> (Boulenger, 1885) | 78 |
| <i>Thamnodynastes hypoconia</i> (Cope, 1860) | 78 |
| <i>Thamnodynastes strigatus</i> (Günther, 1858) | 79 |
| <i>Tomodon dorsatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854 | 79 |
| <i>Xenodon dorbignyi</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854 | 80 |
| <i>Xenodon merremii</i> (Wagler, 1824) | 80 |
| Família Elapidae | 81 |
| <i>Micrurus altirostris</i> (Cope, 1860) | 81 |
| Família Viperidae | 82 |
| <i>Bothrops alternatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854 | 82 |
| <i>Bothrops jararaca</i> (Wied, 1824) | 82 |
| <i>Bothrops pubescens</i> (Cope, 1870) | 83 |
| TARTARUGAS E CÁGADOS | 84 |
| Família Chelidae | 84 |
| <i>Phrynops hilarii</i> (Duméril & Bibron, 1835) | 84 |
| Família Emydidae | 85 |
| <i>Trachemys dorbigni</i> (Duméril & Bibron, 1835) | 85 |
| JACARÉS | 86 |
| Família Alligatoridae | 86 |
| <i>Caiman latirostris</i> (Daudin, 1802) | 86 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 87 |
| | |
| ANFÍBIOS | 93 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 93 |
| | |
| ANFÍBIOS DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER | 95 |
| Classe AMPHIBIA | 97 |
| Ordem ANURA | 97 |
| Família Bufonidae | 97 |
| <i>Rhinella dorbignyi</i> (Duméril & Bibron, 1841) | 97 |
| Família Cycloramphidae | 98 |
| <i>Odontophrynus americanus</i> (Duméril & Bibron, 1841) | 98 |
| Família Hylidae | 98 |
| <i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872) | 98 |
| <i>Dendropsophus sanborni</i> (Schmidt, 1944) | 100 |
| <i>Hypsiboas faber</i> (Wied-Neuwied, 1821) | 101 |
| <i>Hypsiboas pulchellus</i> (Duméril & Bibron, 1841) | 102 |
| <i>Pseudis minuta</i> Günther, 1858 | 103 |
| <i>Scinax tymbamirim</i> Nunes, Kwet and Pombal, 2012 | 105 |
| <i>Scinax berthae</i> (Barrio, 1962) | 106 |
| <i>Scinax fuscovarius</i> (Lutz, 1925) | 107 |
| <i>Scinax granulatus</i> (Peters, 1871) | 108 |
| <i>Scinax squalirostris</i> (Lutz, 1925) | 109 |

| | |
|--|-----|
| Família Leiuperidae | 110 |
| <i>Physalaemus cuvieri</i> (Fitzinger, 1826) | 110 |
| <i>Physalaemus gracilis</i> (Boulenger, 1883) | 111 |
| <i>Pseudopaludicola falcipes</i> (Hensel, 1867) | 112 |
| Família Leptodactylidae | 113 |
| <i>Leptodactylus gracilis</i> (Duméril & Bibron, 1840) | 113 |
| <i>Leptodactylus latinasus</i> Jiménez de la Espada, 1875 | 113 |
| <i>Leptodactylus latrans</i> (Steffen, 1815) | 114 |
| Família Microhylidae | 116 |
| <i>Elachistocleis bicolor</i> (Guérin-Méneville, 1838) | 116 |
| ESPÉCIES COM OCORRÊNCIA POTENCIAL NA REBIOLJL | 117 |
| Ordem GYMNOPHIONA | 117 |
| Família Caeciliidae | 117 |
| <i>Chthonerpeton indistinctum</i> (Reinhardt and Lütken, 1862) | 117 |
| Ordem ANURA | 118 |
| Família Bufonidae | 118 |
| <i>Rhinella arenarum</i> (Hensel, 1867) | 118 |
| <i>Rhinella fernandezae</i> (Gallardo, 1957) | 119 |
| <i>Rhinella icterica</i> (Spix, 1824) | 119 |
| <i>Rhinella henseli</i> (Lutz, 1934) | 120 |
| <i>Melanophryniscus pachyrhynchus</i> (Miranda-Ribeiro, 1920) | 121 |
| Família Cycloramphidae | 122 |
| <i>Odontophrynus maisuma</i> Rosset, 2008 | 122 |
| Família Hylidae | 122 |
| <i>Dendropsophus nanus</i> (Boulenger, 1889) | 122 |
| <i>Phyllomedusa iheringii</i> Boulenger, 1885 | 123 |
| <i>Scinax nasicus</i> (Cope, 1862) | 124 |
| <i>Scinax uruguayus</i> (Schmidt, 1944) | 125 |
| <i>Trachycephalus mesophaeus</i> (Hensel, 1867) | 126 |
| Família Leiuperidae | 127 |
| <i>Physalaemus biligonigerus</i> (Cope, 1861) | 127 |
| <i>Physalaemus henselii</i> (Peters, 1872) | 127 |
| <i>Physalaemus lisei</i> Braun and Braun, 1977 | 128 |
| Família Leptodactylidae | 129 |
| <i>Leptodactylus mystacinus</i> (Burmeister, 1861) | 129 |
| <i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799) | 130 |
| Família Ranidae | 130 |
| <i>Lithobates catesbeianus</i> (Shaw, 1802) | 130 |
| LISTA DE ANFÍBIOS DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE | 130 |
| CRÉDITOS E LOCAIS DE PROCEDÊNCIA DAS FOTOGRAFIAS | 135 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 136 |

| | |
|--|-----|
| PEIXES | 145 |
| Ordem CHARACIFORMES | 150 |
| Família Acestrorhynchidae | 150 |
| <i>Acestrorhynchus pantaneiro</i> Menezes, 1992 | 150 |
| Família Characidae | 151 |
| <i>Aphyocharax anisitsi</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903) | 151 |
| <i>Astyanax eigenmanniorum</i> (Cope, 1894) | 151 |
| <i>Astyanax</i> aff. <i>fasciatus</i> (Cuvier, 1819) | 152 |
| <i>Astyanax jacuhiensis</i> (Cope, 1894) | 152 |
| <i>Charax stenopterus</i> (Cope, 1894) | 153 |
| <i>Cheirodon ibicuihensis</i> Eigenmann, 1915 | 153 |
| <i>Cheirodon interruptus</i> (Jenyns, 1842) | 154 |
| <i>Cyanocharax alburnus</i> (Hensel, 1870) | 154 |
| <i>Hyphessobrycon boulengeri</i> (Eigenmann, 1907) | 155 |
| <i>Hyphessobrycon igneus</i> Miquelarena, Menni, Lopez & Casciotta, 1980 | 155 |
| <i>Hyphessobrycon luetkenii</i> (Boulenger, 1887) | 156 |
| <i>Hyphessobrycon meridionalis</i> Ringuelet, Miquelarena & Menni, 1978 | 156 |
| <i>Oligosarcus jenynsii</i> (Günther, 1864) | 157 |
| <i>Oligosarcus robustus</i> Menezes, 1969 | 157 |
| <i>Pseudocorynopoma doriae</i> Perugia, 1891 | 158 |
| <i>Serrapinnus calliurus</i> (Boulenger, 1900) | 158 |
| Família Crenuchidae | 159 |
| <i>Characidium rachovii</i> Regan, 1913 | 159 |
| Família Curimatidae | 159 |
| <i>Cyphocharax spilodus</i> (Vari, 1987) | 159 |
| <i>Cyphocharax voga</i> (Hensel, 1870) | 160 |
| Família Erythrinidae | 160 |
| <i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794) | 160 |
| Ordem SILURIFORMES | 161 |
| Família Aspredinidae | 161 |
| <i>Pseudobunocephalus iheringii</i> (Boulenger, 1891) | 161 |
| Família Callichthyidae | 161 |
| <i>Callichthys callichthys</i> (Linnaeus, 1758) | 161 |
| <i>Corydoras paleatus</i> (Jenyns, 1842) | 162 |
| <i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828) | 162 |
| Família Heptapteridae | 163 |
| <i>Pimelodella australis</i> Eigenmann, 1917 | 163 |
| <i>Rhamdia</i> aff. <i>quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824) | 163 |
| Família LORICARIIDAE | 164 |
| <i>Hisonotus laevior</i> Cope, 1894 | 164 |
| <i>Hisonotus leucofrenatus</i> (Miranda-Ribeiro, 1908) | 164 |
| <i>Hypostomus commersoni</i> Valenciennes, 1836 | 165 |
| <i>Loricariichthys anus</i> Valenciennes, 1836 | 165 |
| <i>Rineloricaria cadeae</i> (Hensel, 1868) | 166 |
| <i>Rineloricaria strigilata</i> (Hensel, 1868) | 166 |

| | |
|---|-----|
| Família Pimelodidae | 166 |
| <i>Parapimelodus nigribarbis</i> (Boulenger, 1889) | 167 |
| <i>Pimelodus pintado</i> Azpelicueta, Lundberg & Loureiro, 2008 | 167 |
| Família Trichomycteridae | 167 |
| <i>Homodiaetus anisitsi</i> Eigenmann & Ward, 1907 | 168 |
| Ordem GYMNOTIFORMES | 168 |
| Família Gymnotidae | 168 |
| <i>Gymnotus</i> aff. <i>carapo</i> Linnaeus, 1758 | 168 |
| Família Hypopomidae | 169 |
| <i>Brachyhypopomus draco</i> Giora, Malabarba & Crampton, 2008 | 169 |
| <i>Brachyhypopomus gauderio</i> Giora & Malabarba, 2009 | 169 |
| Ordem SYNBRANCHIFORMES | 170 |
| Família Synbranchidae | 170 |
| <i>Synbranchus marmoratus</i> Bloch, 1795 | 170 |
| Ordem CYPRINODONTIFORMES | 171 |
| Família Anablepidae | 171 |
| <i>Jenynsia multidentata</i> (Jenyns, 1842) | 171 |
| Família Poeciliidae | 171 |
| <i>Phalloceros caudimaculatus</i> (Hensel, 1868) | 172 |
| Família Rivulidae..... | 172 |
| <i>Cynopoecilus nigrovittatus</i> Costa, 2002 | 172 |
| Ordem LABRIFORMES | 173 |
| Família Cichlidae | 173 |
| <i>Australoheros acaroides</i> (Hensel, 1870) | 173 |
| <i>Cichlasoma portalegrense</i> (Hensel, 1870) | 174 |
| <i>Crenicichla lepidota</i> Heckel, 1840 | 174 |
| <i>Crenicichla punctata</i> Hensel, 1870 | 174 |
| <i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824) | 175 |
| <i>Gymnogeophagus gymnogenys</i> (Hensel, 1870) | 175 |
| <i>Gymnogeophagus rhabdotus</i> (Hensel, 1870) | 176 |
| Ordem PERCIFORMES | 176 |
| Família Sciaenidae | 176 |
| <i>Pachyurus bonariensis</i> Steindachner, 1879 | 177 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 178 |
| | |
| AVES | 187 |
| INTRODUÇÃO | 187 |
| ÁREA DE ESTUDOS | 188 |
| MÉTODOS | 188 |
| TRABALHO DE CAMPO | 188 |
| DOCUMENTAÇÃO | 188 |

| | |
|---|-----|
| CLASSIFICAÇÃO E SEQÜÊNCIA TAXONÔMICA | 189 |
| NOMES EM PORTUGUÊS | 189 |
| ÍNDICE DE FREQUÊNCIA | 189 |
| SITUAÇÃO DE OCORRÊNCIA | 189 |
| DADOS SECUNDÁRIOS | 189 |
| REGISTROS HISTÓRICOS | 189 |
| ORDENAÇÃO DAS INFORMAÇÕES NO RELATO DAS ESPÉCIES | 189 |
| RESULTADOS | 190 |
| <i>Chauna torquata</i> (tachã) | 191 |
| <i>Dendrocygna viduata</i> (marreca-piadeira) | 191 |
| <i>Amazonetta brasiliensis</i> (marreca-pé-vermelho) | 191 |
| <i>Anas flavirostris</i> (marreca-pardinha) | 191 |
| <i>Anas versicolor</i> (marreca-cricri) | 192 |
| <i>Netta peposaca</i> (marrecão) | 192 |
| <i>Ortalis guttata</i> (aracuã) | 192 |
| <i>Rollandia rolland</i> (mergulhão-de-orelha-branca) | 192 |
| <i>Podilymbus podiceps</i> (mergulhão) | 192 |
| <i>Podicepsorus major</i> (mergulhão-grande) | 193 |
| <i>Ciconia maguari</i> (joão-grande) | 193 |
| <i>Mycteria americana</i> (cabeça-seca) | 193 |
| <i>Phalacrocorax brasilianus</i> (biguá) | 193 |
| <i>Anhinga anhinga</i> (biguatinga) | 194 |
| <i>Nycticorax nycticorax</i> (savacu) | 194 |
| <i>Butorides striata</i> (socozinho) | 194 |
| <i>Bubulcus ibis</i> (garça-vaqueira) | 194 |
| <i>Ardea cocoi</i> (garça-moura) | 195 |
| <i>Ardea alba</i> (garça-branca-grande) | 195 |
| <i>Syrigma sibilatrix</i> (maria-faceira) | 195 |
| <i>Egretta thula</i> (garça-branca-pequena) | 196 |
| <i>Plegadis chihi</i> (maçarico-preto) | 196 |
| <i>Phimosus infuscatus</i> (maçarico-de-cara-pelada) | 196 |
| <i>Platalea ajaja</i> (Colhereiro) | 197 |
| <i>Phoenicopterus chilensis</i> (flamingo) | 197 |
| <i>Cathartes aura</i> (urubu-de-cabeça-vermelha) | 197 |
| <i>Coragyps atratus</i> (urubu-de-cabeça-preta) | 197 |
| <i>Pandion haliaetus</i> (águia-pescadora) | 198 |
| <i>Elanus leucurus</i> (gavião-peneira) | 198 |
| <i>Circus buffoni</i> (gavião-do-banhado) | 198 |
| <i>Rostrhamus sociabilis</i> (gavião-caramujeiro) | 198 |
| <i>Heterospizias meridionalis</i> (gavião-caboclo) | 199 |
| <i>Rupornis magnirostris</i> (gavião-carijó) | 199 |

| | |
|---|-----|
| <i>Buteo brachyurus</i> (gavião-de-rabo-curto) | 199 |
| <i>Caracara plancus</i> (caracará) | 200 |
| <i>Milvago chimachima</i> (carrapateiro) | 200 |
| <i>Milvago chimango</i> (chimango) | 200 |
| <i>Falco sparverius</i> (quiriquiri) | 201 |
| <i>Aramus guarauna</i> (carão) | 201 |
| <i>Aramides ypecaha</i> (saracuruçu) | 201 |
| <i>Aramides cajanea</i> (saracura-três-potes) | 202 |
| <i>Aramides saracura</i> (saracura-do-mato) | 202 |
| <i>Laterallus melanophaius</i> (sanã-parda) | 202 |
| <i>Pardirallus maculatus</i> (saracura-carijó) | 202 |
| <i>Pardirallus nigricans</i> (saracura-sanã) | 202 |
| <i>Pardirallus sanguinolentus</i> (saracura-do-banhado) | 202 |
| <i>Gallinula galeata</i> (galinhola) | 202 |
| <i>Gallinula melanops</i> (frango-d'água-carijó) | 203 |
| <i>Vanellus chilensis</i> (quero-quero) | 203 |
| <i>Himantopus melanurus</i> (pernilongo) | 203 |
| <i>Gallinago paraguaiiae</i> (narceja) | 203 |
| <i>Tringa solitaria</i> (maçarico-solitário) | 204 |
| <i>Jacana jacana</i> (jaçanã) | 204 |
| <i>Chroicocephalus maculipennis</i> (gaivota-maria-velha) | 204 |
| <i>Larus dominicanus</i> (gaivotão) | 204 |
| <i>Phaetusa simplex</i> (trinta-réis-grande) | 204 |
| <i>Rynchops niger</i> (talha-mar) | 205 |
| <i>Columbina talpacoti</i> (rolinha-roxa) | 205 |
| <i>Columbina picui</i> (rolinha-picui) | 205 |
| <i>Columba livia</i> (pombo-doméstico) | 206 |
| <i>Patagioenas picazuro</i> (pombão) | 206 |
| <i>Zenaida auriculata</i> (pomba-de-bando) | 206 |
| <i>Leptotila verreauxi</i> (juriti-pupu) | 206 |
| <i>Myiopsitta monachus</i> (caturrita) | 206 |
| <i>Micrococyx cinereus</i> (papa-lagarta-cinzento) | 207 |
| <i>Piaya cayana</i> (alma-de-gato) | 207 |
| <i>Coccyzus melacoryphus</i> (papa-lagarta-verdadeiro) | 207 |
| <i>Crotophaga ani</i> (anu-preto) | 207 |
| <i>Guira guira</i> (anu-branco) | 207 |
| <i>Tapera naevia</i> (saci) | 208 |
| <i>Tyto alba</i> (coruja-de-igreja) | 208 |
| <i>Megascops choliba</i> (corujinha-do-mato) | 208 |
| <i>Bubo virginianus</i> (jacurutu) | 208 |
| <i>Asio clamator</i> (coruja-orelhuda) | 208 |
| <i>Hydropsalis torquata</i> (bacurau-tesoura) | 209 |
| <i>Chaetura cinereiventris</i> (andorinhão-de-sobre-cinzento) | 209 |
| <i>Chaetura meridionalis</i> (andorinhão-do-temporal) | 209 |
| <i>Chlorostilbon lucidus</i> (beija-flor-de-bico-vermelho) | 209 |
| <i>Hylocharis chrysura</i> (beija-flor-dourado) | 209 |
| <i>Megaceryle torquata</i> (martim-pescador-grande) | 210 |

| | |
|--|-----|
| <i>Chloroceryle amazona</i> (martim-pescador-verde) | 210 |
| <i>Chloroceryle americana</i> (martim-pescador-pequeno) | 210 |
| <i>Melanerpes candidus</i> (pica-pau-branco) | 210 |
| <i>Veniliornis spilogaster</i> (picapauzinho-verde-carijó) | 210 |
| <i>Piculus aurulentus</i> (pica-pau-dourado) | 210 |
| <i>Colaptes melanochloros</i> (pica-pau-verde-barrado) | 211 |
| <i>Colaptes campestris</i> (pica-pau-do-campo) | 211 |
| <i>Celeus flavescens</i> (joão-velho) | 211 |
| <i>Thamnophilus ruficapillus</i> (choca-de-boné-vermelho) | 211 |
| <i>Thamnophilus caerulescens</i> (choca-da-mata) | 211 |
| <i>Mackenziaena leachii</i> (brujarara-assobiador) | 212 |
| <i>Conopophaga lineata</i> (chupa-dente) | 212 |
| <i>Sclerurus scansor</i> (vira-folha) | 212 |
| <i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (arapaçu-escamoso-do-sul) | 212 |
| <i>Furnarius rufus</i> (joão-de-barro) | 212 |
| <i>Limnornis curvirostris</i> (joão-da-palha) | 212 |
| <i>Lochmias nematura</i> (joão-porca) | 212 |
| <i>Heliobletus contaminatus</i> (trepadorzinho) | 213 |
| <i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (trepador-quiete) | 213 |
| <i>Anumbius annumbi</i> (cochicho) | 213 |
| <i>Schoeniophylax prhyganophilus</i> (bichoita) | 213 |
| <i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (curutié) | 213 |
| <i>Synallaxis ruficapilla</i> (pichororé) | 213 |
| <i>Synalaxis cinerascens</i> (pi-puí) | 214 |
| <i>Synallaxis spixi</i> (joão-teneném) | 214 |
| <i>Cranioleuca sulphurifera</i> (arredio-de-papo-manchado) | 214 |
| <i>Cranioleuca obsoleta</i> (arredio-oliváceo) | 214 |
| <i>Chiroxiphia caudata</i> (dançador) | 214 |
| <i>Platyrrinchus mystaceus</i> (patinho) | 214 |
| <i>Tachuris rubrigastra</i> (papa-piri) | 214 |
| <i>Leptopogon amaurocephalus</i> (cabecudo) | 214 |
| <i>Phylloscartes ventralis</i> (borboletinha-do-mato) | 215 |
| <i>Tolmomyias sulphurescens</i> (bico-chato-de-orelha-preta) | 215 |
| <i>Poecilatriccus plumbeiceps</i> (tororó) | 215 |
| <i>Euscarthmus meloryphus</i> (barulhento) | 215 |
| <i>Camptostoma obsoletum</i> (risadinha) | 215 |
| <i>Elaenia flavogaster</i> (guaracava-de-barriga-amarela) | 215 |
| <i>Elaenia spectabilis</i> (guaracava-grande) | 216 |
| <i>Elaenia chilensis</i> (guaracava-de-crista-branca) | 216 |
| <i>Elaenia parvirostris</i> (guaracava-de-bico-curto) | 216 |
| <i>Elaenia obscura</i> (tucão) | 216 |
| <i>Serpophaga subcristata</i> (alegrinho) | 217 |
| <i>Myiarchus swainsoni</i> (irré) | 217 |
| <i>Pitangus sulphuratus</i> (bem-te-vi) | 217 |
| <i>Machetornis rixosa</i> (suiriri-cavaleiro) | 217 |
| <i>Tyrannus melancholicus</i> (suiriri) | 218 |
| <i>Tyrannus savana</i> (tesourinha) | 218 |

| | |
|--|-----|
| <i>Myiophobus fasciatus</i> (Filipe) | 218 |
| <i>Arundinicola leucocephala</i> (freirinha) | 218 |
| <i>Lathrotriccus euleri</i> (enferrujado) | 219 |
| <i>Hymenops perspicillatus</i> (viuvinha-de-óculos) | 219 |
| <i>Satrapa icterophrys</i> (suiriri-pequeno) | 219 |
| <i>Xolmis irupero</i> (noivinha) | 219 |
| <i>Cyclarhis gujanensis</i> (pitiguari) | 220 |
| <i>Vireo olivaceus</i> (juruviara) | 220 |
| <i>Cyanocorax chrysops</i> (gralha-picaça) | 220 |
| <i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (andorinha-pequena-de-casa) | 220 |
| <i>Progne tapera</i> (andorinha-do-campo) | 220 |
| <i>Progne chalybea</i> (andorinha-doméstica-grande) | 221 |
| <i>Tachycineta leucorrhoa</i> (andorinha-de-testa-branca) | 221 |
| <i>Troglodytes musculus</i> (corruíra) | 221 |
| <i>Polioptila dumicola</i> (balança-rabo-de-máscara) | 221 |
| <i>Turdus rufiventris</i> (sabiá-laranjeira) | 222 |
| <i>Turdus leucomelas</i> (sabiá-barranco) | 222 |
| <i>Turdus amaurochalinus</i> (sabiá-poca) | 222 |
| <i>Turdus subalaris</i> (sabiá-ferreiro) | 223 |
| <i>Turdus albicollis</i> (sabiá-coleira) | 223 |
| <i>Mimus saturninus</i> (sabiá-do-campo) | 223 |
| <i>Anthus lutescens</i> (caminheiro-zumbidor) | 223 |
| <i>Coereba flaveola</i> (cambacica) | 224 |
| <i>Saltator similis</i> (trinca-ferro-verdadeiro) | 224 |
| <i>Lanio cucullatus</i> (tico-tico-rei) | 224 |
| <i>Tangara sayaca</i> (sanhaçu-cinzento) | 225 |
| <i>Tangara palmarum</i> (sanhaçu-do-coqueiro) | 225 |
| <i>Tangara preciosa</i> (saíra-preciosa) | 225 |
| <i>Stephanophorus diadematus</i> (sanhaçu-frade) | 225 |
| <i>Paroaria coronata</i> (cardeal) | 226 |
| <i>Paroaria capitata</i> (cavalaria) | 226 |
| <i>Pipraeidea melanonota</i> (saíra-viúva) | 226 |
| <i>Pipraeidea bonariensis</i> (sanhaçu-papa-laranja) | 226 |
| <i>Tersina viridis</i> (saí-andorinha) | 227 |
| <i>Dacnis cayana</i> (saí-azul) | 227 |
| <i>Zonotrichia capensis</i> (tico-tico) | 227 |
| <i>Ammodramus humeralis</i> (tico-tico-do-campo) | 227 |
| <i>Donacospiza albifrons</i> (tico-tico-do-banhado) | 227 |
| <i>Poospiza nigrorufa</i> (quem-te-vestiu) | 228 |
| <i>Poospiza cabanisi</i> (quete) | 228 |
| <i>Sicalis flaveola</i> (canário-da-terra-verdadeiro) | 228 |
| <i>Sicalis luteola</i> (tipio) | 228 |
| <i>Embernagra platensis</i> (sabiá-do-banhado) | 228 |
| <i>Volatinia jacarina</i> (tiziú) | 228 |
| <i>Sporophila caerulea</i> (coleirinho) | 229 |
| <i>Cyanoloxia brissonii</i> (azulão) | 229 |
| <i>Cyanoloxia glaucocerulea</i> (azulinho) | 229 |

| | |
|---|-----|
| <i>Parula pitiayumi</i> (mariquita) | 229 |
| <i>Geothlypis aequinoctialis</i> (pia-cobra) | 229 |
| <i>Basileuterus culicivorus</i> (pula-pula) | 229 |
| <i>Basileuterus leucoblepharus</i> (pula-pula-assobiador) | 230 |
| <i>Icterus pyrrhopterus</i> (encontro) | 230 |
| <i>Amblyhamphus holosericeus</i> (cardeal-do-banhado) | 230 |
| <i>Agelasticus thilius</i> (sargento) | 230 |
| <i>Chrysomus ruficapillus</i> (garibaldi) | 231 |
| <i>Pseudoleistes guirahuro</i> (chopim-do-brejo) | 231 |
| <i>Agelaioides badius</i> (asa-de-telha) | 231 |
| <i>Molothrus bonariensis</i> (vira-bosta) | 231 |
| <i>Sturnella superciliaris</i> (polícia-inglesa) | 232 |
| <i>Sporagra magellanica</i> (pintassilgo) | 232 |
| <i>Euphonia chlorotica</i> (fim-fim) | 232 |
| <i>Euphonia cyanocephala</i> (gaturamo-rei) | 232 |
| <i>Euphonia pectoralis</i> (gaturamo-serrador) | 233 |
| <i>Estrilda astrild</i> (bico-de-lacre)..... | 233 |
| <i>Passer domesticus</i> (pardal) | 233 |

ESPÉCIES DE OCORRÊNCIA POTENCIAL NA ÁREA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ

| | |
|---|-----|
| LUTZENBERGER | 234 |
| <i>Crypturellus obsoletus</i> (inambugauçu) | 234 |
| <i>Nothura maculosa</i> (perdiz) | 234 |
| <i>Dendrocygna bicolor</i> (marreca-caneleira) | 234 |
| <i>Dendrocygna autumnalis</i> (marreca-asa-branca) | 234 |
| <i>Coscoroba coscoroba</i> (capororoca) | 234 |
| <i>Callonetta leucophrys</i> (marreca-de-coleira) | 234 |
| <i>Anas georgica</i> (marreca-parda) | 234 |
| <i>Nomonyx dominica</i> (marreca-de-bico-roxo) | 234 |
| <i>Tachybaptus dominicus</i> (mergulhão-pequeno) | 234 |
| <i>Botaurus pinnatus</i> (socó-boi-baio) | 234 |
| <i>Ixobrychus involucris</i> (socoí-amarelo) | 234 |
| <i>Egretta caerulea</i> (garça-azul) | 234 |
| <i>Theristicus caerulescens</i> (maçarico-real) | 234 |
| <i>Theristicus caudatus</i> (curicaca) | 234 |
| <i>Cathartes burrovianus</i> (urubu-de-cabeça-amarela) | 235 |
| <i>Accipiter striatus</i> (gaviãozinho) | 235 |
| <i>Busarellus nigricollis</i> (gavião-velho) | 235 |
| <i>Urubitinga urubitinga</i> (gavião-preto) | 235 |
| <i>Geranoaetus albicaudatus</i> (gavião-de-rabo-branco) | 235 |
| <i>Buteo swainsoni</i> (gavião-papa-gafanhoto) | 235 |
| <i>Falco femoralis</i> (falcão-de-coleira) | 235 |
| <i>Falco peregrinus</i> (falcão-peregrino) | 235 |
| <i>Laterallus leucopyrrhus</i> (sanã-vermelha) | 235 |
| <i>Porphyrio martinica</i> (frango-d'água-azul) | 235 |
| <i>Fulica armilata</i> (carqueja-de-bico-manchado) | 235 |
| <i>Fulica leucoptera</i> (carqueja-de-bico-amarelo) | 235 |

| | |
|--|-----|
| <i>Pluvialis dominica</i> (batuiriçu) | 236 |
| <i>Pluvialis squatarola</i> (batuiriçu-de-axila-preta) | 236 |
| <i>Charadrius collaris</i> (batuíra-de-coleira) | 236 |
| <i>Bartramia longicauda</i> (maçarico-do-campo) | 236 |
| <i>Actitis macularius</i> (maçarico-pintado) | 236 |
| <i>Tringa melanoleuca</i> (maçarico-grande-de-perna-amarela) | 236 |
| <i>Tringa flavipes</i> (maçarico-de-perna-amarela) | 236 |
| <i>Calidris fuscicollis</i> (maçarico-de-sobre-branco) | 236 |
| <i>Calidris melanotos</i> (maçarico-de-colete) | 236 |
| <i>Tryngites subruficollis</i> (maçarico-acanelado) | 236 |
| <i>Nycticryphes semicollaris</i> (narceja-de-bico-torto) | 236 |
| <i>Chroicocephalus cirrocephalus</i> (gaivota-de-cabeça-cinza) | 236 |
| <i>Sternula superciliaris</i> (trinta-réis-anão) | 236 |
| <i>Sterna hirundo</i> (trinta-réis-boreal) | 236 |
| <i>Sterna hirundinacea</i> (trinta-réis-de-bico-vermelho) | 237 |
| <i>Sterna trudeaui</i> (trinta-réis-de-coroa-branca) | 237 |
| <i>Patagioenas cayennensis</i> (pomba-galega) | 237 |
| <i>Leptotila rufaxilla</i> (jurití-gemeadeira) | 237 |
| <i>Geotrygon montana</i> (pariri) | 237 |
| <i>Brotoyeris chiriri</i> (periquito-de-encontro-amarelo) | 237 |
| <i>Amazona aestiva</i> (papagaio-verdadeiro) | 237 |
| <i>Megascops sanctaecatarinae</i> (corujinha-do-sul) | 237 |
| <i>Glaucidium brasilianum</i> (caburé) | 237 |
| <i>Athene cunicularia</i> (coruja-do-campo) | 237 |
| <i>Nyctibius griseus</i> (urutau) | 237 |
| <i>Lurocalis semitorquatus</i> (tuju) | 238 |
| <i>Hydropsalis albicollis</i> (bacurau) | 238 |
| <i>Hydropsalis parvula</i> (bacurau-pequeno) | 238 |
| <i>Hydropsalis longirostris</i> (bacurau-da-telha) | 238 |
| <i>Chordeiles nacunda</i> (coruçã) | 238 |
| <i>Cypseloides fumigatus</i> (andorinhão-preto-da-cascata) | 238 |
| <i>Cypseloides senex</i> (andorinha-velho-da-cascata) | 238 |
| <i>Streptoprocne zonaris</i> (andorinhão-de-coleira) | 238 |
| <i>Aphantochroa cirrochloris</i> (beija-flor-cinza) | 238 |
| <i>Florisuga fusca</i> (beija-flor-preto-de-rabo-branco) | 239 |
| <i>Anthracothorax nigricollis</i> (beija-flor-de-veste-preta) | 239 |
| <i>Stephanoxis lalandi</i> (beija-flor-de-topete) | 239 |
| <i>Thalurania glaucopis</i> (beija-flor-de-fronte-violeta) | 239 |
| <i>Leucochloris albicollis</i> (beija-flor-de-papo-branco) | 239 |
| <i>Geositta cunicularia</i> (curriqueiro) | 239 |
| <i>Sittasomus griseicapillus</i> (arapaçu-verde) | 239 |
| <i>Dendrocolaptes platyrostris</i> (arapaçu-grande) | 239 |
| <i>Phleocryptes melanops</i> (bate-bico) | 239 |
| <i>Phacellodomus striaticollis</i> (tio-tio) | 239 |
| <i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (joão-botina) | 239 |
| <i>Synallaxis frontalis</i> (petrim) | 239 |
| <i>Synalaxis albescens</i> (uí-pi) | 239 |

| | |
|--|-----|
| <i>Schiffornis virescens</i> (flautim) | 239 |
| <i>Tityra cayana</i> (anambé-branco-de-rabo-preto) | 240 |
| <i>Pachyramphus viridis</i> (caneleirinho-verde) | 240 |
| <i>Pachyramphus polychopterus</i> (caneleirinho-preto) | 240 |
| <i>Elaenia mesoleuca</i> (tuque) | 240 |
| <i>Myiopagis viridicata</i> (guaracava-de-crista-alaranjada) | 240 |
| <i>Phyllomyias fasciatus</i> (piolhinho) | 240 |
| <i>Pseudocolopteryx sclateri</i> (tricolino) | 240 |
| <i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (amarelinho-do-junco) | 240 |
| <i>Serpophaga nigricans</i> (joão-pobre) | 240 |
| <i>Serpophaga griseicapilla</i> (alegrinho-trinador) | 240 |
| <i>Serpophaga munda</i> (alegrinho-de-barriga-branca) | 240 |
| <i>Myiodynastes maculatus</i> (bem-te-vi-rajado) | 240 |
| <i>Megarynchus pitangua</i> (neinei) | 240 |
| <i>Empidonomus varius</i> (peitica) | 240 |
| <i>Pyrocephalus rubinus</i> (príncipe) | 241 |
| <i>Cnemotriccus fuscatus</i> (guaracavuçu) | 241 |
| <i>Lessonia rufa</i> (colegial) | 241 |
| <i>Knipolegus cyanirostris</i> (maria-preta-de-bico-azulado) | 241 |
| <i>Knipolegus lophotes</i> (maria-preta-de-penacho) | 241 |
| <i>Xolmis cinereus</i> (primavera) | 241 |
| <i>Hylophilus poicilotis</i> (verdinho-coroado) | 241 |
| <i>Alopochelidon fucata</i> (andorinha-morena) | 241 |
| <i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (andorinha-serradora) | 241 |
| <i>Tachycineta leucopyga</i> (andorinha-chilena) | 241 |
| <i>Riparia riparia</i> (andorinha-do-barranco) | 241 |
| <i>Hirundo rustica</i> (andorinha-de-bando) | 241 |
| <i>Petrochelidon pyrrhonota</i> (andorinha-de-sobre-acanelado) | 241 |
| <i>Mimus triurus</i> (calhandra-de-três-rabos) | 242 |
| <i>Anthus correndera</i> (caminheiro-de-espora) | 242 |
| <i>Anthus hellmayri</i> (caminheiro-de-barriga-acanelada) | 242 |
| <i>Pyrrhocomma ruficeps</i> (cabecinha-castanha) | 242 |
| <i>Tachyphonus coronatus</i> (tiê-preto) | 242 |
| <i>Lanio melanops</i> (tiê-de-topete) | 242 |
| <i>Hemithraupis guira</i> (papo-preto) | 242 |
| <i>Haplospiza unicolor</i> (cigarra-bambu) | 242 |
| <i>Emberizoides herbicola</i> (canário-do-campo) | 242 |
| <i>Sporophila collaris</i> (coleiro-do-brejo) | 242 |
| <i>Cacicus chrysopterus</i> (tecelão) | 242 |
| <i>Gnorimopsar chopi</i> (graúna) | 242 |
| <i>Pseudoleistes virescens</i> (dragão) | 242 |
| <i>Molothrus rufoaxillaris</i> (vira-bosta-picumã) | 242 |
| <i>Euphonia violacea</i> (gaturamo-verdadeiro) | 242 |
| <i>Euphonia chalybea</i> (cais-cais) | 242 |

ESPÉCIES QUE PROVAVELMENTE JÁ OCORRERAM NA ÁREA E NÃO OCORREM MAIS 243

| | |
|---|-----|
| <i>Rhea americana</i> (ema) | 243 |
| <i>Rhynchotus rufescens</i> (perdigão) | 243 |
| <i>Cairina moschata</i> (pato-do-mato) | 243 |
| <i>Sarkidiornis sylvicola</i> (pato-de-crista) | 243 |
| <i>Penelope obscura</i> (jacuaçu) | 243 |
| <i>Aburria jacutinga</i> (jacutinga) | 243 |
| <i>Circus cinereus</i> (gavião-cinza) | 243 |
| <i>Parabuteo unicinctus</i> (gavião-asa-de-telha) | 243 |
| <i>Geranoaetus melanoleucus</i> (águia-chilena) | 243 |
| <i>Micrastur ruficollis</i> (gavião-caburé) | 244 |
| <i>Porzana albicollis</i> (sanã-carijó) | 244 |
| <i>Cariama cristata</i> (seriema) | 244 |
| <i>Gallinago undulata</i> (narcejão) | 244 |
| <i>Pyrrhura frontalis</i> (tiriba-de-testa-vermelha) | 244 |
| <i>Amazona pretrei</i> | 244 |
| <i>Asio flammeus</i> (mocho-dos-banhados) | 244 |
| <i>Hydropsalis anomala</i> (curiango-do-banhado) | 244 |
| <i>Hydropsalis forcipata</i> (bacurau-tesoura-gigante) | 245 |
| <i>Trogon surrucura</i> (surucuá variado) | 245 |
| <i>Ramphastos toco</i> (tucanuçu) | 245 |
| <i>Chamaeza campanisona</i> (tovaca-campainha) | 245 |
| <i>Campyloramphus falcularius</i> (arapaçu-de-bico-torto) | 245 |
| <i>Limnoctites rectirostris</i> (arredio-do-gravatá) | 245 |
| <i>Carpornis cuculata</i> (corocoxó) | 245 |
| <i>Polystictus pectoralis</i> (papa-moscas-canela) | 245 |
| <i>Xolmis dominicanus</i> (noivinha-de-rabo-preto) | 246 |
| <i>Cistothorus platensis</i> (corruíra-do-campo) | 246 |
| <i>Turdus flavipes</i> (sabiá-una) | 246 |
| <i>Tangara cyanoptera</i> (sanhaçu-de-encontro-azul) | 246 |
| <i>Emberizoides ypiranganus</i> (canário-do-brejo) | 246 |
| <i>Agelasticus cyanopus</i> (carretão) | 246 |
| <i>Xanthopsar flavus</i> (veste-amarela) | 246 |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 247

FLORA

| | |
|---|-----|
| VEGETAÇÃO E FLORA VASCULAR | 253 |
| INTRODUÇÃO | 253 |
| MATERIAL E MÉTODOS | 254 |
| RESULTADOS | 255 |
| Levantamento florístico | 255 |
| Breve descrição dos tipos vegetacionais | 256 |
| Mata de restinga | 256 |
| Mata de restinga úmida | 256 |
| Mata baixa I | 258 |
| Mata baixa II | 259 |
| Banhado | 260 |
| Campo sujo | 263 |
| Margem do Guaíba | 263 |
| Mata de encosta da Ponta do Cego | 265 |
| Campo arenoso | 265 |
| Levantamento quantitativo e estratificação | 265 |
| Mata de restinga | 265 |
| Mata de restinga úmida | 265 |
| Mata baixa I | 266 |
| Mata baixa II | 268 |
| Mata de encosta da Ponta do Cego | 269 |
| Mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego | 271 |
| Similaridade | 271 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 272 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 273 |

| | |
|--|-----|
| ESTUDOS POLÍNICOS NA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER | 283 |
| INTRODUÇÃO | 283 |
| ÁREA DE ESTUDO | 283 |
| MATERIAL E MÉTODOS | 284 |
| RESULTADOS | 285 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 290 |

ÍNDICE REMISSIVO DOS NOMES CIENTÍFICOS 291

FAUNA

MAMÍFEROS 291

RÉPTEIS 291

ANFÍBIOS 291

PEIXES 292

AVES 293

FLORA 296

ÍNDICE REMISSIVO DOS NOMES POPULARES 301

FAUNA

MAMÍFEROS 301

RÉPTEIS 301

ANFÍBIOS 301

PEIXES 302

AVES 302

FLORA 306

APRESENTAÇÃO

A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger, Unidade de Conservação da Natureza, categoria de Manejo pertencente a grupo de Proteção Integral, de acordo com a Lei Federal 9.985/2000, Sistema Nacional de Unidades de Conservação, foi criada no ano de 1975, pelo órgão Ambiental Municipal de Porto Alegre.

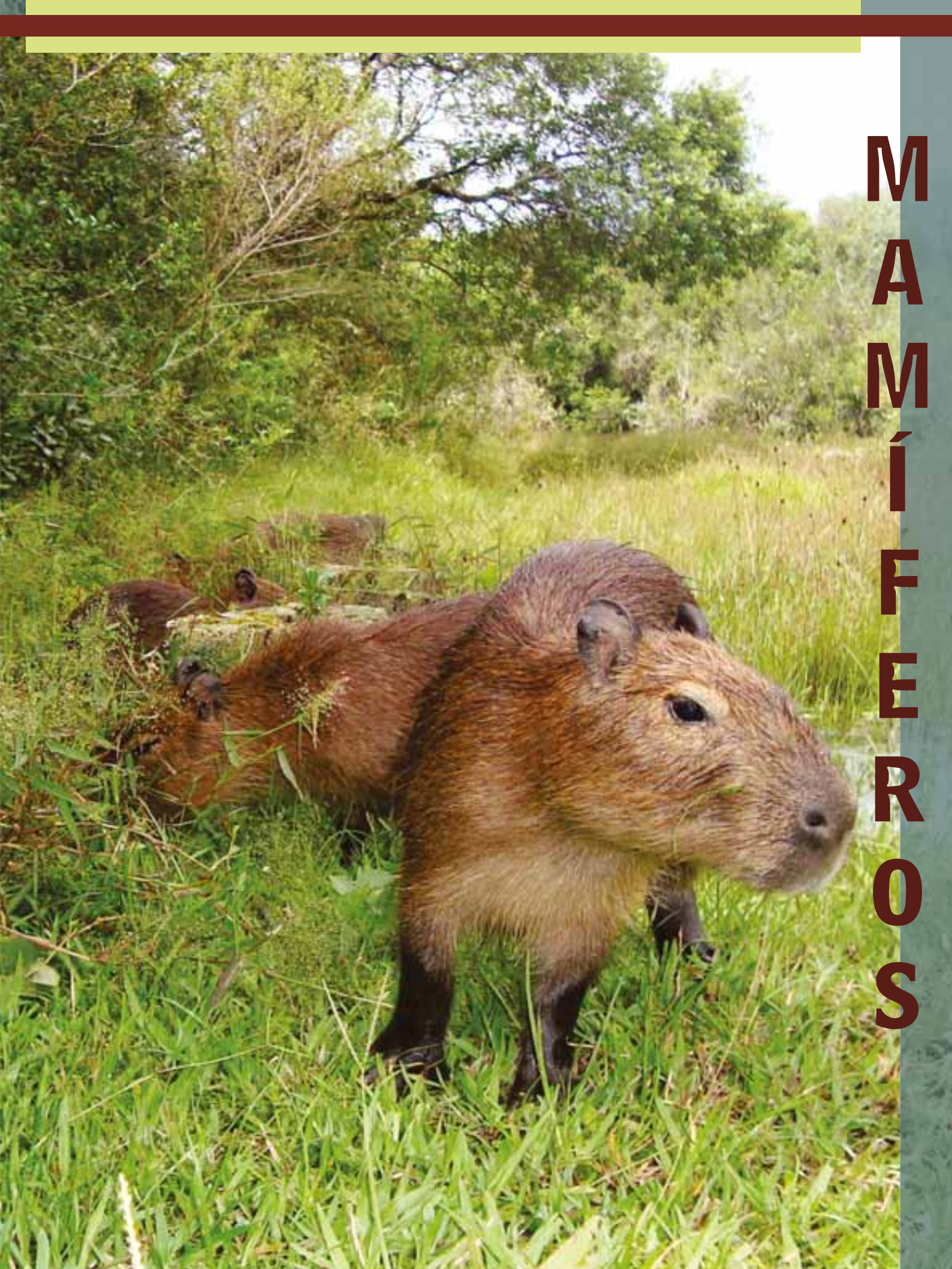
Para sua criação, a motivação inicial foi a preservação de um vegetal raro e endêmico de acordo com listas oficiais, a *Ephedra tweediana*. A *Ephedra* está associada às Matas de Restinga, que, por sua vez, encontram-se próximas a cursos d'água, em ambientes arenosos, com vegetações que se caracterizam por possuírem espécies de menor porte e normalmente possuindo espinhos. Os ecossistemas de Matas de Restinga encontram-se ameaçados pelas ações antrópicas, sendo cada vez mais raros.

Os ambientes naturais que compõem a paisagem da Reserva Biológica possuem as características dos ambientes naturais que seguem ao longo das margens do Lago Guaíba, onde se encontram muitas espécies da Flora e Fauna silvestre. Na atualidade, estes ecossistemas são considerados remanescentes e fragmentados, sendo uma ameaça à sobrevivência das espécies silvestres.

Esta obra científica reúne estudos de pesquisas atuais sobre flora e fauna presentes na Unidade de Conservação e região, possibilitando o conhecimento sobre as espécies.

Neste sentido, a Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger vem desempenhar importante papel na conservação *in situ* dos ecossistemas e espécies que abriga nos atributos legalmente protegidos, bem como na gestão da zona de amortecimento, de acordo com o Plano de Manejo, documento oficial de Gestão da Área Protegida aprovado e publicado no ano de 2008, respeitando os preceitos legais para os quais foi criada a Unidade de Conservação da Natureza. Desta forma, vem ao longo dos anos aprimorando seus processos de Gestão para que se cumpra efetivamente o seu importante papel na conservação da Biodiversidade para continuidade dos processos ecológicos.

Bióloga Patrícia Bernardes Rodrigues Witt
Gestora da Unidade de Conservação da Natureza
Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger



**M
A
M
Í
F
E
R
O
S**

MAMÍFEROS DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI

JOSÉ LUTZENBERGER

Marta Elena Fabián¹, André Alberto Witt², Patrícia Bernardes Rodrigues Witt³,
Daniel Alexandre Stüpp-de-Souza⁴

Introdução

A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL) tem área de 204,04 ha. Localiza-se no município de Porto Alegre (30°14'08"S 51°05'42"W) às margens do lago Guaíba (WITT, 2008). A paisagem da REBIOLJL é formada por banhados, matas de restinga e campos. Nestes ambientes diferenciados pode-se encontrar uma ampla gama de espécies de mamíferos. Das 75 espécies nativas de mamíferos encontradas em áreas de restinga no Rio Grande do Sul (FABIÁN *et al.*, 2011), 30 são referidas para a REBIOLJL, o que corresponde a 40% desse total. Estes dados indicam a importância desta área de preservação, considerando o seu tamanho e o fato da maior parte das áreas vizinhas à Reserva estar sob forte impacto antrópico.

É apresentada a seguir uma lista das espécies de mamíferos, com dados sobre distribuição geográfica, características morfológicas e biológicas das espécies, assim como seu *status* de conservação (grau de ameaça).

Métodos

O trabalho baseou-se em estudos efetuados em campo e em levantamentos bibliográficos. O trabalho de campo consistiu no uso de armadilhas fotográficas, busca de vestígios (rastros e fezes) e redes de neblina (morcegos). A nomenclatura adotada seguiu Wilson e Reeder (2005). Os registros fotográficos foram realizados por André A. Witt, Daniel P. S. Pires e Patrícia B. R. Witt.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Porto Alegre, RS, Brasil.

²Centro Estadual de Vigilância em Saúde, Porto Alegre, RS, Brasil.

³Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal do Meio Ambiente(SMAM) - Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger, Porto Alegre, RS, Brasil.

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Porto Alegre, RS, Brasil.

ORDEM DIDELPHIMORPHIA
Família Didelphidae
***Didelphis albiventris* Lund, 1840**
Gambá-de-orelha-branca
Figura 1

Distribuição: Espécie cuja distribuição geográfica de estende do sul da Bolívia, passando pelo leste e centro-oeste do Brasil, Paraguai, Uruguai até o norte e centro da Argentina (LEMOS; CERQUEIRA, 2002).

Características: Apresenta porte médio, com comprimento entre 60 e 90 cm e peso que pode chegar a 2,75 kg (SILVA 1994; EMMONS; FEER 1997; EISENBERG; REDFORD, 1999). Apesar da grande variação individual, a coloração é em geral grisalha, padrão esse estabelecido pela presença de pelos albos misturados à pelagem de fundo negra. A cabeça é grande e dotada de três listras pretas. As orelhas são branco-rosadas, daí o nome popular da espécie, e pretas na base. Seus olhos arredondados e o rostró alongado conferem à

espécie um aspecto primitivo. O gambá-de-orelha-branca apresenta cauda preênsil com pelos nos dois terços proximais e nua no terço distal. O marsúpio das fêmeas possui a abertura voltada para a extremidade anterior (VOSS; JANSÁ, 2003).

Biologia: É uma espécie de hábitos crepusculares e noturnos, com alimentação onívora, o que aumenta sua capacidade de sobrevivência. Sua dieta é composta de roedores, aves, anfíbios, lagartos, insetos, crustáceos e frutos (SILVA, 1994; EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999; ACHAVAL *et al.*, 2007). Eventualmente predam aves domésticas (LANGE; JABLOSKI, 1998), o que causa infortúnios aos criadores de aves. São mamíferos solitários, à exceção da época reprodutiva (ROSSI *et al.*, 2006). Vivem em capoeiras, matas, banhados, capões, lavouras próximas a árvores e chegam até mesmo a conviver com populações humanas em cidades ou na zona rural. Possuem adaptações nas extremidades dos membros que lhes permitem trepar e andar sobre árvores. Durante esses



Figura 1. *Didelphis albiventris* (Gambá-de-orelha-branca).

deslocamentos, utiliza a cauda preênsil como suporte. Usualmente são animais lentos e pacíficos, que quando atacados abrem a boca, rosnando e assoprando para intimidar seu oponente. Se muito irritado ou atingido, comprime as glândulas da região perianal exalando um cheiro forte e desagradável (SILVA, 1994). As fêmeas apresentam marsúpio bem desenvolvido, onde ficam os filhotes após a gestação que dura de 12 a 14 dias. O número de filhotes pode variar de 4 a 16 indivíduos (ACHAVAL *et al.*, 2007). O desmame se inicia aproximadamente após 60 dias e o desenvolvimento se completa em torno de 70 a 100 dias (SILVA 1994; ROSSI *et al.* 2006).

Ameaça: Segundo a IUCN (2010) a espécie não apresenta risco de extinção e possui populações consideradas estáveis. Não consta da lista da CITES (2006). No Brasil e no RS não consta das listas de espécies ameaçadas de extinção.

***Lutreolina crassicaudata* (Desmarest, 1804)**
Cuíca-de-cauda-grossa

Distribuição: Espécie cuja distribuição é descontínua, sendo encontrada da Colômbia à Guiana e da Bolívia ao sudeste do Brasil, chegando até a província de Buenos Aires na Argentina (BROWN, 2004; GARDNER, 2005; MONTEIRO-FILHO *et al.*, 2006).

Características: O comprimento total pode variar entre 200 e 450 mm, a cauda entre 210 e 340 mm e o peso entre 200 e 800 g (MARSHALL, 1978; MONTEIRO-FILHO; DIAS, 1990; REGIDOR *et al.*, 1999; EISENBERG; REDFORD, 1999; MONTEIRO-FILHO *et al.*, 2006). Seu pelo é curto, abundante e denso, de coloração da região dorsal é marrom-avermelhada e de um brilho natural intenso. A região ventral, por sua vez, apresenta uma coloração de parda a amarelada (MARSHALL, 1978; SILVA, 1994). A cuíca-de-cauda-grossa apresenta corpo alongado, membros curtos, porém robustos, e orelhas pequenas e arredondadas. Há dimorfismo sexual, com machos maiores do que as fêmeas. Sua cauda não preênsil é dotada de pelos densos em seu primeiro terço e é nua e negra no restante do comprimento. Como é característica dos marsupiais, as fêmeas apresentam marsúpio

onde os filhotes permanecem agarrados às mamas até que se complete seu desenvolvimento (SILVA, 1994; VOSS; JANSA, 2003). O número de filhotes varia de 6 a 11 indivíduos (MONTEIRO-FILHO *et al.*, 2006).

Biologia: A cuíca-de-cauda-grossa é um mamífero de hábitos noturnos que apresenta grande habilidade para a natação (SILVA, 1994), além de ser boa escaladora (MONTEIRO-FILHO; DIAS, 1990). É tida como uma espécie onívora, cuja dieta consiste de pequenos mamíferos, aves, répteis, peixes, ovos, insetos e frutos (MONTEIRO-FILHO; DIAS, 1990; CÁCERES *et al.*, 2002). Seus ninhos costumam ser arredondados, construídos em vegetação de baixo porte e a pouca altura acima da superfície da água. Quando em áreas abertas, podem ser observados em tocas ou ninhos de aves. São animais bastante adaptáveis que vivem em vários tipos de habitats, mas são registrados com maior frequência próximos a banhados, cursos d'água e matas de galeria de porte baixo (SILVA, 1994).

Ameaça: Segundo a IUCN (2010) é classificada como uma espécie de baixo risco de extinção, apesar de o *status* populacional ser desconhecido. Não consta na lista da CITES (2006). No Brasil e no RS não consta das listas de espécies ameaçadas de extinção.

ORDEM CINGULATA

Família Dasypodidae

***Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758**

Tatu-galinha

Distribuição: Apresenta ampla distribuição geográfica, desde o sul dos Estados Unidos até o nordeste da Argentina e Uruguai (EISENBERG; REDFORD, 1999). No Brasil há registros nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Campos Sulinos (FONSECA *et al.*, 1996).

Características: Apresenta de oito a 11 cintas móveis na região mediana da carapaça, no entanto, na maior parte dos indivíduos são nove. A medida de comprimento cabeça e corpo variam de 395 mm a 573 mm e a cauda, de 290 mm a 450 mm (EISENBERG; REDFORD, 1999), sendo uma das maiores espécies do gênero

Dasybus. Não apresentam dentes incisivos nem caninos. Os dentes têm formato simples, são semelhantes entre si e não apresentam esmalte. As patas são curtas, com quatro dedos em cada um dos membros anteriores e cinco nos membros posteriores, todos munidos de fortes garras para escavação.

Biologia: Dados sobre percentuais de itens alimentares apresentam pequena variação de localidade para localidade (BREECE; DUSI, 1985; REDFORD, 1985), porém, em todos os casos estudados há predominância de itens de origem animal (90 a 93%), sendo os insetos e outros artrópodes os mais frequentes e os vertebrados representando em torno de 2% da dieta. O item relativo a material vegetal pode representar até 7% da dieta. Segundo Breece e Dusi (1985) e Redford (1985), os animais consumidos apresentam corpo mole o que não requer muita mastigação. As fêmeas podem apresentar diapausa embrionária. Geralmente apresentam poliembrião, como nascimento de quatro filhotes idênticos, provenientes de um único óvulo, sendo todos do mesmo sexo (NOWAK, 1990).

Ameaça: Não está relacionada como espécie ameaçada (IUCN 2010). No Brasil e no RS não consta das listas de espécies ameaçadas de extinção.

***Dasybus septemcinctus* Linnaeus, 1758**
Tatuí

Distribuição: Seu limite norte de distribuição é o sul da Região Amazônica e seu limite sul é o norte da Argentina, Bolívia, Paraguai e o Rio Grande do Sul (WILSON; REEDER, 2005). No Brasil, está representada nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Campos Sulinos (FONSECA *et al.*, 1996).

Características: A medida de comprimento de cabeça e corpo é, em média, de 265 mm e a cauda mede aproximadamente 147 mm. A medida da cauda não é confiável já que frequentemente estes tatus podem perder parte de sua extremidade. A carapaça apresenta de seis a sete cintas móveis dorsalmente e o corpo é recoberto por escudos (WETZEL, 1985). Como em *D. novemcinctus*, apresenta quatro dedos nos membros anteriores e cinco nos posteriores, todos providos de fortes

garras. Seu tamanho corporal é o menor entre as espécies de *Dasybus*, no entanto suas orelhas são proporcionalmente longas.

Biologia: Segundo Wetzel (1985) pode ocupar áreas florestadas, campos e áreas de cerrado. Eisenberg e Redford (1999) refere que no sudeste do Brasil a espécie dá preferência a matas de galeria.

Ameaça: Não está relacionada como espécie ameaçada (IUCN 2010).

ORDEM PRIMATES

Família Atelidae

***Alouatta guariba* (Humboldt, 1812)**

Bugio-ruivo

Figura 2

Distribuição: Espécie característica da Mata Atlântica (BICCA-MARQUES *et al.*, 2006), se distribui desde o Rio de Janeiro até a província de Misiones na Argentina (AURICCHIO, 1995).

Características: Os bugios são primatas de tamanho médio, que podem medir até 1,8 m de comprimento total e pesar até 9 kg (SILVA, 1994). Há um marcado dimorfismo sexual, com machos adultos sendo normalmente mais pesados do que fêmeas adultas (ROWE, 1996). Tal dimorfismo também é marcante em relação ao osso hióide (CROCKETT; EISENBERG, 1987), estrutura que atua como uma caixa de ressonância, permitindo que os bugios emitam sons roucos e fortes, muitas vezes ouvidos a quilômetros de distância (SILVA, 1994), daí o seu nome popular em inglês *howler monkey* – macaco-uivador (BICCA-MARQUES *et al.*, 2006). Sua pelagem é longa e de coloração variável de acordo com a idade ou características individuais (SILVA, 1994). Os machos tem o pêlo em tonalidades de marrom-escuro a avermelhado, podendo apresentar manchas douradas. As fêmeas, por sua vez, tem o pelo caracteristicamente mais escuro do que os machos, variando entre marrom-avermelhado e negro (SILVA, 1994; AURICCHIO, 1995).

Biologia: São animais sociais que vivem em pequenos grupos, com até 15 indivíduos (AURICCHIO, 1995), constituídos de indivíduos de ambos os sexos e várias idades, mas sempre chefiados por um macho adulto. Habitam o topo



Figura 2. Macho de *Alouatta guariba* (Bugio-ruivo).

de árvores altas, onde podem ser facilmente visualizados alimentando-se ou em repouso (SILVA, 1994). A gestação dura entre 185 a 195 dias, nascendo, geralmente, apenas um filhote por parto. Em ocasiões esporádicas descem ao solo, para beber água e ingerir terra, possivelmente em busca de minerais (AURICCHIO, 1995). São animais de hábitos diurnos e crepusculares, cuja dieta é considerada folívoro-frugívora (CROCKETT; EISENBERG, 1997), devido à importância de folhas e frutos (BICCA-MARQUES *et al.*, 2006), porém sua dieta inclui sementes e até mesmo pequenos animais (SILVA, 1994).

Ameaça: A espécie encontra-se na Lista das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul, na categoria “Vulnerável” (Decreto Estadual nº 41.672, de 11 de junho de 2002).

A IUCN (2010) insere a espécie na categoria pouco preocupante, mas reporta a diminuição das populações. Na lista da CITES (2006) a espécie se encontra no apêndice II.

ORDEM RODENTIA
Família Cricetidae
***Akodon montensis* Thomas, 1913**
Rato-do-chão

Distribuição: Paraguai, Argentina e Brasil - do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e leste de Minas Gerais (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Características: Apresenta comprimento cabeça-corpo variando de 175 a 230 mm. A coloração dorsal do pelo é parda, com as laterais do corpo mais claras e a superfície ventral ocre-grisáceo. A cauda é menor que o comprimento da cabeça-corpo e é pouco pilosa. No crânio, o rosto é relativamente longo, com margens supra-orbitais arredondadas no terço anterior; a placa zigomática projeta-se para a frente e apresenta bordo anterior côncavo. Os forames incisivos alcançam o terço anterior do primeiro molar e a borda posterior do palato atinge o extremo posterior do terceiro molar (CADEMARTORI, 1994).

Biologia: Apresenta hábitos terrestres, noturnos ou crepusculares e é encontrada em áreas de vegetação densa.

Esta espécie era considerada como uma subespécie de *Akodon cursor*, no entanto Christoff (1991) através de estudos genéticos propôs a elevação ao nível de espécie. As duas espécies são crípticas, mas com cariótipos diferentes. *A. montensis* apresenta padrão consistente de diferenciação com o modelo “isolamento por distância” (GEISER *et al.*, 2001). A espécie é excelente dispersora de sementes de *Piper solmisianum* (HORN *et al.*, 2007)

Ameaça: Não é considerada espécie ameaçada.

***Nectomys squamipes* (Brants, 1827)**
Rato-d’água

Distribuição: Brasil - de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, nordeste da Argentina e leste do Paraguai (WILSON; REEDER, 2005).

Características: É um rato de tamanho grande. O comprimento cabeça-corpo varia de 150 mm a 245 mm, a cauda de 151 mm a 255 mm, sendo bem maior que o comprimento do corpo; e o peso de 100 a 400g, com média de 255g. A pelagem dorsal é castanho-escuro, as laterais do corpo são mais claras e podem ser amarelo-alaranjadas e o ventre esbranquiçado. A cauda é robusta e apresenta poucos pêlos. As patas posteriores apresentam membranas interdigitais e pêlos prateados ao longo da margem externa da planta do pé (EISENBERG; REDFORD, 1999; OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Biologia: São animais com hábitos semi-aquáticos. Habitam formações florestais e ocasionalmente podem ser encontrados em outras regiões de áreas úmidas. Apresentam dieta variada - alimentam-se de fungos, frutos, sementes e invertebrados. Apresentam dimorfismo sexual em relação ao tamanho corporal, sendo os machos maiores do que as fêmeas. Podem apresentar duas ou três ninhadas por ano, cada uma com cinco a sete filhotes (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Ameaça: Baixo risco, segundo IUCN.

***Holochilus brasiliensis* (Desmarest, 1819)**
Rato-do-junco

Distribuição: Ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e Brasil – do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul.

Características: É uma espécie de roedor tamanho médio; o comprimento cabeça-corpo varia de 167 a 211 mm e sua cauda de 183-214 mm (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006), com escamas e pelos esparsos; os pés são grandes e com membranas interdigitais (EISENBERG; REDFORD, 1999). Coloração dorsal avermelhada ou marrom, de acordo com a região, região ventral branca amarelada, bem diferenciado do resto do corpo (MARES *et al.*, 1989). Segundo molar superior menor que o terceiro; palato com crista transversal entre os terceiros molares superiores; o bordo anterior da placa zigomática situado na frente do ponto médio do diastema (MASSOIA; FORNES, 1969).

Biologia: Apresenta hábitos noturnos. Constrói ninhos elevados do solo. Alimenta-se principalmente de vegetais aquáticos e sementes, mas pode comer invertebrados em pequena porcentagem.

Ameaça: Segundo IUCN (2010), é espécie com baixo risco de ameaça.

***Oligoryzomys flavescens* (Waterhouse, 1837)**
Camundongo-do-mato

Distribuição: Ocorre no Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil - do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Caraterísticas: O comprimento médio cabeça-corpo é de 202 mm e o da cauda 112 mm (EISENBERG; REDFORD, 1999). A coloração dorsal é marrom amarelado, com vestígios de preto; a região ventral é branco-amarelada podendo apresentar coloração cinza algumas vezes.

Biologia: Apresenta hábitos terrestres. Habita tanto formações vegetais alteradas quanto preservadas. O gênero *Oligoryzomys* é monofilético e contém dois clados principais de espécies; um

designado como “Amazonico-Cerrado” e o segundo como “Pampeano-Andino”. O padrão geográfico no sentido norte-sul suporta a hipótese de que o gênero se dispersou a partir dos Andes, ocupou a Amazônia e o Cerrado e posteriormente as regiões mais ao sul da América do Sul. Este clado Pampeano-Andino congrega as espécies *O. andinus*, *O. flavescens*, *O. magellanicus*, *O. longicaudatus*, and *O. l. pampanus*, do paralelo 26°S a 52°S (MIRANDA *et al.*, 2009).

Ameaça: Segundo IUCN (2010), é espécie com baixo risco de ameaça.

***Oligoryzomys nigripes* (Olfers, 1818)**
Ratinho-do-Mato

Distribuição: Está distribuída pelo leste do Paraguai, norte da Argentina, oeste e sudeste da Mata Atlântica (MIRANDA *et al.* 2009). Ocorre em todo o RS (WEKSLER; BONVICINO, 2005).

Características: Os comprimentos médios são: cabeça-corpo de 92 mm, cauda 162 mm e orelhas 17 mm. As orelhas são esparsamente peludas. A pelagem dorsal é marrom e a ventral é branco-acinzentada com porções apicais brancas (EINSENBURG; REDFORD, 1999). Considerando suas relações filogenéticas, *O. nigripes* é uma das espécies intermediárias entre o clado “Amazonico-Cerrado” e o “Pampeano-Andino” (conforme descrito acima) (MIRANDA *et al.* 2009).

Biologia: No sul do Brasil, a espécie foi encontrada em campos cultivados, bordas de mata e áreas em estágio secundário de sucessão ecológica. No estado de Minas Gerais ocorre também em áreas florestadas.

São animais de hábitos noturnos, com habilidades escansoriais e terrestres. Normalmente constroem ninhos circulares, em árvores, podendo também construir tocas sob troncos. Alimentam-se de frutos, folhas, hifas de fungos e insetos. No sul do Brasil apresentam dois picos reprodutivos, um entre fevereiro e abril e outro entre setembro e novembro. O período de gestação é de 25 dias e o tamanho da ninhada é de três a quatro filhotes.

Ameaça: Segundo a IUCN (2010), é espécie com baixo risco de ameaça.

Família Erethizontidae
Sphiggurus villosus
Ouriço-cacheiro
Figura 3

Distribuição: Minas Gerais ao Rio Grande do Sul (WILSON; REEDER 2005; OLIVEIRA; BONVICINO 2006).

Características: Uma característica marcante é a presença de pêlos de guarda aculeiformes cilíndrica, misturados a pêlos mais finos. A coloração dos pelos dorsais é castanho amarelado ou castanho cinzento. A região ventral é mais clara e não apresenta espinhos. Nos jovens, a coloração pode ser mais avermelhada. O comprimento cabeça-corpo varia de 290 a 350mm e o comprimento da cauda de 180 a 222 mm (EINSENBURG; REDFORD, 1999). A cauda é preênsil. A cabeça é pequena, com orelhas curtas; focinho curto; patas curtas e providas de fortes garras; o hálux é substituído por uma projeção óssea recoberta por calosidade muito desenvolvida (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Biologia: Habita regiões de mata, inclusive com severo grau de degradação. São arborícolas; andam com lentidão. Como defesa, eriçam os espinhos do dorso e da cauda e enroscam parcialmente o corpo de forma a deixá-los à mostra. Em geral apresentam atividade noturna ou crepuscular. São herbívoros, alimentando-se de frutos, folhas e raízes.

Ameaça: Segundo IUCN (2010) - baixo risco de ameaça.

Família Caviidae
***Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766)**
Capivara
Figura 4

Distribuição: Do Panamá até o Uruguai e norte da Argentina (ALHO, 1986).

Características: É o maior dos roedores vivos. Comprimento cabeça-corpo varia de 1m a 1,35m. A cauda é vestigial. O peso varia de 30 a 90 kg (MONES; OJASTI, 1986). Apresentam quatro dedos nas patas anteriores e três nas posteriores.



Figura 3: *Sphiggurus villosus* (Ouriço-cacheiro).



Figura 4: *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara).

Os dedos são unidos na base por membrana interdigital, uma adaptação ao nado. O terceiro molar é muito maior que os outros dois. Os molares apresentam marcadas lamelas transversais. A pelagem é longa e grossa e a coloração do pêlo é marrom, com tons avermelhados no dorso e mais claros no ventre. Os machos adultos apresentam um entumescimento glandular na porção superior do focinho, de coloração escura e brilhante, desprovido de pêlos que utilizam para demarcar território (EISENBERG; REDFORD, 1999; OLIVEIRA; BONVICINO 2006; ALHO, 1986; MONES; OJASTI, 1986).

Habitat: Vive em variados ambientes como matas ciliares e savanas sazonalmente inundáveis, em geral, próximo a corpos de água.

Biologia: Tem hábitos semiaquático. O comportamento é gregário. Formam grupos com indivíduos de idades variadas. Segundo Schneider e Menegheti (1997) em observações efetuadas na Estação Ecológica de Aracuri, RS, o tamanho dos grupos oscilou em torno de dez indivíduos. O grupo maior observado pelos autores foi de um macho adulto, duas fêmeas adultas, um subadulto, quatro juvenis e sete infantes. A reprodução ocorre ao longo de todo o ano e a média de filhotes por fêmea é quatro. São herbívoros e sua dieta é composta principalmente por gramíneas e vegetação aquática, além de flores, frutos e sementes (Alho, 1986; Mones e Ojasti, 1986; Eisenberg e Redford, 1999; Gómez Villafañe *et al.*, 2005).

Ameaça: Segundo IUCN é espécie com baixo risco de ameaça.

***Cavia aperea* Erxleben, 1777** **Preá**

Distribuição: A espécie apresenta distribuição disjunta ocorrendo na Colômbia, Equador Venezuela, Guianas, Peru, Bolívia, Paraguai, Brasil, norte da Argentina e Uruguai.

Características: Apresenta comprimento total 320 mm. A região dorsal da cabeça e o dorso do corpo são de coloração amarelada misturada com preto a região ventral do corpo é pardo-

esbranquiçada (XIMENEZ, 1980). As patas anteriores apresentam quatro dígitos e as posteriores três

Habitat: Apresenta hábitos terrestres. Utilizam bordas de mata, matas de galeria, campos úmidos e campo limpo (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006)

Biologia: Em cativeiro, a gestação é de 62 dias. O número de filhotes varia de um a seis (ACHAVAL *et al.*, 2007). No Uruguai a estação reprodutiva inicia em setembro e se estende até abril ou maio. A reprodução ocorre entre o período de setembro a abril/maio GÓMEZ VILLAFañE *ET AL.*, 2005; ACHAVAL *et al.*, 2007). Segundo Moojen (1952) os ninhos são construídos em moitas de gramíneas e as fêmeas têm duas ninhadas por ano.

Ameaça: Segundo IUCN, é espécie com baixo risco de ameaça.

Família Ctenomyidae ***Ctenomys lami* Freitas, 2001** **Tuco-tuco**

Distribuição: Rio Grande do Sul, Coxilha das Lombas, nordeste do lago Guaíba, área que se limita a nordeste com o Banhado dos Pachecos e a sudeste com o Banhado dos Touros.

Características: Roedor fossorial, de tamanho médio, apresenta comprimento total variando de 231 a 310 mm e cauda 67-92 mm. A pelagem dorsal é marrom escura. Os pêlos individualmente são cinza escuros na base e marrons na extremidade distal. A coloração ventral é mais clara. O peso varia entre 170 e 307 g. A mandíbula apresenta processo coronóide longo e estreito; o côndilo mandibular é bem desenvolvido e o processo angular mais largo. Apresenta quatro dentes molariformes e um par de incisivos de coloração alaranjada. O terceiro molar é bem reduzido. O cariótipo é $2n = 54, 55, 56, 57$ e 58 (FREITAS, 2001).

Biologia: Habita campos arenosos. Foram observadas fêmeas prenhes de junho a dezembro.

Ameaça: Não consta na categoria de ameaçada (IUCN 2010).

Família Echimyidae

***Kannabateomys amblyonyx* (Wagner, 1845)**

Rato-da-taquara

Figura 5

Distribuição: No Brasil é encontrado do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Ocorre também no Paraguai e nordeste da Argentina (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Características: É um roedor que pesa em média 475 g. O comprimento cabeça-corpo é de aproximadamente 247 mm e o da cauda 321 mm. A pelagem dorsal é do tipo *agouti*, castanho amarelado tornando-se marrom avermelhada nas laterais do corpo. O ventre e as laterais da face são de coloração branco-amarelado ou amarelo-avermelhado. A cabeça não apresenta coloração amarelada. Podem apresentar manchas pós-

auriculares branco-amareladas. A cauda longa é peluda especialmente na sua porção proximal a extremidade distal que apresenta um tufo de pelos. O terceiro e o quarto dígitos são alongados. As garras são achatadas. (EISENBERG; REDFORD, 1999; OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Biologia: Ocorre fortemente associado a taquaras e bambus na Mata Atlântica. Apresenta hábitos noturnos. Alimenta-se de brotos de bambus. Seu período reprodutivo está associado à brotação desta planta. As fêmeas têm um filhote por gestação. Vive em grupos familiares pequenos. Defende território através de vocalizações (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006).

Ameaça: Segundo IUCN (2010), é espécie com baixo risco de ameaça.



Figura 5: *Kannabateomys amblyonyx* (Rato-da-taquara).

Família Myocastoridae
***Myocastor coypus* (Molina, 1782)**
Ratão-do-banhado
Figura 6

Distribuição: Argentina, Chile, Paraguai, Bolívia, Uruguai e sul do Brasil.

Características: É um roedor de hábitos semiaquáticos. Em média, o comprimento cabeça-corpo é de 600 mm e a cauda 450 mm. Pesa em torno de 1 kg. A pelagem é constituída de pelos finos e densos e suaves e de pelos de cobertura longos. A coloração da pelagem do dorso é cinza-amarelada, podendo variar para castanho avermelhado. A região ventral do corpo é de coloração mais clara, esbranquiçada. As orelhas são curtas e arredondadas. Os membros anteriores têm quatro dedos e os posteriores cinco. Patas posteriores com membrana

interdigital (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006; ACHAVAL *et al.*, 2004).

Biologia: Vive próximo a corpos de água permanentes, com vegetação. É bom nadador, podendo permanecer submerso por mais de sete minutos. Alimenta-se de gramíneas, raízes e vegetação aquática. Moluscos também podem fazer parte de sua dieta. Vivem em grupos familiares ou em colônias hierarquicamente estratificadas, apresentando comportamento sexual monogâmico (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006; SILVA *et al.*, 2008). As fêmeas apresentam as mamas látero-dorsais o que permite amamentar os filhotes mesmo dentro da água. A reprodução pode ocorrer ao longo de todo o ano. O número de filhotes varia, em geral, de dois a sete (ACHAVAL *et al.* 2004).

Ameaça: Segundo IUCN (2010), é espécie comum, com baixo risco de ameaça.



Figura 6: *Myocastor coypus* (Ratão-do-banhado).

ORDEM CHIROPTERA
Família Phyllostomidae
***Artibeus fimbriatus* Gray, 1838**
Morcego-das-frutas
Figura 7

Distribuição: Morcego cuja distribuição é restrita a três países da América do Sul: Brasil, Paraguai e Argentina (SIMMONS, 2005). É registrado em quase todo território nacional à exceção da região norte (TAVARES *et al.* no prelo).

Características: É uma espécie de porte médio, com antebraço variável entre 59 e 71 mm (TADDEI *et al.*, 1998) e peso em torno de 54 g (EINSENBURG; REDFORD, 1999). Seu pêlo apresenta coloração acinzentada com extremidades mais claras na região ventral. Apresenta duas faixas faciais pouco

evidentes. Sua folha nasal, característica da família Phyllostomidae, tem a borda inferior medianamente soldada ao lábio superior, extremidades laterais livres e bordas onduladas (RUI *et al.*, 1999).

Biologia: É uma espécie caracteristicamente frugívora, porém insetos e outros recursos florais também compõem sua dieta. Um estudo revelou o consumo frequente de frutos de Cecropiaceae, Moraceae, Solanaceae, Piperaceae e Cucurbitaceae (PASSOS *et al.*, 2003). Habitam áreas florestais, em geral de Mata Atlântica, e são raramente registrados em áreas urbanas (ZORTÉA, 2007).

Ameaça: A IUCN (2010) classifica a espécie como de baixo risco de extinção e com populações estáveis. Ausente na lista da CITES (2006).



Figura 7: *Artibeus fimbriatus* (Morcego-das-frutas).

***Desmodus rotundus* (E. Geoffroy, 1810)**
Morcego-vampiro
Figura 8

Distribuição: Espécie amplamente distribuída na região Neotropical, podendo ser encontrado desde o norte do México até o norte da Argentina (GREENHALL *et al.*, 1983; SIMMONS, 2005). No Brasil a espécie é registrada de norte a sul (PERACCHI *et al.*, 2006).

Características: São morcegos de porte médio, com antebraço em torno de 60 mm e peso variável entre 25 e 79 g (GREENHALL *et al.*, 1983; SILVA, 1994). Seus pêlos são finos e sedosos, de tons variáveis entre marrom-escuro a alaranjado na região dorsal, enquanto o ventre apresenta pelagem mais clara (SILVA, 1994; BERNARD, 2005). Duas características muito marcantes do morcego-vampiro são a folha nasal pequena e

arredondada e as orelhas pontiagudas. Além destas características externas, apresenta dentes incisivos e caninos achatados, com bordas cortantes que atuam como lâminas (SILVA, 1994).

Biologia: É uma espécie de hábitos exclusivamente hematófagos (alimenta-se de sangue) (GREENHALL *et al.*, 1989). O hábito hematófago é proporcionado pelo maior desenvolvimento do neocórtex e do cerebelo em relação às outras espécies de morcegos, características essas que lhes conferem uma maior capacidade integrativa do cérebro (BERNARD, 2005). Suas colônias normalmente apresentam de 10 a 50 indivíduos (GREENHALL *et al.* 1989), mas podem haver colônias com centenas de indivíduos (SILVA, 1994). A gestação é de 7 meses, nascendo apenas um filhote por parto (BREDE *et al.*, 1998). É comum encontrar água corrente nos abrigos da espécie, que normalmente são de difícil acesso. Os abrigos da espécie são facilmente



Figura 8: *Desmodus rotundus* (Morcego-vampiro).

reconhecidos pelas manchas e aspecto das fezes, sanguinolentas e de cor negra que exalam um cheiro típico. Devido ao hábito hematófago, é uma espécie economicamente importante, ocasionando, eventualmente, perdas a criações de herbívoros, principalmente bovinos. (GREENHALL *et al.*, 1989; AGUIAR, 2007). Na saliva pode ser encontrada uma substância anticoagulante, mediante a qual alguns medicamentos para uso humano tem sido desenvolvidos.

Ameaça: É uma espécie de baixo risco de extinção e com populações estáveis, segundo a IUCN (2010). Não é listada pela CITES (2006). Não consta das listas de espécies ameaçadas de extinção brasileira e gaúcha.

***Glossophaga soricina* E. Geoffroy, 1818**
Morcego-beija-flor
Figura 9

Distribuição: Espécie amplamente distribuída na região Neotropical, podendo ser encontrada desde o México até o norte da Argentina (SIMMONS, 2005). No Brasil têm registros em

quase todo o território nacional, à exceção dos estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins (Tavares *et al.*, no prelo).

Características: Apresenta rostró e língua compridos, relacionados ao hábito alimentar e folha nasal grande bem desenvolvida. Tem tamanho intermediário, com comprimento total variando entre 45 e 61 mm e antebraço variável entre 32 e 40 mm (TADDEI 1975; ALVAREZ *et al.*, 1991; REID 1997; EISENBERG E REDFORD, 1999). A espécie é caracterizada por uma marcada variação geográfica de tamanho, sendo as populações da América do Sul menores do que as da América Central e daquelas localizadas a oeste dos Andes (WEBSTER, 1993).

Biologia: É um quiróptero especializado no consumo de pólen e néctar de plantas que abrem suas flores à noite, além de frutos e insetos (SILVA, 1994; ZORTÉA, 2003). Utilizam uma ampla gama de espécies, de diversas famílias, como alimento (ALVAREZ *ET al.*, 1991; FABIAN *et al.*, 2008). As colônias podem apresentar de seis a centenas de exemplares. A gestação é curta e dura de dois a três meses, nascendo



Figura 9: *Glossophaga soricina* (Morcego-beija-flor).

apenas um filhote por parto (BREDT *et al.*, 1998). A ampla distribuição da espécie, o fato de ser recorrentemente coletada em inventários de fauna se deve à sua capacidade de ocupar uma grande variedade de abrigos (NOGUEIRA *et al.* 2007). Normalmente são encontrados em lugares úmidos e escuros (SILVA, 1994).

Ameaça: É uma espécie de baixo risco de extinção e que possui *status* populacional considerado estável (IUCN 2010). Não é listada pela CITES (2006).

***Sturnira lilium* (E. Geoffroy, 1810)**
Morcego-fruteiro
Figura 10

Distribuição: Esta espécie ocorre desde o México até o nordeste da Argentina e Uruguai (SIMMONS, 2005). Está amplamente distribuída no Brasil, podendo ser encontrada em todo o território nacional (GANNON *et al.*, 1989).

Características: Sua coloração é variável entre pardo e alaranjado na região dorsal. Os adultos apresentam

um tufo de pelos de coloração laranja-vivo na altura dos ombros (SILVA, 1994; ZORTÉA, 2007). É uma espécie de porte médio, com antebraço variando entre 37 e 44 mm e peso entre 12 e 22 g (SILVA, 1994). Apresenta uma folha nasal distinta, pequena, porém larga. Sua membrana interfurcular é reduzida e dotada de pelos entre os membros posteriores. Possui olhos são grandes e o lábio inferior tem verrugas organizadas em meia-lua (GANNON *et al.*, 1989; SILVA 1994; ZORTÉA, 2007).

Biologia: Esta é uma espécie relativamente abundante, com hábito considerado frugívoro e que parece ter uma predileção por frutos de solanáceas, apesar de consumir frutos de outras espécies de plantas, como o jaborandi (ZORTÉA, 2007). Segundo Gardner (1977), também pode se alimentar de insetos e pólen. É uma espécie que se abriga em grutas, construções humanas, folhagens e ocos de árvores (GANNON *et al.*, 1989).

Ameaça: Classificada pela IUCN (2010) como de baixo risco e com populações estáveis. Ausente na lista da CITES (2006).



Figura 10: *Sturnira lilium* (Morcego-fruteiro).

Família Noctilionidae
***Noctilio leporinus* (Linnaeus, 1758)**
Morcego-pescador
Figura 11

Distribuição: Distribui-se desde sul do México até o norte da Argentina (SIMMONS, 2005). No Brasil está amplamente distribuído, em áreas continentais e litorâneas, dos seguintes estados: AM, AP, BA, CE, ES, GO, MS, MT, PA, PB, PE, PR, RJ, RR, RS e SC (REIS *et al.*, 2005).

Características: O morcego-pescador é uma espécie de grande porte, com pelagem curta e coloração bastante variável entre laranja claro e marrom-avermelhado, com uma listra mediana clara que se estende da região occipital até a base da cauda. Ventralmente apresenta uma coloração amarelada, ou ainda alaranjada, mais clara que o dorso (HOOD *et al.*, 1984; EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999). Segundo Bordignon e França

(2004), há um escurecimento da pelagem nos adultos em relação aos jovens, além de maior variação na coloração de machos adultos. Possui comprimento total entre 98 e 132 mm, antebraço entre 70 e 92 mm e seu peso é sempre maior do que 50 g (NOWAK, 1999). Seu lábio inferior possui pregas e o superior é fendido na região mediana, daí o epíteto específico *leporinus* (SILVA, 1994). Como características distintivas, pode-se ressaltar uma membrana interfemural bem desenvolvida, cauda curta que termina em uma pequena ponta livre, além de pés bem desenvolvidos, dotados de garras compridas e fortes, adaptadas à pesca (SILVA, 1994; NOWAK, 1999).

Biologia: A espécie é considerada piscívora e usa suas garras nos pés para capturar peixes na superfície da água. Sua presença pode ser notada facilmente e noites claras voando próximo à superfície da água à procura de alimento (HOOD *et al.*, 1984; SILVA, 1994; EISENBERG; REDFORD, 1999;



Figura 11: *Noctilio leporinus* (Morcego-pescador).

NOWAK, 1999). Além de peixes, alimenta-se também de crustáceos, insetos e aracnídeos, conforme a disponibilidade sazonal de alimento (BORDIGNON, 2006). Abriga-se em colônias próximas a corpos d'água, em ocos de árvores, chaminés, sótãos antigos e grutas em rochas (SILVA, 1994).

Ameaça: Segundo a IUCN (2010) é uma espécie que corre baixo risco de extinção, apesar do *status* populacional desconhecido. Não está listada em nenhum apêndice da CITES (2003).

Família Molossidae
***Molossus molossus* (Pallas, 1766)**
Morcego-de-cauda-grossa
Figura 12

Distribuição: Populações bem estabelecidas desta espécie podem ser encontradas desde o norte do México, Caribe até a América do Sul, apresentando registros em diversos locais como

Grandes e Pequenas Antilhas, Antilhas Holandesas, Trinidad e Tobago, Venezuela, Peru, Paraguai, norte da Argentina, Uruguai e Brasil (SIMMONS, 2005). Há registro de *M. molossus* também na Flórida, sul dos Estados Unidos, porém Frank (1997) considera que a presença da espécie neste Estado pode ser resultado do transporte de alguns indivíduos por humanos. No Brasil a espécie pode ser encontrada nos cinco grandes biomas (MARINHO-FILHO; SAZIMA, 1998).

Características: Apresenta antebraco com comprimento variável entre 38 e 42 mm (BARQUEZ *et al.*, 1999). O pêlo na região dorsal é aveludado e de coloração variável de castanho escuro a negro, podendo ocorrer indivíduos marrom-avermelhados. Suas orelhas são arredondadas e unidas na linha média do crânio. Possui quilha na região mediana do rosto e pelos rígidos sobre o lábio superior (FABIÁN; GREGORIN, 2007).



Figura 12: *Molossus molossus* (Morcego-de-cauda-grossa).

Biologia: Esta espécie está bem adaptada às áreas urbanas, usando com frequência construções humanas como abrigo. As colônias podem variar de dezenas a centenas de morcegos. A gestação dura em torno de dois a três meses, nascendo um filhote por parto. Já em áreas não urbanizadas a mesma pode ser encontrada em ocos e frestas de árvores (BARQUEZ *et al.*, 1999). *M. molossus* é exclusivamente insetívoro (FABIÁN; GREGORIN, 2007) e captura seu alimento em pleno voo (MACDONALD, 2001). Como é comum aos molossídeos, estes morcegos repousam em contato com o substrato e não pendurados (BREDT; CAETANO-JÚNIOR, 2001).

Ameaça: Na lista da IUCN (2010), encontra-se na categoria de baixo risco de extinção apesar do *status* populacional desconhecido. Não consta na lista da CITES (2006).

***Tadarida brasiliensis* (I. Geoffroy, 1824)**

Morceguinho-das-casas

Figura 13

Distribuição: Espécie amplamente distribuída em toda a América, desde os Estados Unidos até regiões centro-sulinas do Chile e da Argentina (WILKINS, 1989; SIMMONS, 2005). No Brasil, a espécie é encontrada em estados mais próximos ao litoral, nas regiões centro-oeste, sudeste e sul, sendo nesta última encontradas as maiores densidades (WILKINS, 1989; TAVARES *et al.* no prelo).

Características: É um morcego de tamanho pequeno, cujo antebraço varia entre 41 e 45 mm e o crânio entre 16 e 17,6 mm (FABIÁN; GREGORIN, 2007). Apresentam pelo denso e baixo com aspecto aveludado (SILVA, 1994), de coloração variável entre



Figura 13: *Tadarida brasiliensis* (Morceguinho-das-casas).

castanho escuro e castanho acinzentado no dorso, enquanto no ventre tem coloração mais clara. Pregas nos lábios superiores e pelos rígidos na face são duas características marcantes da espécie. Além disso, apresentam orelhas grandes, arredondadas, projetadas anteriormente, com sulcos paralelos na face interna e verrugas acuminadas na borda superior. Na linha média da cabeça as orelhas são separadas e no entre ela há pelos que impedem a visualização desta separação. Seu focinho é largo e há uma depressão em forma de sulco entre as narinas (FABIÁN; GREGORIN, 2007).

Biologia: É uma espécie muito frequente nas cidades, além de ser a mais abundante no Estado. Ocupa telhados e forros de casas, além de outras edificações humanas. As colônias apresentam de centenas a milhares de indivíduos. As fêmeas formam verdadeiras colônias de maternidade e nasce um filhote a cada parto. Em outras regiões onde está distribuída, a espécie é encontrada em cavernas

(SILVA, 1994; FABIÁN; GREGORIN, 2007). Assim como as outras espécies de molossídeos, são exclusivamente insetívoros (FABIÁN *et al.*, 1990). Ainda, segundo Fabián *et al.* (1990), no sul do Brasil a espécie apresenta uma predileção por coleópteros e lepidópteros, mesmo nas épocas mais frias do ano, quando as temperaturas são muito baixas e a densidade e diversidade de insetos também é menor.

Ameaça: Consta na lista da IUCN (2010) como uma espécie de baixo risco de extinção e populações estáveis. Ausente na lista da CITES (2006).

Família Vespertilionidae
***Histiotus velatus* (I. Geoffroy, 1824)**
Morcego-orelhudo
Figura 14

Distribuição: Espécie sul-americana que se distribui na Bolívia, Paraguai, Brasil e noroeste da Argentina (SIMMONS, 2005). No Brasil, há registros



Figura 14: *Histiotus velatus* (Morcego-orelhudo).

no CE, DF, ES, MG, MT, PI, PR, RJ, RS, SC e SP (TAVARES *et al.* no prelo).

Características: As grandes orelhas constituem um detalhe bastante conspicuo e característico da espécie que facilita sua identificação (SILVA, 1994). Seu formato é aproximadamente triangular e há uma ligação membranosa sobre a fronte (VIZZOTO; TADDEI, 1973). Os pêlos do corpo são compridos e finos (SILVA, 1994), de coloração castanho-claro a escuro. No ventre os pêlos podem apresentar tons castanho-acinzentados, castanho-escuros ou ainda cinza-esbranquiçados (VIZZOTO; TADDEI, 1973). O comprimento total varia entre 110 e 120 mm e o antebraço entre 46 e 48 mm (SILVA, 1994).

Biologia: São usualmente encontrados em sótãos de casas, no madeiramento próximo às telhas. Telhados de zinco, que oferecem maior calor, parecem ser os abrigos preferidos da espécie (SILVA 1994). As colônias podem variar algumas dezenas a centenas de indivíduos. As fêmeas dão à luz um ou dois filhotes por parto (ACHAVAL *et al.*, 2007). São morcegos insetívoros que capturam suas presas durante o voo. Quando voa à procura de alimento, pode-se perceber a silhueta de suas grandes orelhas contra o céu (SILVA, 1994). Análises de amostras fecais revelaram o consumo de lepidópteros, himenópteros e aranhas (NORA; CHAVES, 2006).

Ameaça: Consta como deficiente de dados e com *status* populacional desconhecido na lista da IUCN (2010), enquanto na CITES (2006) não há menção à espécie.

ORDEM CARNIVORA

Família Felidae

Puma yagouaroundi (É. Geoffroy Saint-

Hilare, 1803)

Gato-mourisco

Distribuição: Distribui-se desde o norte do México até as províncias de Buenos Aires e Rio Negro na Argentina (WOZENCRAFT, 2005). No Brasil a espécie está amplamente distribuída, podendo ser encontrada em todos os biomas (EMMONS; FEER 1997; OLIVEIRA; CASSARO 2005).

Características: É uma espécie de aparência distinta em relação à maioria dos felinos brasileiros,

especialmente por não apresentar manchas no pelo. Sua cabeça é pequena, alongada e achatada. As orelhas têm tamanho pequeno e são arredondadas. Apresenta corpo delgado e alongado, cauda longa e pernas curtas. O comprimento total do corpo de um gato-mourisco é de aproximadamente 100 cm e o peso pode variar entre 2,5 e 5 kg. Tem coloração uniforme, podendo haver indivíduos avermelhados, cinzentos ou marrom-escuros. Usualmente a cor apresentada está associada ao tipo de ambiente ocupado, isto é, indivíduos de cor escura são encontrados em florestas e os mais claros são registrados em ambientes mais secos e abertos (SILVA, 1994; EMMONS; FEER, 1997; OLIVEIRA; CASSARO, 2005).

Biologia: É um felino de hábito tanto diurno como noturno que pode ser observado vivendo solitário ou em pares (SILVA, 1994; EMMONS; FEER, 1997; OLIVEIRA; CASSARO, 2005). Sua dieta é composta de pequenos roedores, aves e répteis (OLIVEIRA, 1998). Cabrera e Yepes (1960) sugerem que a hipótese de predação de veados de pequeno porte (*Mazama*), mas Oliveira (1998) considera que o consumo deste tipo de presa se dá através do encontro de carniça. Konecny (1989) por sua vez apresentou o registro do consumo de artrópodes por esta espécie.

Ameaça: A espécie encontra-se na Lista das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul, na categoria “Vulnerável” (Decreto Estadual nº 41.672, de 11 de junho de 2002).

No Uruguai, já houve a extinção local da espécie, e esta é considerada recente (WOZENCRAFT, 2005). Para a IUCN (2010) o *status* da espécie é pouco preocupante e as populações estão diminuindo. Na lista da CITES (2006) o gato-mourisco se encontra no apêndice I.

Família Canidae

Cerdocyon thous (Linnaeus, 1766)

Graxaim-do-mato

Figura 15

Distribuição: Está distribuído desde a Venezuela até o norte da Argentina e Uruguai (WOZENCRAFT, 2005). Segundo este autor, no

Brasil não existe registro da espécie para a região da Amazônia, todavia Michalski e Peres (2005) reportam a ocorrência da espécie no norte do Mato Grosso, região sul da Floresta Amazônica.

Caraterísticas: Sua coloração é variável, desde tons cinzentos ao castanho, com uma faixa de pelos pretos desde a região occipital até a extremidade da cauda. Na região ventral são observados pelos de coloração mais clara (BERTA, 1982). Nos membros são encontrados pelos curtos e pretos (EMMONS; FEER, 1997; NOWAK, 1999). O corpo varia entre 60 e 70 cm de comprimento e a cauda tem comprimento aproximado de 30 cm. Adultos podem pesar entre 3,7 e 11,1 kg (BERTA 1982; EMMONS; FEER 1997; NOWAK, 1999).

Biologia: O graxaim-do-mato é um carnívoro terrestre que habita matas, bordas e terras

abertas. Alimenta-se de pequenos mamíferos, invertebrados, frutas e carniça. Por consumir grandes quantidades de frutos, sugere-se que pode atuar na dispersão de sementes (BUSTAMANTE *et al.*, 1992). De hábitos noturnos, a espécie pode ser considerada como caçadora oportunista (BERTA, 1982). Indivíduos costumam forragear solitários, porém duplas ou grupos familiares podem se formar para aumentar as chances de captura de alimento. Sua dieta do graxaim-do-mato varia sazonalmente, de acordo com a disponibilidade de alimento (BRADY, 1979).

Ameaça: Segundo a IUCN (2010) a espécie apresenta populações estáveis e baixo risco de extinção. Na lista da CITES (2006) o graxaim-do-mato é apresentado no apêndice II. Apesar de não correr risco, a alta mortalidade decorrente de atropelamentos em rodovias no país é preocupante (VIEIRA, 1996).



Figura 15: *Cerdocyon thous* (Graxaim-do-mato).

***Lycalopex gymnocercus* (G. Fischer, 1814)**
Graxaim-do-campo

Distribuição: Ocorre desde o leste da Bolívia até a Argentina, aproximadamente na altura do Rio Negro (WOZENCRAFT, 2005). Não existem informações precisas sobre os limites de sua distribuição e sobre o nível de sobreposição com outros canídeos (JIMÉNEZ *et al.* 2008).

Características: A coloração da espécie é cinza-amarelada no dorso e esbranquiçada no ventre, podendo ser observada no dorso uma faixa negra com presença de pelos albos. No topo da cabeça a coloração tende a marrom-ferrugíneo na porção externa das orelhas, enquanto na porção interior existem pelos claros que conferem um aspecto mais esbranquiçado. Apresenta rostro afilado na extremidade e cauda com pelos longos em tons de cinza, vermelho e preto (SILVA, 1994; CIMARDI, 1996; EISENBERG; REDFORD 1999; MIRANDA, 2003).

Biologia: O graxaim-do-campo é um animal solitário, com atividade crepuscular e noturna que durante o dia abriga-se em tocas abandonadas de outras espécies ou cavadas por ele mesmo (SILVA, 1994; CIMARDI 1996; EISENBERG; REDFORD, 1999). Sua dieta é onívora, composta de pequenos vertebrados, insetos e frutos, que podem representar até um quarto de sua dieta (CABRERA; YEPES, 1960; CIMARDI, 1996; EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999; TUMELEIRO *et al.*, 2006). É uma espécie muito caçada por conta de possíveis ataques a animais domésticos de criação, porém um estudo realizado na Argentina demonstrou que apenas 12% dos estômagos de animais abatidos continham restos de ovinos e bovinos, sendo os ovinos consumidos sob a forma de carniça (SILVA, 1994; DOTTO, 1996; EISENBERG; REDFORD, 1999). No Uruguai, apesar de 20,8% de sua dieta ser composta de ovinos, é apontado como responsável pela morte de apenas 0,4% dos recém-nascidos (CRAVINO *et al.*, 2000).

Ameaça: Na lista da IUCN (2010) é apresentado como uma espécie de baixo risco de extinção e com populações tendendo a aumento. Na lista da CITES (2006) encontra-se no apêndice II.

Família Mustelidae
***Galictis cuja* (Molina, 1782)**
Furão
Figura 16

Distribuição: Espécie distribuída no centro-sul da América do Sul, desde o Peru até o sul do Chile, passando por Bolívia, Paraguai, Brasil, Uruguai e Argentina (YENSEN; TARIFA, 2003; WOZENCRAFT, 2005). No Brasil a espécie é restrita a trechos das regiões nordeste e centro-oeste. Nas regiões sudeste e sul está amplamente distribuído (YENSEN; TARIFA, 2003).

Características: O furão é uma espécie de pequeno porte que possui corpo delgado e alongado, pescoço longo, tórax estreito, pernas curtas e cauda peluda. O comprimento total varia de 44 a 68 cm, a cauda pode ter entre 13 e 19 cm (YENSEN; TARIFA, 2003) e o peso varia entre 1 e 3 kg (SILVA, 1994). Uma característica marcante da espécie é a faixa negra que se inicia no rostro e segue pela parte inferior da cabeça e do pescoço até os membros anteriores. Uma faixa em forma de V parte da testa e se estende até o pescoço. O dorso apresenta coloração amarelo-ocre (SILVA, 1994).

Biologia: São mamíferos ágeis, capazes de escalar, mas que usualmente se deslocam pelo solo em busca de alimento (CHEIDA *et al.*, 2006). Alimentam-se de vertebrados de pequeno e médio tamanhos, principalmente roedores, lagomorfos, pássaros, anfíbios, lagartos, serpentes e seus ovos (JIMÉNEZ, 1996; QUINTANA *et al.*, 2000). Apresentam hábito predominantemente crepuscular e noturno, porém há registros de atividade diurna. Vivem em margens de florestas e áreas abertas, usualmente próximas a banhados ou rios (SILVA, 1994; EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999).

Ameaça: É classificada pela IUCN (2010) como uma espécie de baixo risco de extinção, apesar do *status* das populações ser desconhecido, e não consta na lista da CITES (2006).



Figura 16: *Galictis cuja* (Furão).

***Lontra longicaudis* (Olfers, 1818)**

Lontra

Distribuição: Espécie de ampla distribuição que pode ser encontrada desde o México até o Uruguai (LARIVIÈRE, 1999; WOZENCRAFT, 2005). Está muito bem adaptada em território nacional, ocorrendo em todos os biomas (EMMONS; FEER, 1997; NOWAK, 1999).

Características: Assim como os outros membros da família Mustelidae, apresenta corpo alongado, com comprimento total variável entre 53 e 80 cm e comprimento da cauda entre 36 e 50 cm. Seu pelo é denso, sem a camada mais interna constituída de pelos finos e sedosos, enquanto a externa apresenta pelos longos e ásperos. Sua cor predominante é o marrom, com a região da garganta mais clara. Indivíduos adultos podem chegar a até 14 kg. Apresenta membranas interdigitais e cauda musculosa e achatada, usada no deslocamento dentro da água. Possui longas

vibrissas, usadas na detecção de presas dentro da água (SILVA, 1994; EMMONS; FEER, 1997; EISENBERG E REDFORD, 1999).

Biologia: A lontra é uma espécie que prefere corpos d'água claros e movimentados (LARIVIÈRE, 1999). Todavia, tem tolerância a alterações ambientais e pode ocupar áreas próximas de atividade humana (MACDONALD; MASON 1992). Ainda assim, as maiores abundâncias são registradas em locais com pouca perturbação humana e pouca poluição química ou orgânica (BLACHER, 1987; BARDIER, 1992). Sua dieta baseia-se em peixes, crustáceos e moluscos, porém pode ocorrer consumo de pequenos mamíferos e aves (EISENBERG; REDFORD, 1999; BRANDT, 2004). Captura suas presas dentro da água e as consome em terra (BRANDT, 2004).

Ameaça: No Rio Grande do Sul é considerada uma espécie vulnerável à extinção (INDRUZIAK; EIZIRIK, 2003). Segundo a IUCN (2010), o volume de dados

é insuficiente para determinar o real *status* de conservação da espécie, mas há uma tendência de diminuição das populações. Na lista da CITES (2006) está relacionada no apêndice I.

Família Procyonidae

***Procyon cancrivorus* (G. [Baron] Cuvier, 1798)**

Mão-pelada

Distribuição: Espécie com ampla distribuição geográfica que ocorre desde a Costa Rica até a Argentina (WOZENCRAFT, 2005).

Características: O nome popular da espécie se deve às mãos desprovidas de pelos (SILVA, 1994). O comprimento do corpo varia em torno de 100 cm e pesa em média de 8 a 9 kg (SILVA, 1994; EISENBERG; REDFORD, 1999). Possui pelo denso e curto, com cor variável entre cinza-escuro a tons mais amarelados, atingindo até mesmo tonalidades mais claras. Sua identificação é inequívoca devido à “máscara” preta que se estende dos olhos à mandíbula, além da cauda anelada característica dos procionídeos (SILVA,

1994; EMMONS; FEER, 1997; EISENBERG ; REDFORD, 1999).

Biologia: O mão-pelada é um mamífero solitário, de hábitos caracteristicamente noturnos que vive em locais de vegetação cerrada e alta, próximos de corpos d’água. Durante o dia se abriga em árvores, usualmente em ocos ou sob as raízes destas. Sua dieta é variada, mas constituída principalmente de peixes e organismos aquáticos, como moluscos, insetos, caranguejos e anfíbios, que procura no fundo de corpos d’água com suas habilidosas mãos. Pode ainda alimentar-se de frutos (SILVA, 1994; EMMONS; FEER, 1997; EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999). Por buscar alimento preferencialmente próximo à água, é fácil reconhecer suas pegadas características, porém é difícil ocorrer visualização de indivíduos (SILVA, 1994; CHEIDA *et al.*, 2006).

Ameaça: Na lista da IUCN (2010) seu *status* é classificado como pouco preocupante, mas há tendência de queda das populações. Não consta na lista da CITES (2006).

Referências Bibliográficas

- ACHAVAL, F.; CLARA, M.; OLMOS, A. **Mamíferos de la República Oriental del Uruguay**. Montevideo, 2004. 176 p.
- ACHAVAL, F.; CLARA M.; OLMOS, A. **Mamíferos de la República Oriental del Uruguay**. 2ª ed. Montevideo: Zonalibro Industria Gráfica, 2007. 216 p.
- ALVAREZ, J.; WILLIG, M.R.; JONES-JR, J.K.; WEBSTER, W.D. *Glossophaga soricina*. **Mammalian Species**, New York, v.379, p. 1-7, 1991.
- ALHO, C.J.R. **Criação e Manejo de capivaras em pequenas propriedades rurais**. Brasília: Embrapa-DDT, 1986. 48 p.
- AGUIAR, L.M.S. Subfamília Desmodontinae. In: REIS, N. R. et al. **Morcegos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- AURICCHIO, P. **Primates do Brasil**. São Paulo: Terra Brasilis, 1995.
- BARDIER, G. Uso de recursos y características del hábitat del "lobito del río" *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818) (Mammalia, Carnivora) en el Arroyo Sauce, se de Uruguay. **Boletín de la Sociedad Zoológica del Uruguay**, v. 7, p. 59-60, 1992.
- BARQUEZ, R.M., MARES, M.A.; BRAUN, J.K.. The bats of Argentina. **Special Publications Museum of Texas Tech University**, v. 42, p.1-275, 1999.
- BERNARD, Enrico. Morcegos vampiros: sangue, raiva e preconceito. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 44-49, 2005.
- BERTA, A. *Cerdocyon thous*. **Mammalian Species**, v. 186, p.1-4, 1982.
- BICCA-MARQUES, J.C., DA SILVA, V.M.; GOMES, D.F.. Ordem Primates. In: REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; W.A. Pedro, LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- BLACHER, C. Ocorrência e preservação de *Lutra longicaudis* (Mammalia: Mustelidae) no litoral de Santa Catarina. **Boletim da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza**, v. 22, p. 105-117, 1987.
- BREDT, A.; UIEDA, W.; MAGALHÃES, E. D. Morcegos cavernícolas da região do Distrito Federal, centro-oeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera). **Rev. Bras. Zoolo-gia**, v. 16, n. 3, p. 731-770, 1998.
- BREECE, G. A.; DUSI, J. L. Food habits and home range of the common long-nosed armadillo *Dasypus novemcinctus* in Alabama. In: MONTGOMERY, G. G. (ed.) **The evolution and Ecology of Armadillos, Sloths, and Vermilinguas**. Washington and London. Smithsonian Institution Press, 1985, p.419-427.
- BORDIGNON, M.O.; FRANÇA, O.. Variações na coloração da pelagem do morcego-pescador *Noctilio leporinus* (L., 1758) (Mammalia, Chiroptera). **Revista Brasileira de Zociências**, p. 181-189, 2004.
- BORDIGNON, M.O. Diet of fishing bat *Noctilio leporinus* (Linnaeus) (Mammalia, Chiroptera) in a mangrove area of southern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia** v. 23, p. 256-260, 2006.
- BRADY, C.A. Observations on the behavior and ecology of the crab-eating fox (*Cerdocyon thous*). In: **VERTEBRATE ecology in northern Neotropics**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1979.
- BRANDT, A.P. **Dieta e uso do habitat por *Lontra longicaudis* (Carnivora: Mustelidae) no Parque Estadual de Itapuã, Viamão, RS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.
- BREDT, Angélica; CAETANO-JÚNIOR, J. **Método visual para identificação dos morcegos do Distrito Federal - Brasil**. Brasília: Secretaria de Saúde do Distrito Federal/Visual Quiróptera, 2001.
- BROWN, B.E. Atlas of new world marsupials. **Fieldiana Zoology: New Series**, 102, p. 1-108, 2004.
- BUSTAMANTE, R.O.; SIMONETTI J.A.; MELLA, J.E. Are foxes legitimate and efficient seed dispersers? A field test. **Acta Oecologica**, 13, p. 203-208, 1992.
- CABRERA, A.; YEPES, J. **Mamíferos sud americanos**. 2ª ed. Buenos Aires: Ediar, 1960.
- CÁCERES, N.C.; GHIZONI-JUNIOR, IR; GRAIPEL, M.E.. Diet of two marsupials *Lutreolina crassicaudata* and *Micoureus demerarae*, in a coastal Atlantic Forest island of Brazil. **Mammalia**, v. 66, p. 331-340, 2002.
- CADEMARTORI, C. V. **Flutuações na abundância de roedores (Cricetidae, Sigmodontinae) ocorrentes em duas áreas de Floresta Ombrófila Mista Montana, Rio Grande do Sul, Brasil**. 1994. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Biociências, PUCRS. Porto Alegre, 1994.
- CHRISTOFF, A. U. Cromossomos acessórios e caracteres craniométricos de *Akodon montensis*

- (Rodentia, Cricetidae). 1991. 115 f. Dissertação (mestrado). PPG-Genética, UFRGS, Porto Alegre, 1991.
- CHEIDA, CC; et al. Ordem Carnívora. In: REIS, N.R. et al. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- CIMARDI, A.V. **Mamíferos de Santa Catarina**. Florianópolis: FATMA, 1996.
- CITES. **CITES species database**. 2006. Disponível em: <<http://www.cites.org/>>. Acesso em 22/01/2011.
- CRAVINO, J.L. et al. Análisis holístico de la predación en corderos: un estudio de caso, con énfasis en la acción de “Zorros” (Mammalia: Canidae). **Veterinaria**, 35, p. 24-44, 2000.
- CROCKETT, C.M.; EISENBERG, J.F. Howlers: variations in group size and demography. In: **Primate Societies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- DOTTO, João Carlos Pradela. **Estudo da dieta de *Pseudalopex gymnocercus* (Fischer, 1814) e de *Cerdocyon thous* (Linneus, 1766) (Mammalia, Canidae) e sua relação com a mortalidade de cordeiros no Rio Grande do Sul, Brasil**. 1996. 102 f. Tese (Mestrado em Biociências) - PPG-Biociências PUCRS, Porto Alegre 1996.
- EISENBERG, J.F.; REDFORD, K.H. **Mammals of the Neotropics. The Central Neotropics**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- EMMONS, L.H.; FEER, F.. **Neotropical rainforest mammals: A field guide**. 2ª ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- FABIÁN, Marta Elena; GREGORIN, Renato. Família Molossidae. In: REIS, et al. **Morcegos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- FABIAN, Marta Elena; RUI, Ana Maria; WAECHTER, Jorge Luiz. Plantas utilizadas como alimento por morcegos (Chiroptera, Phyllostomidae), no Brasil. In: REIS, Nélio Roberto dos et al. **Ecologia de Morcegos**. Londrina: Technical Books, 2008.
- FABIÁN, Marta Elena; HARTZ, Sandra Maria; ARIGONY, T.H.A.. Alimentação de *Tadarida brasiliensis* (Geoffroy, 1824) na região urbana de Porto Alegre, RS, Brasil (Chiroptera, Molossidae). **Revista Brasileira de Biologia**, v. 20, p. 387-392, 1990.
- FABIÁN, Marta Elena et al. Mamíferos de áreas de restinga no Rio Grande do Sul. In: PESSÔA, L.M.; W.C.TAVARES; SICILIANO, S. **Mamíferos das Restingas e Manguezais do Brasil**. Rio de Janeiro: Soc. Brasileira de Mastozoologia, 2011. (Série Livros do Museu Nacional)
- FONSECA, G. A. B. et al. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil. Conservation International & Fundação Biodiversitas **Occasional Papers in Conservation Biology**, n. 4, 38 p. 1996.
- FRANK, P.A. First record of *Molossus molossus tropidorhyncus* Gray (1839) from the United States. **Journal of Mammalogy**, 78, p. 103-105, 1997.
- FREITAS, T.R.O. Tuco-tucos (Rodentia, Octodontidae) in Southern Brazil: *Ctenomys lami* spec. nov. separated from *C. minutus* Nehring 1887. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, v. 36, n.1, p. 1-8, 2001.
- GANNON, M.R.; WILLIG, M.R.; KNOX-JONES J. Jr. *Sturnira liliium*. **Mammalian Species**, 333, p. 1-5, 1989.
- GARDNER, A.L. Feeding habits. In: BAKER, R.J., J. KNOX-JONES, JR., E D.C. CARTER. Biology of bats of the New World Phyllostomatidae. Part II. **The Museum, Texas Tech University**, 3, p. 1-364. 1977. Special Publication.
- GARDNER, A.L. Order Didelphimorphia. In: WILSON, D.E.; REEDER, D.M. (Ed.). **Mammal species of the world**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2005.
- GREENHALL, A.M.; JOERMANN, G.; SCHMIDT, U. *Desmodus rotundus*. **Mammalian Species**, 202, p. 1-6, 1983.
- GÓMEZ Villafañe et al. **Rodeores - Guia de la Provincia de Buenos Aires**. Buenos Aires: Lola, 2005. 100 p.
- HOOD, C.S.; JONES-JR, J.K. *Noctilio leporinus*. **Mammalian Species**, Washington, n. 216, p. 1-7, 1984.
- HORN, Graciela Bernardi; KINDEL, Andreas; HARTZ, Sandra Maria. *Akodon montensis* (Thomas, 1913) (Muridae) as a disperser of endozoochoric seeds in a coastal swamp forest of southern Brazil. **Mamm. Biol.** 73, p. 325–329, 2007.
- INDRUSIAK, Cibele; EIZIRIK, Eduardo. Carnívoros. In: FONTANA, C.S.; BENCKE G.A.; REIS, R.E. **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- IUCN. **IUCN Red List of Threatened Species**. 2010. Disponível em: <www.iucnredlist.org>.
- JIMÉNEZ, J.E. The extirpation and current status of wild chinchillas *Chinchilla lanigera* and *C. brevicaudata*. **Biological Conservation**, 77, p. 1–6, 1996.

- JIMÉNEZ, J.E.; LUCHERINI, M.; NOVARO, A.J. *Pseudalopex gymnocercus*. In: **IUCN 2010. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2010.1**. Disponível em <www.iucnredlist.org>.
- KONECNY, M.J. Movement pattern and food habits of four sympatric carnivore species in Belize, Central America. In: Redford, K.H.; Eisenberg (Ed.). **Advances in Neotropical Mammalogy**. Gainesville: Sandhill Crane Press, 1989.
- LANGE, Rudolf Bruno; JABLOSKI, Estefano F. **Mammalia do Estado do Paraná: Marsupialia**. Vol 43. Curitiba: Ed. PUCPR, 1998.
- LARIVIÈRE, S. *Lontra longicaudis*. **Mammalian Species**, 609, p. 1-5, 1999.
- LEMONS, B.; CERQUEIRA, R.. Morphological differentiation in the white-eared opossum group (Didelphidae: *Didelphis*). **Journal of Mammalogy**, 83, p. 354-369, 2002.
- MACDONALD, D. Bats. In: **The Encyclopedia of Mammals**. Oxfordshire: Andromeda Oxford Limited, 2001.
- MACDONALD, S.; MASON, C. A note on *Lutra longicaudis* in Costa Rica. **International Union for the Conservation of Nature, Otter Specialist Group Bulletin**, 7, p. 37-38, 1992.
- MANN, F.G. Mamíferos de Tarapaca: observaciones realizadas durante una expedición al alto norte de Chile. **Biológica**, p. 23-141, 1945.
- MARES, M.A.; OJEDA, R. A.; BARQUEZ, R. M.. **A Guide to the Mammals of Salta Province, Argentina**. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1989. 303p.
- MARINHO-FILHO, J.S.; SAZIMA, Ivan. Brazilian bats and conservation biology: a first survey. In: KUNZ, T.H.; RACEY, P.A. (Ed.) **Bat biology and Conservation**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1998. p. 282-294
- MARQUES, A.A.B. Primatas. In: FONTANA, C.S., BENCKE, G.A.; REIS R.E.(Ed.) **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MASSOIA, E.; FORNES, A. Claves para el reconocimiento de los roedores del delta del Parana (Mammalia). **IDIA**, 253, p. 11-18, 1969.
- MARSHALL, Larry G. *Lutreolina crassicaudata*. **Mammalian Species**, n. 91, p.1-4, 1978.
- MICHALSKI, F.; PERES, C. Anthropogenic determinants of primate and carnivore local extinctions in a fragmented forest landscape of southern Amazonia. **Biological Conservation**, 124, p. 383-396, 2005.
- MIRANDA, E.E. **Natureza, conservação e cultura: ensaios sobre a relação do homem com a natureza**. São Paulo: Metalivros, 2003. 180p.
- MIRANDA, G.B. *et al*. Phylogenetic and Phylogeographic Patterns in Sigmodontine Rodents of the genus *Oligoryzomys*. **Journal of Heredity**, 100, n.3, 309-321, may/jun 2009.
- MONES, Alvaro; OJASTI, Juhani. *Hydrochoerus hydrochaeris*. **Mammalian Species**, n. 264, p. 1-7, 1986.
- MONTEIRO-FILHO, E.L.A.; DIAS, V.S.. Observações sobre a biologia de *Lutreolina crassicaudata* (Mammalia: Marsupialia). **Revista Brasileira de Biologia**, 50, p. 393-399, 1990.
- MONTEIRO-FILHO, E.L.A.; GRAIPEL, M.E.; CÁCERES, N.C. História Natural da Cuíca-d'Água *Chironectes minimus* e da Cuíca-marom *Lutreolina crassicaudata*. In: CÁCERES, Nilton C.; MONTEIRO-FILHO, Emygídio L.A. **Os Marsupiais do Brasil – Biologia, Ecologia e Evolução**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006. 364p.
- MOOJEN, J. **Os roedores do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. 214p.
- NOGUEIRA, M.R.; DIAS D.; PERACCHI, A.L.. Subfamília Glossophaginae. . In: REIS, N. R. et al **Morcegos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- NORA, S.T.; CHAVES, M.E.. Diversidade de Chiroptera do Núcleo Cabucú, Parque Estadual da Cantareira, Guarulhos, SP, Brasil. In: CONGRESSO SUL-AMERICANO DE MASTOZOLOGIA I, 2006, Gramado. **Anais**. Gramado: Sociedade Brasileira de Mastozoologia, 2006.
- NOWAK, R.M. **Walker's Mammals of the World**. 6ª ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.
- OLIVEIRA, Tadeu Gomes; CASSARO, Kátia. **Guia de campo dos felinos do Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Carnívoros, 2005.
- OLIVEIRA, J. A.; BONVICINO, C. R. Ordem Rodentia. In: REIS, N.R., et al. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2006. p. 347-406.
- OLIVEIRA, Tadeu Gomes. *Herpailurus yagouaroundi*. **Mammalian Species**, 578, p. 1-6, 1998.

- PASSOS, Fernando C. et al. Frugivoria em morcegos (Mammalia: Chiroptera) no Parque Estadual Intervales, sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 20, p. 511-517, 2003.
- PERACCHI, A.L. et al. Ordem Chiroptera. In: REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; W.A. Pedro, LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- QUINTANA, V.; YÁÑEZ, J.; ALDEBENIT, OM. V. Orden Carnívora. In: PEDREROS, A.M.; VALENZUELA, J.Y. **Mamíferos de Chile**. Valdivia: Ediciones CEA, 2000.
- REDFORD, K. H. Food habits of armadillos (Xenarthra: Dasypodidae). In: MONTGOMERY, G. G. **The evolution and Ecology of Armadillos, Sloths, and Vermilinguas**. Washington : Smithsonian Institution Press, 1985, p. 429-437.
- REGIDOR, H.A.; M. GOROSTIAQUE; S. SÜHRING. Reproduction and dental age classe of the little water opossum (*Lutreolina crassicaudata*) in Buenos Aires, Argentina. **Revista de Biologia Tropical**, 47, p. 271-272, 1999.
- REID, F.A. **A field guide to the mammals of Central America and southeast Mexico**. New York: Oxford University Press, 1997.
- REIS, N.R.; VEDUATTO, P.M.M.; BORDIGNON, M.O.. Família Noctilionidae. In: REIS, N.R., et al. **Morcegos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- ROSSI, R.V; BIANCONI, G.V.; PEDRO, W.A. Ordem Didelphimorphia. In: REIS, N.R. et al. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- ROWE, N. **The Pictorial Guide to the Living Primates**. East Hampton: Pogonias Press, 1996.
- RUI, Ana Maria.; FABIÁN, Marta Elena; MENEGHETTI, João O. Distribuição geográfica e análise morfológica de *Artibeus lituratus* Olfers e de *Artibeus fimbriatus* Gray (Chiroptera, Phyllostomidae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 6, p. 447-460 1999.
- SCHNEIDER, M.; MENEGHETI, J. O. Densidade e uso de habitats por capivaras, *Hydrochaeris hydrochaeris* (Linnaeus, 1766) (Mammalia: Rodentia) na Estação Ecológica de Aracuri, Muitos Capões, RS. **Biociências**, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 173-194, 1997.
- SILVA, Flávio. **Mamíferos silvestres - Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994.
- SILVA, Roger B.; VIEIRA, Emerson M.; IZAR, Patrícia. Social monogamy and biparental care of the neotropical southern bamboo rat (*Kannabateomys amblyonyx*). **Journal of Mammalogy**, v. 89, n. 6, p. 1464-1472, 2008.
- SIMMONS, N.B. Order Chiroptera. In: WILSON, D.E.; REEDER, D.M. **Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2005.
- TADDEI, V.A. Phyllostomidae (Chiroptera) do Norte-Ocidental do Estado de São Paulo. II - Glossophaginae, Carollina, Sturnirinae. **Ciência e Cultura**, 27, p. 723-734, 1975.
- TADDEI, V.A.; NOBILE C.A.; MORIELLE-VERSUTE, E. Distribuição geográfica e análise morfométrica comparativa em *Artibeus obscurus* (Schinz, 1821) e *Artibeus fimbriatus* Gray, 1838 (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae). **Ensaio em Ciência**, 2, p. 71-127, 1998.
- TAVARES, V.C.; GREGORIN, R.; PERACCHI, A.L. Sistemática: a diversidade de morcegos no Brasil. In: PACHECO, S.M.; MARQUES, R.V.; ESBERÁRD, C.E.L. (Orgs.) **Morcegos do Brasil: biologia, sistemática, ecologia e conservação**. No prelo.
- TUMELEIRO, L.K. et al. Notas sobre mamíferos da região de Uruguaiana: estudo de indivíduos atropelados com informações sobre a dieta e conservação. **Biodiversidade Pampeana**, 4, p. 38-41, 2006.
- VIEIRA, E.N. Highway mortality of mammals in central Brazil. **Ciência e Cultura**, 48, p. 270-272, 1996.
- VIZZOTO, L.D.; TADDEI, V.A. Chave para a determinação de quirópteros brasileiros. **Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto - Boletim de Ciências**, 1, p. 1-72, 1973.
- VOSS, R.S; JANSA, S.A. Phylogenetic studies on didelphid marsupials II. Nonmolecular data and new IRBP sequences: separate and combined analyses of didelphinae relationships with denser taxon sampling. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, 276, p. 1-82, 2003.
- WEBSTER, W.D. Systematics and evolution of bats of the genus *Glossophaga*. **The Museum, Texas Tech University**, 36, p. 1-184, 1993. Special Publication.
- WEKSLER, M.; BONVICINO, C.R. Taxonomy of pigmy rice rats (genus *Oligoryzomys*, Rodentia: Sigmodontinae) of the Brazilian Cerrado, with the description of two new species. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 63, n.1, p. 113-130, 2005.

WETZEL, R.M.. Taxonomy and distribution of armadillos, Dasypodidae. In: MONTGOMERY, G. G. (Ed.). **The evolution and Ecology of Armadillos, Sloths, and Vermilinguas**. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 1985. p. 23-46.

WILKINS, K.T. *Tadarida brasiliensis*. **Mammalian Species**, 331, p. 1-10, 1989.

WILSON, D. E.; REEDER, D. M. **Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference**. 3ª edição. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2005. 2142 p.

WITT, Patrícia Bernardes Rodrigues (Coord.). **Plano de Manejo. Unidade de Conservação Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2008. 211 p.

WOZENCRAFT, W.C. Order Carnivora. In: WILSON, D.E.; REEDER, D.M (Ed.). **Mammal species of the world**. Washington: Smithsonian Institution Press, 2005.

YENSEN, E.; TARIFA T. *Galictis cuja*. **Mammalian Species**, 728, p. 1-8, 2003.

ZORTÉA, Marlon. Reproductive patterns and feeding habitats of three nectarivorous bats (Phyllostomidae: Glossophaginae) from the Brazilian Cerrado. **Brazilian Journal of Biology**, v. 63, n. 1, p. 159-168, 2003.

ZORTÉA, Marlon Subfamília Stenodermatinae. In: REIS, N.R.(Ed.) et al. **Morcegos do Brasil**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2007.

XIMENEZ, A. Notas sobre el género *Cavia* Pallas con la descripción de *Cavia magna* sp n. (Mammalia, Caviidae). **Revista Nordestina de Biologia**, 3, p. 145-179 1980. Edição especial.



R
É
P
T
I
L
I
S



RÉPTEIS DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER E ARREDORES NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

Márcio Borges-Martins¹, Martin Schossler¹, Laura Verrastro¹,
Clóvis de Souza Bujes^{1,2}, Roberto Baptista de Oliveira³, Morgana Mosená⁴

Os répteis estão amplamente distribuídos, ocorrendo representantes em quase todos os ecossistemas continentais. Algumas espécies, como iguanas, serpentes e tartarugas habitam, também, ecossistemas marinhos (VITT; CALDWELL, 2009). Apesar disso, os répteis despertam pouco interesse popular no que concerne à conservação das espécies, em grande parte, devido ao medo que a maioria das pessoas tem em relação a estes animais (DI-BERNARDO *et al.*, 2003). As serpentes peçonhentas são certamente a principal causa deste medo generalizado. Contudo, apesar de potencialmente perigosas, as serpentes que possuem toxinas letais correspondem a uma pequena parcela da diversidade conhecida.

Os répteis formam um conjunto muito diverso de espécies de grande importância ecológica nos ecossistemas que ocupam. Contudo, assim como para outros grupos da fauna, as ameaças a sua conservação têm crescido, principalmente, como reflexo da destruição de seus *habitats*. Em termos mundiais, hoje são reconhecidas cerca de 800 espécies de répteis em alguma categoria de ameaça (IUCN, 2012). No Brasil, 20 espécies são oficialmente reconhecidas como ameaçadas (MARTINS; MOLINA, 2008). No Rio Grande do Sul, 17 espécies

continentais de serpentes e lagartos estão oficialmente ameaçadas, além das cinco espécies de tartarugas marinhas (DI-BERNARDO *et al.*, 2003).

Os répteis, como tradicionalmente reconhecidos, formam um agrupamento heterogêneo de tetrápodes amniotas ectotérmicos que inclui três linhagens principais, os Testudines (cágados, tartarugas e jabutís), os Squamata (cobras e lagartos) e os Crocódilianos (jacarés, crocodilos e gaviais). Os Rhynchocephalia (tuataras) correspondem a uma quarta linhagem, proximamente relacionada aos Squamata, e estão representados atualmente por apenas duas espécies endêmicas da Nova Zelândia. Os répteis correspondem ao segundo maior grupo de tetrápodes atuais, com 9547 espécies, sendo que a grande maioria das espécies pertence ao grupo dos Squamata (9193 sp.), com quelônios (327 sp.) e crocódilianos (25 sp.) representando uma parcela significativamente menor desta diversidade (UETZ, 2012). Nas classificações modernas, os répteis não têm sido mais agrupados em uma classe Reptilia, devido ao posicionamento filogenético das Aves (POUGH *et al.*, 2004).

O Brasil possui a terceira maior riqueza mundial de répteis, com 721 espécies registradas até o momento (BÉRNILS, 2010). No

¹Laboratório de Herpetologia, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil; E-mail: borges.martins@ufrgs.br.

²ONG Projeto Chelonia: Biologia, Manejo e Conservação de Anfíbios e Répteis.

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Balneário Pinhal, Balneário Pinhal, RS, Brasil.

⁴Laboratório de Ecofisiologia Vegetal, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul, são conhecidas cerca de 120 espécies de répteis, sendo um jacaré, cinco cobras-de-duas-cabeças, 11 quelônios, 23 lagartos e 85 serpentes (LEMA, 1994; DI-BERNARDO *et al.*, 2004; BENCKE *et al.*, 2009; HERPETOLOGIA-UFRGS, 2010; M. BORGES-MARTINS, dados inéditos). As serpentes, o grupo mais rico com quase 70% das espécies, é composto principalmente pelas serpentes da família Dipsadidae. A composição da fauna de répteis do Rio Grande do Sul é relativamente bem conhecida, quando comparada a outros estados brasileiros, principalmente, como resultado do trabalho do herpetólogo Thales de Lema (ver DI-BERNARDO *et al.*, 2004). Contudo, nos últimos anos, novas espécies vêm sendo descritas ou registradas continuamente no Rio Grande do Sul, evidenciando tanto a carência de inventários como de revisões taxonômicas (BENCKE *et al.*, 2009). Para uma melhor compreensão da diversidade e dos padrões de distribuição dos répteis no Estado, recomendamos as obras de Lema (1994, 2002), Di-Bernardo *et al.* (2004), Bérnils *et al.* (2007), Bencke *et al.* (2009) e Bujes (2010).

Apesar da riqueza de espécies catalogadas ao longo dos anos por especialistas no Rio Grande do Sul, apenas uma pequena parcela desta diversidade é reconhecida pela população em geral. Parte disso se deve a uma carência de obras de divulgação e infelizmente não há um guia de campo completo para os répteis do Rio Grande do Sul. Também existem poucas obras que contenham ilustrações e fotos que auxiliem os não-especialistas na identificação das espécies. Felizmente, nos últimos anos, têm surgido obras que coletivamente abrangem grande parte das espécies do Estado. O livro sobre “Os Répteis do Rio Grande do Sul - Atuais e Fósseis, Biogeografia, Ofidismo” de Lema (2002), apresenta uma descrição geral da fauna de répteis do Rio Grande do Sul, bem como ilustrações das espécies. O guia de campo “Anfibios y Reptiles del Uruguay”, de Achaval e Olmos (2007), também é muito útil, pois 90% da fauna do Uruguai é compartilhada com o Rio Grande do Sul. Outras obras, com enfoque geográfico mais específico, podem ser úteis na identificação de espécies e nesse sentido recomendamos Marques, Eterovick e Sazima (2001), Carreira *et al.* (2005), Borges-Martins *et*

al. (2007), Verrastro e Schossler (2008), Quintela e Loebmann (2009) e Verrastro *et al.* (2009).

Em relação aos aspectos da história natural, ecologia e diversidade em comunidades de répteis no Rio Grande do Sul, ainda existem muitas lacunas no conhecimento (DI-BERNARDO *et al.*, 2007; BORGES-MARTINS *et al.*, 2007). Recentemente, contudo, houve um aumento significativo do número de estudos sobre a história natural e ecologia de muitas espécies. Inventários de maior duração e com metodologia adequada ao estudo da ecologia e história natural de comunidades de répteis, especialmente de serpentes, tiveram início apenas no final da década de 90, em algumas localidades do Planalto das Araucárias (DI-BERNARDO, 1998; ZANELLA, 2004, ZANELLA; CECHIN, 2004; DI-BERNARDO *et al.*, 2007), Planalto Sul-Rio-Grandense e Depressão-Central (OUTEIRAL, 2006; BALESTRIN, 2008), Pampa (CECHIN, 1999) e litoral norte (OLIVEIRA, 2001, 2005). Parte desta carência de estudos sobre comunidades se deve à dificuldade de amostrar as serpentes, que são o grupo mais rico.

A composição das espécies de répteis da região metropolitana de Porto Alegre é relativamente bem conhecida, devido à existência na região dos principais núcleos de pesquisa, bem como das maiores e mais antigas coleções científicas. Neste sentido, podemos destacar alguns estudos da década de 80 realizados por Lema e colaboradores (LEMA *et al.*, 1980; LEMA *et al.*, 1984). Porto Alegre encontra-se em uma região de encontro de várias formações geomorfológicas, destacando-se a Depressão Central e o Escudo Sul-Riograndense, com influência também da Planície Costeira e da borda sul do Planalto Meridional do Brasil (MENEGAT *et al.*, 1998). Esta riqueza de formações resulta, também, em uma alta riqueza biológica. Dados recentes indicam que pouco mais da metade das espécies de répteis do Rio Grande do Sul deve ocorrer dentro dos limites da Região Metropolitana de Porto Alegre (CLAITON MACHADO; M. BORGES-MARTINS, dados inéditos).

Apesar da concentração de testemunhos em coleções científicas da fauna de répteis na região Metropolitana de Porto Alegre, muitos aspectos da diversidade e ecologia deste grupo ainda não

são conhecidos. Vários locais importantes, do ponto de vista da pesquisa e conservação, contendo remanescentes de formações vegetais naturais ainda ocorrem na região e merecem estudos mais aprofundados sobre sua fauna. Este é o caso da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. A Reserva Biológica do Lami situa-se no município de Porto Alegre (coordenadas: 30°15'S e 51°05'W; altitude: 4 m), às margens do Lago Guaíba. A criação desta Reserva está diretamente vinculada à preservação da efédra (*Ephedra tweediana*), uma das quatro espécies de gimnospermas nativas do Rio Grande do Sul (WAECHTER, 1985; BRACK *et al.*, 1998). Apesar de Porto Alegre pertencer às unidades geomorfológicas do Escudo Rio-Grandense e da Depressão Central, as praias localizadas na zona sul do município possuem semelhanças com a região da Planície Costeira (BRACK *et al.*, 1998). A influência da Planície Costeira em Porto Alegre é evidenciada através de uma planície arenosa baixa, com altitude nunca superior a cinco metros, formada por sedimentos do Quaternário.

O relevo é plano, apresentando elevações arenosas entremeadas por depressões, as quais podem estar permanente ou temporariamente inundadas, conforme as variações na velocidade e direção dos ventos e na precipitação (MEIRA, 1996). O clima na região é do tipo Cfa, caracterizado pela temperatura média do mês mais quente superior a 22°C e a do mês mais frio variando entre 3 e 18°C (MOTA, 1951). Apesar de sua área reduzida, com cerca de 204,04 ha, a REBIOLJL apresenta diversas formações vegetais (Figuras 1 a 4) que normalmente ocorrem em restingas, como matas, campos e banhados (BAPTISTA *et al.*, 1979). A vegetação que se desenvolve sobre o solo arenoso e bem drenado da Reserva é formada por matas ou moitas, correspondendo às matas arenosas definidas por Waechter (1990), sendo compostas por espécies perenifólias e caducifólias. O componente arbóreo é constituído principalmente por *Casearia silvestris* (chá-de-bugre), *Daphnopsis racemosa* (embirabranca), *Erythroxylum argentinum* (cocão),



Figura 1. Ambiente de restinga, mostrando muitas cactáceas e o solo arenoso, encontrado na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Foto: M. Borges-Martins.



Figura 2. Ambientes de restinga, em primeiro plano, e mata com figueiras e jerivás, ao fundo, encontrados na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Foto: M. Borges-Martins.



Figura 3. Ambiente aquático de poças temporárias encontrado na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Foto: M. Borges-Martins.



Figura 4. Área de restinga com concentração de desovas de quelônios na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Foto: M. Borges-Martins.

Eugenia myrcianthes (pessegueiro-do-campo), *Lithrea brasiliensis* (aroeira-brava), *Myrciaria cuspidata* (camboim), *Myrsine umbellata* (capororocão), *Randia ferox* (limoeiro-do-mato), *Sebastiania commersoniana* (branquilho) e *Vitex megapotamica* (tarumã) (BAPTISTA *et al.*, 1979; WAECHTER, 1985; BRUM, 1995; BRACK *et al.*, 1998; MOSENA, 2007).

Os répteis da Reserva Biológica do Lami ainda não foram estudados de maneira intensiva, contudo existem estudos sobre a ecologia do lagarto-verde, *Teius oculatus*, e do cágado-de-barbelas-cinzentas, *Phrynops hilarii* (ver detalhes em BUJES, 1998a, 1998b, 1998c). Além destes, há um estudo sobre a fauna de serpentes, ainda não publicado. Neste estudo, realizado na Reserva Biológica do Lami, de novembro de 2002 a novembro de 2003, foi possível obter dados sobre a composição e abundância relativa das espécies de serpentes. Durante o período foram registradas oito espécies de serpentes. A cobra-verde (*Phylodryas olfersii*) foi a espécie mais abundante, correspondendo a metade dos registros, predominando nas áreas de restinga.

A cobra-d'água (*Helicops infrataeniatus*) foi a segunda serpente mais abundante, parecendo ser a espécie dominante nos ambientes aquáticos. *Philodryas olfersii* foi sempre registrada em dias quentes, inclusive no inverno, onde o período quente do dia é mais curto e as temperaturas máximas não são tão altas quanto às das outras estações. Esta espécie foi frequentemente avistada termorregulando sobre espécies de cactáceas ou outras plantas espinhentas presentes, principalmente, nas áreas de restingas da Reserva. Os dados obtidos neste estudo permitem inferir que as áreas de campo apresentam uma maior riqueza de espécies de serpentes, em comparação com as demais formações da Reserva. A maioria das espécies de serpentes registradas alimenta-se de anfíbios.

A fauna de répteis da Reserva Biológica do Lami claramente não é bem conhecida, mesmo em se tratando da composição de espécies. Demais aspectos sobre história natural são ainda mais desconhecidos. A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger é certamente um

local importante do ponto de vista da conservação, e novos estudos devem ser desenvolvidos na área. Com o intuito de contribuir para o conhecimento da fauna, mas especialmente visando estimular novos estudos, apresentamos a seguir uma lista comentada das espécies registradas na Reserva Biológica do Lami, ou no seu entorno. A lista contendo 28 espécies de répteis foi compilada através de observação direta dos autores em campo e a partir da análise de exemplares depositados nas coleções científicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. A classificação adotada segue basicamente a Lista de Répteis da Sociedade Brasileira de Herpetologia (BÉRNILS, 2010), com algumas modificações. Para as jararacas seguimos a nomenclatura proposta por Carrasco *et al.* (2012). Para a nomenclatura da família

Dipsadidae seguimos Grazziotin *et al.* (2012), que incorporam uma série de alterações nomenclaturais importantes. Sempre que conveniente nós comentamos as mudanças nomenclaturais (para gênero ou epíteto específico), visando facilitar ao leitor a comparação com obras anteriores. As informações sobre distribuição geográfica e história natural apresentada, foram em grande parte compiladas a partir da literatura especializada, contudo, visando não tornar difícil a leitura do texto para não-especialistas, optamos por omitir as referências específicas. Para a consulta às referências originais recomendamos Pontes e Di-Bernardo (1988), Lema e Ferreira (1990), Lema (1994, 2002), Bujes (1998a, 1998b, 1998c, 2010), Cabrera (1998), Giraud (2001), Campbell e Lamar (2004), Borges-Martins *et al.* (2007), Bencke *et al.* (2009) e HERPETOLOGIA-UFRGS (2010), além das demais referências apresentadas nesta introdução.

Espécies de répteis registradas na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger e arredores

SQUAMATA - Cobras-de-duas-cabeças

Família Amphisbaenidae

Amphisbaena trachura Cope, 1885

SQUAMATA - Lagartos

Família Anguidae

Ophiodes fragilis (Raddi, 1820)

Família Teiidae

Teius oculatus (D'Orbigny & Bibron, 1837)

Tupinambis meriana (Duméril & Bibron, 1839)

SQUAMATA - Serpentes

Família Colubridae

Chironius bicarinatus (Wied, 1820)

Mastigodryas bifossatus (Raddi, 1820)

Família Dipsadidae

Atractus reticulatus (Boulenger, 1885)

Helicops infrataeniatus (Jan, 1865)

Lygophis anomalus (Günther, 1858)

Erythrolamprus jaegeri (Günther, 1858)

Erythrolamprus semiaureus (Cope, 1862)

Erythrolamprus poecilogyrus (Wied, 1825)

Oxyrhopus rhombifer Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Philodryas olfersii Lichtenstein, 1823)

Philodryas patagoniensis (Girard, 1858)

Sibynomorphus aff. neuwiedi (Ihering, 1911)

Sibynomorphus ventrimaculatus (Boulenger, 1885)

Thamnodynastes hypoconia (Cope, 1860)

Thamnodynastes strigatus (Günther, 1858)

Tomodon dorsatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

Xenodon dorbignyi (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Xenodon merremii (Wagler, 1824)

Xenodon merremii (Wagler, 1824)

Família Elapidae

Micrurus altirostris (Cope, 1860)

Família Viperidae

Bothrops jararaca (Wied, 1824)

Bothrops pubescens (Cope, 1870)

Bothrops alternatus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

TESTUDINES - Quelônios

Família Chelidae

Phrynops hilarii (Duméril & Bibron, 1835)

Família Emydidae

Trachemys dorbigni (Duméril & Bibron, 1835)

CROCODILIA- Jacarés

Família Alligatoridae

Caiman latirostris (Daudin, 1802)

SQUAMATA - COBRAS-CEGAS OU COBRAS-DE-DUAS-CABEÇAS

Família AMPHISBAENIDAE
Amphisbaena trachura Cope, 1885
Cobra-cega
Figura 5



Figura 5. *Amphisbaena trachura* Cope, 1885. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie de anfisbenídeo de porte médio que atinge até 31 cm de comprimento rostro-cloacal. Apresenta o corpo recoberto de pequenas escamas quadrangulares dispostas em anéis. Não apresenta vestígios de membros. Os olhos são pequenos e encobertos pelas escamas cefálicas, uma adaptação ao hábito fossório. A cauda é curta, apresenta a extremidade romba coberta por escamas tuberculadas e pode ser partida em um único ponto. Apresenta coloração dorsal marrom claro uniforme, tornando-se mais clara no ventre.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até São Paulo, e nordeste da Argentina. Contudo, existem problemas no reconhecimento desta espécie e de outras relacionadas ao grupo de *Amphisbaena darwini* Duméril e Bibron, 1839 (VANZOLINI, 2002; GANS, 2005). Uma revisão taxonômica é necessária para melhor definir as espécies deste grupo e permitir uma compreensão dos padrões de distribuição.

Habitat. Vive em galerias escavadas no solo.

Biologia. É ovípara e possivelmente alimenta-se de pequenos artrópodos e minhocas. A fêmea coloca de dois a três ovos por volta de dezembro. Pode partir a cauda como estratégia para fugir de predadores, como a coral-verdadeira.

SQUAMATA - LAGARTOS

Família ANGUIDAE
Ophiodes fragilis (Raddi, 1820)
Cobra-de-vidro
Figura 6



Figura 6. *Ophiodes fragilis* (Raddi, 1820). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Lagarto serpentiforme de porte médio, com corpo muito alongado, que pode atingir até 23 cm de comprimento rostro-cloacal. A cauda é longa e pode ter até mais de uma vez e meia o comprimento do tronco. A cauda é frágil e pode ser partida facilmente em vários pontos como estratégia para escapar de predadores. Os membros anteriores estão ausentes e os posteriores são apenas vestigiais, sem dedos e unhas. Apresentam coloração dorsal metálica, dourada ou acobreada, com uma série de linhas pretas longitudinais. A região supralabial apresenta um padrão alternado de pequenas barras pretas e brancas. O ventre é acinzentado claro.

Distribuição. Ocorre aproximadamente ao longo dos domínios da Mata Atlântica, desde a Bahia ao Rio Grande do Sul, porém ocorrendo ainda no centro-oeste do Brasil e nordeste da Argentina (BORGES-MARTINS, 1998).

Habitat. É uma espécie de hábitos criptozóicos que pode ocupar diversos ambientes, mas sendo usualmente encontrada associada a ambientes de mata e locais úmidos.

Biologia. A dieta é constituída de pequenos artrópodes. Possui hábito diurno e ocasionalmente noturno. A reprodução é vivípara e cada fêmea pare em média 7,5 filhotes. É uma espécie abundante na região metropolitana de Porto Alegre.

Família TEIIDAE

***Teius oculatus* (D'Orbigny & Bibron, 1837)**

Lagartinho-verde

Figura 7



Figura 7. *Teius oculatus* D'Orbigny & Bibron, 1837).
Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie de lagarto de porte médio, que atinge até 40 cm de comprimento total, sendo que até 12 cm correspondem ao comprimento rostro-cloacal. Apresenta coloração complexa e dimorfismo sexual. O dorso é esverdeado, com séries longitudinais de manchas escuras e linhas brancas. Os machos no período reprodutivo apresentam coloração verde brilhante. Apresentam apenas quatro dedos nos membros posteriores.

Distribuição. Distribui-se pelo sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina.

Habitat. Ocorre em formações abertas, de campos e restingas, com ou sem afloramentos de rochas.

Biologia. Apresenta hábitos diurnos. Os indivíduos deslocam-se muito rapidamente e caçam ativamente pequenos artrópodes. É uma espécie ovípara e as fêmeas põem até oito ovos em novembro, que eclodem em janeiro. Podem ser encontrados inativos sob rochas, mas também podem construir tocas no solo. A espécie é muito abundante na região da Reserva e pode ser facilmente observada em atividade durante as estações mais quentes do ano.

***Tupinambis merianae* (Duméril & Bibron, 1839)**

Lagarto, teju

Figura 8 e 9



Figura 8. *Tupinambis merianae* (Duméril & Bibron, 1839).
Foto: M. Borges-Martins.



Figura 9. *Tupinambis merianae* (Duméril & Bibron, 1839).
Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Maior lagarto do sul do Brasil. Pode atingir cerca de 40 cm de comprimento rostro-cloacal e até 130 a 150 cm de comprimento total. A cauda é forte e de seção arredondada, podendo medir cerca de duas vezes o comprimento rostro-cloacal quando inteira, porém pode ser partida para fugir de predadores. A cabeça é grande, correspondendo a cerca de 20% do comprimento rostro-cloacal. Os lagartos deste gênero são os maiores das Américas. Adultos apresentam coloração dorsal de fundo acinzentada ou marrom com faixas transversais pretas estreitas. A cauda apresenta anéis pretos e claros alternados. O ventre é claro. Os filhotes apresentam a cabeça e início do tronco com coloração verde-brilhante.

Distribuição. Distribui-se desde o sudeste da Amazônia até o leste, centro e sul do Brasil até o Uruguai e norte da Argentina.

Habitat. É uma espécie terrícola que pode eventualmente subir em troncos de árvores para alcançar frutos ou abrigar-se em cavidades. Ocorre principalmente associada às áreas abertas, sendo encontrada em regiões de Cerrado, Caatinga, Chaco, mas também em várias formações abertas nos domínios da Mata Atlântica.

Biologia. É um forrageador ativo, com dieta bastante variada, alimentando-se de pequenos roedores, aves, serpentes, anuros, invertebrados (artrópodos e moluscos), ovos e frutos. Aparentemente são importantes predadores de ovos de quelônios como *Trachemys dorbigni* e *Phrynops hilarii*, inclusive na área da Reserva Biológica do Lami (ver texto relativo aos quelônios). Apresenta atividade sazonal bem demarcada, sendo visto apenas durante os meses mais quentes do ano. É uma espécie diurna, estando ativa nos períodos quentes do dia. Quando acuado, usualmente foge velozmente, porém como tática defensiva, abre a boca, pode inflar e elevar o corpo e bufar. Se capturado, morde e pode desferir golpes com a cauda. Eventualmente pode erguer o tronco e desenvolver postura bipedal durante a fuga ou ataque. As fêmeas atingem a maturidade com cerca de 300 mm e aparentemente depositam uma única desova por estação, entre novembro e dezembro. Os ovos são elípticos (40 x 27 mm), pesam cerca de 17 g e as desovas podem ter mais de 30 ovos.

SQUAMATA - SERPENTES

Família COLUBRIDAE
Chironius bicarinatus (Wied, 1820)
 Caninana-verde
 Figura 10



Figura 10. *Chironius bicarinatus* (Wied, 1820). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de tamanho mediano a grande, atingindo mais de 170 cm de comprimento total, que possui corpo delgado e cauda muito longa (de 32 a 65% do comprimento total). Apresenta coloração dorsal verde, com uma faixa vertebral amarelada ou esbranquiçada ao longo de todo o dorso. A coloração ventral é amarelada. Os olhos são grandes. Algumas escamas dorsais apresentam quilhas medianas, especialmente visíveis nos machos. É a única espécie da Reserva com número par de fileiras longitudinais de escamas dorsais.

Distribuição. Ocorre desde o nordeste do Brasil, pela costa atlântica até o sul do Rio Grande do Sul; nordeste da Argentina e oeste do Uruguai.

Habitat. Possui hábito subarborícola. Ocupa o interior e as bordas de matas.

Biologia. Apresenta atividade diurna. Alimenta-se de anuros e ocasionalmente de lagartos. É ovípara, havendo registros de fêmeas portando quatro a dez ovos nos ovidutos. Quando acuados, indivíduos desta espécie elevam a parte superior do corpo, inflam e achatam lateralmente o pescoço e escancaram a boca, desferindo botes se a ameaça persistir.

***Mastigodryas bifossatus* (Raddi, 1820)**
Jararaca-do-banhado
Figura 11



Figura 11. *Mastigodryas bifossatus* (Raddi, 1820). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de grande porte, chegando a atingir 200 cm de comprimento total, dos quais 11 a 32 % correspondem à cauda. Apresenta coloração dorsal de fundo clara, acinzentada ou marrom, com três séries de manchas escuras que podem ou não se unir e formar faixas transversais. Apresenta a região supralabial clara, com barras escuras nas suturas e uma faixa escura posterior ao olho.

Distribuição. Ocorre desde o norte da América do Sul, na Venezuela e Colômbia, até o sul do Brasil, incluindo Bolívia, Paraguai e nordeste da Argentina.

Habitat. Exemplos podem ser observados na água, sobre o solo e eventualmente sobre a vegetação, ocupando tanto áreas abertas como áreas de mata.

Biologia. Aparentemente alimenta-se de anfíbios, lagartos, pássaros e outros animais. É ovípara, com desovas compostas por oito a dezoito ovos. São extremamente agressivas, batendo a cauda contra o substrato e desferindo botes quando acuadas, embora sempre tentem a fuga, deslocando-se rapidamente.

Família DIPSADIDAE
***Atractus reticulatus* (Boulenger, 1885)**
Cobra-da-terra
Figura 12



Figura 12. *Atractus reticulatus* (Boulenger, 1885). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie não peçonhenta de pequeno porte, atingindo até 41 cm de comprimento total, com cauda curta, correspondendo de 9 a 14% do comprimento total. Apresentam coloração dorsal rosada ou avermelhada, levemente mais escura na região vertebral. As escamas apresentam as bordas mais escuras, dando um aspecto reticulado ao dorso. Apresenta um colar transversal claro nugal, que pode estar mais ou menos evidente, seguido de um colar escuro. O ventre é branco. Os olhos são pequenos.

Distribuição. Ocorre desde o sul de Minas Gerais, ao longo de todo o sul do Brasil, até o norte do Uruguai e nordeste da Argentina.

Habitat. Apresenta hábitos fossoriais, ocorrendo ao longo de diferentes formações de Pampas, Mata Atlântica e Cerrado.

Biologia. Espécie ovípara, que realiza uma desova composta por poucos ovos (de um a três), porém com massa correspondendo a até 27% da massa da fêmea. Alimenta-se exclusivamente de Anelídeos, principalmente de minhocas.

***Helicops infrataeniatus* (Jan, 1865)**
Cobra-d'água-meridional
Figuras 13 e 14



Figura 13. *Helicops infrataeniatus* (Jan, 1865). Foto: M. Borges-Martins.



Figura 14. *Helicops infrataeniatus* (Jan, 1865). Aspecto ventral. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente aquática não peçonhenta de porte médio, podendo atingir 100 cm de comprimento total, dos quais 15 a 30% correspondem à cauda. Apresenta olhos e narinas posicionados mais próximos da região anterior da cabeça, levemente voltados para cima, como adaptação ao hábito aquático. Apresenta coloração dorsal escura, quase preta, e coloração ventral muito variável, constituída por manchas pretas e faixas ou mancha irregulares amarelas ou vermelhas.

Distribuição. Distribui-se no sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Habitat. Espécie aquática, podendo ser encontrada em inúmeros tipos de corpos d'água.

Biologia. Possui atividade tanto no período diurno quanto noturno e se alimenta de peixes e anfíbios anuros. É vivípara, tendo sido observados ninhadas compostas de cinco a 22 filhotes. É agressiva e costuma morder repetidamente quando manuseada. Parece ser uma das espécies mais comuns na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.

***Lygophis anomalus* (Günther, 1858)**
Jararaquinha-d'água
Figuras 15 e 16



Figura 15. *Lygophis anomalus* (Günther, 1858). Foto: M. Borges-Martins.



Figura 16. *Lygophis anomalus* (Günther, 1858). Aspecto ventral. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de pequeno porte, atingindo pouco mais de 70 cm de comprimento total, dos quais 20 a 29%

correspondem a cauda. Apresenta uma coloração dorsal marrom-claro, com séries de pontos pretos e duas linhas dorso-laterais amareladas e uma linha vertebral vermelha. O ventre é claro anteriormente e alaranjado na porção posterior. Esta espécie, juntamente com outras originalmente no gênero *Liophis* foram recentemente transferidas para *Lygophis* (GRAZZIOTIN *et al.*, 2012).

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, Uruguai e Argentina.

Habitat. Ocupa preferencialmente ambientes aquáticos, parecendo ter hábitos semi-aquáticos

Biologia. Alimenta-se de anfíbios e ocasionalmente de pequenos lagartos e peixes. É ovípara, depositando de seis a 15 ovos. Parece ser rara na Reserva. Existem apenas dois registros em coleções científicas, ambos obtidos da década de 60.

***Erythrolamprus jaegeri* (Günther, 1858)**
Cobra-d'água-verde
Figura 17



Figura 17. *Erythrolamprus jaegeri* (Günther, 1858). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de pequeno porte, atingindo cerca de 55 cm de comprimento total com a cauda correspondendo de 18 e 25 % deste. A cabeça é relativamente pequena. Apresenta coloração dorsal verde uniforme, com uma faixa vertebral marrom escura. O ventre é avermelhado, sendo mais claro anteriormente. Esta espécie, juntamente com outras originalmente no gênero *Liophis* foram recentemente transferidas para

Erythrolamprus (GRAZZIOTIN *et al.*, 2012).

Distribuição. Ocorre no sul e sudeste do Brasil, Uruguai e Argentina.

Habitat. Habita geralmente ambientes alagados em áreas abertas.

Biologia. Possui atividade tanto diurna quanto noturna. Alimenta-se principalmente de anfíbios anuros (incluindo desovas e girinos), ou peixes. É ovípara, com desovas compostas de cinco a 13 ovos. Indivíduos desta espécie utilizam descargas cloacais como comportamento defensivo quando são capturados.

***Erythrolamprus semiaureus* (Cope, 1862)**
Cobra-lisa
Figuras 18 e 19



Figura 18. *Erythrolamprus semiaureus* (Cope, 1862). Foto: M. Borges-Martins.



Figura 19. *Erythrolamprus semiaureus* (Cope, 1862). Aspecto ventral. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de porte mediano, atingindo 120 cm de comprimento total, do qual 17 a 21% corresponde à cauda. A coloração varia ao longo do desenvolvimento. Juvenis possuem um colar nugal claro, marginado por dois colares escuros em vorma de “V”, que gradativamente desaparecem com a idade, sendo ausente nos adultos. Indivíduos juvenis costumam achatam o pescoço dorso-ventralmente, acentuando o contraste de coloração nesta região do corpo. A coloração dorsal é esverdeada, usualmente verde-oliva, com as bordas das escamas pretas, formando um padrão reticulado. O ventre é amarelado, com as bordas laterais posteriores das escamas marginadas de preto. Esta espécie, juntamente com outras originalmente no gênero *Liophis* foram recentemente transferidas para *Erythrolamprus* (GRAZZIOTIN *et al.*, 2012). Esta espécie se assemelha à *Erythrolamprus miliaris*, espécie da qual era considerada subespécie até recentemente. A contagem de escamas ventrais permite a diagnose das espécies, porém, existem indivíduos com contagens intermediárias.

Distribuição. Ocorre no Rio Grande do Sul, Uruguai, nordeste da Argentina e sul do Paraguai.

Habitat. Possui hábito semi-aquático, ocupando formações abertas ou de floresta, sempre próximo de corpos d’água.

Biologia. Possui atividade tanto diurna quanto noturna. A espécie alimenta-se principalmente de anfíbios anuros, porém peixes também parecem ser importantes na dieta da espécie. É ovípara, existindo registros de fêmeas contendo entre cinco e 25 ovos. Quando capturados, indivíduos desta espécie utilizam descargas cloacais fétidas, mas não procuram morder.

***Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied, 1825)**
Cobra-verde
Figuras 20 e 21



Figura 20. *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied, 1825). Foto: M. Borges-Martins.



Figura 21. *Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied, 1825). Aspecto ventral. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de porte mediano, que atinge pouco mais de 70 cm de comprimento total, dos quais 13 a 20 % correspondem à cauda. Fêmeas atingem maior tamanho corporal que machos. A coloração dorsal geral é esverdeada, com um padrão irregular de reticulado formado pelas bordas posteriores pretas das escamas. O ventre é amarelado, com manchas pretas irregulares. Apresenta variação ontogenética, sendo os filhotes mais manchados e com coloração de fundo mais clara, apresentando um colar nugal preto. Esta espécie, juntamente com outras originalmente no

gênero *Liophis* foram recentemente transferidas para *Erythrolamprus* (GRAZZIOTIN *et al.*, 2012).

Distribuição. Possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo em quase toda a América do Sul a leste dos Andes. A espécie apresenta uma grande variação de colorido ao longo de sua distribuição geográfica, sendo reconhecidas atualmente quatro subespécies. A subespécie presente na região da Reserva corresponde à *Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus*, que ocorre na metade sul do Rio Grande do Sul, no Uruguai e no centro e nordeste da Argentina.

Habitat. Habita áreas abertas associadas às áreas úmidas.

Biologia. Apresenta atividade principalmente diurna, sendo mais intensa no início da manhã e no final da tarde. A dieta consiste principalmente de anuros (incluindo desovas e larvas), ou peixes. Foram observados acasalamentos nos meses entre agosto e novembro e em janeiro, desovas entre novembro e fevereiro e nascimentos entre janeiro e abril. É ovípara, havendo registros de desovas constituídas por três a nove ovos. Quando capturados, indivíduos desta espécie costumam utilizar descargas cloacais fétidas. É uma espécie abundante na região de Porto Alegre e em quase todas as áreas baixas do Rio Grande do Sul.

***Oxyrhopus rhombifer* Duméril, Bibron & Duméril, 1854**
Falsa-coral
Figura 22



Figura 22. *Oxyrhopus rhombifer* Duméril, Bibron & Duméril, 1854, Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dente opistóglifa, porém sem registros de acidentes graves. Serpente de porte mediano, atingindo cerca de 100 cm de comprimento total, dos quais 15 a 25 % correspondem à cauda. Fêmeas atingem maior comprimento que machos. A coloração dorsal é composta por um fundo vermelho, com uma série de manchas pretas de formato aproximadamente losangular, intercaladas por manchas dorsais amareladas. O ventre é uniformemente branco. Devido à coloração vermelha, preta e amarela, esta espécie é frequentemente confundida com a coral-verdadeira (*Micrurus altirostris*), porém pode ser diferenciada desta por não apresentar padrão anelado, além de possuir o ventre claro.

Distribuição. Ocorre no Brasil, desde o sul do rio Amazonas até o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

Habitat. Possui hábito terrícola, ocupando áreas abertas ou matas limítrofes com áreas abertas.

Biologia. Apresenta atividade principalmente noturna. Alimenta-se de lagartos e roedores, existindo uma variação ontogenética na composição da dieta; indivíduos pequenos alimentam-se de lagartos e indivíduos grandes alimentam-se de roedores. A reprodução é sazonal, havendo registros de acasalamentos em agosto e novembro, desovas entre dezembro e janeiro e nascimentos entre fevereiro e abril. É ovípara, tendo sido registradas desova composta por dois a 16 ovos. A espécie é bastante dócil, utilizando descargas cloacais como comportamento defensivo.

***Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823)**
Cipó-listrada
Figura 23



Figura 23. *Philodryas olfersii* (Lichtenstein, 1823). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dentição opistóglifa que pode causar acidentes moderados ou graves. Serpente de tamanho mediano (fig. 22), atingindo cerca de 150 cm de comprimento total, e com cauda relativamente longa, que corresponde entre 23 e 36 % do tamanho corporal. As fêmeas atingem maior tamanho corporal que os machos. A coloração dorsal é verde clara uniforme, com uma linha estreita vertebral marrom ou dourada, que ocupa também o topo da cabeça (diferenciando-se assim de *E. jaegeri*, espécie menor e inofensiva). Apresenta uma linha preta fina pós-ocular. A coloração ventral é amarela esverdeada clara. As escamas dorsais não apresentam quilhas medianas.

Distribuição. Possui ampla distribuição na América do Sul a leste dos Andes, ocorrendo desde as Guianas até o Uruguai. Ao longo de sua distribuição são reconhecidas três subespécies, das quais *P. olfersii olfersii* corresponde ao táxon ocorrente no Rio Grande do Sul (THOMAS, 1976).

Habitat. Possui hábito subarborícola e pode ser encontrada tanto em ambientes florestados como em áreas abertas e bordas de mata, deslocando-se no chão ou sobre a vegetação.

Biologia. Possui atividade diurna e se alimenta de pequenos mamíferos, aves, anuros e lagartos, que subjuga com envenenamento e constrição. É

ovípara, havendo registros de desovas constituídas por sete e oito ovos. Seu comportamento defensivo consiste basicamente em fugir rapidamente pelo chão ou sobre a vegetação, porém quando acuada ou capturada, morde com extrema agilidade, inoculando veneno. A peçonha desta espécie é muito ativa, com forte ação local que geralmente causa extensos edemas. Existe um registro de óbito de uma criança, causado por acidente com *P. olfersii* (SALOMÃO; DI-BERNARDO, 1995).

***Philodryas patagoniensis* (Girard, 1858)**
Papa-pinto
Figura 24



Figura 24. *Philodryas patagoniensis* (Girard, 1858). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dentição opistóglifa, porém sem registros de acidentes graves. Serpente de porte mediano, atingindo cerca de 140 cm de comprimento total, dos quais de 21 a 31 % correspondem à cauda. As fêmeas atingem maior tamanho do que os machos. A coloração dorsal é marrom ou oliva, pontilhada por um reticulado irregular preto e branco, podendo apresentar duas ou mais finas linhas longitudinais brancas. O ventre é acinzentado claro, com as bordas posteriores das escamas mais escuras.

Distribuição. Possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde o nordeste até o sul do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Habitat. Possui hábito terrícola, ocupando principalmente áreas de campo e bordas de mata.

Biologia. No Rio Grande do Sul foi verificada atividade exclusivamente diurna e em todos os meses do ano. No outono e inverno a atividade foi mais intensa no período mais quente do dia, mas nos dias ensolarados de primavera e verão ocorreu principalmente no início da manhã e final da tarde. Possui uma dieta variada, consumindo peixes, anuros, lagartos, aves, mamíferos e serpentes (inclusive com registros de canibalismo). No Rio Grande do Sul a reprodução é sazonal, tendo sido observadas desovas entre novembro e janeiro constituídas por sete a 20 ovos. Quando acuada, pode achatarse o corpo dorso-ventralmente, desferir botes e morder com agilidade. Quando capturados, diversos indivíduos fingem-se de mortos (tanatose).

***Sibynomorphus* aff. *neuwiedi* (Ihering, 1911)**
Dormideira-cinzenta
Figuras 25 e 26



Figura 25. *Sibynomorphus* aff. *neuwiedi* (Ihering, 1911). Foto: M. Borges-Martins.

neuwiedi ocorrente no Rio Grande do Sul diferencia-se das demais populações, sendo uma espécie independente. Segundo este autor, esta população é restrita ao Rio Grande do Sul, nas proximidades de Porto Alegre, em um raio de cerca de 100 km.

Habitat. Possuem hábito terrícola, ocupando principalmente áreas de mata.

Biologia. Apresenta atividade noturna. Sua dieta consiste basicamente de lesmas, semelhante ao observado para as demais espécies do gênero *Sibynomorphus*. É ovípara, havendo registro de uma desova composta por 10 ovos. Quando capturadas utilizam descargas cloacais fétidas como comportamento defensivo, podendo elevar e triangular a cabeça.



Figura 26. *Sibynomorphus* aff. *neuwiedi* (Ihering, 1911). Detalhe do comportamento de triangulação da cabeça. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de pequeno porte, atingindo cerca de 70 cm de comprimento total. As fêmeas atingem maior comprimento que os machos. Apresenta coloração dorsal acinzentada, com séries de grandes manchas pretas, com bordas levemente mais claras. A cabeça é dorsalmente escura, com manchas irregulares pretas. O ventre é claro, com pequenas manchas escuras.

Distribuição. Durante muito tempo *S. neuwiedi* foi denominada erroneamente no Rio Grande do Sul como *S. mikanii*. Franco (1994) revisou o gênero *Sibynomorphus* e constatou que a população de *S.*

***Sibynomorphus ventrimaculatus* (Boulenger, 1885)**
Dormideira
Figura 27



Figura 27. *Sibynomorphus ventrimaculatus* (Boulenger, 1885). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de pequeno porte, atingindo 65 cm de comprimento total, dos quais 15 a 22 % correspondem à cauda. As fêmeas atingem maior comprimento que os machos. Apresenta coloração dorsal formada por grandes manchas pretas, sob um fundo cinza claro. Ao contrário de *S. aff. neuwiedi*, esta espécie apresenta as manchas pretas ocupando quase toda a coloração dorsal. A coloração ventral também permite diferenciar as duas espécies, com *S. ventrimaculatus* apresentando muitas manchas pretas irregulares.

Distribuição. Ocorre no Rio Grande do Sul, leste do Paraná, sul de São Paulo, Mato Grosso do Sul, e na Argentina.

Habitat. Possui hábito predominantemente terrícola.

Biologia. Apresenta atividade noturna. Assim como as demais espécies de *Sibynomorphus*, sua dieta consiste de lesmas e caracóis. É ovípara, havendo registros de desovas compostas por quatro e cinco ovos. O comportamento defensivo consiste em expelir conteúdo cloacal.

***Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860)**
Corredeira-carejada
Figura 28



Figura 28. *Thamnodynastes hypoconia* (Cope, 1860) encontrada abrigada entre telhas de barro. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dentição opistóglifa, porém sem registros de acidentes graves. Serpente de pequeno porte, com corpo bastante delgado, atingindo 70 cm de comprimento total, dos quais 20 a 29 % correspondem à cauda. Apresenta coloração dorsal marrom, mais escura nas laterais, com algumas séries longitudinais de faixas e pequenos pontos pretos e alaranjados. Apresenta uma faixa escura pós-ocular. O ventre é branco, com duas séries de manchas formando linhas escuras nas bordas laterais das escamas ventrais. As escamas dorsais apresentam quilhas medianas bem perceptíveis.

Distribuição. Ocorre no nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Habitat. Ocupa áreas abertas com vegetação baixa e possui hábito semi-arborícola, podendo ser encontrada sobre árvores baixas e arbustos, sempre próximo de corpos d'água.

Biologia. Possui atividade noturna e alimenta-se de anuros e lagartos. É vivípara, com ninhadas compostas por quatro a 12 filhotes. Quando ameaçada, costuma achatá-lo corpo dorso-ventralmente e desferir mordidas. A peçonha pode causar edema e dor no local da picada.

***Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858)**
Corredeira-lisa
Figura 29



Figura 29. *Thamnodynastes strigatus* (Günther, 1858) deslocando-se sobre a vegetação. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dentição opistóglifa, porém sem registros de acidentes graves. Serpente de porte mediano, atingindo cerca de 80 cm de comprimento total, dos quais 20 a 26 % correspondem à cauda. Apresenta coloração dorsal marrom, com padrão complexo de séries longitudinais de faixas e pontos pretos e claros. Apresenta uma faixa escura pós-ocular. O ventre é branco, com duas séries de manchas formando linhas escuras nas bordas laterais das escamas ventrais. As escamas dorsais não apresentam quilhas medianas, o que permite diferenciar esta espécie de *Thamnodynastes hypoconia*.

Distribuição. Ocorre na Argentina, Paraguai, Uruguai e no sudeste e sul do Brasil.

Habitat. Indivíduos de *T. strigatus* podem ser encontrados tanto sobre a vegetação, como sobre o solo e dentro da água. Os substratos mais elevados da vegetação são utilizados principalmente para repouso, enquanto que os substratos mais baixos são utilizados para forrageio.

Biologia. A atividade é noturna e a dieta é composta por anuros, peixes, mamíferos e répteis. É vivípara, produzindo ninhadas compostas por seis a 17

filhotes. Quando capturadas são bastante agressivas e sua peçonha pode causar edema e dor local intensa.

***Tomodon dorsatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854**
Cobra-espada
Figura 30



Figura 30. *Tomodon dorsatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie com dentição opistóglifa, porém sem registros de acidentes graves. Cabeça bem distinta do pescoço, tronco relativamente reforçado e cauda curta. Comprimento total atingindo até 65 cm, dos quais 17 a 28% correspondem à cauda. Pupila elíptica ou circular. A coloração dorsal é verde-oliva-amarelado. Dorsalmente, apresenta pequenas manchas negras dispostas em linhas transversais. Apresenta uma faixa negra pós-ocular. O ventre é oliváceo, com tênues manchas negras.

Distribuição. Ocorre no Brasil, desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, no Paraguai, e noroeste da Argentina.

Habitat. Habita a região florestada da porção elevada do Planalto Meridional do Brasil. Possui hábito terrícola, eventualmente arborícola, e atividade diurna.

Biologia. Alimenta-se exclusivamente de lesmas. É vivípara, havendo registros de ninhadas compostas de quatro até 26 filhotes. Indivíduos

ágeis e geralmente agressivos, que achatam o corpo dorso-ventralmente (daí o nome popular de cobra-espada), escancaram a boca (mostrando a coloração negra da mucosa) e desferem mordidas quando acuados.

***Xenodon dorbignyi* Duméril, Bibron & Duméril, 1854**
Nariguda
Figura 31



Figura 31. *Xenodon dorbignyi* Duméril, Bibron & Duméril, 1854. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente terrestre, não peçonhenta, de porte médio, que pode atingir aproximadamente 60 cm de comprimento total, com cauda curta (10 a 16% do comprimento total). Machos e fêmeas de *X. dorbignyi* atingem o mesmo comprimento. Apresenta coloração dorsal parda clara, podendo ter áreas avermelhadas, com três séries longitudinais de grandes manchas escuras no dorso e lados do corpo. O ventre é avermelhado, com manchas pretas irregulares. Devido à coloração dorsal, esta espécie é frequentemente confundida com as jararacas (*Bothrops* spp.). É uma espécie bastante característica por apresentar a ponta do focinho levantada. Esta espécie até recentemente estava alocada no gênero *Lystrophis*.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai onde apresenta grande variedade de padrões. Lema (1994) descreveu quatro subespécies, alocando as populações da Depressão Central e do litoral interno e externo do Rio Grande do Sul em *Xenodon dorbignyi occidentalis*.

Habitat. Possui hábito terrícola, ocupando principalmente ambientes arenosos, permanecendo seu período de atividade sobre a areia e de inatividade enterrada.

Biologia. A atividade ocorre ao longo do ano inteiro, mas é mais intensa entre agosto e dezembro e restrita ao período diurno. Nos dias ensolarados de primavera e verão a atividade é restrita ao início da manhã e final da tarde, mas nos dias nublados destas estações, no outono e no inverno, ocorre nos períodos mais quentes do dia. A dieta de *X. dorbignyi* consiste principalmente de anfíbios anuros, embora possa predar também pequenos lagartos (*Liolaemus occipitalis*) e seus ovos. A espécie forrageia ativamente, capturando presas que estão inativas, enterradas na areia. No litoral do Rio Grande do sul a reprodução é sazonal e anual, com acasalamentos ocorrendo entre agosto e dezembro, desovas entre novembro e janeiro e nascimentos entre janeiro e abril. É ovípara, tendo sido observadas desovas compostas por três a 10 ovos. Não costuma morder quando manuseada, mas pode assumir atitudes intimidativas, mostrando a cauda avermelhada quando molestada e desferindo alguns botes. A espécie parece ser rara na região da Reserva, existindo apenas um exemplar registrado em 1971.

***Xenodon merremii* (Wagler, 1824)**
Boipeva
Figura 32



Figura 32. *Xenodon merremii* (Wagler, 1824). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente não peçonhenta de porte mediano, atingindo mais de 130 cm de comprimento total, que possui corpo bastante robusto e cauda curta (11 a 19 % do comprimento total). As fêmeas atingem maior tamanho que os machos. Apresenta coloração dorsal bastante variável, mas geralmente é marrom clara, com uma série de faixas largas transversais marrom escuras. O dorso pode ter ainda coloração amarelada ou alaranjada. Apresenta uma faixa escura pós-ocular. Devido ao seu padrão de colorido e comportamento, esta espécie é frequentemente confundida com as jararacas (*Bothrops* spp.). Esta espécie até recentemente estava alocada no gênero *Waglerophis*.

Distribuição. Possui ampla distribuição geográfica ao longo das Guianas, Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Habitat. Possui hábito terrícola, ocupando desde florestas quentes e úmidas até regiões de desertos arbustivos e zonas áridas.

Biologia. Apresenta atividade diurna. Alimenta-se exclusivamente de anfíbios anuros, principalmente de sapos do gênero *Rhinella*. Possui dentes longos e reforçados na região posterior do maxilar, que utilizam para perfurar o ventre dos anfíbios que se inflam ao serem atacados, de forma que possa engoli-los facilmente. É ovípara, tendo sido registradas desovas compostas por sete a 35 ovos. Quando ameaçados, indivíduos desta espécie achatam o corpo dorso-ventralmente e desferem botes.

Família ELAPIDAE
***Micrurus altirostris* (Cope, 1860)**
 Coral-verdadeira
 Figura 33



Figura 33. *Micrurus altirostris* (Cope, 1860). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie peçonhenta, com dentição proteróglifa, de porte mediano, atingindo até 130 cm de comprimento total. Apresenta corpo bastante delgado e cauda muito curta. A coloração dorsal e ventral é formada por um número variável de sequências de três anéis pretos, intercalados por dois anéis brancos ou amarelados. Entre estas “tríades” a coloração é vermelha. A coloração dorsal e ventral anelada torna a espécie de fácil reconhecimento.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, nordeste da Argentina e Uruguai.

Habitat. Possui hábito fossorial, habitando áreas abertas ou de mata.

Biologia. Apresenta atividade diurna. Alimenta-se de cobras-cegas (*Amphisbaena* spp.), serpentes e lagartos. É ovípara, havendo registros de desovas constituídas por um a sete ovos. O comportamento defensivo da espécie consiste em erguer e enrolar a cauda, escondendo a cabeça sob o corpo. Os acidentes com esta espécie são muito raros, uma vez que geralmente não é agressiva, contudo pode morder quando molestada. No Rio Grande do Sul, apenas 0,1%

dos acidentes ofídicos são causados por corais verdadeiras. Apresenta secreção extremamente tóxica, de ação neurotóxica, que pode causar acidentes muito graves e potencialmente letais se não tratados com soro antiofídico.

Família VIPERIDAE
***Bothrops alternatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854**
Cruzeira, urutu
Figura 34



Figura 34. *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente peçonhenta, com denteção solenóglifa, de grande porte, podendo atingir 170 cm de comprimento total. As escamas dorsais são alongadas e fortemente quilhadas. Cabeça triangular, bem destacada do corpo. Fossetas loreais (termoreceptoras) presentes na região entre os olhos e as narinas. Possui corpo bastante robusto e cauda relativamente curta. As fêmeas alcançam maior tamanho e possuem o corpo mais robusto que os machos. A coloração dorsal é usualmente marrom claro, com duas séries de grandes manchas semicirculares laterais marrons, com as bordas pretas, contrastando com uma margem branca. Dorsalmente, entre as manchas grandes, existem pequenas manchas escuras irregulares. A cabeça apresenta um padrão de coloração complexo, com manchas dorsais marrom escuras, uma larga faixa marrom pós-ocular, sob um fundo marrom claro ou branco, e com supralabiais brancas. A área central das manchas laterais ou das manchas dorsais da cabeça pode formar um padrão em

cruz, de onde deriva o nome comum da espécie.

Distribuição. Ocorre no Centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Habitat. Possui hábito terrícola, ocupando geralmente áreas abertas e úmidas.

Biologia. No Rio Grande do Sul foram observados indivíduos ativos tanto no período diurno quanto noturno. A dieta é composta por pequenos mamíferos. É vivípara, tendo sido registradas ninhadas compostas por um até 26 filhotes. Quando acuados, indivíduos desta espécie enrolam-se, vibram a cauda e desferem botes. Esta espécie, assim como as demais do gênero *Bothrops*, apresenta veneno de ação proteolítica, coagulante e hemorrágica e pode causar acidentes fatais, ou mutiladores se não forem corretamente tratados com soro antiofídico. Cerca de 80% dos acidentes registrados no Rio Grande do Sul são por serpentes do gênero *Bothrops*.

***Bothrops jararaca* (Wied, 1824)**
Jararaca
Figura 35



Figura 35. *Bothrops jararaca* (Wied, 1824). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente peçonhenta, com denteção solenóglifa. Comprimento total atingindo até 150 cm. Cauda curta. Pupila elíptica. Corpo delgado, com escamas alongadas e fortemente quilhadas. Cabeça triangular, bem destacada do corpo. Fossetas loreais (termoreceptoras) presentes na região entre os olhos e as narinas. Cabeça com ou sem pequenas manchas

escuras difusas no dorso; lateralmente com uma faixa escura do olho até o final da mandíbula. Coloração dorsal variável. A cor de fundo pode ser bronze, marrom, cinza, amarelo, oliva ou castanho, geralmente com manchas trapezoidais escuras, que podem estar ausentes ou obscurecidas pela coloração escura do corpo. Ventre branco-esverdeado ou branco-amarelado com manchas escuras irregulares; às vezes é uniformemente escuro. Juvenis possuem a ponta da cauda clara.

Distribuição. Ocorre desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, estendendo-se ao oeste até o Mato Grosso do Sul, norte da Argentina e nordeste do Paraguai.

Habitat. Habita diversas formações florestais nos domínios da Mata Atlântica. Possui hábito terrícola, embora possa ser encontrada sobre arbustos.

Biologia. A atividade é noturna. Juvenis alimentam-se principalmente de anfíbios e adultos de pequenos mamíferos. É vivípara, com ninhadas de três a 24 filhotes. Parece ser rara na zona sul de Porto Alegre, onde está localizada a Reserva Biológica do Lami, existindo apenas um registro em coleção obtido em 1971. A peçonha desta espécie possui ação proteolítica, coagulante e hemorrágica. Os acidentes são potencialmente letais. Os indivíduos são agressivos e enrodam o corpo, vibram a cauda e desferem botes quando ameaçados.

***Bothrops pubescens* (Cope, 1870)**
Jararaca-pintada
Figura 36



Figura 36. *Bothrops pubescens* (Cope, 1870). Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Serpente peçonhenta com dentição solenóglifa. Apresenta porte mediano, alcançando geralmente de 70 a 80 cm de comprimento total, embora possa atingir até 120 cm. Possui cauda curta. Pupila elíptica. Escamas dorsais alongadas e fortemente quilhadas. Cabeça triangular, bem destacada do corpo. Fossetas loreais (termo-receptoras) presentes na região entre os olhos e as narinas. Fêmeas alcançam maior comprimento que machos. A coloração dorsal é acinzentada ou marrom, com séries de manchas escuras, com bordas contrastadas. O padrão de coloração dorsal é bastante variado. A região paraventral é usualmente rosada. O dorso da cabeça apresenta pequenas manchas irregulares e uma faixa pós-ocular marrom. As supralabiais apresentam coloração clara, branca ou acinzentada, com manchas escuras.

Distribuição. Possui distribuição restrita, ocorrendo no Rio Grande do Sul e Uruguai. Não existem registros desta espécie no litoral externo da Lagoa dos Patos e nem para o Litoral Norte do Rio Grande do Sul ao sul de Osório. Até recentemente *B. pubescens* era considerada como uma das 12 subespécies de *B. neuwiedii*, sete das quais foram elevadas à categoria específica (SILVA, 2004).

Habitat. Possui hábito terrícola e ocupa áreas abertas de campos, restingas, ou florestas.

Biologia. A dieta da espécie é bastante variada e consiste de lacraias, anfíbios, lagartos, serpentes, mamíferos e aves e há variação ontogenética na dieta. Indivíduos pequenos (<35 cm) alimentam-se principalmente de anfíbios e não consomem mamíferos, indivíduos de tamanho mediano (entre 45 e 65 cm) predaram todas as categorias de presa e indivíduos grandes (>85 cm) consomem exclusivamente mamíferos. Indivíduos juvenis apresentam a ponta da cauda branca, provavelmente utilizada para atrair presas ectotérmicas das quais se alimentam. Possui atividade tanto diurna quanto noturna. É uma espécie vivípara. Acasalamentos foram observados em cativeiro de abril a agosto e nascimentos foram registrados entre janeiro e maio. As ninhadas são compostas por 11 filhotes em média, variando de quatro a 25 filhotes. Em cativeiro apresentam reprodução anual, contudo, a baixa frequência de fêmeas maduras prenhes encontradas, indica que na natureza a reprodução possa se dar

em intervalos de dois ou mais anos. A espécie utiliza uma série de comportamentos defensivos, sendo os mais utilizados a fuga, o bote e a vibração da cauda. A peçonha desta espécie possui ação proteolítica, coagulante e hemorrágica. É uma espécie bastante perigosa, sendo responsável por um grande número de acidentes graves, que podem ocasionar a morte ou mutilação caso não seja feito o tratamento adequado com soro antiofídico. É certamente a espécie de jararaca mais comum na região da Reserva.

TARTARUGAS E CÁGADOS

Família CHELIDAE

Phrynops hilarii (Duméril & Bibron, 1835)

Cágado-de-barbelas-cinzentas

Figuras 37-39



Figura 37. *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835). Foto: M. Borges-Martins.



Figura 38. *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835). Filhote saindo do ovo. Foto: M. Borges-Martins.



Figura 39. Ovos de *Phrynops hilarii* desenterrados por predadores na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. É o maior quelônio de água-doce do Rio Grande do Sul, podendo atingir até 39 cm de carapaça. Apresenta carapaça ovalada, mais larga posteriormente, achatada e com leve quilha vertebral e escudos epidérmicos lisos. A cabeça é chata, larga e a boca é grande. Possui dois apêndices mentonianos claviformes de cor clara, com um anel preto mediano ou próximo da base. O pescoço é alongado e a cabeça é recolhida lateralmente. Apresenta coloração dorsal da carapaça castanha ou acinzentada, com manchas irregulares nas bordas. O plastrão é amarelado claro com manchas escuras irregulares. Dorso da cabeça e membros castanho ou acinzentado. Faces ventrais claras, com manchas irregulares escuras. Apresenta uma linha preta estreita que vai da narina até a região posterior da cabeça, passando pelos olhos.

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, sul do Paraguai, Uruguai e sul do Brasil, do Rio Grande do Sul ao Paraná. É comum nas áreas baixas do Rio Grande do Sul.

Habitat. Encontrada em rios, arroios, lagoas e banhados com vegetação flutuante.

Biologia. Alimenta-se de insetos, moluscos, peixes, anfíbios, aves e pequenos mamíferos. A nidificação ocorre entre os meses de agosto e fevereiro e as desovas têm em média 11 ovos. Os ovos são arredondados, com diâmetro entre 27 e 37 mm. Os ninhos são escavados geralmente longe da vegetação, em áreas abertas, mas ocasionalmente

junto de pequenas touceiras de gramíneas expostas ao sol. O período de incubação é de 70 a 140 dias. Os ovos sofrem forte pressão de predação pelo lagarto-do-papo-amarelo, *Tupinambis merianae*, que consome os ovos inteiros, inclusive com as cascas, e pelos mamíferos noturnos, graxaim-do-campo, e mão-pelada, sendo este último aparentemente o predador mais importante. A predação dos ninhos parece ser mais intensa no outono e inverno, quando é menor a oferta de frutos e sementes, alimentos preferenciais do mão-pelada. Bujes (1998) registrou na Reserva Biológica do Lami (Porto Alegre, RS) uma taxa de predação bastante alta, chegando a 82% dos ninhos observados.

Família EMYDIDAE

***Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835)**

Tartaruga-verde-e-amarela

Figuras 40 e 41



Figura 40. *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835). Fêmea desovando. Foto: M. Borges-Martins.



Figura 41. *Trachemys dorbigni* (Duméril & Bibron, 1835). Macho adulto exibindo coloração escura e cauda longa. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie de quelônio de porte pequeno a médio, que atinge cerca de 25 cm de carapaça. A caparaça é alta, de contorno elíptico, sendo mais alargada na porção posterior. Apresenta dorsalmente um padrão complexo de desenhos verdes e amarelados, com manchas pretas. Existe grande variação individual e ontogenética no colorido. Os machos escurecem progressivamente após atingirem a maturidade, ficando com coloração marrom escura ou quase preta, encobrindo o padrão de linhas e manchas. O plastrão é amarelo com uma mancha grande central preta, que se estende pelas suturas dos escudos. A cabeça apresenta uma série de linhas longitudinais coloridas, verdes e amarelas, com duas faixas posteriores aos olhos de coloração amarelada ou alaranjada. Os membros são escuros, e também apresentam um padrão de linhas longitudinais amareladas.

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil. No Brasil é restrita ao Rio Grande do Sul.

Habitat. É muito comum nas áreas baixas do Rio Grande do Sul, onde é possivelmente a espécie de quelônio mais abundante. É encontrada em rios, riachos, lagoas e banhados.

Biologia. Apresenta atividade diurna, e pode ser facilmente observada devido ao hábito típico de permanecer por longos períodos assoalhando (exposta ao sol) nas margens dos corpos d'água, nos horários mais quentes do dia. É uma espécie onívora, que se alimenta de matéria vegetal, invertebrados (moluscos, crustáceos e insetos) e pequenos vertebrados (anuros e peixes). Alguns estudos indicam uma dieta onívora, mas com a matéria vegetal sendo o item de maior importância. Contudo, outros estudos observaram uma dieta com predominância de matéria de origem animal. *Trachemys dorbigni* pode atingir idades superiores a 30 anos. A maturação sexual é atingida com cerca de 13 cm de carapaça, por volta dos nove anos de idade em machos, e por volta dos 10 ou 12 anos de idade, com cerca de 15 a 16 cm de carapaça em fêmeas. As fêmeas realizam as desovas entre setembro e fevereiro, colocando uma média de 12 ovos elípticos por desova. A

incubação dura cerca de 110 dias. *Trachemys dorbigni* atualmente não é considerada ameaçada de extinção, porém existe grande pressão de captura de ovos para o comércio como animal de estimação, havendo estimativas de que mais de 30.000 filhotes são produzidos anualmente para comercialização. O lagarto, *Tupinambis merianae*, juntamente com o carcará e possivelmente alguns mamíferos são os mais importantes predadores de ninhos desta espécie, podendo preda quase 90% das desovas realizadas.

JACARÉS

Família ALLIGATORIDAE
Caiman latirostris (Daudin, 1802)
 Jacaré-do-papo-amarelo
 Figura 42 e 43



Figura 42. *Caiman latirostris* (Daudin, 1802). Detalhe da cabeça de indivíduo adulto, na água, à noite. Foto: M. Borges-Martins.

Características Morfológicas. Espécie de jacaré de porte médio que pode atingir até 350 cm de comprimento total, porém com raros espécimes maiores que 200 cm. Apresenta o focinho proporcionalmente mais curto entre os crocodilianos atuais. Apresenta coloração dorsal verde-oliva escuro, com faixas transversais pretas. O ventre é amarelado. Os jovens apresentam a coloração dorsal de fundo mais clara, tendendo ao amarelo.

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, sudeste da Bolívia, Paraguai, norte do Uruguai e leste do Brasil.

Habitat. Esta espécie é muito arredia à aproximação de pessoas, o que dificulta a sua observação na natureza. A espécie pode ser encontrada em diversos tipos de coleções d'água, como lagoas, banhados, mangues e rios, além de ocupar pequenos corpos d'água temporários, como poças.

Biologia. Alimenta-se de artrópodes, moluscos (*Ampullaria* sp.) e pequenos vertebrados, possuindo uma dieta com predominância de moluscos quando adulto e insetos quando filhote. As fêmeas constroem ninhos com matéria vegetal, entre dezembro e janeiro, onde depositam de 18 a 50 ovos. Os filhotes nascem por volta do mês de março. Por ter sua distribuição geográfica associada principalmente às áreas baixas do litoral brasileiro (que são fortemente impactadas) a principal ameaça à sobrevivência da espécie tem sido considerada a destruição do seu habitat natural. O jacaré-do-papo-amarelo não está incluído na lista oficial de espécies ameaçadas de extinção do Brasil (MMA, 2003), mas consta dos apêndices I e II da Convenção Internacional Sobre o Comércio de Fauna e Flora Ameaçados de Extinção - CITES. A espécie foi considerada como de baixo risco de extinção já na listagem da IUCN publicada em 1996, e atualmente mantém o mesmo *status*.



Figura 43. *Caiman latirostris* (Daudin, 1802). Filhote. Foto: M. Borges-Martins.

Referências Bibliográficas

- ACHAVAL, F.; OLMOS, A., **Anfibios y Reptiles del Uruguay**. 4a edición. Montevideo, Biophoto. 160 p., 2007.
- BALESTRIN, R. L. *História natural de uma comunidade de Squamata na Depressão Central (São Jerônimo) RS, Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, PUCRS. Porto Alegre, 2008.
- BAPTISTA, L.R.M., *et al.* Levantamento florístico preliminar da Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre. **Nideco, série urbana**, no 1, 1979.
- BENCKE, G.A. *et al.* 2009. *Composição e padrões de distribuição da fauna de tetrápodes recentes do Rio Grande do Sul, Brasil*. In: RIBEIRO, A.M.; BAUERMANN, S.G.; SCHERER, C.S. (Org.). **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos**. 1ed .Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, p. 123-142, 2009.
- BÉRNILS, R. S. (org.). *Brazilian reptiles - List of species*. Disponível em <http://www.sbherpetologia.org.br/>. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em Julho de 2012, 2010.
- BÉRNILS, R.S.; GIRAUDO, A.R.; CARREIRA, S.; CECHIN, S.Z. Répteis das porções subtropical e temperada da Região Neotropical. **Ciência e Ambiente**, **35**:101-136, 2007. 2007.
- BORGES-MARTINS, M.. *Revisão taxonômica e sistemática filogenética do gênero Ophiodes Wagler, 1828 (Sauria, Anguinae, Diploglossinae)*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, PUCRS. Porto Alegre. 239 p., 1998.
- BORGES-MARTINS *et al.* Répteis. In: BECKER, F.G., RAMOS, R.A.; MOURA, L.A. eds. Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Brasília, DF, Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, p. 292-315, 2007.
- BRACK, P. *et al.* Árvores e arbustos na vegetação natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**, série botânica, **51**: 139-166, 1998.
- BRUM, L.P. *Levantamento fitossociológico do estrato arbóreo de uma mata de restinga na Reserva Biológica do Lami, RS*. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- BUJES, C. S. Atividade de nidificação de *Phrynops hilarii* Duméril e Bibron (Testudines, Chelidae) na Reserva Biológica do Lami, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, Brasil, **15**(4): 921-928, 1998a.
- BUJES, C. S.. Mating behaviour of *Teius oculatus* (Sauria, Teiidae). **Amphibia-Reptilia**, Leiden, Holanda, **19**: 220-223, 1998b.
- BUJES, C. S. Padrões de atividade de *Teius oculatus* (Sauria, Teiidae) na Reserva Biológica do Lami, Estado do Rio Grande do Sul - Brasil. **Cuadernos de Herpetología**, Tucumán, Argentina, **12**(2): 13-21, 1998c.
- BUJES, C. S. Os Testudines continentais do Rio Grande do Sul, Brasil: taxonomia, história natural e conservação. **Iheringia**, Série Zoologia, **100**(4): 413-424, 2010.
- CABRERA, M. R.. *Las tortugas continentales de sudamérica austral*. Argentina. 108p.+ 6 pranchas, 1998.
- CAMPBELL, J. A. ; LAMAR, W. W.. *Lanceheads, Genus Bothrops Wagler*, In: CAMPBELL, J. A.; LAMAR, W. W. (eds.), the venomous reptiles of the western hemisphere, New York, Cornell University Press. p., 334-409, 2004, 1824.
- CARRASCO, P. A. *et al.* J. Morphology, phylogeny and taxonomy of South American bothropoid pitvipers (Serpentes, Viperidae). **Zoologica Scripta**, **41**: 109-124, 2012.
- CARREIRA, S.; MENEGHEL, M.; ACHAVAL, F. *Reptiles de Uruguay*. Montevideo, DIRAC/Facultad de Ciencias, 639 p., 2005.
- CECHIN, S. Z.. *História natural de uma comunidade de serpentes na região da Depressão Central (Santa Maria), Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, PUCRS. Porto Alegre. 66 p., 1999.
- DI-BERNARDO, M. *História natural de uma comunidade de serpentes da borda oriental do planalto das araucárias, Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, São Paulo. 123 p., 1998/1998.
- DI-BERNARDO, M.; BORGES-MARTINS, M.; e OLIVEIRA, R. B. Répteis. In: FONTANA, C. S.; BENCKE, G. A.; REIS, R. (eds.), **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EDIPUCRS**, p.165-188, 2003.
- DI-BERNARDO, M.; BORGES-MARTINS, M. ; OLIVEIRA, R.B. Proposed deletion of eight species of snakes from the Brazilian State of Rio Grande do Sul herpetofauna. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia*, **17**(1):45-50, 2004.
- DI-BERNARDO, M. *et al.* *Taxocenoses de serpentes de regiões temperadas do Brasil*. In: NASCIMENTO,

- L.B.; OLIVEIRA, E. org. **Herpetologia no Brasil** 2. Belo Horizonte, Sociedade Brasileira de Herpetologia. p. 222-263, 2007.
- FRANCO, F. L.. *O gênero Sibynomorphus Fitzinger, 1843 no Brasil (Colubridae, Xenodontinae, Dipsadini)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, PUCRS. Porto Alegre, RS. 148 p., 1994.
- GANS, C.. Checklist and bibliography of the Amphisbaenia of the world. Bulletin of the American Museum of Natural History, New York, 289: 1-130, 2005.
- GIRAUDO, A. *Serpientes de la Selva Paranaense y del Chaco Húmedo*. Buenos Aires, L. O. L. A. 328 p., 2001.
- GRAZZIOTIN, F. G. *et al.* Molecular phylogeny of the New World Dipsadidae (Serpentes: Colubroidea): a reappraisal. *Cladistics* (Westport. Print), v. 28., 2012.
- HERPETOLOGIA UFRGS. *Laboratório de Herpetologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. On line. Versão 1.0, Novembro 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. Acesso em Julho de 2012.
- IUCN. 2012. *The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2012.1*. International Union for Conservation of Nature. Disponível em <<http://www.iucnredlist.org>>. Acessado em Julho de 2012.
- LEMA, T.. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia*, 7:41-150, 1994.
- LEMA, T. *Répteis recentes do Rio Grande do Sul*. In: Lema, T. de (org.). Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis - biogeografia - ofidismo. Porto Alegre, EDIPUCRS. p. 35-91, 2002.
- LEMA, T.; FERREIRA, M. T. S. Contribuição ao conhecimento dos Testudines do Rio Grande do Sul (Brasil) - Lista sistemática comentada (Reptilia). **Acta Biologica Leopoldensia**, 12:125-164, 1990.
- LEMA, T.; VIEIRA, M. I.; LEITÃO-DE-ARAÚJO, M.. Fauna reptiliana do norte da Grande Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 2:203-227, 1984.
- LEMA, T. DE.. *et al.* Lista de répteis encontrados na região da Grande Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, série Zoologia**, 50: 61-92, 1980.
- MARQUES, O. A. V.; ETEROVIC, A.; SAZIMA, I. **Serpentes da Mata Atlântica - guia ilustrado para a Serra do Mar**. Ribeirão Preto. Holos. 184 p., 2001.
- MARTINS, M.; MOLINA, F.B.. *Panorama geral dos répteis ameaçados do Brasil*. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (ed.). **Livro vermelho da Fauna Brasileira ameaçada de extinção**. MMA, Brasília, Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, p.327-334, 2008.
- MEIRA, J.R. *Zoneamento da vegetação e de condições de topoclima da Reserva Biológica do Lami*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- MENEGAT, R.; *et al.* *Porto Alegre em dados*. In: MENEGAT, R.; PORTO, M.L.; CARRARO, C.C.; FERNANDES, L.A.D. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Editora da Universidade.RGS/PMPA/INPE, Porto Alegre, RS. p. 203, 1998.
- MMA.. *Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Anexo. Instrução Normativa nº 3, de 27 de maio de 2003*. Ministério do Meio Ambiente. Disponível on line em: www.mma.gov.br.
- MOSENA, M.. *Produtividade e estratégias de conservação do nitrogênio em formações vegetais da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Botânica., Porto Alegre. 172 p., 2007.
- MOTA, F.S. Estudos do clima do Estado do Rio Grande do Sul, segundo o sistema de W. Koeppen. **Revista Brasileira de Geografia**, 13: 275-284, 1951.
- OLIVEIRA, R. B.. *História Natural de uma população da cobra nariçuda, Lystrophis dorbignyi (Duméril, Bibron e Duméril, 1854), da região das dunas de Magistério, Balneário Pinhal, Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação de Mestrado, UFRGS. Porto Alegre, RS. 96 p., 2001.
- OLIVEIRA, R. B.. *História natural da comunidade de serpentes de uma região de dunas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado, PUCRS. Porto Alegre, RS. 107 p., 2005.
- OUTEIRAL, A.. *História Natural de uma Comunidade de Serpentes da Serra do Sudeste, Bioma Pampa, Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, PUCRS. Porto Alegre, 2006.
- PONTES, G. M. F.; DI-BERNARDO, M.. Registros sobre aspectos reprodutivos de serpentes ovíparas neotropicais (Serpentes: Colubridae e Elapidae). *Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS*, 1(5):123-149, 1988.
- POUGH, F.H.; *et al.* **Herpetology**. 3rd ed. New Jersey, Pearson, Prentice Hall, 577 p., 2004.
- QUINTELA, F.; LOEBMANN, D. **Guia Ilustrado: Os Rép-**

- teis da região costeira do extremo sul do Brasil.** Pelotas: USEB, 80p., 2005.
- SALOMÃO, E. L.; DI-BERNARDO, M.. *Philodryas olfersii*: uma cobra comum que mata: caso registrado na área da 8ª delegacia regional de saúde. *Arquivos da Sociedade de Zoológicos do Brasil*, n.14-16:21, 1995.
- SILVA, V. X.. The *Bothrops neuwiedi* Complex. In: Campbell, J. A.; Lamar, W. W. (eds.) **The venomous reptiles of the western hemisphere**, New York, Cornell University Press. p. 410-421, 2004.
- THOMAS, R. A.. *A revision of the South American colubrid snake Genus Philodryas Wagler, 1830*. Tese de Doutorado, Graduate College of Texas A e M University. 338 p., 1976.
- UETZ, P. 2012. (ed.). *The Reptile Database*. Disponível em: <http://www.reptile-database.org>, acessado em Jul, 2012.
- VANZOLINI, P. E.. An aid to the identification of the south american species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae). *Papéis Avulsos do Museu de Zoologia de São Paulo*, **42**(15):351-362, 2002.
- VERRASTRO, L.; SCHOSSLER, M.. *Répteis*. In: Georgina Bond Buckup. (Org.). **Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra**. 1ed .Porto Alegre: Libretos, p. 112-117, 2008.
- VERRASTRO, L.; SILVA, C. M. DA; COLOMBO, P.. *A herpetofauna dos ecossistemas de dunas do litoral norte do Rio Grande do Sul*. In: WÜRDING, Norma Luiza; FREITAS, Suzana Maria F. De. (Org.). **Ecossistemas e biodiversidade do Litoral Norte do RS**. 1ed .Porto Alegre: Nova Prova, p. 1-287, 2009.
- VITT, L.; CALDWELL, J. P. **Herpetology: An Introductory Biology of Amphibians and Reptiles**. Third Edition. Burlington, Massachusetts, U.S.A.: Academic Press. 2009.
- WAECHTER, J.L. Aspectos ecológicos da vegetação de restinga no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS*, série Botânica, Porto Alegre, 33: 49-68, 1985.
- WAECHTER, J.L. Comunidades vegetais das restingas do Rio Grande do Sul. Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira. Estrutura, Função e Manejo. São Paulo. *Aciesp*, 3: 1-21, 1990.
- ZANELLA, N. *História natural de uma comunidade de serpentes no Planalto Médio do Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado, PUCRS. Porto Alegre, RS. 89 p., 2004.
- ZANELLA, N.; CECHIN, S. Z. Comunidade de serpentes em Passo Fundo, norte do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. In: XXV Congresso Brasileiro de Zoologia, Brasília. Resumos... Brasília. p.387, 2004.



**A
N
F
Í
B
I
O
S**

ANFÍBIOS

Luis Fernando Marin da Fonte¹, Caroline Zank¹, Gabriele Volkmer¹, Luciana Ardenghi Fusinato², Marcelo Duarte Freire, Patrick Colombo³

Introdução

Atualmente são reconhecidas 7036 espécies de anfíbios no mundo (AMPHIBIAWEB, 2012), sendo que no Brasil ocorrem 946 destas (SEGALLA *et al.*, 2012), alocadas em três ordens (Anura, Caudata e Gymnophiona), 24 famílias e 112 gêneros. No Rio Grande do Sul, 100 dessas espécies, representando duas ordens (Anura e Gymnophiona), 13 famílias e 32 gêneros, têm ocorrência confirmada (HERPETOLOGIA UFRGS, 2012). A intensificação de estudos de taxonomia, aliada a um incremento nas amostragens em campo, vem fazendo esses números crescerem significativamente. Para se ter uma idéia desse avanço, apenas durante os anos de 2010 e 2011 foram descritas 47 novas espécies de anfíbios com ocorrência no Brasil.

A obtenção de listas de espécies constitui-se no primeiro passo para a elaboração de planos de manejo adequados em unidades de conservação (UC), para o monitoramento da fauna e da flora em determinadas regiões e para a definição de estratégias de conservação compatíveis com a realidade de cada local estudado (HEYER *et al.*, 1994). A partir desses levantamentos podem ser

feitos registros novos de espécies, tanto para as áreas em questão quanto para a ciência, e podem ser colhidas informações sobre aspectos da história natural desses táxons. Posteriormente, as informações obtidas, por mais simples que sejam (desde que bem interpretadas), podem ser usadas como ferramentas para o eventual manejo e a conservação, tanto das espécies em si, quanto das áreas estudadas. Conhecendo-se, por exemplo, onde estão localizados os sítios de reprodução de uma determinada espécie de anfíbio ameaçada de extinção, pode-se planejar as atividades de funcionamento de uma UC levando-se em consideração a localização desses sítios. Além disso, informações como essas também podem auxiliar na tomada de ações de estruturação e fiscalização de uma UC (*e.g.* monitoramento sobre impactos de visitação e construção de benfeitorias).

Dessa forma, ressaltamos a necessidade da realização e da publicação de estudos envolvendo anfíbios no Rio Grande do Sul, chamando a atenção para a importância da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL) nesse contexto, uma vez que a Reserva se localiza em um local de grande interesse do ponto de vista conservacionista. Devido à grande diversidade de

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Departamento de Zoologia, Laboratório de Herpetologia, Porto Alegre, RS.

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Departamento de Ecologia, Rio de Janeiro, RJ.

³Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Zoologia, Porto Alegre, RS.



Figura 1. Banhado na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.



Figura 2. Banhado na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.

ambientes (Figs. 1 e 2) que engloba (incluindo muitas áreas úmidas e outras ainda pouco amostradas, como a Ponta do Cego) e à localização próxima a um grande centro urbano (que conta com diversas universidades de alto nível acadêmico), a REBIOLJL constitui-se em um excelente local para a realização de estudos científicos. Assim, espera-se que com um incremento dos estudos realizados com anfíbios na Reserva, um maior número de pessoas ligadas ao gerenciamento da unidade, bem como de moradores do entorno e de outros pesquisadores, adquira um maior conhecimento sobre os anfíbios da região, de modo que ações de proteção e conservação desse grupo de vertebrados possam ser implementadas, tanto na Reserva e em suas vizinhanças, como em outras áreas de Porto Alegre.

Anfíbios da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger

Entre novembro de 1993 e abril de 1994 e entre setembro de 2003 e março de 2005, realizamos diversas pesquisas com anfíbios em áreas da REBIOLJL (e.g. FONTE, 2005; ZANK *et al.*, 2008, 2010), incluindo levantamentos de espécies e estudos sobre aspectos da história natural, como biologia reprodutiva e determinação de turnos e sítios de vocalização. Ao longo deste capítulo, alguns dos resultados encontrados durante a realização desses trabalhos serão apresentados. Ademais, outras informações podem ser encontradas nas publicações científicas supracitadas.

Levando-se em conta a importância da elaboração de listas de espécies e considerando-se que ainda existem poucas listas publicadas para a região, compilamos os resultados dos estudos realizados na REBIOLJL e apresentamos uma relação com as 19 espécies de anfíbios com ocorrência confirmada e outras 18 espécies que possuem ocorrência potencial na área. Para cada uma delas foram incluídas informações relativas a características morfológicas (como reconhecê-las e diferenciá-las de outras espécies similares que ocorrem na região), à distribuição geográfica, ao *habitat* em que vivem e a aspectos de sua biologia. Ao final, apresentamos uma lista atualizada e comentada das espécies de

anfíbios do Município de Porto Alegre.

As espécies encontradas na Reserva Biológica são relativamente comuns e possuem ampla distribuição geográfica. Possuem modos reprodutivos associados a corpos d'água lênticos e/ou lóticos localizados em diversos tipos de ambientes, como áreas florestadas, áreas abertas, áreas de transição (campo-floresta) e até mesmo áreas antropizadas.

Comparando-se a riqueza de espécies de anuros encontradas na REBIOLJL com a de outras 12 áreas no Rio Grande do Sul que tiveram sua fauna de anfíbios inventariada, o número de espécies da Reserva Biológica pode ser considerado baixo (Tabela 1). Ainda assim (e considerando-se também que não foram encontradas espécies ameaçadas, endêmicas ou com distribuição restrita), a REBIOLJL é um dos poucos refúgios com ambientes ainda relativamente íntegros para a sobrevivência das espécies de anfíbios daquela região.

Algumas das espécies apresentadas neste capítulo, por serem mais comuns, já são bem conhecidas da ciência e possuem muitas informações disponíveis na bibliografia. Outras, por serem menos abundantes ou de difícil encontro, foram menos estudadas e ainda apresentam um deficitário grau de conhecimento.

A nomenclatura e a classificação taxonômica das espécies seguiram Frost (2011) e Segalla *et al.* (2012). Os nomes comuns aqui apresentados são sugestões baseadas principalmente na morfologia externa, no comportamento e nos hábitos das espécies. Alguns desses nomes são citados em bibliografia, principalmente nos trabalhos de Kwet e Di-Bernardo (1999), Achaval e Olmos (2007) e Borges-Martins *et al.* (2007). Por fim, os termos utilizados para a diferenciação das espécies seguiram a nomenclatura disponível na literatura científica.

Sempre que possível, foram incluídas fotos de animais tiradas dentro da própria REBIOLJL, em suas imediações ou em outras áreas do Município de Porto Alegre. No entanto, isso nem sempre foi possível, de modo que, ao final deste capítulo, apresentamos uma relação com os locais de procedência de cada uma das fotos e com os créditos dos fotógrafos.

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Tabela 1. Riquezas de espécies de anfíbios encontradas em estudos realizados em diferentes municípios no Estado do Rio Grande do Sul.

| Área | Município | Número de espécies | Fonte |
|--|---|--------------------|---|
| Parque Estadual do Turvo | Derrubadas | 32 | lop <i>et al.</i> (2011) |
| Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata | São Francisco de Paula | 31 | Kwet & Di-Bernardo (1999) |
| Parque Nacional de Aparados da Serra | Cambará do Sul e Praia Grande | 31 | Deiques <i>et al.</i> (2007) |
| Reserva Biológica da Mata Paludosa | Itati | 30 | P. Colombo (dados não publicados) |
| Parque Estadual de Itapeva | Torres | 29 | Colombo <i>et al.</i> (2008) |
| Lagoa do Casamento e Lagoa dos Butiazais | Barra do Ribeiro e Tapes | 24 | Borges-Martins <i>et al.</i> (2007) |
| Região da Quarta Colônia | Agudo, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca e São João do Polêsine | 23 | Cechin <i>et al.</i> (2002a) |
| Área de Mineração de Carvão | Candiota | 22 | Di-Bernardo <i>et al.</i> (2004) |
| Parque Estadual Delta do Jacuí | Porto Alegre | 21 | Melo (2002) |
| Parque Estadual de Itapuã | Viamão | 21 | G. Vinciprova & P. Colombo (dados não publicados) |
| Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger | Porto Alegre | 19 | Este trabalho |
| Estação Ecológica do Taim | Rio Grande e Santa Vitória do Palmar | 17 | Gayer <i>et al.</i> (1988) |
| Parque Nacional da Lagoa do Peixe | Mostardas e Tavares | 13 | Loebmann & Vieira (2005) |

Classe Amphibia
Ordem Anura
Família BUFONIDAE
***Rhinella dorbignyi* (Duméril & Bibron, 1841)**
Sapinho-de-jardim
Figuras 3 e 4



Figura 3. *Rhinella dorbignyi*.



Figura 4. *Rhinella dorbignyi*.

Características morfológicas. O tamanho dos indivíduos adultos varia entre 36,1 e 63,7 mm nos machos e entre 42,1 e 68,5 mm nas fêmeas (NARVAES; RODRIGUES, 2009). O dorso é densamente granuloso, coberto por tubérculos e espinhos córneos. A coloração dorsal pode ser castanho-clara, cinza ou esverdeada (MANEYRO *et al.*, 1995). Durante o período reprodutivo, os machos apresentam calos

nupciais e saco vocal dilatado e escuro (LANGONE, 1994). É bastante semelhante e facilmente confundida com sua congênera *Rhinella fernandezae* (Gallardo, 1957), espécie com potencial ocorrência na REBIOLJL. As principais diferenças são relativas à crista pós-orbital (reduzida em *R. dorbignyi* e mais desenvolvida em *R. fernandezae*), à crista supraorbital (bastante desenvolvida em *R. dorbignyi* e menos desenvolvida em *R. fernandezae*) e à crista infra-orbital (ausente ou reduzida, nunca ultrapassando a pós-orbital em *R. dorbignyi*; sempre presente, estendendo-se além da crista pós-orbital em *R. fernandezae*). Além disso, *R. dorbignyi* pode apresentar expansão horizontal pronunciada da borda da maxila e sempre apresenta linha dorsal longitudinal amarela desde o focinho até a cloaca, enquanto que em *R. fernandezae* esta linha pode estar ausente (NARVAES; RODRIGUES, 2009).

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, na província de Buenos Aires, no Uruguai e no sul e sudeste do Brasil (NARVAES; RODRIGUES 2009; FROST, 2011). No Rio Grande do Sul, encontra-se amplamente distribuído, possuindo uma extensa área de ocorrência compartilhada com *R. fernandezae*, com a qual produz híbridos (NARVAES ;RODRIGUES, 2009).

Habitat. Vive em áreas abertas, onde costuma se esconder em tocas que cava com o auxílio das patas traseiras, que são bastante curtas.

Biologia. Durante o período reprodutivo, pode ser encontrado em banhados temporários. A reprodução é do tipo explosiva, ocorrendo após períodos intensos de chuva (LANGONE, 1994; ACHAVAL; OLMOS, 2007), em geral de outubro a março, durante a primavera e o verão. O canto é um trinado longo e agudo, lembrando o som produzido por um grilo, porém não é tão comprido. Durante a atividade de vocalização, os machos podem ser facilmente encontrados com o auxílio de uma lanterna, já que o saco vocal amarelado torna-se bastante visível. Alimenta-se de insetos, aracnídeos, crustáceos e moluscos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

Família CYCLORAMPHIDAE
***Odontophrynus americanus* (Duméril & Bibron, 1841)**
Sapo-da-enchente
Figuras 5 e 6



Figura 5. *Odontophrynus americanus*.



Figura 6. Macho de *Odontophrynus americanus* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. O tamanho dos machos varia de 41 a 48 mm e o das fêmeas de 45 a 53 mm (KWET *et al.*, 2010). O corpo tem aspecto globoso e robusto, com cabeça larga e focinho curto. A pele é rugosa e a coloração dorsal pode ser castanho-escuro, castanho-amarelado ou bege, com manchas escuras irregulares. Uma linha clara estende-se desde o focinho até a cloaca. A pele ventral é acinzentada, esbranquiçada ou amarelada, com grânulos claros. O lábio superior apresenta barras escuras e largas e a região gular é negra nos machos e branca nas fêmeas. Apresentam

calosidades de coloração marrom nos pés, as quais auxiliam durante a escavação. Tubérculos de cor escura estão presentes apenas nas mãos dos machos.

Distribuição. Ocorrem desde o sudeste e o sul do Brasil, sul da Bolívia e Paraguai até a Argentina e o Uruguai (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Normalmente são encontrados em áreas abertas, em corpos d'água rasos e em áreas alagadiças.

Biologia. É uma espécie de hábito semifossorial, pois cavam com as patas traseiras buracos de até 10 cm de profundidade, os quais utilizam como abrigo (ACHAVAL; OLMOS, 2007). A reprodução, que geralmente acontece na primavera e no verão, é associada a fortes chuvas. O canto de anúncio consiste na repetição da sílaba "ó" de maneira rouca e forte. Depositam seus pequenos ovos negros sobre o fundo lodoso dos corpos d'água. Frente a potenciais predadores, podem inflar o corpo de forma a aumentar o tamanho. Alimentam-se de coleópteros, dípteros, larvas de lepidópteros, anelídeos, pequenos moluscos e crustáceos terrestres (LANGONE, 1994).

Família HYLIDAE
***Dendropsophus minutus* (Peters, 1872)**
Perereca-rajada
Figuras 7-9



Figura 7. *Dendropsophus minutus*.



Figura 8. Macho de *Dendropsophus minutus* em atividade de vocalização.



Figura 9. *Dendropsophus minutus*.

Características morfológicas. O comprimento rostrocloacal (CRC) desta espécie vai de 21 até 28 mm (KWET *et al.*, 2010). A coloração é variável, podendo ser encontrados indivíduos de cor amarela, laranja ou bege. O padrão de desenho também varia consideravelmente na região dorsal, sendo encontradas manchas escuras interligadas formando uma espécie de malha, onde em geral se destacam duas linhas grossas paralelas. Alguns indivíduos podem apresentar pontos pretos no dorso. O ventre é esbranquiçado, mas durante o período reprodutivo, machos apresentam o saco vocal amarelado. Na parte interna das coxas a coloração é amarelada. Durante o dia, a cor do dorso pode mudar para o cinza-claro, evidenciando o amarelo na parte interna das coxas. A região rostral é levemente achatada. Por apresentar alta variabilidade, ocorrer em quase

toda a América do Sul e ocupar os mais variados tipos de ambientes, acredita-se que possam existir diversos outros entes taxonômicos sob a identidade atual desta espécie (DI-BERNARDO *et al.*, 2004). Quando comparada a *D. sanborni*, outra espécie semelhante que ocorre na Reserva, *D. minutus* diferencia-se pelo padrão de manchas e de coloração do dorso, por apresentar maior comprimento rostrocloacal e corpo relativamente mais robusto.

Distribuição. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo a leste dos Andes, incluindo Colômbia, Venezuela, Trinidad e Tobago, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina, além de praticamente todo o território do Brasil (FROST, 2011).

Habitat. *D. minutus* pode ocorrer em diversos tipos de ambientes, incluindo florestas primárias, campos e até mesmo áreas degradadas por atividades antrópicas. Nesses ambientes, em geral ocupa corpos d'água lênticos, como açudes, banhados e pequenas poças. Durante o dia, pode ser encontrada em arbustos distantes dos corpos d'água.

Biologia. O canto de anúncio lembra a repetição freqüente da sílaba "ic" de forma aguda e alta, em muitos casos podendo ser ouvido a mais de 100 m do local de onde é emitido. Os machos apresentam comportamento territorial e é comum emitirem outros tipos de vocalização durante combates por território, sendo que esses sons lembram o canto de anúncio, porém são repetidos com mais freqüência e em intensidade mais baixa. Também é comum ouvir a vocalização durante o dia, em locais distantes de corpos d'água (às vezes a centenas de metros), inclusive em horas de intensa insolação. Em estudos realizados na REBIOLJL, machos de *D. minutus* foram observados em atividade de vocalização entre os meses de agosto e abril, sendo que o pico de atividade ocorreu nos meses de agosto, setembro e outubro. Machos foram encontrados vocalizando sobre a vegetação aquática emergente e sobre arbustos na borda dos banhados, desde o ocaso até cerca de duas horas antes do nascer do sol, com picos de atividade entre o ocaso e quatro horas após.

***Dendropsophus sanborni* (Schmidt, 1944)**

Perereca

Figuras 10-13



Figura 10. *Dendropsophus sanborni*.



Figura 11. *Dendropsophus sanborni*.

Características morfológicas. *Dendropsophus sanborni* é a menor perereca do Rio Grande do Sul, sendo que o tamanho dos machos varia de 15 a 18 mm e o das fêmeas de 16 a 20 mm (LANGONE; BASSO, 1987). O corpo tem aspecto alongado e o dorso normalmente apresenta pequenos pontos escuros distribuídos longitudinalmente (podendo chegar a formar delgadas linhas) sobre uma coloração que pode ser castanho-amarelada, cinza ou alaranjada. O ventre, incluindo a região gular, é esbranquiçado, mas durante o período reprodutivo os machos apresentam saco vocal amarelado. Das espécies que ocorrem na REBIOLJL, *D. minutus* é a mais similar a *D. sanborni*, sendo que a presença de manchas grandes e escuras no dorso e o maior comprimento rostrocloacal de *D. minutus* são as principais diferenças morfológicas existentes entre essas espécies.



Figura 12. *Dendropsophus sanborni*.



Figura 13. Amplexo de *Dendropsophus sanborni*.

Distribuição. Ocorre no sul e no sudeste do Brasil, no leste da Argentina e no Uruguai (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Em geral é encontrada em corpos d'água lânticos, como açudes, banhados e áreas inundadas, incluindo áreas degradadas por atividades antrópicas.

Biologia. Em estudo realizado na REBIOLJL, machos de *D. sanborni* foram registrados em atividade de vocalização entre os meses de agosto e dezembro, com picos em setembro e outubro, desde o pôr-do-sol até a primeira metade da noite. O sítio de vocalização predominantemente utilizado foi a vegetação emergente herbácea do interior dos banhados, em alturas normalmente inferiores a 40 cm e geralmente distantes entre 1 e 6 m da margem. O canto de anúncio é composto por notas repetidas e curtas, similares a estalos ou ao som de um choque produzido pelo encontro

de dois fios elétricos desencapados. Em relação ao comportamento, pode haver disputas entre machos por território. Alimentam-se principalmente de insetos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Hypsiboas faber* (Wied-Neuwied, 1821)**
Sapo-martelo, Sapo-ferreiro
Figuras 14-16



Figura 14. *Hypsiboas faber*.



Figura 15. *Hypsiboas faber*.



Figura 16. *Hypsiboas faber*.

Características morfológicas. É a maior espécie de hílideo encontrada no Rio Grande do Sul, com o comprimento rostrocloacal dos adultos variando de 85 a 95 mm nos machos e de 90 a 100 mm nas fêmeas (KWET *et al.*, 2010). A textura do dorso é lisa ou levemente granular e a coloração em geral é marrom-alaranjada, marrom-amarelada ou marrom-acinzentada. Frequentemente uma linha dorsal de coloração marrom-escuro pode ser observada partindo do focinho e se estendendo até metade do corpo. As partes internas dos membros anteriores e posteriores são amareladas. O ventre é de cor creme-claro. Os membros apresentam um padrão de barras que pode ser pouco ou bastante marcado. Uma estreita linha em cor creme margeia a parte externa na perna (dos dedos até o calcanhar), a parte externa do antebraço e o lábio inferior. Apresentam uma dobra supratimpânica partindo de trás do olho até a axila. Tanto os machos quanto as fêmeas podem apresentar uma estrutura semelhante a um calo, denominada pré-pólex, no entanto estes são bastante desenvolvidos apenas nos machos, com espinhos ósseos que podem estar ou não expostos.

Distribuição. É uma espécie de ampla distribuição geográfica, em geral associada às áreas de Mata Atlântica, ocorrendo ao longo da costa leste brasileira, na Argentina e no Paraguai (FROST, 2011).

Habitat. Vive em locais próximos a riachos e banhados permanentes associados a áreas de mata. Pode refugiar-se ocasionalmente nas axilas de folhas de bromélias e de gravatás, no interior ou próximo aos corpos d'água (LACERDA *et al.*, 2009). Também pode ser encontrada em cima de árvores, apoiadas em galhos a vários metros de altura do solo.

Biologia. Os machos normalmente vocalizam em coro, podendo emitir o canto de dentro ou próximos aos ninhos construídos por eles (MARTINS; HADDAD, 1988), assim como do interior dos corpos d'água, apoiados sobre a vegetação (CONTE; MACHADO, 2005). Os ninhos são cavidades arredondadas feitas pelos machos, lembrando pequenas piscinas com cerca de 30 cm de diâmetro e 8 cm de profundidade (LUTZ, 1960). Os machos defendem o território onde são construídos os ninhos, exibindo comportamento

agressivo escalonado. Quando um macho se aproxima do outro, é emitido um canto de encontro. O macho residente pode saltar em direção ao invasor, emitindo o “canto de salto” e, quando há luta entre eles pela defesa do ninho, um terceiro tipo de canto territorial é emitido (MARTINS; HADDAD, 1988; MARTINS *et al.*, 1998). Durante as brigas, os machos utilizam o pré-pólex para agredir os adversários, sendo que cicatrizes são freqüentemente observadas na região da cabeça e do dorso dos indivíduos (MARTINS *et al.*, 1998). Um único macho pode construir em seu território mais de um ninho e fertilizar mais de uma desova em noites consecutivas. Durante a defesa do território, o macho pode apresentar cuidado parental, defendendo as desovas de invasores. O cuidado parental é considerado facultativo e dependente da densidade de machos que ocupam o mesmo sítio reprodutivo (MARTINS *et al.*, 1998). A reprodução se dá através da condução das fêmeas pelos machos até os ninhos. As fêmeas inspecionam o ninho antes do amplexo. Apesar do amplexo quase sempre se dar dentro do ninho, também pode ocorrer fora, mas próximo a ele. Após o amplexo, as fêmeas modificam o ninho, trazendo substrato do fundo para as paredes, aumentando a sua profundidade (MARTINS; HADDAD, 1988). Os mesmos ninhos podem ser utilizados mais de uma vez e, quando são reaproveitados, os machos renovam os ninhos (MARTINS; HADDAD, 1988). As desovas podem ter de 1000 a 2700 ovos e formam um filme na superfície da água acumulada nos ninhos. Os girinos apresentam comportamento gregário nos ninhos, onde permanecem até o estágio 25, se o mesmo não for destruído ou alagado pela água da chuva (MARTINS; HADDAD, 1988). O canto de anúncio é alto e lembra o som da batida de uma madeira contra uma lata de metal, podendo ser ouvido a longas distâncias. Por esse motivo, a espécie é popularmente chamada de sapo-ferreiro ou sapo-martelo (apesar de ser uma perereca, devido a seu grande porte é comumente chamada de sapo). Na REBIOLJL, apesar de pouco frequente, a espécie foi registrada em atividade de vocalização entre o início da primavera e os primeiros meses do verão, sendo que os machos foram avistados vocalizando dentro da água, até um metro de distância da margem, apoiados sobre a vegetação flutuante.

***Hypsiboas pulchellus* (Duméril & Bibron, 1841)**

**Perereca-do-banhado
Figuras 17-19**



Figura 17. Macho de *Hypsiboas pulchellus* em atividade de vocalização.



Figura 18. Forma verde de *Hypsiboas pulchellus*.



Figura 19. Macho de *Hypsiboas pulchellus* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. O comprimento rostrocloacal dos adultos varia entre 33 e 45 mm nos machos e entre 38 e 50 mm nas fêmeas (GARCIA *et al.*, 2003). A coloração do dorso pode ser amarela, cinza, parda ou verde. Quando apresentam a coloração esverdeada, o dorso é imaculado, enquanto que as formas acinzentadas, amarelas e pardacentas podem apresentar grandes manchas escuras no dorso, tendendo a confluir longitudinalmente (BARRIO, 1965b). O padrão de manchas do corpo é muito variável, mas nas formas não-verdes em geral pode-se observar uma faixa castanho-escura com largura semelhante ao diâmetro do tímpano que percorre o corpo lateralmente, da ponta do focinho até a região inguinal. Em alguns casos, esta faixa é margeada superiormente por uma linha escura e/ou uma linha branca e inferiormente por uma linha clara que vai do lábio superior até a região da axila. Nas formas esverdeadas, a faixa lateral escura não está presente e apenas as linhas são observadas. O tarso e a borda inferior da cloaca também são margeados por uma linha semelhante à do corpo, tanto nas formas verdes quanto nas não-verdes. A parte interna das coxas apresenta coloração clara com pontos ou barras roxoscurecidas (GARCIA *et al.*, 2003). O saco vocal dos machos é amarelado ou alaranjado, com pequenos pontos mais claros, sendo bastante chamativo quando os indivíduos estão vocalmente ativos. Os machos apresentam pré-pólex, de onde se projeta um espinho (BARRIO, 1965b).

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, no sudeste do Paraguai, no Uruguai e no Brasil, a partir do sul de Santa Catarina até o Rio Grande do Sul, onde se encontra amplamente distribuída (BRAUN; BRAUN; 1980; FAIVOVICH *et al.*, 2004; BRUSQUETTI; LAVILLA, 2006).

Habitat. Normalmente são encontradas associadas a corpos d'água lênticos, principalmente em áreas abertas, podendo reproduzir-se tanto em ambientes naturais quanto em artificiais (SALAS *et al.*, 1998; ACHAVAL; OLMOS, 2007), utilizando as axilas de folhas de bromélias e de gravatás como abrigo (LANGONE, 1994). Também são capazes de ocupar ambientes antropizados (MANEYRO; LANGONE, 2001; PELTZER *et al.*, 2006).

Biologia. Os machos de *H. pulchellus* exibem comportamento territorial, podendo algumas vezes entrar em combate. Utilizam o pré-pólex durante as brigas, sendo comum encontrar cicatrizes no dorso dos machos (KWET, 1994). Quando capturados, os indivíduos podem exalar um odor aliáceo (CEI, 1980). Estudos realizados em outras localidades observaram que esta espécie apresenta atividade reprodutiva prolongada ao longo do ano (BASSO; KERR, 1992; PELTZER; LAJMANOVICH, 2007; CANAVERO *et al.*, 2008), sendo que os girinos permanecem nos corpos d'água durante os meses frios do inverno e o período de recrutamento pode concentrar-se nos primeiros meses da primavera (BASSO; KERR, 1992; LANGONE, 1994). Os ovos são pouco pigmentados, com aproximadamente 1,5 mm de diâmetro, sendo depositados em uma massa gelatinosa presa à vegetação (LANGONE, 1994). O canto é a repetição frequente da sílaba "tclíc" (LANGONE, 1994), lembrando o som de um xilofone. Nos estudos realizados na REBIOLJL, observou-se que a atividade de vocalização de *H. pulchellus* ocorreu entre os meses de março e setembro, com picos em abril e maio. Além disso, observou-se que os machos em geral vocalizam empoleirados sobre a vegetação de dentro dos corpos d'água, em alturas normalmente inferiores a 60 cm e em distâncias da margem superiores a 4 m.

***Pseudis minuta* Günther, 1858**

Rã-boiadora

Figuras 20-22



Figura 20. Macho de *Pseudis minuta* em atividade de vocalização.



Figura 21. *Pseudis minuta*.



Figura 22. Macho de *Pseudis minuta* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. O tamanho dos indivíduos maduros pode variar bastante de uma região para outra, normalmente ficando entre 20,6 e 52,0 mm (MELCHIORS *et al.*, 2004). Em estudos realizados na REBIOLJL, observou-se que o comprimento rostrocloacal dos machos maduros variou entre 21,5 mm e 36,5 mm, enquanto que o das fêmeas maduras variou entre 30,7 mm e 40,0 mm. Como adaptações à vida aquática, os representantes deste gênero apresentam olhos protuberantes dispostos na região dorsal da cabeça e os dedos das patas posteriores completamente unidos por membranas (KWET, 2000; ACHAVAL; OLMOS, 2007). Dentre os anfíbios ocorrentes na REBIOLJL, *P. minuta* é o único que apresenta tais características, o que o torna facilmente distinguível das demais espécies. A coloração do dorso pode ser verde ou marrom, com alguns

indivíduos apresentando uma linha média dorsal que pode ser bege, amarelada ou laranja. Apresenta dimorfismo sexual aparente, com machos apresentando saco vocal duplo (as fendas vocais são facilmente visualizadas em sua face ventral).

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, no Uruguai e no extremo sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (FROST, 2011). No Rio Grande do Sul encontra-se amplamente distribuído, com exceção apenas da região nordeste do Estado (sul da Serra Geral), onde ocorre seu congênere *P. cardosoi* Kwet, 2000. Até o momento, não há registro de simpatria para essas espécies.

Habitat. Ocorrem em corpos d'água lênticos, permanentes ou temporários, geralmente com vegetação aquática flutuante.

Biologia. A reprodução e outros aspectos relacionados a seu modo de vida dependem de corpos d'água lênticos, onde os ovos e os girinos são depositados e se desenvolvem. Sua reprodução é do tipo prolongada, estando concentrada nos meses mais quentes do ano (LANGONE, 1994; MELCHIORS *et al.*, 2004). Em estudo desenvolvido na REBIOLJL, Zank *et al.* (2010) observaram uma forte influência da temperatura, da umidade relativa do ar e da pluviosidade tanto na presença de indivíduos como na atividade de vocalização dos machos. A atividade de vocalização foi predominantemente noturna e ocasionalmente diurna, com picos até quatro horas após o pôr-do-sol. O número de machos vocalizando variou significativamente ao longo do ano, sendo maior de maio a novembro, com número mais expressivo no mês de setembro. Além disso, o registro de uma maior quantidade de indivíduos, vocalizações e principalmente amplexos entre agosto e novembro na REBIOLJL indica que a espécie possui reprodução estacional prolongada na área, como já havia sido observado em outras regiões (LAVILLA; ROUGÉS, 1992; LANGONE, 1994; MELCHIORS *et al.*, 2004). Os machos podem utilizar uma grande variedade de microhabitats como sítios de vocalização, embora predominem em corpos d'água com vegetação abundante. Na REBIOLJL, durante a atividade acústica os

machos foram usualmente encontrados boiando na superfície da água, geralmente ancorados na vegetação, apoiando-se em ramos com os membros anteriores. Em diversas ocasiões foram encontrados com o corpo totalmente fora da água, sobre folhas de aguapés (ZANK *et al.*, 2008). O canto é forte, semelhante ao som de uma bexiga friccionada nos dentes (ou ao canto de um pato) e o repertório vocal dos machos consiste-se, principalmente, de duas vocalizações: canto de anúncio e canto territorial (ZANK *et al.*, 2008). Alimenta-se de insetos aquáticos e de suas larvas, de crustáceos, de girinos e jovens ou adultos de pequeno porte de anuros (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Scinax tymbamirim* Nunes, Kwet and Pombal, 2012**
Perereca
Figuras 23-25



Figura 23. *Scinax tymbamirim*.



Figura 24. *Scinax tymbamirim*.

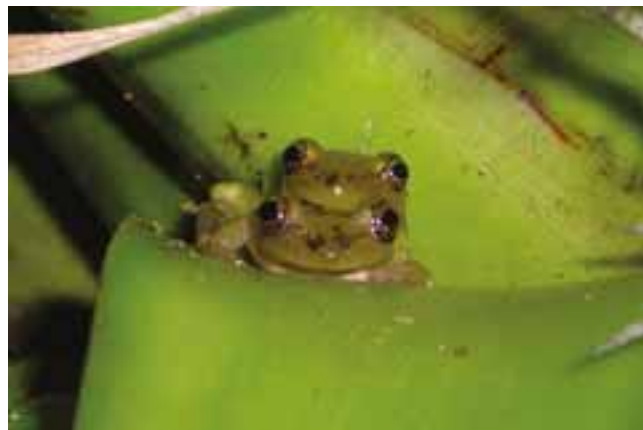


Figura 25. Amplexo de *Scinax tymbamirim* em bromélia.

Características morfológicas. Espécie de pequeno porte, com machos medindo entre 20,6 e 27,4 mm e fêmeas entre 22,3 e 31,2 mm (NUNES *et al.*, 2012). A coloração do dorso pode ser castanho-claro, castanho-escuro ou verde-acinzentada, sendo que indivíduos amarelados também podem ser observados. Em geral, uma mancha larga e escura, em formato quase retangular, parte desde a borda dos olhos e se estende até a região da cloaca, ocupando grande parte da região dorsal. Muitas vezes, em sua porção posterior, este desenho gradualmente se torna difuso. Das espécies que ocorrem na RBLJL, pode ser confundida com *S. berthae*, da qual se diferencia pelo padrão de coloração e de manchas dorsais, por *S. tymbamirim* não apresentar pequenas manchas amarelas ou alaranjadas nas porções escondidas das coxas (presentes em *S. berthae*) e pelo canto, que é bastante distinto.

Distribuição. Ocorre no sul e no sudeste do Brasil, do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, estando presente tanto em áreas de baixa altitude na região litorânea até locais com altitudes acima de 1000 m (NUNES *et al.*, 2012). No Rio Grande do Sul, é mais comum na região nordeste, apesar de recentemente ter sido encontrada também no litoral médio do Estado e na Serra do Sudeste (Marcelo Freire, obs. pess.).

Habitat. Habita matas ou áreas abertas associadas a regiões florestadas, sendo comum seu encontro em bromélias.

Biologia. A reprodução ocorre em corpos d'água lânticos, como banhados e áreas alagadas,

normalmente associadas a áreas florestadas. Em estudo realizado na RBLJL, esta foi uma das espécies mais abundantes, sendo que machos foram registrados em atividade de vocalização entre os meses de agosto e novembro, com picos de atividade em setembro. De uma forma geral, a atividade de vocalização começou durante o pôr-do-sol e se estendeu até cerca de 13 horas depois, com picos de atividade nas cinco primeiras horas após o poente. Os principais sítios utilizados para a atividade de vocalização foram folhas e galhos de vegetação arbóreo-arbustiva circundante, em alturas de até 1,5 m do solo. Mas também foram registrados muitos indivíduos cantando (e em amplexo com fêmeas) em bromélias, apesar de não terem sido encontradas desovas nesses locais. A vocalização é curta e trinada, como o som “trrrr” repetido de forma bastante aguda a intervalos regulares, lembrando o toque de um telefone digital.

***Scinax berthae* (Barrio, 1962)**
Perereca
Figuras 26 e 27



Figura 26. *Scinax berthae*.



Figura 27. *Scinax berthae*.

Características morfológicas. Espécie de tamanho pequeno, com machos medindo entre 17,7 e 22,2 mm e fêmeas entre 23,5 e 25 mm (FAIVOVICH, 2005). A coloração do dorso em geral é marrom-escuro, mas também podem ser observados indivíduos marrom-claros. O dorso pode apresentar manchas escuras, sendo que entre os olhos existe uma mancha em forma de W, de dois triângulos (LANGONE, 1994) ou de trapézio. Na região dorsolateral há uma linha escura que parte dos olhos e se estende até os flancos. As porções escondidas das coxas e dos flancos apresentam pequenas manchas amarelo-alaranjadas, característica que torna *S. berthae* facilmente distinguível de *S. tymbamirim* e de *S. squalirostris*, espécies que também ocorrem na REBIOLJL e com as quais poderia ser confundida.

Distribuição. Ocorre no nordeste da Argentina, no sudeste do Paraguai, no sul do Brasil e no Uruguai (FROST, 2011).

Habitat. Pode ser encontrada em áreas abertas associadas a corpos d’água lânticos, como banhados, açudes e áreas alagadas.

Biologia. Em estudo realizado na REBIOLJL, machos de *S. berthae* foram registrados em atividade de vocalização entre os meses de junho e novembro, com pico no mês de setembro. Indivíduos foram encontrados cantando desde o pôr-do-sol até aproximadamente 13 horas depois, sendo que os picos de atividade foram registrados entre quatro e cinco horas após o poente. Além disso, os machos vocalizaram apenas dentro dos banhados, geralmente próximos à lâmina d’água, escondidos na base das folhas de gramíneas, quase sempre de capins-navalha. Segundo Barrio (1962), as folhas de capim-navalha devem funcionar como ressonador, ampliando a potência da vocalização. O canto dos machos normalmente é baixo e parece a repetição monótona e frequente da sílaba “nhec”, lembrando o ranger de uma porta. A alimentação é composta por pequenos insetos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925)**
Perereca-de-banheiro, Raspa-de-cuia
Figuras 28 e 29



Figura 28. *Scinax fuscovarius*.



Figura 29. *Scinax fuscovarius*.

Características morfológicas. Espécie de perereca de tamanho médio, com machos medindo aproximadamente entre 40 e 45 mm e fêmeas entre 40 e 47 mm (FONTE, 2010). A coloração do dorso em geral é marrom, mas alguns indivíduos de cor cinza também podem ser observados. A região dorsal normalmente apresenta muitas manchas. Entre os olhos, existe uma mancha transversal estreita, em forma de Y com a perna curta, lembrando a silhueta de uma gaivota em vôo. Além disso, no dorso, entre os braços, há uma mancha em forma de X ou Y invertido, ou então, menos frequente, duas manchas em forma de parênteses invertido. Em muitos indivíduos podem ser observados pontos brancos espalhados pela região dorsal. Esta espécie é muito semelhante a *S.*

granulatus, que também ocorre na REBIOLJL, e a *S. nasicus*, que tem ocorrência potencial na Reserva. Segundo Fonte (2010), algumas das diferenças entre elas são: adultos de *S. fuscovarius* apresentam maior CRC e diâmetro do tímpano maior do que o diâmetro do disco adesivo do maior dedo da mão, enquanto que em *S. granulatus* o diâmetro do tímpano é quase igual ao diâmetro do disco adesivo do maior dedo da mão. Além disso, em geral *S. fuscovarius* apresenta a região inguinal e as porções escondidas das coxas com coloração amarelo-vivo, enquanto que em *S. granulatus* essas regiões geralmente não são pigmentadas ou apresentam coloração em tons creme. Com relação a *S. nasicus*, esta possui menor CRC e membros posteriores mais curtos em relação ao tamanho do corpo, sendo que quando a perna é esticada em direção ao focinho, o calcanhar em geral chega apenas até o olho, enquanto que em *S. fuscovarius* o calcanhar chega até as narinas, podendo inclusive ultrapassar o focinho.

Distribuição. Apresenta ampla distribuição geográfica, podendo ser encontrada no oeste, centro, sul e sudeste do Brasil, no leste da Bolívia, no Paraguai, no nordeste da Argentina e no norte do Uruguai (AQUINO *et al.*, 2004).

Habitat. Pode ser encontrada tanto em áreas abertas quanto florestadas, sendo muito comum em locais alterados por ação antrópica, incluindo áreas peridomiciliares. Por ser comumente encontrada em habitações humanas, é popularmente chamada de perereca-de-banheiro.

Biologia. Apesar de ser uma espécie comum em Porto Alegre, nenhum indivíduo de *S. fuscovarius* foi encontrado em atividade de vocalização na REBIOLJL ao longo de nossos estudos. A reprodução normalmente ocorre em corpos d'água lânticos, como banhados, açudes e áreas alagadas. O período reprodutivo em geral se concentra nos meses de primavera e verão e os machos vocalizam na margem dos corpos d'água, normalmente diretamente no chão (KWET *et al.*, 2010), apesar de também cantarem sobre a vegetação marginal. A vocalização é a repetição, a intervalos regulares, da sílaba "cró", sendo bastante similar, porém um tanto mais grave, ao canto de *S. granulatus*. A dieta é composta basicamente por insetos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Scinax granulatus* (Peters, 1871)**
Perereca-de-banheiro
Figuras 30-32



Figura 30. *Scinax granulatus*.



Figura 31. *Scinax granulatus*.



Figura 32. Amplexo de *Scinax granulatus*.

Características morfológicas. Espécie de tamanho médio, com machos medindo aproximadamente entre 32 e 36 mm e fêmeas entre 33 e 38 mm (FONTE, 2010). A coloração do dorso pode ser marrom-claro, marrom-escuro ou cinza, sendo comum a presença de manchas escuras. Entre os olhos, existe uma mancha escura em forma de triângulo ou trapézio, e na região entre os braços existem outras duas manchas em forma de parênteses invertidos. Em muitos indivíduos podem ser observados pontos brancos espalhados pela região dorsal. Esta espécie é muito semelhante a *S. fuscovarius*, que também ocorre na REBIOLJL, e a *S. nasicus*, que tem ocorrência potencial na Reserva. Segundo Fonte (2010), algumas das diferenças entre elas são: adultos de *S. granulatus* apresentam menor CRC e diâmetro do tímpano quase igual ao diâmetro do disco adesivo do maior dedo da mão, enquanto que em *S. fuscovarius* o diâmetro do disco adesivo do maior dedo da mão é menor do que o diâmetro do tímpano. Além disso, em geral *S. fuscovarius* apresenta a região inguinal e as porções escondidas das coxas com coloração amarelo-vivo, enquanto que em *S. granulatus* essas regiões geralmente não são pigmentadas ou apresentam coloração em tons creme. Ainda, *S. nasicus* apresenta os membros posteriores mais curtos em relação ao tamanho do corpo, sendo que quando a perna é esticada em direção ao focinho, o calcanhar em geral chega apenas até o olho, enquanto que em *S. granulatus* o calcanhar ultrapassa o olho. Além disso, *S. nasicus* normalmente apresenta uma mancha escura em forma de linha grossa que parte da região pós-ocular e se estende até a metade ou final da lateral do corpo. Em *S. granulatus* tal linha não se encontra presente.

Distribuição. Ocorre desde a região sul do Brasil até o Uruguai, incluindo o nordeste da Argentina e quase todo o Estado do Rio Grande do Sul, à exceção da região oeste (FONTE, 2010).

Habitat. Pode ser encontrada tanto em áreas abertas quanto florestadas, sendo comum também em locais com interferência antrópica.

Biologia. A reprodução normalmente ocorre em ambientes lênticos, como banhados, açudes e áreas alagadas. Em estudo realizado na REBIOLJL, machos de *S. granulatus* foram encontrados vocalizando entre os meses de agosto e novembro, com pico de atividade no mês de

outubro. De uma forma geral, os indivíduos vocalizaram desde o pôr-do-sol até cerca de seis horas depois, sendo que os sítios mais utilizados foram galhos de vegetação arbóreo-arbustiva ao redor dos banhados. Normalmente, os machos dessa espécie vocalizaram em alturas entre 0,5 m e 1,5 m e em distâncias normalmente inferiores a 3 m para fora dos banhados. Alguns indivíduos também foram encontrados vocalizando sobre cactos, bromélias, vegetação circundante herbácea e diretamente no chão. O canto é a repetição, a intervalos regulares, da sílaba “cré”, sendo muito similar ao canto de *S. fuscovarius*, apesar de mais agudo. Segundo Achaval e Olmos (2007), a alimentação é composta por mariposas, besouros e larvas de insetos.

***Scinax squalirostris* (Lutz, 1925)**
Perereca-nariguda
Figuras 33-35



Figura 33. *Scinax squalirostris*.



Figura 34. *Scinax squalirostris*.



Figura 35. *Scinax squalirostris*.

Características morfológicas. Espécie de pequeno porte, com machos medindo entre 19 e 22 mm e fêmeas entre 21 e 25 mm (LANGONE, 1994). A coloração do dorso em geral é castanho-clara ou castanho-escura, mas também podem ser observados indivíduos em tons castanho-amarelados ou castanho-alaranjados. O padrão de desenho do dorso é bastante característico, sobressaindo-se duas linhas brancas, em forma de faixas, que partem desde a ponta do focinho, passam pelos olhos e se estendem até a região da cintura. Frequentemente essas faixas encontram-se margeadas por outras mais escuras e estreitas. O focinho é bastante acuminado, motivo pelo qual é comumente conhecida como perereca-nariguda. Essas duas características permitem que *S. squalirostris* seja facilmente diferenciada de *S. tymbamirim* e de *S. berthae*, outras espécies que ocorrem na REBIOLJL e com as quais poderia ser confundida.

Distribuição. Encontra-se amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo desde o centro-oeste e o sudeste até o sul do país. Além disso, ocorre também na Bolívia, no Paraguai, no nordeste da Argentina e no Uruguai (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Ocorre em áreas abertas e a reprodução se dá em ambientes com água parada, como banhados, açudes e áreas alagadas. Pode ser frequentemente encontrada associada a gravatás.

Biologia. Em estudo realizado na REBIOLJL, *S. squalirostris* foi uma das espécies mais abundantemente encontradas em atividade de

vocalização, sendo que foram realizados registros entre os meses de março e novembro, com picos em julho, agosto e setembro. Além disso, foram observados indivíduos vocalizando desde o pôr-do-sol até cerca de 14 horas depois, com picos de atividade concentrados entre três e seis horas após o poente. Os machos foram encontrados vocalizando predominantemente nas margens ou em distâncias de até 1 m para fora dos banhados, sobre a vegetação circundante herbácea e sobre gravatás. O canto de anúncio é trinado, como a repetição da sílaba “trrré”, e lembra o som produzido por um cabrito, porém é mais curto e agudo. A alimentação é composta por besouros, moscas e mosquitos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

Família LEIUPERIDAE
***Physalaemus cuvieri* (Fitzinger, 1826)**
Rã-cachorro
Figuras 36 e 37



Figura 36. *Physalaemus cuvieri*.



Figura 37. *Physalaemus cuvieri*.

Características morfológicas. O tamanho dos machos varia de 24 a 31 mm e o das fêmeas de 28 a 32 mm (KWET *et al.*, 2010). Apresenta coloração dorsal bastante variável, podendo ser cinza, marrom ou castanho, e podendo apresentar ou não diversas manchas e linhas escuras. Entre os ombros, glândulas cutâneas formam uma mancha de aspecto circular, semelhante à letra grega ômega (Ω). Normalmente é possível observar uma larga faixa escura na lateral, que se estende da cabeça até a base das coxas, apesar de algumas vezes esta apresentar-se fraca. A região ventral é branca, algumas vezes manchada de escuro no peito e na garganta. Em alguns indivíduos há dois pontos pequenos e negros na região inguinal. A observação dessa região é um dos principais meios de diferenciação morfológica das outras espécies do gênero *Physalaemus* com ocorrência confirmada ou potencial na REBIOLJL: *P. gracilis* apresenta glândulas inguinais bem desenvolvidas, de forma arredondada e de coloração negra, e flancos vermelho-alaranjados; *P. biligonigerus* também apresenta glândulas inguinais bem desenvolvidas, porém não possui as manchas vermelho-alaranjadas na região dos flancos; *P. lisei* apresenta flancos vermelho-alaranjados, contudo não possui as glândulas inguinais desenvolvidas. A diferenciação entre *P. henselii* e *P. cuvieri*, por outro lado, dá-se principalmente pela presença de cordões glandulares longitudinais na região dorsal e pela coloração do ventre, amarelada ou alaranjada em *P. henselii*, características estas não observadas em *P. cuvieri*.

Distribuição. Ocorre no sul, sudeste, centro e nordeste do Brasil, nas regiões orientais do Paraguai e da Argentina e no norte do Uruguai (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Pode ocorrer tanto em áreas abertas quanto florestadas, sendo comum também em ambientes alterados, motivo pelo qual foi considerada uma espécie típica de ambientes antropizados (BOKERMANN, 1962; CARDOSO, 1981; TOLEDO *et al.*, 2003). A reprodução em geral acontece em banhados, açudes e corpos d'água temporários.

Biologia. Em estudo realizado na REBIOLJL, machos de *P. cuvieri* foram registrados em atividade de vocalização de agosto a novembro,

sendo setembro e outubro os meses com maior atividade. Vocalizaram predominantemente próximos à margem dos corpos d'água, em locais de pequena profundidade (no máximo 5 cm) ou em regiões alagadas, geralmente entre gramíneas de pequeno porte. O pico na atividade de vocalização foi desde o pôr-do-sol até a primeira metade da noite. O canto, que de longe lembra o latido agudo de um cachorro, é composto pela repetição freqüente da sílaba "ou". Os machos podem apresentar comportamento territorialista. A desova, que é depositada em um ninho de espuma branca na lâmina d'água, foi registrada contendo de 400 a 700 ovos brancos na região serrana do Rio Grande do Sul (KWET *et al.*, 2010). A dieta é composta por artrópodes (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Physalaemus gracilis* (Boulenger, 1883)**
Rã-chorona
Figuras 38-40



Figura 38. Macho de *Physalaemus gracilis* em atividade de vocalização.



Figura 39. *Physalaemus gracilis*.



Figura 40. Macho de *Physalaemus gracilis* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. É uma rã pequena, que mede de 27 a 32 mm (LANGONE, 1994). A pele do dorso é lisa, porém apresenta conjuntos de glândulas em forma de "X" (LANGONE, 1994) e a coloração é variável, podendo ser castanho-avermelhada, em tons de cinza ou até mesmo esverdeada. As espécies desse gênero geralmente possuem uma faixa preta que vai da ponta do focinho até quase a base das coxas, característica evidente em *P. gracilis*. Na região inguinal (virilhas) ocorrem glândulas escuras circulares e manchas vermelho-alaranjadas. Pode ser confundida com *P. biligonigerus*, que tem ocorrência potencial na REBIOLJL, sendo que as melhores formas de diferenciação são o formato do focinho, mais acuminado em *P. gracilis* e mais achatado em *P. biligonigerus* e pelo fato de *P. biligonigerus* não apresentar coloração vermelho-alaranjada nas virilhas.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, no Uruguai e na Argentina (LANGONE, 1994).

Habitat. Pode ocorrer tanto em florestas quanto em áreas abertas e não raro é observada em terrenos baldios de cidades. Também pode ser encontrada sob troncos, pedras e entulhos e na serapilheira de áreas florestadas. Quanto a sua ocorrência em corpos d'água, pode ser observada tanto em corpos d'água lânticos quanto lóticos.

Biologia. Em estudo realizado na REBIOLJL, a atividade de vocalização de *P. gracilis* ocorreu de julho a novembro e em janeiro, com picos desde a primeira hora antes do ocaso até quatro horas depois. Os

machos foram encontrados cantando tanto nas margens dos corpos d'água quanto no seu interior, boiando refugiados na vegetação aquática emergente. A espécie não foi particularmente abundante durante as amostragens, mas parece ser comum na região. Durante o amplexo, macho e fêmea constroem um ninho de espuma, onde são colocados centenas de ovos, fato também observado nas outras espécies do gênero *Physalaemus* ocorrentes na Reserva. O canto de *P. gracilis* é extremamente conspicuo e de fácil identificação, lembrando o choro de um bebê. Este padrão de canto também é observado em machos de *P. biligonigerus*, sendo que muitas vezes é difícil determinar a diferença entre essas espécies através da vocalização. Alimentam-se principalmente de colêmbolos, ácaros e formigas (DA ROSA *et al.*, 2002).

***Pseudopaludicola falcipes* (Hensel, 1867)**
Razinha
Figuras 41 e 42



Figura 41. *Pseudopaludicola falcipes*.



Figura 42. Macho de *Pseudopaludicola falcipes* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. É uma das menores rãs do Rio Grande do Sul, medindo de 15 a 20 mm (LANGONE, 1994). Os indivíduos desta espécie podem apresentar coloração dorsal em tons de marrom ou cinza, podendo ser observadas também diversas manchas escuras. Em alguns indivíduos ocorre uma faixa clara, de espessura variável, que vai do focinho até a cloaca. Na região dorsal geralmente podem ser observados conjuntos de glândulas que formam um desenho que lembra a letra grega ômega (Ω).

Distribuição. Ocorre na metade sul do Brasil, no sudoeste do Paraguai, no Uruguai e no nordeste da Argentina e do Paraguai (FROST, 2011).

Habitat. Ocorre em diversos tipos de habitats, sendo mais comumente encontrada em áreas abertas. Pode ocupar diferentes corpos d'água como banhados, charcos, áreas alagadiças às margens de grandes lagoas e açudes e até mesmo lavouras de arroz.

Biologia. É uma espécie comum e abundante. O canto dos machos é um estalido com menos de um segundo de frequência, que é repetido frequentemente ao longo de diversos segundos, lembrando o som de algo sendo frito em óleo. Os machos geralmente cantam nas margens ou sobre a vegetação flutuante dos corpos d'água. Na REBIOLJL, a atividade de vocalização foi registrada de agosto a novembro e nos meses de janeiro e março. Além disso, a atividade diária de vocalização dos machos foi observada em dois períodos, entre a primeira hora antes do ocaso até oito horas depois, e entre a quarta e a décima segunda hora depois do nascer do sol. Van Sluys e Rocha (1998), estudando uma população desta espécie no Estado do Pará, sugeriram que as presas principais são hemípteros (percevejos) e dípteros (moscas e mosquitos).

Família LEPTODACTYLIDAE

Leptodactylus gracilis (Duméril & Bibron, 1840)

Rã-listrada

Figuras 43 e 44



Figura 43. *Leptodactylus gracilis*.



Figura 44. *Leptodactylus gracilis*.

Características morfológicas. O comprimento rostrocloacal em geral varia entre 39 e 48 mm (LANGONE, 1994). A região dorsal apresenta diversos cordões longitudinais de glândulas e a coloração do dorso pode ser em tons de marrom-claro, creme e/ou amarelo com diversas manchas pretas arredondadas. Além disso, são observadas diversas listras longitudinais claras e escuras, sobressaindo-se uma listra clara, mais espessa, no meio do dorso que vai do focinho, acuminado, até a cloaca. As patas traseiras apresentam manchas circulares escuras e linhas claras, longitudinais e finas, que vão da região do calcanhar até a porção inguinal.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, no Uruguai, no Paraguai, na Bolívia e na Argentina (LANGONE, 1994; FROST, 2011).

Habitat. Ocupa uma ampla variedade de ambientes, sendo mais comum em áreas abertas e pouco comum em florestas, podendo também ser encontrada em terrenos baldios alagadiços e em parques e praças no meio de cidades.

Biologia. Durante o dia, incluindo horas de intensa insolação, é comum encontrar indivíduos desta espécie deslocando-se e refugiando-se entre a vegetação rasteira de áreas úmidas ou mesmo em locais longe de corpos d'água (LANGONE, 1994). O canto lembra o estouro fraco e repetitivo de bolhas e os machos vocalizam de dentro de tocas construídas por eles no solo, geralmente em partes rasas de áreas alagadiças. Em estudo realizado na REBIOLJL, a atividade de vocalização de machos de *L. gracilis* pareceu ser pouco comum, com registros de no máximo cinco indivíduos vocalizando nos meses de setembro a dezembro e em fevereiro e março, desde uma hora antes do pôr-do-sol até dez horas depois. Alimenta-se de insetos e de crustáceos terrestres (LANGONE, 1994).

Leptodactylus latinasus Jiménez de la Espada, 1875

Rã

Figuras 45 e 46



Figura 45. *Leptodactylus latinasus*.



Figura 46. *Leptodactylus latinasus*.

Características morfológicas. O comprimento rostrocloacal varia entre 32 e 37 mm nos machos e entre 33 e 40 mm nas fêmeas (LANGONE, 1994). A coloração dorsal pode ser marrom, cinza ou castanha, sendo que alguns indivíduos podem apresentar manchas escuras esparsas. Além disso, normalmente uma mancha em formato oval de coloração alaranjada ou avermelhada pode ser observada no meio do dorso, característica que prontamente diferencia *L. latinasus* das outras espécies do gênero que ocorrem na REBIOLJL. Também apresenta uma mancha interocular escura. A porção interna da coxa pode apresentar uma coloração viva, em geral amarelada. Uma faixa clara percorre o lábio superior, partindo da ponta do focinho e atingindo a parte de trás do tímpano. Uma fileira de glândulas creme-amareladas percorre o corpo lateralmente e alguns grânulos esparsos estão presentes no dorso. O focinho é bastante agudo em vista lateral (CEI, 1980).

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil e na região do Chaco da Bolívia, no Paraguai e na Argentina, além de se encontrar amplamente distribuída no Uruguai (MANEYRO; LANGONE, 2001; FROST, 2011).

Habitat. Podem ser encontrados em áreas abertas, entre a vegetação rasteira, próximos a corpos d'água ou nas tocas subterrâneas construídas pelos machos. Também podem ocupar e completar seu ciclo reprodutivo em áreas antropizadas, sendo resistentes a

alterações no ambiente (ATTADEMO *et al.*, 2005).

Biologia. O período reprodutivo desta espécie em geral vai do início da primavera até o final do verão (BASSO; KERR, 1991; LANGONE, 1994). Os machos constroem tocas subterrâneas no solo, à margem dos corpos d'água, de onde emitem o canto nupcial e para onde atraem as fêmeas (HEYER, 1969). Tanto o amplexo quanto a oviposição, realizada em ninhos de espuma, ocorrem dentro das câmaras. Inicialmente, os machos são os responsáveis pela formação da espuma, realizando movimentos com os membros posteriores (LANGONE, 1994). Após a eclosão, os próprios girinos, enquanto permanecem no ninho, fazem a manutenção da espuma, através de movimentos realizados com a cauda (PONSSA; BARRIONUEVO, 2008). Após fortes chuvas, as câmaras são inundadas e os girinos deixam o ninho para ocupar os corpos d'água adjacentes (HEYER, 1969). A atividade de vocalização em geral inicia ao entardecer, continuando até a madrugada, e em alguns casos pode se estender durante o dia (LANGONE, 1994). Em estudo realizado na REBIOLJL, foram ouvidos indivíduos vocalizando nos meses de dezembro e janeiro. O canto é alto e monótono, constituído de assobios curtos e agudos repetidos de forma frequente.

***Leptodactylus latrans* (Steffen, 1815)**
Rã-crioula, Rã-manteiga
Figuras 47-49



Figura 47. *Leptodactylus latrans*.



Figura 48. Jovem de *Leptodactylus latrans*.



Figura 49. Ninho de espuma de *Leptodactylus latrans*.

Características morfológicas. É uma das maiores rãs do Rio Grande do Sul, podendo medir de 86 até 130 mm de comprimento (LANGONE, 1994). Apresenta estrias longitudinais no dorso e o padrão de coloração pode ser em tons de verde ou marrom, com várias manchas irregulares (ocelos) escuras com bordas claras espalhadas pelo corpo, merecendo destaque uma grande mancha na região entre os olhos (LANGONE, 1994; ACHAVAL; OLMOS, 2007). Machos maduros possuem membros anteriores hiperatrofiados e dois espinhos queratinizados escuros no primeiro dedo (LANGONE, 1994; LAVILLA *et al.*, 2010). Apresenta uma faixa pós-ocular escura que se estende até a região posterior do tímpano e termina em forma quase triangular. Além disso, a região posterior das coxas tem um padrão de coloração reticulado (LANGONE, 1994; ACHAVAL; OLMOS, 2007) e a porção inferior do lábio em geral apresenta pequenas manchas brancas.

Distribuição. Ocorre em praticamente toda a América do Sul a leste da Cordilheira dos Andes (FROST, 2011).

Habitat. Pode ocupar uma grande variedade de *habitats*, desde florestas e campos até ambientes degradados pela ação humana. Também ocorre tanto em corpos d'água lânticos quanto lóticos, sendo menos comum nestes últimos. Não é raro encontrar indivíduos desta espécie sob troncos, pedras e outros tipos de materiais.

Biologia. Além de ser uma espécie de grande porte, *L. latrans* é talvez um dos anuros mais comuns e abundantes do Rio Grande do Sul. Os machos normalmente vocalizam nas margens e no interior de corpos d'água densamente vegetados, geralmente escondidos entre plantas aquáticas. Na época reprodutiva, os casais constroem ninhos de espuma com um orifício na parte central, onde são colocados cerca de 1000 ovos (LANGONE, 1994; ACHAVAL; OLMOS, 2007). Geralmente as fêmeas vigiam e protegem o ninho e suas imediações, desde seu centro perfurado, até que os ovos se tornem girinos (LANGONE, 1994). Os girinos, de coloração escura, quase preta, normalmente permanecem juntos, havendo inclusive registros de vocalização dessas larvas, provavelmente com o intuito de orientação do cardume (LANGONE, 1994). Se o cardume é molestado, a rã-fêmea salta em direção ao objeto que os molestou, na tentativa de afastar o intruso com mordidas e cabeçadas. Uma descrição detalhada deste comportamento pode ser encontrada em Langone (1994). A vocalização dos machos adultos é a repetição da sílaba “um” de forma grave e espaçada. Em estudo realizado na REBIOLJL, a atividade de vocalização dos machos foi registrada apenas nos meses de setembro, outubro e novembro, com no máximo dois indivíduos vocalizando tanto antes quanto depois do pôr-do-sol. A dieta da espécie consiste de diversos tipos de invertebrados e até mesmo de outros anfíbios (LANGONE, 1994; ACHAVAL; OLMOS, 2007), incluindo indivíduos da mesma espécie (canibalismo) (P. Colombo, obs. pessoal) e praticamente tudo o que cabe em sua boca. Em algumas populações humanas a rã-crioula é apreciada como alimento (LANGONE

1994; IZECKSOHN, CARVALHO-E-SILVA, 2001). Ao ser capturada, pode escorregar e fugir, motivo pelo qual também é chamada de rã-manteiga. Devido a sua ampla distribuição geográfica, pode constituir um complexo de espécies (ETEROVICK; SAZIMA, 2004).

Família MICROHYLIDAE

***Elachistocleis bicolor* (Guérin-Méneville, 1838)**

Sapinho-guarda

Figuras 50 e 51

Características morfológicas. O tamanho varia de 20 a 35 mm nos machos e de 25 a 50 mm nas fêmeas (KWET *et al.*, 2010). Trata-se de uma espécie de fácil identificação, uma vez que possui o corpo ovóide, as patas posteriores curtas e a cabeça pequena e triangular, com uma prega de pele transversal logo após a cabeça. A coloração do dorso pode ser castanho-escuro, castanho-amarelado ou acinzentado e o ventre é amarelo, com a região gular negra nos machos e amarela nas fêmeas. Algumas vezes é possível observar uma linha estreita alaranjada, amarela ou branca, no dorso e nas coxas.

Distribuição. Ocorre no sul do Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e na Bolívia (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Geralmente são encontrados em áreas abertas, embaixo de pedras, troncos e entulhos. Durante o período reprodutivo, podem ser observados em corpos d'água lânticos, como açudes, banhados e áreas alagadiças.

Biologia. A reprodução em geral ocorre entre setembro e fevereiro, estando normalmente associada a fortes chuvas (KWET *et al.*, 2010). Os machos vocalizam preferencialmente à noite, mas atividade de vocalização diurna também pode ser observada. Utilizam as hastes das gramíneas da margem dos corpos d'água como sítio de vocalização. O canto é similar a um apito agudo, característica que lhe dá o nome comum de sapinho-guarda. Apresentam amplexo axilar, durante o qual o macho libera uma secreção produzida por glândulas da região peitoral a fim de melhor aderir à fêmea (ACHAVAL; OLMOS, 2007). Quando não estão em atividade reprodutiva, os indivíduos apresentam hábitos fossoriais. As pregas de pele localizadas na cabeça têm função de proteção dos olhos, uma vez que os encobre quando introduzem a cabeça nos formigueiros para alimentar-se (ACHAVAL; OLMOS, 2007).



Figura 50. *Elachistocleis bicolor*.



Figura 51. *Elachistocleis bicolor*.

Espécies com ocorrência potencial na REBIOLJL

A seguir, são apresentadas 18 espécies que ainda não foram registradas dentro da área da Reserva, mas que por terem registro em locais próximos e por ocorrerem em ambientes similares aos existentes na REBIOLJL, apresentam grandes chances de serem encontradas.

Ordem Gymnophiona

Família CAECILIIDAE

Chthonerpeton indistinctum (Reinhardt and Lütken, 1862)

Cobra-cega, Minhocão, Cecília
Figura 52



Figura 52. *Chthonerpeton indistinctum*

Características morfológicas. Assim como todos os integrantes da ordem Gymnophiona, *Chthonerpeton indistinctum* não tem membros e possui o corpo alongado e quase cilíndrico (GUDYNAS *et al.*, 1988; ACHAVAL; OLMOS, 2007), lembrando o aspecto de uma minhoca. Apresenta uma série de anéis incompletos ao longo do corpo e o comprimento varia de 99 até 530 mm, sendo que a largura é maior na porção média do corpo, seguida da largura na região do pescoço e da largura na porção próxima à cloaca (GUDYNAS *et al.*, 1988). A cabeça é achatada dorsoventralmente, sendo mais larga na região posterior. O focinho se projeta além da boca e as narinas são ovais, dirigidas dorsolateralmente e ficam mais próximas do focinho do que dos olhos. A distância entre os olhos é maior do que a distância entre as narinas (GUDYNAS *et al.*, 1988). Possui um tentáculo retrátil com funções sensoriais (ACHAVAL; OLMOS,

2007) na região posterior do olho, podendo ou não estar em contato com ele (GUDYNAS *et al.*, 1988). A coloração pode ser preto-brilhante ou cinza-escuro, apresentando pequenos pontos brancos ao longo do corpo (GUDYNAS *et al.*, 1988). O tentáculo e o olho são rodeados por uma área de coloração esbranquiçada e a região da cloaca é creme-esbranquiçada (GUDYNAS *et al.*, 1988).

Distribuição. É a espécie de cecília com a distribuição mais austral que se conhece (GUDYNAS; WILLIAMS, 1986), sendo registrada na bacia do rio Paraná, desde o sul do Paraguai até o nordeste da Argentina e o sul do Uruguai. Também apresenta registro desde o sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, até a região costeira do Uruguai (GUDYNAS; WILLIAMS, 1986; BRUSQUETTI; LAVILLA, 2006; FROST, 2011).

Habitat. A espécie é considerada semi-aquática, vivendo enterrada em solos úmidos às margens de corpos d'água lânticos ou até mesmo dentro d'água (GUDYNAS; WILLIAMS, 1986; GUDYNAS *et al.*, 1988; MEASEY; DI-BERNARDO, 2003; ACHAVAL; OLMOS, 2007). Em uma localidade no Uruguai, indivíduos de *C. indistinctum* foram observados à noite nadando em poças d'água em áreas pedregosas (GUDYNAS *et al.*, 1988). Esta espécie também pode ser encontrada em ilhas flutuantes de macrófitas (camalotes), sob troncos e deslocando-se na superfície do solo após fortes chuvas (GUDYNAS *et al.*, 1988, ACHAVAL; OLMOS, 2007).

Biologia. Quando comparado ao conhecimento que se tem sobre as ordens Anura e Caudata, pouco se sabe sobre as espécies incluídas na ordem Gymnophiona. Em geral são animais com hábito de vida críptico, vivendo enterrados na maior parte de suas vidas, de modo que o encontro desses animais na superfície do solo é raro. Para encontrá-los, é necessária a utilização de técnicas pouco usuais para a amostragem de outros grupos de anfíbios, como por exemplo cavar com a utilização de pás. Apesar do pouco conhecimento existente sobre a espécie, *C. indistinctum* é uma das Gymnophiona sobre a qual mais existem informações a respeito de aspectos da história natural (e. g. GUDYNAS; WILLIAMS, 1986; GUDYNAS *et al.*, 1988; MEASEY; DI-BERNARDO, 2003). A espécie é vivípara (LIEBERMANN, 1939; GUDYNAS; WILLIAMS, 1986; GUDYNAS *et al.*, 1988; MEASEY; DI-BERNARDO, 2003), porém dados

sobre a sua reprodução são escassos (GUDYNAS; WILLIAMS, 1986). Barrio (1969) sugere um período de gestação de quatro meses e que o número de filhotes paridos é entre seis e dez. Liebermann (1939), por outro lado, sugere que este número seja entre três e 11. Em uma população na planície costeira do Rio Grande do Sul, o número de indivíduos juvenis observados pareceu ser maior do que o de adultos (MEASEY; DI-BERNARDO, 2003). A alimentação pode ser constituída de caranguejos, formigas (família Formicidae), coleópteros (Tenebrionidae), aracnídeos, larvas de odonata e até anfíbios (GUDYNAS; WILLIAMS, 1986). Na REBIOLJL, *C. indistinctum* pode potencialmente ocorrer nos ambientes úmidos, principalmente onde o solo é parcialmente encharcado.

Ordem Anura
Família BUFONIDAE
***Rhinella arenarum* (Hensel, 1867)**
Sapo-cururu-da-areia
Figuras 53 e 54



Figura 53. *Rhinella arenarum*.



Figura 54. *Rhinella arenarum*.

Características morfológicas. Espécie de sapo de grande porte, com indivíduos normalmente medindo entre 88 e 112 mm (CEI, 1980). A pele é grossa e rugosa, apresentando glândulas espalhadas ao longo do dorso. A coloração dorsal normalmente é bege-claro, cinza, amarelada ou quase esbranquiçada, pontuada por manchas acinzentadas, amareladas ou marrons. Esta espécie é semelhante a sua congênere *R. ictérica*, que também apresenta ocorrência potencial na REBIOLJL, sendo que a principal forma de diferenciação entre elas é o formato da glândula parotóide, que é mais alongada e estreita, com comprimento maior do que o dobro da largura em *R. arenarum* e mais volumosa, com comprimento menor do que o dobro da largura em *R. ictérica* (KWET *et al.*, 2006).

Distribuição. Ocorre na planície costeira do sul do Brasil (em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul), no litoral do Uruguai, no norte e nordeste da Argentina e no sul da Bolívia (MANEYRO; KWET, 2008; FROST, 2011).

Habitat. No Rio Grande do Sul, é uma espécie comum das áreas abertas naturais da região da planície costeira, sendo comumente encontrada em regiões arenosas. Durante a noite, pode ser observada deslocando-se pelas dunas, onde deixa um rastro bastante característico. Durante o dia, também pode ser encontrada enterrada em tocas cavadas nas dunas.

Biologia. Sua reprodução, assim como a de outras espécies da família Bufonidae, é do tipo explosiva, estando normalmente associada à ocorrência de fortes chuvas. A vocalização, o amplexo e a desova (cordões gelatinosos longos, com ovos pretos) geralmente ocorrem em poças rasas. O canto é bastante similar ao de sua congênere *R. ictérica*, lembrando o som da palavra “cururu”. A alimentação é composta de coleópteros, minhocas, crustáceos terrestres e pequenos vertebrados (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Rhinella fernandezae* (Gallardo, 1957)**
Sapo-de-jardim
Figura 55



Figura 55. *Rhinella fernandezae*.

Características morfológicas. Espécie de sapo de tamanho mediano, com machos medindo entre 38,2 e 67,3 mm e fêmeas entre 40 e 76,4 mm (NARVAES; RODRIGUES, 2009). Morfológicamente bastante semelhante a *R. dorbignyi*, espécie que tem ocorrência confirmada na REBIOLJL. As principais diferenças são relativas à crista pós-orbital (reduzida em *R. dorbignyi* e mais desenvolvida em *R. fernandezae*) e à crista infra-orbital (ausente ou reduzida, nunca ultrapassando a pós-orbital em *R. dorbignyi*; sempre presente, estendendo-se além da crista pós-orbital em *R. fernandezae*). Além disso, *R. dorbignyi* pode apresentar expansão horizontal pronunciada da borda da maxila e sempre apresenta linha dorsal longitudinal amarela desde o focinho até a cloaca, enquanto que em *R. fernandezae* esta linha pode estar ausente (NARVAES; RODRIGUES, 2009).

Distribuição. Ocorre desde o nordeste da Argentina até o Uruguai, abrangendo a região sul do Brasil, onde possui um grande área de simpatria e hibridização com *R. dorbignyi*, incluindo a região de Porto Alegre (NARVAES; RODRIGUES, 2009; FROST, 2011).

Habitat. Geralmente é encontrado em áreas abertas e a reprodução ocorre em corpos d'água lânticos, como banhados e áreas alagadas.

Biologia. Os aspectos conhecidos de sua biologia e reprodução são semelhantes aos de *R. dorbignyi*, incluindo o canto, que é um trinado longo e agudo, lembrando o som produzido por um grilo, porém não tão comprido. Apesar de ser uma espécie relativamente comum em Porto Alegre, seu registro é dificultado por passarem a maior parte do tempo enterrados em suas tocas, de onde saem somente para se alimentar e reproduzir. Além disso, como sua reprodução é explosiva, ficam mais ativos e conspícuos durante um período de tempo bastante limitado. Ainda assim, devido à presença de ambientes propícios para sua ocorrência, é possível que a espécie em breve seja registrada na REBIOLJL.

***Rhinella icterica* (Spix, 1824)**
Sapo-cururu
Figuras 56-58



Figura 56. Macho de *Rhinella icterica*.



Figura 57. Fêmea de *Rhinella icterica*.



Figura 58. Jovem de *Rhinella icterica*.

Características morfológicas. É uma das maiores espécies de sapo do sul do Brasil, podendo atingir cerca de 140 mm de comprimento (KWET *et al.*, 2010). Possui a pele bastante rugosa e áspera, com a presença de duas grandes glândulas de veneno localizadas atrás dos olhos e denominadas glândulas parotóides. Possui dimorfismo sexual bem marcado, com machos apresentando coloração dorsal uniforme, em geral verde ou amarelo, e fêmeas com coloração rajada, em tons de preto e cinza, sendo comum a presença de uma faixa dorsal clara que vai desde a ponta do focinho até a cloaca.

Distribuição. Encontra-se presente no sul e no sudeste do Brasil, geralmente associada a áreas de Mata Atlântica e em Misiones, na Argentina (KWET *et al.*, 2010).

Habitat. Ocorre em áreas florestadas, mas também pode ser comumente encontrado próximo a residências, onde durante a noite se aproxima de fontes de luz à caça de insetos.

Biologia. Sua reprodução ocorre em ambientes lênticos, permanentes e temporários. O seu nome comum é dado devido à sonoridade de seu canto, que lembra a palavra “cururu”, sendo as últimas sílabas repetidas várias vezes. Apesar de ainda não ter sido registrada na REBIOLJL, ambientes apropriados para sua presença ocorrem em diversos pontos da Reserva. Além disso, há registros desta espécie para diversas localidades de Porto Alegre, entre elas o Morro Teresópolis.

***Rhinella henseli* (Lutz, 1934)**
Sapo-cruz
Figuras 59-60



Figura 59. *Rhinella henseli*.



Figura 60. *Rhinella henseli*.

Características morfológicas. Espécie de sapo de tamanho mediano, com machos medindo entre 51,6 e 63,9 mm e fêmeas entre 64,4 e 78,9 mm (BALDISSERA *et al.*, 2004). Dentre as espécies do grupo a que pertence (grupo *Rhinella crucifer*), é a mais facilmente distinguível, devido ao seu menor tamanho, à presença de glândulas parotóides longas e estreitas e às marcas amarelas existentes perto da cloaca e na face posterior das coxas (BALDISSERA *et al.*, 2004). Além disso, por essas mesmas características, pode ser facilmente diferenciada de *R. icterica*, que também apresenta ocorrência potencial na REBIOLJL.

Distribuição. Ocorre ao longo da Mata Atlântica dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (incluindo o planalto e interior) (BALDISSERA *et al.*, 2004; FROST, 2011).

Habitat. Geralmente é encontrada em áreas florestadas.

Biologia. Não é considerada uma espécie rara, mas sim de difícil registro, por sua presença estar relacionada a áreas florestadas. Além disso, como ocorre em grande parte das espécies do gênero *Rhinella*, sua reprodução é do tipo explosiva, de modo que os indivíduos só se tornam conspícuos durante esses períodos, quando podem ser encontrados em grande número se reproduzindo em banhados e poças temporárias. O canto é semelhante ao de *R. icterica*, porém mais agudo. É uma espécie de ocorrência potencial para a REBIOLJL, já que a Reserva apresenta ambientes adequados a sua presença e por haver um registro depositado em coleção científica (MCP 7760) para o bairro Lami, em Porto Alegre.

***Melanophryniscus pachyrhynus* (Miranda-Ribeiro, 1920)**

Sapinho-de-barriga-vermelha-marmoreada
Figuras 61 e 62



Figura 61. *Melanophryniscus pachyrhynus*.



Figura 62. *Melanophryniscus pachyrhynus*.

Características morfológicas. Espécie de sapo de tamanho reduzido, medindo aproximadamente entre 18,3 e 35,6 mm (VAZ-SILVA *et al.*, 2008). Possui a pele rugosa, com a presença de pequenos tubérculos nas faces dorsal e ventral e uma grande tumefação frontal, que se estende desde os olhos até a ponta do focinho. A coloração dorsal é manchada, podendo ser preta ou marrom-clara. O ventre é marmoreado em tons de laranja, com uma grande mancha vermelha em forma de trapézio na região das coxas (CARAMASCHI; CRUZ, 2002; VAZ-SILVA *et al.*, 2008).

Distribuição. Possui registros confirmados no norte do Uruguai (Cuchilla de Mangrullo) e no Rio Grande do Sul, em alguns municípios dentro da região fisionômica denominada Serra do Sudeste (BORTEIRO *et al.*, 2005; VAZ-SILVA *et al.*, 2008). Em Porto Alegre, possui registros antigos para algumas localidades como o Morro Santana e, mais recentemente, para a Vila Nova. Na REBIOLJL, pode ocorrer principalmente na área da Ponta do Cego, onde existe uma área com a presença de afloramentos rochosos ainda pouco amostrada.

Habitat. Sua presença parece estar associada a extensos ambientes de afloramentos rochosos.

Biologia. Apesar de ser considerada abundante nas áreas onde ocorre praticamente nada se conhece sobre sua biologia (MANEYRO; KWET, 2008; VAZ-SILVA *et al.* 2008). No entanto, baseando-se em informações disponíveis sobre outras espécies do grupo *Melanophryniscus tumifrons* (e.g. MANEYRO; KWET, 2008; SANTOS *et al.*, 2010), é possível supor que sua reprodução ocorre em ambientes lóticos e temporários, após períodos de chuva intensa.

Família CYCLORAMPHIDAE
***Odontophrynus maisuma* Rosset, 2008**
Sapo-da-enchente-da-praia
Figuras 63 e 64



Figura 63. *Odontophrynus maisuma*.



Figura 64. *Odontophrynus maisuma*.

Características morfológicas. Machos desta espécie medem aproximadamente 38 mm e fêmeas cerca de 40 mm (ROSSET, 2008). O corpo tem aspecto globoso, com pernas curtas e cabeça grande. A pele é rugosa, normalmente de coloração bege, amarelada ou branca, pontuada por manchas irregulares marrons com margens negras. Em geral, uma linha branca se estende desde o focinho até a cloaca e pequenas manchas avermelhadas podem ser observadas nas regiões dorsolaterais. Esta espécie foi recentemente descrita e é muito similar à sua congênera *O. americanus*, da qual diferencia-se principalmente pelo formato do cordão de glândulas pós-orbitais e parotóide (alongado, formando um sulco longitudinal em *O. maisuma* e

descontínuo, arredondado e curvado em *O. americanus*) e pela forma das manchas supralabiais (pequenas, de aspecto quase apagado e sem entrar em contato com os olhos em *O. maisuma* e grandes, bem marcadas e escuras, chegando até os olhos em *O. americanus*) (ROSSET, 2008). Além disso, *O. maisuma* é diplóide, enquanto que *O. americanus* é tetraplóide (ROSSET, 2008).

Distribuição Distribuiu-se ao longo da região costeira do sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e do Uruguai (ROSSET, 2008; KUNZ; GHIZONI-JR., 2011).

Habitat. Sua presença está associada a áreas abertas e arenosas da região costeira, onde indivíduos desta espécie podem ser facilmente encontrados deslocando-se nas dunas durante a noite. Durante o dia, também são comumente encontrados enterrados em tocas cavadas na areia.

Biologia. Por ter sido recentemente descrita, pouco se sabe sobre os aspectos da biologia desta espécie, porém acredita-se que sejam similares aos de sua congênera *O. americanus*.

Família HYLIDAE
***Dendropsophus nanus* (Boulenger, 1889)**
Perereca
Figura 65



Figura 65. *Dendropsophus nanus*.

Características morfológicas. Espécie de tamanho diminuto, com machos medindo entre 18 e 22 mm e fêmeas entre 19 e 24 mm (LANGONE; BASSO, 1987). A morfologia externa

de *D. nanus* é praticamente igual à de *D. sanborni* (espécie com ocorrência confirmada na REBIOLJL), sendo difícil a diferenciação entre as duas sem a realização de uma avaliação cuidadosa. Em ambas as espécies o corpo tem aspecto alongado e o dorso normalmente apresenta pequenos pontos escuros distribuídos longitudinalmente, podendo chegar a formar delgadas linhas, sobre uma coloração castanho-amarelada, cinza ou alaranjada. Das poucas diferenças existentes entre essas duas espécies, pode-se destacar a presença de dentes vomerianos conspícuos em *D. nanus* e rudimentares ou ausentes em *D. sanborni* (BASSO *et al.*, 1985; LANGONE; BASSO, 1987; ZIEGLER; MANEYRO, 2008). Além disso, indivíduos de *D. nanus* apresentam maior tamanho (machos: 18 a 22 mm; fêmeas: 19 a 24 mm) do que os de *D. sanborni* (machos: 15 a 18 mm; fêmeas: 16 a 20mm) (LANGONE; BASSO, 1987).

Distribuição Sua distribuição geográfica é bastante ampla, ocorrendo em praticamente todo o Brasil, no Paraguai, no nordeste da Argentina, no leste da Bolívia e no Uruguai (FROST, 2011).

Habitat. Pode ser encontrada em corpos d'água lânticos, como açudes, banhados e áreas alagadiças, incluindo locais degradados por atividades antrópicas e lavouras. Em muitas localidades ocorre em simpatria com *D. sanborni*, que ocupa o mesmo tipo de ambiente.

Biologia. A biologia desta espécie é bastante similar à de *D. sanborni*. Os machos normalmente vocalizam apoiados sobre a vegetação flutuante, em folhas de gravatá ou sobre juncos nas bordas de charcos, formando coros de indivíduos (ACHAVAL; OLMOS, 2007). O canto é parecido com o de *D. sanborni*, porém mais grave, sendo composto pela repetição de notas curtas, semelhantes a um estalido. Alimentam-se de insetos, principalmente moscas, mosquitos e pequenos percevejos e vespas (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Phyllomedusa iheringii* Boulenger, 1885**
Perereca-macaca
Figuras 66 e 67



Figura 66. *Phyllomedusa iheringii*.



Figura 67. Amplexo de *Phyllomedusa iheringii*.

Características morfológicas. Perereca arborícola de tamanho mediano, em geral medindo de 64 a 74mm (ACHAVAL; OLMOS, 2007). Apresenta pele lisa e coloração dorsal variando do verde-claro ao verde-escuro e ventre com coloração clara. As regiões do flanco, da parte posterior dos membros e as partes ocultas das coxas têm coloração violeta reticulada sobre um fundo amarelo vivo. Distinta morfológicamente das 'tradicionais' espécies de pererecas que possuem discos adesivos na ponta dos dedos (*e. g. Scinax, Hypsiboas e Dendropsophus*), *P. iheringii* apresenta comportamento associado a deslocamento em marcha lenta, além do seguinte conjunto de características morfológicas únicas: cabeça grande com glândulas reduzidas,

pupila vertical, dedos livres sem discos adesivos e membrana interdigital reduzida ou ausente, com primeiro dedo maior e oponível (dedo “polegar”) (KLAPPENBACH, 1961; CEI, 1980; LANGONE, 1994).

Distribuição. Considerada endêmica da região subtropical (Garcia *et al.*, 2007), ocorre no Uruguai e no Rio Grande do Sul. No Estado, é conhecida das regiões fisiográficas da Campanha, Depressão Central, Serra do Sudeste e Encosta Inferior do Sudeste (BRAUN; BRAUN, 1980). Registros antigos citam a ocorrência desta espécie para o Município de Gravataí (BRAUN; BRAUN, 1976), sendo que recentemente *P. iheringii* foi encontrada na zona noroeste de Porto Alegre, no bairro Humaitá (D. Buhler, comun. pess.), e na zona sul, no Parque Gabriel Knijinik, na Vila Nova (R. Caruccio, comun. pess.). Na REBIOLJL, pode vir a ser encontrada em ambientes com características florestais associados à Ponta do Cego.

Habitat. *P. iheringii* possui hábitos noturnos, porém pode ser encontrada durante o dia em repouso na vegetação de corpos d’água permanentes e semipermanentes, normalmente utilizados para a reprodução.

Biologia. O período reprodutivo normalmente está associado aos meses de primavera e verão, de outubro a janeiro (DE SÁ; GERHAU, 1983; LANGONE *et al.*, 1985; LANGONE, 1993; ACHAVAL; OLMOS, 2007). Durante o evento reprodutivo, após a formação dos casais, a fêmea manipula a vegetação, dobrando e reunindo folhas para a deposição da desova. A massa gelatinosa é então fixada na extremidade de folhas da vegetação marginal pendente sobre os corpos d’água. Posteriormente, após a eclosão, as larvas em estágios iniciais caem na água para finalizarem seu desenvolvimento no meio aquático (IHERING, 1886; KLAPPENBACH, 1961; LANGONE *et al.*, 1985; LANGONE, 1993).

***Scinax nasicus* (Cope, 1862)**
Perereca-de-banheiro
Figuras 68 e 69



Figura 68. *Scinax nasicus*.



Figura 69. *Scinax nasicus*.

Características morfológicas. Espécie de tamanho médio, com machos medindo aproximadamente entre 29 e 34 mm e fêmeas entre 30 e 35 mm (FONTE, 2010). A coloração do dorso em geral é castanha, apesar de indivíduos de coloração acinzentada também poderem ser observados, sendo comum a presença de manchas escuras. Entre os olhos, existe uma mancha escura transversal estreita, em forma de barra, e na região entre os braços podem existir duas manchas paralelas ou em forma de parênteses invertidos, mas em geral estas não se apresentam muito nítidas. Na lateral do corpo, destaca-se uma mancha em forma de banda que parte do olho, se projeta sobre a membrana supratimpânica e se estende até a

metade ou final da lateral do corpo. Esta mancha normalmente não está presente em *S. granulatus* nem em *S. fuscovarius*, outras espécies muito similares e que têm registro confirmado na REBIOLJL. Outras formas de diferenciação entre esses táxons podem ser encontradas nos textos específicos de cada um deles deste capítulo.

Distribuição. Ocorre no Paraguai, no nordeste da Argentina, no Uruguai, no leste da Bolívia e no sul e sudoeste do Brasil (KWET *et al.*, 2004). No Rio Grande do Sul, o primeiro registro desta espécie foi realizado apenas recentemente, para o Município de Itaqui (GIASSON, 2001). Posteriormente, foi encontrada em Santa Maria (CECHIN *et al.*, 2002b). O primeiro registro de *S. nasicus* na região metropolitana de Porto Alegre foi realizado apenas alguns anos atrás, nos municípios de Alvorada, Esteio, Gravataí e Triunfo (Patrick Colombo, Caroline Zank, Márcio Borges-Martins, com. pess.). Em Porto Alegre, existem registros inclusive para o Parque da Redenção. Na REBIOLJL, é possível que seja registrada nas áreas abertas com presença de corpos d'água parada.

Habitat. Normalmente é encontrada em áreas abertas, sendo comum mesmo em locais com interferência antrópica.

Biologia. A reprodução em geral ocorre em ambientes lênticos, como banhados, açudes e áreas alagadas. Machos podem vocalizar em gravatás, diretamente no chão ou sobre galhos de arvoretas às margens dos corpos d'água. O canto é a repetição frenética da sílaba “cré”, característica que o torna bem distinguível das vocalizações de *S. granulatus* e *S. fuscovarius*, que emitem seus cantos de forma mais espaçada e menos frequente. A alimentação consiste de abelhas, vespas, besouros e larvas e adultos de moscas e mosquitos (ACHAVAL; OLMOS, 2007).

***Scinax uruguayus* (Schmidt, 1944)**
Perereca tic-tac
Figuras 70 e 71



Figura 70. *Scinax uruguayus*.



Figura 71. Macho de *Scinax uruguayus* em atividade de vocalização.

Características morfológicas. Espécie de tamanho pequeno, com machos apresentando CRC variando entre 23 e 28 mm e fêmeas entre 26 e 30 mm (KWET *et al.*, 2010). A coloração geral do dorso e dos membros é cinza, castanho ou bege-claro, com manchas irregulares escuras. A parte superior da cabeça apresenta uma mancha em formato triangular de cor creme-amarelado, que vai da ponta do focinho até a região atrás dos olhos (LANGONE, 1990, 1994; KOLENC *et al.*, 2003; KWET, *et al.*, 2010). Indivíduos adultos possuem íris bicolor, dourada na porção superior e castanha na inferior. A ponta dos dedos é alaranjada e machos maduros apresentam saco vocal de coloração preta.

Distribuição. *Scinax uruguayus* é considerada uma espécie rara e/ou incomum ao longo de sua área de distribuição, que se apresenta ampla, porém disjunta. Ocorre nos três estados da região sul do Brasil, além de Corrientes, na Argentina, e de regiões serranas do Uruguai. No Rio Grande do Sul possui distribuição nas regiões sudeste, norte e nordeste, com registros de ocorrência nas regiões fisiográficas dos Campos de Cima da Serra, Depressão Central e Serra do Sudeste (BRAUN; BRAUN, 1976; BRAUN; BRAUN, 1981). Em Porto Alegre, registros antigos confirmam sua presença no Bairro Jardim Botânico e no Morro Teresópolis (MAINIERI; GAYER, 1990), sugerindo que a espécie pode vir a ser registrada futuramente na REBIOLJL em ambientes florestais da Ponta do Cego.

Habitat. Utiliza ambientes abertos associados a florestas.

Biologia. O canto é descrito como similar ao som produzido pela “batida de duas pedras” ou ao “tic-tac de um relógio” (LANGONE, 1990, 1994; KOLENC *et al.*, 2003). A atividade reprodutiva é supostamente do tipo explosiva, entre os meses de primavera e verão, predominantemente nos períodos chuvosos entre agosto e março (LANGONE, 1994; KOLENC *et al.*, 2003; KWET *et al.*, 2010; SILVANO *et al.*, 2004). Durante a atividade reprodutiva, machos vocalizam no solo ou empoleirados na vegetação marginal de corpos d’água permanentes e temporários, sejam eles naturais ou artificiais (KOLENC *et al.*, 2003).

***Trachycephalus mesophaeus* (Hensel, 1867)**
Perereca-leiteira
Figuras 72 e 73



Figura 72. *Trachycephalus mesophaeus*.



Figura 73. *Trachycephalus mesophaeus*.

Características morfológicas. São pererecas de grande porte, apresentando CRC de aproximadamente 61 mm nos machos e 70 mm nas fêmeas (PRADO *et al.*, 2003). De uma forma geral, a coloração varia de amarronzada a olivácea, sendo que no dorso há um desenho em forma de polígono, com coloração mais escura, que vai desde a região entre os olhos até a cloaca. Nas laterais, uma linha espessa clara de margem escura contorna o corpo, partindo da região pós-ocular e atingindo a região inguinal, formando uma moldura dorsal. Os olhos são bastante chamativos, de cor amarela com manchas pretas.

Distribuição. Sua distribuição está associada aos domínios da Mata Atlântica, desde o Estado do Rio Grande do Sul até a Bahia, sendo a localidade-tipo o Município de Porto Alegre (FROST, 2011). Sua ocorrência na REBIOLJL é bastante provável, tanto pela proximidade com outras áreas de registro, como pela existência de uma grande quantidade de bromélias na Reserva, um dos principais abrigos da espécie.

Habitat. São arborícolas, sendo comum o encontro de indivíduos abrigados em bromélias.

Biologia. Ao serem capturados, secretam um líquido leitoso, que pode provocar ardência se entrar em contato com mucosas ou ferimentos. A reprodução é explosiva, ocorrendo após chuvas torrenciais com formação de poças temporárias (PRADO *et al.*, 2003).

Família LEIUPERIDAE
Physalaemus biligonigerus (Cope, 1861)
 Rã-chorona
 Figuras 74 e 75



Figura 74. *Physalaemus biligonigerus*.



Figura 75. Amplexo de *Physalaemus biligonigerus*.

Características morfológicas. Pequena rã de porte robusto, com machos e fêmeas apresentando comprimento rostrocloacal variando de 35 a 40 mm (LANGONE, 1994). A coloração é bastante variável, podendo ser observados indivíduos acinzentados ou acastanhados. O dorso em geral apresenta-se bastante ornamentado, com manchas largas escuras e claras, de aspecto marmoreado, mas em alguns casos tais manchas não se encontram presentes. Possui uma glândula grande e escura na região inguinal (BARRIO, 1965a; LANGONE, 1994).

Distribuição. Ocorre no norte da Argentina, no Uruguai, no Brasil, no Paraguai e no sul da Bolívia

(FROST, 2011). No Rio Grande do Sul, ocorre em praticamente todas as regiões (BRAUN; BRAUN, 1980). Distribuiu-se pela região da Grande Porto Alegre e entorno (BRAUN; BRAUN, 1976), sendo encontrada em diversos bairros da cidade (MAINIERI; GAYER, 1990), fato que sugere a sua potencial ocorrência na REBIOLJL.

Habitat. Em geral pode ser encontrada em corpos d'água lânticos, como banhados e pequenas poças d'água de caráter temporário, semipermanente e permanente (LANGONE, 1994).

Biologia. Durante o acasalamento, macho e fêmea constroem um ninho de espuma, que é depositado sobre a lâmina d'água. Quando sob ameaça de predação iminente, indivíduos desta espécie exibem comportamento deimático ou anti-predatório, inflando e arqueando o corpo para frente e expondo na sua traseira as glândulas inguinais, duas manchas negras que lembram "olhos". Assim, mostram-se maiores e supostamente perigosos ao predador (BORTEIRO; KOLENC, 2007). O canto lembra o choro de uma criança, produzido de forma arrastada (BARRIO, 1965a), sendo bastante similar à vocalização da outra rã-chorona (*P. gracilis*, registrada na REBIOLJL), inclusive podendo ocorrer amplexos interespecíficos. Ambas as espécies são consideradas de ocorrência simpátrica e sintópica nos ambientes reprodutivos (BARRIO, 1965a; KWET, 2002).

Physalaemus henselii (Peters, 1872)
 Rã-de-inverno
 Figura 76



Figura 76. *Physalaemus henselii*.

Características morfológicas. Espécie de pequeno porte, com machos medindo entre 17 e 21,5 mm e fêmeas entre 18,4 e 23,6 mm (LANGONE, 1994). A região do dorso apresenta coloração castanha com manchas escuras em forma de linhas longitudinais e cordões glandulares longitudinais interrompidos. As glândulas inguinais são pouco desenvolvidas. Na região da maxila, existem duas bandas laterais, uma superior, maior e escura, sobre uma menor clara, desde o focinho até a inserção do membro anterior (BARRIO, 1964; LANGONE, 1994).

Distribuição. *Physalaemus henselii* é considerada uma espécie incomum ao longo de sua distribuição (LAVILLA *et al.*, 2004), que inclui o nordeste da Argentina, o Uruguai e o sul do Brasil, desde o centro e o sul de Santa Catarina até praticamente todo o Estado do Rio Grande do Sul (BRAUN; BRAUN, 1980; FROST, 2011). Em Porto Alegre, diversos registros antigos indicam sua ocorrência em bairros como Jardim Botânico, Teresópolis e Ponta Grossa, além dos Morros Teresópolis, da Polícia e do Côco (MAINERI; GAYER, 1990). Recentemente, foi encontrada no Bairro Lami, em local próximo à REBIOLJL, fato que a torna uma espécie com potencial ocorrência na Reserva.

Habitat. Pode ser encontrada em corpos d'água lânticos, temporários e permanentes.

Biologia. Possui hábito diurno e noturno, apresentando atividade reprodutiva associada a baixas temperaturas, entre o outono e o inverno, normalmente entre abril e agosto. O canto de anúncio é composto por notas curtas e multipulsionadas, reproduzidas repetidamente, similares ao som produzido por insetos da ordem Orthoptera (grilos) (BARRIO, 1965; MANEYRO *et al.*, 2008). Em geral, os machos vocalizam escondidos sob a vegetação marginal dos corpos d'água, mesmos locais selecionados como sítios de postura das desovas (BARRIO, 1964, 1965a; LANGONE, 1994; MANEYRO *et al.*, 2008).

***Physalaemus lisei* Braun and Braun, 1977**
Rã-chorona-pequena-do-mato
Figuras 77 e 78



Figura 77. *Physalaemus lisei*.



Figura 78. *Physalaemus lisei*.

Características morfológicas. Rã de pequeno porte, com machos apresentando comprimento rostrocloacal menor (21 a 28 mm) do que o das fêmeas (26 a 33 mm) (KWET *et al.*, 2010). O focinho é pontudo e a região lateral apresenta uma faixa negra bem marcada que vai desde a narina, passando pelos olhos, até a região dos flancos. A coloração dorsal pode ser cinza-claro, bege, marrom ou verde. A região interna das coxas e a cintura são distintamente caracterizadas pela coloração alaranjada (BRAUN; BRAUN, 1977; KWET *et al.*, 2010). Diferencia-se de *P. gracilis*, espécie bastante similar com ocorrência confirmada na REBIOLJL, principalmente por não apresentar glândulas na região inguinal.

Distribuição. Ocorre no sul de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (FROST, 2011), com distribuição nas regiões central, norte e nordeste do Estado (BRAUN; BRAUN, 1980) e associada às ecorregiões de Floresta Atlântica do Interior e Floresta de Araucária (GARCIA *et al.*, 2007). Em Porto Alegre, *P. lisei* é conhecida dos bairros Ipanema (MAINIERI; GAYER, 1990) e Lami, o que torna sua ocorrência provável na REBIOLJL. Além disso, existem registros para o Parque Estadual de Itapuã, no Município de Viamão, contíguo a Porto Alegre.

Habitat. É uma espécie relativamente comum nos locais onde ocorre, utilizando preferencialmente áreas abertas, bordas e ambientes florestados, tanto em áreas de encosta como em áreas de baixada (GARCIA *et al.*, 2007; KWET *et al.*, 2010).

Biologia. Frequentemente é encontrada reproduzindo-se em ambientes temporários e/ou semipermanentes durante o dia e à noite. A época reprodutiva vai de setembro a fevereiro (KWET *et al.*, 2010). De forma similar às demais espécies do gênero, casais em amplexo constroem ninhos de espuma onde os ovos são depositados. O canto é uma espécie de choro muito baixo e curto, lembrando lamúrias de uma criança e/ou o zumbido de um mosquito (BRAUN; BRAUN, 1977; KWET *et al.*, 2010).

Família LEPTODACTYLIDAE

Leptodactylus mystacinus (Burmeister, 1861)

Rã-de-bigodes

Figura 79



Figura 79. *Leptodactylus mystacinus*.

Características morfológicas. São rãs de médio porte, com CRC de aproximadamente 54 mm nos machos e 57 mm nas fêmeas (HEYER *et al.*, 2003). A coloração do dorso pode ser verde-acinzentado ou castanho-claro. Uma linha escura grossa vai da ponta do focinho até a região posterior do tímpano, motivo pelo qual a espécie é chamada de rã-de-bigodes. Em muitos indivíduos, a região entre o lábio superior e esta linha escura é mais clara do que a coloração do resto do dorso. Podem apresentar de um a dois pares de pregas dorso-laterais longitudinais (HEYER *et al.*, 2003). Entre as pregas, o dorso é liso, e alguns indivíduos podem apresentar uma coloração mais chamativa nesta região, desde parda até ferrugínea.

Distribuição. Ocupa áreas de vegetação aberta, ocorrendo na Bolívia e na Argentina, ao longo do Chaco, e no Brasil nas áreas de Cerrado (tendo como seu limite norte os estados do Mato Grosso e Bahia) e em áreas abertas associadas aos domínios da Mata Atlântica e dos Pampas, chegando até o Uruguai (HEYER *et al.*, 2003). É registrada para o Município de Porto Alegre e as formações abertas de restinga da REBIOLJL são um ambiente propício para sua ocupação, sendo sua ocorrência possível na Reserva.

Habitat. Utilizam poças temporárias, filetes d'água formados por chuvas ou corpos d'água artificiais (OLIVEIRA-FILHO; GIARETTA, 2008).

Biologia. A reprodução se dá em câmaras subterrâneas construídas próximas aos corpos d'água e as desovas são protegidas por ninhos de espuma, assim como nas demais espécies do grupo *Leptodactylus fuscus* (HEYER, 1969). O canto é composto por uma sequência de assobios agudos, repetida mais rapidamente do que em *L. latinasus* (registrada para REBIOLJL) e mais frequentemente do que em *L. fuscus* (espécie potencial para REBIOLJL).

***Leptodactylus fuscus* (Schneider, 1799)**
Rã-assobiadora
Figura 80



Figura 80. *Leptodactylus fuscus*.

Família RANIDAE
***Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802)**
Rã-touro
Figuras 81-83



Figura 81. *Lithobates catesbeianus*.

Características morfológicas. É uma rã de médio porte, com CRC de aproximadamente 43 mm nos machos e 44 mm nas fêmeas (HEYER, 1978). A coloração do dorso pode ser parda ou olivácea, com a presença de diversas manchas (com contornos negros) cinza-escuras ou marrons, o que lhe confere um aspecto marmoreado. Alguns indivíduos podem apresentar uma linha clara médio-dorsal. Seis estrias atravessam o dorso longitudinalmente.



Figura 82. Imago de *Lithobates catesbeianus*.

Distribuição. Sua distribuição é muito ampla, ocorrendo desde o Panamá, incluindo as ilhas de Trinidad e Tobago, até a Argentina, a leste dos Andes (WYNN; HEYER, 2001) e a maior parte do Brasil. É registrada para o Município de Porto Alegre (BRAUN; BRAUN, 1980), podendo ocorrer na REBIOLJL devido à existência de habitats favoráveis à sua presença, como as áreas de vegetação aberta onde se formam poças temporárias.

Habitat. Ocorre em áreas abertas, reproduzindo-se em corpos d'água temporários

Biologia. Constrói câmaras subterrâneas em locais próximos aos corpos d'água, onde deposita desovas em ninhos de espuma. O canto é formado por assobios únicos, curtos e monótonos.



Figura 83. Jovem de *Lithobates catesbeianus*.

Características morfológicas. É uma rã de grande porte, sendo considerada o maior anfíbio da América do Norte, com tamanho dos adultos

variando entre 180 e 200 mm e girinos apresentando entre 152-178 mm de comprimento (BURY; WHELAN, 1984). Sua coloração dorsal pode ser verde-clara, verde-oliva ou até em tons amarronzados, podendo apresentar ou não manchas. Como adaptações à vida aquática, os indivíduos desta espécie apresentam olhos protuberantes dispostos na região dorsal da cabeça e os dedos das patas posteriores completamente unidos por membranas. Dentre os anfíbios com ocorrência confirmada na REBIOLJL, *Pseudis minuta* é a única espécie que compartilha tais características com *L. catesbeianus*. Apesar disso, ambas são facilmente distinguíveis pelo maior tamanho rostrorcloacal e pelas presenças de prega supratimpânica bastante evidente e tímpano grande (de diâmetro igual ou superior ao diâmetro do olho) e claramente evidenciável em *L. catesbeianus*, enquanto que *P. minuta* não apresenta prega supratimpânica evidenciável (ZIEGLER; MANEYRO, 2008). Além disso, nos machos, o saco vocal de *L. catesbeianus* é único, enquanto que em *P. minuta* é duplo.

Distribuição. No Brasil a rã-touro é uma espécie exótica invasora. Originalmente sua distribuição era restrita à metade leste dos Estados Unidos, porém foi introduzida em outras áreas principalmente para criação com fins gastronômicos e acabou invadindo o ambiente natural fora dos ranários, alcançando até mesmo áreas protegidas [e.g. Parque Estadual de Itapeva (COLOMBO *et al.*, 2008)]. Atualmente possui populações estabelecidas em mais de 40

países distribuídos nas Américas do Sul, Central e Norte, África, Ásia, Ilhas do Mediterrâneo, Pacífico Sul e Caribe (FICETOLA *et al.*, 2007). No Brasil, foi introduzida como iguaria no ano de 1935 e hoje possui registros confirmados em pelo menos 130 municípios distribuídos por todo o País (BOTH *et al.*, 2011).

Habitat. Pode ser encontrada com frequência em ambientes naturais, ocorrendo em grande densidade em corpos d'água lânticos e lóticos, naturais ou artificiais, tanto em áreas abertas quanto em matas.

Biologia. A presença de *L. catesbeianus* em ambientes naturais pode representar um enorme problema ambiental, pois trata-se de uma espécie extremamente voraz e que se adapta facilmente a diversas condições de degradação. Quando adultos, podem consumir desde vegetais até anuros, peixes, cobras, lagartos e aves (BURY; WHELAN, 1984). Isso fez com que essa rã tenha sido apontada em determinadas regiões como a causa do declínio de algumas espécies de anfíbios (KIESECKER, 2003). Em um estudo preliminar realizado na região central do Rio Grande do Sul (BOELTER; CECHIN 2007), foi verificado que *L. catesbeianus* é predadora de várias espécies de anuros nativos. No entanto, ainda não se sabe a real magnitude dos impactos causados por esta espécie sobre a fauna nativa em nosso Estado. O canto emitido pelos machos é bastante conspicuo e facilmente reconhecido por se assemelhar ao mugido de uma vaca, fato pelo qual a espécie é popularmente conhecida como rã-touro.

Lista de anfíbios do Município de Porto Alegre

Até o momento, poucos trabalhos contendo uma lista de espécies de anfíbios do Município de Porto Alegre foram publicados. A primeira compilação de informações foi publicada por Braun e Braun (1976), tendo sido listadas 29 espécies. Alguns anos depois, em uma lista dos anfíbios do Rio Grande do Sul, Braun e Braun (1980) novamente listaram 29 espécies para o Município, apesar de esta lista conter algumas diferenças em relação à anterior. Mainieri e Gayer (1990), com base em amostragens em campo e em revisões bibliográficas, listaram 36 espécies para a cidade. Lema e Braun (1993), ao listarem o material herpetológico coletado por William Milstead, citaram 16 espécies registradas em Porto Alegre e, por fim, Lema e Martins (2011), em seu livro sobre os anfíbios do Rio Grande do Sul, listaram 31 espécies com ocorrência no Município.

Para a elaboração de uma lista atualizada das espécies de anfíbios ocorrentes em Porto Alegre, além da revisão bibliográfica, visitamos as principais coleções científicas do Estado do Rio Grande do Sul (Coleção Herpetológica do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCT-PUCRS); Coleção Herpetológica do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (MCN-FZB/RS) e Coleção Herpetológica do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como resultado, apresentamos uma lista de 37 espécies com ocorrência confirmada no Município, apresentada a seguir. Nenhuma das espécies listadas encontra-se ameaçada de extinção.

Classe Amphibia

Ordem Gymnophiona

Família Caeciliidae

Chthonerpeton indistinctum (Reinhardt & Lütken, 1862)

Ordem Anura

Família Bufonidae

Melanophryniscus pachyrhynchus (Miranda-Ribeiro, 1920)

Rhinella arenarum (Hensel, 1867)

Rhinella dorbignyi (Duméril & Bibron, 1841)

Rhinella fernandezae (Gallardo, 1957)

Rhinella henseli (Lutz, 1934)

Rhinella icterica (Spix, 1824)

Família Cycloramphidae

Odontophrynus americanus (Duméril & Bibron, 1841)

Odontophrynus maisuma Rosset, 2008

Família Hylidae

Dendropsophus minutus (Peters, 1872)

Dendropsophus nanus (Boulenger, 1889)

Dendropsophus sanborni (Schmidt, 1944)

Hypsiboas faber (Wied-Neuwied, 1821)

Hypsiboas pulchellus (Duméril & Bibron, 1841)

Phyllomedusa iheringii Boulenger, 1885

Scinax tymbamirim Nunes, Kwet and Pombal, 2012

Scinax berthae (Barrio, 1962)

Scinax fuscovarius (Lutz, 1925)

Scinax granulatus (Peters, 1871)

Scinax nasicus (Cope, 1862)

Scinax squalirostris (Lutz, 1925)

Scinax uruguayus (Schmidt, 1944)

Pseudis minuta Günther, 1858

Trachycephalus mesophaeus (Hensel, 1867)

Família Leiuperidae

Physalaemus biligonigerus (Cope, 1861)

Physalaemus cuvieri Fitzinger, 1826

Physalaemus gracilis (Boulenger, 1883)

Physalaemus henselii (Peters, 1872)

Physalaemus lisei Braun and Braun, 1977

Pseudopaludicola falcipes (Hensel, 1867)

Família Leptodactylidae

Leptodactylus fuscus (Schneider, 1799)

Leptodactylus gracilis (Duméril & Bibron, 1840)

Leptodactylus latinasus Jiménez de la Espada, 1875

Leptodactylus latrans (Steffen, 1815)

Leptodactylus mystacinus (Burmeister, 1861)

Família Microhylidae

Elachistocleis bicolor (Guérin-Méneville, 1838)

Família Ranidae

Lithobates catesbeianus (Shaw, 1802)

Apesar de a presente lista conter apenas uma espécie a mais do que aquela apresentada por Mainieri e Gayer (1990), várias alterações foram realizadas, como a atualização sistemática e nomenclatural, a inclusão de alguns táxons e a retirada de outros. Dessa forma, considerando-se as informações publicadas em trabalhos anteriores, algumas considerações devem ser feitas.

Braun e Braun (1976) citaram a ocorrência de *Melanophryniscus tumifrons* e de *Melanophryniscus* sp. para Porto Alegre. Essas citações também foram parcial ou completamente repetidas em Braun e Braun (1980) e Mainieri e Gayer (1990). No entanto, em recente revisão do material depositado nas coleções científicas supracitadas, constatamos que na verdade os exemplares indicados por aqueles autores dizem respeito à espécie *Melanophryniscus pachyrhynchus* [recentemente retirada da sinonímia de *M. tumifrons* por Caramaschi e Cruz (2002)]. Ademais, não encontramos indivíduos de outras espécies desse gênero com registro para Porto Alegre.

Braun e Braun (1976) apontaram a presença de *Hyla* sp. no Município e, alguns anos após, os mesmos autores (BRAUN; BRAUN, 1981) reidentificaram o exemplar como *Hyla pinima*. No entanto Langone (1990), ao revalidar *Hyla uruguayana* (atualmente *Scinax uruguayus*), atribuiu a esta espécie o material procedente do Rio Grande do Sul e restringiu a ocorrência de *Hyla pinima* à localidade-tipo, em Minas Gerais.

Braun e Braun (1976), seguidos por Braun e Braun (1980) e Mainieri e Gayer (1990), citaram a ocorrência de *Hyla hayii* em Porto Alegre. Kwet (2001) sugeriu que a presença da espécie no Rio Grande do Sul é pouco provável e Fonte (2010), ao examinar o material indicado por Braun e Braun (1976), constatou que na verdade se tratava de um indivíduo de *Scinax granulatus*. Braun e Braun (1980), por outro lado, citaram a ocorrência da espécie em Porto Alegre baseados em Cochran (1955), que identificou um indivíduo tombado no Smithsonian National Museum of Natural History, em Washington, Estados Unidos. Nossa análise das fotos desse exemplar (enviadas pelos curadores daquela coleção) permitiu sua identificação como *Scinax granulatus*.

Braun e Braun (1976,1980), seguidos por Mainieri e Gayer (1990), indicaram a ocorrência de *Leptodactylus mystaceus* na cidade, baseados em

dois exemplares depositados na coleção científica da FZB-RS (MCN 2135 e 2136). No entanto, nossa análise indicou que, na verdade, esses indivíduos pertencem à espécie *Leptodactylus latrans*.

Ainda, Mainieri e Gayer (1990), baseadas em Milstead (1960), e Lynch (1970), citaram a ocorrência de *Physalaemus fuscomaculatus* em Porto Alegre. No entanto, as autoras fizeram a ressalva de que os exemplares em questão poderiam dizer respeito a indivíduos de *Physalaemus biligonigerus*, conforme sugestão de Milstead (1963). Lema e Martins (2011), também seguindo Milstead (1960), indicaram a ocorrência de *Physalaemus* aff. *fuscomaculatus* no Município. No entanto Frost (2011), reunindo as informações apresentadas em Barrio (1965a), Cei (1980), Klappenbach e Langone (1992) e Nascimento *et al.* (2006), indica a ocorrência apenas de *P. biligonigerus* no sul do Brasil, critério seguido por nós para a elaboração da presente lista.

Verrastro *et al.* (2001), em sua lista dos anfíbios do Parque Natural Morro do Osso, e Melo (2002), em sua lista dos anfíbios do Parque Estadual do Delta do Jacuí (que inclui o Município de Porto Alegre), citaram a ocorrência de *Elachistocleis ovalis* e de *Dendropsophus nanus*.

Durante muito tempo houve certa confusão na identificação de indivíduos do gênero *Elachistocleis* na América do Sul, tendo sido usados tanto os nomes *Elachistocleis bicolor* quanto *Elachistocleis ovalis* para indivíduos procedentes do Rio Grande do Sul. Lavilla *et al.* (2003), no entanto, sugeriram a utilização apenas do nome *Elachistocleis bicolor* para as formas do sul do Brasil, critério por nós adotado na elaboração da presente lista.

Dendropsophus nanus é uma espécie muito similar a *D. sanborni*, sendo que amostragens em campo por nós realizadas nos últimos anos não resultaram no encontro de indivíduos de *D. nanus* em Porto Alegre. Ainda, Langone e Basso (1987) também apontaram a ausência de registros de *D. nanus* e a abundância de indivíduos de *D. sanborni* no Município. No entanto, nossas buscas por indivíduos em coleções científicas permitiram o encontro de pelo menos um indivíduo de *D. nanus* coletado em Porto Alegre, de modo que decidimos incluir esta espécie em nossa lista.

Rosset (2008) descreveu *Odontophrynus maisuma*, espécie muito similar a *O. americanus*, e indicou a ocorrência de ambas as espécies em Porto Alegre.

Mainieri e Gayer (1990) citaram a ocorrência de *Phyllomedusa iheringii* em Porto Alegre baseadas em Braun e Braun (1976), mas estes autores na verdade citaram um exemplar procedente de Gravataí. No entanto, nossa revisão em coleções científicas permitiu o encontro de dois indivíduos coletados em Porto Alegre (coletores Daniel Bühler e Caroline Maria da Silva), configurando no primeiro registro da espécie para o Município.

Da mesma forma, com base em coletas recentes realizadas por nós na região metropolitana, registramos pela primeira vez *Scinax nasicus* para Porto Alegre.

Braun e Braun (1980) citaram a ocorrência de *Hyla rubra altera* no Município, tendo sido seguidos por Mainieri e Gayer (1990). Carvalho-e-Silva e Peixoto (1991) e Pombal Jr. *et al.* (1995 a,b) consideraram *Scinax alter* uma espécie plena, sendo que os últimos autores fizeram a ressalva de que provavelmente mais de uma unidade taxonômica estava sendo confundida sob este nome. Kwet e Di-Bernardo (1999), Kwet (2001) e Kwet *et al.* (2010) indicaram que a forma ocorrente

no sul do Brasil era um táxon assemelhado a *S. alter*, porém até então ainda não descrito. Por fim, Nunes *et al.* (2012), em recente revisão taxonômica do complexo de espécies de *Scinax alter*, descreveram *Scinax tymbamirim* e associaram a este nome o morfotipo ocorrente no Rio Grande do Sul.

Por fim, vale ressaltar que todas as espécies citadas em nossa lista (incluindo as já mencionadas em trabalhos anteriores) foram encontradas tombadas nas coleções científicas analisadas, à exceção de *Leptodactylus fuscus*, que foi citada para o Município por Braun e Braun (1980) e repetida por Mainieri e Gayer (1990). Ainda assim, optamos por manter este registro em nossa lista.

Além das espécies com ocorrência confirmada em Porto Alegre, outras duas apresentam ocorrência potencial no Município, por terem registros confirmados em municípios vizinhos. São elas: *Physalaemus riograndensis*, registrado no Parque Estadual do Delta do Jacuí (Melo, 2002), e *Melanophryniscus sp. aff. tumifrons*, táxon ainda não descrito e com registros para o Município de Viamão.

Créditos e locais de procedência das fotografias

As abreviaturas dos autores das fotos utilizadas neste capítulo são as seguintes: Caroline Zank (CZ), Diego Janisch Alvares (DJA), Luis Fernando Marin da Fonte (LFMF), Marcelo Duarte Freire (MDF), Márcio Borges Martins (MBM) e Patrick Colombo (PC). Todas as fotos são de animais procedentes do Rio Grande do Sul, à exceção de *Odontophrynus maisuma* (Figura 63), que é de Laguna, Santa Catarina. A seguir, são apresentados os autores das fotos e os locais de procedência (municípios e/ou localidades): **Figura 1:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 2:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 3:** LFMF; São José do Norte; **Figura 4:** LFMF; São José do Norte; **Figura 5:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 6:** CZ; Bagé; **Figura 7:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 8:** LFMF; Nonoai; **Figura 9:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 10:** LFMF; São José do Norte; **Figura 11:** CZ; Tapes; **Figura 12:** LFMF; São José do Norte; **Figura 13:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 14:** LFMF; Nonoai; **Figura 15:** LFMF; Itati; **Figura 16:** LFMF; Nova Roma do Sul; **Figura 17:** LFMF; Cerro Largo; **Figura 18:** LFMF; Cerro Largo; **Figura 19:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 20:** CZ; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 21:** LAF; Guaíba; **Figura 22:** LFMF; São José do Norte; **Figura 23:** LFMF; Itati; **Figura 24:** LFMF; Itati; **Figura 25:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 26:** MDF; Osório; **Figura 27:** LFMF; Nonoai; **Figura 28:** LFMF; Serafina Corrêa; **Figura 29:** LFMF; Cerro Largo; **Figura 30:** LAF;

Guaíba; **Figura 31:** CZ; Pedras Altas; **Figura 32:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 33:** CZ; Bagé; **Figura 34:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 35:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 36:** LFMF; Cerro Largo; **Figura 37:** MBM; Barra do Ribeiro; **Figura 38:** MDF; Pinhal; **Figura 39:** CZ, Pantano Grande; **Figura 40:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 41:** MBM; Palmares do Sul; **Figura 42:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 43:** LFMF; São José do Norte; **Figura 44:** MDF; Osório; **Figura 45:** MDF; APA do Ibirapuitã; **Figura 46:** LAF; Porto Alegre; Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger; **Figura 47:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 48:** LFMF; Serafina Corrêa; **Figura 49:** PC; Porto Alegre; Bairro Lami; **Figura 50:** CZ; Tapes; **Figura 51:** MDF; Pinhal; **Figura 52:** PC; Terra de Areia; **Figura 53:** LFMF; São José do Norte; **Figura 54:** LFMF; São José do Norte; **Figura 55:** MBM; Tapes; **Figura 56:** LFMF; Arvorezinha; **Figura 57:** LFMF; Arvorezinha; **Figura 58:** MDF; Cambará do Sul; **Figura 59:** LFMF; André da Rocha; **Figura 60:** CZ; Nonoai; **Figura 61:** DJA; São Jerônimo; **Figura 62:** DJA; São Jerônimo; **Figura 63:** MDF; Laguna (Santa Catarina); **Figura 64:** MBM; Torres; **Figura 65:** LFMF; Terra de Areia; **Figura 66:** PC; São Jerônimo; **Figura 67:** CZ; São Sepé; **Figura 68:** PC; Eldorado do Sul; **Figura 69:** MBM; Triunfo; **Figura 70:** PC; Pantano Grande; **Figura 71:** CZ; Pantano Grande; **Figura 72:** CZ; Maquiné; **Figura 73:** MBM; Triunfo; **Figura 74:** CZ; Tio Hugo; **Figura 75:** MDF; Viamão; **Figura 76:** MBM; São Francisco de Paula; **Figura 77:** LFMF; Cotiporã; **Figura 78:** LFMF; Cotiporã; **Figura 79:** LFMF; Nonoai; **Figura 80:** CZ; São Sepé; **Figura 81:** MBM; São Marcos; **Figura 82:** MBM; São Marcos; **Figura 83:** LFMF; Nonoai.

Referências Bibliográficas

- ACHAVAL, F.; OLMOS, A. **Anfibios y Reptiles del Uruguay**. 3ª Ed., Montevideo: Graphis Impresora, 155 pp. 2007.
- AMPHIBIAWEB. **Information on amphibian biology and conservation**. [web application]. Berkeley, California: AmphibiaWeb. Available: <http://amphibiaweb.org>. Accessed: Sep 25, 2012.
- AQUINO, L.; BASTOS, R.; REICHLER, S.; SILVANO, D.; BALDO, D.; LANGONE, J.. *Scinax fuscovarius*. In: IUCN, Conservation International and Nature Serve. 2009. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2009.2. Accessed on 2/11/2011. Accessible at <http://www.iucnredlist.org>. 2004.
- ATTADEMO, A. M.; PELTZER, P. M.; LAJMANOVICH, R. C. Amphibians occurring in soybean and implications for biological control in Argentina. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, v.106, p.389-394. 2005.
- BALDISSERA-JR., F. A.; CARAMASCHI, U.; HADDAD, F. B. C. Review of the *Bufo crucifer* species group, with descriptions of two new related species (Amphibia, Anura, Bufonidae). **Arquivos do Museu Nacional**. v.62, n.3, p. 255-282. 2004.
- BARRIO, A. Observaciones sobre *Chthonerpeton indistinctum* (Gymnophiona, Caeciliidae) y su reproducción. **Physis**, v.77, p.499–503. 1969.
- BARRIO, A. El género *Physalaemus* (Anura, Leptodactylidae) en la Argentina. **Physis**, v.25, n.70, p. 421-448. 1965a.
- BARRIO, A. Las subespecies de *Hyla pulchella* Duméril y Bibron (Anura, Hylidae). **Physis**, v.25, n.69, p. 115-128. 1965b.
- BARRIO, A. Relaciones morfológicas, eto-ecológicas y zoogeográficas entre *Physalaemus henseli* (Peters) y *P. fernandezae* (Anura, Leptodactylidae). **Acta Zoologica Lilloana**, v.20, p.287-305. 1964.
- BARRIO, A. Los Hylidae de Punta Lara, Provincia de Buenos Aires: observaciones sistemáticas, ecológicas y análisis espectrográfico del canto. **Physis**, v.23, n.65, p.129-142. 1962.
- BASSO, N. G.; KERR, A. Estructura poblacional y crecimiento de *Hyla pulchella pulchella* (Anura, Hylidae). **Acta Zoologica Lilloana**, v.41, p.143-148. 1992.
- BASSO, N. G.; KERR, A. I. Postmetamorphic growth and population structure of the frog *Leptodactylus latinasus* (Anura, Leptodactylidae). **Studies on neotropical fauna and environment**, v.26, p.39-44. 1991.
- BASSO, N. G.; PERÍ, S. I.; TADA, I. E. Revalidación de *Hyla sanborni*, Schimdt, 1944 (Anura, Hylidae). **Cuadernos de Herpetología**, v.1, n.3, p.1-12. 1985.
- BOELTER, R.A.; CECHIN, S.Z. Impact of the bullfrog diet (*Lithobates catesbeianus* - Anura, Ranidae) on native fauna: case study from the region of Agudo - RS - Brazil. **Natureza & Conservação**, v.5, n.2, p.115-123. 2007.
- BOKERMANN, W.C. Observações Biológicas sobre "*Physalaemus cuvieri*" Fitz., 1826 (Amphibia, Salientia). **Revista Brasileira de Biologia**, v.22, n.4, p.391-399. 1962.
- BORGES-MARTINS, M.; P. COLOMBO; C. ZANK; F.G. BECKER e M.T.Q. MELO. Anfíbios p. 276-291. In: BECKER, F.G.; R.A. RAMOS & L.A. MOURA (orgs.) **Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 385 pp., 2007.
- BORTEIRO, C.; KOLENCK, F. Redescription of the tadpoles of three species of frog from Uruguay (Amphibia: Anura: Leiuperidae), with notes on natural history. **Zootaxa**, v.1638, p.1-20. 2007.
- BORTEIRO, C., KOLENCK, F.; TEDROS, M.; GUTIÉRREZ, F. Geographic distribution: *Melanophryniscus pachyrhynchus*. **Herpetological Review**. v.36, n.2, p.199-200. 2005.
- BOTH, C.; LINGNAU, R.; SANTOS-JR. A. P.; MADALAZZO, B.; LIMA, L. P.; GRANT, T. Widespread occurrence of the american bullfrog, *Lithobates catesbeianus* (Shaw, 1802) (Anura: Ranidae), in Brazil. **South American Journal of Herpetology**, v.6, n.2, p.127-134. 2011.
- BRAUN, P.C.; BRAUN, C.A.S. Ocorrência de *Hyla pinima* Bokermann & Sazima, 1973, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Hylidae). **Iheringia, Série Zoologia**, v.57, p.113-118. 1981.
- BRAUN, P. C.; BRAUN, C. A. S. Lista prévia dos anfíbios do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia, Série Zoologia**, v.56, p.121-146. 1980.
- BRAUN, P.C.; BRAUN, C. A. S. Nova espécie de *Physalaemus* do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Anura, Leptodactylidae). **Revista Brasileira de Biologia**, v.37, n.4, p.867-871. 1977.
- BRAUN, P. C.; BRAUN, C. A. S. Contribuição ao estudo da fauna anfibiológica da Região Metropolitana (Grande Porto Alegre), Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunica-**

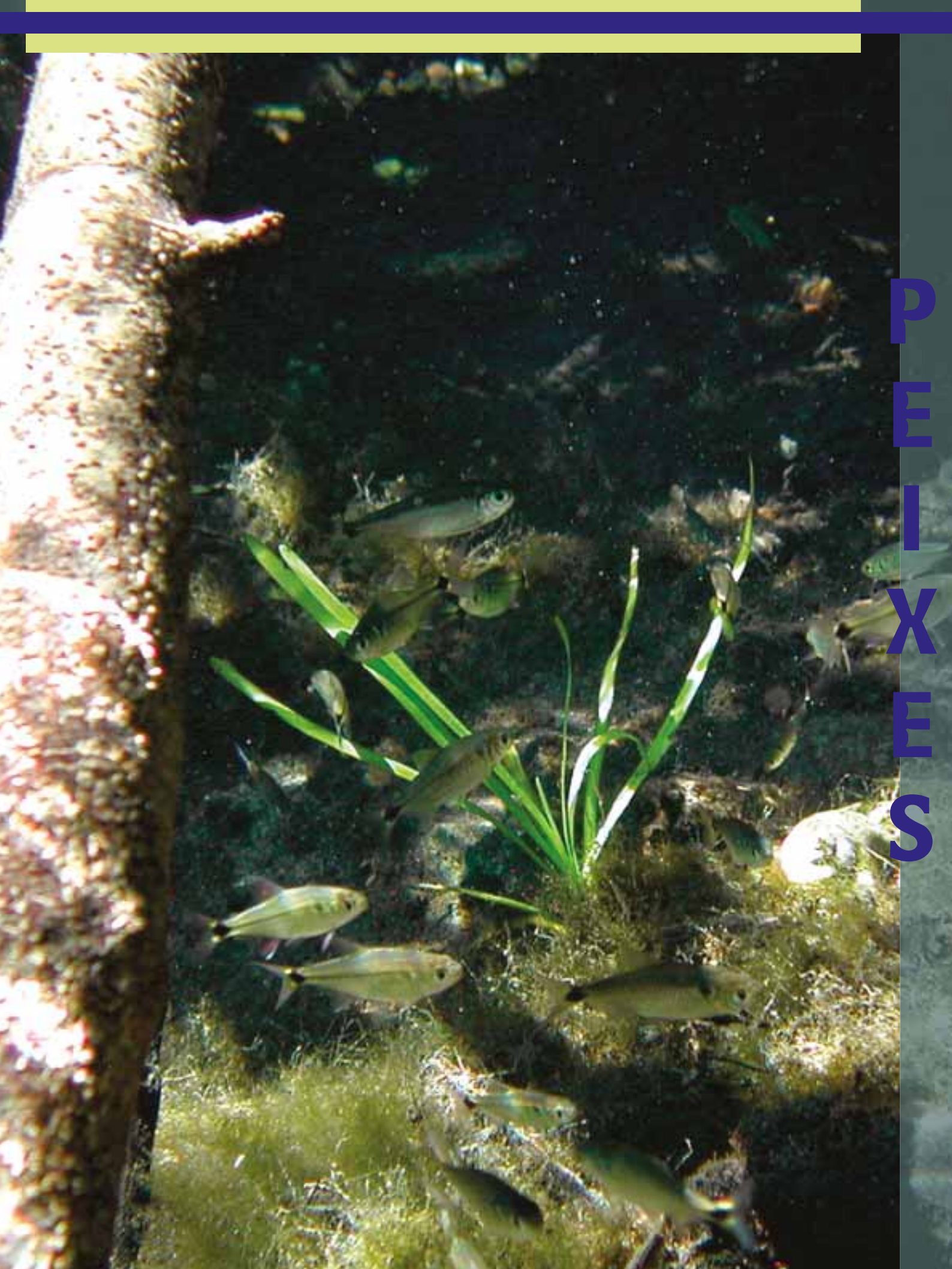
- ções do Museu de Ciências da PUCRS, **Série Zoolo-gia**, n.10/11, p.1-16. 1976.
- BRUSQUETTI, F.; LAVILLA, E. O. Lista comentada de los anfibios de Paraguay. **Cuadernos de Herpetología**, v.20, n.2, p.3-79. 2006.
- BURY, R. B. ; WHELAN, J. A. Ecology and Management of the Bullfrog. **Fish and Wildlife Service Resource Publication**, n. 155, 26 pp. 1984.
- CANAVERO, A.; ARIM, M.; NAYA, D. E.; CAMARGO, A.; ROSA, I.; MANEYRO, R. Calling activity patterns in an anuran assemblage: the role of seasonal trends and weather determinants. **North-Western Journal of Zoology**, v.4, p.29-41. 2008.
- CARAMASCHI, U.; CRUZ, C. A. G. Taxonomic status of *Atelopus pachyrhynchus* Miranda-Ribeiro, 1920, redescription of *Melanophryniscus tumifrons* (Boulenger, 1905) and descriptions of two new species of *Melanophryniscus* from the State of Santa Catarina, Brazil (Amphibia, Anura, Bufonidae). **Arquivos do Museu Nacional**. v.60, n.4, p.303-314. 2002.
- CARDOSO, A. J. Biologia e sobrevivência de *Physalaemus cuvieri* Fitz., 1826 (Amphibia, Anura) na natureza. **Ciência e Cultura**, v.33, n.9, p.1224-1228. 1981.
- CARVALHO-E-SILVA, S. P.; PEIXOTO, O. L. *Duas novas espécies de Ololygon para os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo* (Amphibia, Anura, Hylidae). **Revista Brasileira de Biologia**, v.51, p.263-270. 1991.
- CECHIN, S.; COIASSON, L. M.; HARTMANN, M. A.; SANTOS, T. G.; BOELTER, R. Anfíbios. p. 201-205. *In*. ITAQUI, J. (orgs.) **Quarta Colônia, Inventários Técnicos, Flora e Fauna**. 256 pp. Il. 2002a.
- CECHIN, S.T.Z.; SANTOS, T.G.; KOPP, K.A.; SPIES, M.R.; TREVISAN, R. Geographic distribution. *Scinax nasicus*. **Herpetological Review**, v.33, n.3, p.222. 2002b.
- CEI, J. M. Amphibians of Argentina. **Monitore Zoologico Italiano**. Nuova Serie, Monographia. Firenze 2: ixii + 609 pp. 1980.
- COCHRAN, D.M. Frogs of southeastern Brazil. **Nat. Mus. Bull.**, v.206, p.1-424. 1955.
- CONTE, C.E.; MACHADO, R.A. Riqueza de espécies e distribuição espacial e temporal em comunidade de anuros (Amphibia, Anura) em uma localidade de Tijucas do Sul, Paraná, Brasil. **Revista Brasileira de Zoolo-gia**, v.22, n.4, p.940-948. 2005.
- COLOMBO, P.; KINDEL, A.; VINCIPROVA, G.; KRAUSE, L. Composição e ameaças à conservação dos anfíbios anuros do Parque Estadual de Itapeva, município de Torres, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biota Neotropica**, v.8, n.3, p.229-240. 2008.
- DA ROSA, I.; CANAVERO, A.; MANEYRO, R.; NAYA, D.; CAMARGO, A. Diet of four sympatric anuran species in a temperate environment. **Boletín de la Sociedad Zoológica del Uruguay**, 2 ep., v.13, p.12-20. 2002.
- DE SÁ, R. O.; GERHAU, A. Observaciones sobre la biología do *Phyllomedusa iheringii* Boulenger, 1885 (Anura, Hylidae). **Boletín de la Sociedad Zoológica del Uruguay**, 2 ep., v.1, p.44-49. 1983.
- DEIQUES, C. H.; STAHNKE, L. F.; REINKE, M.; SCHMITT, P. **Guia ilustrado dos anfíbios e répteis do Parque Nacional de Aparados da Serra, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Brasil**. Porto Alegre, USEB, 120 pp. 2007.
- DI-BERNARDO, M.; OLIVEIRA, R. B.; PONTES, G. M. F.; MELCHIORS, J.; SOLÉ, M.; KWET, A. Anfíbios anuros da região de extração e processamento de carvão de Candiota, RS, Brasil. *In*: TEIXEIRA, E. C.; PIRES, M. J. R. (Orgs.) **Estudos ambientais em Candiota: carvão e seus impactos**. Porto Alegre: FEPAM, p.163-175. 2004.
- ETEROVICK, P.C.; SAZIMA, I. **Anfíbios da Serra do Cipó: Amphibians from the Serra do Cipó: Minas Gerais-Brazil**. Belo Horizonte: PucMinas, 152 pp. 2004.
- FAIVOVICH, J. A new species of *Scinax* (Anura: Hylidae) from Misiones, Argentina. **Herpetologica**, v.61, n.1, p.69-77. 2005.
- FAIVOVICH, J.; GARCIA, P. C. A.; ANANIAS, F.; LANARI, L.; BASSO, N. G.; WHEELER, W. A molecular perspective on the phylogeny of the *Hyla pulchella* species group (Anura, Hylidae). **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v.32, p.938-950. 2004.
- FICETOLA, G. F.; THUILLER, W.; MIAUD, C. Prediction and validation of the potential global distribution of a problematic alien invasive species - the American bullfrog. **Diversity and Distributions**, v.13, p.476-485. 2007.
- FONTE, L.F.M. **Variação morfológica e na estrutura do canto em *Scinax granulatus* (Peters, 1871)(Anura, Hylidae)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Biologia Animal, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 76pp. 2010.
- FONTE, L.F.M. **Sítios de vocalização de anfíbios na Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 40pp. 2005.

- FROST, D. R. **Amphibian Species of the World: an Online Reference**. Version 5.5 (31 January, 2011). Electronic Database accessible at: <<http://research.amnh.org/vz/herpetology/amphibia>> American Museum of Natural History, New York, USA. Acessado em maio de 2011. 2011.
- GARCIA, P.C.A.; VINCIPROVA, G.; HADDAD, C. F. B. The taxonomic status of *Hyla pulchella joaquinii* (Anura: Hylidae) with description of its tadpole and vocalization. **Herpetologica**, v.59, n.3, p.350-363. 2003.
- GARCIA, P. C. A.; LAVILLA, E.; LANGONE, J.; SEGALLA, M. V. Anfíbios da Região Subtropical da América do Sul: padrões de distribuição. **Ciência & Ambiente**, n.35, Fauna Neotropical Austral, p.65-100. 2007.
- GAYER, S. M. P.; KRAUSE, L.; GOMES, N. Lista preliminar dos anfíbios da Estação Ecológica do Taim, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** v.5, n.3, p.419-425. 1988.
- GIASSON, L.O.M. Geographic distribution. *Scinax nasica*. **Herpetological Review**, v.32, n.4, p.273. 2001.
- GUDYNAS, E.; WILLIAMS, J.D.; AZPELICUETA, M. L. M. Morphology, ecology and biogeography of the South American caecilian *Chthonerpeton indistinctum* (Amphibia, Gymnophiona, Typhlonectidae). **Zoologische Mededelingen**, v.62, p.5-28. 1988.
- GUDYNAS, E.; WILLIAMS, J.D. The southernmost population of a caecilian, *Chthonerpeton indistinctum* in Uruguay. **Journal of Herpetology**, v.20, p.250-253. 1986.
- HERPETOLOGIA UFRGS. **Laboratório de Herpetologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. On line. Versão 2.0. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. 2012.
- HEYER, M. M.; HEYER, W. R.; SPEAR, S.; DE SÁ, R. O. *Leptodactylus mystacinus* (Burmeister). **Catalogue of American Amphibians and Reptiles**, v.767, p.1-11. 2003.
- HEYER, W.R., DONNELLY, M.A., MCDIARMID, R. W., HAYEK, L.C.; FOSTER, M.S. **Measuring and monitoring biological diversity: standard methods for amphibians**. Smithsonian Institution Press, Washington and London. 364 pp. 1994.
- HEYER, W. R. Systematics of the *fuscus* group of the frog genus *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae). **Bulletin of Los Angeles County Museum of Natural History**, v.29, p.1-85. 1978.
- HEYER, W. R. The adaptive ecology of the species groups of the genus *Leptodactylus* (Amphibia, Leptodactylidae). **Evolution**, v.23, p.421-428. 1969.
- IHERING, H. V. On the oviposition in *Phyllomedusa iheringii*. **Annals and Magazine of Natural History**, s.5, v.17, p.461-464. 1886.
- IOP, S.; CALDART, V. M.; SANTOS, T. G.; CECHIN, S. Z. Anurans of Turvo State Park: testing the validity of Seasonal Forest as a new biome in Brazil. **Journal of Natural History**, v.45, n.39-40, p. 2443-2461. 2011.
- IZECKSOHN, E.; CARVALHO-E-SILVA, P.S. **Anfíbios do Município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 1-148. 2001.
- KIESECKER, J. M. **Invasive Species as a Global Problem: Toward Understanding the Worldwide Decline of Amphibians**, p. 113-126. In: R. D. Selmlitsch (ed.) *Amphibian Conservation*. Smithsonian Books, Washington and London. 324 pp. 2003.
- KLAPPENBACH, M.A.; LANGONE, J.A. Lista sistemática y sinonímica de los anfíbios del Uruguay con comentarios y notas sobre su distribución. **Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Montevideo**, v.2, n.VIII, p.163-222. 1992.
- KLAPPENBACH, M. A. Notas herpetológicas II. Hallazgo de *Trachycephalus siemersi* (Mertens) y *Phyllomedusa iheringii* (Amphibia, Salientia) em Uruguay. **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v.5, n.86, p.1-8. 1961.
- KOLENC, K.; BORTEIRO, C.; TEDROS, M. La larva de *Hyla uruguayana* Schmidt, 1944 (Anura:Hylidae), con comentarios sobre su biología en Uruguay y su status taxonômico. **Cuadernos de Herpetologia**, v.17, n.1-2, p.87-100. 2003.
- KUNZ, T.S.; GHIZONI-JR., I.R. Amphibia, Anura, Cycloramphidae, *Odontophrynus maisuma* Rosset, 2008: Distribution extension and geographic distribution map. **Checklist**, v.7, n.2, pg.131-132, 2011.
- KWET, A., LINGNAU, R.; DI-BERNARDO, M. **Anfíbios, Amphibien, Amphibians, Serra Gaúcha**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 148p. 2010.
- KWET, A.; DI-BERNARDO, M.; MANEYRO, R. First record of *Chaunus achavali* (Anura, Bufonidae) from Rio Grande do Sul, Brazil, with a key for the identification of the species in the *Chaunus marinus* group *Iheringia*, **Série.Zoologia**, v.96, n.4, p.479-485. 2006.
- KWET, A.; AQUINO, L.; REICHLER, S.; SILVANO, D.; LAVILLA, E.; DI TADA, I.; LANGONE, J.M. *Scinax nasicus*. In: IUCN, Conservation International and Nature Serve. 2009. **IUCN Red List of Threatened Species**.

- Version 2009.2. Accessed on 2/11/2011. Accessible at <<http://www.iucnredlist.org>>. 2004.
- KWET, A. *Physalaemus biligonigerus* and *Physalaemus gracilis*. Reproductive behavior. **Herpetological Review**, v.33, n.1, p.47. 2002.
- KWET, A. Südbrasilianische Laubfrösche der Gattung *Scinax* mit Bemerkungen zum Geschlecht des Gattungsnamens und zum taxonomischen Status von *Hyla granulata* Peters, 1871. **Salamandra**, v.37, p.211-238. 2001.
- KWET, A. The genus *Pseudis* (Anura: Pseudidae) in Rio Grande do Sul, southern Brazil, with description of a new species. **Amphibia-Reptilia**. v.21, p.39-55. 2000.
- KWET, A.; DI-BERNARDO, M. **Anfíbios - Amphibien - Amphibians**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 1-108. 1999.
- KWET, A. Artenvielfalt in den subtropen: frösche im brasilianischen Araukarienwald. **Biologie in Unserer Zeit**, v.3, p.170-178. 1994.
- LACERDA, J. V. A.; ASSIS, B.; SANTANA, D. J.; FEIO, R. N. Anurans in bromeliads, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, state of Minas Gerais, southeastern Brazil. **Check List**, v.5, n.4, p.800-806. 2009.
- LANGONE, J. A. **Ranas y Sapos del Uruguay (Reconocimiento y aspectos biológicos)**. Museu Damaso Antonio Larrañaga 5 - Serie de Divulgación. n.5, p.80-81.1994.
- LANGONE, J. A. Notas sobre *Phyllomedusa iheringii* Boulenger, 1885 (Amphibia, Anura, Hylidae). **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v.12, n.179, p.1-7. 1993.
- LANGONE, J. Revalidacion de *Hyla uruguayana* Schmidt, 1944 (Amphibia, Anura, Hylidae). **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v.12, n.172, p.1-9. 1990.
- LANGONE, J.A.; BASSO, N.G. Distribucion geografica y sinonima de *Hyla nana* Boulenger, 1889 y *Hyla sanborni* Schmidt, 1944 (Anura, Hylidae) y observaciones sobre formas afines. **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v.11, p.1-17. 1987.
- LANGONE, J. A., PRIGIONI, C. M.; VENTURINO, L. Informe preliminar sobre el comportamiento reproductor y otros aspectos de la biología de *Phyllomedusa iheringii* Boulenger, 1885. **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v.11, n.152, p.1-12. 1985.
- LAVILLA, E. O.; LANGONE, J. A.; CARAMASCHI U.; HEYER, W. R.; DE SÁ, R. O. The identification of *Rana ocellata* Linnaeus, 1758. Nomenclatural impact on the species currently known as *Leptodactylus ocellatus* (Leptodactylidae) and *Osteopilus brunneus* (Gosse, 1851) (Hylidae). **Zootaxa**. v.2346, p.1-16. 2010.
- LAVILLA, E.; KWET, A.; LANGONE, J.; FAIVOVICH, J. *Physalaemus henselii*. In: IUCN 2011. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2011.1 Acessado em 15 de Julho de 2011. Disponível em <<http://www.iucnredlist.org>>. 2004.
- LAVILLA, E. O., VAIRA, M.; FERRARI, L. A new species of *Elachistocleis* (Anura: Microhylidae) from the Andean Yungas of Argentina, with comments on the *Elachistocleis ovalis*-*E. bicolor* controversy. **Amphibia-Reptilia**, v.24, p.269-284. 2003.
- LAVILLA, E. O.; ROUGÉS, M. Reproducción y desarrollo de anuros Argentinos. **Asociación Herpetológica Argentina, Serie Divulgación**. v.5, p.1-66. 1992.
- LEMA, T.; MARTINS, L.A. **Anfíbios do Rio Grande do Sul. Catálogo, diagnoses, distribuição, iconografia**. Dados eletrônicos. EDIPUCRS, Porto Alegre, 196pp. 2011.
- LEMA, T.; BRAUN, P. C. Contribuição à herpetologia da Argentina e do Rio Grande do Sul, Brasil, por William Wright Milstead (Amphibia, Reptilia). **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v.10, n.2, p.261-287. 1993.
- LIEBERMANN, J. Distribución geografica de los caecílicos argentinos y observación acerca de la biología. **Physis**, v.16, p.83-88. 1939.
- LOEBMANN, D.; VIEIRA, J. P. Relação dos anfíbios do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** v.22, n.2, p.339-341. 2005.
- LUTZ, B. Fighting and an incipient notion of territory in male tree frogs. **Copeia**, v.1, p.61-63. 1960.
- LYNCH, J.D. Systematic status of the american leptodactylid frog genera *Engystomops*, *Eupemphix* and *Physalaemus*. **Copeia**, v.3, p.469-488. 1970.
- MAINIERI, C.B.; GAYER, S.M.P. Ocorrência e Distribuição Preliminares de Anfíbios no Município de Porto Alegre, RS, Brasil. In: PÉFAUR, J.E. (Ed.). **Herpetología Neotropical - Actas del II Congreso Latinoamericano de Herpetología**. Mérida, Venezuela, v. 2, p.293-316. 1990.
- MANEYRO, R.; NÚNES, D.; BORTEIRO, C.; TEDROS, M.; KOLENC, F. Advertisement call and female sexual cycle in Uruguayan populations of *Physalaemus henselii* (Anura, Leiuperidae). **Iheringia, Série Zoologia**, Porto Alegre, v.98, n.2, p.210-214. 2008.

- MANEYRO, R.; LANGONE, J. A. Categorización de los anfibios del Uruguay. **Cuadernos de Herpetología**, v.15, n.2, p.107-118. 2001.
- MANEYRO, R.; FORNI, F.; SANTOS, M. Anfíbios Del Departamento de Rocha. **Probides- Serie de Divulgación Técnica I**. p.5-23. 1995.
- MANEYRO, R.; KWET, A. Amphibians in the border region between Uruguay and Brazil: Updated species list with comments on taxonomy and natural history (Part I: Bufonidae). **Stuttgarter Beiträge zur Naturkunde A, Neue Serie 1**. p. 95-121. 2008.
- MARTINS, M.; HADDAD, C.F.B. Vocalizations and reproductive behavior in the smith frog, *Hyla faber* Wied (Amphibia: Hylidae). **Amphibia-Reptilia**, v.9, p.46-60. 1988.
- MARTINS, M.; POMBAL, J.P.; HADDAD, C.F.B. Escalated aggressive behaviour and facultative parental care in the nest building frog, *Hyla faber*. **Amphibia-Reptilia**, v.19, p.65-73. 1998.
- MEASEY, J.G.; DI-BERNARDO, M. Estimating juvenile abundance in a population of the semiaquatic caecilian, *Chthonerpeton indistinctum* (Amphibia: Gymnophiona: Typhlonectidae), in southern Brazil. **Journal of Herpetology**, v.37, n.2, p.371-373. 2003.
- MELCHORS, J.; DI-BERNARDO, M.; PONTES, G. M. F.; OLIVEIRA, R. B.; SOLÉ, M.; KWET, A. Reprodução de *Pseudis minuta* (Anura, Hylidae) no sul do Brasil. **Phyllomedusa**. v.3, n.1, p.61-68. 2004.
- MELO, M.T.Q. Sapos, Rãs e Pererecas. Edição Especial: Delta do Jacuí. **Natureza em Revista**, v.13, p.54-59. 2002.
- MILSTEAD, W.W. Notes on brazilian frogs of the genera *Physalaemus* and *Pseudopaludicola*. **Copeia**, v.3, p.565-566. 1963,
- MILSTEAD, W. W. Frogs of the genus *Physalaemus* in Southern Brazil with descriptions of a new species. **Copeia**, v.2, pg. 83-89. 1960.
- NARVAES, P.; RODRIGUES, T. R. Taxonomic revision of *Rhinella granulosa* species group (Amphibia, Anura, Bufonidae), with a description of a new species. **Arquivos de Zoologia, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo**. v.40, n.1, p.1-73. 2009.
- NASCIMENTO, L. B., PIMENTA, B. V. S. ; CRUZ, C. A. G.; CARAMASCHI, U. Taxonomic status of *Gomphobates marmoratus* Reinhardt and Lutken, 1862 "1861" and *Euphemphix fuscomaculatus* Steindachner, 1864 (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). **South American Journal of Herpetology**, v.1, p.166-174. 2006.
- NUNES, I.; KWET, A.; POMBAL JR., J.P. Taxonomic Revision of the *Scinax alter* Species Complex (Anura: Hylidae). **Copeia**, v.3, p.554-569. 2012.
- OLIVEIRA-FILHO, J. C.; GIARETTA, A. A. Reproductive behavior of *Leptodactylus mystacinus* (Anura, Leptodactylidae) with notes on courtship call of other *Leptodactylus* species. **Iheringia, Série Zoologia**, v.98, n.4, p.508-515. 2008.
- PELTZER, P.M.; LAJMANOVICH, R.C.; ATTEADEMO, A.M.; BELTZER, A.H. Diversity of anurans across agricultural ponds in Argentina. **Biodiversity and Conservation**, v.15, p.3499-3513. 2006.
- PELTZER, P. M.; LAJMANOVICH, R. C. **Amphibians**. In: IRIONDO, M. H.; PAGGI, J. C.; PARMA, M. J. (Eds.). The middle Paraná River: limnology of a subtropical wetland. Verlag - Berlin - Heidelberg, Springer. 382 p. 2007.
- POMBAL JR., J.P.; C.F.B. HADDAD; KASAHARA, S.A. New Species of *Scinax* (Anura:Hylidae) from Southeastern Brazil, with Comments in the Genus. **Journal of Herpetology**, v.29, n.1, p.1-6. 1995a.
- POMBAL JR., J.P.; R.P. MASTOS; HADDAD, C.F.B. Vocalizações de algumas espécies do gênero *Scinax* (ANURA, HYLIDAE) do sudeste do Brasil e comentários taxonômicos. **Naturalia**, v.20, p.213-255. 1995b.
- PONSSA, M. L.; BARRIONUEVO, J. S. Foam-generating behaviour in tadpoles of *Leptodactylus latinasus* (Amphibia, Leptodactylidae): significance in systematics. **Zootaxa**, v.1884, p.51-59. 2008.
- PRADO, G. M.; BORGIO, J. H.; ABRUNHOSA, P. A.; WOGEL, H. Comportamento reprodutivo, vocalização e redescritção do girino de *Phrynohyas mesophaea* (Hensel, 1867) do sudeste do Brasil (Amphibia, Anura, Hylidae). **Boletim do Museu Nacional**, v.510, p.1-11. 2003.
- ROSSET, S. D. New species of *Odontophrynus* Reinhardt and Lütken 1862 (Anura: Neobatrachia) from Brazil and Uruguay. **Journal of Herpetology**, v.42, p.134-144. 2008.
- SALAS, N. E.; ZAVATTIERI, M. V.; TADA, I. E.; MARTINO, A. L.; BRIDAROLLI, M. E. Bioacoustical and ethoecological features in amphibian communities of Southern Córdoba Province (Argentina). **Cuadernos de Herpetología**, v. 12, n. 1, p. 37-46. 1998.
- SANTOS, R. R.; LEONARDI, S. B.; CAORSI V. Z.; GRANT, T. Directional orientation of migration in an aseasonal explosive-breeding toad from Brazil. **Journal of Tropical Ecology**. v.26, p.415-421. 2010.

- SEGALLA, M.V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C.A.G.; GARCIA, P.C.A.; GRANT, T.; HADDAD, C.F.B.; LANGONE, J. **Brazilian amphibians – List of species**. Accessible at <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Captured on 25/9/2012. 2012.
- SILVANO, D.; GARCIA, P.C.; KWET, A.; LAVILLA, E.; LANGONE, J. *Scinax uruguayus*. In: IUCN 2011. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2011.1. Acessado em 15 de Julho de 2011 <www.iucnredlist.org>. 2004.
- TOLEDO, L. F., ZINA, J.; HADDAD, C. F. B. Distribuição espacial e temporal de uma comunidade de anfíbios anuros do município de Rio Claro, São Paulo, Brasil. **Holos Environment**, v.3, n.2, p. 136-149. 2003.
- VAN SLUYS, M.; ROCHA, C. F. D. Feeding habits and microhabitat utilization by two syntopic brazilian Amazonian frogs (*Hyla minuta* and *Pseudopaludicola* sp. (gr. *falcipes*)). **Revista Brasileira de Biologia**. v.58, n.4, p.559-562. 1998.
- VAZ-SILVA, W., BALESTRIN, R. L.; DI-BERNARDO, M. Rediscovery of *Melanophryniscus pachyrhynchus* (Miranda-Ribeiro, 1920) (Amphibia: Anura: Bufonidae) in southern Brazil, with addenda to species redescription. **South American Journal of Herpetology**. v.3, n.1, p. 36-42. 2008.
- VERRASTRO, L.; VINCIPROVA, G.; CARUCCIO, R. Anfíbios. In: MIRAPALHETE, S.R. (Org.), Flora e Fauna do Parque Natural Morro do Osso. 1ed. Porto Alegre: SMAM-PMPA, p. 67-74. 2001.
- ZANK, C.; DI-BERNARDO, M.; LINGNAU, L.; COLOMBO, P.; FUSINATTO, L. A.; FONTE L. F. M. Spatial and temporal distribution of *Pseudis minuta* (Anura, Hylidae, Hylinae) and environmental variables related to its reproductive activity in Reserva Biológica do Lami, southern Brazil. **Iheringia, Série Zoológica**. v.100, n.2, p.145-150. 2010.
- ZANK, C.; DI-BERNARDO, M.; LINGNAU, L.; COLOMBO, P.; FUSINATTO, L. A.; FONTE L. F. M. Calling activity and agonistic behavior of *Pseudis minuta* Günther, 1858 (Anura, Hylidae, Hylinae) in the Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre, Brazil. **South American Journal of Herpetology**. v.3, n.1, p.51-57. 2008.
- ZIEGLER, L.; MANEYRO, R. **Clave para la identificación de los Anfíbios de Uruguay**. DIRAC, Montevideo. 72p. 2008.
- WYNN, A.; HEYER, W. R. Do geographically widespread species of tropical amphibians exist? An estimate of genetic relatedness within the neotropical frog *Leptodactylus fuscus* (Schneider 1799) (Anura Leptodactylidae). **Tropical Zoology**, v.14, p.255-285. 2001.



P
E
I
X
E
S

PEIXES

Luiz R. Malabarba¹, Clarice B. Fialho¹, Vinicius A. Bertaco²,
Fernando R. Carvalho³, Ana Paula S. Dufech¹, Juliano Ferrer¹, Julia Giora¹

A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL) localiza-se às margens do lago Guaíba, fazendo parte do sistema hidrográfico da laguna dos Patos. Este sistema abrange a própria laguna dos Patos, a lagoa Mirim, o lago Guaíba, o rio Jacuí e todos os seus afluentes, drenando cerca da metade leste da área do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, e parte nordeste do Uruguai. O sistema da laguna dos Patos apresenta uma composição de ictiofauna própria, com cerca de 150 espécies de peixes de água doce, sendo apenas parte delas comuns com as bacias hidrográficas limítrofes: a do rio Uruguai, na metade oeste e limite norte do estado, e a do rio Tramandaí, na planície costeira e encosta da serra na região nordeste do Rio Grande do Sul (Figura 1).

Os ambientes límnicos da REBIOLJL compreendem o banhado do Lami, o arroio Lami e parte da margem leste do lago Guaíba, sendo que cada um destes ambientes apresenta uma ictiofauna característica.

A área inundável sazonalmente abrange parte do banhado e alagados temporários dentro da mata de restinga (Figura 2), e abriga duas espécies de peixes- anuais da família Rivulidae, *Cynopoecilus nigrovittatus* e *Austrolebias adloffii* (esta última registrada apenas no plano de manejo da REBIOLJL). Estas espécies, assim como várias outras da família, adaptaram-se à ocupação de áreas de inundação temporária durante o período das chuvas, quando os ovos deixados enterrados no solo eclodem e os indivíduos se desenvolvem rapidamente, atingindo a maturidade e se

reproduzindo em poucos meses. Quando os alagados secam, todos os adultos morrem e seus ovos permanecem em estágio de dormência (diapausa) no solo até a inundação no ano seguinte. Várias espécies de peixes- anuais estão ameaçadas de extinção no estado do Rio Grande do Sul e no município de Porto Alegre em virtude de habitarem áreas de exploração agrícola ou de ocupação urbana. A drenagem artificial dos alagados e/ou áreas de inundação elimina ou modifica o *habitat* destas espécies e altera o ciclo anual de inundação temporária, interrompendo o ciclo de vida dos peixes- anuais e causando o seu desaparecimento. Desse modo, reservas biológicas que contemplem estes ambientes são essenciais para a preservação destas espécies, propiciando ainda locais para o seu estudo.

Na REBIOLJL os charcos temporários sem contato com corpos d'água permanente apresentam somente peixes- anuais, exceto pela presença de uma espécie de peixe da família Callichthyidae, o tamboatá, *Callichthys callichthys*. Esta espécie tem a capacidade de realizar respiração aérea através do intestino e por isso consegue deslocar-se por terra em áreas úmidas ou durante períodos de maior umidade. É relativamente comum a presença de indivíduos jovens de tamboatá em áreas de inundação temporária da REBIOLJL.

Nos ambientes em que há comunicação com corpos de água permanente, como no banhado do Lami propriamente dito (Figura 3), várias outras espécies de peixes colonizam áreas inundáveis

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Zoologia, Laboratório de Ictiologia, Porto Alegre, RS.

²Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Museu de Ciências Naturais, Laboratório de Ictiologia, Porto Alegre, RS.

³Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Zoologia e Botânica, Laboratório de Ictiologia, São José do Rio Preto, SP.

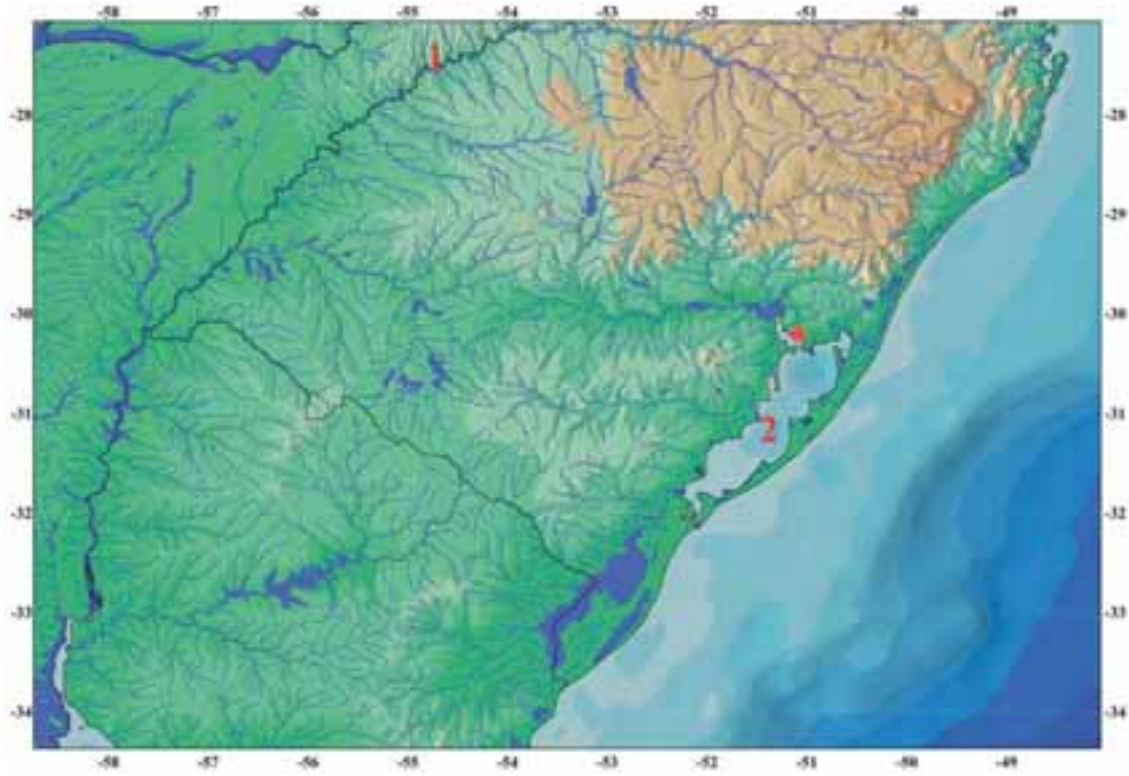


Figura 1. Localização da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger no sistema da laguna dos Patos. 1. laguna dos Patos; 2. rio Uruguai.



Figura 2. Alagados temporários encontrados na mata de restinga da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.

durante o período de cheia, como lambaris, traíras, jundiás e carás. Muitas espécies do lago Guaíba e do arroio Lami utilizam o banhado como área de reprodução e de crescimento, pois este ambiente fornece abrigo contra predadores e alimentação farta para peixes jovens e alevinos. A produtividade pesqueira dos rios e lagos depende da preservação destas áreas de inundação nas suas margens.

Espécies típicas de banhado incluem a traíra (*Hoplias malabaricus*), o jundiá (*Rhamdia aff. quelen*), o cará-do-lodo (*Cichlasoma portalegrense*), a joaninha (*Crenicichla lepidota*), os peixes-elétricos (*Brachyhyopomus gauderio* e *Gymnotus aff. carapo*), além de várias espécies de pequenos lambaris comuns em ambientes com vegetação abundante (*Cheirodon interruptus*, *Hyphessobrycon boulengeri*, *Hyphessobrycon igneus* e *Hyphessobrycon luetkenii*, entre outros).

O arroio Lami cobre uma área de drenagem de aproximadamente 51,19 km² (MENEGAT; KIRCCHEIM, 1998), porém apenas a sua porção inferior, próxima à foz no lago Guaíba, encontra-se dentro da REBIOLJL. A área de drenagem do arroio possui uma densidade populacional de 99 habitantes por km², estando sujeito a impactos antrópicos

deletérios oriundos de atividades agrícolas, industriais ou mesmo urbanas. O trecho do arroio Lami dentro da REBIOLJL caracteriza-se pela baixa velocidade no fluxo de água, presença de macrófitas aquáticas flutuantes e vegetação marginal abundante (mata de galeria), com acúmulo de detritos (folhas e galhos) e lodo junto ao fundo (Figura 4). Pelo fato do arroio ser um curso natural de circulação de espécies entre os corpos de água próximos (lago Guaíba e banhados), relacionado aos períodos de cheia e de seca ou de acordo com as migrações reprodutivas, não é possível fazer uma distinção clara entre a ictiofauna do arroio, do banhado adjacente e do próprio lago Guaíba. No entanto, algumas características do arroio permitem a ocorrência de espécies mais exigentes em termos de condições ambientais. Em áreas de acúmulo de detritos junto ao fundo como folhas das árvores da mata, por exemplo, comumente observa-se a presença do peixe-banjo (*Pseudobunocephalus iheringii*). Em áreas de fundo lodoso encontra-se uma espécie de cará, *Gymnogeophagus rhabdotus*, normalmente não encontrada em locais com outros tipos de substrato. Nas áreas de arroio sombreadas pela mata é comum a presença de uma espécie deambari-bandeira, *Pseudocorynopoma doriae*,



Figura 3. Banhado do Lami, próximo à foz do arroio Lami no lago Guaíba.



Figura 4. Trecho do arroio Lami cercado de mata de restinga na área da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger.

adaptada à alimentação na superfície, cujos itens alimentares preferenciais se constituem em insetos pequenos ou outros invertebrados que caem de folhas e ramos localizados sobre a água.

O lago Guaíba margeia grande parte da REBIOLJL a sudeste, sul e sudoeste. Todas as espécies de peixes presentes no lago Guaíba, sejam elas residentes (que ocorrem o ano todo) ou visitantes temporárias (que desenvolvem parte de seu ciclo de vida no lago Guaíba) estão, potencialmente, presentes na REBIOLJL. No lago Guaíba, a zona costeira é formada em grande parte por praias arenosas pequenas, com águas livres, profundidade baixa (aproximadamente 1 m a uma distância de 100 m da margem) e, eventualmente, vegetação aquática, predominantemente, de juncos. As características das praias influenciam, consideravelmente, a ictiofauna local, sendo algumas espécies de peixes típicas deste tipo de ambiente, como os lambaris *Astyanax* aff. *fasciatus*, *A. jacuhiensis* e *Cyanocharax alburnus*, o biru *Cyphocharax voga*, a corvina-de-rio *Pachyurus bonariensis* e a violinha *Rineloricaria strigilata*. Estas são geralmente as espécies mais abundantes e

frequentes nestes locais (DUFECH; FIALHO, 2009). Espécies de peixes-rei (gênero *Odontesthes*) também tendem a se concentrar em praias de fundo arenoso junto às manchas de juncos (KLEEREKOPER, 1945; BECKER, 1995).

Noventa espécies de peixes ocorrem no lago Guaíba e em banhados adjacentes e são listadas aqui. Todas estão potencialmente presentes nas praias do lago Guaíba junto a REBIOLJL, mesmo que sazonalmente. As cinquenta e uma espécies assinaladas com asterisco foram registradas para os charcos temporários, banhado e arroio Lami em uma coleta realizada na área da reserva ou tem espécimes-testemunho coletados nestes locais e depositados na coleção científica de peixes do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para estas espécies são apresentadas informações quanto as suas características morfológicas, distribuição e biologia geral. A classificação das ordens segue Wiley e Johnson (2010) e das famílias segue Reis *et al.*, 2003. Os registros fotográficos foram realizados por Luiz R. Malabarba.

Ordem Clupeiformes

Família Clupeidae

Platanichthys platana (Regan, 1917)

Família Engraulidae

Lycengraulis grossidens (Agassiz, 1829)**Ordem Characiformes**

Família Acestrorhynchidae

**Acestrorhynchus pantaneiro* Menezes, 1992

Família Anostomidae

Leporinus obtusidens (Valenciennes, 1837)*Schizodon jacuiensis* Bergmann, 1988

Família Characidae

Aphyocharax anisitsi* Eigenmann & Kennedy, 1903Astyanax eigenmanniorum* (Cope, 1894)**Astyanax* aff. *fasciatus* (Cuvier, 1819)*Astyanax henseli* Melo & Buckup, 2006**Astyanax jacuhiensis* (Cope, 1894)*Astyanax laticeps* (Cope, 1894)*Bryconamericus iheringii* (Boulenger, 1887)**Charax stenopterus* (Cope, 1894)**Cheirodon ibicuiensis* Eigenmann, 1915**Cheirodon interruptus* (Jenyns, 1842)**Cyanocharax alburnus* (Hensel, 1870)*Diapoma speculiferum* (Cope, 1894)**Hyphessobrycon boulengeri* (Eigenmann, 1907)**Hyphessobrycon igneus* Miquelarena, Menni, López & Casciotta, 1980**Hyphessobrycon luetkenii* (Boulenger, 1887)**Hyphessobrycon meridionalis* Ringuelet, Miquelarena & Menni, 1978*Hyphessobrycon togoi* Miquelarena & López, 2006*Mimagoniates inequalis* (Eigenmann, 1911)**Oligosarcus jenynsii* (Günther, 1864)**Oligosarcus robustus* Menezes, 1969**Pseudocorynopoma doriae* Perugia, 1891**Serrapinnus calliurus* (Boulenger, 1900)*Salminus brasiliensis* (Cuvier, 1816)

Família Crenuchidae

**Characidium rachovii* (Regan, 1913)*Characidium tenue* (Cope, 1894)*Characidium* cf. *zebra* (Eigenmann, 1909)

Família Curimatidae

Cyphocharax saladensis (Meinken, 1933)**Cyphocharax pilotus* (Vari, 1987)**Cyphocharax voga* (Hensel, 1870)

Família Erythrinidae

**Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794)

Família Lebiasinidae

Pyrrhulina australis Eigenmann & Kennedy, 1903

Família Prochilodontidae

Prochilodus lineatus (Valenciennes, 1837)**Ordem Siluriformes**

Família Ariidae

Genidens genidens (Cuvier, 1829)

Família Aspredinidae

Bunocephalus erondinae Cardoso, 2010**Pseudobunocephalus iheringii* (Boulenger, 1891)

Família Auchenipteridae

Glanidium sp.*Trachelyopterus lucenai* Bertolotti, Pezzi da Silva & Pereira, 1995

Família Callichthyidae

Callichthys callichthys* (Linnaeus, 1758)Corydoras paleatus* (Jenyns, 1842)*Corydoras undulatus* Regan, 1912**Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828)

Família Heptapteridae

Heptapterus mustelinus (Valenciennes, 1836)*Heptapterus sympterygium* Buckup, 1988**Pimelodella australis* Eigenmann, 1917*Rhamdella eriarcha* (Eigenmann & Eigenmann, 1888)**Rhamdia* aff. *quelen* (Quoy & Gaimard, 1824)

Família Loricariidae

Ancistrus brevipinnis (Regan, 1904)*Hisonotus armatus* Carvalho, Lehmann A., Pereira & Reis, 2008**Hisonotus laevior* (Cope, 1894)**Hisonotus leucofrenatus* (Miranda Ribeiro, 1908)*Hypostomus aspilogaster* (Cope, 1894)**Hypostomus commersoni* (Valenciennes, 1836)**Loricariichthys anus* Valenciennes, 1836*Otocinclus flexilis* (Cope, 1894)**Rineloricaria cadeae* (Hensel, 1868)**Rineloricaria strigilata* (Hensel, 1868)

Família Pimelodidae

Parapimelodus nigribarbis* (Boulenger, 1889)Pimelodus pintado* Azpelicueta, Lundberg & Loureiro, 2008

Família Pseudopimelodidae

Microglanis cottoides (Boulenger, 1891)

Família Trichomycteridae

**Homodiaetus anisitsi* Eigenmann & Ward, 1907

Ordem Gymnotiformes

Família Gymnotidae

**Gymnotus* aff. *carapo* (Linnaeus, 1758)

Família Hypopomidae

**Brachyhypopomus draco* Giora, Malabarba & Crampton, 2008

**Brachyhypopomus gauderio* Giora & Malabarba, 2009

Família Sternopygidae

Eigenmannia trilineata López & Castello, 1966

Ordem Mugiliformes

Família Mugilidae

Mugil liza (Valenciennes, 1836)

Ordem Synbranchiformes

Família Synbranchidae

**Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795

Ordem Atheriniformes

Família Atherinopsidae

Odontesthes aff. *perugiae* Evermann & Kendall, 1906

Odontesthes bonariensis Valenciennes, 1836

Odontesthes humensis de Buen, 1953

Ordem Cyprinodontiformes

Família Anablepidae

**Jenynsia multidentata* (Jenyns, 1842)

Família Poeciliidae

**Phalloceros caudimaculatus* (Hensel, 1868)

Família Rivulidae

Austrolebias adloffii (Ahl, 1922)

Austrolebias wolterstorffi (Ahl, 1924)

**Cynopoecilus nigrovittatus* Costa, 2002

Ordem Gobiiformes

Família Gobiidae

Ctenogobius shufeldti (Jordan & Eigenmann, 1887)

Ordem Labriformes

Família Cichlidae

**Australoheros acaroides* (Hensel, 1870)

**Cichlasoma portalegrense* (Hensel, 1870)

**Crenicichla lepidota* Heckel, 1840

**Crenicichla punctata* Hensel, 1870

**Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824)

**Gymnogeophagus gymnogenys* (Hensel, 1870)

Gymnogeophagus labiatus (Hensel, 1870)

**Gymnogeophagus rhabdotus* (Hensel, 1870)

Ordem Perciformes

Família Sciaenidae

Micropogonias furnieri (Desmarest, 1823)

**Pachyurus bonariensis* Steindachner, 1879

Ordem CHARACIFORMES

É um dos grupos dominantes de peixes de água doce da América do Sul, com pouco mais de duas mil espécies. São distinguíveis de outros grupos por possuir o corpo coberto por escamas, nadadeiras sem espinhos e somente com raios flexíveis e geralmente uma nadadeira adiposa. A presença de dentes com várias cúspides é uma das sinapomorfias do grupo, porém algumas espécies apresentam somente dentes cônicos (traíra, peixe-cachorro) ou ausência de dentes (biru), como aquisições secundárias.

Família ACESTRORHYNCHIDAE

Essa família possui apenas um gênero, *Acestrorhynchus*, com 14 espécies. São peixes carnívoros e predadores, com boca grande provida de dentes cônicos e/ou caniniformes e dentes no palato. Apresentam um focinho pontiagudo e possuem o corpo alongado e comprimido lateralmente.

Acestrorhynchus pantaneiro Menezes, 1992

Peixe-cachorro

Figura 5



Figura 5. *Acestrorhynchus pantaneiro* Menezes, 1992 (Peixe-cachorro).

Características morfológicas. Possui uma mancha umeral preta arredondada logo após a cabeça e uma mancha negra na base dos raios medianos da nadadeira caudal; linha lateral completa com 93 a 108 escamas perfuradas; 25 a 30 séries de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira dorsal; 15 a 17 séries de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira anal. Tamanho máximo 24,0 cm de comprimento padrão (CP - medido da ponta do focinho até a base da nadadeira caudal).

Distribuição. Esta espécie ocorre naturalmente nas bacias dos rios Paraguai, Uruguai, baixo Paraná (bacia do Prata) e rio Mamoré (bacia Amazônica). É uma espécie invasora no sistema da laguna dos Patos, capturada pela primeira vez neste sistema hidrográfico em novembro de 2004 (SACCOL-PEREIRA *et al.*, 2006).

Habitat. Prefere ambientes lênticos.

Biologia. Apresenta desova do tipo total (RODRIGUES *et al.*, 2005). Apresenta hábito alimentar carnívoro, com dentes caninos bem desenvolvidos (SACCOL-PEREIRA *et al.*, 2006; SACCOL-PEREIRA, 2008).

Família CHARACIDAE

Esta família é a mais complexa e numerosa da ordem Characiformes, com 1.121 espécies (ESCHMEYER; FONG, 2011). Distribui-se por quase toda a região Neotropical e engloba desde os peixes pequenos, conhecidos popularmente como lambaris, até peixes grandes como o dourado. Possuem corpo comprimido lateralmente e com escamas, nadadeira adiposa, dentes nos ossos pré-maxilar, maxilar e dentário e geralmente uma nadadeira anal longa, com mais de 15 raios. Em quase todas as espécies da família os machos adultos (ou maduros) apresentam ganchos ósseos nos raios das nadadeiras anal e pélvicas, tornando-as ásperas ao toque.

***Aphyocharax anisitsi* (Eigenmann & Kennedy, 1903)**
Lambari-sangue
Figura 6



Figura 6. *Aphyocharax anisitsi* Eigenmann & Kennedy, 1903 (Lambari-sangue).

Características morfológicas. Ausência de mancha umeral, de mancha no pedúnculo caudal e de mancha na nadadeira anal; dentes tricúspides com a cúspide central maior e uma única série de dentes no pré-maxilar; linha lateral incompleta, com 6-9 escamas perfuradas. Quase todas as nadadeiras são avermelhadas em vida, exceto as nadadeiras peitorais. Tamanho máximo 3,5 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em ambientes lênticos, vivendo geralmente, associada aos bancos de macrófitas aquáticas, onde busca alimento e abrigo contra predadores (HAHN; LOUREIRO-CRIPPA, 2006; NEIFF *et al.*, 2009).

Biologia. Apresenta período reprodutivo sazonal, entre os meses de primavera e verão quando as temperaturas estão elevadas e os dias são mais longos (GONÇALVES *et al.*, 2005). Durante a estação reprodutiva, as fêmeas podem liberar, em média, até 344 ovócitos para serem fecundados externamente pelos machos. A espécie se alimenta de microcrustáceos, mais especificamente de cladóceros (HAHN; LOUREIRO-CRIPPA, 2006; SANTANA-PORTO; ANDRIAN, 2009).

***Astyanax eigenmanniorum* (Cope, 1894)**
Lambari
Figura 7



Figura 7. *Astyanax eigenmanniorum* (Cope, 1894) (Lambari).

Características morfológicas. Possui uma mancha umeral preta em forma de cunha, mais larga na região superior e alongada verticalmente; 34-37 escamas perfuradas na linha lateral; 21-24 raios ramificados na nadadeira anal; apenas um dente no maxilar com 3-4

cúspides; mancha no pedúnculo caudal em forma de um losango pequeno, estendendo-se até as extremidades dos raios medianos da nadadeira caudal. Nadadeiras apresentam geralmente uma combinação das cores vermelho e laranja, e os olhos uma mancha vermelha na íris, acima da pupila. Tamanho máximo 6,5 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e bacia do rio Uruguai.

Habitat. Ocorre em ambientes lóticos e lênticos de porções baixas das drenagens.

Biologia. Apresenta um período reprodutivo longo, iniciando no inverno e estendendo-se até o verão (FIALHO, 1998; GELAIN, 2000). As fêmeas produzem, em torno, de 4.000 ovócitos a cada evento reprodutivo, sendo a fecundação externa. A espécie alimenta-se principalmente de restos vegetais (macrófitas) e insetos (dípteros) (HARTZ *et al.*, 1996; VILELLA *et al.*, 2002; SACCOL-PEREIRA, 2008).

***Astyanax aff. fasciatus* (Cuvier, 1819)**
Lambari-do-rabo-vermelho
Figura 8



Figura 8. *Astyanax aff. fasciatus* (Cuvier, 1819) (Lambari-do-rabo-vermelho).

Características morfológicas. Possui uma mancha umeral pequena e difusa, levemente alongada verticalmente e localizada geralmente acima da linha lateral; 39-42 escamas na linha lateral; 24-28 raios ramificados na nadadeira anal e um dente no maxilar. A nadadeira caudal é vermelha de tom bordô e as demais nadadeiras são hialinas ou esparsamente pigmentadas com cromatóforos pretos. *Astyanax aff. fasciatus* diferencia-se de *A. fasciatus*, restrita para a bacia do rio São Francisco (localidade-tipo), pela ausência de alongamento na

nadadeira dorsal dos machos maduros (MELO; BUCKUP, 2006). Tamanho máximo 12,0 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e bacia do rio Uruguai.

Habitat. Ocorre em todos ambientes, exceto nas cabeceiras dos cursos d'água. No lago Guaíba, os indivíduos jovens de *A. aff. fasciatus* parecem utilizar principalmente ambientes de baía com fundo constituído de lodo e restos vegetais, enquanto que os adultos ocorrem em maior frequência em margens de praias abertas intercaladas com manchas de juncos (BERTACO *et al.*, 1998).

Biologia. É abundante no sistema da laguna dos Patos e apresenta reprodução contínua ao longo do ano, com picos de desovas parceladas ocorrendo principalmente em outubro e março (CARVALHO *et al.*, 2009). Os picos de desova são influenciados pelo aumento da temperatura da água e pluviosidade. A composição dos itens alimentares consumidos pela espécie varia sazonalmente, sendo a maior diversidade registrada durante a primavera (WOLFF *et al.*, 2009). A alimentação é constituída por fragmentos de folhas, flores e gramíneas (VILELLA *et al.*, 2002), bem como macrófitas, algas filamentosas, insetos aquáticos e terrestres (SACCOL-PEREIRA, 2008; WOLFF *et al.*, 2009).

***Astyanax jacuhiensis* (Cope, 1894)**
Lambari-do-rabo-amarelo
Figura 9



Figura 9. *Astyanax jacuhiensis* (Cope, 1894) (Lambari-do-rabo-amarelo).

Características morfológicas. Possui uma mancha umeral preta (com reflexos esverdeados em vida) horizontalmente ovalada acima de uma

fraca mancha (ou barra) vertical, seguida por outra mancha vertical e difusa; uma mancha em forma de losango no pedúnculo caudal; linha lateral com 34-40 escamas perfuradas; 21-28 (geralmente 24-26) raios ramificados na nadadeira anal; osso maxilar sem dentes. As nadadeiras são amareladas, e as nadadeiras pélvicas e raios anteriores da nadadeira anal podem ser alaranjados. Geralmente apresenta um corpo curto e alto. A espécie pertence ao grupo de espécies *Astyanax bimaculatus* reconhecido por Garutti (1995). Tamanho máximo 11,0 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e bacias dos rios Mampituba e Uruguai.

Habitat. Ocorre em todos os tipos de ambientes, exceto em regiões de cabeceiras de rio, podendo ser encontrada em áreas com margens em forma de praias abertas, em fundos arenosos e junto às manchas de juncos (BERTACO *et al.*, 1998; DUFECH; FIALHO, 2009).

Biologia. Alimenta-se de fragmentos de gramíneas, sementes de Cyperaceae, frutos de *Ficus* sp. e folhas, sendo considerada o lambari com maior tendência à herbivoria entre outras espécies do gênero (VILELLA *et al.*, 2002). Outros estudos apontam altos índices de macrófitas e organismos bentônicos na alimentação da espécie (SACCOL-PEREIRA, 2008).

***Charax stenopterus* (Cope, 1894)**
Lambari-corcunda ou Lambari-vidro
Figura 10



Figura 10. *Charax stenopterus* (Cope, 1894) (Lambari-corcunda, Lambari-vidro).

Características morfológicas. Possui uma concavidade acentuada na porção superior da cabeça; nadadeira anal longa (37-48 raios ramificados); linha lateral incompleta com 4-10 escamas perfuradas; maxilar com 13 a 51 dentes cônicos que variam em número com a idade; e pseudotímpano (hiato muscular sob a pele na parede lateral da cavidade abdominal logo após a cabeça). Indivíduos vivos apresentam o corpo transparente. Tamanho máximo 9,4 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Paraguai e Uruguai, sistemas da laguna dos Patos e do rio Tramandaí.

Habitat. Encontrada preferencialmente em ambientes de água límpida e lânticos.

Biologia. Alimenta-se de organismos bentônicos como larvas de insetos autóctones, quironomídeos e coleópteros (SACCOL-PEREIRA, 2008). Não há informações disponíveis sobre a reprodução desta espécie.

***Cheirodon ibicuiensis* Eigenmann, 1915**
Lambari
Figura 11



Figura 11. *Cheirodon ibicuiensis* Eigenmann, 1915 (Lambari).

Características morfológicas. Possui 17 a 26 raios procorrentes ventrais na nadadeira caudal estendendo-se anteriormente ao longo da margem ventral do pedúnculo caudal até aproximadamente a extremidade do último raio da nadadeira anal; linha lateral incompleta, com 7 a 10 escamas perfuradas; nadadeira anal com 19-24 raios ramificados; e pseudotímpano. Não possui mancha umeral. Apresenta uma única série de dentes multicuspidados na pré-maxila. Tamanho máximo 4,2 cm CP.

Distribuição. Bacia do rio Uruguai, sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e rios costeiros do Uruguai.

Habitat. Ocorre comumente junto às margens com grande concentração de macrófitas aquáticas (DUFECH; FIALHO, 2009).

Biologia. Apresenta período reprodutivo longo, ocorrendo entre os meses de setembro a fevereiro, com desovas parceladas ao longo deste período (OLIVEIRA *et al.*, 2002). Embora os jovens estejam presentes durante quase todo o ano, é durante os meses de fevereiro e agosto que sua frequência se encontra mais elevada, sugerindo este como o período principal de recrutamento para a espécie. Alimenta-se principalmente de matéria vegetal e algas das divisões Chlorophyta e Bacillariophyta (DIAS, 2007).

***Cheirodon interruptus* (Jenyns, 1842)**

**Lambari
Figura 12**



Figura 12. *Cheirodon interruptus* (Jenyns, 1842) (Lambari).

Características morfológicas. Possui 22 a 30 raios procorrentes ventrais na nadadeira caudal estendendo-se anteriormente ao longo de quase toda a margem ventral do pedúnculo caudal; linha lateral incompleta, com 5 a 13 escamas perfuradas; nadadeira anal com 15-19 raios ramificados; pseudotímpano. Não possui mancha umeral. Apresenta uma única série de dentes multicuspídeos na pré-maxila. Tamanho máximo 5,8 cm CP.

Distribuição. Rios, arroios e lagoas que deságuam no Atlântico desde o rio Colorado na Argentina até o rio Mampituba, Santa Catarina, Brasil.

Habitat. A espécie geralmente é encontrada junto às margens com grande concentração de macrófitas aquáticas (DUFECH; FIALHO, 2009).

Biologia. Período reprodutivo longo, iniciando em setembro e estendendo-se até fevereiro, com desovas parceladas (OLIVEIRA *et al.*, 2002). A fecundidade média é estimada em 400 ovócitos (VAZZOLER; MENEZES, 1992). A dieta é composta, em grande parte, por itens de origem vegetal, como matéria vegetal e algas. Sedimento, microcrustáceos e insetos autóctones (Diptera) foram menos frequentes (DIAS, 2007).

***Cyanocharax alburnus* (Hensel, 1870)**

**Lambari-branco
Figura 13**



Figura 13. *Cyanocharax alburnus* (Hensel, 1870) (Lambari-branco).

Características morfológicas. Possui um total de 10 raios (ii+8) na nadadeira dorsal; mancha umeral pequena, às vezes não claramente visível; 24-27 raios ramificados na nadadeira anal e 36-39 escamas perfuradas na linha lateral. Tamanho máximo 6,7 cm CP.

Distribuição. Bacia do rio Uruguai, sistema da laguna dos Patos e rios costeiros do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Habitat. Ocorre em grande abundância junto a praias de fundo arenoso sem vegetação, próximo a manchas de juncos, ou em margens com grande concentração de macrófitas aquáticas (DUFECH; FIALHO, 2009).

Biologia. Apresenta período reprodutivo longo, iniciando em agosto e estendendo-se até fevereiro, com desovas mais intensas quando as

temperaturas encontram-se mais elevadas (ARTIOLI *et al.*, 2003; AGUZZOLI, 2009). Apresenta desova do tipo parcelada, com sucessivos eventos de liberação de ovócitos ao longo do período de reprodução. É considerada insetívora-zooplancívora, com sua dieta constituída principalmente por Copepoda, Amphipoda, Diptera e Collembola, estes últimos vivendo associados a folhas ou raízes submersas de macrófitas aquáticas (VILELLA *et al.*, 2002).

***Hyphessobrycon boulengeri* (Eigenmann, 1907)**

Lambari-prata

Figura 14



Figura 14. *Hyphessobrycon boulengeri* (Eigenmann, 1907) (Lambari-prata).

Características morfológicas. Possui mancha umeral escura, verticalmente alongada, relativamente arredondada em sua porção mediana; faixa longitudinal estreita no flanco, fracamente unida à mácula do pedúnculo caudal; mácula do pedúnculo caudal normalmente losangular, com bordas arredondadas; corpo com padrão reticulado formado pela pigmentação da margem posterior das escamas; uma linha escura ao longo da base da nadadeira anal; nadadeira anal com ii-v + 15-22 raios (20 a 24 no total) e osso maxilar com um dente, tricuspíado. Tamanho máximo 5,2 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, rio Uruguai, drenagens costeiras pequenas do sul (Santa Catarina e Paraná) e Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), rio Ribeira de Iguape, alto rio Paraná (no alto rio Tietê e alto rio Paranapanema), rio Iguaçu, rio Paraíba do Sul e baixo rio Paraná (na Argentina).

Habitat. Ocorre em ambientes lóticos e lênticos de porções baixas das drenagens. Nos riachos de substratos arenosos ou raramente rochosos e pouco profundos, habita corredeiras ou poções com vegetação marginal (CARVALHO, 2006). Nos ambientes lênticos ocorre junto às margens destituídas de vegetação e/ou locais com vegetação flutuante e emergente, que fornecem um *habitat* protegido aos indivíduos, principalmente os jovens; provavelmente usam as macrófitas como fonte de abrigo e sítio de alimentação (GROSSER; HAHN, 1981). Na bacia do rio Itanhaém, SP, Leung (1999) registrou *H. boulengeri* associado às macrófitas aquáticas *Eichornia azurea*, *E. densa* e *Pistia stratiotes*, constituindo a espécie mais abundante nos locais amostrados.

Biologia. O conteúdo estomacal de nove exemplares diafanizados e corados foi examinado por Carvalho (2006) que identificou algas, fragmentos de vegetais superiores e sementes, fragmentos ou espécimes inteiros de Crustacea, Aranae, Formicidae e Coleoptera. Ovócitos maduros foram observados em duas fêmeas, coletadas em outubro de 2003 e abril de 2005.

***Hyphessobrycon igneus* Miquelarena, Menni,**

Lopez & Casciotta, 1980

Lambari-limão, Tetra-limão

Figura 15



Figura 15. Fêmea (acima) e macho (abaixo) de *Hyphessobrycon igneus* Miquelarena, Menni, Lopez & Casciotta, 1980 (Lambari-limão).

Características morfológicas. Possui duas máculas umerais, sendo a primeira verticalmente alongada, mais conspícua em sua porção mediosuperior e a segunda mácula bastante tênue; ausência de faixa longitudinal negra no flanco, maxilar com um ou dois dentes tricuspídeos e nadadeira anal com iii-iv, 23-27 (moda iii,25). Até recentemente, a espécie era identificada no sistema da laguna dos Patos como *H. bifasciatus* Ellis, 1911 (cuja localidade-tipo é em Campos, RJ, bacia do rio Paraíba do Sul) (CARVALHO, 2011). *Hyphessobrycon igneus* diferencia-se de *H. bifasciatus* pela forma da segunda mácula umeral, tênue vs. conspícua e pelo menor número de raios na nadadeira anal, iii-iv, 23-27 (moda iii,25) vs. iii-iv, 26-32 (moda iii,29). *Hyphessobrycon igneus* apresenta dimorfismo sexual de colorido, com as nadadeiras dos machos tornando-se amarelo-alaranjados durante a maturação e fêmeas mantendo o colorido vermelho das nadadeiras observado nos jovens. Tamanho máximo 4,7 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí, bacias dos rios Uruguai e Mampituba e baixo rio Paraná (na Argentina).

Habitat. Ocorre preferencialmente em ambientes lênticos de porções baixas das drenagens. São encontrados próximos às margens dos corpos d'água junto a grandes quantidades de macrófitas aquáticas que servem de abrigo e local de alimentação para as populações da espécie (DUFECH; FIALHO, 2009).

Biologia. Sem dados sobre a alimentação e reprodução da espécie.

***Hyphessobrycon luetkenii* (Boulenger, 1887)**

Lambari
Figura 16



Figura 16. *Hyphessobrycon luetkenii* (Boulenger, 1887) (Lambari).

Características morfológicas. Possui uma única mácula umeral relativamente arredondada na porção superior acima da linha lateral e com um prolongamento ventral vertical e estreito; faixa longitudinal escura no flanco; maxilar com dois dentes portando seis ou mais cúspides. Tamanho máximo 6,4 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, bacias dos rios Uruguai, Paraguai e Paraná.

Habitat. Ocorre em ambientes lóticos e lênticos de porções baixas das drenagens.

Biologia. O período reprodutivo é longo, iniciando no inverno e se estendendo até o início do outono, embora se observe a presença de fêmeas maduras ao longo de todo o ano (GELAIN, 2000). Segundo Fialho (1998) a reprodução pode se intensificar nos meses de primavera e verão com provável desova no outono e inverno. A espécie se alimenta de restos de plantas superiores, algas e microcrustáceos que ocorrem preferencialmente junto às margens, onde se concentra grande quantidade de macrófitas aquáticas (GRACIOLLI *et al.*, 2003).

***Hyphessobrycon meridionalis* Ringuélet,**

Miquelarena & Menni, 1978

Lambari
Figura 17



Figura 17. *Hyphessobrycon meridionalis* Ringuélet, Miquelarena & Menni, 1978 (Lambari).

Características morfológicas. Possui duas máculas umerais tênues no flanco e uma conspícua mácula arredondada no pedúnculo caudal; nadadeira anal com ii-iv, 28-32 e dentes da série interna do pré-maxilar com sete ou mais cúspides. Machos da espécie apresentam

ganchos ósseos nas nadadeiras anal e pélvicas, além de uma larga faixa longitudinal, se comparada com a da fêmea. Tamanho máximo 5,2 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, bacia do rio Uruguai e baixo rio Paraná (na Argentina).

Habitat. Ocorre preferencialmente em ambientes lânticos em porções baixas das drenagens. Soneira *et al.* (2006) trabalhando no sistema Iberá na Argentina constataram que essa espécie habita corpos d'água com ampla faixa de condições ambientais, podendo ser encontrada em ambientes lânticos e lóticos, com diversos valores de transparência, pH, concentração de oxigênio e sais dissolvidos.

Biologia. Não há informações sobre reprodução dessa espécie. Alimenta-se principalmente de larvas de quironomídeos (ESCALANTE; MENNI, 1999), microcrustáceos e algas (ESCALANTE, 1983).

***Oligosarcus jenynsii* (Günther, 1864)**
Branca, Tambicu
Figura 18



Figura 18. *Oligosarcus jenynsii* (Günther, 1864) (Branca, Tambicu-de-rabo-amarelo).

Características morfológicas. Possui boca ampla, alcançando a vertical que passa pela margem anterior do olho; dentes cônicos e caninos; linha lateral com 54 a 62 escamas perfuradas; oito a 10 séries longitudinais de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira dorsal. Nadadeira caudal de colorido amarelo-alaranjado. Tamanho máximo 22,2 cm CP.

Distribuição. Rios e lagoas costeiras do Rio Grande do Sul, Brasil, Uruguai e Argentina.

Habitat. Pode ser encontrada em rios, riachos e predominantemente em lagoas.

Biologia. Período reprodutivo iniciando no inverno e estendendo-se até a primavera (HARTZ *et al.*, 1997; FIALHO *et al.*, 1998; NUNES *et al.*, 2004). A fecundidade absoluta média apresentada pela espécie foi de 17.000 ovócitos na lagoa Caconde (HARTZ *et al.*, 1997), 9.600 ovócitos na lagoa das Custódias (FIALHO *et al.*, 1998) e 14.400 para a lagoa Fortaleza (NUNES *et al.*, 2004). A dieta da espécie está baseada em peixes da ordem Characiformes, embora também possa ser encontrado em seus estômagos crustáceos da ordem Decapoda (HARTZ *et al.*, 1996; NUNES; HARTZ, 2006), sendo classificada como de hábito alimentar carnívoro tendendo à piscivoria.

***Oligosarcus robustus* Menezes, 1969**
Branca, Tambicu
Figura 19



Figura 19. *Oligosarcus robustus* Menezes, 1969 (Branca, Tambicu-de-rabo-vermelho).

Características morfológicas. Possui boca ampla, alcançando a vertical que passa pela margem anterior do olho; dentes cônicos e caninos; linha lateral com 71-85 escamas perfuradas; dezesseis a 18 séries longitudinais de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira dorsal. Nadadeira caudal de colorido amarelo-avermelhado. Tamanho máximo 22,0 cm CP.

Distribuição. Rios e lagoas costeiras do Rio Grande do Sul, Brasil.

Habitat. Pode ser encontrada em rios, riachos e lagoas.

Biologia. Assim como *Oligosarcus jenynsii*, a espécie tem seu período reprodutivo ocorrendo nos meses de inverno e primavera (NUNES *et al.*, 2004). Quanto ao hábito alimentar, é classificada como piscívora, uma vez que sua dieta é constituída por

espécies de peixes das ordens Characiformes, Clupeiformes e Siluriformes (NUNES; HARTZ, 2006).

***Pseudocorynopoma doriae* Perugia, 1891**
Lambari-bandeira
Figura 20



Figura 20. *Pseudocorynopoma doriae* Perugia, 1891 (Lambari-bandeira).

Características morfológicas. Possui região ventral entre a cabeça e a nadadeira anal em forma de quilha; nadadeira caudal com pequenas manchas escuras nas extremidades dos lobos superior e inferior. Apresentam um dimorfismo sexual acentuado. Machos possuem escamas modificadas na base do lobo ventral da nadadeira caudal e nadadeiras peitorais, dorsal e anal muito mais longas do que as fêmeas. Tamanho máximo 6,2 cm CP.

Distribuição. Arroios do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, e da bacia do Prata no Uruguai e Argentina.

Habitat. Encontrada em áreas de remanso de arroios, preferencialmente de água límpida e com mata de galeria nas margens.

Biologia. Apresenta uma estratégia reprodutiva peculiar, a inseminação. Os machos transferem o esperma para os ovários das fêmeas, mesmo sem possuir um órgão copulador, mas a fecundação aparentemente não é interna, uma vez que não se observam ovos fecundados dentro dos ovários. O período reprodutivo é definido sazonalmente, ocorrendo entre os meses de abril e outubro, coincidindo com o período em que o fotoperíodo é menor e a temperatura da água é mais baixa (MACHADO, 2005). A reprodução antecipada, em relação à maioria das outras espécies de peixes em ambientes do sul do Brasil, permite que as larvas se

desenvolvam antes das demais espécies, representando uma vantagem na utilização dos recursos do ambiente. A constatação de fêmeas não maduras já inseminadas, ou seja, com a presença de espermatozoides dentro do ovário, reforça a hipótese de que a desova pode ocorrer mesmo na ausência do macho, quando o ambiente se apresentar mais favorável. A espécie apresenta desova total, com ovócitos sendo todos liberados em um mesmo momento dentro do período reprodutivo. Alimenta-se de insetos alóctones que capturam junto à superfície d'água (GRACIOLLI *et al.*, 2003).

***Serrapinnus calliurus* (Boulenger, 1900)**
Lambari
Figura 21



Figura 21. *Serrapinnus calliurus* (Boulenger, 1900) (Lambari).

Características morfológicas. Machos possuem os cinco a oito primeiros raios da nadadeira anal engrossados; 13 a 16 raios procorrentes ventrais laminares e expandidos ventralmente na metade posterior do perfil ventral do pedúnculo caudal dos machos, formando de uma quilha; dentes com 7 a 9 cúspides; linha lateral interrompida com 6 a 11 escamas perfuradas; 19-22 raios ramificados da nadadeira anal; pseudotímpano. Não possui mancha umeral. Tamanho máximo 3,2 cm CP.

Distribuição. Regiões de várzea no sistema da laguna dos Patos e nas bacias dos rios Uruguai, baixo Paraná e Paraguai.

Habitat. Ocorre principalmente entre macrófitas aquáticas, as quais oferecem proteção contra predadores e podem fornecer alimento (BAGINSKI *et al.*, 2007).

Biologia. A reprodução ocorre nos meses de primavera e verão, com desova do tipo parcelada,

sendo lotes de ovócitos liberados em diferentes momentos ao longo do período reprodutivo (GELAIN *et al.*, 1999). Alimentam-se principalmente de algas, além de microcrustáceos (NEIFF *et al.*, 2009).

Família CRENUCHIDAE

As espécies desta família têm porte pequeno, medindo menos de 10 cm CP. São facilmente reconhecidos entre os Characiformes pelo pequeno número de raios na nadadeira anal (menos de 14 raios), boca subterminal com pequenos dentes cônicos ou tricúspides, geralmente em duas séries na mandíbula.

Characidium rachovii Regan, 1913

Canivete
Figura 22



Figura 22. *Characidium rachovii* Regan, 1913 (Canivete).

Características morfológicas. Possui linha lateral incompleta, com poros até no máximo a 11^a escama da série. Machos maduros apresentam as nadadeiras pélvicas maiores que nas fêmeas, alcançando ou ultrapassando a origem da nadadeira anal. Nadadeira anal maior nos machos. Tamanho máximo 4,5 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, bacia do rio Uruguai e baixo rio da Prata.

Habitat. Ocorre em arroios de fraca correnteza ou em grandes banhados com densa vegetação aquática, sendo também encontrada em ambientes de fundo arenoso (BUCKUP; REIS, 1997).

Biologia. Depositam seus ovos aderentes sobre as folhas de plantas aquáticas e não apresentam cuidados com ovos ou larvas (MELLO *et al.*, 2011). Alimentam-se de pequenos

crustáceos, insetos e demais invertebrados aquáticos (MELLO *et al.*, 2011). Outras espécies do gênero *Characidium* possuem reprodução sazonal, com período reprodutivo ocorrendo durante os meses de primavera e verão (GOMIERO, 2003; BRAGA *et al.*, 2007; BECKER *et al.*, 2008), sendo consideradas predadoras de espreita que atuam durante o período diurno (ABELHA *et al.*, 2001).

Família CURIMATIDAE

As espécies desta família são facilmente reconhecíveis pela completa ausência de dentes em indivíduos adultos.

Cyphocharax spilotos (Vari, 1987)

Biru
Figura 23



Figura 23. *Cyphocharax spilotos* (Vari, 1987) (Biru).

Características morfológicas. Possui 10 a 12 raios ramificados na nadadeira dorsal; linha lateral completa com 29 a 33 escamas perfuradas. Tamanho máximo 8,9 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Uruguai, baixo Paraná e Paraguai.

Habitat. Ocorre em águas claras de riachos, rios e lagoas.

Biologia. Não há informações disponíveis concernentes à reprodução. Alimenta-se de detritos orgânicos, compostos basicamente de microalgas, acumulados no fundo dos corpos d'água em que habita (SACCOL-PEREIRA, 2008).

***Cyphocharax voga* (Hensel, 1870)**

Biru
Figura 24



Figura 24. *Cyphocharax voga* (Hensel, 1870) (Biru).

***Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794)**

Traíra
Figura 25



Figura 25. *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794) (Traíra).

Características morfológicas. Possui linha lateral completa com 32 a 37 escamas perforadas; nadadeira dorsal com nove raios ramificados; presença de uma mancha negra no centro do pedúnculo caudal e ausência de manchas longitudinais contínuas ou em séries longitudinais. Indivíduos jovens apresentam manchas irregularmente distribuídas na lateral do corpo. Tamanho máximo 20,0 cm CP.

Distribuição. Drenagens costeiras do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil, e Uruguai, parte baixa das bacias dos rios Paraná e Paraguai.

Habitat. Ocorre em arroios, rios e lagoas.

Biologia. Apresenta desova ocorrendo entre novembro e janeiro em alagadiços marginais formados após o período de chuvas. A predominância de algas filamentosas e sedimento na dieta permite classificá-la como iliófaga (CORRÊA; PIEDRAS, 2008).

Família ERYTHRINIDAE

As espécies da família são caracterizadas pelo corpo cilíndrico, ausência de nadadeira adiposa, nadadeira caudal de margem arredondada, nadadeira dorsal com 8 a 15 raios e nadadeira anal curta com 10 a 11 raios. Além disto, possuem numerosos dentes no palato, ausentes na maioria dos Characiformes.

Características morfológicas. Possui corpo alongado e robusto; nadadeira caudal arredondada; dentes caniniformes nas maxilas superior e inferior; dentes muito pequenos no palato e língua áspera, provida de dentículos; fontanela e nadadeira adiposa ausentes; linha lateral com 39 a 43 escamas; nadadeira dorsal com 12 a 15 raios. Nadadeira anal com 10 a 11 raios. Tamanho máximo 49,0 cm CP.

Distribuição. Trata-se de um complexo de espécies registrado nas Américas Central e do Sul, desde a Costa Rica até a Argentina.

Habitat. Espécie de peixe muito comum em rios, arroios e lagoas de todo o Brasil. Ocorrem em águas calmas muitas vezes esperando imóveis entre a vegetação aquática por sua presa.

Biologia. Desova entre julho e março no fundo de corpos d'água rasos e com vegetação. O macho e a fêmea limpam uma pequena área do substrato, formando uma depressão rasa, onde são colocados os óvulos que serão fecundados pelo macho. *Hoplias malabaricus* apresenta desova parcelada, com a liberação de sucessivos lotes de ovócitos durante o período reprodutivo, e cuidado parental realizado pelo casal. A alimentação destes peixes, quando alevinos, é basicamente composta por plâncton; quando jovens são muito ativos e vorazes, alimentando-se de insetos e crustáceos, e quando adultos passam a ter um regime carnívoro composto preferencialmente por peixes e camarões (RINGUELET *et al.*, 1967).

Ordem SILURIFORMES

Peixes da ordem Siluriformes são conhecidos comumente por bagres, que possuem o corpo nu, e os cascudos, que tem o corpo revestido de placas ósseas. A ausência total de escamas e a presença de um espinho pungente precedendo a nadadeira dorsal e as nadadeiras peitorais representam duas das sinapomorfias da ordem. Podem ser reconhecidos ainda geralmente pela presença de dois ou três pares de barbilhões e uma nadadeira adiposa, normalmente longa (BRITSKI *et al.*, 1999). Os espinhos dos Siluriformes de várias espécies podem possuir toxinas produzidas por células glandulares presentes na epiderme, tornando os ferimentos produzidos por estes espinhos bastante dolorosos.

Família ASPREDINIDAE

A família Aspredinidae é caracterizada pelo porte pequeno da maioria de seus membros; nadadeira dorsal com um espinho e 2-5 raios e inúmeros tubérculos queratinizados na pele; cabeça rugosa, crânio com cristas salientes e cintura escapular muito larga e forte; nadadeira adiposa ausente.

***Pseudobunocephalus iheringii* (Boulenger, 1891)**

**Peixe-banjo
Figura 26**



Figura 26. *Pseudobunocephalus iheringii* (Boulenger, 1891) (Peixe-banjo).

Características morfológicas. Possui espinho da nadadeira dorsal flexível, seguido de três raios; nadadeira peitoral com um espinho e quatro raios. Tamanho máximo 5,9 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná e sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em riachos com correnteza lenta a moderada, vivendo junto ao fundo, preferencialmente em meio ao folhoso. É a única espécie do gênero com ocorrência registrada para ambientes de Mata Atlântica (MENEZES *et al.*, 2007).

Biologia. Apresenta reprodução sazonal, com período reprodutivo ocorrendo nos meses de verão (MELLO *et al.*, 2011).

Família CALLICHTHYIDAE

A família Callichthyidae compreende os cascudos que possuem duas séries de placas ósseas longitudinais laterais no corpo (uma superior e a outra inferior); boca pequena; um par de barbilhões em cada canto da boca e muitas vezes um ou dois pares de barbilhões no lábio inferior; linha lateral reduzida; ausência do osso lacrimal-antorbital; série infraorbital reduzida a apenas dois ossos; ausência de dentes pré-maxilares nos adultos (BRITSKI *et al.*, 1999; MENEZES *et al.*, 2007). Todos os representantes da família possuem respiração aérea, engolindo ar atmosférico e realizando as trocas gasosas através da porção final do intestino (REIS, 2003); ato que também apresenta grande importância para a manutenção do equilíbrio hidrostático do peixe (GEE, 1976).

***Callichthys callichthys* (Linnaeus, 1758)**

Tamboatá, Cascudo

Figura 27



Figura 27. *Callichthys callichthys* (Linnaeus, 1758) (Tamboatá, Cascudo).

Características morfológicas. Possui boca terminal; linha lateral com quatro poros na série superior; série lateral superior com 26-29 e inferior com 24-27 placas; nadadeira dorsal com um espinho e 7-8 raios, peitoral com um espinho e 6 raios, pélvica e anal com 6 raios. Corpo cinza; nadadeiras escuras com manchas escuras. Tamanho máximo 16,5 cm CP. Machos apresentam a nadadeira dorsal alongada, maior do que nas fêmeas, com os dois primeiros raios ramificados, maiores que o acúleo.

Distribuição. Amplamente distribuído nas drenagens neotropicais, desde a Colômbia e Venezuela à Argentina. Provavelmente trata-se de um complexo de espécies.

Habitat. Ocorre em áreas alagadas e pantanosas de fundo lodoso, além de riachos de correnteza lenta a moderada.

Biologia. Apresenta cuidados com a prole, construindo ninhos com o uso de detritos e restos vegetais, onde são depositados os ovos fecundados que serão defendidos pelo macho (MACHADO-ALLISON; ZARET, 1984). É onívoro, alimentando-se principalmente de sedimento e insetos aquáticos (FERREIRA; CASATTI, 2006; TUPINAMBÁS *et al.*, 2007).

***Corydoras paleatus* (Jenyns, 1842)**
Limpa-fundo
Figura 28



Figura 28. *Corydoras paleatus* (Jenyns 1842) (Limpa-fundo).

Características morfológicas. Possui boca subterminal; três (raramente quatro) manchas escuras grandes no flanco, nas regiões lateral e dorsal no tronco; nadadeira caudal estriada. Tamanho máximo 5,9 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Uruguai e Paraná e sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em rios, riachos e lagoas de fundo arenoso ou lodoso, vivendo em cardumes junto ao substrato.

Biologia. Reproduz durante todos os meses do ano, apresentando um pico reprodutivo durante o período de verão (BERVIAN; FONTOURA, 1994). Possui desova do tipo parcelada, com a liberação de sucessivos lotes de ovócitos ao longo de seu ciclo reprodutivo (BERVIAN; FONTOURA, 1994). Apresenta elaborado comportamento de corte, durante o qual os machos emitem sons através de movimentos dos espinhos de suas nadadeiras peitorais (PRUZSINSZKY; LADICH, 1998). Alimentase de invertebrados aquáticos, preferencialmente as larvas de insetos e os microcrustáceos não planctônicos (ESCALANTE, 1983).

***Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828)**
Tamboatá, Camboja
Figura 29



Figura 29. *Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828) (Tamboatá, Camboja).

Características morfológicas. Possui boca terminal; linha lateral com 4-6 poros na série superior; série lateral superior com 25-27 e inferior com 22-24 placas; nadadeira dorsal com um espinho 7 raios, peitoral com um espinho 9-10 raios, pélvica com 6 e anal com 8 raios (REIS, 1997). Tamanho máximo 22,0 cm CP.

Distribuição. Amplamente distribuído nas drenagens neotropicais cis-andinas.

Habitat. Ocorre em riachos e pequenos rios com correnteza de fraca a moderada, além de lagoas e áreas alagadas, vivendo junto ao fundo, preferencialmente junto à vegetação ou ao sedimento orgânico acumulado.

Biologia. Reproduz durante os meses mais quentes do ano e apresenta desova do tipo total, cada indivíduo desovando um único lote de ovócitos durante o período anual de reprodução (SÁ-OLIVEIRA; CHELLAPPA, 2002). Apresenta um elaborado comportamento de corte, que culmina com a construção de um ninho de espumas (resultantes da mistura de água, muco e detritos de plantas) junto à vegetação emergente (ANDRADE; ABE, 1997). Os ovos são depositados no ninho e a prole é protegida pelo macho (HOSTACHE; MOL, 1998). *Hoplosternum littorale* é uma espécie onívora que apresenta uma grande diversidade de itens em sua dieta, sendo larvas de insetos, sedimento e fragmentos vegetais os itens mais frequentes (CALDEIRA *et al.*, 2007).

Família HEPTAPTERIDAE

A família Heptapteridae compreende os peixes com pele nua; três pares de barbilhões, sendo um barbilhão maxilar e dois barbilhões mentonianos; nadadeira adiposa bem desenvolvida; canais laterossensoriais cutâneos simples, ramificados na cabeça e parte anterior do tronco em algumas espécies; nadadeira caudal bastante bifurcada, emarginada, arredondada ou lanceolada; primeiro raio das nadadeiras dorsal e peitoral precedidos por um espinho pungente ou com segmentos flexíveis (BOCKMANN; GUAZZELLI, 2003; LUNDBERG *et al.*, 1991).

Pimelodella australis Eigenmann, 1917 Mandinho, Mandi-chorão

Figura 30

Características morfológicas. Presença de uma



Figura 30. *Pimelodella australis* Eigenmann, 1917 (Mandinho, Mandi-chorão).

faixa escura enegrecida margeando o processo supraoccipital e placa pré-dorsal e uma mancha escura negra, estendendo-se do final da nadadeira

dorsal ao início da nadadeira adiposa (GUAZZELLI, 1997). Tamanho máximo 10,6 cm CP.

Distribuição. Bacia do rio Uruguai e bacias costeiras do Rio Grande do Sul até o rio Tubarão, em Santa Catarina.

Habitat. Ocorre em ambientes lóticos e lênticos de substrato arenoso, encontrado entre macrófitas aquáticas.

Biologia. Não há informações acerca da reprodução para *Pimelodella australis*, no entanto, foi observado um período reprodutivo compreendido entre os meses de primavera e verão para outras espécies do gênero *Pimelodella* (SANTOS *et al.*, 2006). Outras espécies de *Pimelodella* são consideradas carnívoras, alimentam-se principalmente de insetos aquáticos (basicamente Diptera e Ephemeroptera), insetos terrestres e ocasionalmente material vegetal (MAZZONI *et al.*, 2010).

Rhamdia aff. quelen (Quoy & Gaimard, 1824)

Jundiá Figura 31



Figura 31. *Rhamdia aff. quelen* (Quoy & Gaimard, 1824) (Jundiá).

Características morfológicas. Possui pigmentos escurecidos dispersos na lateral do corpo, sem formar faixas escuras; boca ventral; pré-maxilar e dentário com placas de dentes viliformes; nadadeira dorsal com 7 raios. Trata-se de um complexo de espécies de grande variabilidade morfológica, e deverá ser desmembrada em táxons diferentes ao longo de sua ampla área de ocorrência na região neotropical. Tamanho máximo 41,0 cm CP.

Distribuição. Registrada atualmente desde as bacias dos rios do norte do México até os rios do

sul da Argentina, tratando-se de um complexo de espécies.

Habitat. Ocorre nos mais diversos tipos de ambientes, lótico e lêntico, preferencialmente nas porções baixas das drenagens.

Biologia. A maturidade sexual é atingida por volta de um ano de idade, nos dois sexos. O período de reprodução se estende de agosto a fevereiro, com dois picos reprodutivos, caracterizando uma desova do tipo assincrônica ou parcelada (GOMES *et al.*, 2000). A fecundidade é baixa e apresenta relação com o comprimento total, peso total e peso da gônada (NARAHARA *et al.*, 1989). É considerada uma espécie onívora, alimentando-se de pequenos peixes, moluscos, crustáceos, insetos, restos vegetais e detritos orgânicos (BASTOS, 2002). Os indivíduos ficam escondidos entre pedras e troncos, de onde saem à noite, à procura de alimento (GUEDES, 1980).

Família LORICARIIDAE

A família Loricariidae compreende os peixes que possuem placas ósseas cobrindo o corpo e a cabeça, revestidas com pequenos espinhos chamados odontódeos que conferem uma aspereza às placas; boca inferior, em forma de ventosa; a parte posterior do crânio inclui parte da cintura peitoral, o aparelho de Weber e uma bexiga natatória com paredes ósseas dividida em duas metades: direita e esquerda (MENEZES *et al.*, 2007).

Hisonotus laevior Cope, 1894 Cascudinho Figura 32



Figura 32. *Hisonotus laevior* Cope, 1894 (Cascudinho).

Características morfológicas. Possui de 25-27 placas ósseas medianas laterais no corpo; 3-4 (moda 4) placas pré-dorsais; 30-31 vértebras; presença de um entalhe posterior na articulação

da placa rostral; pedúnculo caudal arredondado. Tamanho máximo 4,7 cm CP (CARVALHO; REIS, 2011).

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos (CARVALHO; REIS, 2011).

Habitat. Ocorre em rios e riachos de água clara a turva, com fundo arenoso e correnteza de fraca a média, habitando a vegetação submersa junto à margem (CARVALHO; REIS, 2011).

Biologia. Não há informações sobre reprodução e alimentação. Espécies do gênero *Hisonotus* possuem desova do tipo parcelada, liberando sucessivos lotes de ovócitos ao longo de seu período de reprodução (FERREIRA, 2007). São peixes bentônicos, que apresentam hábito perífítico, alimentando-se essencialmente de algas que se desenvolvem sobre o substrato e de fragmentos de plantas superiores (ARANHA *et al.*, 1998; CASATTI *et al.*, 2001).

Hisonotus leucofrenatus (Miranda-Ribeiro, 1908) Cascudinho Figura 33



Figura 33. *Hisonotus leucofrenatus* (Miranda-Ribeiro, 1908) (Cascudinho).

Características morfológicas. Possui a margem anterior do focinho completamente coberta por odontódeos; placas grandes na série abdominal mediana, geralmente composta por uma série de placas entre as placas abdominais laterais; nadadeira caudal completamente escura ou com uma tênue listra vertical hialina; cabeça escura a amarronzada; 'tufos' de odontódeos na extremidade do parieto-occipital ausentes (CARVALHO; REIS, 2011). Tamanho máximo 6,0 cm CP.

Distribuição. Planície da costa leste do sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí, e drenagens costeiras de Santa Catarina, Paraná e

São Paulo na bacia do rio Ribeira de Iguape (localidade-tipo) (CARVALHO; REIS, 2011).

Habitat. Ocorre preferencialmente em ambientes de correnteza fraca a média de fundo pedregoso, habitando a vegetação submersa ou junto à margem.

Biologia. Não há informações sobre reprodução e alimentação. Ver observações sobre biologia de *Hisonotus laevior*.

***Hypostomus commersoni* Valenciennes, 1836**

**Cascudo
Figura 34**



Figura 34. *Hypostomus commersoni* Valenciennes, 1836 (Cascudo).

Características morfológicas. Possui quatro séries de cristas laterais conspicuas no flanco; 28-30 quilhas laterais; olho e focinho pequenos; flanco com pequenos pontos pretos em fundo claro; 1-2 quilhas limitando a margem posterior do supraoccipital (Reis *et al.*, 1990). Tamanho máximo 42,3 cm CP.

Distribuição. Bacias do médio e baixo rio Paraná, rio Uruguai e sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Habita os mais diversos ambientes, preferencialmente lênticos, em rios e arroios.

Biologia. Possui desova do tipo total, realizando um único evento de desova por período reprodutivo, com período de reprodução ocorrendo durante os meses de primavera e verão (AGOSTINHO *et al.*, 1991). Alimenta-se principalmente de algas e detritos, desempenhando importante papel na ciclagem de nutrientes dos ambientes onde vivem (FERNÁNDEZ *et al.*, 2008; GNERI; ANGELESCU, 1951).

***Loricariichthys anus* Valenciennes, 1836**

**Viola
Figura 35**



Figura 35. *Loricariichthys anus* Valenciennes, 1836 (Viola).

Características morfológicas. Presença de pequenas placas ósseas ('platelets') na porção anteroventral do focinho formando uma borda rostral bem reduzida (0,4-5,5% do comprimento da cabeça); perfil lateral do focinho relativamente mais retilíneo entre suas extremidades e as órbitas; abdômen normalmente com duas séries de placas entre as placas torácicas (REIS; PEREIRA, 2000). Tamanho máximo 46,0 cm CP.

Distribuição. Drenagens costeiras do Brasil, sistema da laguna dos Patos e bacias dos rios Uruguai e baixo Paraná.

Habitat. Ocorre em rios, lagos e lagoas com águas calmas ou de correnteza fraca à média, vivendo junto ao fundo lodoso ou arenoso.

Biologia. Possui ciclo reprodutivo sazonal, desovando durante os meses de verão (aproximadamente de novembro a março) e apresentando uma desova do tipo total, possuindo um único evento de desova por período reprodutivo (BRUSCHI JR. *et al.*, 1997). Os machos realizam cuidado parental, utilizando o lábio inferior, que se torna mais desenvolvido nos meses anteriores à reprodução, para a incubação dos ovos adesivos após a fecundação. Alimenta-se de detritos orgânicos e larvas de insetos.

***Rineloricaria cadeae* (Hensel, 1868)**
Violinha
Figura 36



Figura 36. *Rineloricaria cadeae* (Hensel, 1868) (Violinha).

***Rineloricaria strigilata* (Hensel, 1868)**
Violinha
Figura 37



Figura 37. *Rineloricaria strigilata* (Hensel, 1868) (Violinha).

Características morfológicas. Possui superfície dorsal do corpo marrom sem estrias, com 5 ou 6 faixas escuras transversais; extremidade do focinho com área nua alongada, alcançando anteriormente o poro do ramo infraorbital do canal sensorial; corpo relativamente alto, mais de 7,9% no CP (RODRIGUEZ; REIS, 2008). Tamanho máximo 12,8 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em cursos d'água com fluxo de lento a rápido, com água de clara a turva e fundo arenoso, rochoso ou lamacento. Adultos são principalmente encontrados em ambientes de fundo arenoso, enquanto juvenis preferem locais com acúmulo de folhiço no fundo (RODRIGUEZ; REIS, 2008).

Biologia. Não há informações disponíveis concernentes à reprodução e alimentação desta espécie. Espécies do gênero *Rineloricaria* possuem período reprodutivo longo, ocorrendo durante os meses mais quentes do ano, e apresentam desova do tipo parcelada, liberando mais de um lote de ovócitos ao longo da estação de reprodução (BARBIERI, 1994; RAMOS; CONRAD, 1998). Alimentam-se principalmente de algas, as quais são obtidas através da raspagem das pedras do substrato dos corpos d'água em que habitam (ANGELESCU; GNERI, 1949; GNERI; ANGELESCU, 1951).

Características morfológicas. Possui superfície dorsal do corpo com numerosas manchas escuras e estriadas em fundo marrom e 5-6 faixas escuras transversais; extremidade do focinho com protuberância globular de pele nua, não alcançando a parte mais anterior do poro do ramo infraorbital do canal sensorial; corpo relativamente baixo, menos de 7,8% no CP (RODRIGUEZ; REIS, 2008). Tamanho máximo 13,8 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em cursos d'água com fluxo de lento a rápido, com água de clara a turva e fundo de areia e/ou lama (RODRIGUEZ; REIS, 2008).

Biologia. Não há informações sobre reprodução e alimentação desta espécie. Ver observações sobre a biologia de *Rineloricaria* em *R. cadeae*.

Família PIMELODIDAE

A família Pimelodidae é representada pelos peixes com corpo revestido por um couro espesso (*i.e.* corpo nu), compreendendo formas de porte pequeno a grande. De maneira geral são caracterizados por três pares de barbilhões (um maxilar e dois mentais), abertura branquial ampla, com as membranas branquiais livres do istmo. Outros caracteres incluem um arranjo dendrítico do sistema da linha lateral na cabeça e parte anterior do tronco e uma junta móvel alongada entre os ossos etmoide lateral e autopalatino (BRITSKI *et al.*, 1999; MENEZES *et al.*, 2007).

***Parapimelodus nigribarbis* (Boulenger, 1889)**
Pintado-branco, Mandinho
Figura 38



Figura 38. *Parapimelodus nigribarbis* (Boulenger, 1889) (Pintado-branco, Mandinho).

Características morfológicas. Possui uma placa de dentes no metapterigoide (teto da cavidade bucal) grande e normalmente ovalada, com um processo direcionado para trás conspicuo; altura do corpo na origem da nadadeira adiposa (15,5-22,7% CP) normalmente menor que a altura do corpo na origem da nadadeira dorsal (66,7-90,0% CP). Tamanho máximo 18,6 cm CP (LUCENA *et al.*, 1992).

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em grandes cardumes em ambientes amplos (rios e lagoas), frequentemente observados nadando junto à superfície da água.

Biologia. O período reprodutivo ocorre durante os meses de setembro a março, porém não são observados picos no desenvolvimento gonadal da população (picos de IGS). O tamanho em que os espécimes atingem sua primeira maturação gonadal é de aproximadamente 8,0 cm CP (MARQUES, 2007). Possui hábitos planctófagos, evidenciados pela presença de rastros branquiais longos e numerosos. A dieta é composta basicamente de insetos e anfípodos (SACCOL-PEREIRA, 2008). Conforme Bertaco e Becker (2000) essa espécie foi mais abundante na porção litorânea oeste do lago Guaíba e varia sazonalmente, com maiores frequências nos períodos quentes do ano.

***Pimelodus pintado* Azpelicueta, Lundberg & Loureiro, 2008**
Pintado
Figura 39



Figura 39. *Pimelodus pintado* Azpelicueta, Lundberg & Loureiro, 2008 (Pintado).

Características morfológicas. Espécimes grandes (maior que 20,0 cm CP) possuem manchas pretas numerosas e distribuídas irregularmente no flanco, dorso e cabeça, normalmente presentes também nas nadadeiras dorsal, adiposa e caudal, e menos frequentes nas nadadeiras peitoral, pélvica e anal; espécimes pequenos com manchas grandes, organizadas em quatro séries horizontais; padrão de colorido *in vivo* do flanco amarelo dourado; lábios espessos, com pregas rictais proeminentes; mandíbula e focinho projetando-se além da sínfise mandibular, expondo dentes pré-maxilares; narinas anteriores relativamente atrás da margem do focinho; pré-vômer sem dentes; 22-26 rastros branquiais no primeiro arco branquial. Tamanho máximo 28,0 cm CP (AZPELICUETA *et al.*, 2008).

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre geralmente em cardumes no fundo de rios e lagoas, principalmente em áreas de correnteza moderada.

Biologia. São peixes onívoros, alimentando-se preferencialmente de larvas de insetos, restos vegetais, moluscos, crustáceos e insetos terrestres (SACCOL-PEREIRA, 2008).

Família TRICHOMYCTERIDAE

A maioria das espécies da família Trichomycteridae é caracterizada externamente por apresentarem duas placas de odontódeos, uma

delas situada no interopérculo, visível na parte ventrolateral da cabeça, e outra no opérculo, visível na região dorsoposterior da cabeça; três pares de barbilhões (nasal, maxilar e rictal) e nadadeira dorsal localizada posterior ao meio do corpo.

***Homodiaetus anisitsi* Eigenmann & Ward, 1907**
Cambeva
Figura 40



Figura 40. *Homodiaetus anisitsi* Eigenmann & Ward, 1907 (Cambeva).

Características morfológicas. Possui raios medianos da nadadeira caudal pretos, uma faixa escura superior e outra inferior prolongando-se sobre os respectivos raios procorrentes à região distal dos raios medianos da nadadeira caudal; 3-6 odontódeos operculares. Tamanho máximo 4,2 cm CP (KOCH, 2002).

Distribuição. Bacias dos rios Paraguai, baixo rio Paraná, rio Uruguai, sistema da laguna dos Patos e sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre em lagoas e rios arenosos de baixa profundidade.

Biologia. Não há informações sobre biologia reprodutiva desta espécie. Frequentemente são observadas escamas na boca e estômago de exemplares desta espécie, confirmando seu hábito lepidofágico e mucófago.

Ordem GYMNOTIFORMES

Compreende os peixes-elétricos, facilmente reconhecíveis pela forma corporal bastante especializada. Apresentam corpo alongado e não possuem nadadeiras dorsal, pélvicas e caudal (exceção à família Apterontidae e formas larvais de alguns representantes da família Sternopygidae, os quais apresentam nadadeira caudal reduzida). A nadadeira anal estendida ao longo de quase toda margem ventral do peixe e com mais de 150 raios,

o deslocamento dos órgãos vitais para a parte mais anterior do corpo com o ânus deslocado para frente (abaixo da cabeça em algumas espécies) e a presença de órgãos elétricos na musculatura hipoaxial são algumas das sinapomorfias da ordem.

Família GYMNOTIDAE

As espécies desta família possuem corpo cilíndrico ou subcilíndrico; cabeça deprimida; boca larga, mais de um terço do comprimento da cabeça; cavidade abdominal longa (mais de 30 vértebras pré-caudais); filamento caudal curto ou inexistente, com nadadeira anal estendendo-se até o final do corpo do peixe ou muito próximo a isto. Apresenta descarga do órgão elétrico do tipo pulso.

***Gymnotus* aff. *carapo* Linnaeus, 1758**
Peixe-elétrico, Carapo, Sarapó
Figura 41



Figura 41. *Gymnotus* aff. *carapo* Linnaeus, 1758 (Peixe-elétrico, Carapo, Sarapó).

Características morfológicas. O grupo de espécies *Gymnotus carapo* engloba muitas espécies ainda não definidas, que compartilham os seguintes caracteres: corpo com bandas oblíquas de coloração escura; membrana na nadadeira anal com porção final de coloração esbranquiçada (ALBERT, 2001). Tamanho máximo 28,2 cm de comprimento Total (CT – medido da ponta do focinho até o final do filamento caudal em Gymnotiformes) (COGNATO;FIALHO, 2006).

Distribuição. *Gymnotus carapo sensu-stricto* se distribui nas bacias Amazônica e do Orinoco, ilha de Trinidad, drenagens do escudo das Guianas, e drenagens Atlânticas do nordeste do Brasil (ALBERT; CRAMPTON, 2003). Para o sistema da laguna dos Patos ocorre uma espécie do complexo, aqui denominada *Gymnotus* aff. *carapo*.

Habitat. Ocorre em uma grande diversidade de *habitats* como lagoas, áreas alagadas, riachos e rios de grande porte, estando na maioria das vezes associada à vegetação emergente e/ou flutuante.

Biologia. Possui ciclo reprodutivo sazonal no Rio Grande do Sul, reproduzindo-se durante os meses de primavera e verão. Apresenta desova do tipo parcelada, liberando sucessivos lotes de ovócitos a serem fecundados durante seu período reprodutivo (COGNATO; FIALHO, 2006). As espécies do gênero *Gymnotus* apresentam cuidado parental, com construção de ninhos e cuidado dos ovos e larvas por parte dos machos (CRAMPTON; HOPKINS, 2005). Os peixes integrantes do gênero são considerados predadores, forrageando preferencialmente no turno da noite e alimentando-se de invertebrados aquáticos e pequenos peixes (ALBERT; CRAMPTON, 2005). São respiradores aéreos facultativos, apresentando uma modificação na bexiga natatória utilizada como órgão respiratório acessório (LIEM *et al.*, 1984).

Família HYPOPOMIDAE

As espécies desta família possuem olhos pequenos (diâmetro menor que a distância entre as narinas); focinho de tamanho moderado a curto; sem dentes em ambas as mandíbulas; nadadeira anal iniciando abaixo ou posteriormente à inserção da peitoral. Apresenta descarga do órgão elétrico do tipo pulso.

***Brachyhypopomus draco* Giora, Malabarba & Crampton, 2008**
Peixe-elétrico, Tuvira
Figura 42



Figura 42. *Brachyhypopomus draco* Giora, Malabarba & Crampton, 2008 (Peixe-elétrico, Tuvira).

Características morfológicas. Possui altura do corpo na origem da nadadeira anal menor do que em *B. gauderio*; origem da nadadeira anal localizada posteriormente à margem posterior da nadadeira peitoral; mandíbula superior de comprimento igual à mandíbula inferior; corpo de coloração marrom, com dorso mais escurecido e lateral com um número variável de bandas escuras perpendiculares ou oblíquas ao eixo longitudinal do peixe, nunca interconectadas na região dorsal. Apresentam dimorfismo sexual. Machos maduros apresentam hipertrofia da porção final do filamento caudal durante o período reprodutivo, o qual torna-se alargado e achatado, formando uma estrutura semelhante a um remo. Machos possuem comprimentos totais maiores do que os das fêmeas. Tamanho máximo 21,0 cm CT.

Distribuição. Bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, sistema da laguna dos Patos e sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre em rios, riachos, lagoas e áreas alagadas, sendo usualmente encontrado junto à vegetação emergente e/ou flutuante.

Biologia. O período reprodutivo é sazonal no sul do Brasil ocorrendo nos meses de primavera e verão, e a desova é do tipo parcela, com a liberação de lotes sucessivos de ovócitos ao longo do período de reprodução (SCHAAN *et al.*, 2009). Alimenta-se principalmente de larvas de insetos. Os peixes do gênero *Brachyhypopomus* são respiradores aéreos facultativos, podendo guardar bolhas de ar em suas cavidades branquiais, e assim suportando condições de baixos níveis de oxigênio na água (LIEM *et al.*, 1984).

***Brachyhypopomus gauderio* Giora & Malabarba, 2009**
Peixe-elétrico, Tuvira
Figura 43



Figura 43. *Brachyhypopomus gauderio* Giora & Malabarba, 2009 (Peixe-elétrico, Tuvira).

Características morfológicas. Possui altura do corpo na origem da nadadeira anal maior do que na espécie simpátrica *Brachyhypopomus draco*; origem da nadadeira anal localizada na mesma linha ou ligeiramente posterior à margem posterior da nadadeira peitoral; mandíbula superior de comprimento igual à mandíbula inferior; corpo de coloração marrom claro a amarelada, com dorso com manchas mais escuras que se interconectam formando um desenho reticulado que se conecta com uma série variável de bandas de mesma coloração, perpendiculares ou oblíquas ao eixo longitudinal do peixe. Apresenta dimorfismo sexual. Machos maduros e dominantes apresentam ligeira compressão lateral da porção final do filamento caudal, o qual fica com aspecto achatado. Tamanho máximo 19,0 cm CT.

Distribuição. Bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, sistema da laguna dos Patos e sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre em rios, riachos, lagoas e áreas alagadas, sendo usualmente encontrado junto à vegetação emergente e/ou flutuante.

Biologia. Possui período reprodutivo sazonal, no sul do Brasil ocorrendo nos meses de primavera e verão, e desova do tipo parcela, com a liberação de lotes sucessivos de ovócitos ao longo do período de reprodução (GIORA, 2008). Alimenta-se principalmente de larvas de insetos e microcrustáceos aquáticos (TARASCONI, 2006).

Ordem SYNBRANCHIFORMES

Representantes da ordem Synbranchiformes tem corpos serpentiformes, facilmente reconhecíveis pela ausência das nadadeiras peitorais e pélvicas, com as demais nadadeiras reduzidas. O fechamento lateral dos opérculos, resultando em uma única fenda branquial localizada abaixo da cabeça constitui-se em uma das sinapomorfias do grupo.

Família SYNBRANCHIDAE

A família Synbranchidae apresenta como características diagnósticas as nadadeiras dorsal e anal reduzidas a dobras de pele vestigiais e bexiga

natatória e costelas ausentes. Podem sobreviver em ambientes com pouca água, pois possuem órgãos para respiração aérea (MENEZES *et al.*, 2007).

Synbranchus marmoratus Bloch, 1795

Muçum
Figura 44



Figura 44. *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795 (Muçum).

Características morfológicas. Esta espécie difere de suas cogenéricas por apresentar corpo amarelado, dorso escuro, com várias manchas pequenas distribuídas por todo o corpo. Tamanho máximo 80,0 cm CT.

Distribuição. *Synbranchus marmoratus* está amplamente distribuída nas drenagens neotropicais, dos rios do México até a Argentina. Trata-se de um complexo de espécies.

Habitat. Ocorre em uma grande variedade de ambientes como banhados áreas alagadas, riachos, rios de grande porte, lagos e lagoas. Habitam principalmente as margens dos corpos d'água, vivendo junto ao fundo, mais frequentemente associados a substratos lodosos onde cavam túneis e galerias.

Biologia. É uma espécie protogínica com dois diferentes tipos de machos (diandria), os machos primários, que se desenvolvem diretamente como machos a partir dos ovos, e os machos secundários, que se desenvolvem a partir da reversão sexual das fêmeas (LO NOSTRO; GUERRERO, 1996). A espécie constrói ninhos nos túneis em que habita, nos quais são encontradas larvas em diferentes estágios de desenvolvimento, sugerindo a ocorrência de desovas múltiplas (BREder; ROSEN, 1966). Os machos apresentam cuidado parental, defendendo ovos e larvas do ninho (BREder;

ROSEN, 1966). São respiradores aéreos facultativos (EDUARDO *et al.*, 1979), e podem sobreviver por longos períodos de seca em túneis, envolvidos em lodo e muco, em um comportamento de semi-estivação (MORAES *et al.*, 2005). Alimentam-se de insetos aquáticos e pequenos peixes.

Ordem CYPRINODONTIFORMES

Os representantes da ordem são geralmente espécies de pequeno porte, com boca protrátil, nadadeira dorsal sem espinhos ou com no máximo um espinho, nadadeiras pélvicas situadas no abdome e posteriores às nadadeiras peitorais, e com escamas na cabeça. A nadadeira caudal não dividida em lobos superior e inferior representa uma das sinapomorfias da ordem.

Família ANABLEPIDAE

As espécies desta família apresentam nadadeira anal com no máximo 11 raios. A nadadeira anal dos machos adultos modifica-se em órgão copulador (gonopódio), formado por todos os raios da nadadeira embutidos em um tubo simples, sem apêndices distais. Na extremidade do gonopódio, a papila urogenital dos machos maduros é lateral, do lado direito ou esquerdo. A maioria das espécies apresenta dentes tricúspides.

Jenynsia multidentata (Jenyns, 1842)
Barrigudinho
Figura 45



Figura 45. Fêmea (acima) e macho (abaixo) de *Jenynsia multidentata* (Jenyns, 1842) (Barrigudinho).

Características morfológicas. Possui 4 a 8 linhas de manchas horizontais ou arredondadas no flanco do corpo. Em fêmeas adultas (maior que 6,0 cm CP) as manchas apresentam-se tênues ou ausentes. Machos apresenta órgão copulador (gonopódio). Tamanho máximo 7,0 cm CP.

Distribuição. Baixo rio Paraná, bacia do rio Uruguai, sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e bacias costeiras até o Rio de Janeiro.

Habitat. Ocorre em águas rasas, principalmente em ambientes estuarinos e de água salobra, podendo ser também encontrada em corpos de água doce adjacentes a estes.

Biologia. Populações de *Jenynsia multidentata* possuem período reprodutivo extremamente longo, com indivíduos reproduzindo-se durante quase todos os meses do ano, exceto os meses de inverno (GARCIA *et al.*, 2004). É vivípara, com nutrição matrotrofica dos embriões (o corpo materno supre os nutrientes para os embriões) e o desenvolvimento de uma única geração de embriões por fêmea a cada evento de fecundação (BETITO, 2006). As fêmeas apresentam a capacidade de reter o esperma de uma cópula para várias fecundações posteriores sem a necessidade de novos encontros com machos (WOURMS *et al.*, 1988). A espécie é preferencialmente detritívora fitobentófaga (BETITO, 1984), podendo também se alimentar de pequenos invertebrados junto ao fundo.

Família POECILIIDAE

As espécies desta família possuem a nadadeira anal com, no máximo, 11 raios. A nadadeira anal dos machos adultos é modificada em órgão copulador (gonopódio), formado por todos os raios da nadadeira embutidos em um tubo simples, geralmente com apêndices distais. Possuem como características diagnósticas a inserção mediosuperior da nadadeira peitoral e a migração anterior da nadadeira pélvica em machos maduros (LUCINDA, 2003).

***Phalloceros caudimaculatus* (Hensel, 1868)**
Barrigudinho
Figura 46



Figura 46. Fêmea (acima) e macho (abaixo) de *Phalloceros caudimaculatus* (Hensel, 1868) (Barrigudinho).

Características morfológicas. Apresenta papila urogenital da fêmea reta, localizada entre o ânus e o primeiro raio da nadadeira anal, e gonopódio nos machos sem ganchos. Tamanho máximo 4,5 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos, porções do baixo rio Uruguai, rio Tramandaí, rio Mampituba e drenagens costeiras do Uruguai e Argentina (LUCINDA, 2008).

Habitat. Ocorre em uma grande variedade de ambientes, habitando riachos com forte correnteza, áreas de remanso, lagos e lagoas, além de alagados isolados e pouco oxigenados, estando mais frequentemente associada à vegetação aquática emergente ou submersa.

Biologia. Populações de *Phalloceros caudimaculatus* possuem período reprodutivo contínuo com indivíduos reproduzindo-se durante todos os meses do ano. É vivípara, com nutrição matrotófica dos embriões (o corpo materno supre os nutrientes para o desenvolvimento dos embriões mesmo após a fecundação) e desenvolvimento de uma única geração de embriões por fêmea a cada evento de fecundação (ARIAS; REZNICK, 2000).

Família RIVULIDAE

Os rivulídeos apresentam a nadadeira anal com mais de 17 raios e nadadeira anal dos machos com raios normais, sem órgão copulador (gonopódio).

***Cynopoecilus nigrovittatus* Costa, 2002**
Peixe-anual
Figura 47



Figura 47. Fêmea (acima) e macho (abaixo) de *Cynopoecilus nigrovittatus* Costa, 2002 (Peixe-anual).

Características morfológicas. Possui perfil dorsal côncavo na cabeça de machos adultos; listras longitudinais da lateral do corpo pretas nos machos e margem posterior da nadadeira caudal dos machos azul clara. Os machos apresentam as nadadeiras anal e dorsal alongadas em sua porção posterior; lateral do corpo com uma listra longitudinal preta; pontos escuros presentes nas nadadeiras anal, caudal e dorsal. Fêmeas com colorido semelhante ao do macho, no entanto, com pigmentação menos intensa: listra longitudinal do corpo mais clara e interrompendo-se em sua porção posterior, pontos nas nadadeiras anal, caudal e dorsal claros. Tamanho máximo 4,3 cm CP.

Distribuição. Baixo rio Jacuí, Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Espécies do gênero *Cynopoecilus* habitam poças, alagados temporários e campos inundados durante parte do inverno e outono, quando há o aumento do volume de chuvas.

Biologia. As espécies do gênero apresentam um ciclo de vida bastante singular associado às variações sazonais em seu *habitat*. Os peixes recém eclodidos têm um desenvolvimento extremamente rápido, atingindo a maturidade sexual pouco mais de um mês após a eclosão na espécie *Cynopoecilus melanotaenia* (ARENZON *et al.*, 1999) e apresentando um período reprodutivo longo. Quando os alagados em que habitam secam durante o período de diminuição das chuvas e aumento do calor, todos os indivíduos da população morrem, deixando seus ovos em diapausa no substrato. Desta forma, na estação de chuvas seguinte, o ambiente novamente se enche d'água provocando a eclosão dos ovos e o reinício do ciclo. As espécies do gênero *Cynopoecilus* apresentam fertilização interna (MEYER; LYDEARD, 1993) e desenvolvimento ovocitário assincrônico com desova do tipo parcelada (MARZA, 1938; ARENZON *et al.*, 1999), o que permite que os peixes desovem por praticamente todo período em que seus *habitats* se encontram viáveis. Peixes do gênero *Cynopoecilus* são considerados predadores generalistas, se alimentando de uma grande variedade de itens, principalmente zooplâncton, algas e larvas de insetos (LAUFER *et al.*, 2009).

Ordem LABRIFORMES

Esta ordem corresponde a uma família de peixes de água doce (Cichlidae) e cinco famílias de peixes marinhos (Labridae, Scaridae, Odacidae, Embiotocidae e Pomacentridae), antes alocados como uma subordem de Perciformes (Labroidei). Seus representantes são principalmente reunidos por uma série de caracteres relacionados a estruturas presentes na musculatura e esqueleto da base dos arcos branquiais. Eles podem ser usualmente reconhecidos, juntamente com os Perciformes, pela presença de uma nadadeira dorsal de base longa, sendo a parte anterior espinhosa e a posterior formada por raios moles, pela posição das nadadeiras pélvicas localizadas anteriormente, geralmente em posição torácica ou abdominal, pela presença de escamas ctenoides e pela boca protrátil.

Família CICHLIDAE

Os ciclídeos representam uma família de Labriformes exclusivos de água doce. São facilmente reconhecíveis por apresentar o canal sensorial da linha lateral dividido em duas seções em séries diferentes de escamas: uma linha lateral anterior da região junto ao opérculo até a porção média do corpo e uma linha lateral posterior da porção média do corpo até a nadadeira caudal.

Australoheros acaroides (Hensel, 1870)

Cará Figura 48



Figura 48. *Australoheros acaroides* (Hensel, 1870) (Cará).

Características morfológicas. Possui nadadeira anal com 6 a 8 espinhos, seguidos de 7 a 9 raios ramificados; corpo ovalado em vista lateral; nadadeiras com grandes manchas negras ou sem manchas. Boca anterior. Tamanho máximo 18,0 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Ocorre em ambientes vegetados de rios, arroios e lagoas, de fundo arenoso ou lodoso.

Biologia. Colocam seus ovos adesivos sobre o substrato e os pais abrigam a prole na boca ou cavidades branquiais. São animais sedentários e territoriais.

***Cichlasoma portalegrense* (Hensel, 1870)**

Cará-do-lodo

Figura 49



Figura 49. *Cichlasoma portalegrense* (Hensel, 1870) (Cará-do-lodo).

Características morfológicas. Possui nadadeira anal com 3 espinhos, seguidos de raios ramificados; corpo ovalado em vista lateral; nadadeiras caudal e porção posterior das nadadeiras dorsal e anal com pequenas manchas claras circulares ou alongadas; boca anterior. Tamanho máximo 10,3 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos e sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre em ambientes vegetados de rios, arroios e lagoas, de fundo arenoso ou lodoso.

Biologia. Colocam seus ovos adesivos sobre diversos substratos e os pais abrigam a prole na boca ou cavidades branquiais. Alimenta-se, como a maioria dos carás, de larvas de insetos, crustáceos e pequenos organismos, além de detrito, podendo ser considerado como uma espécie onívora. São animais sedentários e territoriais.

***Crenicichla lepidota* Heckel, 1840**

Joaninha, Mixola

Figura 50



Figura 50. *Crenicichla lepidota* Heckel, 1840 (Joaninha, Mixola).

Características morfológicas. Possui corpo alongado, cilíndrico; boca ampla, alcançando a vertical que passa pela margem anterior do olho; mácula umeral presente, aproximadamente do mesmo diâmetro do olho, logo acima da base da nadadeira peitoral; flanco geralmente escurecido, sem manchas. Tamanho máximo 18,0 cm CP.

Distribuição. Bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, rio Guaporé (bacia Amazônica), sistema da laguna dos Patos, sistema do rio Tramandaí e rios costeiros de Santa Catarina.

Habitat. Geralmente encontrada em lagoas e rios de águas lentas, sendo comum em ambientes com vegetação aquática submersa ou emergente.

Biologia. É uma espécie cujo comportamento reprodutivo segue o padrão de ciclídeos neotropicais, com a formação de casais, estabelecimento e defesa do território para o acasalamento e cuidado com a prole. Indivíduos desovam em cavidades no fundo dos corpos d'água, preferencialmente em troncos e raízes associada às macrófitas (SABINO; ANDRADE, 2003; TERESA *et al.*, 2011). Apresenta hábito alimentar carnívoro, consumindo primariamente insetos (HARTZ, 1997) e moluscos (SACCOLPEREIRA, 2008) e secundariamente peixes e crustáceos.

***Crenicichla punctata* Hensel, 1870**

Joaninha

Figura 51



Figura 51. *Crenicichla punctata* Hensel, 1870 (Joaninha).

Características morfológicas. Possui corpo alongado, cilíndrico; boca ampla; mácula umeral ausente; manchas numerosas e diminutas distribuídas pelo flanco e sobre o opérculo. Tamanho máximo 22,3 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos.

Habitat. Encontrada em ambientes abertos de lagoas e rios de águas lentas.

Biologia. Não há informações sobre a reprodução desta espécie. Alimenta-se preferencialmente de macrófitas e moluscos bivalves e gastrópodos (SACCOL-PEREIRA, 2008).

***Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824)**

Cará

Figura 52



Figura 52. *Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824) (Cará).

Características morfológicas. Possui nadadeira anal com três espinhos; nadadeiras dorsal, caudal e anal cobertas de pequenas manchas claras e arredondadas; nadadeira peitoral não alcança a origem da nadadeira anal; origem da nadadeira dorsal sem espinho dirigido anteriormente. Tamanho máximo 23,0 cm CP (KULLANDER, 2003).

Distribuição. Drenagens costeiras do leste e do sul do Brasil e Uruguai (KULLANDER, 2003).

Habitat. Ocorre em ambientes lênticos de lagoas, rios e riachos de maior porte.

Biologia. Apresenta fecundação externa e cuidado parental. A reprodução é sazonal, entre os meses de primavera e verão (MAZZONI; IGLESIAS-RIOS, 2002). Apresenta fecundidade baixa e ovócitos grandes, características de espécies com cuidado parental (VAZZOLER, 1996). Possui desova do tipo total, com a liberação de um único lote de ovócitos por

período reprodutivo (MAZZONI; IGLESIAS-RIOS, 2002). Tem hábitos diurnos e uma elevada plasticidade trófica, influenciada pela disponibilidade de alimento no ambiente. É considerada onívora, alimentando-se de uma variedade de itens, incluindo vários invertebrados e algas, realizando a captura de pequenos invertebrados à medida que vai remexendo a areia do fundo dos corpos d'água em que vive (ABELHA; GOULART, 2004).

***Gymnogeophagus gymnogenys* (Hensel, 1870)**

Cará-cartola

Figura 53



Figura 53. Fêmea (acima) e macho (abaixo) de *Gymnogeophagus gymnogenys* (Hensel, 1870) (Cará-cartola).

Características morfológicas. Possui nadadeira anal com três espinhos; nadadeiras dorsal, caudal e anal cobertas de pequenas manchas claras e arredondadas; nadadeira peitoral alcança a origem da nadadeira anal; nadadeira dorsal com um pequeno espinho dirigido anteriormente junto a base do raio mais anterior; pedúnculo caudal claramente mais longo do que alto. Tamanho máximo 15,0 cm CP.

Distribuição. Sistema da laguna dos Patos e Sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre preferencialmente em grandes

rios e lagoas de fundo arenoso e com vegetação esparsa ou ausente (REIS; MALABARBA, 1988).

Biologia. Apresenta fecundação externa e cuidado parental através da incubação bucal de ovos e jovens, por ambos os sexos. A reprodução é sazonal, entre os meses de primavera e verão. Apresenta fecundidade baixa e ovócitos grandes, características de espécies com cuidado parental (VAZZOLER, 1996). Possui desova do tipo total, com a liberação de um único lote de ovócitos por período reprodutivo (LONGONI, 2009). Em muitos ciclídeos, a coloração dos machos em reprodução anuncia as áreas de desova, podendo durar todo o período reprodutivo. É comum também o desenvolvimento de gibosidades (corcovas) na região anterior da cabeça dos machos antes da estação de desova, possivelmente utilizadas para exibir-se ou como um depósito de gordura para o período de guarda (LOWE-MCCONNELL, 1999). É uma espécie onívora, com hábitos muito diversificados, podendo se alimentar de detritos, sedimentos, frutos/sementes, peixes, moluscos, microcrustáceos e larvas de insetos (SACCOL-PEREIRA, 2008; LONGONI, 2009).

***Gymnogeophagus rhabdotus* (Hensel, 1870)**

**Cará
Figura 54**



Figura 54. *Gymnogeophagus rhabdotus* (Hensel, 1870) (Cará).

Características morfológicas. Possui nadadeira anal com três espinhos; nadadeiras dorsal, caudal e anal cobertas por listras claras longitudinais; nadadeira peitoral alcançando a origem da nadadeira anal; nadadeira dorsal com um pequeno espinho dirigido anteriormente junto a base do raio mais anterior; listras azuis iridescentes longitudinais no flanco; pedúnculo caudal mais curto do que alto. Tamanho máximo 12,0 cm CP (KULLANDER, 2003).

Distribuição. Bacia do rio Uruguai e sistema da laguna dos Patos e Sistema do rio Tramandaí.

Habitat. Ocorre geralmente em lagoas, riachos e rios de pequeno porte com fundo arenoso, raramente, lamacento ou pedregoso. Possui preferência por águas com grande densidade de vegetação submersa (REIS; MALABARBA, 1988).

Biologia. Não há informações sobre a reprodução. Kullander (1983) relata que esta espécie deposita seus ovos no substrato. É uma espécie onívora, alimentando-se de zooplâncton, algas, detritos e larvas de insetos (YAFE *et al.*, 2002).

Ordem PERCIFORMES

Esta ordem congrega uma série de famílias de peixes primariamente marinhos, com algumas formas diádromas (corvina-do-mar) que entram periodicamente em água doce e poucas espécies de água doce secundárias (corvina-de-rio) que desenvolvem seu ciclo de vida completo em água doce. Não há uma definição da ordem como um grupo monofilético (WILEY; JOHNSON, 2010), sendo que seus representantes podem ser reconhecidos, juntamente com os Labriformes, pela presença de uma nadadeira dorsal de base longa, sendo a parte anterior espinhosa e a posterior formada por raios moles, pela posição das nadadeiras pélvicas localizadas anteriormente, geralmente em posição torácica ou abdominal, pela presença de escamas ctenoides e pela boca protrátil.

Família SCIAENIDAE

As espécies desta família possuem uma nadadeira dorsal longa, com um entalhe profundo entre a porção anterior com espinhos e a posterior com raios flexíveis. A porção espinhosa da nadadeira dorsal possui de 6 a 13 espinhos, e porção mole um espinho e 20 a 35 raios moles. A linha lateral é completa.

***Pachyurus bonariensis* Steindachner, 1879**
Corvina-de-rio
Figura 55



Figura 55. *Pachyurus bonariensis* Steindachner, 1879 (Corvina-de-rio).

Características morfológicas. Possui boca inferior, sem barbilhões mentais; porção com espinhos da nadadeira dorsal separada da porção posterior com raios ramificados; corpo prateado, sem marcas distintas; primeira nadadeira dorsal com 10 espinhos; segunda nadadeira dorsal com um espinho e 26-30 raios ramificados. Tamanho máximo 20,5 cm CP (DUFECH; FIALHO, 2007).

Distribuição. Bacias dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná à jusante do reservatório Itaipu, no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina (CASATTI, 2001). Esta espécie também pode ser encontrada no sistema da laguna dos Patos (DUFECH; FIALHO,

2007), no entanto, sua ocorrência neste sistema a classifica com uma espécie alóctone, ou seja, uma espécie nativa de bacia hidrográfica brasileira registrada em bacia onde não ocorria naturalmente (IBAMA, Portaria 145/1998).

Habitat. É uma espécie demersal associada a ambientes lânticos e de grande volume de água.

Biologia. Apresenta fecundação externa sem cuidado com a prole. O período reprodutivo é considerado longo, compreendido entre os meses de primavera e verão. Apresenta fecundidade elevada, diâmetro dos ovócitos reduzido e desenvolvimento ovocitário do tipo sincrônico em mais de dois grupos caracterizando uma desova do tipo parcelada (LAGEMANN, 2009). Dieta baseada predominantemente em insetos aquáticos, onde se destacam larvas de Chironomidae e de Ephemeroptera. Também pode-se encontrar outros insetos (Coleoptera, Trichoptera, Hemiptera e restos não identificados), microcrustáceos (Ostracoda, Cladocera, Copepoda e Conchostraca) e vegetais como componentes da dieta desta espécie (FUGI *et al.*, 2007; LAGEMANN, 2009). Devido à morfologia da boca, pequena e em posição subterminal (FUGI *et al.*, 2007) sugere-se que esse peixe forrageia junto ao substrato, o que caracteriza um hábito alimentar bentívoro.

Referências Bibliográficas

- ABELHA, M. C. F.; AGOSTINHO, A. A.; GOULART, E. Plasticidade trófica em peixes de água doce. **Acta Scientiarum**, v. 23, n. 2, p. 425-434, 2001.
- ABELHA, M. C. F.; GOULART, E. Oportunismo trófico de *Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824) (Osteichthyes, Cichlidae) no reservatório de Capivari, Estado do Paraná, Brasil. **Acta Scientiarum**, v. 26, n. 1, p. 37-45, 2004.
- AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S.; AGOSTINHO, C. S. Ciclo reprodutivo e primeira maturação de fêmeas de *Hypostomus commersonii* (Valenciennes, 1840) (Siluriformes, Loricariidae) no reservatório Capivari-Cachoeira, PR. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 51, n. 1, p. 31-37, 1991.
- AGUZZOLI, T. V. **Análise comparada de parâmetros reprodutivos na história de vida de *Cyanocharax alburnus* e *Bryconamericus iheringii* (Characidae, Ostariophysi) em trechos superiores do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil.** 2009. 59f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ALBERT, J. S. Species diversity and phylogenetic systematics of American knifefishes (Gymnotiformes, Teleostei). **Miscellaneous Publications of the Museum of Zoology, University of Michigan**, v. 190, p. 1-127, 2001.
- ALBERT, J. S.; CRAMPTON, W. G. R. Seven new species of the Neotropical electric fish *Gymnotus* (Teleostei, Gymnotiformes) with a redescription of *G. carapo* (Linnaeus). **Zootaxa**, v. 287, n. 1, p. 1-54, 2003.
- ALBERT, J. S.; CRAMPTON, W. G. R. Diversity and Phylogeny of Neotropical electric fishes (Gymnotiformes). In: BULLOCK, T. E.; HOPKINS, C. D.; POPPER, A. N.; FAY, F. R. (Ed.). **Electroreception**. Ithaca: Cornell University Press, 2005, p. 360-409.
- ANDRADE, D. V.; ABE, A. S. Foam nest production in the armoured catfish. **Journal of Fish Biology**, v. 50, n. 3, p. 665-667, 1997.
- ANGELESCU, V.; GNERI, F. S. Adaptaciones del aparato digestivo al régimen alimenticio in algunos peces del rio de la Plata. **Revista del Instituto Nacional de Investigación de las Ciencias Naturales**, v. 1, n. 6, p. 161-272, 1949.
- ARANHA, J. M. R.; TAKEUTI, D. F.; YOSHIMURA, T. M. Habitat use and food partitioning of the fishes in a coastal stream of Atlantic Forest, Brazil. **Revista de Biologia Tropical**, v. 46, n. 4, p. 951-959, 1998.
- ARENZON, A.; PERET, A. C.; BOHRER, M. B. C. Reproduction of the annual fish *Cynopoecilus melanotaenia* Regan, 1912 in a temporary water body in Rio Grande do Sul, Brazil (Cyprinodontiformes, Rivulidae). **Hydrobiologia**, v. 411, p. 65-70, 1999.
- ARIAS, A. L.; REZNICK, D. Life history of *Phalloceros caudiomaculatus*: a novel variation on the theme of livebearing in the family Poeciliidae. **Copeia**, v. 2000, n. 3, p. 792-798, 2000.
- ARTIOLI, L. G. S.; PRATES, P. H. S.; DIFENTAELER, F.; Fontoura, N. F. Período reprodutivo e alimentação de *Astyanax alburnus* no canal Cornélios, Capão da Canoa, Rio Grande do Sul. **Biociências**, v. 11, n. 2, p. 115-122, 2003.
- AZPELICUETA, M. de las M.; LUNDBERG, J. G.; LOUREIRO, M. *Pimelodus pintado* (Siluriformes: Pimelodidae), a new species of catfish from affluent rivers of Laguna Merín, Uruguay, South America. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia**, v. 157, p. 149-162, 2008.
- BAGINSKI, L. J.; et al. A dimensão espacial e temporal da diversidade de peixes da zona litoral vegetada de lagoas marginais da planície de inundação do rio Cuiabá, Pantanal, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 3, p. 233-238, 2007.
- BARBIERI, G. Dinâmica da reprodução do cascudo *Rineloricaria latirostris* Boulenger (Siluriformes, Loricariidae) do rio Passa Cinco, Ipeúna, São Paulo. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 41, p. 605 – 615, 1994.
- BASTOS, J. R. H. **Biologia alimentar da taxocenose de peixes do rio Silveira (cabecera do rio Pelotas), São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul, Brasil.** 2002. 67 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) - Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BECKER, F. G. **Dinâmica do crescimento, reprodução e alimentação de três espécies de *Odontesthes* do sistema hidrográfico do rio Tramandaí, Rio Grande do Sul, Brasil (Pisces, Atheriniformes).** 1995. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- BECKER, F. G.; CARVALHO, S. DE; HARTZ, S. M. Life-history of the South American darter, *Characidium*

- pterostictum* (Crenuchidae): evidence for small scale spatial variation in a piedmont stream. **Neotropical Ichthyology**, v. 6, n. 4, p. 591-598, 2008.
- BERTACO, V. A.; BECKER, F. G. Observações sobre a abundância de *Parapimelodus nigribarb* (Boulenger, 1889) (Pimelodidae) no lago Guaíba, Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS**, v. 13, p. 185-195, 2000.
- BERTACO, V. A.; LUCENA, Z. M. S. de; BECKER, F. G. Variação espacial e temporal na abundância de *Astyanax bimaculatus* e *Astyanax fasciatus* (Characidae) no lago Guaíba, Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS**, v. 11, p. 61-89, 1998.
- BERVIAN, G.; FONTOURA, N. F. Dinâmica populacional da ictiofauna da lagoa Fortaleza, Cidreira, Rio Grande do Sul. III. *Corydoras paleatus* (Jenyns, 1842) (Teleostei, Callichthyidae). **Biociências**, v. 2, n. 2, p. 15-23, 1994.
- BETITO, R. **Dinâmica da população de *Jenynsia lineata* (Cyprinodontiformes, Anablepidae) na restinga de Rio Grande, estuário da lagoa dos Patos (Brasil, RS)**. 1984. 207 f. Dissertação (Mestrado em Oceanografia Biológica) - Curso de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 1984.
- BETITO, R. Comparação da complexidade das adaptações biológicas de dois peixes (*Jenynsia multidentata* e *Poecilia vivipara*) (Cyprinodontiformes) no estuário da lagoa dos Patos (RS - Brasil). **Revista Didática Sistemática**, v. 3, p. 71-100, 2006.
- BOCKMANN, F. A.; GUAZZELLI, G. M. Family Heptapteridae. In REIS, R. E., KULLANDER, S. O.; FERRARIS Jr, C. J. (Eds.). **Check list of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 406-431.
- BRAGA, F. M. DE S.; SOUZA, U. P.; CARMASSI, A. L. Dinâmica populacional de *Characidium lauroi* e *C. alipioi* (Teleostei, Crenuchidae) na microbacia do Ribeirão Grande, serra da Mantiqueira Oriental, Estado de São Paulo. **Acta Scientiarum - Biological Sciences**, v. 29, n. 3, p. 281-287, 2007.
- BREDER, C. M. JR.; ROSEN, D. E. **Modes of reproduction in fishes**. New York, Garden City: Natural History Press, 1966. 941 p.
- BRITSKI, H. A.; SILIMON, K. Z.; Lopes, B. S. **Peixes do Pantanal: manual de identificação**. Brasília, DF: Embrapa, Serviço de Produção - SPI, 1999. 184 p.
- BRUSCHI-JR, W. et al. Reprodução de *Loricariichthys anus* (Valenciennes, 1840) da lagoa Emboaba, Osório, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 57, p. 677-685, 1997.
- BUCKUP, P. A.; REIS, R. E. Characidiin genus *Characidium* (Teleostei, Characiformes) in Southern Brazil, with description of three new species. **Copeia**. v. 1997, n. 3, p. 531-548, 1997.
- CALDEIRA, F. N. et al. Distribuição espaço-temporal e dieta de *Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828) (Siluriforme, Callichthyidae) no Rio da Draga, Vila Velha, ES. **Natureza on line**, v. 5, n. 2, p. 96-101, 2007.
- CARVALHO, F. R. **Taxonomia das populações de *Hypheosobrycon boulengeri* (Eigenmann, 1907) e *Hypheosobrycon reticulatus* Ellis, 1911 (Characiformes, Characidae)**. 2006. 147 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2006.
- CARVALHO, F. R. **Sistemática de *Hypheosobrycon* Durbin, 1908 (Ostariophysi: Characidae)**. 2011. 343 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CARVALHO, P. A. et al. Reproductive biology of *Astyanax fasciatus* (Pisces: Characiformes) in a reservoir in southeastern Brazil. **Journal of Applied Ichthyology**, v. 25, n. 3, p. 306-313, 2009.
- CARVALHO, T. P.; REIS, R. E. Taxonomic review of *Hisonotus* Eigenmann & Eigenmann (Siluriformes: Loricariidae: Hypoptopomatinae) from the laguna dos Patos system, southern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, v. 9, n. 1. p. 1-48, 2011.
- CASATTI, L. Alimentação dos peixes em um riacho do parque estadual Morro do diabo, bacia do Alto Rio Paraná, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, v. 2, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v2n2/pt/abstract?article+BN02502022002>.
- CASATTI, L. Taxonomia do gênero sul-americano *Pachyurus* Agassiz, 1831 (Teleostei, Perciformes, Sciaenidae) e descrição de duas novas espécies. **Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS: série Zoologia**, v. 14, n. 2, p. 133-178, 2001.
- CASATTI, L., CASTRO, R. M. C.; LANGEANI, F. Peixes de riacho do Parque Estadual Morro do Diabo, bacia do alto rio Paraná, SP. **Biota Neotropica**, v. 1, n. 1. p. 1-15, 2001.
- COGNATO, D. DE P.; FIALHO, C. B. Reproductive biology

- of a population of *Gymnotus* aff. *carapo* (Teleostei: Gymnotidae) from southern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, v. 4, n. 3, p. 339-348, 2006.
- CORRÊA, F.; PIEDRAS, S. R. N. Alimentação de *Cyphocharax voga* (Hensel, 1869) (Characiformes, Curimatidae) no arroio Corrientes, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biotemas**, v. 21, n. 4, p. 117-122, 2008.
- CRAMPTON, W. G. R.; HOPKINS, C. D. Nesting and paternal care in the weakly electric fish *Gymnotus* (Gymnotiformes: Gymnotidae) with descriptions of larval and adult electric organ discharges of two species. **Copeia**, v. 2005, n. 1, p. 48-60, 2005.
- DIAS, T. S. **Dieta de oito espécies da subfamília Cheirodontinae (Characiformes: Characidae) em diferentes sistemas lacustres nos estados do Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul**. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2007.
- DUFECH, A. P. S.; FIALHO, C. B. Biologia populacional de *Pachyurus bonariensis* Steindachner, 1879 (Perciformes, Sciaenidae), uma espécie alóctone no sistema hidrográfico da Laguna dos Patos, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 7, n. 1, p. 105-110, 2007.
- DUFECH, A. P. S.; FIALHO, C. B. Estudo comparado da taxocenose de peixes em dois ambientes aquáticos do Parque Estadual de Itapuã, sul do Brasil. **Iheringia: Série Zoológica**, Porto Alegre, v. 99, p. 177-188, 2009.
- EDUARDO, J.; BICUDO, P. W.; JOHANSEN, K. Respiratory gas exchange in the airbreathing fish, *Synbranchus marmoratus*. **Environmental Biology of Fishes**, v. 4, n. 1, p. 55-64, 1979.
- ESCALANTE, A. L. Contribución al conocimiento de las relaciones tróficas de peces de agua dulce del área platense. III. Otras especies. **Limnobiós**, v. 2, n. 7, p. 453-463, 1983.
- ESCALANTE, A. H.; MENNI, R. C. Feeding ecology of the fish *Gymnocharacinus bergi*, a characid from southern South America. **Water SA**, v. 25, n. 4, p. 529-532, 1999.
- ESCHMEYER, W. N.; FONG, J. D. **Species of Fishes by family/subfamily**. Disponível em: <http://research.calacademy.org/research/ichthyology/catalog/SpeciesByFamily.asp>. Acesso em: 30 set 2011.
- FERNÁNDEZ, E. M. et al. Ichthyofauna of two streams in the high basin of the Samborombón river, Buenos Aires province, Argentina. **Revista del Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia**, v. 10, n. 1, p. 147-154, 2008.
- FERREIRA, C. P.; CASATTI, L. Integridade biótica de um córrego na bacia do Alto Rio Paraná avaliada por meio da comunidade de peixes. **Biota Neotropica**, v. 6, n. 3. 2006. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v6n3/pt/abstract?article+bn00306032006>.
- FERREIRA, K. M. Biology and ecomorphology of stream fishes from the rio Mogi-Guaçu basin, Southeastern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, v. 5, n. 3, p. 311-326, 2007.
- FIALHO, C. B. **Estudo da Ictiofauna da Lagoa das Custódias, Tramandaí, Rio Grande do Sul, Brasil**. 1998. 149 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.
- FIALHO, C. B.; SCHIFINO, L. C.; VERANI, J. R. Biologia reprodutiva de *Oligosarcus jenynsii* (Gunther, 1864) da lagoa das Custódias, Tramandaí, RS, Brasil (Characiformes, Characidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 15, n. 3, p. 775-782, 1998.
- FUGI, R. et al. Ecologia alimentar da corvina *Pachyurus bonariensis* (Perciformes, Sciaenidae) em duas baías do Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Iheringia: Série Zoológica**, Porto Alegre, v. 97, n. 3, p. 343-347, 2007.
- GARCIA, A. M. et al. Reproductive cycle and spatiotemporal variation in abundance of the one-sided livebearer *Jenynsia multidentata*, in Patos Lagoon, Brazil. **Hydrobiologia**, v. 515, p. 39-48, 2004.
- GARUTTI, V. **Revisão taxonômica dos *Astyanax* (Pisces, Characidae), com mancha umeral ovalada e mancha no pedúnculo caudal, estendendo-se à extremidade dos Raios caudais medianos, das Bacias do Paraná, São Francisco e Amazônica**. 1995. 285 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal) – Programa de Pós - Graduação em Biologia Animal, Universidade estadual Paulista, São José do Rio Preto, 1995.
- GEE, J. H. Buoyancy and aerial respiration: factors influencing the evolution of reduced swim-bladder volume of some Central American catfishes (Trichomycteridae, Callichthyidae, Loricariidae, Astroblepidae). **Canadian Journal of Zoology**, v. 54, n. 7, p. 1030-1037. 1976.
- GELAIN, D. **Biologia de *Astyanax eigenmanniorum* (Cope, 1894) e *Hyphessobrycon luetkenii* (Boulenger, 1887) da Lagoa Fortaleza, município de Cidreira, RS, Brasil (Characiformes: Characidae)**. 2000. 99 f.

- Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- GELAIN, D.; FIALHO, C. B.; MALABARBA, L. Biologia reprodutiva de *Serrapinus calliurus* (Characidae, Cheirodontinae) do arroio Ribeiro, Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS**, série Zoologia, v. 12, p. 71-82, 1999.
- GIORA, J. **Análise comparada de caracteres reprodutivos e diversidade do gênero *Brachyhypopomus* Mago-Leccia, 1994 no Rio Grande do Sul**. 2008. 200 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- GNERI, F. S.; ANGELESCU, V. La nutrición de los peces iliófagos em relacion com el metabolismo general del ambiente acuatico. **Revista del Instituto Nacional de Investigación de las Ciencias Naturales**, v. 2, n. 1, p. 1-44, 1951.
- GOMES, L. de C. et al. Biologia do jundiá *Rhamdia quelen* (Teleostei, Pimelodidae). **Ciência Rural, Santa Maria**, v. 30, n. 1, p. 179-185, 2000.
- GOMIERO, L. M. **Estudo biológico das populações de peixes na área de proteção ambiental das cuevas de São Pedro e Analândia (SP)**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- GONÇALVES, T. K. et al. Reproductive biology and development of sexually dimorphic structures in *Aphyocharax anisitsi* (Ostariophysi: Characidae). **Neotropical Ichthyology**, v. 3, n. 3, p. 433-438, 2005.
- GRAÇA, W. J.; PAVANELLI, C. S. **Peixes da planície de inundação do alto rio Paraná e áreas adjacentes**. Maringá: EDUEM, 2007. 241 p.
- GRACIOLLI, G.; AZEVEDO, M. A.; MELO, F. A. G. Comparative study of the diet of Glandulocaudinae and Tetragonopterinae (Ostariophysi: Characidae) in a small stream in southern Brazil. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, v. 38, n. 2, p. 95-103, 2003.
- GROSSER, K. M.; DRÜGG-HAHN, S. Ictiofauna da Lagoa Negra, Parque Estadual de Itapuã, Município de Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia: Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 59, p. 45-64, 1981.
- GUAZZELLI, G. M. **Revisão das espécies de *Pimelodella* Eigenmann & Eigenmann, 1888 (Teleostei: Siluriformes: Pimelodidae) dos sistemas costeiros do Sul e Sudeste do Brasil**. 1997. 150 f. Dissertação (Mestrado) - PUCRS, Porto Alegre, 1997.
- GUEDES, D. S. **Contribuição ao estudo da sistemática e alimentação de jundiás (*Rhamdia* spp.) na região central do Rio Grande do Sul (Pisces, Pimelodidae)**. 1980. 99 f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1980.
- GHEDOTTI, M. J. Family Anaplepidae (four-eyed fishes, onesided livebearers and the white eye). In: REIS, R. E.; KULLANDER, S. O.; FERRARIS, C. J. (Eds.). Check list of the freshwater fishes of South and Central America. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 585-588.
- HAHN, N. S.; LOUREIRO-CRIPPA, V. E. Estudo comparativo da dieta, hábitos alimentares e morfologia trófica de duas espécies simpátricas, de peixes de pequeno porte, associados a macrófitas aquáticas. **Acta Scientiarum, Biological Sciences**, v. 28, n. 4, p. 359-364, 2006.
- HARTZ, S. M.; MARTINS, A.; BARBIERI, G. Dinâmica da alimentação e dieta de *Oligosarcus jenynsii* (Günther, 1864) na lagoa Caconde, Rio Grande do Sul, Brasil (Teleostei, Characidae). **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 23, p. 21-29, 1996.
- HARTZ, S. M.; VILELLA, F. S.; BARBIERI, G. Reproduction dynamics of *Oligosarcus jenynsii* (Characiformes, Characidae) in Lake Caconde, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 57, n. 2, p. 295-303, 1997.
- HOSTACHE, G.; MOL, J. H. Reproductive biology of the neotropical armoires catfish *Hoplosternum littorale* (Osteichthyes, Siluriformes) a synthesis streeing the role of the floating bubble hest. **Aquatic Living Resoursh**, v. 11, p. 173-185, 1998.
- KLEEREKOPER, H. **O Peixe-Rei**. Rio de Janeiro: Serviços de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, 1945. 102p.
- KOCH, W. R. Revisão taxonômica do gênero *Homodiaetus* (Teleostei, Siluriformes, Trichomycteridae). **Iheringia: Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 92, n. 3, p. 33-46, 2002.
- KULLANDER, S. O. **A revision of the South American cichlid genus *Cichlasoma* Teleostei: Cichlidae**. Swedish Museum of Natural History, 1983. 296p.
- KULLANDER, S. O. Family Cichlidae. In: Reis, R. E.; Kullander, S. O.; Ferraris, C. J. (Eds.). **Check list of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 605-654.
- LAGEMANN, G. I. **Biologia alimentar e reprodutiva**

- de *Pachyurus bonariensis* Steindachner, 1879 (Perciformes, Sciaenidae) na fase pré represamento do arroio Taquarembó, Sul do Brasil. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- LAUFER, G. et al. Diet of four annual killifishes: an intra and interspecific comparison. **Neotropical Ichthyology**, v. 7, n. 1, p. 77-86, 2009.
- LEUNG, R. **Ictiofauna associada a bancos de macrófitas aquáticas em ecossistemas lóticos da bacia do rio Itanhaém**. 1999. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, CAUNESP, Jaboticabal, 1999.
- LIEM, K. F.; ECLANCHER, B.; FINK, W. L. Aerial respiration in the banded knife fish *Gymnotus carapo* (Teleostei: Gymnotoidei). **Physiological Zoology**, v. 57, p. 185–195, 1984.
- LO NOSTRO, F. L.; GUERRERO, G. A. Presence of primary and secondary males in a population of the protogynous fish *Synbranchus marmoratus*. **Journal of Fish Biology**, v. 49, p. 788–800, 1996.
- LONGONI, L. S. **Biologia alimentar e reprodutiva do cará *Gymnogeophagus gymnogenys* (Perciformes: Cichlidae) na região do Delta do Jacuí, Rio Grande do Sul**. 2009. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- LOWE-McCONNELL, R. H. **Estudos ecológicos de comunidades de peixes tropicais**. São Paulo, EDUSP, 1999. 553 p.
- LUCENA, C. A. S. de; MALABARBA, L. R.; REIS, R. E. Resurrection of the Neotropical pimelodid catfish *Parapimelodus nigribarbis* (Boulenger), with a phylogenetic diagnosis of the genus *Parapimelodus* (Teleostei: Siluriformes). **Copeia**, v. 1992, n. 1, p. 138-146, 1992.
- LUCINDA, P. H. F. Systematics and biogeography of the genus *Phalloceros* Eigenmann, 1907 (Cyprinodontiformes: Poeciliidae: Poeciliinae), with the description of twenty-one new species. **Neotropical Ichthyology**, v. 6, no. 2: 113-158. 2008.
- LUNDBERG, J. G.; MAGO-LECCIA, F.; NASS, P. *Exallodontus aguanai*, a new genus and species of Pimelodidae (Pisces: Siluriformes) from deep river channels of South America, and delimitation of the subfamily Pimelodinae. **Proceedings of the Biological Society of Washington**, v. 104, n. 4, p. 840-869, 1991.
- MACHADO, C. E. B. Biologia reprodutiva de *Pseudocorynopoma doriae*, Perugia 1891 (Characidae: Glandulocaudinae) do rio Vacacaí, RS. 2005. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MACHADO-ALLISON, A. J.; ZARET, T. M. Datos sobre la biologia reproductiva de *Hoplostenum littorale* (Siluriformes, Callichthyidae) de Venezuela. **Acta Científica Venezolana**, v. 35, p. 142-146, 1984.
- MARQUES, C. da S. **Estimativa de período reprodutivo e tamanho de primeira maturação de espécies dominantes da ictiofauna da laguna dos Patos através do uso exclusivo do índice gonadossomático**. 2007. 77 f. Dissertação (Mestrado em Zoologia) – Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- MARZA, V. D. **Histophysiologie de l’ovogenèse**. Paris: Hermann, 1938. 81 p.
- MAZZONI, R.; IGLESIAS-RIOS, R. Environmentally related life history variations in *Geophagus brasiliensis*. **Journal of Fish Biology**, v. 61, p. 1606-1608, 2002.
- MAZZONI, R. et al. Diet and feeding daily rhythm of *Pimelodella lateristriga* Osteichthyes, Siluriformes) in a coastal stream from Serra do Mar - RJ. **Brazilian Journal of Biology**, v. 70, n. 4, p. 1123-1129, 2010.
- MELLO, F. T.; GONZÁLEZ-BERGONZONI, I.; LOUREIRO, M. **Peces de Agua Dulce Del Uruguay**. Uruguay: PPR-MGAP, 2011. 188p.
- MELO, F. A. G. de; BUCKUP, P. A. *Astyanax henseli*, a new name for *Tetragonopterus aeneus* Hensel, 1870 from southern Brazil (Teleostei: Characiformes). **Neotropical Ichthyology**, v. 4, n. 1, p. 45-52, 2006.
- MENEGAT, R.; KIRCHHEIM, R. E. Lagos, rios e arroios: as doces águas da superfície. In: MENEGAT, R (Coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 35-40.
- MENEZES, N. A. et al. **Peixes de água doce da Mata Atlântica: lista preliminar das espécies e comentários sobre conservação de peixes de água doce neotropicais**. São Paulo: Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, 2007. 408 p.
- MEYER, A.; LYDEARD, C. The evolution of copulatory organs, internal fertilization, placentae and viviparity in killifishes (Cyprinodontiformes) inferred from a DNA phylogeny og the tyrosine kinase gene X-src.

- Proceedings of the Royal Society of London Series B-Biological Sciences**, v. 254, p. 153–162, 1993.
- MORAES, G. *et al.* Metabolic adjustments during semi-aestivation of the marble swamp eel (*Synbranchus marmoratus*, Bloch 1795) – a facultative air breathing fish. **Brazilian Journal of Biology**, v. 65, n. 2, p. 305-312, 2005.
- NARAHARA, M. Y.; GODINHO, H. M.; ROMAGOSA, E. Tipo de desova e fecundidade do bagre, *Rhamdia hilarii* (Valenciennes, 1840) (Siluriformes, Pimelodidae). **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 16, n. 1, p. 37-45, 1989.
- NEIFF, J. J.; NEIFF, A. P.; VERÓN, M. B. C. The role of vegetated areas on fish assemblage of the Paraná River floodplain: effects of different hydrological conditions. **Neotropical Ichthyology**, v. 7, p. 39-48, 2009.
- NUNES, D. M.; HARTZ, S. M. Feeding dynamics and ecomorphology of *Oligosarcus jenynsii* (Gunther, 1864) and *Oligosarcus robustus* Menezes, 1969 in the Lagoa Fortaleza, southern Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 66, n. 1a, p. 121-132, 2006.
- NUNES, D. M.; PELLANDA, M.; HARTZ, S. M. Dinâmica reprodutiva de *Oligosarcus jenynsii* e *O. robustus* (Characiformes, Characidae) na Lagoa Fortaleza, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia: Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 94, n. 1, p. 5-11, 2004.
- OLIVEIRA, C. L. C.; FIALHO, C. B.; MALABARBA, L. R. Período reprodutivo desova e fecundidade de *Cheirodon ibicuihensis* Eigenmann, 1915 (Ostariophysi: Characidae) do arroio Ribeiro, Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS: Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 3-14, 2002.
- PRUZSINSZKY, I.; LADICH, F. Sounds production and reproductive behaviour of the armored catfish *Corydoras paleatus* (Callichthyidae). **Environmental Biology of Fishes**, v. 53, p. 183-191, 1998.
- RAMOS, L. A.; KONRAD, H. G. Contribuição ao estudo de *Rineloricaria microlepidogaster* (Osteichthyes, Loricariidae) do rio dos Sinos, RS. **Acta Biologica Leopoldensia**, v. 20, n. 2, p. 299-307, 1998.
- REIS, R. E. Family Callichthyidae. 419-446 In: REIS, R. E.; KULLANDER, S. O.; FERRARIS, C. J. JR. (Ed.). **Check list of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre: Edipucrs, 742 p., 2003.
- REIS, R. E. Revision of the neotropical catfish genus *Hoplosternum* (Ostariophysi: Siluriformes: Callichthyidae), with the description of two new genera and three new species. **Ichthyological Exploration of Freshwaters**, v. 7, n. 4, p. 299-326, 1997.
- REIS, R. E.; MALABARBA, L. R. Revision of the Neotropical cichlidae genus *Gymnogeophagus* Ribeiro, 1918, with descriptions of two new species (Pisces, Perciformes). **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 4, n. 4, p. 259-305, 1998.
- REIS, R. E.; PEREIRA, E. H. L. Three new species of the loricariid catfish genus *Loricariichthys* (Teleostei: Siluriformes) from southern South America. **Copeia**, v. 2000, n. 4, p. 1029-1047, 2000.
- REIS, R. E.; KULLANDER, S. O.; FERRARIS, C. J. JR. (Eds.). **Check list of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre: Edipucrs, 729p. 2003.
- REIS, R. E.; WEBER, C.; MALABARBA, L. R. Review of the genus *Hypostomus* Lacépède, 1803 from southern Brazil, with descriptions of three new species (Pisces: Siluriformes: Loricariidae). **Revue suisse de Zoologie**, v. 97, n. 3, p. 729-766, 1990.
- RINGUELET, R. A.; ARAMBURU, R. H.; ARAMBURU, A. A. **Los peces argentinos de agua Dulce**. La Plata: Comisión de Investigación Científica, 1967. 602 p.
- RODRIGUES, L. P.; QUEROL, E.; BRACCINI, M. del C. Descrição morfo-histológica do ovário de *Acestorhynchus pantaneiro* Menezes, 1992 (Teleostei, Characidae), em seus diferentes estádios de desenvolvimento, na bacia do rio Uruguai médio, Uruguaiana, RS. **Biodiversidade Pampeana**. PUCRS, Uruguaiana, v. 8, p. 11-18, 2005.
- RODRIGUEZ, M. S.; REIS, R. E. Taxonomic review of *Rineloricaria* (Loricariidae: Loricariinae) from the Laguna dos Patos drainage, southern Brazil, with the descriptions of two new species and the recognition of two species groups. **Copeia**, v. 2008, n. 2, p. 333-349, 2008
- SABINO, J.; ANDRADE, L. P. de. Uso e conservação da ictiofauna no ecoturismo da região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). **Biota Neotropica**, v. 3, n. 2, 2003.
- SACCOL-PEREIRA, A. **Variação sazonal e estrutura trófica da assembleia de peixes do Delta do rio Jacuí, RS, Brasil**. 2008. 120 f. Tese (Doutorado em Biologia Animal) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SACCOL-PEREIRA, A.; MILANI, P. C.; FIALHO, C. B. Primeiro registro *Acestorhynchus pantaneiro* Menezes,

- 1992 (Characiformes, Acestrorhynchidae) no sistema da laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 6, n. 3, 2006.
- SANTANA-PORTO, E. A.; ANDRIAN, I. F. 2009. Trophic organization the ichthyofauna of two semi-lentic environments in a floodplain on the upper Paraná River, Brazil. **Acta Limnologica Brasiliensia**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 359-366, 2009.
- SANTOS, S. L. dos; VIANA, L. F.; LIMA-JÚNIOR, S. E. Fator de condição e aspectos reprodutivos de fêmeas de *Pimelodella* aff. *gracilis* (Osteichthyes, Siluriformes, Pimelodidae) no rio Amambai, Estado do Mato Grosso do Sul. **Acta Scientiarum Biological Science**, v. 28, n. 2, p. 129-134, 2006.
- SÁ-OLIVEIRA, J. C.; CHELLAPPA, S. Fecundidade e tipo de desova do tamuatá, *Hoplosternum littorale* Hancock (Osteichthyes, Siluriformes) no Rio Curiaú, Macapá, Amapá. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 19, n. 4, p. 1053-1056, 2002.
- SCHAAN, A. B.; GIORA, J.; FIALHO, C. B. Reproductive biology of the Neotropical electric fish *Brachyhypopomus draco* (Teleostei: Hypopomidae) from southern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, v. 7, n. 4, p. 737-744, 2009.
- SONEIRA, P. A. et al. Hábitos tróficos de las especies del genero *Hyphessobrycon* (Characidae) en los Esteros del Iberá. **Comunicaciones Científicas y Tecnológicas**, 4p, 2006.
- TARASCONI, H. DE M. **Análise comparada da dieta alimentar de duas espécies do gênero *Brachyhypopomus* Mago-Leccia, 1994 (Teleostei, Hypopomidae) ocorrentes no sul do Brasi.** 2006. 36 f. (Monografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- TERESA, F. B. et al. Fish as indicators of disturbance in stream used for snorkeling activities in a tourist region. **Environmental Management**, v. 47, n. 5, p. 960-968, 2011.
- TUPINAMBÁS, T. H.; CALLISTO, M.; SANTOS, G. B. Benthic macroinvertebrate assemblages structure in two headwater streams, south-eastern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 24, n. 4, p. 887-897, 2007.
- VAZZOLER, A. E. A. **Biologia da reprodução de peixes teleósteos: teoria e prática.** Maringá: Editora da Universidade, 1996. 169 p.
- VAZZOLER, A. E. A. de M.; MENEZES, N. A. Síntese de conhecimentos sobre o comportamento reprodutivo dos Characiformes da América do Sul (Teleostei, Ostariophysi). **Revista Brasileira de Biologia**, v. 52, n. 4, p. 627-640, 1992.
- VILELLA, F. S.; BECKER, F. G.; HARTZ, S. M. Diet of *Astyanax* species (Teleostei, Characidae) in an Atlantic forest river in Southern Brazil. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 45, n. 2, p. 223-232, 2002.
- WILEY, E. O.; JOHNSON, G. D. A teleost classification based on monophyletic groups. In: NELSON, J.S.; SCHULTZE, H.-P.; WILSON, M.V.H. **Origin and Phylogenetic Interrelationships of Teleosts.** 2010, Verlag Dr. Friedrich Pfeil, München, 2010. p. 123-182.
- WOLFF, L. L. et al. Spatial, seasonal and ontogenetic variation in the diet of *Astyanax* aff. *fasciatus* (Ostariophysi: Characidae) in an Atlantic Forest river, Southern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, v. 7, n. 2, p. 257-266, 2009.
- WOURMS, J. P.; GROVE, P. D.; LOMBARDI, J. The maternal-embryonic relationship in viviparous fishes. In: **Fish Physiology.** W. S. Hoar and D. J. Randall, San Diego: Academic Press, v. 11B., p. 1-134, 1988.
- YAFE, A. et al. Feeding of two cichlidae especies (Perciformes) in an hypertrophic urban lake. **Iheringia: Série Zoologia**, Porto Alegre, v. 92, n. 4, p. 73-79, 2002.



A
V
E
S

AVES

Iury de Almeida Accordi

Introdução

O presente capítulo tem por objetivo apresentar um quadro geral sobre a diversidade de aves ocorrentes na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger, bem como analisar a situação de conservação da avifauna local.

É provável que as aves venham povoando o imaginário humano desde sempre, visto que, quando a humanidade surgiu vagueando nas estepes africanas, estes animais dominavam os céus já há muito tempo.

Vistas como providas pelo poder intangível de voar, as primeiras civilizações humanas personificavam deuses na forma de aves.

Alguns milênios depois, já com algumas espécies domesticadas, esses animais providos de penas passaram a servir de intermediários entre deuses e homens. Junto com a evolução do pensamento humano, veio à necessidade de se igualar aos deuses. Assim como as aves há muito simbolizavam poder, agora também poderiam ser sinal de infortúnio e mau agouro.

E assim seguiram as aves, nesse simbolismo ambíguo, através da nossa história mais recente. Os camponeses europeus, em tempos feudais (ou talvez até antes) precisavam de histórias para amedrontar suas crianças para que as mesmas não se embrenhassem nas florestas ou se perdessem pelos campos, à época, povoados por criaturas perigosas, como lobos e águias. O pio das corujas se prestava muito bem para inspirar

medo e como sinal de mau agouro. Já a suave melodia do rouxinol trazia tranquilidade e era sinal de bons fluídos.

Chegamos aos dias de hoje ainda admirando as aves, pois, apesar de termos dominado a técnica do vôo, o fazemos apenas providos de aparelhos, sujeitos ao sabor dos ventos ou à propulsão de motores. As aves, não, continuam senhoras dos céus, majestosas e graciosas em seus movimentos, utilizando tão somente o corpo que a natureza lhes proporcionou.

As aves surgiram a partir de ancestrais reptilianos em algum momento da era Mesozóica, cerca de 150 a 200 milhões de anos atrás. As origens reptilianas das aves são evidentes de várias formas, talvez mais obviamente nas similaridades entre as escamas reptilianas e as penas e escamas das aves (PROCTOR;LYNCH, 1993).

A inesgotável busca humana pelo conhecimento oportuniza um crescente corpo de informações sobre as aves, incluindo números sobre a sua biodiversidade. Dessa forma, temos novas espécies de aves sendo descritas todos os anos, bem como um número considerável de desdobramentos, de forma que eram consideradas sub-espécies ou raças geográficas, conforme a abordagem utilizada. Estudos recentes noticiam a existência de mais de 10.000 espécies de aves (10.515, segundo PETERSON, 2011), espalhadas por todos os continentes, incluindo o Ártico e a Antártida. Na América do

Sul a contagem já chegou a 3.308 espécies (REMSEN *et al.*, 2011). No Brasil já se tem o registro de 1832 espécies de ave (Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, 2011) e no Rio Grande do Sul já se chegou à marca das 661 espécies registradas (BENCKE *et al.* 2010).

Área de estudos

A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger geologicamente pertence à Planície Costeira, que se revela composta por quatro sequências deposicionais do tipo laguna-barreira (três Pleistocênicas e uma Holocênica), produzidas como resultado dos quatro principais episódios transgressivos-regressivos que aí ocorreram durante os últimos 400 mil anos (VILLWOCK 1972, TOMAZELLI E VILLWOCK 1996, 2000, TOMAZELLI *et al.* 2000). A Planície Costeira progrediu para leste através da coalescência lateral dos quatro sistemas deposicionais do tipo Laguna-Barreira, os quais registram cada um, o pico de uma transgressão, seguida de um evento regressivo (TOMAZELLI; VILLWOCK 2000). As diversas gerações de barreiras foram responsáveis pela gênese dos grandes corpos lagunares dentre os quais o lago Guaíba (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000).

A Barreira 1, mais interna, formada como um produto de um primeiro evento transgressivo pleistocênico (TOMAZELLI; VILLWOCK, 1996, 2000). Embora a distribuição espacial original do Sistema Laguna-Barreira I provavelmente tenha sido mais ampla, hoje em dia sua preservação limita-se, praticamente à porção noroeste da Planície Costeira (também conhecida como “Barreira das Lombas”), ocupa uma faixa orientada de nordeste-sudoeste, cerca de 250 km de comprimento e cinco a dez quilômetros de largura (TOMAZELLI; VILLWOCK 1996, 2000). Formou-se durante o nível máximo atingido pelo mar no final da grande transgressão holocênica, desenvolvendo-se principalmente a partir da acumulação de sedimentos eólicos que se ancoraram de preferência sobre altos do embasamento (VILLWOCK 1972, TOMAZELLI; VILLWOCK 2000).

O Sistema Lagunar I ocupou as terras baixas situadas entre a Barreira I e os terrenos mais antigos formados pelas rochas sedimentares paleozóicas e mesozóicas da Bacia do Paraná e

pelos terrenos Pré-Cambrianos da região de Porto Alegre, Viamão e Guaíba. A região abrange boa parte das bacias do rio Gravataí e do complexo fluvial do Guaíba (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000).

A carga sedimentar trazida pelos rios que drenam as terras altas adjacentes acumulou-se dentro do Sistema Lagunar I, em ambientes de sedimentação lagunar, fluvial e paludal. A região ocupada pelo Sistema Lagunar I sofreu a influência dos vários eventos transgressivos-regressivos que se sucederam durante o Quaternário. A cada nova ingressão marinha parte da região era afogada retrabalhando os depósitos ali existentes. Assim, o pacote sedimentar que se acumulou no espaço geomorfológico do Sistema Lagunar I reflete estes diferentes eventos envolvendo depósitos aluviais, lagunares, lacustres e paludais de diversas idades (TOMAZELLI; VILLWOCK 2000). Os sedimentos eólicos da Barreira I pertencem à Formação Itapoã (DELANEY 1965; TOMAZELLI; VILLWOCK 2000).

Segundo TEIXEIRA *et al.* (1986) a cobertura vegetal da REBIOJL pode ser enquadrada em duas regiões fitoecológicas: Formações Pioneiras e Áreas de Tensão Ecológica. A Área de Tensão Ecológica cobre inteiramente a Formação Barreira I e o Sistema Lagunar I, por sua vez, é coberto totalmente por uma Área de Formações Pioneiras.

Vale salientar que a expressão “cobrir totalmente” deve ser aqui relativizada, pois a paisagem da região onde está inserida a REBIOJL se encontra extremamente fragmentada, com muitos dos elementos das formações vegetais originais já substituídos por formações de origem antrópica.

Métodos

Trabalho de Campo. Foi realizado um trabalho de campo para a obtenção de informações complementares a respeito da diversidade das aves na REBIOJL entre os dias 2 e 6 de outubro de 2010 totalizando 24 horas de observação. Também foram aproveitadas as informações compiladas por Carlos Otávio Gussoni durante seu trabalho de campo na REBIOJL no mês de abril de 2011.

Documentação. A documentação das espécies para o presente trabalho é essencialmente

fotográfica. Procurou-se apresentar documentação fotográfica do maior número de espécies possível, levando em conta quatro fontes:

- Fotos realizadas pelo próprio autor durante trabalhos de campo dentro da REBIOJL;
- Fotos realizadas por André Alberto Witt durante trabalhos de campo dentro da REBIOJL;
- Fotos realizadas por Carlos Otávio Araújo Gussoni durante trabalhos de campo dentro da REBIOJL;
- Fotos realizadas por Luiz Carvalho durante trabalhos de campo realizados nas imediações da REBIOJL, dentro do bairro Lami.

Classificação e seqüência taxonômica. Seguiu-se a classificação adotada pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011), também adotada por Bencke *et al.* (2010).

Nomes em português. Adotou-se os nome em português sugeridos em Bencke *et al.* (2010).

Situação de ocorrência. Conforme Belton (1994) e posteriores alterações efetuadas por Bencke (2001).

- R - Residente anual;
- M - Residente de primavera/verão migratório, nidifica no Rio Grande do Sul;
- S - Visitante migratório vindo do Cone Sul do continente;
- N - Visitante migratório vindo do Hemisfério Norte;
- T - Visitante em trânsito;
- D - Situação desconhecida;
- V - Vagante.

Índice de frequência. Baseado em Belton (1994), levando em conta a frequência com que a espécie pode ser registrada dentro de sua área de ocorrência desde que haja *habitat* apropriado:

- C - comum: normalmente presente;
- I - incomum: encontrada com irregularidade, mas com consistência razoável;
- E - escassa: encontrada somente infrequentemente, com intervalos substanciais entre uma vez e outra;
- R - rara: encontrada com uma grande infrequência, uma ou duas vezes por ano ou até menos.

Dados secundários. Todos os pontos de registros ornitológicos indicados por Belton (1994) e outros autores, conforme indicações nos relatos das espécies, realizados na área da REBIOJL e áreas similares próximas foram plotados no Google Earth (versão 6.0.0.1735 beta). Consideraram-se as seguintes áreas como similares e próximas a REBIOJL, seguidas pelas referências dos respectivos estudos ornitológicos realizados nas mesmas (Figura1):

- 1 - Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOJL): Albuquerque *et al.* (1986);
- 2 - Micro-bacia do Arroio Itapuã (AI): Mendonça-Lima *et al.* (2002);
- 3 - Banhado do Brejo e Horto Florestal Barbanegra (BB): Accordi e Barcellos (2006), Bencke *et al.* (2007); observações pessoais;
- 4 - Morro do Osso (MO): Fontana (2001);
- 5 - Butiazais de Tapes (BT): Bencke *et al.* (2007);
- 6 - Parque Estadual Delta do Jacuí (DJ): Accordi *et al.* (2001);
- 7 - Área de Proteção Ambiental do Banhado Grande (BG): Cadermatori e Machado (2002), Accordi e Barcellos (2006), Accordi e Hartz (2006), Santos e Cadermatori (2007);
- 8 - Zona Urbana de Porto Alegre (ZU): Fontana (2005);
- 9 - Parque Saint 'Hilaire e microbacia do Arroio Dilúvio (SI): Efe *et al.* (2001a), Forneck (2001), observações pessoais;
- 10 - Banhado do Capivari (BC): Bencke *et al.* (2007), observações pessoais;
- 11 - Parque Estadual de Itapuã (PI): Fallavena e Silva (1981).

Registros históricos. Registros com mais de 40 anos foram considerados históricos e assinalados com um “†” no relato das espécies. Foram considerados registros históricos nos seguintes municípios: Viamão, Porto Alegre, Guaíba, Canoas e Barra do Ribeiro (IHERING, 1888; IHERING, 1899; GLIESCH, 1930; PINTO, 1938, 1044, 1964; CAMARGO, 1962; BELTON 1994) (Figura 1).

Ordenação das informações no relato das espécies. As informações contidas no relato das espécies seguem a seguinte ordenação:

- Primeira linha: Número sequencial da



Figura 1. Localização das áreas e municípios considerados para o relato das espécies (ver texto para maiores explicações).

espécie; nome científico; nome em português; situação de ocorrência (conforme acrônimos apresentados acima); índice de frequências (conforme acrônimos apresentados acima); número da figura em que consta a foto da espécie relatada (quando houver).

- Segunda linha: *habitats* preferenciais, conforme relatos de Belton (1994), exceções ou complementações serão diretamente mencionados no texto. Informação sobre dieta e hábitos alimentares, conforme compilações clássicas sobre o assunto (SCHUBART *et al.* 1965), salvo explicitamente mencionado no texto.

Resultados

Foram registradas 193 espécies de aves para a REBIOJL. Além destas, considerou-se outras 116 como ocorrências potenciais, já que ocorrem ou foram registradas em algum momento em áreas próximas e com ambientes similares. Outras 32 espécies provavelmente ocorreram na área da REBIOJL e não mais ocorrem em função de extinção local, seja por perda de *habitat*, caça ou outros motivos, conforme mencionado adiante no relato das espécies.

Relato das espécies registradas na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger .

1) *Chauna torquata* (tachã). R, C
Figura 2



Figura 2. *Chauna torquata* (tachã).

Residente comum em banhados e lagos com vegetação. Onívora, alimenta-se de folhas e frutos de plantas palustres. Podem forragear em bandos de até 100 indivíduos. Geralmente pastam sobre a vegetação, mas ocasionalmente podem escavar o solo.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

2) *Dendrocygna viduata* (marreca-piadeira). R, C
Figura 3



Figura 3. *Dendrocygna viduata* (marreca-piadeira).

Habita banhados, campos alagados, açudes e lagos. Onívora, consome insetos e plantas, com preferência para itens de origem vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

3) *Amazonetta brasiliensis* (marreca-pé-vermelho). R, C
Figura 4



Figura 4. *Amazonetta brasiliensis* (marreca-pé-vermelho).

Ocupa banhados, açudes e lagos com vegetação. Possui dieta onívora, entre os itens de origem animal. Consomem essencialmente artópodos e entre os vegetais, seus itens preferidos, alimenta-se de folhas e sementes incluindo poligonáceas, ciperáceas, poáceas, butomáceas, begoniáceas e melastomastáceas.

Conservação: NA

Outros registros: GU(†), PA(†), VI(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

4) *Anas flavirostris* (marreca-pardinha). R, C

Ao longo do Guaíba é observada mais comumente durante os meses de inverno (ACCORDI *et al.* 2001). Geralmente vista aos pares ou em pequenos grupos em laguinhos no meio do campo. A dieta consiste de pequenos invertebrados (insetos, crustáceos, anfípodos), além de sementes e partes vegetativas de plantas aquáticas.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, DJ, BG, BC, BB, BT.

5) *Anas versicolor* (marreca-cricri). R, C
Figura 5



Figura 5. *Anas versicolor* (marreca-cricri).

Habita banhados, lagos e açudes com vegetação. Forrageia principalmente chapinhando, mergulhando a cabeça e se aprumando em águas rasas, ocasionalmente mergulha. Sua dieta consiste de sementes e partes vegetativas de plantas aquáticas, larvas e adultos de insetos aquáticos, moluscos e crustáceos.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), PA(†), VI(†), IT, DJ, BG, BC, BB, BT.

6) *Netta peposaca* (marrecão). R, E-C

A população varia ao longo do ano, sendo escassa a comum no verão e comum no inverno. Ocupa banhados maiores, lagos com vegetação aquática e arrozais. Entre os itens alimentares consumidos durante o período de permanência no Rio Grande do Sul predominam sementes de arroz e capim-arroz obtidos em restevas. Também consomem frutos e itens animais, incluindo pequenos anfíbios, moluscos, vermes, aracnídeos e insetos (BRETSCHEIDER, 1981).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), IT, ZU, DJ, BG, BC.

7) *Ortalis guttata* (aracuã). R, I
Figura 6



Figura 6. *Ortalis guttata* (aracuã).

Habita florestas perto de clareiras e capoeiras. Alimenta-se principalmente de frutos e bagas, forrageando em pequenos grupos no chão ou em árvores.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), PA(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BB, BT.

8) *Rollandia rolland* (mergulhão-de-orelha-branca). R, I

No litoral é encontrado o ano todo, mas no interior os registros se concentram entre os meses de primavera e verão. Ocupa lagos juncosos e outras expansões de água com vegetação, podendo ser encontrado também em açudes e reservatórios abertos. Dieta onívora que inclui insetos (coleópteros, ortópteros, larvas de odonatas, hemípteros), sementes de gramíneas e material vegetativo de plantas.

Conservação: NA.

Outros registros: BC, BT.

9) *Podilymbus podiceps* (mergulhão). R, C
Figura 7

Ocupa açudes e reservatórios de tamanho pequeno a médio. Dieta onívora inclui artrópodes (coleópteros, dípteros) e material vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: BR(†), IT, DJ, BG, BC, BB, BT.



Figura 7. *Podilymbus podiceps* (mergulhão).

10) *Podiceps major* (mergulhão-grande). R, C-I

Encontrado principalmente em Lagos e reservatórios, mas também em canais e banhados com quantidades mais restritas de água aberta. Alimenta-se principalmente de peixes.

Conservação: NA.

Outros registros: GV(†), IT, SI, DJ, BG, BC, BB, BT.

11) *Ciconia maguari* (joão-grande). R; C

Ocupa pastagens alagadas, campos de arroz e outros banhados rasos. Sua dieta onívora inclui itens de origem animal como artrópodes (coleópteros, crustáceos), peixes, pequenos répteis e anfíbios e também alimento de origem vegetal. Forrageiam sozinhos, em pares ou mais frequentemente em pequenos grupos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), IT, DJ, BG, BC, BB, BT.

**12) *Mycteria americana* (cabeça-seca). M, I
Figura 8**

Ocupa banhados e campos alagados, geralmente nas áreas mais planas e mais abertas. Essencialmente carnívora, consome insetos

(coleópteros, hemípteros, odonatas, ortópteros e acridídeos), peixes e anfíbios. Também podem consumir sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, DJ, BG, BC, BB, BT.



Figura 8. *Mycteria americana* (cabeça-seca).

**13) *Phalacrocorax brasilianus* (biguá). R, C
Figura 9**



Figura 9. *Phalacrocorax brasilianus* (biguá).

Comum ao longo de todo o ano, mas os registros para o inverno são esparsos e se concentram principalmente ao longo do litoral. Utiliza banhados, campos alagados, arrozais, canais e açudes. Dieta essencialmente piscívora, que pode ser complementada pela ingestão de artrópodes (crustáceos e moluscos) e mesmo matéria vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), PA(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

14) *Anhinga anhinga* (biguatinga). R, I

Ocupa lagos e banhados com arbustos, tocos postes e outros poleiros. Dieta essencialmente piscívora, podendo consumir também insetos (coleópteros) e matéria vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), DJ, BG, BB, BT.

**15) *Tigrisoma lineatum* (socó-boi-verdadeiro).
R, I
Figura 10**



Figura 10. *Tigrisoma lineatum* (socó-boi-verdadeiro)

Habita áreas alagadas e lagos com vegetação rasteira nas margens, geralmente em locais protegidos ou com matas. Segue uma dieta carnívora generalista, consumindo desde artrópodos (aracnídeos) até vertebrados (peixes e pequenos roedores).

Conservação: NA.

Outros registros: AI, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

16) *Nycticorax nycticorax* (savacu). R, C-E

Ocupa banhados e áreas úmidas ao longo de todo o ano, mas com registros escassos para o inverno. Carnívoro generalista, consumindo tanto invertebrados (coleópteros, dípteros) como vertebrados (peixes e anfíbios).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), BR(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**17) *Butorides striata* (socozinho). M, C
Figura 11**



Figura 11. *Butorides striata* (socozinho).

Encontrado em banhados, margens de lagos e açudes com vegetação baixa e arrozais. Carnívoro generalista, consumindo tanto invertebrados (coleópteros e insetos) como vertebrados (peixes e anfíbios).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**18) *Bubulcus ibis* (garça-vaqueira). R, C
Figura 12**



Figura 12. *Bubulcus ibis* (garça-vaqueira).

Depois de seu primeiro registro no estado datado da década de 1970 (BELTON, 1994), a garça-vaqueira rapidamente se espalhou por todo o Rio Grande do Sul, ocupando hoje áreas com pastagens em toda a região. Dieta carnívora, predominantemente insetívora. Forrageia em pastagens longe da água, consumindo insetos que são espantados por vertebrados pastadores, como gado e capivaras, podendo inclusive catar insetos no dorso destes animais.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

19) *Ardea cocoi* (garça-moura). R,C
Figura 13



Figura 13. *Ardea cocoi* (garça-moura).

Habita banhados, lagos e açudes com vegetação aquática, campos alagados e praias de mar. Carnívora, consome tanto insetos (larvas e imagos de odonata) como peixes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

20) *Ardea alba* (garça-branca-grande). R, C
Figura 14

Ocupa banhados, açudes, lagos, campos alagados e arrozais. Carnívora generalista, consumindo tanto vertebrados (peixes, anfíbios e pequenos répteis) como invertebrados (larvas de odonatas e ortópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.



Figura 14. *Ardea alba* (garça-branca-grande).

21) *Syrigma sibilatrix* (maria-faceira). R, C
Figura 15



Figura 15. *Syrigma sibilatrix* (Maria-faceira)

Encontrada tanto em *habitats* aquáticos como em campos frequentemente bem longe da água. Segue uma dieta onívora que inclui insetos, peixes, anfíbios, restos vegetais e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

22) *Egretta thula* (garça-branca-pequena).

R, C
Figura 16



Figura 16. *Egretta thula* (garça-branca-pequena).

Ocupa banhados, açudes, lagos, campos alagados, arrozais e praias de mar. Dieta carnívora que inclui insetos (larvas de odonata, coleópteros) e peixes.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

23) *Plegadis chihi* (maçarico-preto). R, C

Figura 17



Figura 17. *Plegadis chihi* (maçarico-preto).

Habita arrozais, banhados, campos alagados e áreas alagadas em geral. Sua dieta carnívora inclui insetos, crustáceos, moluscos, aracnídeos, pequenos peixes, e anfíbios.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BT.

24) *Phimosus infuscatus* (maçarico-de-cara-pelada). R, C

Figura 18



Figura 18. *Phimosus infuscatus* (maçarico-de-cara-pelada).

Ocupa arrozais, campos alagados, bordas de banhados e outras áreas com águas rasas. Onívora, incluindo em sua dieta itens de origem animal como insetos (odonatas, dípteros, coleópteros, lepidópteros) e vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**25) *Platalea ajaja* (Colhereiro). R, C-E
Figura 19**



Figura 19. *Platalea ajaja* (colhereiro).

Encontrado em banhados, campos alagados, arrozais, açudes e reservatórios durante o ano todo. Escasso durante o inverno. Dieta onívora, consumindo moluscos, insetos (hemípteros, coleópteros), peixes e material vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), ZU, DJ, BG, BC, BB.

**26) *Phoenicopterus chilensis* (flamingo). S, R
Figura 20**



Figura 20. *Phoenicopterus chilensis* (flamingo). REBIOL José Lutzenberger.

Costuma ocupar ambientes aquáticos com água doce ou salobra a maioria com fundo de areia com um pouco de lama. Os registros se concentram principalmente ao longo da península de Mostardas e na área entre o balneário Cassino e a fronteira com o Uruguai, mas também foi registrado em locais do lado oeste das lagoas dos Patos e Mirim (CAMARGO, 1962; BELTON, 1994). Há um registro desta espécie no ano de 2006 na REBIOLJL (PATRÍCIA B. WITT, obs. pess.) e outro em dezembro de 2007 para Itapuã (SILVA, 2007). Dieta onívora, com predominância de itens de origem animal que incluem moluscos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: IT.

27) *Cathartes aura* (urubu-de-cabeça-vermelha). R, C

Presente tanto em regiões campestres como florestais (SICK, 1997). Dieta detritívora, alimentando-se essencialmente de animais mortos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**28) *Coragyps atratus* (urubu-de-cabeça-preta). R, C
Figura 21**



Figura 21. *Coragyps atratus* (urubu-de-cabeça-preta)

Encontrado em praticamente todos os ambientes alterados pelo homem. Dieta detritívora a base de animais mortos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**29) *Pandion haliaetus* (águia-pescadora). N, R
Figura 22**



Figura 22. *Pandion haliaetus* (águia-pescadora).

Na bacia do Guaíba já foi registrada em Itapuã (TEIXEIRA *et al.*, 2005), delta do Jacuí (ACCORDI *et al.*, 2001) e proximidades do rio Cai no Pólo Petroquímico de Triunfo (CAYE; VOSS, 1989). Um indivíduo foi observado e fotografado em vôo por Luiz Carvalho em 7/05/2011 na fazenda Adegas (Figura 22). Dieta essencialmente piscívora.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, DJ.

30) *Elanus leucurus* (gavião-peneira). R, C

Ocupa campos abertos, pequenas clareiras e áreas agrícolas. Carnívoro cuja dieta é essencialmente a base de acridídeos (gafanhotos), podendo incluir também pequenos vertebrados roedores.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, MO, ZU, DJ, BG, BC.

**31) *Circus buffoni* (gavião-do-banhado). R, C
Figura 23**



Figura 23. *Circus buffoni* (gavião-do-banhado).

Encontrado em banhados, arrozais e outras áreas alagadas. Carnívoro, incluindo pequenas aves, anfíbios, répteis e mamíferos.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**32) *Rostrhamus sociabilis* (gavião-caramujeiro). R, C
Figura 24**



Figura 24. *Rostrhamus sociabilis* (gavião-caramujeiro).

Habita banhados, campos alagados, açudes e lagos com vegetação. Alimenta-se quase que exclusivamente de moluscos do gênero *Pomacea*. Utiliza seu bico curvo para extrair a parte mole dos

moluscos do interior das suas conchas.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), BR(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

3) *Heterospizias meridionalis* (gavião-caboclo). R, C
Figura 25



Figura 25. *Heterospizias meridionalis* (gavião-caboclo).

Encontrado em campos, restevras de arroz e pastagens. Predominantemente carnívoro, consome invertebrados (aracnídeos, insetos, crustáceos) e vertebrados (répteis, peixes, anfíbios).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, DJ, BG, BB, BT.

34) *Rupornis magnirostris* (gavião-carijó). R, C
Figura 26



Figura 26. *Rupornis magnirostris* (gavião-carijó).

Encontrado em matas, campos e áreas agrícolas. Carnívoro que consome artrópodes (aracnídeos, homópteros) e pequenos vertebrados (anfíbios, répteis, aves e roedores).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

35) *Buteo brachyurus* (gavião-de-rabo-curto). R#, I
Figura 27



Figura 27. *Buteo brachyurus* (gavião-de-rabo-curto).

Gavião com poucos registros para o estado a época de Belton (1994) e atualmente com vários registros para a região (FONTANA, 2001; FONTANA, 2005; ACCORDI; HARTZ, 2006). Um indivíduo foi fotografado por Luiz Carvalho sobrevoando o bairro do Lami em setembro de 2011 (Figura 27). Carnívoro, alimenta-se principalmente de roedores, aves e répteis. Ocasionalmente come insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), MO, ZU, BG, BB.

**36) *Caracara plancus* (caracará). R, C
Figura 28**



Figura 28. *Caracara plancus* (caracará).

Habita terrenos abertos como campos, banhados, plantações e áreas que eram originariamente florestadas. Carnívoro generalista e oportunista. Sua dieta inclui tanto animais vivos como cadáveres. Entre os animais, incluem-se invertebrados (diplópodes, miriápodes, moluscos, insetos) e vertebrados (peixes, anfíbios e pequenos mamíferos).

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**37) *Milvago chimachima* (carrapateiro). R, C
Figura 29**



Figura 29. *Milvago chimachima* (carrapateiro)

Habitante de bordas florestais, áreas abertas próximas a florestas, clareiras e áreas suburbanas. Onívoro amplamente generalista alimenta-se tanto de presas vivas como mortas. Embora seja predominantemente carnívoro, inclui também itens de origem vegetal em sua dieta. Entre os itens carnívoros inclui peixes, répteis, anfíbios, filhotes de aves, insetos e carrapatos que retira do gado, hábito que deu origem ao seu nome em português. Também tem o hábito de pescar a partir de um poleiro.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**38) *Milvago chimango* (chimango). R, C
Figura 30**



Figura 30. *Milvago chimango* (chimango).

Encontrado em campos abertos, áreas agrícolas e bordas florestais. Carnívoro oportunista. Alimenta-se de carniça de todos os tipos, especialmente animais mortos em estradas, cata carrapatos no lombo do gado, preda ovos de tartaruga, aves e também ninhegos, podendo mesmo atacar indivíduos adultos. Também se alimenta de pequenos roedores, insetos (principalmente ortópteros), vermes, pequenos peixes, anfíbios e roedores.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**39) *Falco sparverius* (quiriquiri). R, C
Figura 31**



Figura 31. *Falco sparverius* (quiriquiri).

Ocupa campos abertos, áreas agrícolas, clareiras e banhados. Sua dieta é essencialmente insetívora (ortópteros, coleópteros, isópteros), incluindo aracnídeos e pequenos vertebrados (répteis, aves e morcegos).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BT.

**40) *Aramus guarauna* (carão). R, C
Figura 32**



Figura 32. *Aramus guarauna* (carão).

Habita banhados, campos alagados, arrozais, valas com água e açudes. Dieta predominantemente carnívora, dando preferência, como *Rostrhamus sociabilis* (gavião-caramujeiro), ao consumo de moluscos do gênero *Pomacea*. Diferentemente deste, quebra a concha com o bico para acessar a parte mole da presa.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**41) *Aramides ypecaha* (saracuruçu). R, C
Figura 33**



Figura 33. *Aramides ypecaha* (saracuruçu).

Belton (1994) apontou a metade sul e extremo oeste como a principal área de ocorrência desta saracuruça para o estado, com exceção de um registro para o Pólo Petroquímico. Vários registros nos últimos dez anos, no entanto, mostraram que a saracuruçu não só ocorre em toda a região como é também comum (ACCORDI *et al.*, 2001, EFE *et al.*, 2001a, ACCORDI; BARCELLOS, 2006; ACCORDI; HARTZ 2006, BENCKE *et al.*, 2007). Encontrado em banhados abertos, áreas pantanosas com matas ralas, campos e pastagens perto d'água e de vegetação e matas de galeria. Dieta onívora inclui sementes, frutos e invertebrados (principalmente moluscos).

Conservação: NA.

Outros registros: SI, DJ, BG, BC, BB, BT.

**42) *Aramides cajanea* (saracura-três-potes).
R, C**

Figura 34



Figura 34. *Aramides cajanea* (saracura-três-potes).

Habita matas de galeria, pedaços de mata perto de banhados e áreas pantanosas. Dieta onívora, que inclui invertebrados (diplópodes, moluscos, insetos, crustáceos), pequenos anfíbios e plantas (tecido vegetal, raízes e sementes).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB.

43) *Aramides saracura* (saracura-do-mato). R, C

Ocupa florestas e pedaços de mata, preferindo áreas de banhado, brejos ou margens de riachos. Onívora com preferência a herbivoria (material vegetal e sementes). Também consome insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

44) *Laterallus melanophaius* (sanã-parda). R, I

Ocupa banhados, especialmente aqueles com vegetação densa ao longo das margens. Dieta onívora que inclui insetos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

45) *Pardirallus maculatus* (saracura-carijó). R, E

Habita banhados e pântanos com matas ralas. Dieta onívora que inclui insetos, pequenos peixes e vegetação aquática.

Conservação: NA.

Outros registros: ZU, DJ, BG.

46) *Pardirallus nigricans* (saracura-sanã). R, C

Ocupa banhados e áreas pantanosas com matas ralas. Dieta onívora inclui sementes e uma ampla gama de itens de origem animal que vai desde crustáceos e insetos até pequenos vertebrados (anfíbios).

Conservação: NA

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

47) *Pardirallus sanguinolentus* (saracura-do-banhado). R, C

Encontrado em banhados de todos tamanhos com bastante vegetação. Onívoro mas com preferência a herbivoria. Os itens de origem animal incluem predominantemente insetos.

Conservação: NA

Outros registros: VI(†), IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**48) *Gallinula galeata* (galinhola). R, C
Figura 35**



Figura 35. *Gallinula galeata* (galinhola).

Habita banhados, lagos, lagoas pequenas e açudes, de preferência com vegetação. Sua dieta é onívora, mas consome de preferência itens de origem vegetal (sementes). Os itens de origem animal incluem moluscos e insetos.

Conservação: NA

Outros registros: VI(†), BR(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

49) *Gallinula melanops* (frango-d'água-carijó). R, C

Reside em lagoas pequenas, banhados e lagos com vegetação. Dieta onívora inclui plantas aquáticas, sementes, crustáceos, moluscos e insetos.

Conservação: NA

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BT.

50) *Vanellus chilensis* (quero-quero). R, C
Figura 36



Figura 36. *Vanellus chilensis* (quero-quero)

Ocupa pastagens e outras áreas com capim baixo e de preferência um pouco úmidas. Onívoro com uma dieta de amplo espectro, mas de predominância carnívora. Consome Diplópodos, vermes, insetos (coleópteros, himenópteros, lepidópteros, dípteros, isópteros, hemípteros, ortópteros) e material vegetal (partes vegetativas, frutos e sementes).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GV(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

51) *Himantopus melanurus* (pernilongo). R, C
Figura 37



Figura 37. *Himantopus melanurus* (pernilongo).

Encontrado em campos alagados, margens de banhados, lagos, açudes e praias de mar. Dieta essencialmente carnívora que inclui moluscos, aracnídeos e insetos. Também consome material vegetal.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

52) *Gallinago paraguaiæ* (narceja). R, C
Figura 38



Figura 38. *Gallinago paraguaiæ* (narceja).

Habita campos úmidos, margens gramíneas de lagos e açudes. Dieta onívora dando preferência aos itens de origem animal, como anelídeos, moluscos, crustáceos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

53) *Tringa solitaria* (maçarico-solitário). N, E

Frequenta beiras de todos os tipos de extensões d'água, desde riachos com matas de galeria até o mar. Dieta carnívora que inclui anelídeos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, DJ, BG.

54) *Jacana jacana* (jaçanã). R, C
Figura 39



Figura 39. *Jacana jacana* (jaçanã).

Encontrada em praticamente qualquer área de água com vegetação aquática. Sua dieta onívora inclui plantas (tecido vegetal, folhas, sementes) e invertebrados (moluscos e insetos).

Conservação: NA

Outros registros: VI(†), GU(†), BR(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

55) *Chroicocephalus maculipennis* (gaivota-maria-velha). R, C

Utiliza principalmente praias e margens de grandes extensões de água, mas também é considerada comum em volta de lagos rasos com banhados, pastagens alagadas e em campo recém arados. Trata-se de uma espécie onívora oportunista. Sua dieta consiste preferencialmente de peixes os quais pode pescar ou apanhar mortos. Em certas épocas apresenta-se insetívora (aracnídeos e insetos) e frugívora (solanáceas).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

56) *Larus dominicanus* (gaivotão). R, C

Encontrada na vizinhança de grandes extensões de água. Dieta carnívora oportunista com preferência aos peixes os quais pode pescar ou apanhar mortos. Pode consumir cadáveres de animais domésticos, ovos, filhotes de aves e conchas.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB.

57) *Phaetusa simplex* (trinta-réis-grande). R, I
Figura 40



Figura 40. *Phaetusa simplex* (trinta-réis-grande).

Encontrada sobre ou perto de lagoas, rios, canais grandes de irrigação e o oceano. Essencialmente piscívora, podendo consumir outros itens de origem animal, como artrópodes.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, ZU, DJ, BG, BC, BT.

58) *Rynchops niger* (talha-mar). R, C
Figura 41



Figura 41. *Rynchops niger* (talha-mar).

Encontrado em praias de mar, bancos de areia e planícies lamacentas. Efe *et al.* (2001) registrou a nidificação do talha-mar em uma ilha fluvial do rio Ibicuí, região central do Rio Grande do Sul. Tal registro evidenciou o movimento sazonal migratório efetuado por indivíduos dessa espécie desde o litoral até o interior do estado, passando por áreas ao longo do Guaíba como Ipanema (CORREA; COLARES 1992) e delta do Jacuí (ACCORDI *et al.*, 2001). Dieta essencialmente piscívora, podendo incluir algumas espécies de crustáceos.

Conservação: NA.

Outros registros: ZU, DJ, BG, BC.

59) *Columbina talpacoti* (rolinha-roxa). R, C
Figura 42



Figura 42. *Columbina talpacoti* (rolinha-roxa)

Encontrada no chão em uma grande variedade de *habitats* abertos ou com capoeiras, especialmente ao longo de estradas de terra. Dieta granívora que inclui sementes de poáceas, ciperáceas e mirtáceas.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

60) *Columbina picui* (rolinha-picui). R, C
Figura 43



Figura 43. *Columbina picui* (rolinha-picui).

Encontrada no chão ou em vegetação baixa perto de fazendas pequenas, capoeiras, áreas com plantação de cereais e ao longo de estradas asfaltadas. Dieta granívora que inclui sementes de gramíneas.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GV(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**61) *Columba livia* (pombo-doméstico). R, C
Figura 44**



Figura 44. *Columba livia* (pombo-doméstico)

Espécie introduzida, que em várias localidades se encontra naturalizada, vivendo sem a interferência humana direta (Figura 44).

Conservação: NA, exótica.

Outros registros: IT, MO, ZU, DJ, BB.

62) *Patagioenas picazuro* (pombão). R, C

Encontrada em florestas, campos de cereais e campos com vegetação esparsa. Dieta granívora a base de sementes diversas.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**63) *Zenaida auriculata* (pombo-de-bando). R, C
Figura 45**



Figura 45. *Zenaida auriculata* (pombo-de-bando).

Prefere campos ou terrenos com matas esparsas. Dieta essencialmente granívora, mas pode se aproveitar eventualmente de frutos e também de invertebrados (miriápodes, moluscos, insetos).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

64) *Leptotila verreauxi* (juriti-pupu). R, C

Encontrada no chão e estrato inferior de matas e também frequentemente se alimentando em campos abertos. Dieta essencialmente granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

65) *Myiopsitta monachus* (caturrita). R, C

Prefere terrenos abertos com árvores esparsas, arvoredos plantados ou com matas de galeria nas proximidades e plantações de eucalipto. Dieta onívora, composta por frutos, sementes, flores, brotos e outras partes vegetais.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

66) *Micrococyx cinereus* (papa-lagarta-cinzento). R#, E

Ocupa capoeiras ao longo de riachos e banhados. Havia apenas um registro para o delta do Jacuí de um indivíduo coletado por Belton (1994) na década de 1970.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†).

**67) *Piaya cayana* (alma-de-gato). R, C
Figura 46**



Figura 46. *Piaya cayana* (alma-de-gato).

Ocupa florestas e matas abertas. Essencialmente Insetívoro, podendo ingerir diplópodos, aracnídeos e insetos (coleópteros, larvas de lepidópteros, himenópteros, hemípteros, ortópteros, odonatas e homópteros). Eventualmente pode consumir sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

68) *Coccyzus melacoryphus* (papa-lagarta-verdadeiro). M, C

Preferem locais com banhados, ou perto de riachos. Essencialmente insetívoro, podendo preda pequenos répteis e mamíferos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BB.

**69) *Crotophaga ani* (anu-preto). R, C
Figura 47**



Figura 47. *Crotophaga ani* (anu-preto).

Ocupam capoeiras, cercas-vivas, campos e vegetação de beira de estrada. Dieta predominantemente insetívora que inclui aracnídeos, insetos (ortópteros, hemípteros, lepidópteros, homópteros, himenópteros), podendo se alimentar de folhas, frutos e sementes (verbenáceas, euforbiáceas, borragináceas).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BC, BC, BB, BT.

**70) *Guira guira* (anu-branco). R, C
Figura 48**



Figura 48. *Guira guira* (anu-branco).

Ocupa campos, cercas-vivas, capoeiras, pomares e vegetação na beira de estradas. Dieta com predominância insetívora (ortópteros, coleópteros, lepdópteros, dípteros), incluindo pequenos vertebrados (anfíbios, peixes, ninhegos de passeriformes).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(+), PA(+), GU(+), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

71) *Tapera naevia* (saci). R, C

Ocupa principalmente áreas com capoeiras, cercas-vivas, vegetação de restinga e florestas. Essencialmente insetívoro com preferência por gafanhotos. Eventualmente podem consumir frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**72) *Tyto alba* (coruja-de-igreja). R, I
Figura 49**



Figura 49. *Tyto alba* (coruja-de-igreja).

Costuma habitar construções humanas, como torres de igreja, celeiros, etc. Dieta carnívora com preferência por roedores, preda anfíbios, répteis e outros pequenos mamíferos (marsupiais e quirópteros), além de invertebrados (artrópodes).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(+), PA(+), IT, MO, DJ, BG, BB.

73) *Megascops choliba* (corujinha-do-mato). R, C

Figura 50



Figura 50. *Megascops choliba* (corujinha-do-mato).

Encontrada em matas, matas de galeria, capoeiras, cercas-vivas. Essencialmente insetívora (coleópteros, ortópteros, lepidópteros), consomem pequenos vertebrados.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(+), IT, DJ, BG, BB, BT.

74) *Bubo virginianus* (jacurutu). R, I

Considerada rara a época de Belton (1994), mas com vários registros para a região a partir da década de 1990 (ver abaixo). O jacurutu foi primeiro relatado para a REBIOJL por Tomazzoni *et al.* (2004). Dieta carnívora a base de pequenos vertebrados como roedores, aves e quirópteros.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, DJ, BG, BC, BB.

75) *Asio clamator* (coruja-orelhuda). R, I

Pode ser encontrada em capões perto de banhados e campos alagados. Dieta carnívora, a base de pequenos vertebrados (marsupiais, roedores, aves) incluindo-se na dieta insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(+), MO, ZU, BG.

**76) *Hydropsalis torquata* (bacurau-tesoura).
R, C
Figura 51**



Figura 51. *Hydropsalis torquata* (bacurau-tesoura).

Encontrado no chão em campos com moitas de vegetação dispersas, florestas e plantações de eucaliptos e de acácias. Consomem uma ampla gama de insetos (neurópteros, coleópteros, ortópteros, isópteros, hemípteros, coleópteros, dípteros, homópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

77) *Chaetura cinereiventris* (andorinhão-de-sobre-cinzeno). R, C

Utiliza chaminés abandonadas para passar a noite ou mesmo nidificar. Essencialmente insetívora, caçando suas presas em pleno voo.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, ZU, DJ, BG.

78) *Chaetura meridionalis* (andorinhão-do-temporal). M#, C

Observada geralmente voando. Ocupa chaminés abandonadas para pernoite e nidificação. Alimenta-se de pequenos insetos durante o voo.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**79) *Chlorostilbon lucidus* (beija-flor-de-bico-vermelho). R, C
Figura 52**



Figura 52. *Chlorostilbon lucidus* (beija-flor-de-bico-vermelho).

Ocupa *habitats* semi-abertos, capoeiras, jardins, beiras de mata, banhados com arbustos. Dieta essencialmente nectarívora, complementada com artrópodes (insetos e aracnídeos).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BB.

**80) *Hylocharis chrysura* (beija-flor-dourado).
R, C
Figura 53**



Figura 53. *Hylocharis chrysura* (beija-flor-dourado).

Encontrado em capoeiras, beiras de florestas e cercas-vivas. Essencialmente nectarívoro, complementando sua dieta com artrópodos (aracnídeos e insetos).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

81) *Megaceryle torquata* (martim-pescador-grande). R, C

Habita banhados, lagos e rios. Essencialmente piscívoro.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**82) *Chloroceryle amazona* (martim-pescador-verde). R, C
Figura 54**



Figura 54. *Chloroceryle amazona* (martim-pescador-verde).

Encontrado em riachos, banhados, canais de drenagem, lagos e açudes. Essencialmente piscívoro.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), BR(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

83) *Chloroceryle americana* (martim-pescador-pequeno). R, C

Habita lagos, banhados, diques, riachos, incluindo cursos d'água que geralmente são pequenos demais para atrair espécies maiores de Martins-pescadores. Essencialmente piscívoro, podendo complementar sua dieta com artrópodos (crustáceos e insetos).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GV(†), GU(†), AI, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

84) *Melanerpes candidus* (pica-pau-branco). R, E

Espécie cuja distribuição geográfica até a década de 1990 abrangia principalmente a ponta noroeste do estado sendo raro em localidades isoladas do oeste. Atualmente se encontra bem distribuído em toda a região. Essencialmente insetívoro, podendo complementar sua dieta com frutos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, DJ, BG, BT.

85) *Veniliornis spilogaster* (picapauzinho-verde-carijó). R, C

Habita florestas, matas abertas e áreas abertas com árvores esparsas. Dieta essencialmente insetívora a base de coleópteros adultos e suas larvas.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

86) *Piculus aurulentus* (pica-pau-dourado). R, I

Encontrado em florestas, segue uma dieta insetívora que inclui hemípteros, coleópteros e himenóptera.

Conservação: QA (GL).

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, BG.

87) *Colaptes melanochloros* (pica-pau-verde-barrado). R, C
Figura 55



Figura 55. *Colaptes melanochloros* (pica-pau-verde-barrado).

Habita campos, beiras de matas e campos com árvores esparsas. Essencialmente insetívoro com uma dieta a base de insetos (himenópteros e coleópteros), mas ocasionalmente pode ingerir frutos (moráceas).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

88) *Colaptes campestris* (pica-pau-do-campo). R, C
Figura 56



Figura 56. *Colaptes campestris* (pica-pau-do-campo).

Encontrada em campos, beiras de matas e em cercas e postes. Dieta essencialmente insetívora a base de adultos e larvas de himenópteros e coleópteros.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

89) *Celeus flavescens* (joão-velho). R, C

Encontrado em floresta, sua dieta é essencialmente insetívora (himenópteros, isópteros e coleópteros), complementada por outros tipos de artrópodes (aracnídeos) e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, MO, SI, ZU, BG.

90) *Thamnophilus ruficapillus* (choca-de-boné-vermelho). R, C

Encontrado em áreas abertas com arbustos, capoeiras, cercas-vivas e matagais. Dieta onívora baseada em frutos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

91) *Thamnophilus caerulescens* (choca-da-mata). R, C
Figura 57



Figura 57. *Thamnophilus caerulescens* (choca-da-mata).

Encontrado em matas de todos os tipos. Dieta onívora que inclui insetos e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

92) *Mackenziaena leachii* (brujarara-assobiador). R, C

Encontrado em florestas, matagais, capoeiras, geralmente baixo em vegetação rasteira densa. Dieta carnívora a base de artrópodes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BB.

93) *Conopophaga lineata* (chupa-dente). R, C

Encontrada no chão e no estrato inferior de florestas.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

94) *Sclerurus scansor* (vira-folha). R, I

Habita o chão de áreas de florestas úmidas. Dieta insetívora a base de insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, BG, BB.

95) *Lepidocolaptes falcinellus* (arapaçu-escamoso-do-sul). R, C

Encontrado em florestas. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, SI, ZU, BG, BB, BT.

**96) *Furnarius rufus* (joão-de-barro). R, C
Figura 58**



Figura 58. *Furnarius rufus* (joão-de-barro).

Ocupa terrenos abertos, margens de florestas, plantações de eucalipto e áreas suburbanas. Dieta insetívora que inclui aracnídeos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

97) *Limnornis curvirostris* (joão-da-palha). R, C

Encontrado em capins cortantes e juncais em banhados e ao longo de suas margens. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BR(†), DJ, BG, BC, BB.

98) *Lochmias nematura* (joão-porca). R, C

Habita margens de riachos com pedras expostas tanto em florestas quanto em áreas abertas. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI.

**99) *Heliobletus contaminatus* (trepadorzinho).
R, C**

Apesar de ser considerado um residente comum, é o primeiro registro da espécie para a região. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

**100) *Syndactyla rufosuperciliata* (trepador-quiete). R, C
Figura 59**



Figura 59. *Syndactyla rufosuperciliata* (trepador-quiete).

Encontrado em florestas e matas. Segue uma dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**101) *Anumbius anumbi* (cochicho). R, C
Figura 60**



Figura 60. *Anumbius anumbi* (cochicho).

Habita terrenos abertos, matagais e campos com árvores esparsas. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**102) *Schoeniophylax prhyganophilus*
(bichoita). R, C
Figura 61**



Figura 61. *Schoeniophylax prhyganophilus* (bichoita).

Ocupa terrenos abertos com arbustos, capoeiras, jardins de fazendas e especialmente terrenos pantanosos. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), BR(†), ZU, DJ, BG, BC.

103) *Certhiaxis cinnamomeus* (curutié). R, C

Habita banhados e áreas úmidas com juncais ou arbustos pequenos. Dieta carnívora, incluindo insetos, aracnídeos e moluscos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

104) *Synallaxis ruficapilla* (pichororé). R, C

Encontrado em florestas. Dieta carnívora que inclui insetos, aracnídeos e moluscos.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

105) *Synalaxis cinerascens* (pi-puí). R, C

Encontrado perto do chão em florestas. Essencialmente (insetívoros, Ortópteros e coleópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, MO, SI, ZU, DJ, BG.

106) *Synallaxis spixi* (joão-teneném). R, C

Habita capoeiras e matagais, dando preferência para moitas de arbustos e touceiras de capim e sub-bosque denso em áreas pantanosas. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

107) *Cranioleuca sulphurifera* (arredio-de-papo-manchado). R, E

Encontrado em banhados com palhas e juncos. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BR(†), ZU, DJ, BG, BC.

108) *Cranioleuca obsoleta* (arredio-oliváceo). R, C

Figura 62



Figura 62. *Cranioleuca obsoleta* (arredio-oliváceo).

Encontrado em florestas, alimenta-se principalmente de insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

109) *Chiroxiphia caudata* (dançador). R, C

Habitante de florestas. Sua dieta onívora consiste de frutos e artrópodes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, BG, BB, BT.

110) *Platyrinchus mystaceus* (patinho). R, C

Geralmente é encontrado em altura baixa em sub-bosque denso ou em florestas úmidas muito sombrias. Dieta onívora com preferência insetívora, complementada com frutos (euforbiáceas).

Conservação: NA.

Outros registros: AI, SI, ZU, BG, BB.

111) *Tachuris rubrigastra* (papa-piri). S, C

Ocupa juncais de lagos e banhados. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BR(†), IT, DJ, BG, BC, BB.

112) *Leptopogon amaurocephalus* (cabeçudo). R, I

Habita o estrato inferior e médio de florestas. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BG, BB.

**113) *Phylloscartes ventralis* (borboletinha-do-mato). R, C
Figura 63**



Figura 63. *Phylloscartes ventralis* (borboletinha-do-mato).

Encontrado no estrato médio e superior de florestas. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

114) *Tolmomyias sulphureus* (bico-chato-de-orelha-preta). R, C

Encontrado no interior ou na borda de florestas. Dieta insetívora (ortópteros, coleópteros, homópteros, himenópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BB, BT.

115) *Poecilatriccus plumbeiceps* (tororó). R, C

Habita florestas, vegetação rasteira em bordas de floresta, geralmente a um metro ou menos do chão. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

116) *Euscarthmus meloryphus* (barulhento). M, I

Habita capoeiras e matagais arbustivos. Nos tempos de Belton (1994) era encontrado apenas em localidade esparsas a oeste de 55°W. Foi registrado primeiramente na região no morro do Osso (FONTANA, 2001). Desde então, já foi registrado no banhado Grande (ACCORDI; BARCELLOS, 2006), Banhado dos Pachecos (obs. pess.) e Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.). Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: MO, BG, BB.

**117) *Camptostoma obsoletum* (risadinha). R, C
Figura 64**



Figura 64. *Camptostoma obsoletum* (risadinha).

Habitante de florestas e suas bordas, agrupamentos pequenos de árvores, capoeiras e jardins. Dieta onívora, mas com preferência insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

118) *Elaenia flavogaster* (guaracava-de-barriga-amarela). R, C

Encontrada em árvores em pastagens, parques e na beira de florestas. Dieta preferencialmente frugívora que inclui lorantáceas, oboragináceas, verbenáceas e solanáceas.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**119) *Elaenia spectabilis* (guaracava-grande).
M, I-C**

Até os tempos de Belton (1994) só era registrada a oeste de 55°W e norte de 30°30'S. Atualmente vem sendo observada em vários outros locais mais a leste e mais ao sul. Dieta preferencialmente frugívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BB.

120) *Elaenia chilensis* (guaracava-de-crista-branca). T, R

Registros esporádicos em diversos pontos do Rio Grande do Sul. O registro de Albuquerque (1986) para a REBIOJL é o único até agora para a região.

Conservação: NA.

121) *Elaenia parvirostris* (guaracava-de-bico-curto). M, C

Ocupa margens de florestas e terrenos abertos com árvores esparsas. Hábitos frugívoros.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**122) *Elaenia obscura* (tucão). R, C
Figura 65**



Figura 65. *Elaenia obscura* (tucão).

Habita áreas de capoeira com árvores pequenas, beira de matas de galeria e matas em geral em alturas baixas e médias. Dieta essencialmente frugívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**123) *Serpophaga subcristata* (alegrinho).
R, C**

Figura 66



Figura 66. *Serpophaga subcristata* (alegrinho).

Encontrado em capoeiras, arbustos altos e moitas de vegetação, cercas-vivas e outros lugares relativamente abertos. Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

124) *Myiarchus swainsoni* (irré). M, C
Figura 67



Figura 67. *Myiarchus swainsoni* (irré).

Encontrado em florestas, pedaços de mata e em capoeiras com algumas árvores. Dieta onívora a base de insetos (hemípteros e coleópteros) e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

125) *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi). R, C
Figura 68



Figura 68. *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi).

É mais comum perto de áreas abertas e úmidas, mas é encontrado em quase todos os *habitats*, incluindo praias de mar, jardins em cidades, clareiras em florestas e plantações de eucaliptos. Dieta onívora com preferência insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

126) *Machetornis rixosa* (suiriri-cavaleiro). R, C
Figura 69



Figura 69. *Machetornis rixosa* (suiriri-cavaleiro).

Ocupa terrenos abertos, geralmente nas proximidades de gado ou cavalos. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

127) *Tyrannus melancholicus* (suiriri). M, C
Figura 70



Figura 70. *Tyrannus melancholicus* (suiriri).

Habita beiras de matas e áreas abertas com árvores. Preferência insetívora (ortópteros, hemípteros, coleópteros, himenópteros, edípteros). Complementa sua dieta com frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

128) *Tyrannus savana* (tesourinha). M, C
Figura 71



Figura 71. *Tyrannus savana* (tesourinha).

Habita praticamente qualquer tipo de área aberta ou semi-aberta, é mais abundante em áreas de pastagens elevadas e onduladas. Preferência insetívora (coleópteros, himenópteros, hemípteros, isópteros, homópteros, ortópteros), alimenta-se também de sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

129) *Myiophobus fasciatus* (Filipe). M, C

Prefere matas abertas ou capoeiras ralas, frequentemente perto de margens de banhados e outras áreas úmidas. Dieta insetívora (coleópteros e himenópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BB, BT.

130) *Arundinicola leucocephala* (freirinha). R, I
Figura 72



Figura 72. *Arundinicola leucocephala* (freirinha).

Vista com mais frequência em arbustos que margeiam banhados ou que crescem ou se projetam em lagos. Dieta insetívora (coleópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), BR(†), IT, DJ, BC, BC, BB.

**131) *Lathrotriccus euleri* (enferrujado).
M, C**

Encontrado em florestas e áreas com matas.
Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**132) *Hymenops perspicillatus* (viuvinha-de-
óculos). S, C
Figura 73**



Figura 73. *Hymenops perspicillatus* (viuvinha-de-óculos).

Habita beiras de banhado e campos úmidos.
Dieta essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), GU(†), BR(†), IT, DJ, BC, BC, BT.

**133) *Satrapa icterophrys* (suiriri-pequeno). R, C
Figura 74**



Figura 74. *Satrapa icterophrys* (suiriri-pequeno).

Encontrada em locais abertos, frequentemente
perto de banhados e outras áreas com água,
embora não seja incomum perto de habitações de
fazendas com árvores. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, SI, DJ, BG, BC, BB, BT.

**134) *Xolmis irupero* (noivinha). R, C
Figura 75**



Figura 75. *Xolmis irupero* (noivinha).

Habita terrenos abertos com ou sem árvores
esparsas, incluindo pastagens e plantações. Dieta
insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), BR(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

135) *Cyclarhis gujanensis* (pitiguari). R, C

Ocupa florestas, parques e jardins. Essencialmente insetívoro, mas também se alimenta de sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, BG, BC, BB, BT.

136) *Vireo olivaceus* (juruviara). M, C

Encontrado em florestas, parques e jardins. Onívoro, alimenta-se principalmente de insetos (hemípteros, coleópteros, dípteros, isópteros, himenópteros), complementando com sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

137) *Cyanocorax chrysops* (gralha-picaça). R, E

Habita florestas e pedaços de matas. Dieta onívora que inclui aracnídeos, insetos, sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: IT, DJ.

138) *Pygochelidon cyanoleuca* (andorinha-pequena-de-casa). R, C

Figura 76



Figura 76. *Pygochelidon cyanoleuca* (andorinha-pequena-de-casa).

Pode ser observada sobrevoando os mais diversos ambientes. Nidifica em barrancos, buracos de árvores e mesmo embaixo de telhas em construções. Capturam insetos em pleno vôo.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

139) *Progne tapera* (andorinha-do-campo).

M, C

Figura 77



Figura 77. *Progne tapera* (andorinha-do-campo).

Ocorre em campos, fazendas e áreas com algumas árvores. Dieta insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**140) *Progne chalybea* (andorinha-doméstica-grande). M, C
Figura 78**



Figura 78: *Progne chalybea* (andorinha-doméstica-grande).

Utiliza uma ampla variedade de *habitats*, onde costuma apanhar insetos em pleno vôo.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

141) *Tachycineta leucorrhoa* (andorinha-de-testa-branca). R, C

Prefere campos e arredores de açudes e banhados, apreze em clareiras de florestas e em áreas habitadas. Essencialmente insetívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, BG, BC, BB, BT.

**142) *Troglodytes musculus* (corruíra). R, C
Figura 79**



Figura 79. *Troglodytes musculus* (corruíra).

Habita capoeiras, beiras de matas, margens de banhados, jardins e capões. Dieta a base de artrópodes (diplópodes e insetos).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**143) *Polioptila dumicola* (balança-rabo-de-máscara). R, C
Figura 80**



Figura 80. *Polioptila dumicola* (balança-rabo-de-máscara).

Encontrada em cercas-vivas espinhentas e capoeiras abertas. Dieta insetívora (ortópteros, lepidópteros, coleópteros, dípteros).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

**144) *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira).
R, C
Figura 81**



Figura 81. *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira).

Habita florestas, matas abertas, capoeiras, cercas-vivas e jardins. Dieta onívora com preferência herbívora. Consome frutos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**145) *Turdus leucomelas* (sabiá-barranco). R, C
Figura 82**



Figura 82. *Turdus leucomelas* (sabiá-barranco).

Habita florestas. Há registros do início do século XX para Porto Alegre e Guaíba (GLIESCH, 1930) e depois a espécie só voltou a ser registrada na região metropolitana na década de 1990, primeiro em São Leopoldo (BENCKE; GRILLO, 1995) e posteriormente em Porto Alegre (FONTANA, 2005), arroio Itapuã e horto florestal Barbanegra (obs. pess.). Segue uma dieta onívora diversificada, alimentando-se principalmente de insetos e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, BB.

**146) *Turdus amaurochalinus* (sabiá-poca). R, C
Figura 83**



Figura 83. *Turdus amaurochalinus* (sabiá-poca).

Habita o estrato médio ou inferior de florestas e matas, podendo ser encontrado no chão em jardins, campos e outras áreas abertas não muito distantes de vegetação. Dieta herbívora, predominando insetos e frutos em proporções semelhantes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

147) *Turdus subalaris* (sabiá-ferreiro). M, C

Prefere os estratos superiores abaixo da copa em florestas, jardins com árvores de sombra altas, e em áreas como parque, as quais possuem abundante vegetação. Dieta onívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

**148) *Turdus albicollis* (sabiá-coleira). R, C
Figura 84**



Figura 84. *Turdus albicollis* (sabiá-coleira).

Habita florestas. Dieta onívora, consistindo principalmente de insetos e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

**149) *Mimus saturninus* (sabiá-do-campo). R, C
Figura 85**



Figura 85. *Mimus saturninus* (sabiá-do-campo).

Encontrado em terrenos abertos com árvores baixas, arbustos, moitas de vegetação ou capões pequenos. Onívoro, com preferência insetívora (isópteros, coleópteros, himenópteros, homópteros, ortópteros,). Também consome sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), BR(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

150) *Anthus lutescens* (caminheiro-zumbidor). R, C

Encontrado em terrenos planos, geralmente úmidos ou encharcados. Dieta insetívora (hemípteros e coleópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

151) *Coereba flaveola* (cambacica). R, C
Figura 86



Figura 86. *Coereba flaveola* (cambacica).

Habita beiras de florestas, jardins e matagais com vegetação exuberante. Essencialmente nectarívoro, complementando sua dieta com a ingestão de insetos (lepidópteros, coleópteros, dípteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

152) *Saltator similis* (trinca-ferro-verdadeiro). R, C
Figura 87



Figura 87. *Saltator similis* (trinca-ferro-verdadeiro).

Encontrado em florestas. Dieta onívora, predominantemente insetívora complementada por frutos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, MO, SI, DJ, BG, BB, BT.

153) *Lanio cucullatus* (tico-tico-rei). R, C
Figura 88



Figura 88. *Lanio cucullatus* (tico-tico-rei).

Ocupa beiras de florestas, cercas-vivas, capoeiras e áreas cultivadas. Dieta onívora, mas com predomínio de insetos (coleópteros e himenópteros). Consome sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BC, BC, BB, BT.

**154) *Tangara sayaca* (sanhaçu-cinzento). R, C
Figura 89**



Figura 89. *Tangara sayaca* (sanhaçu-cinzento).

Ocupa uma variedade de *habitats*, incluindo florestas, matas abertas, jardins e plantações de eucaliptos em campos. Dieta onívora, com preferência herbívora com o consumo de sementes e frutos, incluindo na dieta a ingestão de insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

155) *Tangara palmarum* (sanhaçu-do-coqueiro). R, E

Geralmente observado no alto de palmeiras. Dieta onívora com preferência para sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: ZU.

**156) *Tangara preciosa* (saíra-preciosa). R, C
Figura 90**



Figura 90. *Tangara preciosa* (saíra-preciosa).

Ocupa florestas, jardins e fragmentos de mata. Dieta onívora com preferência herbívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, SI, BG, BB, BT.

**157) *Stephanophorus diadematus* (sanhaçu-frade). R, C
Figura 91**



Figura 91. *Stephanophorus diadematus* (sanhaçu-frade).

Ocupa florestas, matas abertas, jardins e arbustos altos em banhados. Dieta frugívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**158) *Paroaria coronata* (cardeal). R, C
Figura 92**



Figura 92. *Paroaria coronata* (cardeal).

Prefere terrenos abertos com árvores, arbustos e beira de banhados. Onívora, consome tanto insetos como sementes e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), VI(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC.

**159) *Paroaria capitata* (cavalaria). R, I
Figura 93**



Figura 93. *Paroaria capitata* (cavalaria).

Sua ocorrência na região provavelmente se deve a intervenção humana (ACCORDI; BARCELLOS-SILVEIRA, 2005) (Figura 90). Dieta onívora, consistindo de insetos e frutos.

Conservação: NA.

Outros registros: DJ.

**160) *Pipraeidea melanonota* (saíra-viúva). R, C
Figura 94**



Figura 94. *Pipraeidea melanonota* (saíra-viúva).

Ocupa os estratos superiores de florestas. Dieta frugívora.

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, ZU, DJ, BG, BB.

**161) *Pipraeidea bonariensis* (sanhaçu-papa-laranja). R, C
Figura 95**



Figura 95. *Pipraeidea bonariensis* (sanhaçu-papa-laranja).

Encontrado em jardins, pomares, parques, áreas abertas com árvores e matas ralas. Dieta onívora com preferência herbívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

162) *Tersina viridis* (saí-andorinha). M, I

Encontrada em clareiras de florestas parcialmente desmatadas e beiras de florestas com tocos e árvores altas. Essencialmente frugívora, podendo consumir sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), IT.

**163) *Dacnis cayana* (saí-azul). R, I
Figura 96**



Figura 96. *Dacnis cayana* (saí-azul).

Residente em alturas moderadas de matas e jardins. Trata-se do primeiro registro para a região. Onívora, com preferência insetívora. Inclui-se na dieta da espécie frutos e sementes.

Conservação: NA.

**164) *Zonotrichia capensis* (tico-tico). R, C
Figura 97**



Figura 97. *Zonotrichia capensis* (tico-tico).

É encontrado em praticamente todos os tipos de *habitat*, desde o interior de florestas até beiras de banhados longe de qualquer árvore. Onívora com preferência herbívora-granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), BR(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

165) *Ammodramus humeralis* (tico-tico-do-campo). R, C

Habita campos abertos, plantações, beiras de estradas e *habitats* abertos em geral. Dieta onívora com preferência granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.

166) *Donacospiza albifrons* (tico-tico-do-banhado). R, C

Ocupa valas com inços em beiras de estradas, capins altos em beiras de banhados e capoeiras.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB.

167) *Poospiza nigrorufa* (quem-te-vestiu). R, C

Habita beiras de banhados e terrenos abandonados com arbustos, geralmente perto d'água.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), BR(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

168) *Poospiza cabanisi* (quete). R, C

Ocupa matas abertas e beiras de florestas. Dieta frugívora constitui de sementes e grãos miúdos em geral.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, DJ, BG, BB.

**169) *Sicalis flaveola* (canário-da-terra-verdadeiro). R, C
Figura 98**



Figura 98. *Sicalis flaveola* (canário-da-terra-verdadeiro).

Ocupa capoeiras abertas, cercas-vivas, beiras de estradas, plantações, gramados de jardins, beiras de mata. Dieta essencialmente granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

170) *Sicalis luteola* (tipio). R, C

Encontrado em campos abertos, plantações de cereais e pastagens úmidas. Dieta essencialmente granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

171) *Embernagra platensis* (sabiá-do-banhado). R, C

Encontrado em terrenos abertos com capim alto e inços, com uma preferência definida por lugares pantanosos. Essencialmente insetívoro (coleópteros, ortópteros), mas também pode consumir pequenos vertebrados (anfíbios).

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**172) *Volatinia jacarina* (tiziú). R, C
Figura 99**



Figura 99. *Volatinia jacarina* (tiziú).

Encontrado em campos cobertos com inços e com capins altos, beiras de estradas e terrenos abandonados. Essencialmente granívoro, mas também pode consumir insetos (coleópteros, himenópteros, isópteros, hemípteros).

Conservação: NA.

Outros registros: IT, SI, ZU, DJ, BG, BB.

173) *Sporophila caerulescens* (coleirinho). R, C

Ocupa capoeiras, campos com capins altos, beiras de estradas, jardins, cercas-vivas, frequentemente perto d'água. Essencialmente granívoro.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

174) *Cyanoloxia brissonii* (azulão). R, C

Encontrado em florestas, matas abertas e capoeiras. Dieta onívora constitui-se de sementes, frutos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: VI (†), PA(†), IT, ZU, BG, BB, BT.

175) *Cyanoloxia glaucocerulea* (azulinho). R, I

Encontrado em florestas, beiras de matas e capoeiras. Essencialmente granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, DJ, BG, BB, BT.

176) *Parula pitiayumi* (mariquita). R, C

Figura 100



Figura 100. *Parula pitiayumi* (mariquita).

Encontrada em árvores latifoliadas em florestas, parques e jardins, geralmente no alto. Dieta a base de insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), GU(†), BR(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

177) *Geothlypis aequinoctialis* (pia-cobra). R, C
Figura 101



Figura 101. *Geothlypis aequinoctialis* (pia-cobra).

Pode ser encontrado em arbustos e em emaranhados de plantas em áreas abertas, margeando banhados, riachos e áreas pantanosas. Dieta insetívora (coleópteros, lepidópteros, himenópteros).

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), BR(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

178) *Basileuterus culicivorus* (pula-pula). R, C

Utiliza o estrato médio de florestas ou capões. Essencialmente insetívoro.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**179) *Basileuterus leucoblepharus* (pula-pula-assobiador). R, C
Figura 102**



Figura 102. *Basileuterus leucoblepharus* (pula-pula-assobiador).

Habita florestas, pedaços de mata e capoeiras bem sombreadas. Essencialmente insetívoro.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**180) *Icterus pyrrhopterus* (encontro). R, I
Figura 103**



Figura 103. *Icterus pyrrhopterus* (encontro).

Ocupa o estrato médio e superior de matas, especialmente florestas de galeria. Onívoro com preferência carnívora (moluscos e artrópodes).

Conservação: NA.

Outros registros: AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**181) *Amblyramphus holosericeus* (cardeal-do-banhado). R, I
Figura 104**



Figura 104. *Amblyramphus holosericeus* (cardeal-do-banhado).

Ocupa banhados com juncos ou outras vegetações altas. Dieta onívora constitui-se de artrópodes (insetos e pequenos anfíbios) e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), VI(†), BR(†), ZU, DJ, BG, BC, BB.

182) *Agelasticus thilius* (sargento). R, C

Encontrado em banhados. Preferência herbívoro-granívora consome pequenos moluscos na dieta.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB.

183) *Chrysomus ruficapillus* (garibaldi). R, C
Figura 105



Figura 105. *Chrysomus ruficapillus* (Garibaldi).

Encontrado em banhados com juncos e arrozais. Dieta onívora com preferência granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: BR(†), IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB.

184) *Pseudoleistes guirahuro* (chopim-do-brejo). R, C

Habita campos ondulantes, bem drenados perto de áreas com banhados. Dieta onívora composta basicamente de insetos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: GU(†), AI, IT, DJ, BG, BB, BT.

185) *Agelaioides badius* (asa-de-telha). R, C
Figura 106



Figura 106. *Agelaioides badius* (asa-de-telha).

Encontrado em terrenos abertos ou com capoeiras com árvores ou arbustos. Dieta onívora com preferência granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), VI(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

186) *Molothrus bonariensis* (vira-bosta). R, C

Ocupa campos de cereais, pastagens, terreiros de fazendas, jardins de cidades, beiras de matas e terrenos abandonados com inços crescidos. Dieta onívora com preferência granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**187) *Sturnella superciliaris* (polícia-inglesa).
R, C
Figura 107**



Figura 107. *Sturnella superciliaris* (polícia-inglesa).

Quase sempre é encontrado na vizinhança de plantações de cereais, tais como arroz, sorgo ou trigo. Dieta onívora composta de insetos e sementes.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(+), PA(+), GU(+), BR(+), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**188) *Sporagra magellanica* (pintassilgo).
R, C**

Habita matas abertas, jardins, terrenos com ervas e terrenos abertos com árvores espalhadas. Dieta essencialmente granívora.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(+), GU(+), ZU, BG, BB.

**189) *Euphonia chlorotica* (fim-fim). R, C
Figura 108**



Figura 108. *Euphonia chlorotica* (fim-fim).

Ocupa a copa de florestas e áreas com matas. Dieta essencialmente frugívora.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(+), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

**190) *Euphonia cyanocephala* (gaturamo-rei).
R, I
Figura 109**



Figura 109. *Euphonia cyanocephala* (gaturamo-rei)

Ocupa matas abertas, jardins e florestas. Dieta onívora consistindo de pequenos frutos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, ZU, BG, BB, BT.

191) *Euphonia pectoralis* (gaturamo-serrador). R, C

Ocupa os estratos médios a superior de florestas. Dieta onívora que consiste de frutos e insetos.

Conservação: NA.

Outros registros: PA(†), AI, IT, SI, DJ, BG.

192) *Estrilda astrild* (bico-de-lacre). R, I

Encontrada em áreas abertas com pastagens nativas ou exóticas. Dieta granívora.

Conservação: NA (introduzida).

Outros registros: MO, ZU, DJ, BG.

193) *Passer domesticus* (pardal). R, C
Figura 110



Figura 110. *Passer domesticus* (pardal).

Habita paisagens urbanas e rurais, geralmente perto de construções, estradas ou linhas de transmissão. Dieta onívora que consiste de uma variedade de itens, que vão desde artrópodes (aracnídeos, insetos) até sementes e frutos e migalhas de pão.

Conservação: exótica.

Outros registros: VI(†), PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BC.

Espécies de ocorrência potencial na área da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger

1) *Crypturellus obsoletus* (inambugaçu). R, C

Habita o solo de florestas, incluindo áreas relativamente pequenas, como fragmentos florestais.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), AI, IT, SI, ZU, BG, BB, BT.

2) *Nothura maculosa* (perdiz). R, C

Encontrada em campos e terrenos abertos onde a vegetação seja suficientemente baixa e não densa demais.

Conservação: NA.

Registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, SI, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

3) *Dendrocygna bicolor* (marreca-caneleira). R, C

Frequenta banhados, arrozais e lagos com vegetação aquática.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), IT, ZU, DJ, BG, BC.

4) *Dendrocygna autumnalis* (marreca-asa-branca). D

Há um registro histórico para Porto Alegre (Pinto 1964). Os registros recentes estavam limitados ao extremo oeste do estado (GUADAGNIN *et al.*, 1995), mas recentemente foi observada em uma área úmida junto ao Pólo Petroquímico de Triunfo (obs. pess.).

Conservação: NA.

Registros: PA(†).

5) *Coscoroba coscoroba* (capororoca). R, I

Encontrada perto de banhados grandes, lagos, lagoas e pastagens úmidas.

Conservação: NA.

Registros: BG, BC.

6) *Callonetta leucophrys* (marreca-de-coleira). D, E

Escassa na época das observações de Belton (1994), essa marreca tem sido encontrada em várias áreas em anos recentes.

Conservação: NA.

Registros: BG, BC, BB.

7) *Anas georgica* (marreca-parda). R, C

Ocorre em pequenos lagos, açudes e banhados, geralmente em terrenos abertos.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BG, BC.

8) *Nomonyx dominica* (marreca-de-bico-roxo). R, C

Marreca de hábitos mais discretos e, portanto, mais difícil de ser encontrada. Habita lagos e açudes com vegetação baixa e densa.

Conservação: NA.

Registros: BR(†, OLIVEIRA-JÚNIOR, 1999), SI.

9) *Tachybaptus dominicus* (mergulhão-pequeno). R, I

Habita açudes e reservatórios de tamanho pequeno a médio.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), DJ.

10) *Botaurus pinnatus* (socó-boi-baio).

De difícil observação, devido a seus hábitos crípticos e sazonais.

Conservação: NA.

Registros: VI(†), BR(†), BG, BT.

11) *Ixobrychus involucris* (socoí-amarelo)

Ocupa banhados rasos e áreas alagadas com capim alto ou juncos, geralmente em terrenos abertos e planos.

Conservação: NA.

Registros: IT, ZU, SI.

12) *Egretta caerulea* (garça-azul). V, R

Poucos registros para o Rio Grande do Sul, havendo dois registros para a região.

Conservação: NA.

Registros: ZU, BG.

13) *Theristicus caerulescens* (maçarico-real). R, I

Encontrado em banhados, pântanos, campos úmidos ou alagados e em campos secos, não muito longe de açudes e terras pantanosas.

Conservação: NA.

Registros: BG, BC, BB, BT.

14) *Theristicus caudatus* (curicaca). R, C

Habita áreas com campos ondulados ou acidentados cobertos de capim, capões esparsos

e bastante umidade em riachos, terrenos pantanosos e açudes.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), BG, BT.

15) *Cathartes burrovianus* (urubu-de-cabeça-amarela). R, I

É vista com mais frequência sobre terrenos úmidos, tais como campos alagados e arrozais.

Conservação: NA.

Registros: IT, SI, DJ, BG, BB, BT.

16) *Accipiter striatus* (gaviãozinho). R, I

Ocupa florestas, matas de galeria e áreas abertas com árvores. Por causa de seu tamanho diminuto e hábitos florestais, é de difícil visualização, por isso pode ser mais comum do que aparenta.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), IT, MO, BG, BB, BT.

17) *Busarellus nigricollis* (gavião-velho). D, R

Há dois registros para a região: Pólo Petroquímico em triunfo (BELTON, 1994) e várzea do rio dos Sinos nos arredores de Glorinha (ACCORDI; BARCELLOS, 2006).

Conservação: VU(RS).

Registros: BG.

18) *Urubitinga urubitinga* (gavião-preto). R, I

Encontrado em margens de florestas, zonas agrícolas e campos, frequentemente perto d'água.

Conservação: NA.

Registros: IT, ZU, DJ, BG, BC, BB.

19) *Geranoaetus albicaudatus* (gavião-de-rabo-branco). R, I

Ocorre em terrenos abertos ou beiras de matas, sendo mais comumente encontrado em postes em fazendas de criação de gado.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BG, BB.

20) *Buteo swainsoni* (gavião-papagafo). N, R

Migrante de verão oriundo do hemisfério norte. Há um registro histórico para Rio Grande (IHERING, 1899) e registros recentes concentrados no extremo oeste (BELTON, 1994; ACCORDI, 2003) e extremos sul do estado (MAURÍCIO; DIAS, 2000, obs. Pess.). Um

indivíduo anilhado recuperado em Nova Santa Rita (LARA-RESENDE; LEAL, 1982) indica que a espécie pode ocorrer na região ao menos esporadicamente.

Conservação: NA.

Registros: DJ.

21) *Falco femoralis* (falcão-de-coleira). R, I

Encontrado em campo aberto, frequentemente perto de matas.

Conservação: NA.

Registros: DJ, BG, BT.

22) *Falco peregrinus* (falcão-peregrino). N, R

Há vários registros datados do século XX para Porto Alegre (ALBUQUERQUE, 1978; LARA-RESENDE; LEAL, 1982; FONTANA, 2005) e recentemente foi observado na lagoa dos Gateados (BENCKE, *et al.*, 2007).

Conservação: NA.

Registros: ZU.

23) *Laterallus leucopyrrhus* (sanã-vermelha). D, R

Situação de ocorrência desconhecida e considerada rara, mas devido a seus hábitos mais crípticos e vocalização muito parecida com a do congênere (*L. Melanophaius*), pode ser mais comum do que se supunha.

Conservação: NA.

Registros: BB, BB.

24) *Porphyrio martinica* (frango-d'água-azul). M, C

Ocupa banhados, riachos cobertos com aguapés e arrozais.

Conservação: NA.

Registros: IT, SI, ZU, DJ, BG, BB.

25) *Fulica armilata* (carqueja-de-bico-manchado). R, I

Ocorre em banhados, lagos e açudes, incluindo áreas relativamente grandes de águas abertas.

Conservação: NA.

Registros: BC.

26) *Fulica leucoptera* (carqueja-de-bico-amarelo). R, I

Habita banhados, lagos e açudes.

Conservação: NA.

Registros: BG, BC, BB.

**27) *Pluvialis dominica* (batuiruçu).
N, C**

28) *Pluvialis squatarola* (batuiruçu-de-axila-preta). N, I

Encontradas em praias de mar, planícies lamacentas e pastagens alagadas.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BC.

**29) *Charadrius collaris* (batuira-de-coleira).
R, C**

Encontrado em praias de mar e planícies arenosas ou com capim.

Conservação: NA.

Registros: IT, BC, BB, BT.

30) *Bartramia longicauda* (maçarico-do-campo). N, E

Encontrada em campo aberto. Apenas (BELTON, 1994) aponta sua presença para a região.

Conservação: NA.

31) *Actitis macularius* (maçarico-pintado). N, R

Na região há registros do início do século XX para Porto Alegre (PINTO, 1938) e Guaíba (GLIESCH, 1930) e um do início da década de 1980 para Itapuã (FALLAVENA; SILVA, 1981).

Conservação: NA.

Registros: PA(+), GU(+), IT.

32) *Tringa melanoleuca* (maçarico-grande-de-perna-amarela). N, C

33) *Tringa flavipes* (maçarico-de-perna-amarela). N, C

Residentes de verão que ainda não foram registrados na REBIOJL, com registros em várias áreas da região.

Conservação: NA.

Registros: GU(+), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

34) *Calidris fuscicollis* (maçarico-de-sobre-branco). N, C

Ocorre comumente ao longo de praias de mar e ocasionalmente perto de lagos pequenos e na beira de açudes.

Conservação: NA.

Registros: IT.

**35) *Calidris melanotos* (maçarico-de-colete).
N, I**

Encontrado em margens com gramíneas de lagos pequenos e açudes, valas na beira de estadas e extensões de água não permanentes em capôs e pastagens.

Conservação: NA.

Registros: IT, BB.

36) *Tryngites subruficollis* (maçarico-acanelado). N, C

Encontrado em áreas úmidas com gramíneas.

Conservação: QU(GL), VU(RS).

Registros: IT.

37) *Nycticryphes semicollaris* (narceja-de-bico-torto). M#, R

Migrante de verão que ocupa áreas agrícolas, considerada rara e de difícil observação.

Conservação: NA.

Registros: DJ, BC.

38) *Chroicocephalus cirrocephalus* (gaiivota-de-cabeça-cinza). D, R

Belton (1994) não apontou a ocorrência dessa gaiivota para a bacia do Guaíba, mas um registro para o rio dos Sinos (VOSS, 1977a) e outro para o delta do Jacuí (ACCORDI *et al.*, 2001) indicam a presença dessa espécie na região.

Conservação: NA.

Registros: DJ.

**39) *Sternula superciliaris* (trinta-réis-anão).
R, I**

Residente ao longo do litoral, na parte inferior do rio Uruguai e em vários pontos no interior, na Depressão Central e porção meridional do estado, perto do oceano, em banhados de água doce no interior, lagos, açudes e rios.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BC, BT.

40) *Sterna hirundo* (trinta-réis-boreal). N, I

As grandes maiorias dos registros são para localidades junto à costa, mas há um para Itapuã (FALLAVENA; SILVA, 1981), o que indica que o trinta-réis-boreal pode ocorrer na região ao menos eventualmente.

Conservação: NA.

Registros: IT.

- 41) *Sterna hirundinacea* (trinta-réis-de-bico-vermelho). S, C**
Presente em praias de mar de todo o estado e, ocasionalmente, perto de banhados de água doce e em lagos no interior, ao longo do litoral.
Conservação: NA.
Registros: IT, BG.
- 42) *Sterna trudeaui* (trinta-réis-de-coroa-branca). R, C**
Habita praias de mar, lagos interiores e açudes em toda a extensão do litoral, oeste do estado e um pouco além de Porto Alegre na Depressão Central.
Conservação: NA.
Registros: IT, BC.
- 43) *Patagioenas cayennensis* (pomba-galega). M#, I**
Encontrada em florestas e áreas com matas abertas em localidades dispersas ao norte da Depressão Central e do vale do Ibicuí. É considerada vulnerável a extinção no estado por ter sido poucas vezes avistada nos últimos anos e população aparentemente em diminuição (BENCKE *et al.*, 2003). Os registros mencionados por Bencke *et al.* (2003) se situam todos na metade norte do Estado. Recentemente, no entanto, a pomba-galega foi registrada em ao menos três áreas na metade sul do Rio Grande do Sul, uma vez em Piratini na Serra do Sudeste (VOTORANTIM CELULOSE E PAPEL, 2006), outra em São Francisco do Sul na Campanha (ACCORDI *et al.*, 2007) e outra no horto florestal Barbanegra (obs. Pess.), próximo a REBIOJL.
Conservação: VU(RS).
Registros: BB.
- 44) *Leptotila rufaxilla* (juriti-gemeadeira). R, C**
Encontrada na maioria das regiões com matas.
Conservação: NA.
Registros: PA(†), IT, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.
- 45) *Geotrygon montana* (pariri). R, I**
Habita o chão de florestas, mas voa algumas vezes para fora delas. Espécie menos conspicua e, portanto provavelmente mais comum do que os atuais registros apontam.
Conservação: NA.
Registros: IT, ZU, BB.
- 46) *Brotogeris chiriri* (periquito-de-encontro-amarelo). R, I**
Esse periquito exótico no Rio Grande do Sul vem sendo registrado regularmente na zona urbana de Porto Alegre há mais de uma década (BENCKE, 2001; FONTANA, 2005), podendo ser considerado estabelecido na cidade (BENCKE *et al.*, 2010).
Conservação: exótico.
Registros: ZU.
- 47) *Amazona aestiva* (papagaio-verdadeiro). R, I**
Ocorre como espécie introduzida na zona urbana de Porto Alegre há mais de 15 anos, podendo ser considerado estabelecido em Porto Alegre (BENCKE *et al.*, 2010).
Conservação: exótico.
Registros: ZU.
- 48) *Megascops sanctaecatarinae* (corujinhado-sul). R, C**
Habita florestas, matas abertas e jardins de cidades.
Conservação: NA.
Registros: IT, SI, ZU, DJ, BG, BB.
- 49) *Glaucidium brasilianum* (caburé). R, R**
Espécie cuja situação ainda não é bem conhecida para o Rio Grande do Sul. Belton (1994), a considerou rara e mencionou apenas dois registros atuais para todo o estado. Nos últimos anos foi registrado em cinco localidades na metade sul do estado: Cacequi (ACCORDI *et al.*, 2007), Varzinha (ACCORDI, 2003b), Piratini (VOTORANTIM CELULOSE E PAPEL, 2006), Arroio dos Ratos (obs. Pess.) e butiazais de Tapes (BENCKE, *et al.*, 2007), além de um registro histórico para Arroio Grande (BELTON, 1994).
Conservação: NA.
Registros: BT.
- 50) *Athene cunicularia* (coruja-do-campo). R, C**
Encontrada em campos abertos e pastagens.
Conservação: NA.
Registros: VI(†), PA(†), GU(†), AI, IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.
- 51) *Nyctibius griseus* (urutau). M#, C**
Espécie muito mais ouvida do que vista. Habita matas abertas e beiras de florestas.

Conservação: NA.
Registros: VI(†), BG.

52) *Lurocalis semitorquatus* (tuju). M#, C

Encontrado em clareiras de florestas, matas abertas e áreas suburbanas com árvores.

Conservação: NA.
Registros: BB, BT.

53) *Hydropsalis albicollis* (bacurau). R, E

Ocupa margens de florestas e estradas em matas abertas. Espécie poucas vezes registrada até os tempos de Belton (1994), mas com vários registros recentes para a metade sul do estado (ACCORDI, 2003; VOTTO *et al.*, 2006). Na região já havia um registro mais antigo para Itapuã (FALLAVENA; SILVA, 1981) e recentemente foi registrado nos banhados dos Pachecos e do Brejo (ACCORDI; BARCELLOS, 2006; ACCORDI; HARTZ, 2006).

Conservação: NA.
Registros: IT, BG, BB.

54) *Hydropsalis parvula* (bacurau-pequeno). M, C

Encontrado no chão em matas abertas e plantações de eucaliptos. É outro bacurau que parece ter colonizado recentemente a região. Há um registro mais antigo para Sapucaia do Sul (VOSS, 1977a) e quatro recentes para a região: Porto Alegre (FONTANA, 2005), Banhado dos Pachecos (obs. Pess.), banhado do Brejo (ACCORDI; BARCELLOS, 2006) e Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.).

Conservação: NA.
Registros: ZU, BG, BB.

55) *Hydropsalis longirostris* (bacurau-da-telha). D, D

Bacurau que parece ter se especializado em colonizar áreas urbanas (SICK, 1997). O primeiro registro para o Rio Grande do Sul foi para uma pedra em Casca, norte do estado (BELTON, 1978), sendo em seguida observado em Itapuã (FALLAVENA; SILVA, 1981). Recentemente há registros na região para as áreas urbanas de Canoas (ACCORDI, 2001) e Porto Alegre (FONTANA, 2005) e Morro do Osso (FONTANA, 2005).

Conservação: NA.
Registros: IT, MO, ZU.

56) *Chordeiles nacunda* (corucão). M, C

Geralmente é observado caçando sobre banhados, açudes, terrenos abertos e mesmo em áreas urbanas. Descansa em afloramentos rochosos no campo.

Conservação: NA.
Registros: BR(†), BG, BC.

57) *Cypseloides fumigatus* (andorinhão-preto-da-cascata). R, C

Voa sobre cânions e seus arredores e sobre banhados, fazendo pousada em penhascos e atrás de cascatas.

Conservação: NA.
Registros: MO, ZU, BG.

58) *Cypseloides senex* (andorinha-velho-da-cascata). D, D

A situação dessa espécie ainda é desconhecida no Rio Grande do Sul. O primeiro registro da espécie no estado foi de um indivíduo encontrado morto na área urbana de Porto Alegre (BENCKE, 2001). Oliveira (2011) apontou outras oito localidades onde a espécie foi recentemente registrada em pontos espalhados o quadrante nordeste do estado, de onde se infere que podem ocorrer colônias na região.

Conservação: NA.
Registros: ZU.

59) *Streptoprocne zonaris* (andorinhão-de-coleira). R, C

Voa sobre campos, florestas, cânions, banhados e praias, Faz pouseiro e nidifica em cavernas.

Conservação: NA.
Registros: PA(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG.

60) *Aphantochroa cirrochloris* (beija-flor-cinza). D, D

Os registros seguros apontavam apenas o litoral norte como área de ocorrência da espécie no estado (BENCKE *et al.*, 2003). No entanto, a espécie foi fotografada no Jardim Botânico de Porto Alegre em janeiro de 2009 (BOER, 2009) o que, aliado a um registro duvidoso para o delta do Jacuí (BELTON, 1994) abre a possibilidade de ocorrência da espécie ao menos esporadicamente para a região.

Conservação: EP(RS).
Registros: ZU, DJ(?).

61) *Florisuga fusca* (beija-flor-preto-de-rabo-branco). R, E**Conservação:** NA.**Registros:** MO, ZU, BB, BT.**62) *Anthracothorax nigricollis* (beija-flor-de-veste-preta). R, I****Conservação:** NA.**Registros:** PA(†), BR(†), ZU.**63) *Stephanoxis lalandi* (beija-flor-de-topete). R, C**

Prefere bordas de matas com arbustos perto de riachos ou áreas pantanosas.

Conservação: NA.**Registros:** PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, BG, BB, BT.**64) *Thalurania glaucopsis* (beija-flor-de-fronte-violeta). R, C**

Para a margem leste do Guaíba há apenas um registro histórico do início do século XX (GLIESCH, 1930), mas para a outra margem a espécie foi anotada no horto florestal Barbanegra (obs. pess.) o que torna provável sua ocorrência na área da REBIOJL.

Conservação: NA.**Registros:** PA(†), BB.**65) *Leucochloris albicollis* (beija-flor-de-papo-branco). R, C****Conservação:** NA.**Registros:** PA(†), GU(†), IT, SI, ZU, BG, BB.**66) *Geositta cunicularia* (curriqueiro). R, C**

Habita solos arenosos ao longo de todo o litoral e em certos lugares nos morros que ficam ao lado da margem oeste da laguna dos Patos.

Conservação: NA.**Registros:** VI(†), GU(†), IT, ZU, DJ, BG, BC, BT.**67) *Sittasomus griseicapillus* (arapaçu-verde). R, C**

Encontrado no interior de florestas e matas.

Conservação: NA.**Registros:** PA(†), AI, IT, MO, SI, ZU, DJ, BG, BB, BT.**68) *Dendrocolaptes platyrostris* (arapaçu-grande). R, C**

Encontrado no interior de florestas.

Conservação: NA.**Registros:** PA(†), AI, IT, SI, BB.**69) *Phleocryptes melanops* (bate-bico). R, C**

Ocupa juncais ao longo do litoral e ocasionalmente no interior das vizinhanças de Porto Alegre.

Conservação: NA.**Registros:** BR(†), IT, DJ, BG, BC, BB, BT.**70) *Phacellodomus striaticollis* (tio-tio). R, I**

Habita áreas com arbustos e capoeiras perto da água na parte sul do litoral e nos morros do sul do estado. Na região há um registro da década de 1970 para a área do Aeroporto Salgado Filho (VOSS; WIDHOLZER, 1980) e outro mais recente para o Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006).

Conservação: NA.**Registros:** ZU, BG.**71) *Phacellodomus ferrugineigula* (João-botina). R, I**

Encontrado em pântanos e áreas com banhados, geralmente com arvoretas ou arbustos altos.

Conservação: NA.**Registros:** AI, BG.**72) *Synallaxis frontalis* (petrim). R, C**

Habita capoeiras e terrenos com arbustos. É considerado comum a oeste de 55°30' e no litoral ao sul de 32°. Acima dessa latitude foi registrado em floresta de restinga junto à desembocadura do Guaíba no horto florestal Barbanegra (obs. pess.).

Conservação: NA.**Registros:** BB.**73) *Synalaxis albescens* (uí-pi). D, D**Registros recentes estão restritos a ponta oeste do estado em remanescentes de vegetação de espinhinho (BENCKE *et al.*, 2003). Há dois registros para a REBIOJL, um na lista do Plano de Manejo e outro realizado por Carlos Gussoni em abril de 2011. Em se tratando de espécie ameaçada no Rio Grande do Sul e por ambos registros carecerem de documentação, optou-se por manter o uí-pi na lista de registros potenciais para a REBIOJL.**Conservação:** VU(RS).**Registros:** REBIOJL(?).**74) *Schiffornis virescens* (flautim). R, C**

Encontrado em interior de florestas espessas.

Conservação: NA.**Registros:** BG.

75) *Tityra cayana* (anambé-branco-de-rabopreto). R, C

Habita florestas e matas abertas.

Conservação: NA.

Registros: MO.

76) *Pachyramphus viridis* (caneleirinho-verde). R, I

Encontrado em copa de florestas.

Conservação: NA.

Registros: PA(+), IT, DJ, BG, BB.

77) *Pachyramphus polychopterus* (caneleirinho-preto). M, C

Habita o estrato médio de matas abertas e florestas.

Conservação: NA.

Registros: PA(+), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BB, BT.

78) *Elaenia mesoleuca* (tuque). M, C

Encontrada em florestas, matas abertas e jardins, geralmente em estratos médios a superiores.

Conservação: NA.

Registros: PA(+), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BB.

79) *Myiopagis viridicata* (guaracava-de-cristal-alaranjada). M#, I

Encontrada em estratos médios e superiores de florestas. Já foi registrada em várias áreas na região como o Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), Banhado do Brejo (ACCORDI; BARCELLOS, 2006) e Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.).

Conservação: NA

Registros: BG, BB.

80) *Phyllomyias fasciatus* (piolhinho). M, C

Geralmente encontrado no alto de árvores em florestas.

Conservação: NA.

Registros: BB.

81) *Pseudocolopteryx sclateri* (tricolino). R, I

Ocorre em capins altos, juncos e tifas em banhados ou nas suas margens.

Conservação: NA.

Registros: BG, BC.

82) *Pseudocolopteryx flaviventris* (amarelinho-do-junco). R, E

Ocorre em margens de banhados em meio a capins altos e juncos.

Conservação: NA.

Registros: BR(+), IT, DJ, BG, BC.

83) *Serpophaga nigricans* (joão-pobre). R, I

Encontrado quase sempre perto da água tanto em riachos quanto em banhados, frequentemente em pedras ou de qualquer outro modo perto da superfície, mas também em áreas pequenas com arbustos e raramente dentro de matas.

Conservação: NA.

Registros: GU(+), BR(+), IT, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

84) *Serpophaga griseicapilla* (alegrinho-trinador). D, D

Pode ter sido confundido com *Serpophaga subcristata* até recentemente e conseqüentemente ter sido subestimada. Os primeiros registros foram para o extremo oeste do estado (BENCKE *et al.*, 2002, BENCKE, 2010) e em seguida foi encontrada na região da lagoa dos Gateados (BENCKE *et al.*, 2007) e também no litoral sul em Rio Grande (JACOBS, 2009).

Conservação: não avaliada.

Registros: BC (BENCKE *et al.* 2007).

85) *Serpophaga munda* (alegrinho-de-barriga-branca). D, D

Era considerado sub-espécie de *S. Subcristata*. Na região foi registrado no banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006).

Conservação: NA.

Registros: BG.

86) *Myiodynastes maculatus* (bem-te-vi-rajado). M, C

Encontrado em florestas e plantações de eucaliptos.

Conservação: NA.

Registros: PA(+), AI, IT, MO, SI, DJ, BG, BB, BT.

87) *Megarynchus pitangua* (neinei). M, C

Habita clareiras, beiras de florestas e capoeiras. Sua presença na grande Porto Alegre foi noticiada na década de 1990 em São Leopoldo (GRILLO; BENCKE, 1995) e Canoas (ACCORDI, 2001).

Conservação: NA.

Registros: DJ, BG, BB.

88) *Empidonomus varius* (peitica). M, C

Ocorre em florestas, matas de galeria e matas abertas.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), GU(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BB, BT.

89) *Pyrocephalus rubinus* (príncipe). M, I

Encontrado em áreas abertas com árvores esparsas, jardins, campos com inço e capoeiras.

Conservação: NA.

Registros: VI(†), GU(†), IT, ZU, DJ, BG, BC.

90) *Cnemotriccus fuscatus* (guaracavuçu). M#, C

Encontrado principalmente em florestas costeiras e restingas arbóreas, considerada vulnerável no Rio Grande do Sul (BENCKE *et al.*, 2003). Registros nas unidades de conservação da natureza do Estadual do RS, Área de Proteção Ambiental do Banhado Grande, e Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (ACCORDI; BARCELLOS 2006, ACCORDI; HARTZ, 2006), indicam que a espécie pode se dispersar para a região ao menos ocasionalmente.

Conservação: VU(RS).

Registros: BG.

91) *Lessonia rufa* (colegial). S, C

Habita praias, beiras de banhados com capim baixo e pastagens que são usadas com intensidade, incluindo algumas pastagens secas longe da água.

Conservação: NA.

Registros: IT, BC.

92) *Knipolegus cyanirostris* (maria-preta-de-bico-azulado). R, C

Encontrado com mais frequência em estrato médio de florestas abertas e sombrias.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BG, BC, BB.

93) *Knipolegus lophotes* (maria-preta-de-penacho). R, C

Ocupa colina com campos abertos, bem drenados.

Conservação: NA.

Registros: BG.

94) *Xolmis cinereus* (primavera). R, I

Encontrada em campos abertos frequentemente na vizinhança de árvores, embora não particularmente perto da água.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), VI(†), GU(†), DJ, BG, BT.

95) *Hylophilus poicilotis* (verdinho-coroadado). R, I

Encontrado no interior e em bordas de florestas.

Conservação: NA.

Registros: DJ, BG.

96) *Alopochelidon fucata* (andorinha-morena). R, I

Encontrada com mais frequência em áreas abertas ou parcialmente abertas.

Conservação: NA.

Registros: GU(†), AI, IT, MO, ZU, DJ, BG, BC, BB, BT.

97) *Stelgidopteryx ruficollis* (andorinha-serradora). M, I

Encontrada em áreas abertas e clareiras.

Conservação: NA.

Registros: GU(†), IT, MO, DJ, BG, BC.

98) *Tachycineta leucopyga* (andorinha-chilena). S, I

Encontrada sobre banhados e campos planos abertos que margeiam o oceano, lagos costeiros e lagoas.

Conservação: NA.

Registros: ZU, DJ, BG, BC, BT.

99) *Riparia riparia* (andorinha-do-barranco). M, R

Pousa em arames de cerca e em juncos perto ou em banhados e lagos.

Conservação: NA.

Registros: BB.

100) *Hirundo rustica* (andorinha-de-bando). M, C

Encontrada em pastagens planas e úmidas e em banhados ao longo do litoral e para o interior.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), VI, IT, BG, BB, BT.

101) *Petrochelidon pyrrhonota* (andorinha-de-sobre-acanelado). M, I

Ocupa terrenos abertos e banhados.

Conservação: NA.

Registros: BG.

102) *Mimus triurus* (calhandra-de-três-rabos). S, I

Ocorre em áreas abertas com arbustos baixos e árvores espalhadas e em jardins.

Conservação: NA.

Registros: ZU, BG.

103) *Anthus correndera* (caminheiro-de-espora). R, C

Encontrado em planícies úmidas e até mesmo em áreas pouco alagadas, mas é mais abundante em ambientes um pouco mais secos.

Conservação: NA.

Registros: IT, DJ, BC.

104) *Anthus hellmayri* (caminheiro-de-barriga-acanelada). R, C

Prefere colinas secas e rochosas em campos, mas aparece ocasionalmente em terrenos planos mais úmidos.

Conservação: NA.

Registros: GU(†), BG, BC, BT.

105) *Pyrrhocomma ruficeps* (cabecinha-castanha). R, C

Ocupa matagais e arbustos densos de florestas e suas bordas.

Conservação: NA.

Registros: BB.

106) *Tachyphonus coronatus* (tiê-preto). R, C

Encontrado em florestas e matas abertas.

Conservação: NA.

Registros: BG, BB, BT.

107) *Lanio melanops* (tiê-de-topete). R, C

Encontrado em florestas.

Conservação: NA.

Registros: IT, BG, BB.

108) *Hemithraupis guira* (papo-preto). R, C

Habita a copa de florestas.

Conservação: NA.

Registros: IT, BG.

109) *Haplospiza unicolor* (cigarra-bambu). R, I

Encontrado em florestas.

Conservação: NA.

Registros: IT, SI, BB.

110) *Emberizoides herbicola* (canário-do-campo). R, C

Habitante de campos.

Conservação: NA.

Registros: GU(†), GV(†), IT, SI, ZU, BG, BT.

111) *Sporophila collaris* (coleiro-do-brejo). R, E

Ocupa banhados e suas proximidades.

Conservação: VU(RS).

Registros: DJ, BG, BC.

112) *Cacicus chrysopterus* (tecelão). R, C

Encontrado em florestas e áreas abertas com arbustos e árvores perto de matas.

Conservação: NA.

Outros registros: VI(†), AI, SI, DJ, BG, BB.

113) *Gnorimopsar chopi* (graúna). R, C

Habita campos altos e ondulantes, geralmente em lugares com árvores ou capões pequenos.

Conservação: NA.

Outros registros: BT.

114) *Pseudoleistes virescens* (dragão). R, C

Ocupa banhados e campinas úmidas.

Conservação: NA.

Registros: VI(†), GU(†), BR(†), IT, BG, BC, BB, BT.

115) *Molothrus rufoaxillaris* (vira-bosta-picumã). R, C

Encontrado em plantações de cereais, pastagens, terreiros de fazendas, beiras de estradas com inços.

Conservação: NA.

Registros: AI, ZU, DJ, BG, BB.

116) *Euphonia violacea* (gaturamo-verdadeiro). R, E

Habita florestas.

Conservação: VU(RS).

Registros: IT, ZU, BG, BR.

117) *Euphonia chalybea* (cais-cais). R, I

Ocupa florestas e áreas com matas.

Conservação: NA.

Registros: SI, BB.

Espécies que provavelmente já ocorreram na área e não ocorrem mais

1) *Rhea americana* (ema). R, I

Habita campos e pastagens. Atualmente pode ser encontrada dos dois lados do Guaíba nas áreas de baixada ao longo da Coxilha das Lombas, como no Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), Banhado do Brejo (ACCORDI; BARCELLOS, 2006) e mesmo dentro do Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.).

Conservação: QA(GL).

Registros: VI(+), GU(+), BR(+), BG, BB, BT.

2) *Rhynchotus rufescens* (perdigão). R, I

Habitante de campos, preferindo capim alto com inços e arbustos. Há registros históricos do perdigão para Porto Alegre e Guaíba (IHERING; 1889, GLIESCH, 1930), onde atualmente não mais ocorrem. Registros atuais na região foram apontados apenas para Viamão (BELTON, 1994) onde de fato foram encontrados, ocorrendo Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), e no Banhado do Chico Lomã, (ACCORDI; BARCELLOS 2006).

Conservação: NA.

Registros: PA(+), GU(+), BG.

3) *Cairina moschata* (pato-do-mato). R, R

Ocorre em áreas com matas. Há registros para Porto Alegre na década de 1970 (VOSS; WIDHOLZE, R 1980), mas recentemente só tem sido registrado na margem direita do Guaíba (ACCORDI; BARCELLOS, 2006).

Conservação: EP(RS).

Registros: GU(+), ZU, BB.

4) *Sarkidiornis sylvicola* (pato-de-crista). R, R

Vulnerável a extinção no Rio Grande do Sul por causa da destruição ou descaracterização de seus ambientes de reprodução (matas ciliares e áreas úmidas arborizadas) e caça (BENCKE *et al.*, 2003). Belton (1994) restringiu a distribuição geográfica da espécie no estado a Depressão Central, onde há um registro histórico de Gliesch (1930) para Porto Alegre, mas nenhum recente.

Conservação: VU(RS).

Registros: PA(+), DJ, BC.

5) *Penelope obscura* (jacuaçu). R, C

Ocupa pedaços isolados de mata, matas secundárias, capoeiras, plantações e matas de galeria. Embora não existam registros históricos do jacuaçu para a região de Porto Alegre ou mesmo a leste do Guaíba, sua ocorrência atual em áreas florestadas a oeste do Guaíba como o banhado do Brejo (ACCORDI; BARCELLOS, 2006), Horto Florestal Barbanegra (obs. Pess.) e butiazais de Tapes (BENCKE *et al.*, 2007) sugere que já tenha ocorrido também nas florestas da Coxilha das Lombas a leste do Guaíba.

Conservação: NA.

Registros: BB, BT.

6) *Aburria jacutinga* (jacutinga). R, R

Criticamente em perigo de extinção no Rio Grande do Sul por causa da destruição e fragmentação das florestas e caça (BENCKE *et al.*, 2003). Sua distribuição pretérita incluía toda a porção de Mata Atlântica do Rio Grande do Sul (BELTON 1994), incluindo Porto Alegre e Guaíba (IHERING, 1888, 1899).

Conservação: CP(RS).

Registros: PA(+), GU(+).

7) *Circus cinereus* (gavião-cinza). R, R

Há registros históricos e recentes para Viamão (GLIESCH 1930, ACCORDI; HARTZ, 2006). É provável que tenha ocorrido nas baixadas úmidas com vegetação alta ao longo da várzea do Guaíba.

Conservação: VU(BR, RS).

Registros: BG.

8) *Parabuteo unicinctus* (gavião-asa-de-telha). R, R

Na região, há um registro da década de 1970 para Porto Alegre (REICHHOLF, 1974) e outro de 1993 para Guaíba (PACHECO, 1994).

Conservação: EP(RS).

Registros: PA(+), GV(+), GU (Pacheco, 1994).

9) *Geranoaetus melanoleucus* (águia-chilena). R, I

Há dois registros históricos para a região, um para Guaíba no século XIX (IHERING, 1899) e outro para Porto Alegre da década de 1970 (BENCKE *et al.*, 2003). É espécie vulnerável no Rio Grande do Sul, sendo ameaçada principalmente devido à perda de *habitat* e ao seu abate por parte de fazendeiros (BENCKE *et al.*, 2003).

Conservação: VU(RS).

Registros: PA(+), GUA(+).

10) *Micrastur ruficollis* (gavião-caburé). R, I

Habita florestas, geralmente no estrato inferior e frequentemente em vegetação densa. Espécie difícil de ser avistada, mas sua vocalização frequente facilita seu registro. Há um registro histórico para Porto Alegre (GLIESCH, 1930) e nenhum recente, o que faz inferir que não mais ocorre na região.

Conservação: NA.

Registros: PA(+).

11) *Porzana albicollis* (sanã-carijó). D, D

Espécie que parece ter passado despercebida por Belton (1994), mas que tem acumulado vários registros nos últimos anos em regiões distintas do estado como o litoral (ACCORDI, 2008) e a Campanha (ACCORDI, 2003a). Na região já foi registrada no Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), delta do Jacuí (ACCORDI *et al.*, 2001) e butiazais de Tapes (BENCKE *et al.*, 2007). É provável que a sanã-carijó tenha ocorrido na área da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger ou adjacências, mas a conversão das áreas campestres em pastagens fora da reserva e a pouca representatividade de *habitats* campestres dentro dela, pode ter acarretado o desaparecimento da espécie.

Conservação: dados insuficientes.

Registros: DJ, BG, BT.

12) *Cariama cristata* (seriema). R, I

Espécie campestre de grande porte. Não há registros históricos nem recentes para o leste do Guaíba, mas sua ocorrência a leste do Guaíba (BELTON, 1994) inclusive tendo sido registrada recentemente nos butiazais de Tapes (BENCKE *et al.*, 2007) indica que a seriema pode ter ocorrido na área da Reserva Biológica ou adjacências em uma época em que as áreas campestres ainda não se encontravam tão descaracterizadas como se encontram agora.

Conservação: NA.

Registros: BT.

13) *Gallinago undulata* (narcejão). R, R

O narcejão possui registros históricos para Porto Alegre e Guaíba (IHERING, 1899) e atualmente pode ser encontrado no Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006). É provável que já tenha

ocorrido em áreas anteriormente ocupadas por campo alto na REBIOJL e adjacências.

Conservação: VU(RS).

Registros: PA(+), GU(+), BG.

14) *Pyrrhura frontalis* (tiriba-de-testa-vermelha). R, C

Existem registros históricos da tiriba-de-testa-vermelha para o lado oeste do Guaíba (GLIESCH, 1930), mas não para o lado leste. Registros atuais na região estão confinados ao lado oeste nas proximidades da desembocadura na laguna dos Patos (ACCORDI; BARCELLOS, 2006; BENCKE *et al.*, 2007). A presença de *habitat* propício para a ocorrência da tiriba-de-testa-vermelha a leste do Guaíba ainda nos dias atuais oportuniza ao menos inferir que sua presença pretérita pode ter sido uma possibilidade.

Conservação: NA.

Registros: GU(+), ZU, DJ, BB, BC.

15) *Amazona pretrei*. R, I

Espécie globalmente vulnerável a extinção (IUCN, 2011) cuja principal área de distribuição atual se restringe ao Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina (BENCKE *et al.*, 2003). Para a região há apenas registros históricos para Porto Alegre e Guaíba (GLIESCH, 1930).

Conservação: VU(GL, BR, RS).

Registros: PA(+), GU(+).

16) *Asio flammeus* (mocho-dos-banhados). D, D

Existem registros históricos para Porto Alegre (CAMARGO, 1962), o que indica que o mocho-dos-banhados pode ter ocupado *habitats* propícios anteriormente disponibilizados ao longo da orla do Guaíba. Recentemente na região só tem sido registrada no Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006).

Conservação: dados insuficientes.

Registros: PA(+), BG.

17) *Hydropsalis anomala* (curiango-do-banhado). D, D

Em perigo de extinção no Rio Grande do Sul (BENCKE *et al.*, 2003). Na região, foi recentemente registrada no banhado dos Pachecos (ACCORDI, 2002). Da mesma forma que o mocho-dos-

banhados, pode ter ocupado a orla do Guaíba em tempos em que havia *habitat* propício para a espécie: vegetação herbácea alta entremeada com vegetação arbustiva-arbórea (ACCORDI, 2008).

Conservação: QA(GL), EP(RS).

Registros: BG.

18) *Hydropsalis forcipata* (bacurau-tesoura-gigante). D, D

Há um registro histórico para Porto Alegre (GLIESCH, 1930), apontando que a espécie pode ter ocorrido em áreas florestadas da REBIOJL ou adjacências. Há um provável registro recente da espécie para o Banhado dos Pachecos (obs. pess.).

Conservação: NA.

Registros: PA(†), BG(?).

19) *Trogon surrucura* (surucuá variado). R, C

Não há registros históricos ou recentes para a margem leste do Guaíba, mas há registros recentes para a margem oposta no Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.) e butiazais de Tapes (BENCKE *et al.*, 2007) em habitat florestal similar ao encontrado na REBIOJL, o que torna provável a ocorrência ao menos pretérita do surucuá variado na área.

Conservação: NA.

Registros: BB, BT.

20) *Ramphastos toco* (tucanuçu). R, E

A possível ocorrência pretérita do tucanuçu na área da REBIOJL se infere pelo registro recente desta espécie no Horto Florestal Barbanegra em *habitats* similares: bordas de floresta, capões e matas ripárias (BENCKE *et al.*, 2003).

Conservação: VU(RS).

Registros: BB.

21) *Chamaeza campanisona* (tovaca-campanha). R, C

Há registros históricos para Porto Alegre e Guaíba (GLIESCH, 1930). A única localidade onde a tovaca-campanha tem sido registrada recentemente é no Horto Florestal Barbanegra (obs. pess.). Trata-se de uma espécie facilmente detectada por causa de sua vocalização conspícua emitida frequentemente ao longo de todo o dia ao longo de todo o ano. Levando em conta sua vocalização conspícua e a ocorrência histórica para Porto Alegre e Guaíba,

supõe-se que já deva ter habitado as áreas florestadas da REBIOJL e arredores.

Conservação: NA.

Registros: PA(†), GU.

22) *Campyloramphus falcularius* (arapaçu-de-bico-torto). R, R

Há registros recentes do arapaçu-de-bico-torto em florestas ribeirinhas ao longo da porção média do rio Jacuí e foz do Vacacaí (ACCORDI; SILVEIRA, 2006). Na região existe apenas um registro histórico para Porto Alegre (GLIESCH, 1930), o que, aliado ao registro histórico de Taquara (BERLEPSCH; IHERING, 1885), pressupõe que o arapaçu-de-bico-toro devia habitar as porções florestadas da porção norte da bacia do Guaíba, incluindo a área da REBIOJL.

Conservação: NA.

Registros: PA(†).

23) *Limnocites rectirostris* (arredio-do-gravatá). R, C

Na região existe apenas um registro para o Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), cuja população pode ser remanescente de um contingente maior que pode ter ocupado os gravatazais (áreas úmidas com predomínio de gravatás *Eryngium* spp. Apiaceae) ao longo de toda a região e Depressão Central (BENCKE *et al.*, 2003).

Conservação: VU(BR, RS).

Registros: BG.

24) *Carpornis cuculata* (corocoxó). R, I

Recentemente o corocoxó só tem sido registrado no horto florestal Barbanegra (obs. pess.) e butiazais de Tapes (BENCKE *et al.*, 2007), mas há registros históricos que atestam sua ocorrência pretérita em ambas margens do Guaíba, em Viamão (CAMARGO, 1962), Porto Alegre (GLIESCH, 1930) e Guaíba (IHERING, 1899).

Conservação: NA.

Registros: VI(†), PA(†), GU(†), BB.

25) *Polystictus pectoralis* (papa-moscas-canela). D, D

Há dois registros do início do século XX para o Rio Grande do Sul, um para Itaqui (PINTO, 1944) e outro para Porto Alegre (GLIESCH, 1930). Entre 2005 e 2008 o papa-moscas-canela foi registrado em quatro municípios do meio-oeste do Rio Grande

do Sul em áreas com campo alto (KRÜGEL *et al.*, 2008, REPPENING; FONTANA, 2008).

Conservação: VU(BR), dados insuficientes (RS).
Registros: PA(†).

26) *Xolmis dominicanus* (noivinha-de-rabo-preto). R, C

Habita paisagens abertas, incluindo campos sujos próximos a banhados, campos pedregosos e pastagens preferencialmente entremeados de áreas úmidas (BENCKE *et al.*, 2003). Registros recentes se restringem aos Banhados Grande e dos Pachecos, já os históricos abrangem os municípios de Barra do Ribeiro (CAMARGO, 1962), Viamão (GLIESCH, 1930) e Palmares do Sul (BELTON, 1994).

Conservação: VU(GL, RS).
Registros: VI(†), BR(†), BG.

27) *Cistothorus platensis* (corruíra-do-campo). R, R

Habitante de capinzais e macegais em áreas campestres ou pantanosas em perigo de extinção no Rio Grande do Sul. Dois registros para a região, um do século XIX para Guaíba (IHERING, 1899) e outro mais recente para o banhado Grande (ACCORDI; BARCELLOS, 2006).

Conservação: EP(RS).
Registros: GU(†), BG.

28) *Turdus flavipes* (sabiá-una). M, I

Os únicos registros são para o início do século XX em Porto Alegre e Viamão (GLIESCH, 1930).

Conservação: NA.
Registros: VI(†), PA(†).

29) *Tangara cyanoptera* (sanhaçu-de-encontro-azul). R, I

Atualmente confinada a base da escarpa no nordeste do estado ocupando florestas e matas abertas. Um registro histórico para Porto Alegre (GLIESCH, 1930).

Conservação: NA.
Registros: PA(†).

30) *Emberizoides ypiranganus* (canário-do-brejo). R, I

A maioria dos registros se concentra no nordeste do estado, mas também é encontrado no oeste e no sul, em banhados com vegetação densa e campos úmidos e pantanosos com gravatás.

Conservação: NA.
Registros: BG.

31) *Agelasticus cyanopus* (carretão). D, D

Registrado no banhado São Donato e recentemente no Banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006).

Conservação: EP(RS).
Registros: BG.

32) *Xanthopsar flavus* (veste-amarela). R, E

Atualmente encontrada no banhado dos Pachecos (ACCORDI; HARTZ, 2006), mas com registros históricos também para a região de Guaíba.

Conservação: VU(GL, BR, RS).
Registros: GU(†), BG.

Referências Bibliográficas

- ACCORDI, Iury Almeida. Avifauna de três sítios contíguos na zona urbana do Município de Canoas, RS, **Acta Biologica Leopoldensia**, São Leopoldo, v.23, n.1, p. 59-68, 2001.
- ACCORDI, Iury Almeida. New records of the Sicklewinged Nightjar, *Eleothreptus anomalus* (Caprimulgidae), from a Rio Grande do Sul, Brazil wetland. **Ararajuba**, v.10, n.2, p. 227-230, dez. 2002.
- ACCORDI, Iury Almeida. Contribuição ao conhecimento ornitológico da Campanha Gaúcha, **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n.112, mar./abr. 2003a.
- ACCORDI, Iury Almeida. Levantamento e análise da conservação da avifauna na sub-bacia do Baixo-Jacuí, Rio Grande do Sul, Brasil, **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n.114, jul./ago. 2003b.
- ACCORDI, Iury Almeida. **Diversidade e conservação de aves na Planície Costeira do Rio Grande do Sul**. 2008. 127 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- ACCORDI, Iury Almeida; BARCELLOS, André Silveira. Composição da avifauna em oito áreas úmidas da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v.14, n.2, p.101-115, jun. 2006.
- ACCORDI, Iury Almeida; BARCELLOS, André Silveira. Distribuição atual da cavalaria *Paroaria capitata* (Passeriformes: Emberizidae) no Rio Grande do Sul, extensão natural de distribuição ou ação humana? **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, n.123, p. 5-6, 2005.
- ACCORDI, Iury Almeida; HARTZ, Sandra Maria. Distribuição espacial e sazonal da avifauna em uma área úmida costeira do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v.14, n.2, p.117-135, jun. 2006.
- ACCORDI, Iury Almeida; PINHEIRO, G C; OLIVEIRA S. L. **Avifauna da Área de Interesse do empreendimento florestal da Stora Enso no sudoeste do Rio Grande do Sul**: diagnóstico, prognóstico e programas ambientais, relatório técnico. S.l. , 2007. Não publicado
- ACCORDI, Iury Almeida; VÉLEZ, Eduardo; ALBUQUERQUE, E. P. Lista anotada das aves do Parque Estadual do Parque Estadual Delta do Jacuí, RS, **Acta Biologica Leopoldensia**, São Leopoldo, v. 23, n.1, p. 69-81, 2001.
- ALBUQUERQUE, J. L. B. Contribuição ao conhecimento de *Falco peregrinus* Tunstall, 1771 na América do Sul (Falconidae, Aves). **Rev. Bras. Biol.**, v.38, n.3, p.727-737, 1978.
- ALBUQUERQUE, E. P de; REINEHR, S. L; VERRASTRO, Laura. Lista preliminar das aves observadas na área da Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger e Ponta do Cego, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Roessléria**, Porto Alegre, v.8, n.2, p.186-196, 1986.
- BELTON, Willian. Supplementary List of New Birds for Rio Grande do Sul, Brazil. **Auk**, v.95, n.2, p. 413-415, 1978.
- BELTON, Willian. **Aves do Rio Grande do Sul**: distribuição e biologia. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.
- BENCKE, Glaison Ariel. **Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2001. (Publicações Avulsas FZB 10)
- BENCKE, Glaison Ariel. New and significant bird records from Rio Grande do Sul, with comments on biogeography and conservation of the southern brazilian avifauna. **Iheringia**: Sér. Zool. Porto Alegre, v. 100, n.4, p. 391-402, 2010.
- BENCKE, Glaison Ariel et al. Revisão e atualização da lista das aves do Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**: Sér. Zool. Porto Alegre, v.100, n.4, p.519-556, 2010.
- BENCKE, Glaison Ariel et al.(Ed.) **Biodiversidade**: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007. (Biodiversidade 25).
- BENCKE, Glaison Ariel et al.(Ed.) **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- BENCKE, Glaison Ariel; FONTANA Carla S; MENDONÇA-LIMA, André. Registro de dois novos passeriformes para o Brasil: *Serpophaga griseiceps* (Tyrannidae) e *Asthenes pyrrholeuca* (Furnariidae), **Ararajuba**, v.10, n.2, p. 266-269, dez. 2002.
- BENCKE, Glaison Ariel; GRILLO, Hamilton Cesar Z. Range expansion of the Pale-breasted Thrush *Turdus leucomelas* (Aves:Turdidae) in Rio Grande do Sul, Brazil. **Iheringia**: sér. Zool. Porto Alegre, v.79, p.175-176, 1995.
- BERLEPSCH, H. von; IHERING H. V. Die Vögel der umgegend von Taquara do Mundo Novo, Prov. Rio Grande do Sul. **Zeitschr. gesammte Ornith**, p.1-88, 1885.
- BOER, M. (2009). [WA9529, *Aphantochroa cirrochloris* (Vieillot, 1818)]. **Wiki Aves - a enciclopédia das aves**

do

Brasil.

Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/9529>> Acesso em: 22 Nov 2011.

BRETSCHNEIDER, D. D. S.. Nota sobre a alimentação do marrecão, *Netta peposaca* (Vieillot, 1816) em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, Brasil (Aves, Anseriformes, Anatidae). **Iheringia: sér. Zool.** Porto Alegre, v.58, p.31-39, 1981.

CADERMATORI, Cristina Vargas; MACHADO, M. A fauna de vertebrados de um banhado costeiro em área periurbana no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Zociências**, v. 4, n.1, p.31-43, 2002.

CAMARGO, O. R. Aves sul-riograndenses do museu de caça e pesca. **Pesquisas**, v.6, n.14, p. 5-67, 1962.

CAYE, C. E; VOSS W. A. Nota sobre a ocorrência da águia-pescadora, *Pandion haliaetus*, no município de Triunfo, Rio Grande do Sul, Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANILHADORES DE AVES, 5., 1989, Brasília. **Resumos** Brasília: Universidade de Brasília, 1989. p. 2526.

Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011). **Listas das aves do Brasil**. 10. ed. Disponível em <http://www.cbro.org.br>. Acesso em 10 nov. 2011.

CORREA, A. C. A; COLARES R. da C. Aves da praia de Ipanema e seus arredores, Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil, In: REUNIÃO ACADÊMICA DE BIOLOGIA, 4., 1992, São Leopoldo. **Programa e Resumos**. São Leopoldo: UNISINOS, 1992.

EFE, Márcio Amorin et al. Inventário e distribuição da avifauna do Parque Saint'Hilaire, Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil, **Tangara**, v.1, n.1, p.12-25, 2001a

EFE, Márcio Amorin, et al. First-known record of breeding for the Black Skimmer (*Rynchops niger*) in a mixed colony in Ibicuí River, Rio Grande do Sul State, southern Brazil. **Internat. J. Ornithol.**, v.4, n.2, p.103-107, Apr./Jun. 2001b.

FALLAVENA, M. A. B; SILVA, Flávio. Itapuã: um refúgio para as aves. **Natureza em Revista**, Porto Alegre, n.8, p.38-47, 1981.

FONTANA, Carla S. Aves. In: MIRAPALHETE, Simone Rodrigues (org.) **Flora e fauna do Parque Natural do Morro do Osso, Porto Alegre, RS**. Porto Alegre: Secretaria do Meio Ambiente, 2001. p. 82-95

FONTANA, Carla S. A ornitofauna em Porto Alegre no século XX: *status* de ocorrência e conservação. **Comun. Mus. Ciênc. Tecnol. PUCRS**, Sér. Zool., v.18, n.2, p.161-206, 2005.

FORNECK, E. D. **Biótopos naturais florestais nas nascentes do arroio Dilúvio (Porto Alegre, RS), caracterizados por vegetação e avifauna**. 2001, 122 f. Dissertação (Mestrado) - UFRGS, Porto Alegre, 2001.

GRILLO, Hamilton César. Z; BENCKE Glaison Ariel. Aves do Novo Campus da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS, **Acta Biologica Leopoldensia**, São Leopoldo, v.17, n.1, p.123-145, 1995.

GUADAGNIN, Demétrio L.; MALTCHIK Leonardo. *Habitat and landscape factors associated with neotropical waterbird occurrence and richness in wetland fragments*, **Biodiversity and Conservation**, v.16, p.1231-1244, 2007.

GLIESCH, R. Lista das aves coligidas e observadas no estado do Rio Grande do Sul. **Egatea**, Porto Alegre, v.15, n.5, p. 276-292, 1930.

GUADAGNIN, Demétrio L; DOTTO João Carlos PRADELLA; BURGER, Maria Ines. Ocorrência da marreca cabocla *Dendrocygna autumnalis* no noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil. **Hornero**, Buenos Aires, v.14, p.74-75, 1995.

IHERING, H. VON. Die Vögel der Lagoa dos Patos. **Zeitschrift gesammte Ornithologie**, v.4, 1888.

IHERING, H. VON. As aves do Estado do Rio Grande do Sul. In: **Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1900**. Porto Alegre, 1899. p. 113-154.

IUCN 2011. **IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2011.2. Disponível em <www.iucnredlist.org>. Acesso em 23 nov. 2011.

JACOBS, F. (2009). [WA52126, *Serpophaga griseicapilla* Straneck, 2007]. **Wiki Aves** - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/52126>> Acesso em: 23 nov. 2011.

KRÜGEL, M. M.; D. T. et al. Recent records of the Bearded Tachuri *Polystictus pectoralis* (Tyrannidae) (Vieillot 1817) in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v.16, n.4, p.366-368, dez. 2008.

LANCTOT, R. B. et al. Conservation status of the Buff-breasted Sandpiper: historic and contemporary distribution and abundance in South America, **Wilson Bulletin**, v.114, n.1, p. 44-72, 2002.

LARA-RESENDE, S. D. M.; LEAL R. P. Recuperação de anilhas estrangeiras no Brasil. **Brasil Florestal**, v.12, n.52, p.27-53, 1982.

- MAURÍCIO, G. N.; DIAS R. A. New distributional information for birds in southern Rio Grande do Sul, Brazil, and the first record of the Rufous Gnatcatcher *Conopophaga lineata* for Uruguay. **Bull. B.O.C.**, v.120, n.4, p. 230-237, 2000.
- MENDONÇA-LIMA, André; FONTANA Carla S. Composição, frequência e aspectos biológicos da avifauna no Porto Alegre Country Club, Rio Grande do Sul. **Ararajuba**, v.8, n.1, p.1-8, jun. 2000.
- MENDONÇA-LIMA, ANDRÉ. As aves. In: LANGE, O.; GUERRA, T. (Orgs.). **Análise ambiental da sub-bacia do arroio Itapuã**: caderno para educação ambiental. Porto Alegre: Departamento de Ecologia/UFRGS, 2002.
- MOHR, L. V. Primeiro registro documentado da garça-azul *Egretta caerulea* no Rio Grande do Sul. **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, v.116, n.3, 2003.
- MONTEIRO-FILHO, E. L. A. Fishing behavior of yellow-headed caracara, *Milvago chimachima* (Falconidae) in southeast Brazil. **Ciência e Cultura**, Campinas, v.47, n.1/2, p.86-87, 1995.
- OLIVEIRA, R. G. de. Observações sobre a coruja-orelhuda (*Rhinoptynx clamator*), no Rio Grande do Sul (Aves, Strigidae). **Rev. Bras. Biol.**, v.40, n.3, p.599-604, 1980^a.
- OLIVEIRA, S. L. Aves, Apodidae, *Cypseloides senex* (Temminck, 1826): Geographical distribution in the state of Rio Grande do Sul, southern Brazil. **Checklist**, v.7, n.4, p. 473-475, 2011.
- OLIVEIRA-JÚNIOR, R. L. V. de. Registro da marreca bicoroado (*Oxiura dominica* Linné, 1766) no município de Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, v.7, n.1, p.189-190, 1999.
- PACHECO, J. F. O interessante gavião-asa-de-telha (*Parabuteo unicinctus*) no Brasil: um gavião raro? **Atualidades Ornitológicas**, Ivaiporã, v.61, n.13, 1994.
- PETERSON, A. P. (2011) **Zoonomen Nomenclatural data**. Versão 9.025 (2011.10.09). Disponível em <http://www.zoonomen.net/avtax/frame.html>. Acesso em 10 nov. 2011.
- PINTO, O. M. de O. Catálogo das aves do Brasil, 1^o parte. **Revista do Museu Paulista, São Paulo**, v. 22, p.1-566, 1938.
- PINTO, O. M. de O. **Catálogo das aves do Brasil - 2^a parte**. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1944.
- PINTO, O. M. de O. **Ornitologia Brasileira**, 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1994.
- PROCTOR, N. S., P. J. LYNCH (2003). **Manual of Ornithology**. New Haven: Yale University Press, 2003.
- REICHHOL, F. Artenreichtum, Häufigkeit und diversität der Greifvögel in einigen Gebieten von Südamerika. **J. Orn.**, v.115, n.4, p. 381-397, 1974.
- REMSEN JR., J. V., et.al. **A classification of the bird species of South America**. American Ornithologists' Union. Version 28 October 2011. Disponível em <http://www.museum.lsu.edu/~Remsen/SACCBaseline.htm>. Acesso em 10 nov. 2011.
- REPENNING, M.; FONTANA, Carla S. Comunidade de aves em ambiente costeiro de influência fluvial no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ORNITOLOGIA, 12., 2004, Blumenau. **Resumos**. Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2004. p. 342. 1 CDROM
- REPENNING, M.; FONTANA, Carla S. Novos registros de aves raras e/ou ameaçadas de extinção na Campanha do sudoeste do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v.16, p. 58-63, 2008.
- REPENNING, M.; FONTANA Carla S. Estatus de ocorrência del Doradito comun (*Pseudocolopterys flaviventris*) en Rio Grande do Sul, Brasil. **Ornitología Neotropical**, v.20, p.131-136, 2009.
- SANDER, Martin; VOSS, Wallter A. Aves livres observadas no Parque Farroupilha, Porto Alegre, RS, Brasil. **Pesquisas, Sér. Zool.** v.33, p.3-16, 1982.
- SANTOS, M. F. B. DOS; CADEMARTORI, Cristina Vargas. Avifauna registrada em área rural do município de Viamão, RS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ORNITOLOGIA, 15., 2007, Porto Alegre. **Programa e Livro de Resumos**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. p. 76.
- SCHERER, Adriano F.; MARASCHIN-SILVA ; Baptista L. R. de M. Padrões de interações mutualísticas entre espécies arbóreas e aves frugívoras em uma comunidade de restinga no Parque Estadual de Itapuã, RS, Brasil. **Acta Bot. Bras.** São Paulo, v. 21, n.1, p.203-212, 2007.
- SCHUBART, O., A. C. Aguirre; SICK, H. Contribuição para o conhecimento da alimentação das aves brasileiras. **Arquivos de Zoologia**, São Paulo, v.12, p. 95-249, 1965.
- SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- SILVA, M. F. (2007). [WA190789, *Phoenicopterus*



**F
L
O
R
A**

VEGETAÇÃO E FLORA VASCULAR

Cláudio Augusto Mondin¹, Pedro Joel Silva da Silva Filho²

Introdução

A flora de Porto Alegre constitui-se num conjunto de espécies oriundas de regiões muito distintas, como a Amazônia, ao norte, o Chaco, a noroeste, o Pampa e a Patagônia, ao sul, e a mata atlântica, a nordeste, e que aqui ocupam ambientes abertos e florestais nas mais diversas condições hídricas e edáficas.

Este ecótono é propiciado por sua situação geográfica peculiar, uma vez que Porto Alegre se posiciona nos limites das regiões continental e costeira e das zonas temperada e tropical, e assiste ao encontro das planícies aluviais que bordejam o Planalto Meridional com os morros e cristas da Serra do Sudeste e com as escarpas da Serra Geral (MENEGAT *et al.*, 1998).

No município de Porto Alegre, predominam as Áreas de Tensão Ecológica (54,0%) e as Áreas de Formações Pioneiras (45,6%) e apenas uma ínfima representatividade da Floresta Estacional Semidecidual (0,4%) (HASENACK *et al.*, 2008). A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL) está inserida em Área de Tensão Ecológica, referente ao contato Estepe/Floresta Estacional (IBGE, 2004).

A vegetação observada na REBIOLJL é um mosaico de formações herbáceas, arbustivas e arbóreas, determinadas, sobretudo, por fatores topográficos e pedológicos. Assim, nas áreas mais

deprimidas, a vegetação predominante é a de banhado, podendo esta apresentar-se arbustiva ou herbácea. Nos terrenos mais elevados, formados por cordões arenosos, observam-se matas de restinga e matas ciliares, além de campos arenosos em áreas planas e bem drenadas.

A vegetação e, sobretudo, a flora da REBIOLJL ainda é insuficientemente conhecida. Alguns trabalhos foram desenvolvidos após a criação da reserva, como o de Baptista *et al.* (1979) que realizaram um levantamento florístico que levantou 303 espécies vegetais nativas, distribuídas em 85 famílias, além de 22 espécies exóticas, em 16 famílias.

Meira (1996), a partir da interpretação de fotografias aéreas e de levantamentos fitossociológicos, realizou um zoneamento da vegetação da reserva, encontrando os seguintes tipos de cobertura vegetal: banhados; matas ciliares; matas de restinga; capoeiras; maricazais; vassourais; campos pastejados; campos arenícolas; e vegetação de margem. Foram amostradas, nos levantamentos, 34 espécies arbóreas, divididas em 24 famílias botânicas, e 26 espécies herbáceas, em 16 famílias.

Meira e Porto (1998) apresentaram um mapeamento da vegetação da reserva, indicando sete tipologias: campo arenoso; campo seco; campo úmido; floresta; banhado arbustivo; banhado herbáceo; e juncal.

¹Departamento de Biodiversidade e Ecologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil (cmondin@pucrs.br).

²Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Fuhro *et al.* (2005) levantaram 105 espécies de plantas herbáceas, arbustivas e lianas na mata de encosta da Ponta do Cego, localizada no extremo-sul da reserva, pertencentes a 47 famílias.

No Plano de Manejo da REBIOLJL (WITT, 2008) são listadas 262 espécies de plantas para a reserva, distribuídas em 79 famílias. São descritas nove formações vegetais: mata mesófila ou mesohigrófila; mata subxerófila; mata psamófila ou mata de restinga arenosa; matas ripárias, ciliares ou em galeria; mata brejosa; butiazal; capoeira, vassoural, maricazal e sarandizal; banhado; e mata higrófila.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma atualização da lista da flora vascular encontrada na REBIOLJL, bem como fazer uma breve descrição das formações vegetais observadas e caracterizar as formações lenhosas no que se refere à densidade das espécies, à diversidade e à estratificação.

Material e Métodos

Para o levantamento da vegetação e flora, foram percorridos os caminhos e trilhas pré-existentes na REBIOLJL, evitando a penetração em áreas que necessitassem intervenções e causassem danos às plantas. Assim, trata-se de um levantamento parcial, restrito às áreas de circulação e visitação. Para acessar a Ponta do Cego, foi utilizado um pequeno barco.

Foram consideradas as seguintes tipologias vegetacionais no presente levantamento:

Mata de restinga: vegetação lenhosa baixa, em geral, com altura inferior a 5 metros, ocupando terrenos arenosos, bem drenados e com pouco nutrientes.

Mata de restinga úmida: vegetação lenhosa baixa, em geral, com altura inferior a 5 metros, ocupando terrenos arenosos mal drenados, apresentando pontos com acúmulo de água.

Mata baixa I: vegetação arbórea com dossel, em geral, inferior a 10 metros, localizada no início da trilha da REBIOLJL, com predomínio de *Myrciaria cuspidata*.

Mata baixa II: vegetação arbórea com dossel, em geral, inferior a 10 metros, localizada próximo à balsa do arroio Lami, com predomínio de *Sebastiania serrata*.

Banhado: vegetação herbácea ou herbáceo-arbustiva em áreas alagadas ou com solo saturado em água.

Campo sujo: vegetação herbáceo-arbustiva em solo bem drenado.

Margem do Guaíba: vegetação ciliar da margem do lago Guaíba.

Mata de encosta da Ponta do Cego: as áreas mais conservadas constituem-se em vegetação arbórea com dossel, em geral, inferior a 13 metros, com predomínio de *Sebastiania serrata* e *Trichilia clausenii*. A *Mata em regeneração* tem predomínio de *Trichilia elegans*.

Campo arenoso: vegetação herbácea rala com solo arenoso exposto, encontrada em associação com a mata de restinga.

Os trabalhos de campo foram realizados entre julho de 2010 e junho de 2011. O levantamento da flora seguiu o Método do Caminhamento (FILGUEIRAS *et al.*, 1994), com modificações, em que as espécies observadas iam sendo anotadas ou o material botânico era coletado para identificação, na medida que os caminhos iam sendo percorridos. O material coletado foi enviado ao laboratório, onde foi devidamente acondicionado e desidratado em estufa à 40°C. Após a secagem, foi realizada a identificação dos espécimes com auxílio de literatura especializada e consulta a especialistas. Todo o material coletado foi incorporado no Herbário do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MPUC). A delimitação das famílias foi baseada no sistema APG II (2003).

O levantamento quantitativo teve por objetivo caracterizar de forma rápida as tipologias lenhosas passíveis de acesso observadas na REBIOLJL. Assim optou-se pelo parâmetro densidade para fazer essa caracterização, bem como a estratificação. Medidas de área basal para cálculo de dominância exigiram uma aproximação demasiada de cada indivíduo, causando danos à vegetação, principalmente no banco de plântulas e herbáceas. Para o levantamento das densidades e da estratificação foram estabelecidas parcelas de 25 metros de comprimento por 1 m de largura em ambos os lados das trilhas, totalizando 50 m² cada parcela. A reduzida largura das parcelas buscou evitar o pisoteio e danos à vegetação em regeneração. Para o levantamento da mata da Ponta do Cego utilizaram-se parcelas circulares de 50 m², uma vez que não existem trilhas estabelecidas. No total foram levantadas 28 parcelas, sendo amostrados todos os indivíduos com altura superior a 1,5 m. Foram anotadas as

espécies e as respectivas alturas dos indivíduos com auxílio de uma vara graduada. Foi realizada a estratificação das espécies com densidade relativa superior a 4%. Os locais de amostragem são apresentados na figura 1.

A diversidade foi estimada por meio do índice de Shannon (H') (KENT e COKER, 1992) e da equabilidade de Pielou (J') (PIELOU, 1969).

Para verificação da similaridade entre as tipologias amostradas, utilizou-se o índice de Jaccard, que expressa o número de espécies comuns entre as teoricamente possíveis baseado na presença ou ausência das espécies. Este índice varia de 0 (ausência de similaridade) a 1 (total similaridade). É calculado utilizando-se a seguinte fórmula:

$S_{ij} = c/(a+b-c)$, em que: a = número de espécies que ocorrem na tipologia i; b = número de espécies

que ocorrem da tipologia j; c = número de espécies que ocorrem tanto em i quanto em j. Para o presente estudo, foram consideradas apenas as espécies amostradas que apresentassem valores de densidade relativa superiores a 4%.

Resultados

Levantamento florístico

Foram levantadas 404 espécies de plantas vasculares, distribuídas em 94 famílias, sendo 383 espécies de angiospermas, 20 de pteridófitas e uma de gimnosperma. Asteraceae e Poaceae foram as famílias que apresentaram a maior riqueza, com 47 e 36 espécies, respectivamente, sendo responsáveis por mais de um quinto (20,5%) das espécies observadas na área. Outras famílias bem representadas foram Cyperaceae, com 19 espécies, Fabaceae (18), Rubiaceae (16), Myrtaceae (14), Solanaceae e Orchidaceae (13 espécies cada), Bromeliaceae (11) e Malvaceae (10). Essas dez famílias contabilizaram quase a metade (48,7%) da riqueza observada na área. Trinta e sete famílias (39% do total de famílias) apresentaram somente uma espécie. As dez famílias com maior riqueza são apresentadas na figura 2. A relação das espécies com suas respectivas famílias, nomes populares, tipos de hábito e habitat é apresentada no anexo I.

Das 404 espécies de plantas vasculares levantadas, 385 (95,3%) são nativas da região estudada, e 19 (4,7%) são exóticas. As espécies



Figura 1. Locais de amostragem das parcelas na REBIOLJL. Os números de 1 a 6 representam as tipologias amostradas: 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, mata de encosta da Ponta do Cego; 6, mata de encostas em regeneração da Ponta do Cego.

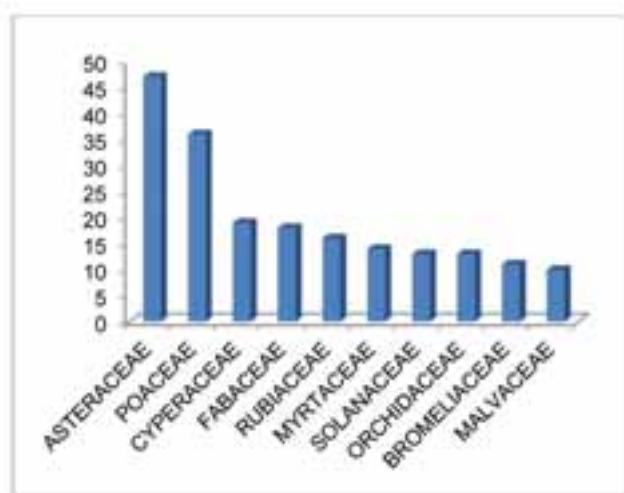


Figura 2. Famílias que apresentaram as maiores riquezas de espécies na REBIOLJL.

alóctones exigem atenção especial por parte dos gestores da REBIOLJL, que devem empenhar esforços no sentido de controlar suas populações, atendendo aos programas e subprogramas constantes no Plano de Manejo (WITT, 2008). A Ponta do Cego foi a área em que se encontrou o maior número de espécies exóticas, com seis registros, seguido da margem do Guaíba e a mata baixa I, com cinco registros cada. Dentre as espécies exóticas, merece atenção particular o aspargo-samambaia (*Asparagus setaceus*, Fig. 3), devido ao seu notável caráter invasor, formando densos agrupamentos no interior e borda das matas. As espécies exóticas observadas na área da REBIOLJL estão assinaladas na lista de espécies (Anexo I)

Dezesseis espécies (4,0% do total) constam na lista das espécies da flora ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2002), sendo Bromeliaceae a família que mais contribuiu em número de táxons, com cinco registros, seguida de Orchidaceae, com dois. Onze espécies são enquadradas na categoria “vulnerável”, ao passo que cinco são consideradas “em perigo de extinção”, devendo receber atenção especial por sua importância mais expressiva sob o ponto de vista da biologia da conservação, sendo elas: *Butia capitata* (butiazeiro); *Ocotea porosa* (imbuia); *Jodina rhombifolia* (cancorosa-de-três-pontas); *Solanum arenarium*; e *Ephedra tweediana* (efedra). Esta gimnosperma é sem dúvida a espécie mais importante presente na REBIOLJL, sendo sua ocorrência na área um dos principais motivos que levaram à criação da reserva (MEIRA e PORTO, 1998). A relação das espécies com suas respectivas categorias de ameaça são apresentadas no anexo



Figura 3. *Asparagus setaceus* (aspargo-samambaia), espécie exótica invasora encontrada na área.

II. Imagens de algumas espécies ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul encontradas na REBIOLJL são apresentadas na figura 4.

Breve descrição dos tipos vegetacionais

Mata de restinga

A mata de restinga apresenta-se de forma descontínua, sendo interrompida, sobretudo, por campos arenosos e, nas depressões, por vegetação de banhado. A constituição florística e a dominância dessa mata se alteram de acordo com as condições de umidade do solo.

A mata de restinga na REBIOLJL caracteriza-se pelo predomínio de vegetação lenhosa de porte arbustivo, com acentuada presença de cactáceas das espécies *Cereus hildmanianus* (tuna) e *Opuntia monacantha* (figo-da-Índia) e palmeiras das espécies *Syagrus romanzoffiana* (jerivá) e, principalmente, *Butia capitata* (butiazeiro) que, por vezes, constitui uma formação particular denominada de “butiazal”. Além das cactáceas, a expressiva presença de *Sebastiania serrata* (branquilha) confere um aspecto “armado” e rude a essa formação. A acentuada presença de líquens lhe dá uma beleza peculiar e uma fisionomia “envelhecida”.

Condições edáficas particulares e limitantes a um maior desenvolvimento vegetal fazem com que a mata de restinga apresente versões anãs de várias espécies que, sob condições mais propícias, atingem portes bem maiores, como é o caso da *Sebastiania serrata*, *Myrsine coriacea* (capororoca-vermelha), *Ruprechtia laxiflora* (farinha-seca), e muitas outras.

Além do butiazeiro, existem outras espécies importantes sob o ponto de vista da biologia da conservação por constarem como ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2002), destacando *Ephedra tweediana* e *Jodina rhombifolia*.

No estrato herbáceo, sobretudo nas bordas, é notável a presença de *Polypodium lepidopteris* (samambaia), formando densos agrupamentos, frequentemente associados com musgos, o mesmo podendo ser observado no campo arenoso.

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 5.

Mata de restinga úmida

O aspecto fisionômico dessa formação é muito similar ao da anterior, sendo a ausência, aqui, de

Sebastiania serrata o principal diferencial entre elas. A ocorrência expressiva de espécies como *Eugenia myrcianthes* (pessegueiro-do-mato) e *Ocotea pulchella* (canela-lageana) na mata de restinga úmida e a ausência ou baixa representatividades mesmas na mata de restinga também são fatores diferenciais.

Butia capitata destaca-se nessa formação como espécie importante sob o ponto de vista da biologia da conservação por sua categoria de ameaça de extinção (em perigo) no Rio Grande do Sul.

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 6.



Figura 4. Algumas espécies ameaçadas de extinção (RIO GRANDE DO SUL, 2002), encontradas na REBIOLJL. **A**, *Ephedra tweediana* (efedra); **B**, *Jodina rhombifolia* (cancrosa-de-três-pontas); **C**, *Cattleya intermedia* (catlêia); **D**, *Tillandsia usneoides* (barba-de-pau); **E**, *Tillandsia geminiflora* (cravo-do-mato); **F**, *Tillandsia gardneri* (cravo-do-mato).

Mata baixa I

A mata baixa I é a primeira formação lenhosa encontrada na trilha que parte da sede para o interior da REBIOLJL, ocorrendo em contato com a mata de restinga. Além do estrato arbóreo-arbustivo, apresenta os componentes epifítico e herbáceo bem representados, o primeiro, principalmente por

bromélias, e o segundo por espécies como *Doryopteris pedata* var. *multipartita*, pelas ruderais *Elephantopus mollis* (suçuaiá), *Centella asiatica* (cairuçu-asiático) e pela exótica *Impatiens walleriana* (Maria-sem-vergonha).

As trepadeiras também têm forte presença nessa formação, com espécies como *Mikania*



Figura 5. Imagens da mata restinga na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A**, área de mata de restinga com forte presença de *Butia capitata* (butiazeiro); **B**, área de mata de restinga entremeada com campo arenoso; **C**, *Cereus hildmannianus* (tuna), emergente na vegetação; **D**, *Coccocypselum lanceolatum* (piririca); **E**, *Dodonaea viscosa* (vassoura-vermelha); **F**, *Opuntia monacantha* (figo-da-Índia).

FLORA

campanulata (guaco), *Dolichandra cynanchoides* (pata-de-galo), *Ipomoea tiliacea* (gramofone), *Paullinia elegans* (olhos-de-boneca), *Cissus striata* (parreira-brava) e outras, além das exóticas *Passiflora alata* (maracujá) e *Asparagus setaceus*, esta formando densos agrupamentos.

Como espécies importantes sob o ponto de vista da biologia da conservação, podem-se citar

Ephedra tweediana e *Butia capitata*.

Imagens de algumas de espécies encontradas nessa formação são apresentadas na figura 7.

Mata baixa II

A mata baixa II é uma formação lenhosa encontrada no final da trilha que parte da sede da REBIOLJL, em direção à balsa que atravessa o



Figura 6. Imagens da mata restinga úmida na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A e B**, áreas de mata de restinga úmida; **C**, *Myrcia palustris* (pitangueira-do-mato); **D**, *Eugenia myrcianthes* (pessegueiro-do-mato); **E**, *Bromelia antiacantha* (banana-do-mato); **F**, *Butia capitata* (butiazeiro).

arroio Lami. Adquire caráter de mata ciliar pela proximidade que apresenta em relação ao arroio. O componente epifítico é representado, principalmente, por bromélias, orquídeas e piperáceas. Foram observadas as exóticas *Asparagus setaceus* e *Sansevieria trifasciata* (espada-de-São-Jorge).

Imagens dessa formação e de algumas de espécies aí encontradas são apresentadas na figura 8.

Banhado

As áreas de banhado envolvem aquelas formações herbáceo-arbustivas em que o solo é

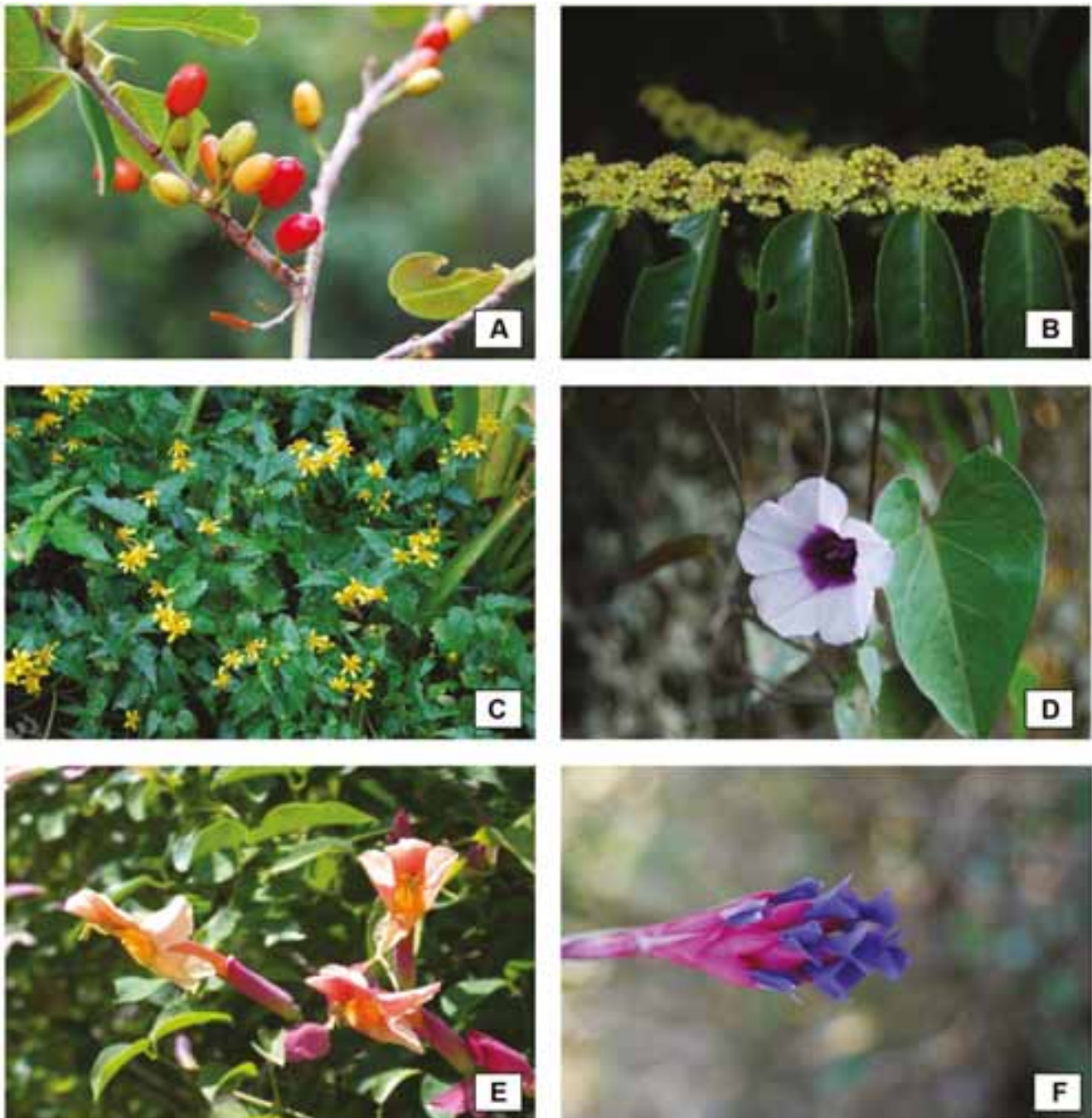


Figura 7. Algumas espécies encontradas na mata baixa I na REBIOLJL. **A,** *Erythroxylum argentinum* (cocão); **B,** *Casearia sylvestris* (chá-de-bugre); **C,** *Calea pinnatifida* (erva-de-lagarto); **D,** *Ipomoea tiliacea* (gramofone); **E,** *Dolichandra cynanchoides* (pata-de-galo); **F,** *Tillandsia aeranthos* (cravo-do-mato).

saturado de umidade, estando geralmente associadas com lâmina d'água.

Os banhados desempenham importante papel ecológico, atuando como filtros biológicos para a poluição trazida pelas águas, regulando as cheias, fornecendo alimentação para a fauna aquática e servindo de local de nidificação para aves.

Os banhados podem ser arbustivos, em que os macrófitos aquáticos se alternam em mosaico com espécies lenhosas, tais como *Cephalanthus glabratus*, *Sebastiania schottiana* e *Phyllanthus sellowianus* (sarandis), *Mimosa bimucronata* (maricá), *Erythrina crista-galli* (corticeira-do-banhado), entre outras, ou herbáceos. Grandes



Figura 8. Imagens da mata baixa II na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A e B**, imagens da mata baixa II; **C**, *Vitex megapotamica* (tarumã); **D**, *Eugenia hyemalis* (guairim); **E**, *Diospyros inconstans* (maria-preta); **F**, *Calliandra tweediei* (topete-de-cardeal).

adensamentos de *Typha domingensis* (taboa), *Zizaniopsis bonariensis* (espadana), *Echinodorus grandiflorus* (chapéu-de-couro), *Senecio bonariensis* (margarida-do-banhado) e *Schoenoplectus californicus* (junco) são observados, esta última no contato entre ambientes aquáticos e terrestres. Também são comuns nos banhados pequenas moitas de belas espécies

aquáticas, como *Hibiscus diversifolius*, *Bidens laevis* (picão-do-banhado) e *Ludwigia elegans* (cruz-de-malta), além de espécies pouco comuns no Rio Grande do Sul, como *Cleome trachycarpa* e *Polygonum stelligerum*.

Imagens dessa formação e de algumas de espécies aí encontradas são apresentadas na figura 9.

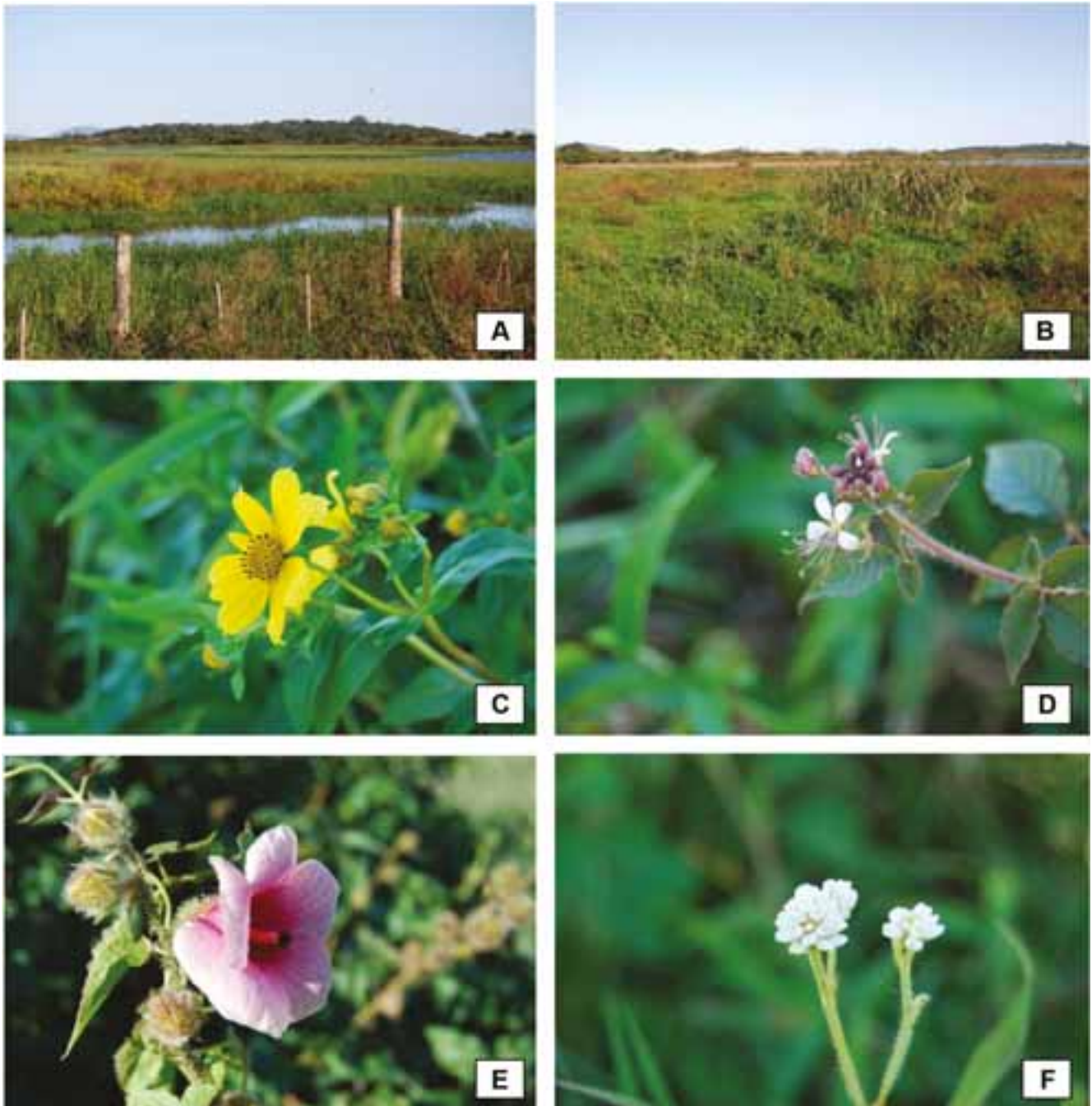


Figura 9. Áreas de banhado na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesses ambientes. **A e B**, áreas de banhado; **C**, *Bidens laevis* (picão-do-banhado); **D**, *Cleome trachycarpa*; **E**, *Hibiscus diversifolius*; **F**, *Polygonum stelligerum*.

Campo sujo

O campo sujo ocupa áreas que eram destinadas ao pastejo de gado, as quais, após o diferimento, foram sendo gradativamente ocupadas por espécies arbustivas, principalmente asteráceas dos gêneros *Baccharis* e *Eupatorium*. No estrato herbáceo predominam, além das gramíneas, asteráceas, fabáceas, lamiáceas e rubiáceas.

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 10.

Margem do Guaíba

A margem do Guaíba na REBIOLJL apresenta mata ciliar com predomínio fisionômico de *Salix humboldtiana* (salso), além de outras espécies no

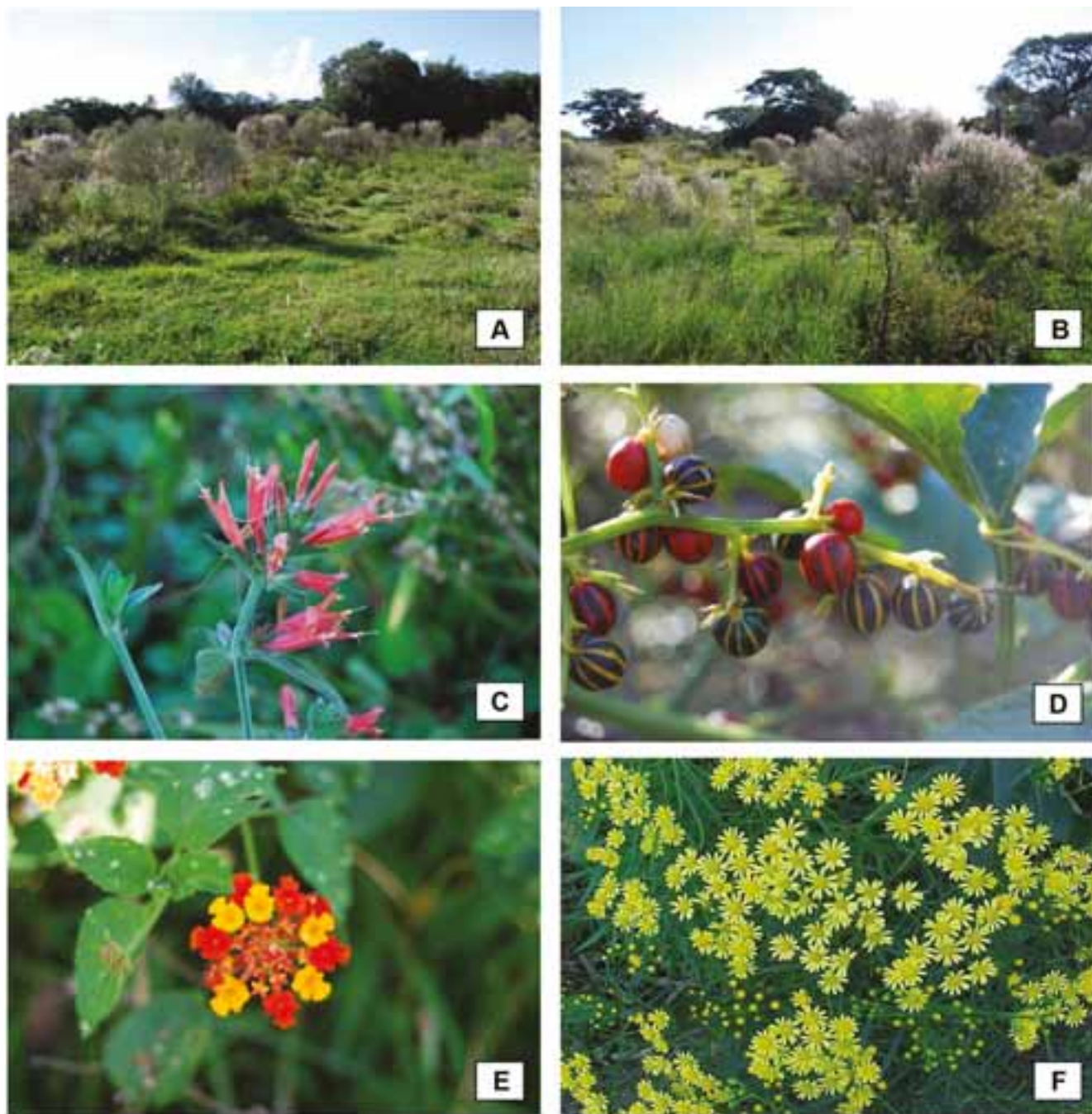


Figura 10. Imagens de campo sujo na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A e B**, áreas de campo sujo; **C**, *Dicliptera squarrosa* (junta-de-cobra-vermelha); **D**, *Cayaponia martiana* (taiuiá); **E**, *Lantana camara* (camará-de-espinho); **F**, *Senecio brasiliensis* (maria-mole).

estrato arbóreo, tais como *Mimosa bimucronata*, *Inga vera* (ingá-banana), *Schinus terebinthifolius* (aroeira-vermelha), *Erythrina crista-galli*, e outras. No contato com as águas do lago, verifica-se a presença de arbustos das espécies *Sebastiania schottiana* e *Phyllanthus sellowianus*. No estrato herbáceo predominam espécies de gramíneas,

ciperáceas, asteráceas, araliáceas, lamiáceas, entre outras. As trepadeiras também são representadas nessa formação, com espécies como *Ipomoea alba* (boa-noite) e *Paullinia elegans*.

É notável aqui a ocorrência de diversas espécies exóticas, destacando-se entre elas *Morus nigra* (amoreira) e *Psidium guajava* (goiabeira). Por

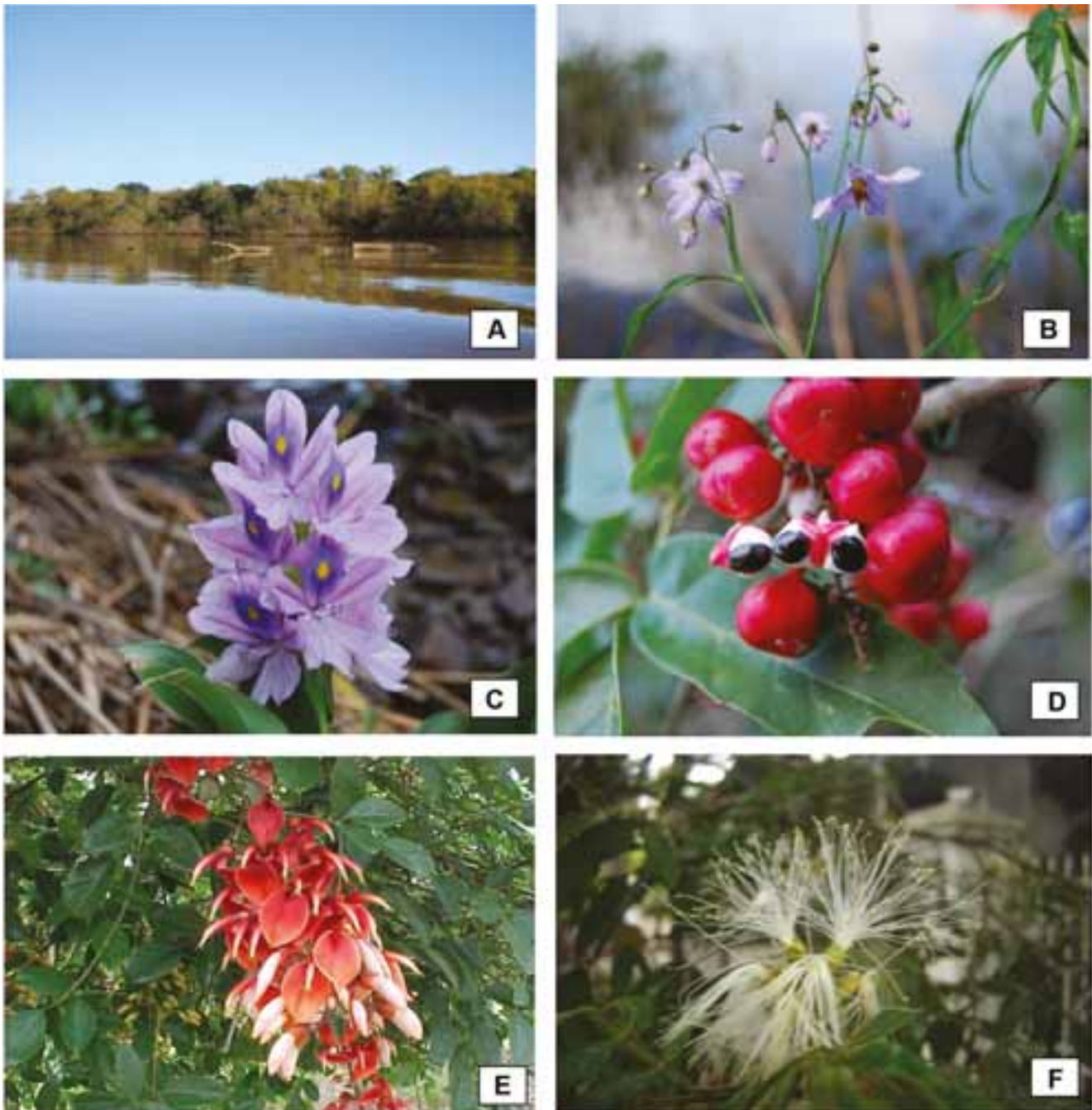


Figura 11. Imagem da margem do Guaíba na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A**, vista parcial da margem do Guaíba na REBIOLJL; **B**, *Solanum glaucophyllum* (espichadeira); **C**, *Eichhornia crassipes* (aguapé); **D**, *Paullinia elegans* (olhos-de-boneca); **E**, *Erythrina crista-galli* (corticeira-do-banhado); **F**, *Inga vera* (ingá-banana).

outro lado, foi observada a presença de *Solanum glaucophyllum* (espichadeira), arbusto nativo pouco comum na latitude de Porto Alegre.

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 11.

Mata de encosta da Ponta do Cego

Esta mata é exclusiva da Ponta do Cego, uma pequena elevação granítica cujas encostas são cobertas por vegetação florestal. Sobre o dossel, observam-se duas espécies emergentes, *Ficus cestriifolia* (figueira-de-folha-miúda) e *Syagrus rommanzofiana*, as quais dão uma fisionomia característica à mata, sobretudo para quem passa ao longe. Apresenta diferenças quanto ao grau de conservação, com algumas áreas bem conservadas, enquanto outras apresentam a vegetação em regeneração, sendo notável a diferença na composição de espécies entre as duas tipologias: espécies como *Eugenia uniflora* (pitangueira), *Allophylus edulis* (chal-chal), *Bauhinia forficata* (pata-de-vaca), *Erythroxylum argentinum* (cocão) e *Psychotria carthagenensis* (café-do-mato) são características das áreas em regeneração.

O componente epifítico é bem expressivo nessa mata, sendo representado, principalmente, por bromélias, orquídeas, cactáceas e pteridófitas.

As trepadeiras têm expressiva presença nessa formação, com várias espécies, sobretudo pertencentes às asteráceas, bignoniáceas, passifloráceas, dioscoreáceas, apocináceas, convolvuláceas, entre outras.

Como espécies importantes sob o ponto de vista da biologia da conservação, podem-se citar *Ocotea porosa* (imbuia) e *Solanum arenarium*.

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 12.

Campo arenoso

O campo arenoso engloba áreas com solo arenoso predominantemente descoberto, apresentando principalmente gramíneas de pequeno porte com distribuição esparsa, sobretudo dos gêneros *Andropogon* e *Aristida*, além do musgo do gênero *Campylopus* (seg. MEIRA; PORTO, 1998), constituindo-se em locais importantes para o abrigo e reprodução de répteis.

O campo arenoso ocorre associado à mata de restinga, a qual, devido a questões edáficas, não

tem condições de cobrir o terreno de forma uniforme, formando-se vazios com pouquíssima cobertura vegetal. Apesar disso, algumas belas espécies podem ser aí encontradas, como *Petunia integrifolia* (petúnia), *Senecio crassiflorus* (margarida-da-praia) e *Tradescantia crassula* (trapoeraba).

Imagens dessa formação e de algumas das espécies aí encontradas são apresentadas na figura 13.

Levantamento quantitativo e estratificação

Mata de restinga

Na mata de restinga, exatos três quartos dos indivíduos amostrados pertenciam às espécies *Sebastiania serrata* (branquilho), com uma densidade relativa (DR) de 41,91%, e *Myrcia palustris* (pitangueira-do-mato), com uma DR de 33,09%. As demais espécies amostradas (onze) totalizaram 25% dos valores de DR, sendo que três delas, *Cereus hildmanianus*, *Myrciaria cuspidata* (camboim) e *Myrsine coriacea* contribuíram, juntas, com cerca de 16% para o referido parâmetro. As espécies amostradas nessa formação com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 11.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 1,590 e 0,620.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 2,3 m, e não ultrapassaram 4,8 m. Considerando somente as espécies que mais contribuíram com a densidade relativa (DR>4%), *Sebastiania serrata* foi quem apresentou a maior média de alturas nessa formação, seguida de *Myrsine coriacea*, *Myrciaria cuspidata*, *Myrcia palustris* e *Cereus hildmanianus*. A distribuição das alturas das espécies com maior DR é apresentada na figura 14.

Mata de restinga úmida

Na mata de restinga úmida, em que é freqüente a água acumulada sobre o solo, *Myrcia palustris* foi responsável por mais da metade dos indivíduos amostrados (DR=51,16%), seguida de *Myrsine coriacea* (DR=16,28%) e *Eugenia hyemalis* (guamirim, DR=9,30%). Essas espécies somaram mais de três quartos (76,74%) dos valores de densidade relativa observados para essa formação. As espécies amostradas com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 2.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 1,637 e 0,711.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 2,1 m, e não ultrapassaram 5,2 m. *Myrsine coriacea* foi quem apresentou a maior média de alturas, seguida de

Ocotea pulchella (canela-lageana), *Myrcia palustris*, *Eugenia myrcianthes* (pessegueiro-do-mato), *Eugenia hyemalis* e *Myrciaria cuspidata*. A distribuição das alturas das espécies é apresentada na figura 15.

Mata baixa I

Na mata baixa I, *Myrciaria cuspidata* foi responsável por mais de um quarto dos indivíduos



Figura 12. Imagens da mata de encosta da Ponta do Cego na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. A, Ponta do Cego, vista leste, a partir do lago Guaíba; B, vista parcial da mata de encosta; C, *Lepismium cruciforme* (rabo-de-rato); D, *Cupania vernalis* (camboatá-vermelho); E, *Myrcianthes pungens* (guabiju); F, *Annona salicifolia* (araticum-graúdo).

amostrados (DR=27,40%), seguida de *Myrcia palustris* (DR=12,81%) e *Erythroxylum argentinum* (DR=12,46%). Essas espécies somam mais da metade (52,67%) dos valores de densidade relativa observados para essa formação. As espécies amostradas com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 3.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 2,477 e 0,779.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 2,8 m, e não ultrapassaram 10 m. *Myrsine guianensis* foi quem apresentou a maior média de alturas nessa

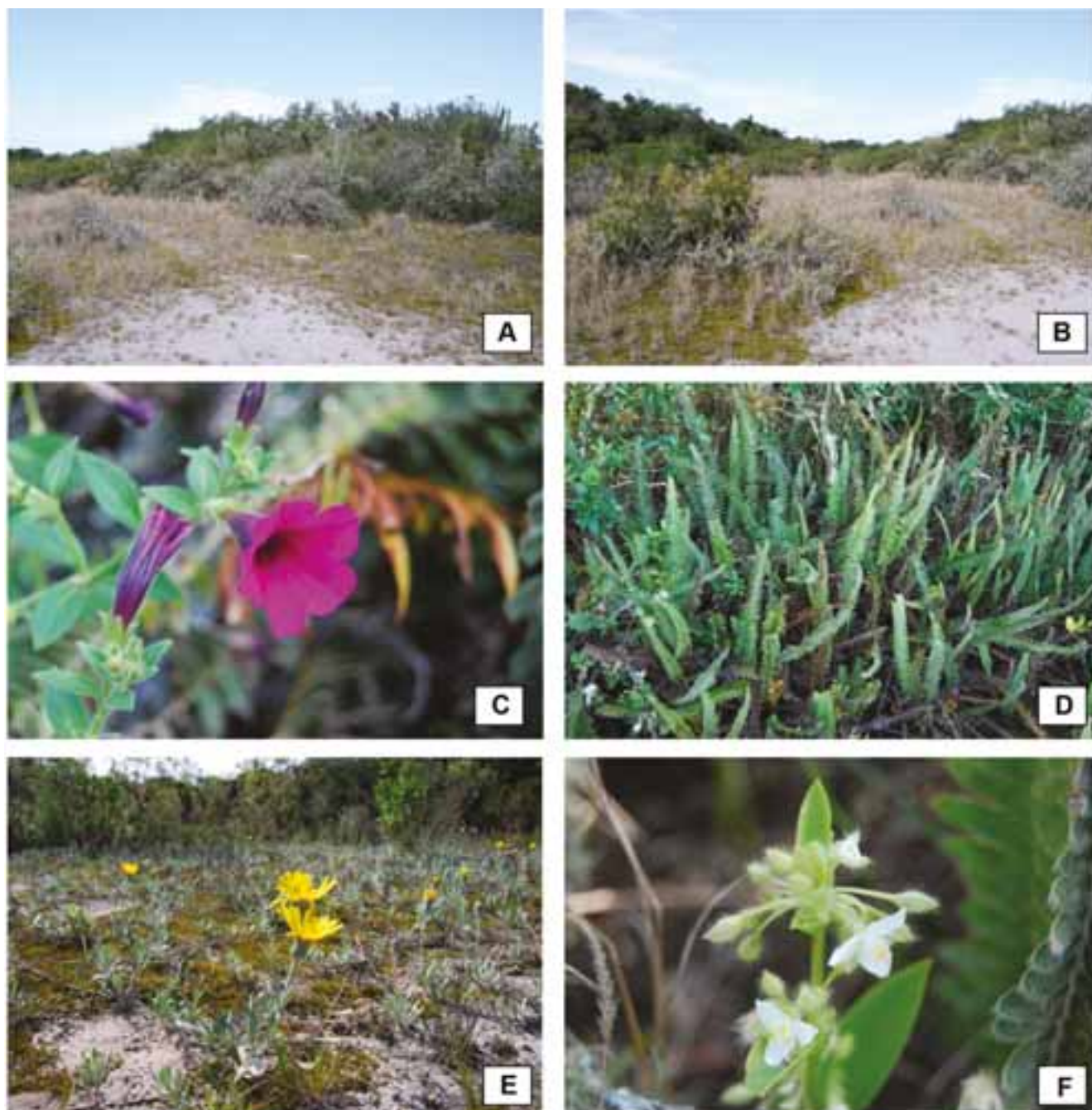


Figura 13. Áreas de campo arenoso na REBIOLJL e algumas espécies observadas nesse ambiente. **A e B**, áreas de campo arenoso em contato com mata de restinga; **C**, *Petunia integrifolia* (petúnia); **D**, *Polypodium lepidopteris* (samambaia); **E**, *Senecio crassiflorus* (margarida-da-praia); **F**, *Tradescantia crassula* (trapoeraba).

Tabela 11. Relação das espécies amostradas na mata de restinga na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|------------------------------|---------------|
| <i>Sebastiania serrata</i> | 41,91 |
| <i>Myrcia palustris</i> | 33,09 |
| <i>Cereus hildmannianus</i> | 5,88 |
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 5,88 |
| <i>Myrsine coriacea</i> | 4,41 |
| <i>Eugenia hyemalis</i> | 2,21 |
| <i>Opuntia monacantha</i> | 1,47 |
| <i>Syagrus romanzoffiana</i> | 1,47 |
| <i>Butia capitata</i> | 0,74 |
| <i>Daphnopsis racemosa</i> | 0,74 |
| <i>Ocotea pulchella</i> | 0,74 |
| <i>Prunus myrtifolia</i> | 0,74 |
| <i>Psidium cattleianum</i> | 0,74 |
| Total | 100,00 |

formação, seguida de *Casearia sylvestris* (chá-de-bugre), *Erythroxylum argentinum*, *Myrciaria cuspidata*, *Eugenia hyemalis* e *Myrcia palustris*. A distribuição das alturas das espécies é apresentada na figura 16.

Mata baixa II

A mata baixa II foi aquela que apresentou a maior riqueza, com 30 espécies amostradas. Nesta mata,

Tabela 2. Relação das espécies amostradas na mata de restinga úmida na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|---------------------------------|---------------|
| <i>Myrcia palustris</i> | 51,16 |
| <i>Myrsine coriacea</i> | 16,28 |
| <i>Eugenia hyemalis</i> | 9,30 |
| <i>Eugenia myrcianthes</i> | 4,65 |
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 4,65 |
| <i>Ocotea pulchella</i> | 4,65 |
| <i>Butia capitata</i> | 2,33 |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | 2,33 |
| <i>Daphnopsis racemosa</i> | 2,33 |
| <i>Mimosa bimucronata</i> | 2,33 |
| Total | 100,00 |

mais de um terço dos indivíduos amostrados (38,52%) pertenciam às espécies *Sebastiania serrata*, com uma densidade relativa (DR) de 22,22%, e *Myrciaria cuspidata*, com DR de 16,30%. Valor expressivo de DR foi apresentado também por *Eugenia hyemalis* (9,66%), seguida de *Chrysophyllum marginatum* (aguaí-vermelho), com DR de 6,67%. Essas quatro espécies preencheram mais da metade (54,81%) do valor total de DR. As espécies amostradas nessa formação com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 4.

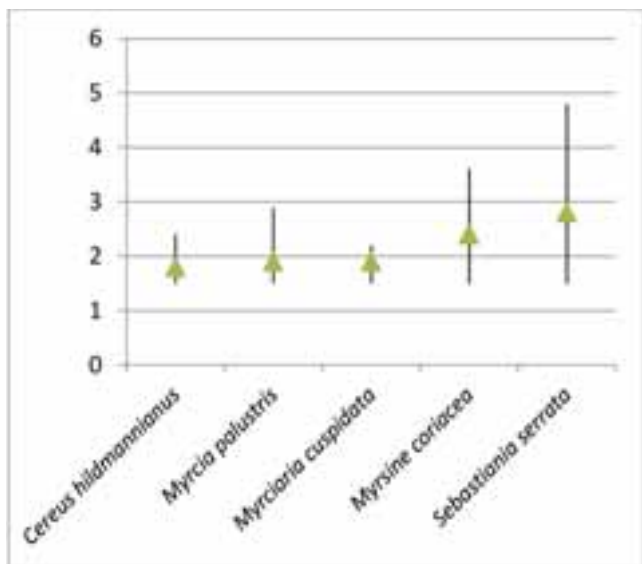


Figura 14. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata de restinga na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

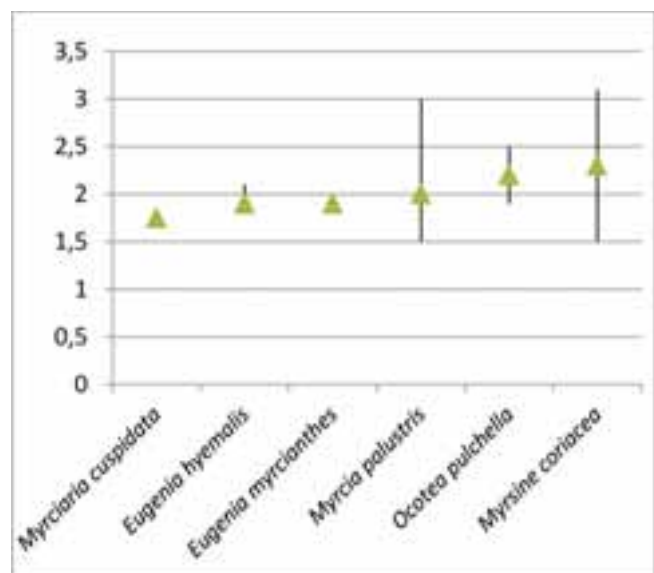


Figura 15. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata de restinga úmida na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

Tabela 3. Relação das espécies amostradas na mata baixa I na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|----------------------------------|---------------|
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 27,40 |
| <i>Myrcia palustris</i> | 12,81 |
| <i>Erythroxylum argentinum</i> | 12,46 |
| <i>Myrsine guianensis</i> | 8,90 |
| <i>Eugenia hyemalis</i> | 8,54 |
| <i>Casearia sylvestris</i> | 5,69 |
| <i>Ruprechtia laxiflora</i> | 2,85 |
| <i>Daphnopsis racemosa</i> | 2,49 |
| <i>Eugenia uniflora</i> | 2,14 |
| <i>Sebastiania serrata</i> | 2,14 |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | 1,78 |
| <i>Dodonaea viscosa</i> | 1,42 |
| <i>Mimosa bimucronata</i> | 1,42 |
| <i>Myrsine coriacea</i> | 1,42 |
| <i>Schinus terebinthifolius</i> | 1,42 |
| <i>Myrcia glabra</i> | 1,07 |
| <i>Psychotria carthagenensis</i> | 1,07 |
| <i>Syagrus romanzoffiana</i> | 1,07 |
| <i>Zanthoxylum fagara</i> | 1,07 |
| <i>Cereus hildmanianus</i> | 0,71 |
| <i>Ocotea pulchella</i> | 0,71 |
| <i>Solanum pseudoquina</i> | 0,71 |
| <i>Butia capitata</i> | 0,36 |
| <i>Pouteria salicifolia</i> | 0,36 |
| Total | 100,00 |

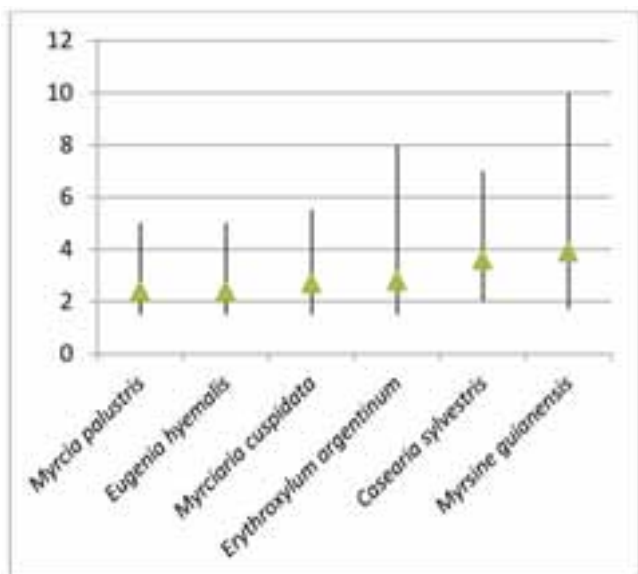


Figura 16. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata baixa I na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 2,767 e 0,813.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 4,2 m, e não ultrapassaram 12 m. *Chrysophyllum marginatum* foi quem apresentou a maior média de alturas nessa formação, seguida de *Sebastiania serrata*, *Vitex megapotamica* (tarumã), *Myrciaria cuspidata*, *Trichilia elegans* (pau-de-ervilha) e *Eugenia hyemalis*. A distribuição das alturas das espécies é apresentada na figura 17.

Mata de encosta da Ponta do Cego

A mata de encosta da Ponta do Cego ocupa as partes inclinadas do morro, sobretudo nas porções

Tabela 4. Relação das espécies amostradas na mata baixa II na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|----------------------------------|---------------|
| <i>Sebastiania serrata</i> | 22,22 |
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 16,30 |
| <i>Eugenia hyemalis</i> | 9,63 |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | 6,67 |
| <i>Trichilia elegans</i> | 4,44 |
| <i>Vitex megapotamica</i> | 4,44 |
| <i>Casearia sylvestris</i> | 3,70 |
| <i>Randia ferox</i> | 3,70 |
| <i>Myrsine guianensis</i> | 2,96 |
| <i>Zanthoxylum fagara</i> | 2,96 |
| <i>Eugenia myrcianthes</i> | 2,22 |
| <i>Myrcia palustris</i> | 2,22 |
| <i>Solanum pseudoquina</i> | 2,22 |
| <i>Cereus hildmannianus</i> | 1,48 |
| <i>Dalbergia frutescens</i> | 1,48 |
| <i>Erythroxylum argentinum</i> | 1,48 |
| <i>Guapira opposita</i> | 1,48 |
| <i>Myrcia glabra</i> | 1,48 |
| <i>Allophylus edulis</i> | 0,74 |
| <i>Casearia decandra</i> | 0,74 |
| <i>Daphnopsis racemosa</i> | 0,74 |
| <i>Dodonaea viscosa</i> | 0,74 |
| <i>Erythrina crista-galli</i> | 0,74 |
| <i>Eugenia uniflora</i> | 0,74 |
| <i>Lithraea brasiliensis</i> | 0,74 |
| <i>Psychotria carthagenensis</i> | 0,74 |
| <i>Ruprechtia laxiflora</i> | 0,74 |
| <i>Sapium glandulosum</i> | 0,74 |
| <i>Handroanthus pulcherrimus</i> | 0,74 |
| <i>Trichilia clausenii</i> | 0,74 |
| Total | 100,00 |

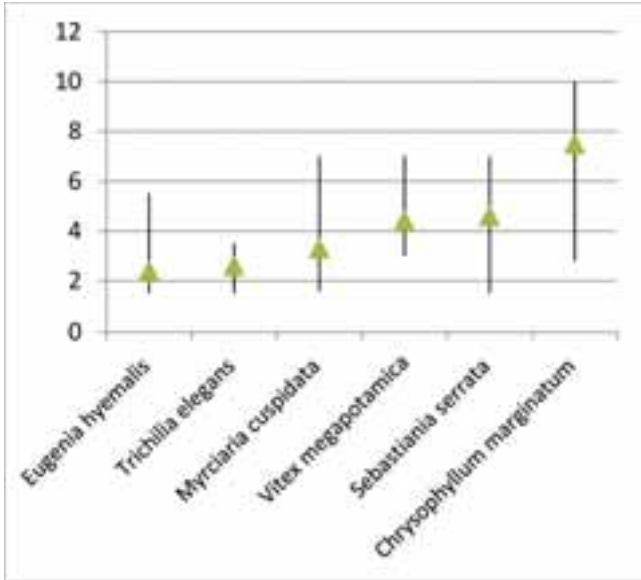


Figura 17. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata baixa II na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

sul, leste e oeste. Quase a metade (49,39%) dos indivíduos amostrados pertenciam às espécies *Sebastiania serrata*, com uma densidade relativa de 25,93%, e *Trichilia clausenii* (catiguá-vermelho), com DR de 23,46%. *Guapira opposita* (maria-mole) também apresentou um valor expressivo de DR, com 11,11%. As demais espécies (15) somaram 39,48% dos valores de DR. As espécies amostradas nessa formação com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 5.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 2,315 e 0,801.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 5,2 m, e não ultrapassaram 13 m de altura. *Trichilia clausenii* foi quem apresentou a maior média de alturas nessa formação, seguida de *Sebastiania serrata*, *Casearia sylvestris*, *Guapira opposita*, *Cupania vernalis* (camboatá-vermelho) e *Gymnanthes concolor* (laranjeira-do-mato). A distribuição das alturas das espécies é apresentada na figura 18.

Tabela 5. Relação das espécies amostradas na mata de encosta da Ponta do Cego na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|----------------------------------|---------------|
| <i>Sebastiania serrata</i> | 25,93 |
| <i>Trichilia clausenii</i> | 23,46 |
| <i>Guapira opposita</i> | 11,11 |
| <i>Casearia sylvestris</i> | 4,94 |
| <i>Cupania vernalis</i> | 4,94 |
| <i>Gymnanthes concolor</i> | 4,94 |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | 3,70 |
| <i>Trichilia elegans</i> | 3,70 |
| <i>Banara parviflora</i> | 2,47 |
| <i>Cordia americana</i> | 2,47 |
| <i>Lithraea brasiliensis</i> | 2,47 |
| <i>Myrcianthes pungens</i> | 2,47 |
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 1,23 |
| <i>Myrsine guianensis</i> | 1,23 |
| <i>Nectandra megapotamica</i> | 1,23 |
| <i>Randia ferox</i> | 1,23 |
| <i>Chomelia obtusa</i> | 1,23 |
| <i>Handroanthus pulcherrimus</i> | 1,23 |
| Total | 100,00 |

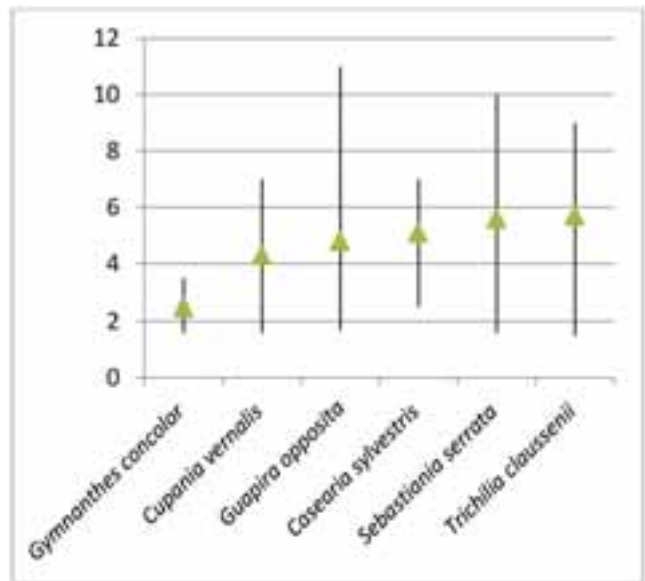


Figura 18. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata de encosta da Ponta do Cego na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

Mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego

A mata de encosta em regeneração é encontrada na porção norte e parte do topo do morro da Ponta do Cego. *Trichilia elegans* foi à espécie que apresentou a maior DR, com 17,78%, seguida de *Eugenia uniflora* (pitangueira) e *Allophylus edulis* (chal-chal, ambas com DR=8,89%), *Myrsine guianensis* (capororoca, DR=8,15%) e *Cordia americana* (guajuriva, DR=7,41%). Essas cinco espécies somam mais da metade (51,12%) dos valores de DR observados para essa formação. As espécies amostradas com os respectivos valores de DR são apresentadas na tabela 6.

O valores estimados dos índices de diversidade de Shannon (H') e da equabilidade de Pielou (J') para esta formação foram, respectivamente, de 2,802 e 0,882.

As alturas dos indivíduos lenhosos amostrados nessa formação apresentaram uma média de 3,7 m, e não ultrapassaram 14 m de altura (altura atingida

Tabela 6. Relação das espécies amostradas na mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego na REBIOLJL, com os respectivos valores de densidade relativa (DR).

| Espécies | DR (%) |
|----------------------------------|---------------|
| <i>Trichilia elegans</i> | 17,78 |
| <i>Eugenia uniflora</i> | 8,89 |
| <i>Allophylus edulis</i> | 8,89 |
| <i>Myrsine guianensis</i> | 8,15 |
| <i>Cordia americana</i> | 7,41 |
| <i>Trichilia clausenii</i> | 5,93 |
| <i>Sebastiania serrata</i> | 5,93 |
| <i>Psychotria carthagenensis</i> | 4,44 |
| <i>Casearia sylvestris</i> | 4,44 |
| <i>Erythroxylum argentinum</i> | 3,70 |
| <i>Cupania vernalis</i> | 3,70 |
| <i>Chomelia obtusa</i> | 3,70 |
| <i>Bauhinia forficata</i> | 3,70 |
| <i>Myrciaria cuspidata</i> | 2,96 |
| <i>Guapira opposita</i> | 2,22 |
| <i>Urera nitida</i> | 1,48 |
| <i>Eugenia uruguayensis</i> | 1,48 |
| <i>Zanthoxylum fagara</i> | 0,74 |
| <i>Syagrus romanzoffiana</i> | 0,74 |
| <i>Sideroxylon obtusifolium</i> | 0,74 |
| <i>Randia ferox</i> | 0,74 |
| <i>Luehea divaricata</i> | 0,74 |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | 0,74 |
| <i>Celtis iguanaea</i> | 0,74 |
| Total | 100,00 |

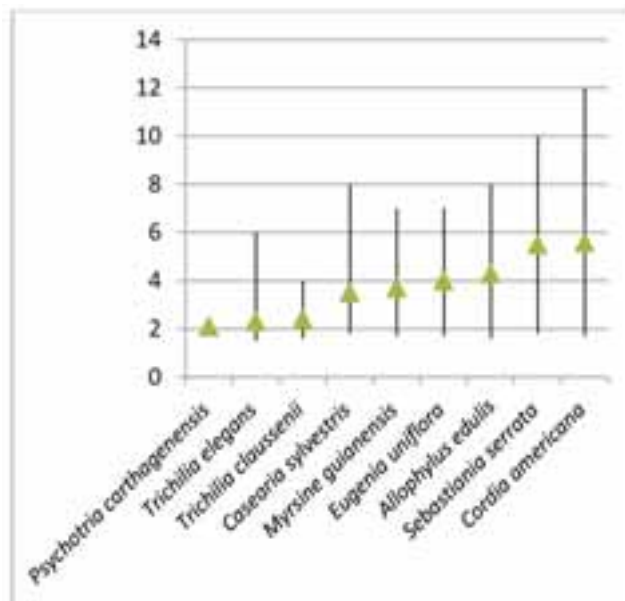


Figura 19. Distribuição das alturas das espécies amostradas com maior densidade relativa (DR>4%), por ordem crescente de altura média, na mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego na REBIOLJL. Os extremos das linhas indicam as alturas mínimas e máximas, e os triângulos sobre as linhas, as alturas médias.

por um único indivíduo amostrado pertencente à espécie *Sideroxylon obtusifolium*). *Cordia americana* foi quem apresentou a maior média de alturas nessa formação, seguida de *Sebastiania serrata*, *Allophylus edulis*, *Eugenia uniflora*, *Myrsine guianensis*, *Casearia sylvestris*, *Trichilia clausenii*, *Trichilia elegans* e *Psychotria carthagenensis*. A distribuição das alturas das espécies é apresentada na figura 19.

Similaridade

Através da utilização do índice de Jaccard para estimativa das similaridades entre as tipologias vegetacionais, considerando apenas as espécies amostradas com valor de densidade relativa superior a 4%, foram obtidos valores que variaram de zero (ausência de similaridade) até 0,38 (Fig. 20). Esses baixos valores de similaridade confirmam que as tipologias vegetacionais diferenciadas, a priori, pela fisionomia, diferem também na composição das espécies. De um modo geral, tipologias localizadas mais próximas entre si, apresentaram maiores valores de similaridade. Assim, as tipologias 1 (mata de restinga), 2 (mata de restinga úmida), 3 (mata baixa I) e 4 (mata baixa II), situadas uma após a outra, seguindo a trilha que parte da sede (ver Fig. 1)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|---|------|------|------|------|------|---|
| 1 | 1 | | | | | |
| 2 | 0,38 | 1 | | | | |
| 3 | 0,22 | 0,33 | 1 | | | |
| 4 | 0,22 | 0,20 | 0,20 | 1 | | |
| 5 | 0,10 | 0,00 | 0,09 | 0,09 | 1 | |
| 6 | 0,08 | 0,00 | 0,15 | 0,15 | 0,25 | 1 |

Figura 20. Valores estimados de similaridade de Jaccard entre as tipologias vegetacionais amostradas. Os números de 1 a 6 representam as tipologias amostradas: 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, mata de encosta da Ponta do Cego; 6, mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego.

exibiram valores de similaridade nunca inferiores a 0,2, enquanto estas, em relação às tipologias 5 (mata de encosta da Ponta do Cego) e 6 (mata de encosta em regeneração da Ponta do Cego), apresentaram valores nunca superiores a 0,15. Seguindo a mesma tendência, as tipologias 5 e 6, localizadas ambas na Ponta do Cego, apresentaram similaridade entre si de 0,25. Os maiores valores de similaridade foram obtidos da tipologia 2 em relação à 1 (0,38) e com relação a 3 (0,33). Esta mesma tipologia apresentou zero de similaridade em relação a 5 e 6. Os valores de similaridade apresentados também podem ser explicados por questões pedológicas, uma vez que

as tipologias 1, 2, 3 e 4 estão inseridas numa associação de solos do tipo Neossolo Quartzarênico e Gleissolo, enquanto as tipologias 5 e 6, numa associação de Cambissolos Háplicos com Neossolos Litólicos ou Neossolos Regolíticos (WITT, 2008).

Considerações Finais

O presente estudo é apenas uma das possíveis abordagens da vegetação e flora encontradas na REBIOLJL. Foi realizado de forma quase expedita, procurando descrever de maneira sucinta as principais tipologias encontradas ao longo das trilhas e na Ponta do Cego. Procurou, acima de tudo, servir de fonte de informações para os visitantes e para os guias ambientais da reserva.

Estudos mais detalhados, realizados num prazo mais longo, com maior esforço de coletas e envolvendo outros locais da REBIOLJL, certamente poderão trazer informações úteis para um melhor conhecimento botânico da área e contribuir para o manejo da reserva.

A REBIOLJL é uma área de extrema beleza cênica e importância sob o ponto de vista ambiental e da conservação da biodiversidade, servindo de abrigo para várias espécies ameaçadas de extinção. Precisamos unir esforços para preservá-la da ação predatória para que essas espécies continuem tendo proteção e encantem também as gerações futuras. Sem dúvida, merece de todos nós o maior respeito.

Referências Bibliográficas

- APG (Angiosperm Phylogeny Group) II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 141, p. 399-436, 2003.
- BAPTISTA, L.R.M.; *et al.*, Levantamento Florístico Preliminar da Reserva Biológica do Lami. **NIDECO – Sér. Urbana**, v. 1, p. 1-30, 1979.
- FILGUEIRAS, T.S.; Brochado A.L.; NOGUEIRA, P.E. e GUALAIL, G.F. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências**, v. 12, p. 39-44, 1994.
- FUHRO, D.; VARGAS, D.; LAROCCA, J.. Levantamento florístico das espécies herbáceas, arbustivas e lianas da floresta de encosta da Ponta do Cego, Reserva Biológica do Lami (RBL), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas, Botânica**, v. 56, p. 239-254, 2005.
- HASENACK, H.; *et al.*, Vegetação/Ocupação. In: HASENACK, H.; WEBER, E.J.; MARCUZZO, S.F. (Org.). **Diagnóstico Ambiental de Porto Alegre**. 1ª ed. Porto Alegre, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, p. 56-71, 2008.
- IBGE. **Mapa de vegetação do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 2004.
- KENT, M.; COKER, P. **Vegetation description and analysis: a practical approach**. London, Belhaven, 363 p., 1992.
- MEIRA, J.R. Zoneamento da vegetação e de condições de topoclima da Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre, RS. [**Dissertação de Mestrado**]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- MEIRA, J.R. e PORTO, M.L. Reserva Biológica do Lami: a vida na beira do lago, p. 89-92. In: MENEGAT, R. (Ed.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 238p. 1998.
- MENEGAT, R.; FERNANDES, L.A.D.; PORTO, M.L.; CARRARO, C.C. Porto Alegre: o encontro das paisagens do Cone Sul, p. 7-9. In: MENEGAT, R. (Ed.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 238 p., 1998.
- PIELOU, E.C. **An introduction to mathematical ecology**. New York, Wiley, 326 p., 1969.
- RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual nº 42.099 de 31 de dezembro de 2002**.
- WITT, Patrícia Bernardes Rodrigues. (coord.) **Plano de Manejo. Unidade de Conservação Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger**. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Porto Alegre, 211p. 2008.

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Anexo I. Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|---------------------|---|-----------------------------|--------|------------|
| ANGIOSPERMAE | | | | |
| ACANTHACEAE | <i>Dicliptera squarrosa</i> Nees | Junta-de-cobra-vermelha | Er | 6 |
| | <i>Hygrophila brasiliensis</i> (Spreng.) Lindau | | Er | 5 |
| | <i>Justicia brasiliensis</i> Roth | Junta-de-cobra-vermelha | Er | 8 |
| | <i>Ruellia angustiflora</i> (Nees) Lindau ex Rambo | Flor-de-fogo | Ab | 8 |
| ALISMATACEAE | <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli | Chapéu-de-couro | Er | 7 |
| ALSTROEMERACEAE | <i>Alstroemeria aff. caryophyllaea</i> Jacq. # | | Er | 3, 8 |
| ALLIACEAE | <i>Nothoscordum gracile</i> (Aiton) Stearn | Alho-bravo | Er | 2, 8 |
| AMARANTHACEAE | <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. | Erva-de-Santa-Maria | Er | 9 |
| | <i>Pfaffia tuberosa</i> Hicken | Ginseng brasileiro | Er | 2 |
| ANACARDIACEAE | <i>Lithraea brasiliensis</i> L. March | Aroeira-braba | Ar | 4, 8 |
| | <i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabrera | Assobiadeira | Ab | 8 |
| | <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi | Aroeira-vermelha | Ar | 3, 7 |
| ANNONACEAE | <i>Annona salicifolia</i> Ekman & R.E. Fr. | Araticum-graúdo | Ar | 8 |
| APIACEAE | <i>Eryngium elegans</i> Cham. & Schtdl. | Salsa-gaúcha-da-folha-larga | Er | 2 |
| | <i>Eryngium horridum</i> Malme | Gravatá | Er | 2, 6 |
| | <i>Eryngium pandanifolium</i> Cham. & Schtdl. | Gravatá | Er | 5 |
| APOCYNACEAE | <i>Forsteronia leptocarpa</i> (Hook. & Arn.) A. DC. | Cipó-de-leite | L | 3, 8 |
| | <i>Forsteronia thyrsoides</i> (Vell.) Müll. Arg. | Cipó-de-leite | L | 8 |
| | <i>Oxypetalum tomentosum</i> Wight ex Hook. & Arn. | Cipó-de-leite | L | 2 |
| ARACEAE | <i>Spathicarpa hastifolia</i> Hook. | Perna-de-papagaio | Er | 8 |
| ARALIACEAE | <i>Centella asiatica</i> (L.) Urban | Cairuçu-asiático | Er | 3, 6, 7, 9 |
| | <i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam. | Erva-capitão | Er | 7 |
| | <i>Hydrocotyle leucocephala</i> Cham. & Schtdl. | Erva-capitão | Er | 5, 8 |
| | <i>Hydrocotyle ranunculoides</i> L. f. | Cairuçu-do-brejo | Er | 5 |
| | <i>Pistia stratiotes</i> L. | Alface-d'água | Er | 5 |
| ARECACEAE | <i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc. | Butiazeiro | P | 1, 2, 3 |
| | <i>Syagrus rommanzofiana</i> (Cham.) Glassman | Jerivá | P | 1, 3, 4, 8 |
| ASPARAGACEAE | <i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop # | Asparago-samambaia | L | 1, 3, 4, 8 |
| | <i>Sansevieria trifasciata</i> Prain # | Espada-de-São-Jorge | Er | 4 |
| ASTERACEAE | <i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. | Marcela | Er | 6 |
| | <i>Ageratum conyzoides</i> L. | Erva-de-São-João | Er | 7 |
| | <i>Baccharis anomala</i> DC. | Parreirinha | Ab | 5 |
| | <i>Baccharis conyzoides</i> (Less.) DC. | Vassoura | Ab | 2 |
| | <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. | Vassoura | Ab | 6, 8 |
| | <i>Baccharis spicata</i> (Lam.) Baill. | Vassoura | Ab | 5, 6 |
| | <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. | Carqueja | Ab | 2, 6, 8 |
| | <i>Bidens bipinnata</i> L. | Picão | Er | 8 |
| | <i>Bidens laevis</i> (L.) Britton, Sterns & Poggenb. | Picão-do-banhado | Er | 5 |
| | <i>Bidens pilosa</i> L. | Picão-preto | Er | 8 |
| | <i>Calea pinnatifida</i> (R. Br.) Less. | Erva-de-lagarto | L | 1, 3, 4, 8 |
| | <i>Calyptocarpus bistratus</i> (DC.) H. Rob. | | Er | 5 |
| | <i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polak. | Língua-de-vaca | Er | 8 |
| | <i>Chaptalia runcinata</i> Kunth | Língua-de-vaca | Er | 6 |
| | <i>Elephantopus mollis</i> Kunth | Suçuaiá | Er | 3, 6, 8 |
| | <i>Enydra anagallis</i> Gardner | | Er | 5 |
| | <i>Erechtites valerianifolius</i> (Link ex Spreng.) DC. | Caruru-amargoso | Er | 7, 8, 9 |
| | <i>Eupatorium inulifolium</i> Kunth | Cambará | Ab | 8 |
| | <i>Eupatorium laevigatum</i> Lam. | Vassoura | Ab | 9 |
| | <i>Eupatorium tweedeanum</i> Hook. & Arn. | | Er | 6 |
| | <i>Facelis retusa</i> (Lam.) Sch. Bip. | Macelinha | Er | 2 |
| | <i>Gamochaeta coarctata</i> (Willd.) Kerguelen | Macela-branca | Er | 2 |
| | <i>Gamochaeta falcata</i> (Lam.) Cabrera | | Er | 2 |
| | <i>Grindelia pulchella</i> Dunal | Mal-me-quer | Er | 2 |
| | <i>Mikania campanulata</i> Gardner | Guaco | L | 3, 8 |

FLORA

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|---------------|--|--|--------------------|------------------|
| ASTERACEAE | <i>Mikania cordifolia</i> (L. f.) Willd. | Coração-de-Jesus | L | 5, 8 |
| | <i>Mikania glomerata</i> Spreng. | Guaco-liso | L | 8 |
| | <i>Mikania involucrata</i> Hook. & Arn. | Guaco-do-mato | L | 3, 2, 5, 8 |
| | <i>Mikania micrantha</i> Kunth | Micânia | L | 5 |
| | <i>Noticastrum calvatum</i> (Baker) Cuatrec. | | Er | 6 |
| | <i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleas. | Erva-grossa | Er | 2 |
| | <i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera | Quitoco | Er | 7 |
| | <i>Podocoma notobellidiastrum</i> (Griseb.) G.L. Nesom | | Er | 8 |
| | <i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC. | Barbasco | Er | 6 |
| | <i>Senecio bonariensis</i> Hook. & Arn. | Margarida-do-banhado | Er | 5 |
| | <i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less. | Maria-mole | Er | 5, 6, 8 |
| | <i>Senecio crassiflorus</i> (Poir.) DC. | Margarida-da-praia | Er | 9 |
| | <i>Senecio oxyphyllus</i> DC. | Flor-das-almas | Er | 2 |
| | <i>Senecio selloi</i> (Spreng.) DC. | Flor-das-almas | Er | 2, 6 |
| | <i>Solidago chilensis</i> Meyen | Erva-lanceta | Er | 6 |
| | <i>Sommerfeltia spinulosa</i> (Spreng.) Less. | Quebra-pedra | Er | 9 |
| | <i>Stenachaenium riedelii</i> Baker | | Er | 6 |
| | <i>Symphytotrichum squamatum</i> (Spreng.) G.L. Nesom | Zé-da-silva | Er | 5, 7 |
| | <i>Trixis praestans</i> (Vell.) Cabrera | Assa-peixe-manso | Ab | 3, 8 |
| | <i>Vernonia nudiflora</i> Less. | Alecrim-do-campo | Ab | 2, 9 |
| | <i>Vernonia tweediana</i> Baker | Assa-peixe | Ab | 5 |
| | <i>Xanthium strumarium</i> L. | Carrapicho | Er | 5, 8 |
| | BALSAMINACEAE | <i>Impatiens walleriana</i> Hook. f. # | Maria-sem-vergonha | Er |
| BEGONIACEAE | <i>Begonia cucullata</i> Willd. | Azedinha-do-brejo | Er | 8, 9 |
| BIGNONIACEAE | <i>Amphilophium paniculatum</i> (L.) Kunth | Cipó-d'água | L | 8 |
| | <i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl. | Cipó-cruz | L | 8 |
| | <i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart. | Ipê-verde | Ar | 4 |
| | <i>Dolichandra cynanchoides</i> Cham. | Pata-de-galo | L | 3 |
| | <i>Dolichandra unguis-cati</i> (L.) L. Lohmann | Cipó-unha-de-gato | L | 8 |
| | <i>Handroanthus pulcherrimus</i> (Sandwith) S. O. Grose | Ipê-da-praia | Ar | 4, 8 |
| | <i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers | Cipó-de-São-João | L | 8 |
| BORAGINACEAE | <i>Cordia americana</i> (L.) Gottschling & J.S. Mill. | Guajuvira | Ar | 8 |
| | <i>Varronia curassavica</i> Jacq. | Erva-baleeira | Ab | 2 |
| | <i>Varronia polycephala</i> Lam. | Balieira | Ab | 9 |
| BROMELIACEAE | <i>Aechmea recurvata</i> (Klotzsch) L.B. Sm. | Bromélia | Ep | 8 |
| | <i>Ananas bracteatus</i> (Lindl.) Schult. & Schult. f. | Ananás-de-cerca | Er | 8 |
| | <i>Bromelia antiacantha</i> Bertol. | Banana-do-mato | Er | 2, 8 |
| | <i>Tillandsia aeranthos</i> (Loisel.) L.B. Sm. | Cravo-do-mato | Ep | 2, 3, 8 |
| | <i>Tillandsia gardneri</i> Lindl. | Cravo-do-mato | Ep | 3, 5, 8 |
| | <i>Tillandsia geminiflora</i> Brongn. | Cravo-do-mato | Ep | 3, 8 |
| | <i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L. | Cravo-do-mato | Ep | 5, 8 |
| | <i>Tillandsia stricta</i> Sol. ex Sims | Cravo-do-mato | Ep | 3, 4 |
| | <i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L. | Barba-de-pau | Ep | 4, 8 |
| | <i>Vriesea procera</i> (Mart. ex Schult.f.) Wittm. | Bromélia | Er | 3, 8 |
| | <i>Werauhia gigantea</i> (Mart. ex Schult. f.) J. R. Grant | Bromélia | Ep | 4 |
| CABOMBACEAE | <i>Cabomba caroliniana</i> A. Gray | Cabomba | Er | 5 |
| CACTACEAE | <i>Cereus hildmannianus</i> K. Schum. | Tuna | Ab | 1, 2, 3, 4, 7, 8 |
| | <i>Lepismium cruciforme</i> (Vell.) Miq. | Rabo-de-rato | Ep | 8 |
| | <i>Opuntia monacantha</i> Haw. | Figo-da-Índia | Ab | 1, 2, 8 |
| | <i>Rhipsalis teres</i> (Vell.) Steud. | Canambaia | Ep | 8 |
| CAMPANULACEAE | <i>Lobelia hederacea</i> Cham. | | Er | 5 |
| | <i>Triodanis perfoliata</i> (L.) Nieuwl. | | Er | 2 |
| | <i>Wahlenbergia linarioides</i> (Lam.) A. DC. | Falso-linho | Er | 2 |

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|--|--|--------------------|--------|------------|
| CANNABACEAE | <i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.) | Esporão-de-galo | Ar | 4, 8 |
| | <i>Trema micrantha</i> (L.) Blume | Grandiúva | Ar | 8 |
| CANNACEAE | <i>Canna indica</i> L. | Cana-da-índia | Er | 8 |
| CARYOPHYLLACEAE | <i>Cardionema ramosissima</i> (Weinm.) A. Nelson & J.F. Macbr. | Roseta | Er | 2 |
| | <i>Cerastium rivulare</i> Cambess. # | | Er | 2 |
| | <i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. ex Roem. & Schult. # | Mastruço-do-brejo | Er | 9 |
| CLEOMACEAE | <i>Cleome trachycarpa</i> Klotzsch ex Eichler | | Er | 5 |
| COMMELINACEAE | <i>Commelina diffusa</i> Burm. f. | Trapoeraba | Er | 5, 7, 8 |
| | <i>Commelina erecta</i> L. | Trapoeraba | Er | 5, 8 |
| | <i>Commelina obliqua</i> Vahl | Trapoeraba | Er | 8 |
| | <i>Gibasis geniculata</i> (Jacq.) Rohweder | Trapoeraba | Er | 8 |
| | <i>Tradescantia anagallidea</i> Seub. | Trapoeraba | Er | 8 |
| | <i>Tradescantia crassula</i> Link & Otto | Trapoeraba | Er | 9 |
| | <i>Tradescantia fluminensis</i> Vell. | Trapoeraba | Er | 8 |
| CONVOLVULACEAE | <i>Evolvulus sericeus</i> Sw. | | Er | 2 |
| | <i>Ipomoea alba</i> L. | Boa-noite | L | 7, 8 |
| | <i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet | Gramofone | L | 3, 6, 8 |
| | <i>Ipomoea tiliacea</i> (Willd.) Choisy | Gramofone | L | 3, 5 |
| | <i>Ipomoea</i> sp. | | L | 4 |
| CUCURBITACEAE | <i>Cayaponia martiana</i> Cogn. | Taiuíá | L | 5, 6, 8 |
| | <i>Melothria pendula</i> L. | Abóbora-do-mato | L | 5 |
| | <i>Sicydium gracile</i> Cogn. | | L | 3 |
| | <i>Sicyos polyacanthus</i> Cogn. | Cipó-de-mico | L | 8 |
| CYPERACEAE | <i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) Kunth ex C.B. Clarke | | Er | 2, 8 |
| | <i>Bulbostylis consanguinea</i> Nees | | Er | 2 |
| | <i>Carex sellowiana</i> Schldtl. | | Er | 8 |
| | <i>Cyperus aggregatus</i> (Willd.) Endl. | | Er | 2 |
| | <i>Cyperus haspan</i> L. | Tiririca | Er | 7 |
| | <i>Cyperus hermaphroditus</i> (Jacq.) Standl. | | Er | 2, 5 |
| | <i>Cyperus incomtus</i> Kunth | | Er | 8, 9 |
| | <i>Cyperus meyenianus</i> Kunth # | Junquinho | Er | 8 |
| | <i>Cyperus reflexus</i> Vahl | | Er | 2 |
| | <i>Cyperus rigens</i> J. Presl & C. Presl | | Er | 2 |
| | <i>Eleocharis viridans</i> Kük. ex Osten | | Er | 2 |
| | <i>Fimbristylis dichotoma</i> (L.) Vahl | | Er | 8 |
| | <i>Kyllinga brevifolia</i> Rottb. | | Er | 5 |
| | <i>Kyllinga odorata</i> Vahl | | Er | 2, 5, 8 |
| | <i>Pycnus polystachyos</i> (Rottb.) P. Beauv | Tiririca | Er | 5, 7 |
| | <i>Rhynchospora rugosa</i> (Vahl) Gale | | Er | 2, 9 |
| <i>Rhynchospora tenuis</i> Willd. ex Link | | Er | 2 | |
| <i>Schoenoplectus californicus</i> (C.A. Mey.) Soják | Junco | Er | 5 | |
| <i>Scleria latifolia</i> Sw. | Capim-navalha | Er | 2 | |
| DIOSCOREACEAE | <i>Dioscorea multiflora</i> Griseb. | | L | 8 |
| | <i>Dioscorea sinuata</i> Vell. | Caratinga | L | 8 |
| | <i>Dioscorea subhastata</i> Vell. | Cará-redondo-chato | L | 3 |
| EBENACEAE | <i>Diospyros inconstans</i> Jacq. | Maria-preta | Ar | 4 |
| ERYTHROXYLACEAE | <i>Erythroxylum argentinum</i> O. E. Schulz | Cocão | Ar | 3, 4, 8 |
| EUPHORBIACEAE | <i>Caperonia hystrix</i> Pax & K. Hoffm. | | Er | 5 |
| | <i>Gymnanthes concolor</i> (Spreng.) Müll. Arg. | Laranjeira-do-mato | Ar | 8 |
| | <i>Ricinus communis</i> L. # | Mamona | Ab | 8 |
| | <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong | Pau-de-leite | Ar | 3, 4 |
| | <i>Sebastiania schottiana</i> (Müll. Arg.) Müll. Arg. | Sarandi | Ab | 5, 7 |
| | <i>Sebastiania serrata</i> (Baill. ex Müll. Arg.) Müll. Arg. | Branquilha | Ar | 1, 3, 4, 8 |
| FABACEAE | <i>Acacia bonariensis</i> Gillies ex Hook. & Arn. | Unha-de-gato | Ab | 3, 8 |
| | <i>Bauhinia forficata</i> Link | Pata-de-vaca | Ar | 8 |
| | <i>Calliandra tweediei</i> Benth. | Topete-de-cardeal | Ab | 4 |
| | <i>Canavalia bonariensis</i> Lindl. | | L | 4 |

FLORA

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|-----------------|--|----------------------------|--------|---------------|
| FABACEAE | <i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton | Rabo-de-bugio | Ar | 4 |
| | <i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. | Pega-pega | Er | 6, 9 |
| | <i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC. | Pega-pega | Er | 5, 6, 8 |
| | <i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong | Timbaúva | Ar | 8 |
| | <i>Erythrina crista-galli</i> L. | Corticeira-do-banhado | Ar | 4, 5, 7, 8 |
| | <i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. | | Ab | 8 |
| | <i>Inga vera</i> Willd. | Ingá-banana | Ar | 4, 7 |
| | <i>Lonchocarpus</i> sp. | | Ar | 8 |
| | <i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) O. Ktze. | Marica | Ar | 2, 3, 4, 5, 7 |
| | <i>Senna corymbosa</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby | Fedegoso | Ab | 6 |
| | <i>Senna pendula</i> (Humb.& Bonpl.ex Willd.) H.S. Irwin & Barneby | | Ab | 8 |
| | <i>Sesbania punicea</i> (Cav.) Benth. | Acácia-de-flores-vermelhas | Ab | 5 |
| | <i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers. | Cambaí-amarelo | Ab | 5 |
| | <i>Vigna adenantha</i> (G. F. Meyer) Marechal | Feijãozinho-do-campo | L | 8 |
| HALORAGACEAE | <i>Myriophyllum aquaticum</i> (Vell.) Verdc. | Pinheirinho-d'água | Er | 5 |
| HYPOXIDACEAE | <i>Hypoxis decumbens</i> L. | Tiririca-de-flor-amarela | Er | 7, 8, 9 |
| IRIDACEAE | <i>Neomarica candida</i> (Hassl.) Sprague | Neomarica | Er | 8 |
| | <i>Sisyrinchium micranthum</i> Cav. | Canchalágua | Er | 2 |
| JUNCACEAE | <i>Juncus microcephalus</i> Kunth | Junco | Er | 2 |
| LAMIACEAE | <i>Hyptis fasciculata</i> subsp. <i>fastigiata</i> (Benth.) Harley | | Er | 5, 7, 8 |
| | <i>Hyptis lappacea</i> Benth. | | Er | 7 |
| | <i>Hyptis lorentziana</i> O. Hoffm. | | Er | 5 |
| | <i>Hyptis mutabilis</i> (Rich.) Briq. | Sambacuité | Er | 6, 9 |
| | <i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Mold. | Tarumã | Ar | 4 |
| LAURACEAE | <i>Aiouea saligna</i> Meisn. | Canela | Ar | 8 |
| | <i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F. Macbr. | Canela-frade | Ar | 4 |
| | <i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez | Canela-preta | Ar | 8 |
| | <i>Ocotea porosa</i> (Nees & Mart.) Barroso | Imbuia | Ar | 8 |
| | <i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees | Canela-guaicá | Ar | 8 |
| | <i>Ocotea pulchella</i> (Nees) Mez | Canela-lageana | Ar | 1, 2, 3 |
| | <i>Persea venosa</i> Nees & Mart. ex Nees | Canela-sebo | Ar | 4 |
| LOASACEAE | <i>Blumenbachia urens</i> Urb | Cansanção | Er | 8, 9 |
| LOGANIACEAE | <i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart. | Esporão-de-galo | Ab | 8 |
| LORANTHACEAE | <i>Tripodanthus acutifolius</i> (Ruiz & Pav.) Tiegh. | Erva-de-passarinho | Hp | 1, 2, 7 |
| LYTHRACEAE | <i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr. | | Er | 8 |
| | <i>Cuphea glutinosa</i> Cham. & Schldtl. | Sete-sangrias-do-campo | Er | 5, 7 |
| | <i>Heimia myrtifolia</i> Cham. & Schlecht. | Erva-da-vida | Ab | 5 |
| MALPIGHIACEAE | <i>Amorimia exotropa</i> (Griseb.) W.R. Anderson | | L | 8 |
| | <i>Heteropteris aenea</i> Griseb. | | L | 3, 4, 8 |
| MALVACEAE | <i>Abutilon pauciflorum</i> A. St.-Hil. | | Ab | 8 |
| | <i>Hibiscus diversifolius</i> Jacq. | | Ab | 5 |
| | <i>Luehea divaricata</i> Mart. | Açoita-cavalo | Ar | 8 |
| | <i>Malvastrum coromandelianum</i> (L.) Garcke | Guaxuma | Ab | 8 |
| | <i>Pavonia sepium</i> A. St.-Hil. | Carrapicho | Ab | 8 |
| | <i>Sida planicaulis</i> Cav. | Guaxuma | Er | 8, 9 |
| | <i>Sida rhombifolia</i> L. | Guaxuma | Er | 2, 5, 6, 8 |
| | <i>Sida urens</i> L. | Guaxuma | Er | 5 |
| | <i>Triumfetta rhomboidea</i> Jacq. | Carrapicho-de-calçada | Ab | 3, 5, 8 |
| | <i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq. | Carrapicho-de-calçada | Ab | 5 |
| MARANTACEAE | <i>Maranta arundinacea</i> L. | | Er | 8 |
| | <i>Thalia geniculata</i> L. | Caeté | Er | 8 |
| MELASTOMATACEAE | <i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn. | Pixirica | Ab | 1, 2 |
| MELIACEAE | <i>Trichilia clausenii</i> C. DC. | Catiguá-vermelho | Ar | 4, 8 |
| | <i>Trichilia elegans</i> Juss. | Pau-de-ervilha | Ab | 4, 8 |
| MENYANTHACEAE | <i>Nymphoides indica</i> (L.) Kuntze | Soldanela-d'água | Er | 5 |
| MORACEAE | <i>Ficus cestriifolia</i> Schott ex Spreng. | Figueira-de-folha-miúda | Ar | 4 |
| | <i>Morus nigra</i> L. # | Amoreira | Ar | 7 |

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat | |
|--|---|--|----------|---------------|------|
| MYRSINACEAE | <i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R. Br. | Capororoca-vermelha | Ar | 1, 2, 3 | |
| | <i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze | Capororoca | Ar | 1, 3, 4, 8 | |
| | <i>Myrsine laetevirens</i> (Mez) Arechav. | Capororoca | Ar | 8 | |
| | <i>Myrsine lorentziana</i> (Mez) Arechav. | Capororoca | Ar | 2 | |
| MYRTACEAE | <i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O. Berg | Murta | Ab | 1 | |
| | <i>Eugenia hyemalis</i> Camb. | Guamirim | Ar | 1, 2, 3, 4 | |
| | <i>Eugenia myrcianthes</i> Nied. | Pessegueiro-do-mato | Ar | 2, 4 | |
| | <i>Eugenia schuchiana</i> O. Berg | Guamirim | Ar | 4 | |
| | <i>Eugenia uniflora</i> L. | Pitangueira | Ab | 3, 4, 8 | |
| | <i>Eugenia uruguayensis</i> Cambess. | Batinga-vermelha | Ar | 8 | |
| | <i>Myrcia glabra</i> (O. Berg) Legr. | Ubá | Ar | 1, 3, 4 | |
| | <i>Myrcia palustris</i> DC. | Pitangueira-do-mato | Ab | 1, 2, 3, 4 | |
| | <i>Myrcia selloi</i> (Spreng.) N. Silveira | Cambuí | Ab | 1 | |
| | <i>Myrcianthes pungens</i> (O. Berg) D. Legrand | Guabiju | Ar | 8 | |
| | <i>Myrciaria cuspidata</i> O. Berg | Camboim | Ab | 1, 2, 3, 4, 8 | |
| | <i>Myrrhinium atropurpureum</i> Schott | Murtinho | Ab | 4 | |
| | <i>Psidium cattleianum</i> Sab. | Araçazeiro | Ar | 1, 2 | |
| <i>Psidium guajava</i> L. # | Goiabeira | Ar | 7 | | |
| NYCTAGINACEAE | <i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz | Maria-mole | Ar | 4, 8 | |
| | <i>Pisonia aculeata</i> L. | Espora-de-galo | L | 8 | |
| ONAGRACEAE | <i>Ludwigia elegans</i> (Cambess.) H. Hara | Cruz-de-malta | Ab | 5 | |
| | <i>Ludwigia longifolia</i> (DC.) H. Hara | Cruz-de-malta | Ab | 5 | |
| | <i>Ludwigia multinervia</i> (Hook. & Arn.) Ramamoorthy | Cruz-de-malta | Ab | 5 | |
| ORCHIDACEAE | <i>Acianthera glumacea</i> (Lindl.) Pridgeon & M.W. Chase | Orquídea | Ep | 4 | |
| | <i>Acianthera saundersiana</i> (Rchb. f.) Pridgeon & M.W. Chase | Orquídea | Ep | 4 | |
| | <i>Brassavola tuberculata</i> Hook. | Rabo-de-rato | Ep | 8 | |
| | <i>Campylocentrum aromaticum</i> Barb. Rodr. | Orquídea | Ep | 4 | |
| | <i>Cattleya intermedia</i> Grah. ex Hook. | Catléia | Ep | 4, 8 | |
| | <i>Cattleya tigrina</i> A. Rich. ex Beer | Orquídea | Ep | 8 | |
| | <i>Cyclopogon bicolor</i> (Ker Gawl.) Schltr. | | Er | 8 | |
| | <i>Habenaria parviflora</i> Lindl. | | Er | 6 | |
| | <i>Hapalorchis lineatus</i> (Lindl.) Schltr. | | Er | 1 | |
| | <i>Mesadenella cuspidata</i> (Lindl.) Garay | | Er | 8 | |
| | <i>Polystachya estrellensis</i> Rchb. f. | | | 8 | |
| | <i>Sacoila lanceolata</i> (Aubl.) Garay | Orquídea-terrestre | Er | 9 | |
| | <i>Trichocentrum pumilum</i> (Lindl.) M.W. Chase & N.H. Williams) | | Ep | 4, 8 | |
| | OROBANCHACEAE | <i>Agalinis communis</i> (Cham. & Schltdl.) D'Arcy | | Er | 5 |
| | OXALIDACEAE | <i>Oxalis bipartita</i> A. St.-Hil. | Azedinha | Er | 2, 9 |
| <i>Oxalis linarantha</i> Lourteig | | Azedinha-linda | Er | 8 | |
| <i>Oxalis triangularis</i> A. St.-Hil. | | Azedinha | Er | 8 | |
| PASSIFLORACEAE | <i>Passiflora alata</i> Curtis # | Maracujá | L | 3 | |
| | <i>Passiflora elegans</i> Mast. | Maracujá-de-estalo | L | 8 | |
| | <i>Passiflora misera</i> Kunth | Maracujazinho | L | 5 | |
| | <i>Passiflora suberosa</i> L. | Maracujá-de-cortiça | L | 8 | |
| | <i>Passiflora tenuifila</i> Killip | Maracujá-de-cobra | L | 8 | |
| PHYLLANTHACEAE | <i>Phyllanthus sellowianus</i> (Klotzsch) Müll. Arg. | Sarandi | Ab | 5, 7 | |
| PHYTOLACCACEAE | <i>Petiveria alliacea</i> L. # | Erva-guiné | Er | 8 | |
| | <i>Seгуeria americana</i> L. | Cipó-limoeiro-do-mato | L | 8 | |
| PIPERACEAE | <i>Peperomia catharinae</i> Miq. | Erva-de-vidro | Ep | 4 | |
| | <i>Peperomia caulibarbis</i> Miq. | | Ep | 8 | |
| | <i>Peperomia pereskiaefolia</i> (Jacq.) Kunth | Erva-de-vidro | Ep | 4, 8 | |
| | <i>Piper aduncum</i> L. | Pimenta-de-macaco | Ab | 8 | |
| PLANTAGINACEAE | <i>Bacopa monnieri</i> (L.) Wettst. | Bacopa-anã | Er | 9 | |
| | <i>Scoparia dulcis</i> L. | Tupiçaba | Er | 8 | |
| | <i>Scoparia montevidensis</i> (Spreng.) R.E. Fr. | Tupiçaba | Er | 9 | |

FLORA

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat | |
|------------------------------------|--|---|---------------|------------|------|
| POACEAE | <i>Andropogon bicornis</i> L. | | Er | 2 | |
| | <i>Andropogon selloanus</i> (Hack.) Hack. | | Er | 2 | |
| | <i>Aristida circinalis</i> Lindm. | | Er | 2 | |
| | <i>Axonopus fissifolius</i> (Raddi) Kuhl. | | Er | 2 | |
| | <i>Bambusa tuldoides</i> Munro # | Taquara | Ab | 1 | |
| | <i>Briza poaeomorpha</i> (J.Presl) Henrard | | Er | 2 | |
| | <i>Chascolytrum subaristatum</i> (Lam.) Desv) | Treme-treme | Er | 9 | |
| | <i>Dichantherium sabulorum</i> (Lam.) Gould & C.A. Clark | | Er | 9 | |
| | <i>Dichantherium surrectum</i> (Chase ex Zuloaga & Morrone) Zuloaga | | Er | 2, 9 | |
| | <i>Digitaria ciliaris</i> (Retz.) Koeler # | Capim-colchão | Er | 7, 8 | |
| | <i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. # | Pé-de-galinha | Er | 7 | |
| | <i>Eragrostis cataclasta</i> Nicora | | Er | 2 | |
| | <i>Eragrostis neesii</i> Trin. | | Er | 2 | |
| | <i>Guadua trinii</i> (Nees) Nees ex Rupr. | Taquaruçu | Ab | 8 | |
| | <i>Hymenachne amplexicaulis</i> (Rudge) Nees | | Er | 7 | |
| | <i>Ichnanthus pallens</i> (Sw.) Munro ex Benth. | Capim-do-mato | Er | 8, 9 | |
| | <i>Ischaemum minus</i> J. Presl | Gramma-vermelha | Er | 2 | |
| | <i>Luziola peruviana</i> Juss. ex J.F. Gmel. | Capim-boiador | Er | 5 | |
| | <i>Megathyrsus maximus</i> (Jacq.) B.K. Simon & S.W.L. Jacobs # | | Er | 5 | |
| | <i>Melica sarmentosa</i> Nees | Capim-trepador | Er | 4 | |
| | <i>Melinis repens</i> (Willd.) Zizka # | Capim-gafanhoto | Er | 2, 9 | |
| | <i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) P. Beauv. | Capim-do-mato | Er | 8 | |
| | <i>Panicum gouinii</i> E. Fourn. | Gramma-portuguesa | Er | 2, 5, 7 | |
| | <i>Panicum pilosum</i> Sw. | Capim-de-anta | Er | 7 | |
| | <i>Paspalum arenarium</i> Schrad. | | Er | 2 | |
| | <i>Paspalum conjugatum</i> P.J. Bergius | Capim-gordo | Er | 5, 8 | |
| | <i>Phalaris angusta</i> Nees ex Trin. | | Er | 2 | |
| | <i>Pharus lappulaceus</i> Aubl. | Capim-bambu | Er | 8 | |
| | <i>Piptochaetium panicoides</i> (Lam.) E. Desv. | | Er | 2 | |
| | <i>Poa annua</i> L. # | | Er | 7 | |
| | <i>Pseudechinolaena polystachya</i> (Kunth) Stapf | Pastinho-de-mato | Er | 8 | |
| | <i>Schizachyrium microstachyum</i> (Desv. ex Ham.) Roseng., B.R. Arrill. & Izag. | Rabo-de-burro | Er | 2 | |
| | <i>Setaria parviflora</i> (Poir.) Kerguelen | Capim-rabo-de-raposa | Er | 2, 5, 6, 8 | |
| | <i>Sporobolus indicus</i> (L.) R. Br. | Capim-mourão | Er | 6 | |
| | <i>Steinchisma decipiens</i> (Nees ex Trin.) W.V. Br. | | Er | 8 | |
| | <i>Zizaniopsis bonariensis</i> (Balansa & Poitr.) Speg. | Espadana | Er | 5 | |
| | POLYGONACEAE | <i>Polygonum acuminatum</i> Kunth | Erva-de-bicho | Er | 5 |
| | | <i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx. | Erva-de-bicho | Er | 5 |
| | | <i>Polygonum punctatum</i> Elliott | Erva-de-bicho | Er | 5, 7 |
| | | <i>Polygonum stelligerum</i> Cham. | | Er | 5 |
| <i>Ruprechtia laxiflora</i> Meisn. | | Farinha-seca | Ar | 1, 3, 4 | |
| PONTEDERIACEAE | <i>Eichhornia azurea</i> (Sw.) Kunth | Aguapé-de-baraço | Er | 5 | |
| | <i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms | Aguapé | Er | 7 | |
| | <i>Pontederia lanceolata</i> Nutt. | Rainha-dos-lagos | Er | 5 | |
| ROSACEAE | <i>Prunus myrtilifolia</i> (L.) Urb. | Pessegueiro-bravo | Ar | 1 | |
| RUBIACEAE | <i>Cephalanthus glabratus</i> (Spreng.) K. Schum. | Sarandi | Ab | 5 | |
| | <i>Chomelia obtusa</i> Cham. & Schltld. | Viuvinha | Ab | 4, 8 | |
| | <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch. | Cainca | L | 1, 4 | |
| | <i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz e Pav.) Pers. | Piririca | Er | 1, 9 | |
| | <i>Diodia apiculata</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) K. Schum. | | Er | 2 | |
| | <i>Diodia saponariifolia</i> (Cham. & Schltld.) K. Schum. | Falsa-ipecaçuinha | Er | 5, 8 | |
| | <i>Galianthe brasiliensis</i> (Spreng.) E.L. Cabral & Bacigalupo | | Er | 8 | |

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|------------------|---|--|--------|---------------|
| RUBIACEAE | <i>Galium hypocarpium</i> (L.) Endl. ex Griseb. | Saco-de-touro | Er | 8 |
| | <i>Guettarda uruguensis</i> Cham. & Schltld. | Veludinho | Ar | 4 |
| | <i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq. | Café-do-mato | Ab | 1, 3, 4, 7, 8 |
| | <i>Psychotria leiocarpa</i> Cham. & Schltld. | Cafeeiro-do-mato | Ab | 8 |
| | <i>Randia ferox</i> (Cham. & Schltld.) DC. | Limoeiro-do-mato | Ar | 2, 4, 8 |
| | <i>Richardia brasiliensis</i> Gomes | Poaia | Er | 6, 9 |
| | <i>Richardia humistrata</i> (Cham. & Schltld.) Steud. | Poaia | Er | 6, 9 |
| | <i>Spermacoce dasycephala</i> (Cham. & Schltld.) Delprete | | Er | 2, 9 |
| | <i>Spermacoce verticillata</i> L. | | Er | 2 |
| RUTACEAE | <i>Zanthoxylum fagara</i> (L.) Sarg. | Coentrilho | Ar | 3, 4 |
| | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. | Mamica-de-cadela | Ar | 3, 4 |
| SALICACEAE | <i>Banara parviflora</i> (A. Gray) Benth. | Farinha-seca | Ar | 8 |
| | <i>Casearia decandra</i> Jacq. | Guaçatunga | Ar | 4 |
| | <i>Casearia sylvestris</i> Sw. | Chá-de-bugre | Ar | 2, 3, 4, 8 |
| | <i>Salix humboldtiana</i> Willd. | Salso | Ar | 7 |
| SANTALACEAE | <i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek | Cancorosa-de-três-pontas | Ar | 1, 4 |
| | <i>Phoradendron holoxanthum</i> Eichler | Erva-de-passarinho | Hp | 7 |
| SAPINDACEAE | <i>Allophylus edulis</i> (St. Hil.) Radlk. | Chal-chal | Ar | 4, 8 |
| | <i>Cupania vernalis</i> Camb. | Camboatá-vermelho | Ar | 8 |
| | <i>Dodonaea viscosa</i> Jacq. | Vassoura-vermelha | Ab | 1, 3, 4 |
| | <i>Paullinia elegans</i> Cambess. | Olhos-de-boneca | L | 3, 7, 8 |
| | <i>Paullinia trigonia</i> Vell. | Cipó-timbó | L | 1, 2 |
| SAPOTACEAE | <i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk. | Aguai-vermelho | Ar | 2, 3, 4, 8 |
| | <i>Pouteria gardneriana</i> (A. DC.) Radlk. | Aguai | Ar | 1 |
| | <i>Pouteria salicifolia</i> (Spreng.) Radlk. | Mata-olho | Ar | 3 |
| | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn. | Coronilha | Ar | 8 |
| SCROPHULARIACEAE | <i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltld. | Verbasco | Er | 5, 8 |
| SMILACACEAE | <i>Smilax campestris</i> Griseb. | Salsaparrilha | L | 1, 2, 8 |
| | <i>Smilax cognata</i> Kunth | Salsaparrilha | L | 2 |
| SOLANACEAE | <i>Cestrum strigilatum</i> Ruiz & Pav. | Canema | Ab | 5, 8 |
| | <i>Petunia integrifolia</i> (Hook.) Schinz & Thellung | Petúnia | Er | 2, 9 |
| | <i>Physalis angulata</i> L. | | Er | 7 |
| | <i>Salpichroa organifolia</i> (Lam.) Baill. | Ovo-de-galo | Er | 1, 3, 8 |
| | <i>Solanum americanum</i> Mill. | Erva-moura | Er | 5, 8 |
| | <i>Solanum arenarium</i> Sendtn. | | Ab | 8 |
| | <i>Solanum glaucophyllum</i> Desf. | Espichadeira | Ab | 7 |
| | <i>Solanum mauritianum</i> Scop. | Fumo-bravo | Ab | 8 |
| | <i>Solanum pseudocapsicum</i> L. | Peloteira | Ab | 9 |
| | <i>Solanum pseudoquina</i> A. St.-Hil. | Coerana | Ar | 3, 4 |
| | <i>Solanum sanctaecatharinae</i> Dunal | Joá-manso | Ar | 3, 4 |
| | <i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam. | Joá | Er | 8 |
| | <i>Solanum viarum</i> Dunal | Joá | Er | 5 |
| | TALINACEAE | <i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn. | | Er |
| THYMELAEACEAE | <i>Daphnopsis racemosa</i> Meiss. | Embira | Ab | 1, 2, 3, 4, 8 |
| THYPHACEAE | <i>Typha domingensis</i> Pers. | Taboa | Er | 5 |
| URTICACEAE | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | Embaúba | Ar | 3, 4 |
| | <i>Coussapoa microcarpa</i> (Shott) Rizzini | Mata-pau | Ar | 4 |
| | <i>Parietaria debilis</i> G. Forst. # | Parietária | Er | 8 |
| | <i>Urena nitida</i> (Vell.) Brack | Urtigão | Ab | 8 |
| VERBENACEAE | <i>Lantana camara</i> L. | Camará-de-espinho | Ab | 1, 2, 6, 8 |
| | <i>Lantana fucata</i> Lindl. | Camará | Ab | 8 |
| | <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl | Gervão | Er | 8 |
| | <i>Verbena montevidensis</i> Spreng. | | Er | 6 |
| VITACEAE | <i>Cissus striata</i> Ruiz & Pav. | Parreira-brava | L | 1, 2, 3, 8 |
| XYRIDACEAE | <i>Xyris jupicai</i> Rich. | Botão-de-ouro | Er | 2 |

FLORA

Anexo I. (contin.) Relação das espécies observadas na REBIOLJL, com os respectivos nomes populares, famílias, tipos de hábito e hábitat. Legenda: Ab, arbusto; Ar, árvore; Ep, epífita; Er, erva; Hp, hemiparasita; L, trepadeira; P, palmeira; 1, mata de restinga; 2, mata de restinga úmida; 3, mata baixa I; 4, mata baixa II; 5, banhado; 6, campo sujo; 7, margem do Guaíba; 8, mata de encosta da Ponta do Cego; 9, campo arenoso; #, espécie exótica.

| Família | Nome científico | Nome popular | Hábito | Hábitat |
|-------------------------|--|------------------|--------|------------|
| GYMNOSPERMAE | | | | |
| EPHEDRACEAE | <i>Ephedra tweediana</i> Fisch. & C.A. Mey. | Efedra | Ab | 1, 3 |
| PTERIDOPHYTA | | | | |
| ANEMIAEAE | | | | |
| | <i>Anemia phyllitidis</i> (L.) Sw. | Avenca-de-espiga | Er | 8 |
| | <i>Anemia tomentosa</i> (Savigny) Sw. | Avenca-de-espiga | Er | 8 |
| ASPLENIAEAE | | | | |
| | <i>Asplenium clausenii</i> Hieron. | Samambaia | Er | 8 |
| | <i>Asplenium sellowianum</i> C. Presl ex Hieron. | Samambaia | Ep | 8 |
| AZOLLACEAE | | | | |
| | <i>Azolla filiculoides</i> Lam. | Azola | Er | 5 |
| BLECHNACEAE | | | | |
| | <i>Blechnum australe</i> subsp. <i>auriculatum</i> (Cav.) de la Sota | Samambaia | Er | 8 |
| DRYOPTERIDACEAE | | | | |
| | <i>Rumohra adiantiformis</i> (Forst.) Ching | Calagualla | Er | 1, 2, 8 |
| POLYPODIACEAE | | | | |
| | <i>Campyloneurum nitidum</i> (Kaulf.) C. Presl | Samambaia | Ep | 8 |
| | <i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de la Sota | Cipó-cabeludo | Ep | 8 |
| | <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. et. Fisch.) Copel. | Cipó-cabeludo | Ep | 1, 2, 4, 8 |
| | <i>Pleopeltis angusta</i> Humb. & Bonpl. ex Willd. | | Ep | 8 |
| | <i>Polypodium lepidopteris</i> (Langsd. & Fisch.) Kunze. | Samambaia | Er | 1, 2, 9 |
| | <i>Serpocaulon meniscifolium</i> (Langsd. & Fisch.) A.R. Sm. | | Ep | 8 |
| PTERIDACEAE | | | | |
| | <i>Adiantopsis chlorophylla</i> (Sw.) Fée | | Er | 1, 2, 9 |
| | <i>Adiantum raddianum</i> C. Presl | Avenca | Er | 8 |
| | <i>Cheilanthes concolor</i> (Langsd. & Fisch.) R.M. Tryon & A.F. Tryon | | Er | 8 |
| | <i>Doryopteris pedata</i> var. <i>multipartita</i> (Fée) R.M. Tryon | | Er | 3, 8 |
| | <i>Pteris brasiliensis</i> Raddi | | Er | 8 |
| SALVINIAEAE | | | | |
| | <i>Salvinia</i> sp. | Murerê | Er | 5 |
| THELYPTERIDACEAE | | | | |
| | <i>Thelypteris dentata</i> (Forssk.) E.P. St. John | Samambaia | Er | 8 |

Anexo II. Relação das espécies levantadas na REBIOLJL que constam na lista das espécies da flora ameaçadas de extinção no Estado (Rio Grande do Sul, 2002), com suas respectivas categorias de ameaça: EN = em perigo; VU = vulnerável.

| FAMÍLIAS | Espécies | Nome popular | Cat. ameaça |
|---------------------|---|--------------------------|-------------|
| ANGIOSPERMAS | | | |
| ARECACEAE | <i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc. | Butiazeiro | EN |
| BROMELIACEAE | | | |
| | <i>Tillandsia gardneri</i> Lindl. | Cravo-do-mato | VU |
| | <i>Tillandsia geminiflora</i> Brongn. | Cravo-do-mato | VU |
| | <i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L. | Barba-de-pau | VU |
| | <i>Vriesea procera</i> (Mart. ex Schult.f.) Wittm. | Bromélia | VU |
| | <i>Werauhia gigantea</i> (Mart. ex Schult. f.) J. R. Grant | Bromélia | VU |
| LAURACEAE | <i>Ocotea porosa</i> (Nees & Mart.) Barroso | Imbuia | EN |
| ORCHIDACEAE | | | |
| | <i>Cattleya intermedia</i> Grah. ex Hook. | Catléia | VU |
| | <i>Cattleya tigrina</i> A. Rich. ex Beer | Orquídea | VU |
| PASSIFLORACEAE | <i>Passiflora elegans</i> Mast. | Maracujá-de-estalo | VU |
| POACEAE | <i>Zizaniopsis bonariensis</i> (Balansa & Poitr.) Speg. | Espadana | VU |
| SANTALACEAE | <i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek | Cancorosa-de-três-pontas | EN |
| SAPOTACEAE | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn. | Coronilha | VU |
| SOLANACEAE | <i>Solanum arenarium</i> Sendtn. | | EN |
| URTICACEAE | <i>Urera nitida</i> (Vell.) Brack | Urtigão | VU |
| GIMNOSPERMAS | | | |
| EPHEDRACEAE | <i>Ephedra tweediana</i> Fisch. & C.A. Mey. | Efedra | EN |

ESTUDOS POLÍNICOS NA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI

JOSÉ LUTZENBERGER

Soraia Girardi Bauermann, Eduardo Magalhães

Introdução

A Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (REBIOLJL), localizada no extremo sul do Município de Porto Alegre, foi criada no ano de 1975, tendo como principal motivação à preservação de um vegetal raro e endêmico, a *Ephedra tweediana* (WITT, 2008). Possui clima subtropical úmido, e localiza-se em zona de transição climática em que as massas de ar tropical marítimo alternam-se com massas de ar polares marítimo (LIVI, 1998).

A área da REBIOLJL integra um complexo vegetacional com matas ciliares, banhados, juncais, matas de restinga, maricazais, vassourais e campos arenícolas que vem sofrendo a descaracterização dos ambientes naturais, devidos à ação antrópica e expansão urbana.

Embora já tenham sido realizados alguns trabalhos referentes à biodiversidade florística na REBIOLJL, nenhum trabalho de palinologia foi ainda desenvolvido na região. Entre os diversos trabalhos realizados, destacam-se os de Baptista *et al.* (1979); Brack *et al.* (1992), que consiste em um levantamento florístico preliminar; Gonçalves (1995) que trata de estudo fitossociológico do estrato arbustivo de um vassoural; Brum (1995) analisou a fitossociologia do estrato arbóreo de uma mata de restinga; Foletto e Rossoni (1995) efetuou mapeamento das espécies exóticas e finalmente Silva e Ritter (2002) desenvolveram um estudo das plantas medicinais e toxicológicas.

Embora, estudos de flora e fauna já tenham sido realizados na REBIOLJL (WITT, 2008) a história de sua vegetação ainda não é conhecida. Com intuito de contribuir para o conhecimento da

dinâmica vegetacional da RBLJL, este estudo apresenta a primeira avaliação quantitativa realizada através de estudos polínicos de amostragem sedimentar.

Área de Estudo

A REBIOLJL é considerada a primeira reserva municipal do Brasil, e abriga ecossistemas originais, ainda restantes da região de Porto Alegre. Espécies vulneráveis e ameaçadas de extinção, ainda podem ali ser encontradas como *Ephedra tweediana* Fisch. C. A. Mey, *Erythrina crista-galli* L. e *Ficus organensis* Miq.. A vegetação é considerada do tipo restinga (WAECHTER, 1985) e destaca-se como reduto de ocorrência de uma população de *Ephedra tweediana*, gimnosperma nativa do Rio Grande do Sul, a qual apresenta seu limite setentrional de distribuição geográfica no Lami.

Atualmente encontra-se na REBIOLJL, uma biodiversidade de flora abundante, distribuídas em campos arenícolas, mata de restinga que é composta por uma vegetação diversificada, desde gramíneas e arbustivas até árvores de pequeno a grande porte, vassourais que desenvolvem sobre o solo arenoso e seco da reserva, maricazal em locais úmidos e ocorrência mais ampla, banhados, mata ciliar composta de ingazeiros (*Inga uraguensis*, HOOK.; ARN.), espécies de sarandis (*Phyllanthus sellowianus*, MUELL. ARG. e *Sebastiania schottiana*, MUELL. ARG.); salgueiros (*Salix humboldtiana*, WILLD.) e maricás (*Mimosa bimucronata*, KUNTZE.) além da presença de juncais (*Scirpus californicus*, STEUD.) que margeiam a praia.

Material e Métodos

O material sedimentar coletado da REBIOLJL foi extraído em uma área paludosa, nas coordenadas 22J 0490012; 6655072 e cinco metros de elevação. (Figura 1). A coleta do perfil sedimentar foi realizada com aparelho coletor modelo “Russian”. O testemunho de sondagem apresentou profundidade total de 61 cm e após sua coleta foi

depositado em canos de PVC, embalados em filme plástico e estocados a temperatura de 4° C. Em laboratório foram retiradas subamostras a intervalos regulares de cinco centímetros (Figura 2). Para as análises palinológicas as amostras foram tratadas segundo técnica usual (FAEGRI; IVERSEN, 1989). As lâminas foram montadas com gelatina glicerizada e encontram-se depositadas na palinoteca do Laboratório de Palinologia da Ulbra.

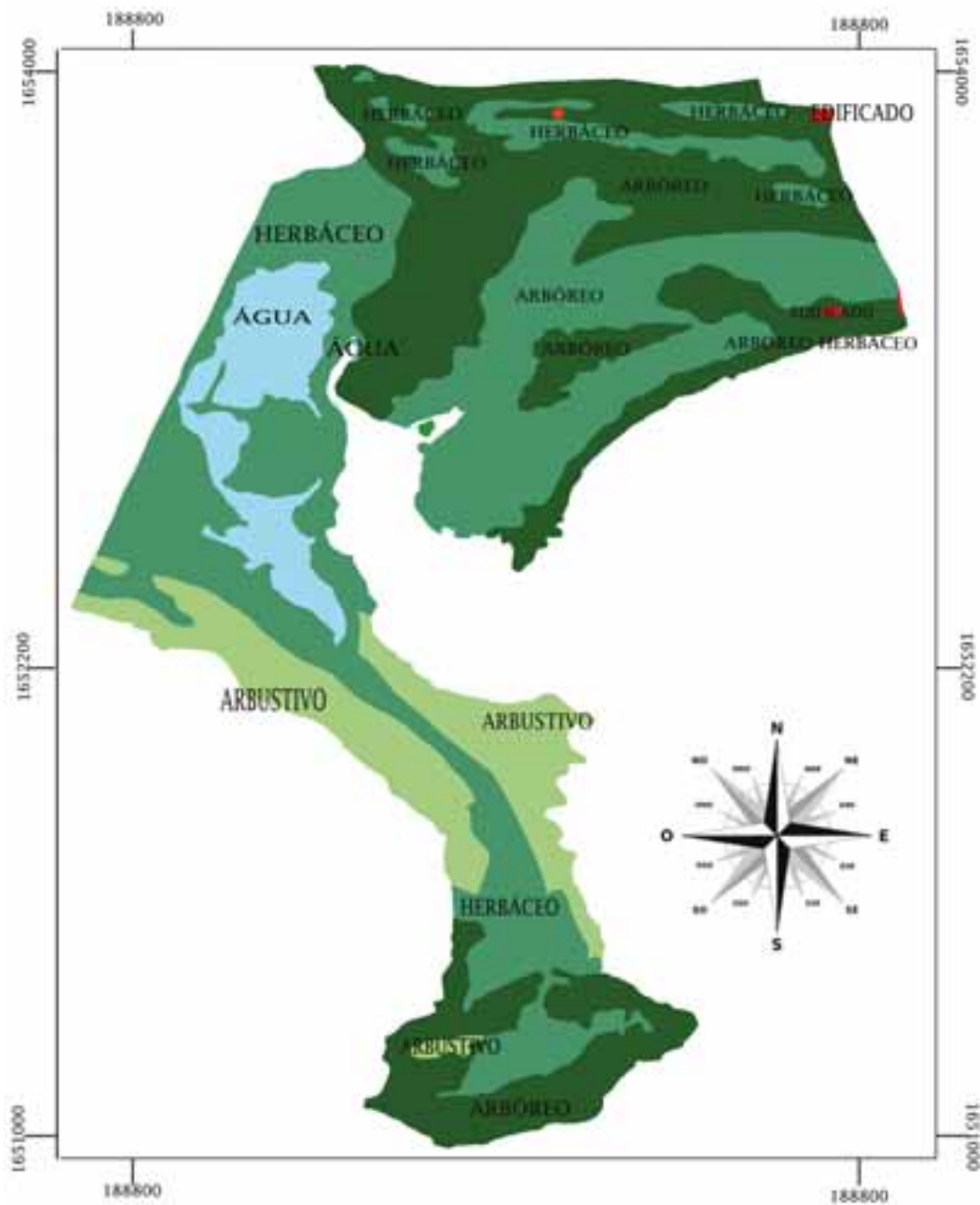


Figura 1. Mapa de vegetação de REBIOLJL (adaptado de WITT, 2008). Círculo laranja representa o local de coleta.



Figura 2. Coleta de material sedimentar a intervalos regulares de cinco cm para posterior processamento químico.

O material polínico constante nas lâminas foi identificado e quantificado, sendo contados no mínimo 300 grãos de pólen e esporos em cada um dos níveis amostrados. Para a identificação polínica utilizou-se literatura especializada, além de consultas a palinoteca. Sempre que possível buscou-se a identificação na menor categoria taxonômica possível, em alguns casos utilizou-se o vocábulo “tipo” para aqueles táxons que podem estar relacionados a mais de um gênero.

Resultados

Os 44 táxons amostrados no testemunho de sondagem estão distribuídos em fungos (2 táxons), algas (6 táxons), briófitas (1 táxon), pteridófitas (7 táxons), gimnospermas (3 táxons) e angiospermas (25 táxons) e encontram-se listados abaixo. Além destas espécies foram também registrados hifas e esporos de fungos, os quais não foram considerados nas análises palinológicas (Figura 3).

Fungos

Glomus Tus. & C. Tus.

Tetraploa aristata Berk & Broome

Algas

Scenedesmaceae Oltmanns

Zygnemataceae Kützing

Debaria (DE BARY) Wittrock

Mougeotia C. Agardh

Spirogyra Link

Zygnema C. A. Agardh

Briófitas

Sphagnum (DILL.) Hedw

Pteridófitas

Anemia phyllitidis (L.) Sw.

Dicksonia sellowiana Hook

Lycopodium clavatum L.

Polypodiaceae J. Presl & C.Presl

Schizaeaceae Wall.

tipo *Microgramma vaccinifolia* (Langst. & Fisch)
Copel.

Marattia Sw.

Gimnospermas

Araucaria angustifolia (BERTOL.) Kuntze

Ephedra tweediana Fisch. & C.A.Mey.

Pinus L.

Angiospermas

Apiaceae Lindl.

Arecaceae Bercht. & J.Presl.

Asteraceae Bercht. & J.Presl

Bromeliaceae Juss.

Chrysophyllum L.

Cyperaceae Juss

Eryngium L.

Erythroxyllum P. Browne

Euphorbiaceae Juss.

Faramea Aubl

Flacourtiaceae

Iridaceae Juss.

Loranthaceae Juss.

Lythraceae J.St.-Hil

Malvaceae Juss.

Malpighiaceae Juss.

Mimosa L.

Moraceae

Myrtaceae Juss.

Oxalidaceae

Pavonia Cal.

Plantaginaceae Juss.

Plantago L.

Poaceae Barnhart

Rubiaceae Juss

Sapindaceae Juss

Solanaceae Adans.

tipo *Baccharis*

tipo *Butia*

tipo *Senecio*

Thymelaeaceae Juss.

Xyridaceae C. Agardh

Zea mays L.

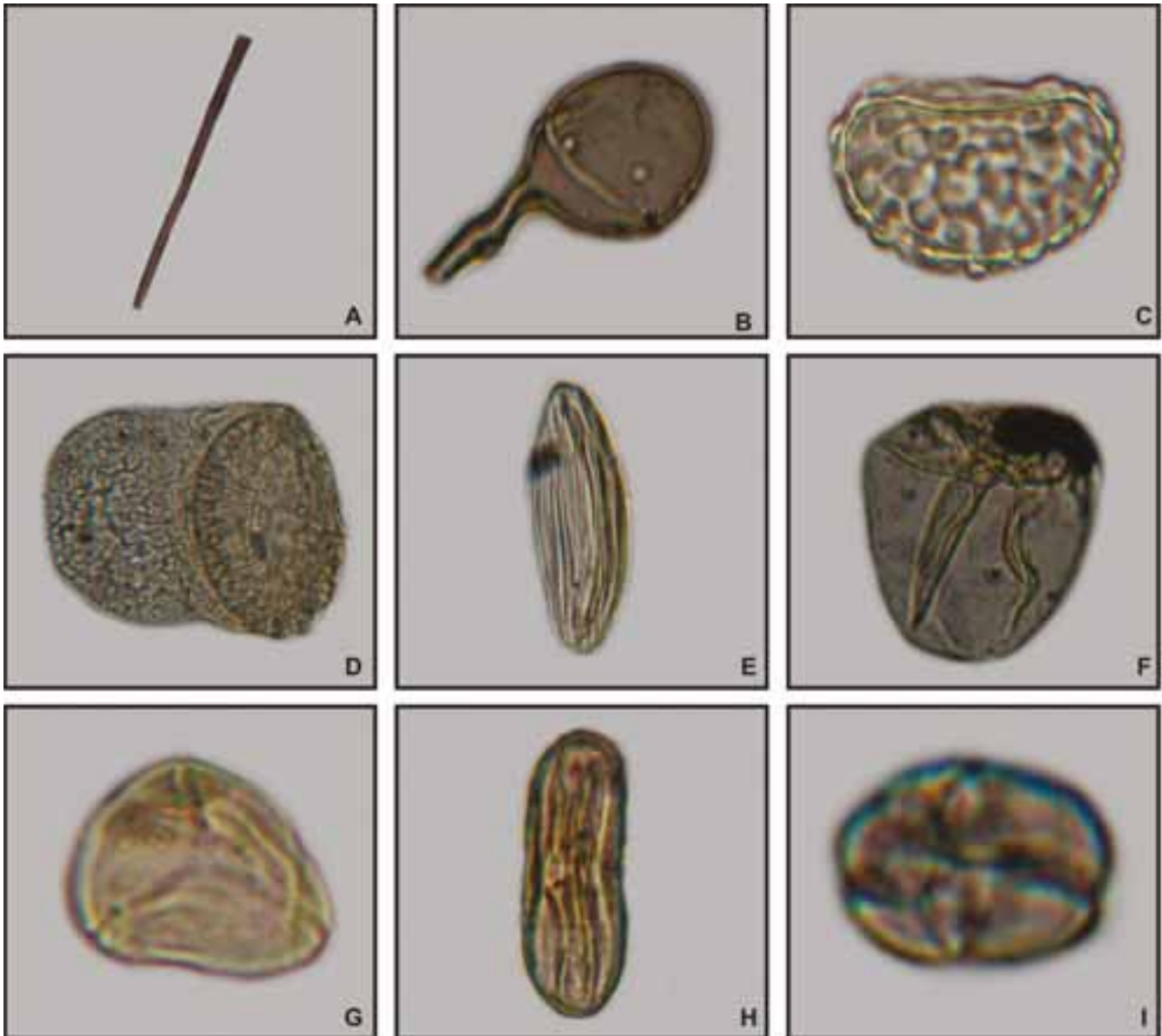


Figura 3. Ilustração dos principais palinomorfos registrados no testemunho de sondagem. **A.** Hifa de fungo; **B.** *Glomus*. **C.** tipo *Microgramma vacciniifolia* **D.** Pinus; **E.** *Ephedra tweediana*. **F.** Poaceae; **G.** Myrtaceae; **H.** *Eryngium*; **I.** *Mimosa*.

Sete táxons foram os de maior frequência (Tabela 1), ocorrendo em todas as subamostras (Apiaceae, Asteraceae, Cyperaceae, Myrtaceae, Poaceae, Polypodiaceae e as algas Scenedsamacae e Zygnematacae).

Observa-se também que, dentre as angiospermas, *Mimosa* é o palinomorfo de maior representatividade (164 políades), provavelmente este táxon seja correspondente à *Mimosa bimucronata*, que é abundante na área, mas devido à semelhança de seus grãos de pólen com outros do mesmo gênero não foi possível afirmar tal fato.

Dentre os briófitos e pteridófitos destaca-se *Lycopodium* com uma representatividade 412 esporos na subamostra de 52 cm de profundidade. A abundância de esporos de *Lycopodium*, sobretudo nas amostras mais basais pode estar relacionada a sua parede que por ser bastante espessa propicia uma melhor preservação acarretando uma preservação preferencial deste esporomorfo.

Considerando somente as gimnospermas e angiospermas (Tabela 2), os táxons mais abundantes ao longo dos 61 cm foram respectivamente Poaceae (26,46%), Cyperaceae

FLORA

Tabela 1. Valores numéricos dos táxons registrados no testemunho de sondagem conforme suas respectivas profundidades.

| Táxons | Profundidade (cm) | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|-------------------|-----|-----|-----|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | 2 | 7 | 12 | 17 | 22 | 27 | 32 | 37 | 42 | 47 | 52 | 57 | 61 |
| <i>Anemia phyllitidis</i> | | | | 1 | 1 | | | | | | | | |
| Apiaceae | 2 | 2 | 3 | 2 | 6 | 6 | 21 | 24 | 19 | 15 | 5 | 12 | 9 |
| <i>Araucaria angustifolia</i> | 2 | 3 | | | | | 3 | | | | | | |
| Arecaceae | | | 1 | | 8 | | | | | | 2 | | |
| Asteraceae | 25 | 29 | 129 | 100 | 66 | 56 | 76 | 74 | 69 | 55 | 35 | 47 | 50 |
| Bromeliaceae | | | 1 | | | | | | | | | | |
| <i>Chrysophyllum</i> | | | | | | | 4 | | | | | | |
| Cyperaceae | 13 | 30 | 103 | 68 | 72 | 36 | 79 | 93 | 80 | 75 | 70 | 111 | 75 |
| Debaria | | 2 | 2 | | | 1 | 2 | | 1 | 1 | | 1 | 4 |
| <i>Dicksonia sellowiana</i> | 2 | 1 | | | 1 | | 2 | | | 1 | | 1 | |
| <i>Ephedra tweediana</i> | 1 | 1 | 1 | | 1 | | 1 | 1 | 1 | | | | |
| <i>Eryngium</i> | 1 | | | | | 1 | 4 | 8 | 3 | 1 | 3 | 5 | 5 |
| <i>Erythroxyllum</i> | | | | | | | | | | 1 | 1 | | |
| Euphorbiaceae | 3 | | | | | | | | | | | | 3 |
| Fabaceae | 1 | | | | | | | | 1 | | 4 | 7 | 10 |
| <i>Faramea</i> | | | | 1 | | | | | | | | | |
| Flacourtiaceae | 2 | 3 | | | | | | | | | | | |
| <i>Glomus</i> | | | | 1 | 2 | 9 | | 2 | 1 | | | 7 | |
| Iridaceae | | | | 1 | 7 | 5 | 10 | 31 | 25 | 54 | 11 | 9 | 22 |
| Loranthaceae | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Lycopodium</i> | | | | | | | 105 | 38 | 103 | 261 | 412 | 139 | 230 |
| Lythraceae | 2 | | | | | | | | | | | | |
| Malpighiaceae | | 1 | | | | | | | | | | 1 | 2 |
| Malvaceae | 3 | | | 2 | | | | | | | | | |
| Marattia | | | | | | | | | | | 2 | 11 | 12 |
| <i>Mimosa</i> | 164 | | 35 | | 10 | 20 | 32 | 14 | 1 | 9 | 2 | 10 | 12 |
| Moraceae | 1 | | | | | | | | | | | | |
| <i>Mougeotia</i> | 3 | | | | | 2 | 5 | | | | | | |
| Myrtaceae | 1 | 1 | 2 | 3 | 12 | 5 | 4 | 11 | 10 | 5 | 3 | 6 | 3 |
| Oxalidaceae | 1 | | | | | | 1 | | | 1 | 3 | 1 | 4 |
| <i>Pavonia</i> | | | | | | 1 | 1 | | | | | | |
| <i>Pinus</i> | 5 | | | | 10 | | 3 | | | | | 1 | 1 |
| Plantaginaceae | | | | 1 | | 3 | | | | | | | |
| Poaceae | 81 | 114 | 55 | 56 | 100 | 71 | 106 | 48 | 74 | 54 | 69 | 78 | 73 |
| Polypodiaceae | 3 | 13 | 1 | 2 | 6 | 43 | 25 | 15 | 9 | 7 | 2 | 12 | 8 |
| Rubiaceae | 1 | 1 | | | 2 | 2 | | 11 | 8 | 6 | 1 | | 7 |
| Sapindaceae | | | 2 | 2 | | 2 | 3 | 4 | 4 | 2 | 1 | 3 | |
| Sapotaceae | | | | | | | | 1 | 4 | | | 8 | |
| Scenedesmaceae | 2 | 3 | 10 | 2 | 11 | 8 | 12 | 7 | 8 | 8 | 6 | 7 | 4 |
| Schizaeaceae | 1 | | | | | 2 | 1 | | | 2 | | | 1 |
| Solanaceae | | 1 | | | | | | | | | | | |
| <i>Sphagnum</i> | | | | 1 | | | | | | | | | |
| <i>Spirogyra</i> | | 26 | 26 | 11 | | 1 | 45 | 49 | 16 | 17 | 29 | 18 | 10 |
| <i>Tetrapoa aristata</i> | | | | | | | 2 | | | | 2 | 1 | 1 |
| Thymelaeaceae | 3 | 1 | | 1 | | | 2 | 6 | 3 | 7 | 12 | | |
| tipo <i>Baccharis</i> | 14 | 11 | | | | | | | | | | | |
| <i>Tipo Microgramma vaccinifolia</i> | | | | 2 | | | | 2 | 1 | 7 | 2 | | |
| <i>Tipo Butia</i> | 2 | | | | | | | | | | | | |
| <i>Tipo Senecio</i> | 1 | | | | | | | | | | | | |
| Xyridaceae | | | | | | | | | | | 1 | | 1 |
| <i>Zea mays</i> | | 1 | | | | | | | | | | | |
| Zygnemataceae | 9 | 3 | 20 | 31 | 48 | 30 | 35 | 11 | 42 | 21 | 37 | 35 | 41 |

FAUNA E FLORA DA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER

Tabela 2. Valores, em porcentagem, dos táxons registrados no testemunho de sondagem conforme suas respectivas profundidades considerando somente Gimnospermas e Angiospermas.

| Táxons | Profundidade (cm) | | | | | | | | | | | | | Total |
|-------------------------------|-------------------|-----|-----|-----|-----|----|-----|----|----|----|----|-----|----|-------|
| | 2 | 7 | 12 | 17 | 22 | 27 | 32 | 37 | 42 | 47 | 52 | 57 | 61 | |
| <i>Poaceae</i> | 81 | 114 | 55 | 56 | 100 | 71 | 106 | 48 | 74 | 54 | 69 | 78 | 73 | 979 |
| <i>Cyperaceae</i> | 13 | 30 | 103 | 68 | 72 | 36 | 79 | 93 | 80 | 75 | 70 | 111 | 75 | 905 |
| <i>Asteraceae</i> | 25 | 29 | 129 | 100 | 66 | 56 | 76 | 74 | 69 | 55 | 35 | 47 | 50 | 811 |
| <i>Mimosa</i> | 164 | | 35 | | 10 | 20 | 32 | 14 | 1 | 9 | 2 | 10 | 12 | 309 |
| <i>Iridaceae</i> | | | | 1 | 7 | 5 | 10 | 31 | 25 | 54 | 11 | 9 | 22 | 175 |
| <i>Apiaceae</i> | 2 | 2 | 3 | 2 | 6 | 6 | 21 | 24 | 19 | 15 | 5 | 12 | 9 | 126 |
| <i>Myrtaceae</i> | 1 | 1 | 2 | 3 | 12 | 5 | 4 | 11 | 10 | 5 | 3 | 6 | 3 | 66 |
| <i>Pavonia</i> | | | | | | 1 | 1 | | 2 | 3 | 5 | 10 | 18 | 40 |
| <i>Rubiaceae</i> | 1 | 1 | | | 2 | 2 | | 11 | 8 | 6 | 1 | | 7 | 39 |
| <i>Thymelaeaceae</i> | 3 | 1 | | 1 | | | 2 | 6 | 3 | 7 | 12 | | | 35 |
| <i>Eryngium</i> | 1 | | | | | 1 | 4 | 8 | 3 | 1 | 3 | 5 | 5 | 31 |
| <i>Tipo baccharis</i> | 14 | 11 | | | | | | | | | | | | 25 |
| <i>Fabaceae</i> | 1 | | | | | | | 1 | | 4 | 7 | 10 | | 23 |
| <i>Sapindaceae</i> | | | 2 | 2 | | 2 | 3 | 4 | 4 | 2 | 1 | 3 | | 23 |
| <i>Pinus</i> | 5 | | | | 10 | | 3 | | | | | 1 | 1 | 20 |
| <i>Sapotaceae</i> | | | | | | | | 1 | 4 | | | 8 | | 13 |
| <i>Arecaceae</i> | | | 1 | | 8 | | | | | | 2 | | | 11 |
| <i>Oxalidaceae</i> | 1 | | | | | | 1 | | | 1 | 3 | 1 | 4 | 11 |
| <i>Araucaria angustifolia</i> | | 2 | 3 | | | | | 3 | | | | | | 8 |
| <i>Ephedra tweediana</i> | 1 | 1 | 1 | | 1 | | 1 | 1 | 1 | | | | | 7 |
| <i>Euphorbiaceae</i> | 3 | | | | | | | | | | | | 3 | 6 |
| <i>Flacourtiaceae</i> | 2 | 3 | | | | | | | | | | | | 5 |
| <i>Malvaceae</i> | 3 | | | 2 | | | | | | | | | | 5 |
| <i>Chrysophyllum</i> | | | | | | | 4 | | | | | | | 4 |
| <i>Malpighiaceae</i> | | 1 | | | | | | | | | | 1 | 2 | 4 |
| <i>Plantaginaceae</i> | | | | 1 | | 3 | | | | | | | | 4 |
| <i>Loranthaceae</i> | 1 | | | | | | | | | | | | 1 | 2 |
| <i>Lythraceae</i> | 2 | | | | | | | | | | | | | 2 |
| <i>Tipo butia</i> | 2 | | | | | | | | | | | | | 2 |
| <i>Xyridaceae</i> | | | | | | | | | | | 1 | | 1 | 2 |
| <i>Erythroxyllum</i> | | | | | | | | | | 1 | 1 | | | 1 |
| <i>Faramea</i> | | | | 1 | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Moraceae</i> | 1 | | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Solanaceae</i> | | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Tipo senecio</i> | 1 | | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Zea mays</i> | | 1 | | | | | | | | | | | | 1 |
| <i>Bromeliaceae</i> | | | 1 | | | | | | | | | | | 1 |

Tabela 3. Valores, em porcentagem, dos elementos algais registrados no testemunho de sondagem conforme suas respectivas profundidades.

| Táxons | Profundidade (cm) | | | | | | | | | | | | | Total |
|-----------------------|-------------------|------|------|-----|------|------|------|------|------|-----|------|-----|------|-------|
| | 2 | 7 | 12 | 17 | 22 | 27 | 32 | 37 | 42 | 47 | 52 | 57 | 61 | |
| <i>Debaria</i> | | 14,3 | 14,3 | | | 7,1 | 14,3 | | 7,1 | 7,1 | | 7,1 | 28,6 | 100,0 |
| <i>Mougeotia</i> | 30,0 | | | | | 20,0 | 50,0 | | | | | | | 100,0 |
| <i>Scenedesmaceae</i> | 2,3 | 3,4 | 11,4 | 2,3 | 12,5 | 9,1 | 13,6 | 8,0 | 9,1 | 9,1 | 6,8 | 8,0 | 4,5 | 100,0 |
| <i>Spirogyra</i> | | 10,5 | 10,5 | 4,4 | | 0,4 | 18,1 | 19,8 | 6,5 | 6,9 | 11,7 | 7,3 | 4,0 | 100,0 |
| <i>Zygnemataceae</i> | 2,5 | 0,8 | 5,5 | 8,5 | 13,2 | 8,3 | 9,6 | 3,0 | 11,6 | 5,8 | 10,2 | 9,6 | 11,3 | 100,0 |

(24,46%) e Asteraceae (21,92%), sendo que estes também estiveram presentes em todas as subamostras. Apiaceae e Myrtaceae, embora ocorrendo em todas as amostras tiveram suas representatividades em 3,41% e 1,78%, respectivamente. *Mimosa* com 8,35% de representatividade e Iridaceae com 4,73% finalizam os táxons com porcentagens acima de 5%. Excetuando-se Myrtaceae, a expressiva representatividade dos demais táxons indica a ocorrência de paisagem herbácea entremeada com os maricazais (*Mimosa*).

A mata de restinga presente na REBIOLJL se faz notar no registro sedimentar através dos conjuntos polínicos formados por Myrtaceae, Sapindaceae, Thymelaeaceae, *Chrysophyllum*, Farnaceae, *Erythroxylum* e Moraceae todos com baixa representatividade variando entre um máximo de 1,78% a porcentagem mínima de 0,03%.

Cabe salientar a presença de *Ephedra tweediana* com presença de somente um grão de pólen em sete das 13 amostras totalizando 0,19% de representatividade no testemunho. Destaca-se também a ausência de grãos de pólen *Sirpus californicus*, que formam os juncais, mas tal fato já era esperado, pois Juncaceae apresenta a exina muito delicada e normalmente não se preserva nos sedimentos.

Os expressivos registros de elementos algais atestam a característica hidromórfica do ponto de coleta e da REBIOLJL como um todo. *Mougeotia foi* a alga de maior representatividade com 50% de ocorrência a profundidade de 32 cm, seguida de *Debaria* com 28,6% a 61 cm. Scenedesmaceae e Zygnemataceae foram os táxons mais frequentes, ocorrendo em todas as subamostras. A ocorrência

abundante de algas verdes está relacionada ao aumento da precipitação atmosférica, assim os picos de *Mougeotia* e *Debaria* poderiam representar episódios de cheia no lago Guaíba.

A metodologia utilizada neste primeiro estudo não contemplou datação radiocarbônica o que limita o estabelecimento de correlação temporal de determinadas premissas. No entanto a ocorrência do grão de pólen de *Pinus* nos assegura a idade moderna deste pacote sedimentar, uma vez que o registro do grão de pólen desta espécie está aliada à chegada do colonizador europeu.

É importante destacar a frequência de *Ephedra tweediana*, que mesmo pouca expressiva, mostra a importância da REBIOLJL como refúgio desta espécie que somente em raros casos foi registrada para o Quaternário do Rio Grande do Sul (BAUERMANN *et al.*, 2009). Por outro lado, a presença de *Araucaria angustifolia*, *Pinus* e *Zea mays*, táxons exóticos, atesta a pressão antrópica que a REBIOLJL vem sofrendo.

Os registros polínicos indicaram um aumento da frequência e riqueza da vegetação arbórea em direção ao topo de testemunho de sondagem, o que já foi observado em outras áreas estudadas e trata-se de uma tendência geral para os sítios deposicionais do Estado.

Finalmente, a REBIOLJL apresenta uma boa riqueza polínica e os conjuntos polínicos representam as diferentes fitofisionomias presentes na Reserva. No entanto, a pressão antrópica já se faz notar pela presença de grãos de pólen exóticos a flora local o que torna necessárias ações de manejo impedindo o aumento dessa vegetação.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, L.R. de M.; CERONI, Z.S.V.; IRGANG, B.E. *et al.* **Levantamento Preliminar da Reserva Biológica do Lami**. Porto Alegre: UFRGS. 30p. (NIDECO. Série Urbana, 1), 1979.
- BAUERMANN, S. G.; BEHLING, H.; MACEDO, R. B. BIOMAS regionais e evolução da paisagem no Rio Grande do Sul com base em paleopolinologia. In: RIBEIRO, A. M.; BAUERMANN, S. G.; SCHERER, C. S. **Quaternário do Rio Grande do Sul integrando conhecimentos**. Porto Alegre: SBP, p. 81-93. (Monografias da Sociedade Brasileira de Paleontologia), 2009.
- BRACK, PAULO, PRATES, JOICE, SANTOS, MARIA DE FÁTIMA M. **Guia de Campo, Espécies da Reserva Biológicas do Lami**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: 12-23, 1992.
- BRUM, L.P. **Levantamento Fitossociológico do Estrato Arbóreo de uma Mata de Restinga na Reserva Biológica do Lami (RS)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Biológicas. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas), 1995.
- FOLETTTO, M.M.C.; ROSSONI, M.G. **Mapeamento de Plantas Exóticas na Reserva Biológica do Lami**. Porto Alegre: Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Centro de Ciências Naturais e Exatas Departamento de Ciências Biológicas. Não Publicado, 1995
- FAEGRI, K.; IVERSEN, L.. **Textbook of pollen analysis**. 4. Ed. New York: John Wiley. 486 p., 1989.
- GONÇALVES, V.L.C.. **Estudo fitossociológico do Estrato Arbustivo de um "Vassoural" na Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre, RS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio grande, Instituto de Ciências Biológicas. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Não Publicado, 1995.
- LIVI, F.P. Elementos do clima: O Contraste de Tempos Frios e Quentes. In: **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. MENEGAT, R. (Coord.). Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. P. 73, 1998
- ILVA, M.V.; RITTER, M. R.. Plantas Medicinais e Tóxicas da Reserva Biológica do Lami. **Iheringia, Série Botânica**, Porto Alegre, v.57, n.1, p.61-73, 2002.
- WAECHTER, J. L.. Aspectos ecológicos da vegetação de restinga do Rio Grande do Sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, (34): 39-49 (série Botânica), 1985.
- WITT, Patrícia Bernardes Rodrigues (coord). **Plano de Manejo: Unidade de Conservação Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger**. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 211p.il.,2008.

| | |
|--|--------------------|
| <i>Physalaemus cuvieri</i> | 110, 132 |
| <i>Physalaemus gracilis</i> | 111, 132 |
| <i>Physalaemus henselii</i> | 127, 128, 132 |
| <i>Physalaemus lisei</i> | 128, 132 |
| <i>Pseudis minuta</i> | 103, 104, 132, 133 |
| <i>Pseudopaludicola falcipes</i> | 112, 132 |
| <i>Rhinella arenarum</i> | 118, 132 |
| <i>Rhinella dorbignyi</i> | 97, 132 |
| <i>Rhinella fernandezae</i> | 97, 119, 132 |
| <i>Rhinella henseli</i> | 120, 132 |
| <i>Rhinella icterica</i> | 119, 120, 132 |
| <i>Scinax berthae</i> | 106, 132 |
| <i>Scinax fuscovarius</i> | 107, 132 |
| <i>Scinax granulatus</i> | 108, 132, 133 |
| <i>Scinax nasicus</i> | 124, 132, 134 |
| <i>Scinax tymbamirim</i> | 105, 132 |
| <i>Scinax squalirostris</i> | 109, 132 |
| <i>Scinax uruguayus</i> | 125, 126, 132, 133 |
| <i>Trachycephalus mesophaeus</i> | 126, 132 |

PEIXES

| | |
|---|---------------|
| <i>Acestrorhynchus pantaneiro</i> | 149, 150 |
| <i>Ancistrus brevipinnis</i> | 149 |
| <i>Aphyocharax anisitsi</i> | 149, 151 |
| <i>Astyanax aff. fasciatus</i> | 148, 149, 152 |
| <i>Astyanax eigenmanniorum</i> | 149, 151 |
| <i>Astyanax henseli</i> | 149 |
| <i>Astyanax jacuhiensis</i> | 149, 152 |
| <i>Astyanax laticeps</i> | 149 |
| <i>Australoheros acaroides</i> | 150, 173 |
| <i>Austrolebias adloffii</i> | 145, 150 |
| <i>Austrolebias wolterstorffi</i> | 150 |
| <i>Brachyhypopomus draco</i> | 150, 169, 170 |
| <i>Brachyhypopomus gauderio</i> | 147, 150, 169 |
| <i>Bryconamericus iheringii</i> | 149 |
| <i>Bunocephalus erondinae</i> | 149 |
| <i>Callichthys callichthys</i> | 145, 145, 161 |
| <i>Characidium cf. zebra</i> | 149 |
| <i>Characidium rachovii</i> | 149, 159 |
| <i>Characidium tenue</i> | 149 |
| <i>Charax stenopterus</i> | 149, 153 |
| <i>Cheirodon ibicuiensis</i> | 149, 153 |
| <i>Cheirodon interruptus</i> | 147, 149 |
| <i>Cichlasoma portalegreense</i> | 147, 150, 174 |
| <i>Corydoras paleatus</i> | 149, 162 |
| <i>Corydoras undulatus</i> | 149 |
| <i>Crenicichla lepidota</i> | 147, 150, 174 |
| <i>Crenicichla punctata</i> | 150, 174 |
| <i>Ctenogobius shufeldti</i> | 150 |
| <i>Cyanocharax albunus</i> | 148, 149, 154 |

| | |
|---|--------------------|
| <i>Cynopoecilus nigrovittatus</i> | 145, 150, 172 |
| <i>Cyphocharax saladensis</i> | 149 |
| <i>Cyphocharax spilotos</i> | 149, 159 |
| <i>Cyphocharax voga</i> | 148, 149, 160 |
| <i>Diapoma speculiferum</i> | 149 |
| <i>Eigenmannia trilineata</i> | 150 |
| <i>Genidens genidens</i> | 149 |
| <i>Geophagus brasiliensis</i> | 150, 175 |
| <i>Glanidium sp.</i> | 149 |
| <i>Gymnogeophagus gymnogenys</i> | 150, 175 |
| <i>Gymnogeophagus labiatus</i> | 150 |
| <i>Gymnogeophagus rhabdotus</i> | 147, 150, 176 |
| <i>Gymnotus aff. carapo</i> | 147, 150, 168 |
| <i>Heptapterus mustelinus</i> | 149 |
| <i>Heptapterus sympterygium</i> | 149 |
| <i>Hisonotus armatus</i> | 149 |
| <i>Hisonotus laevior</i> | 149, 164, 165 |
| <i>Hisonotus leucofrenatus</i> | 149, 164 |
| <i>Homodiaetus anisitsi</i> | 149, 168 |
| <i>Hoplias malabaricus</i> | 147, 149, 160 |
| <i>Hoplosternum littorale</i> | 149, 162, 163 |
| <i>Hyphessobrycon boulengeri</i> | 147, 149, 155 |
| <i>Hyphessobrycon igneus</i> | 147, 149, 155, 156 |
| <i>Hyphessobrycon luetkenii</i> | 147, 149, 156 |
| <i>Hyphessobrycon meridionalis</i> | 149, 156 |
| <i>Hyphessobrycon togoi</i> | 149 |
| <i>Hypostomus aspilogaster</i> | 149 |
| <i>Hypostomus commersoni</i> | 149, 165 |
| <i>Jenynsia multidentata</i> | 150, 171 |
| <i>Leporinus obtusidens</i> | 149 |
| <i>Loricariichthys anus</i> | 149, 165 |
| <i>Lycengraulis grossidens</i> | 149 |
| <i>Microglanis cottoides</i> | 149 |
| <i>Micropogonias furnieri</i> | 150 |
| <i>Mimagoniates inequalis</i> | 150 |
| <i>Mugil liza</i> | 150 |
| <i>Odontesthes aff. perugiae</i> | 150 |
| <i>Odontesthes bonariensis</i> | 150 |
| <i>Odontesthes humensis</i> | 150 |
| <i>Oligosarcus jenynsii</i> | 149, 157 |
| <i>Oligosarcus robustus</i> | 149, 157 |
| <i>Otocinclus flexilis</i> | 149 |
| <i>Pachyurus bonariensis</i> | 148, 150, 177 |
| <i>Parapimelodus nigribarbis</i> | 149, 167 |
| <i>Phalloceros caudimaculatus</i> | 150, 172 |
| <i>Pimelodella australis</i> | 149, 163 |
| <i>Pimelodus pintado</i> | 149, 167 |
| <i>Platanichthys platana</i> | 149 |
| <i>Prochilodus lineatus</i> | 149 |
| <i>Pseudobunocephalus iheringii</i> | 147, 149, 161 |
| <i>Pseudocorynopoma doriae</i> | 148, 149, 158 |
| <i>Pyrrhulina australis</i> | 149 |

| | |
|---|---------------|
| <i>Rhamdella eriarcha</i> | 149 |
| <i>Rhamdia</i> aff. <i>quelen</i> | 147, 149, 163 |
| <i>Rineloricaria cadeae</i> | 149, 166 |
| <i>Rineloricaria strigilata</i> | 148, 149, 166 |
| <i>Salminus brasiliensis</i> | 149 |
| <i>Schizodon jacuiensis</i> | 149 |
| <i>Serrapinnus calliurus</i> | 149, 158 |
| <i>Synbranchus marmoratus</i> | 150, 170 |
| <i>Trachelyopterus lucenai</i> | 149 |

AVES

| | |
|--|-----|
| <i>Aburria jacutinga</i> | 243 |
| <i>Accipiter striatus</i> | 235 |
| <i>Actitis macularius</i> | 236 |
| <i>Agelaioides badius</i> | 231 |
| <i>Agelasticus cyanopus</i> | 246 |
| <i>Agelasticus thilius</i> | 230 |
| <i>Alopochelidon fucata</i> | 241 |
| <i>Amazona aestiva</i> | 237 |
| <i>Amazona pretrei</i> | 244 |
| <i>Amazonetta brasiliensis</i> | 191 |
| <i>Amblyhamphus holosericeus</i> | 230 |
| <i>Ammodramus humeralis</i> | 227 |
| <i>Anas flavirostris</i> | 191 |
| <i>Anas georgica</i> | 234 |
| <i>Anas versicolor</i> | 192 |
| <i>Anhinga anhinga</i> | 194 |
| <i>Anthracothorax nigricollis</i> | 239 |
| <i>Anthus correndera</i> | 242 |
| <i>Anthus hellmayri</i> | 242 |
| <i>Anthus lutescens</i> | 223 |
| <i>Anumbius anumbi</i> | 213 |
| <i>Aphantochroa cirrochloris</i> | 238 |
| <i>Aramides cajanea</i> | 202 |
| <i>Aramides saracura</i> | 202 |
| <i>Aramides ypecaha</i> | 201 |
| <i>Aramus guarauna</i> | 201 |
| <i>Ardea alba</i> | 195 |
| <i>Ardea cocoi</i> | 195 |
| <i>Arundinicola leucocephala</i> | 218 |
| <i>Asio clamator</i> | 208 |
| <i>Asio flammeus</i> | 244 |
| <i>Athene cunicularia</i> | 237 |
| <i>Bartramia longicauda</i> | 236 |
| <i>Basileuterus culicivorus</i> | 229 |
| <i>Basileuterus leucoblepharus</i> | 230 |
| <i>Botaurus pinnatus</i> | 234 |
| <i>Brotogeris chiriri</i> | 237 |
| <i>Bubo virginianus</i> | 237 |

| | |
|--|-----|
| <i>Bubulcus ibis</i> | 194 |
| <i>Busarellus nigricollis</i> | 235 |
| <i>Buteo brachyurus</i> | 199 |
| <i>Buteo swainsoni</i> | 235 |
| <i>Butorides striata</i> | 194 |
| <i>Cacicus chrysopterus</i> | 242 |
| <i>Cairina moschata</i> | 243 |
| <i>Calidris fuscicollis</i> | 236 |
| <i>Calidris melanotos</i> | 236 |
| <i>Callonetta leucophrys</i> | 234 |
| <i>Camptostoma obsoletum</i> | 215 |
| <i>Campyloramphus falcularius</i> | 245 |
| <i>Caracara plancus</i> | 200 |
| <i>Cariama cristata</i> | 244 |
| <i>Carpornis cuculata</i> | 245 |
| <i>Cathartes aura</i> | 197 |
| <i>Cathartes burrovianus</i> | 235 |
| <i>Celeus flavescens</i> | 211 |
| <i>Certhiaxis cinnamomeus</i> | 213 |
| <i>Chaetura cinereiventris</i> | 209 |
| <i>Chaetura meridionalis</i> | 209 |
| <i>Chamaeza campanisona</i> | 245 |
| <i>Charadrius collaris</i> | 236 |
| <i>Chauna torquata</i> | 191 |
| <i>Chiroxiphia caudata</i> | 214 |
| <i>Chloroceryle amazona</i> | 210 |
| <i>Chloroceryle americana</i> | 210 |
| <i>Chlorostilbon lucidus</i> | 209 |
| <i>Chordeiles nacunda</i> | 238 |
| <i>Chroicocephalus cirrocephalus</i> | 236 |
| <i>Chroicocephalus maculipennis</i> | 204 |
| <i>Chrysomus ruficapillus</i> | 231 |
| <i>Ciconia maguari</i> | 193 |
| <i>Circus buffoni</i> | 198 |
| <i>Circus cinereus</i> | 243 |
| <i>Cistothorus platensis</i> | 246 |
| <i>Cnemotriccus fuscatus</i> | 241 |
| <i>Coccyzus melacoryphus</i> | 207 |
| <i>Coereba flaveola</i> | 224 |
| <i>Colaptes campestris</i> | 211 |
| <i>Colaptes melanochloros</i> | 211 |
| <i>Columba livia</i> | 206 |
| <i>Columbina picui</i> | 205 |
| <i>Columbina talpacoti</i> | 205 |
| <i>Conopophaga lineata</i> | 212 |
| <i>Coragyps atratus</i> | 197 |
| <i>Coscoroba coscoroba</i> | 234 |
| <i>Cranioleuca obsoleta</i> | 214 |
| <i>Cranioleuca sulphurifera</i> | 214 |
| <i>Crotophaga ani</i> | 207 |
| <i>Crypturellus obsoletus</i> | 234 |
| <i>Cyanocorax chrysops</i> | 220 |

| | | | |
|--|-----|---|-----|
| <i>Cyanoloxia brissonii</i> | 229 | <i>Hemithraupis guira</i> | 242 |
| <i>Cyanoloxia glaucocaerulea</i> | 229 | <i>Heterospizias meridionalis</i> | 199 |
| <i>Cyclarhis gujanensis</i> | 220 | <i>Himantopus melanurus</i> | 203 |
| <i>Cypseloides fumigatus</i> | 238 | <i>Hirundo rustica</i> | 241 |
| <i>Cypseloides senex</i> | 238 | <i>Hydropsalis albicollis</i> | 238 |
| <i>Dacnis cayana</i> | 227 | <i>Hydropsalis anomala</i> | 244 |
| <i>Dendrocolaptes platyrostris</i> | 239 | <i>Hydropsalis forcipata</i> | 245 |
| <i>Dendrocygna autumnalis</i> | 234 | <i>Hydropsalis longirostris</i> | 238 |
| <i>Dendrocygna bicolor</i> | 234 | <i>Hydropsalis parvula</i> | 238 |
| <i>Dendrocygna viduata</i> | 191 | <i>Hydropsalis torquata</i> | 209 |
| <i>Donacospiza albifrons</i> | 227 | <i>Hylocharis chrysur</i> | 209 |
| <i>Egretta caerulea</i> | 234 | <i>Hylophilus poicilotis</i> | 241 |
| <i>Egretta thula</i> | 196 | <i>Hymenops perspicillatus</i> | 219 |
| <i>Elaenia chilensis</i> | 216 | <i>Icterus pyrrhopterus</i> | 230 |
| <i>Elaenia flavogaster</i> | 215 | <i>Ixobrychus involucris</i> | 234 |
| <i>Elaenia mesoleuca</i> | 240 | <i>Jacana jacana</i> | 204 |
| <i>Elaenia obscura</i> | 216 | <i>Knipolegus cyanirostris</i> | 241 |
| <i>Elaenia parvirostris</i> | 216 | <i>Knipolegus lophotes</i> | 241 |
| <i>Elaenia spectabilis</i> | 216 | <i>Lanio cucullatus</i> | 224 |
| <i>Elanus leucurus</i> | 198 | <i>Lanio melanops</i> | 242 |
| <i>Emberizoides herbicola</i> | 242 | <i>Larus dominicanus</i> | 204 |
| <i>Emberizoides ypiranganus</i> | 246 | <i>Laterallus leucopyrrhus</i> | 235 |
| <i>Embernagra platensis</i> | 228 | <i>Laterallus melanophaius</i> | 202 |
| <i>Empidonomus varius</i> | 240 | <i>Lathrotriccus euleri</i> | 219 |
| <i>Estrilda astrild</i> | 233 | <i>Lepidocolaptes falcinellus</i> | 212 |
| <i>Euphonia chalybea</i> | 242 | <i>Leptopogon amaurocephalus</i> | 214 |
| <i>Euphonia chlorotica</i> | 232 | <i>Leptotila rufaxilla</i> | 237 |
| <i>Euphonia cyanocephala</i> | 232 | <i>Leptotila verreauxi</i> | 206 |
| <i>Euphonia pectoralis</i> | 233 | <i>Lessonia rufa</i> | 242 |
| <i>Euphonia violacea</i> | 242 | <i>Leucochloris albicollis</i> | 239 |
| <i>Euscarthmus meloryphus</i> | 215 | <i>Limnortites rectirostris</i> | 245 |
| <i>Falco femoralis</i> | 235 | <i>Limnornis curvirostris</i> | 212 |
| <i>Falco peregrinus</i> | 235 | <i>Lochmias nematura</i> | 212 |
| <i>Falco sparverius</i> | 201 | <i>Lurocalis semitorquatus</i> | 238 |
| <i>Florisuga fusca</i> | 239 | <i>Machetornis rixosa</i> | 217 |
| <i>Fulica armilata</i> | 235 | <i>Mackenziaena leachii</i> | 212 |
| <i>Fulica leucoptera</i> | 235 | <i>Megaceryle torquata</i> | 210 |
| <i>Furnarius rufus</i> | 212 | <i>Megarynchus pitangua</i> | 240 |
| <i>Gallinago paraguaiiae</i> | 203 | <i>Megascops choliba</i> | 208 |
| <i>Gallinago undulata</i> | 244 | <i>Megascops sanctaecatarinae</i> | 237 |
| <i>Gallinula galeata</i> | 202 | <i>Melanerpes candidus</i> | 210 |
| <i>Gallinula melanops</i> | 203 | <i>Micrastur ruficollis</i> | 244 |
| <i>Geositta cunicularia</i> | 239 | <i>Micrococyx cinereus</i> | 207 |
| <i>Geothlypis aequinoctialis</i> | 229 | <i>Milvago chimachima</i> | 200 |
| <i>Geotrygon montana</i> | 237 | <i>Milvago chimango</i> | 200 |
| <i>Geranoaetus albicaudatus</i> | 235 | <i>Mimus saturninus</i> | 223 |
| <i>Geranoaetus melanoleucus</i> | 243 | <i>Mimus triurus</i> | 242 |
| <i>Glaucidium brasilianum</i> | 237 | <i>Molothrus bonariensis</i> | 231 |
| <i>Gnorimopsar chopi</i> | 242 | <i>Molothrus rufoaxillaris</i> | 242 |
| <i>Guira guira</i> | 207 | <i>Mycteria americana</i> | 193 |
| <i>Haplospiza unicolor</i> | 242 | <i>Myiarchus swainsoni</i> | 217 |
| <i>Heliobletus contaminatus</i> | 213 | <i>Myiodynastes maculatus</i> | 240 |

| | | | |
|---|----------|--|----------|
| <i>Myiopagis viridicata</i> | 240 | <i>Porzana albicollis</i> | 244 |
| <i>Myiophobus fasciatus</i> | 218 | <i>Progne chalybea</i> | 221 |
| <i>Myiopsitta monachus</i> | 206 | <i>Progne tapera</i> | 220 |
| <i>Netta peposaca</i> | 192 | <i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> | 240 |
| <i>Nomonyx dominica</i> | 234 | <i>Pseudocolopteryx sclateri</i> | 240 |
| <i>Nothura maculosa</i> | 234 | <i>Pseudoleistes guirahuro</i> | 231 |
| <i>Nyctibius griseus</i> | 237 | <i>Pseudoleistes virescens</i> | 242 |
| <i>Nycticorax nycticorax</i> | 194 | <i>Pygochelidon cyanoleuca</i> | 220 |
| <i>Nycticyphes semicollaris</i> | 236 | <i>Pyrocephalus rubinus</i> | 241 |
| <i>Ortalis guttata</i> | 192 | <i>Pyrrhocomma ruficeps</i> | 242 |
| <i>Pachyramphus polychopterus</i> | 240 | <i>Pyrrhura frontalis</i> | 242 |
| <i>Pachyramphus viridis</i> | 240 | <i>Ramphastos toco</i> | 245 |
| <i>Pandion haliaetus</i> | 198 | <i>Rhea americana</i> | 243 |
| <i>Parabuteo unicinctus</i> | 243 | <i>Rhynchotus rufescens</i> | 243 |
| <i>Pardirallus maculatus</i> | 202 | <i>Riparia riparia</i> | 241 |
| <i>Pardirallus nigricans</i> | 202 | <i>Rollandia rolland</i> | 192 |
| <i>Pardirallus sanguinolentus</i> | 202 | <i>Rostrhamus sociabilis</i> | 198 |
| <i>Paroaria capitata</i> | 226 | <i>Rupornis magnirostris</i> | 199 |
| <i>Paroaria coronata</i> | 226 | <i>Rynchops niger</i> | 205 |
| <i>Parula pitiayumi</i> | 229 | <i>Saltator similis</i> | 224 |
| <i>Passer domesticus</i> | 233 | <i>Sarkidiornis sylvicola</i> | 243 |
| <i>Patagioenas cayennensis</i> | 237 | <i>Satrapa icterophrys</i> | 219 |
| <i>Patagioenas picazuro</i> | 206 | <i>Schiffornis virescens</i> | 239 |
| <i>Penelope obscura</i> | 243 | <i>Schoeniophylax prhyganophilus</i> | 213 |
| <i>Petrochelidon pyrrhonota</i> | 241 | <i>Sclerurus scansor</i> | 212 |
| <i>Phacellodomus ferrugineigula</i> | 239 | <i>Serpophaga griseicapilla</i> | 240 |
| <i>Phacellodomus striaticollis</i> | 239 | <i>Serpophaga munda</i> | 240 |
| <i>Phaetusa simplex</i> | 204 | <i>Serpophaga nigricans</i> | 240 |
| <i>Phalacrocorax brasilianus</i> | 193 | <i>Serpophaga subcristata</i> | 216, 240 |
| <i>Phimosus infuscatus</i> | 196 | <i>Sicalis flaveola</i> | 228 |
| <i>Phleocryptes melanops</i> | 239 | <i>Sicalis luteola</i> | 228 |
| <i>Phoenicopterus chilensis</i> | 197 | <i>Sittasomus griseicapillus</i> | 239 |
| <i>Phyllomyias fasciatus</i> | 240 | <i>Sporagra magellanica</i> | 232 |
| <i>Phylloscartes ventralis</i> | 215 | <i>Sporophila caerulescens</i> | 229 |
| <i>Piaya cayana</i> | 207 | <i>Sporophila collaris</i> | 242 |
| <i>Piculus aurulentus</i> | 210 | <i>Stelgidopteryx ruficollis</i> | 241 |
| <i>Pipraeidea bonariensis</i> | 226 | <i>Stephanophorus diadematus</i> | 225 |
| <i>Pipraeidea melanonota</i> | 226 | <i>Stephanoxis lalandi</i> | 239 |
| <i>Pitangus sulphuratus</i> | 217 | <i>Sterna hirundinacea</i> | 237 |
| <i>Platalea ajaja</i> | 197 | <i>Sterna hirundo</i> | 236 |
| <i>Platyrrinchus mystaceus</i> | 214 | <i>Sterna trudeaui</i> | 237 |
| <i>Plegadis chihi</i> | 196 | <i>Sternula supercilialis</i> | 236 |
| <i>Pluvialis dominica</i> | 236 | <i>Streptoprocne zonaris</i> | 238 |
| <i>Pluvialis squatarola</i> | 236 | <i>Sturnella supercilialis</i> | 232 |
| <i>Podiceps major</i> | 193 | <i>Synalaxis albescens</i> | 239 |
| <i>Podilymbus podiceps</i> | 192, 193 | <i>Synalaxis cinerascens</i> | 214 |
| <i>Poecilatriccus plumbeiceps</i> | 215 | <i>Synalaxis frontalis</i> | 239 |
| <i>Polioptila dumicola</i> | 221 | <i>Synalaxis ruficapilla</i> | 213 |
| <i>Polystictus pectoralis</i> | 245 | <i>Synalaxis spixi</i> | 214 |
| <i>Poospiza cabanisi</i> | 228 | <i>Syndactyla rufosuperciliata</i> | 213 |
| <i>Poospiza nigrorufa</i> | 228 | <i>Syrigma sibilatrix</i> | 195 |
| <i>Porphyrio martinica</i> | 235 | <i>Tachycineta leucorrhoa</i> | 221 |

| | | | |
|--|-----|--|--|
| <i>Tachuris rubrigastra</i> | 214 | <i>Acianthera glumacea</i> | 278 |
| <i>Tachybaptus dominicus</i> | 234 | <i>Acianthera saundersiana</i> | 278 |
| <i>Tachycineta leucopyga</i> | 241 | <i>Adiantopsis chlorophylla</i> | 281 |
| <i>Tachyphonus coronatus</i> | 242 | <i>Adiantum raddianum</i> | 281 |
| <i>Tangara cyanoptera</i> | 246 | <i>Aechmea recurvata</i> | 275 |
| <i>Tangara palmarum</i> | 225 | <i>Agalinis communis</i> | 278 |
| <i>Tangara preciosa</i> | 225 | <i>Ageratum conyzoides</i> | 274 |
| <i>Tangara sayaca</i> | 225 | <i>Aiouea saligna</i> | 277 |
| <i>Tapera naevia</i> | 208 | <i>Allophylus edulis</i> | 265, 269, 271, 280 |
| <i>Tersina viridis</i> | 227 | <i>Alstroemeria aff. caryophyllaea</i> | 274 |
| <i>Thalurania glaucopis</i> | 239 | <i>Amorimia exotropa</i> | 277 |
| <i>Thamnophilus caerulescens</i> | 211 | <i>Amphilophium paniculatum</i> | 275 |
| <i>Thamnophilus ruficapillus</i> | 211 | <i>Ananas bracteatus</i> | 275 |
| <i>Theristicus caerulescens</i> | 234 | <i>Andropogon bicornis</i> | 279 |
| <i>Theristicus caudatus</i> | 234 | <i>Andropogon selloanus</i> | 279 |
| <i>Tigrisoma lineatum</i> | 194 | <i>Anemia phyllitidis</i> | 281, 285, 287 |
| <i>Tityra cayana</i> | 240 | <i>Anemia tomentosa</i> | 281 |
| <i>Tolmomyias sulphurescens</i> | 215 | <i>Annona salicifolia</i> | 266, 274 |
| <i>Tringa flavipes</i> | 236 | <i>Aristida circinalis</i> | 279 |
| <i>Tringa melanoleuca</i> | 236 | <i>Arrabidaea chica</i> | 275 |
| <i>Tringa solitaria</i> | 204 | <i>Asparagus setaceus</i> | 256, 259, 260, 274 |
| <i>Troglodytes musculus</i> | 221 | <i>Asplenium claussenii</i> | 281 |
| <i>Trogon surrucura</i> | 245 | <i>Asplenium sellowianum</i> | 281 |
| <i>Tryngites subruficollis</i> | 236 | <i>Axonopus fissifolius</i> | 279 |
| <i>Turdus albicollis</i> | 223 | <i>Azolla filiculoides</i> | 281 |
| <i>Turdus amaurochalinus</i> | 222 | <i>Baccharis anomala</i> | 274 |
| <i>Turdus flavipes</i> | 246 | <i>Baccharis conyzoides</i> | 274 |
| <i>Turdus leucomelas</i> | 226 | <i>Baccharis dracunculifolia</i> | 274 |
| <i>Turdus rufiventris</i> | 222 | <i>Baccharis spicata</i> | 274 |
| <i>Turdus subalaris</i> | 223 | <i>Baccharis trimera</i> | 274 |
| <i>Tyrannus melancholicus</i> | 218 | <i>Bacopa monnieri</i> | 278 |
| <i>Tyrannus savana</i> | 218 | <i>Bambusa tuldoides</i> | 279 |
| <i>Tyto alba</i> | 208 | <i>Banara parviflora</i> | 270, 280 |
| <i>Urubitinga urubitinga</i> | 235 | <i>Bauhinia forficata</i> | 265, 271, 276 |
| <i>Vanellus chilensis</i> | 203 | <i>Begonia cucullata</i> | 275 |
| <i>Veniliornis spilogaster</i> | 210 | <i>Bidens bipinnata</i> | 274 |
| <i>Vireo olivaceus</i> | 220 | <i>Bidens laevis</i> | 262, 274 |
| <i>Volatinia jacarina</i> | 228 | <i>Bidens pilosa</i> | 274 |
| <i>Xanthopsar flavus</i> | 246 | <i>Blechnum australe</i> subsp. <i>auriculatum</i> | 281 |
| <i>Xolmis cinereus</i> | 241 | <i>Blepharocalyx salicifolius</i> | 278 |
| <i>Xolmis dominicanus</i> | 246 | <i>Blumenbachia urens</i> | 277 |
| <i>Xolmis irupero</i> | 219 | <i>Brassavola tuberculata</i> | 278 |
| <i>Zenaida auriculata</i> | 206 | <i>Briza poaemorpha</i> | 279 |
| <i>Zonotrichia capensis</i> | 227 | <i>Bromelia antiacantha</i> | 259, 275 |
| | | <i>Buddleja stachyoides</i> | 280 |
| | | <i>Bulbostylis capillaris</i> | 276 |
| | | <i>Bulbostylis consanguinea</i> | 276 |
| | | <i>Butia capitata</i> | |
| | | | 256, 257, 258, 259, 268, 269, 274, 281 |
| <i>Abutilon pauciflorum</i> | 277 | <i>Cabomba caroliniana</i> | 275 |
| <i>Acacia bonariensis</i> | 276 | <i>Calea pinnatifida</i> | 260, 274 |
| <i>Achyrocline satureoides</i> | 274 | <i>Calliandra tweediei</i> | 261, 276 |

FLORA

| | | | |
|--|------------------------------|--|------------------------------|
| <i>Calyptocarpus biaristatus</i> | 274 | <i>Desmodium incanum</i> | 277 |
| <i>Campylocentrum aromaticum</i> | 278 | <i>Dichantherium sabulorum</i> | 279 |
| <i>Campyloneurum nitidum</i> | 281 | <i>Dichantherium surrectum</i> | 279 |
| <i>Canavalia bonariensis</i> | 276 | <i>Dicliptera squarrosa</i> | 263, 274 |
| <i>Canna indica</i> | 276 | <i>Digitaria ciliaris</i> | 279 |
| <i>Caperonia hystrix</i> | 276 | <i>Diodia apiculata</i> | 279 |
| <i>Cardionema ramosissima</i> | 276 | <i>Diodia saponariifolia</i> | 279 |
| <i>Carex sellowiana</i> | 276 | <i>Dioscorea multiflora</i> | 276 |
| <i>Casearia decandra</i> | 269, 280 | <i>Dioscorea sinuata</i> | 276 |
| <i>Casearia sylvestris</i> | 260, 268, 269, 270, 271, 280 | <i>Dioscorea subhastata</i> | 276 |
| <i>Cattleya intermedia</i> | 257, 278 | <i>Diospyros inconstans</i> | 261, 276 |
| <i>Cattleya tigrina</i> | 278, 281 | <i>Dodonaea viscosa</i> | 258, 269, 280 |
| <i>Cayaponia martiana</i> | 263, 276 | <i>Dolichandra cynanchoides</i> | 259, 260, 275 |
| <i>Cecropia pachystachya</i> | 280 | <i>Dolichandra unguis-cati</i> | 275 |
| <i>Celtis iguanaea</i> | 271, 276 | <i>Doryopteris pedata</i> var. <i>multipartita</i> | 258, 281 |
| <i>Centella asiatica</i> | 258, 274 | <i>Drymaria cordata</i> | 276 |
| <i>Cephalanthus glabratus</i> | 261, 279 | <i>Echinodorus grandiflorus</i> | 262, 274 |
| <i>Cerastium rivulare</i> | 276 | <i>Eichhornia azurea</i> | 279 |
| <i>Cereus hildmannianus</i> | 258, 268, 269, 275 | <i>Eichhornia crassipes</i> | 264, 279 |
| <i>Cestrum strigilatum</i> | 280 | <i>Eleocharis viridans</i> | 276 |
| <i>Chaptalia nutans</i> | 274 | <i>Elephantopus mollis</i> | 258, 274 |
| <i>Chaptalia runcinata</i> | 274 | <i>Eleusine indica</i> | 279 |
| <i>Chascolytrum subaristatum</i> | 279 | <i>Endlicheria paniculata</i> | 277 |
| <i>Cheilanthes concolor</i> | 281 | <i>Enterolobium contortisiliquum</i> | 277 |
| <i>Chenopodium ambrosioides</i> | 274 | <i>Enydra anagallis</i> | 274 |
| <i>Chiococca alba</i> | 279 | <i>Ephedra tweediana</i> | ... |
| <i>Chomelia obtusa</i> | 270, 271, 279 | ... 256, 257, 259, 281, 283, 285, 286, 287, 288, 289 | |
| <i>Chrysophyllum marginatum</i> | ... | <i>Eragrostis cataclasta</i> | 279 |
| 268, 269, 270, 271, 280 | | <i>Eragrostis neesii</i> | 279 |
| <i>Cissus striata</i> | 259, 280 | <i>Erechtites valerianifolius</i> | 274 |
| <i>Cleome trachycarpa</i> | 262, 276 | <i>Eryngium elegans</i> | 274 |
| <i>Coccocypselum lanceolatum</i> | 258, 279 | <i>Eryngium horridum</i> | 274 |
| <i>Commelina diffusa</i> | 276 | <i>Eryngium pandanifolium</i> | 274 |
| <i>Commelina erecta</i> | 276 | <i>Erythrina crista-galli</i> | 261, 264, 269, 277, 283 |
| <i>Commelina obliqua</i> | 276 | <i>Erythroxyllum argentinum</i> | ... |
| <i>Cordia americana</i> | 270, 271, 275 | 260, 265, 267, 268, 269, 271, 276 | |
| <i>Coussapoa microcarpa</i> | 280 | <i>Eugenia hyemalis</i> | 261, 265, 266, 268, 269, 278 |
| <i>Cupania vernalis</i> | 266, 270, 271, 280 | <i>Eugenia myrcianthes</i> | ... |
| <i>Cuphea carthagenensis</i> | 277 | 257, 259, 266, 268, 269, 278 | |
| <i>Cuphea glutinosa</i> | 277 | <i>Eugenia schuchiana</i> | 278 |
| <i>Cybistax antisiphilitica</i> | 275 | <i>Eugenia uniflora</i> | 265, 269, 271, 278 |
| <i>Cyclopogon bicolor</i> | 278 | <i>Eugenia uruguayensis</i> | 271, 278 |
| <i>Cyperus aggregatus</i> | 276 | <i>Eupatorium inulifolium</i> | 274 |
| <i>Cyperus haspan</i> | 276 | <i>Eupatorium laevigatum</i> | 274 |
| <i>Cyperus hermaphroditus</i> | 276 | <i>Eupatorium tweedieanum</i> | 274 |
| <i>Cyperus incomtus</i> | 276 | <i>Evolvulus sericeus</i> | 276 |
| <i>Cyperus meyenianus</i> | 276 | <i>Facelis retusa</i> | 274 |
| <i>Cyperus reflexus</i> | 276 | <i>Ficus cestrifolia</i> | 265, 277 |
| <i>Cyperus rigens</i> | 276 | <i>Fimbristylis dichotoma</i> | 276 |
| <i>Dalbergia frutescens</i> | 269, 277 | <i>Forsteronia leptocarpa</i> | 274 |
| <i>Daphnopsis racemosa</i> | 268, 269, 280 | <i>Forsteronia thyrsoidea</i> | 274 |
| <i>Desmodium adscendens</i> | 277 | <i>Galianthe brasiliensis</i> | 279 |

| | | | |
|--|--------------------|--|--|
| <i>Galium hypocarpium</i> | 280 | <i>Maranta arundinacea</i> | 277 |
| <i>Gamochaeta coarctata</i> | 274 | <i>Megathyrsus maximus</i> | 279 |
| <i>Gamochaeta falcata</i> | 274 | <i>Melica sarmentosa</i> | 279 |
| <i>Gibasis geniculata</i> | 276 | <i>Melinis repens</i> | 279 |
| <i>Grindelia pulchella</i> | 274 | <i>Melothria pendula</i> | 276 |
| <i>Guadua trinii</i> | 279 | <i>Mesadenella cuspidata</i> | 278 |
| <i>Guapira opposita</i> | 269, 270, 271, 278 | <i>Microgramma squamulosa</i> | 281 |
| <i>Guettarda uruguensis</i> | 280 | <i>Microgramma vacciniifolia</i> | 281, 285, 286, 287 |
| <i>Gymnanthes concolor</i> | 270, 276 | <i>Mikania campanulata</i> | 274 |
| <i>Habenaria parviflora</i> | 278 | <i>Mikania cordifolia</i> | 275 |
| <i>Handroanthus pulcherrimus</i> | 269, 270, 275 | <i>Mikania glomerata</i> | 275 |
| <i>Hapalorchis lineatus</i> | 278 | <i>Mikania involucrata</i> | 275 |
| <i>Heimia myrtifolia</i> | 277 | <i>Mikania micrantha</i> | 275 |
| <i>Heteropteris aenea</i> | 277 | <i>Mimosa bimucronata</i> | 261, 264, 268, 269, 277, 283 |
| <i>Hibiscus diversifolius</i> | 262, 277 | <i>Morus nigra</i> | 264, 277 |
| <i>Hydrocotyle bonariensis</i> | 274 | <i>Myrcia glabra</i> | 269, 278 |
| <i>Hydrocotyle leucocephala</i> | 274 | <i>Myrcia palustris</i> | 259, 265, 266, 267, 268, 269, 278 |
| <i>Hydrocotyle ranunculoides</i> | 274 | <i>Myrcia selloi</i> | 278 |
| <i>Hygrophila brasiliensis</i> | 274 | <i>Myrcianthes pungens</i> | 266, 270, 278 |
| <i>Hymenachne amplexicaulis</i> | 279 | <i>Myrciaria cuspidata</i> | 254, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 278 |
| <i>Hypoxis decumbens</i> | 277 | <i>Myriophyllum aquaticum</i> | 277 |
| <i>Hyptis fasciculata</i> subsp. <i>fastigiata</i> | 277 | <i>Myrrhimum atropurpureum</i> | 278 |
| <i>Hyptis lappacea</i> | 277 | <i>Myrsine coriacea</i> | 256, 265, 266, 268, 269, 278 |
| <i>Hyptis lorentziana</i> | 277 | <i>Myrsine guianensis</i> | 267, 269, 270, 271, 278 |
| <i>Hyptis mutabilis</i> | 277 | <i>Myrsine laetevirens</i> | 278 |
| <i>Ichnanthus pallens</i> | 279 | <i>Myrsine lorentziana</i> | 278 |
| <i>Impatiens walleriana</i> | 258, 275 | <i>Nectandra megapotamica</i> | 270, 277 |
| <i>Indigofera suffruticosa</i> | 277 | <i>Neomarica candida</i> | 277 |
| <i>Inga vera</i> | 264, 277 | <i>Nothoscordum gracile</i> | 274 |
| <i>Ipomoea alba</i> | 264, 276 | <i>Noticastrum calvatum</i> | 275 |
| <i>Ipomoea cairica</i> | 276 | <i>Nymphoides indica</i> | 277 |
| <i>Ipomoea</i> sp. | 276 | <i>Ocotea porosa</i> | 256, 265, 277, 281 |
| <i>Ipomoea tiliacea</i> | 259, 260, 276 | <i>Ocotea puberula</i> | 277 |
| <i>Ischaemum minus</i> | 279 | <i>Ocotea pulchella</i> | 257, 266, 268, 269, 277 |
| <i>Jodina rhombifolia</i> | 256, 257, 280, 281 | <i>Oplismenus hirtellus</i> | 279 |
| <i>Juncus microcephalus</i> | 277 | <i>Opuntia monacantha</i> | 256, 258, 268, 275 |
| <i>Justicia brasiliana</i> | 274 | <i>Orthopappus angustifolius</i> | 275 |
| <i>Kyllinga brevifolia</i> | 276 | <i>Oxalis bipartita</i> | 278 |
| <i>Kyllinga odorata</i> | 276 | <i>Oxalis linarantha</i> | 278 |
| <i>Lantana camara</i> | 263, 280 | <i>Oxalis triangularis</i> | 278 |
| <i>Lantana fucata</i> | 280 | <i>Oxypetalum tomentosum</i> | 274 |
| <i>Leandra australis</i> | 277 | <i>Panicum gouinii</i> | 279 |
| <i>Lepismium cruciforme</i> | 266, 275 | <i>Panicum pilosum</i> | 279 |
| <i>Lithraea brasiliensis</i> | 269, 270, 274 | <i>Parietaria debilis</i> | 280 |
| <i>Lobelia hederacea</i> | 275 | <i>Paspalum arenarium</i> | 279 |
| <i>Lonchocarpus</i> sp. | 277 | <i>Paspalum conjugatum</i> | 279 |
| <i>Ludwigia elegans</i> | 262, 278 | <i>Passiflora alata</i> | 259, 278 |
| <i>Ludwigia longifolia</i> | 278 | <i>Passiflora elegans</i> | 278, 281 |
| <i>Ludwigia multinervia</i> | 278 | <i>Passiflora misera</i> | 278 |
| <i>Luehea divaricata</i> | 271, 277 | | |
| <i>Luziola peruviana</i> | 279 | | |
| <i>Malvastrum coromandelianum</i> | 277 | | |

| | | | |
|---|--------------------|--|---|
| <i>Passiflora suberosa</i> | 278 | <i>Rumohra adiantiformis</i> | 281 |
| <i>Passiflora tenuifila</i> | 278 | <i>Ruprechtia laxiflora</i> | 281 |
| <i>Paullinia elegans</i> | 259, 264, 280 | <i>Sacoila lanceolata</i> | 278 |
| <i>Paullinia trigonia</i> | 280 | <i>Salix humboldtiana</i> | 263, 280, 283 |
| <i>Pavonia sepium</i> | 277 | <i>Salpichroa organifolia</i> | 280 |
| <i>Peperomia catharinae</i> | 278 | <i>Salvinia</i> sp. | 281 |
| <i>Peperomia caulibarbis</i> | 278 | <i>Sansevieria trifasciata</i> | 260, 274 |
| <i>Peperomia pereskiaefolia</i> | 278 | <i>Sapium glandulosum</i> | 269, 276 |
| <i>Persea venosa</i> | 277 | <i>Schinus polygamus</i> | 274 |
| <i>Petiveria alliacea</i> | 278 | <i>Schinus terebinthifolius</i> | 264, 269, 274 |
| <i>Petunia integrifolia</i> | 265, 267, 280 | <i>Schizachyrium microstachyum</i> | 279 |
| <i>Pfaffia tuberosa</i> | 274 | <i>Schoenoplectus californicus</i> | 279 |
| <i>Phalaris angusta</i> | 279 | <i>Scleria latifolia</i> | 276 |
| <i>Pharus lappulaceus</i> | 279 | <i>Scoparia dulcis</i> | 278 |
| <i>Phoradendron holoxanthum</i> | 280 | <i>Scoparia montevidensis</i> | 278 |
| <i>Phyllanthus sellowianus</i> | 261, 264, 278, 283 | <i>Sebastiania schottiana</i> | 278 |
| <i>Physalis angulata</i> | 280 | <i>Sebastiania serrata</i> | 254, 256, 257, 265, 268, 269, 270, 271, 276 |
| <i>Piper aduncum</i> | 278 | <i>Seguieria americana</i> | 278 |
| <i>Piptochaetium panicoides</i> | 279 | <i>Senecio bonariensis</i> | 262, 275 |
| <i>Pisonia aculeata</i> | 278 | <i>Senecio brasiliensis</i> | 263, 275 |
| <i>Pistia stratiotes</i> | 274 | <i>Senecio crassiflorus</i> | 265, 267, 275 |
| <i>Pleopeltis angusta</i> | 281 | <i>Senecio oxyphyllus</i> | 275 |
| <i>Pluchea sagittalis</i> | 275 | <i>Senecio selloi</i> | 275 |
| <i>Poa annua</i> | 279 | <i>Senna corymbosa</i> | 277 |
| <i>Podocoma notobellidiastrum</i> | 275 | <i>Senna pendula</i> | 277 |
| <i>Polygonum acuminatum</i> | 279 | <i>Serpocaulon meniscifolium</i> | 281 |
| <i>Polygonum hydropiperoides</i> | 279 | <i>Sesbania punicea</i> | 277 |
| <i>Polygonum punctatum</i> | 279 | <i>Sesbania virgata</i> | 277 |
| <i>Polygonum stelligerum</i> | 262, 279 | <i>Setaria parviflora</i> | 279 |
| <i>Polypodium lepidopteris</i> | 256, 267, 281 | <i>Sicydium gracile</i> | 276 |
| <i>Polystachya estrellensis</i> | 278 | <i>Sicyos polyacanthus</i> | 276 |
| <i>Pontederia lanceolata</i> | 279 | <i>Sida planicaulis</i> | 276 |
| <i>Pouteria gardneriana</i> | 280 | <i>Sida rhombifolia</i> | 277 |
| <i>Pouteria salicifolia</i> | 269, 280 | <i>Sida urens</i> | 277 |
| <i>Prunus myrtifolia</i> | 268, 279 | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> | 271, 280, 281 |
| <i>Pseudechinolaena polystachya</i> | 279 | <i>Sisyrinchium micranthum</i> | 277 |
| <i>Psidium cattleyanum</i> | 268, 278 | <i>Smilax campestris</i> | 280 |
| <i>Psidium guajava</i> | 264, 278 | <i>Smilax cognata</i> | 280 |
| <i>Psychotria carthagenensis</i> | 265, 269, 271, 280 | <i>Solanum americanum</i> | 280 |
| <i>Psychotria leiocarpa</i> | 280 | <i>Solanum arenarium</i> | 256, 265, 280, 281 |
| <i>Pteris brasiliensis</i> | 281 | <i>Solanum glaucophyllum</i> | 264, 265, 280 |
| <i>Pterocaulon alopecuroides</i> | 275 | <i>Solanum mauritianum</i> | 280 |
| <i>Pycreus polystachyos</i> | 276 | <i>Solanum pseudocapsicum</i> | 280 |
| <i>Pyrostegia venusta</i> | 275 | <i>Solanum pseudoquina</i> | 269, 280 |
| <i>Randia ferox</i> | 269, 270, 271, 280 | <i>Solanum sanctaecatharinae</i> | 280 |
| <i>Rhipsalis teres</i> | 275 | <i>Solanum sisymbriifolium</i> | 280 |
| <i>Rhynchospora rugosa</i> | 276 | <i>Solanum viarum</i> | 280 |
| <i>Rhynchospora tenuis</i> | 276 | <i>Solidago chilensis</i> | 275 |
| <i>Richardia brasiliensis</i> | 280 | <i>Sommerfeltia spinulosa</i> | 275 |
| <i>Richardia humistrata</i> | 280 | <i>Spathicarpa hastifolia</i> | 274 |
| <i>Ricinus communis</i> | 276 | <i>Spermacoce dasycephala</i> | 280 |
| <i>Ruellia angustiflora</i> | 274 | | |

| | | | |
|---|---------------|---------------------------------------|-------------------------|
| <i>Spermacoce verticillata</i> | 280 | <i>Trema micrantha</i> | 276 |
| <i>Sporobolus indicus</i> | 279 | <i>Trichilia clausenii</i> | 254, 269, 270, 271, 277 |
| <i>Stachytarpheta cayennensis</i> | 280 | <i>Trichilia elegans</i> | 254, 269, 270, 271, 277 |
| <i>Steinchisma decipiens</i> | 279 | <i>Trichocentrum pumilum</i> | 278 |
| <i>Stenachaenium riedelii</i> | 275 | <i>Triodanis perfoliata</i> | 275 |
| <i>Strychnos brasiliensis</i> | 277 | <i>Tripodanthus acutifolius</i> | 277 |
| <i>Syagrus rommanzofiana</i> | 265, 274 | <i>Triumfetta rhomboidea</i> | 277 |
| <i>Symphotrichum squamatum</i> | 275 | <i>Triumfetta semitriloba</i> | 277 |
| <i>Talinum paniculatum</i> | 280 | <i>Trixis praestans</i> | 275 |
| <i>Thalia geniculata</i> | 277 | <i>Typha domingensis</i> | 262, 280 |
| <i>Thelypteris dentata</i> | 281 | <i>Urera nitida</i> | 271, 280, 281 |
| <i>Tillandsia aeranthos</i> | 260, 275 | <i>Varronia curassavica</i> | 275 |
| <i>Tillandsia gardneri</i> | 257, 275, 281 | <i>Varronia polycephala</i> | 275 |
| <i>Tillandsia geminiflora</i> | 257, 275, 281 | <i>Verbena montevidensis</i> | 280 |
| <i>Tillandsia recurvata</i> | 275 | <i>Vernonia nudiflora</i> | 275 |
| <i>Tillandsia stricta</i> | 275 | <i>Vernonia tweediana</i> | 275 |
| <i>Tillandsia usneoides</i> | 257, 275, 281 | <i>Vigna adenantha</i> | 277 |
| <i>Tradescantia anagallidea</i> | 276 | <i>Vitex megapotamica</i> | 261, 269, 277 |
| <i>Tradescantia crassula</i> | 265, 267, 276 | <i>Vriesea procera</i> | 275, 281 |
| <i>Tradescantia fluminensis</i> | 276 | <i>Wahlenbergia linarioides</i> | 275 |
| | | <i>Werauhia gigantea</i> | 275, 281 |
| | | <i>Xanthium strumarium</i> | 275 |
| | | <i>Xyris jupicai</i> | 280 |
| | | <i>Zanthoxylum fagara</i> | 269, 271, 280 |
| | | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> | 280 |
| | | <i>Zizaniopsis bonariensis</i> | 262, 279, 281 |

ÍNDICE REMISSIVO DOS NOMES POPULARES

FAUNA

MAMÍFEROS

| | |
|-------------------------------|--------|
| Bugio-ruivo | 32, 33 |
| Camundongo-do-mato | 34 |
| Capivara | 35, 36 |
| Cuíca-de-cauda-grossa | 31 |
| Furão | 50, 51 |
| Gambá-de-orelha-branca | 30 |
| Gato-mourisco | 48 |
| Graxaim-do-campo | 50 |
| Graxaim-do-mato | 48, 49 |
| Lontra | 51 |
| Mão-pelada | 52 |
| Morcego-beija-flor | 42 |
| Morcego-das-frutas | 40 |
| Morcego-de-cauda-grossa | 45 |
| Morcego-fruteiro | 43 |
| Morcego-orelhudo | 47 |
| Morcego-pescador | 44 |
| Morcego-vampiro | 41 |
| Morceguinho-das-casas | 46 |
| Ouriço-cacheiro | 35, 36 |
| Preá | 37 |
| Ratão-do-banhado | 39 |
| Ratinho-do-mato | 35 |
| Rato-d'água | 34 |
| Rato-da-taquara | 38 |
| Rato-do-chão | 33 |
| Rato-do-junco | 34 |
| Tatu-galinha | 31 |
| Tatuí | 32 |
| Tuco-tuco | 34 |

RÉPTEIS

| | |
|-----------------------------------|----|
| Boipeva | 80 |
| Cágado-de-barbelas-cinzento | 84 |
| Caninana-verde | 70 |
| Cipó-listrada | 76 |
| Cobra-cega | 68 |
| Cobra-d'água-meridional | 72 |
| Cobra-d'água-verde | 73 |
| Cobra-da-terra | 71 |

| | |
|---------------------------------|------------|
| Cobra-de-vidro | 68 |
| Cobra-espada | 79, 80 |
| Cobra-lisa | 73 |
| Cobra-verde | 65, 74 |
| Coral-verdadeira | 68, 75, 81 |
| Corredeira-carenada | 78 |
| Corredeira-lisa | 79 |
| Cruzeira | 82 |
| Dormideira | 77, 78 |
| Dormideira-cinzenta | 77 |
| Falsa-coral | 75 |
| Jacaré-do-papo-amarelo | 86 |
| Jararaca | 82 |
| Jararaca-do-banhado | 71 |
| Jararaca-pintada | 83 |
| Jararaquinha-d'água | 72 |
| Lagartinho-verde | 69 |
| Lagarto | 69, 85, 86 |
| Teju | 69 |
| Nariguda | 80 |
| Papa-pinto | 76 |
| Tartaruga-verde-e-amarela | 85 |
| Urutu | 82 |

ANFÍBIOS

| | |
|----------------------------------|---------------|
| Cecília | 117 |
| Cobra-cega | 117 |
| Minhocão | 117 |
| Perereca tic-tac | 125 |
| Perereca-de-banheiro | 107, 108, 124 |
| Perereca-do-banhado | 102 |
| Perereca-leiteira | 126 |
| Perereca-macaca | 123 |
| Perereca-nariguda | 109 |
| Perereca-rajada | 98 |
| Rã | 113 |
| Rã-assobiadora | 130 |
| Rã-boiadora | 103 |
| Rã-cachorro | 110 |
| Rã-chorona | 111, 127 |
| Rã-chorona-pequena-do-mato | 128 |
| Rã-crioula | 114 |

| | |
|--|----------|
| Rã-de-bigodes | 129 |
| Rã-de-inverno | 127 |
| Rã-listrada | 113 |
| Rã-manteiga | 114 |
| Rã-touro | 130, 131 |
| Raspa-de-cuia | 107 |
| Razinha | 112 |
| Sapinho-de-barriga-vermelha-marmoreada | 121 |
| Sapinho-de-jardim | 97 |
| Sapinho-guarda | 116 |
| Sapo-cruz | 120 |
| Sapo-cururu | 118, 119 |
| Sapo-cururu-da-areia | 118 |
| Sapo-da-enchente | 98 |
| Sapo-da-enchente-da-praia | 122 |
| Sapo-de-jardim | 119 |
| Sapo-ferreiro | 101 |
| Sapo-martelo | 101, 102 |

PEIXES

| | |
|--------------------------------|-------------------------|
| Barrigudinho | 171, 172 |
| Biru | 148, 150, 154, 159, 160 |
| Branca | 157 |
| Cambeva | 168 |
| Camboja | 162 |
| Canivete | 159 |
| Cará | 173, 175, 176 |
| Cará-cartola | 175 |
| Cará-do-lodo | 147, 174 |
| Carapo | 168 |
| Cascudinho | 164 |
| Cascudo | 161, 165 |
| Corvina-de-rio | 146, 176, 177 |
| Joaninha | 147, 174 |
| Jundiá | 147, 163 |
| Lambari | 151, 153, 154, 156, 158 |
| Lambari-bandeira | 158 |
| Lambari-branco | 154 |
| Lambari-corcunda | 153 |
| Lambari-do-rabo-amarelo | 152 |
| Lambari-do-rabo-vermelho | 152 |
| Lambari-limão | 155 |
| Lambari-prata | 155 |
| Lambari-sangue | 151 |
| Lambari-vidro | 153 |
| Limpa-fundo | 162 |
| Mandi-chorão | 163 |
| Mandinho | 163, 167 |
| Mixola | 174 |
| Muçum | 170 |

| | |
|--------------------------------|---------------|
| Peixe-anual | 172 |
| Peixe-banjo | 147, 161 |
| Peixe-cachorro | 150 |
| Peixe-elétrico | 168, 169 |
| Pintado | 167 |
| Pintado-branco | 167 |
| Sarapó | 168 |
| Tambicu-de-rabo-amarelo | 157 |
| Tambicu-de-rabo-vermelho | 157 |
| Tamboatá | 145, 161, 162 |
| Traíra | 147, 150, 160 |
| Tuvira | 169 |
| Viola | 165 |
| Violinha | 148, 166 |

AVES

| | |
|------------------------------------|-----|
| Águia-chilena | 243 |
| Águia-pescadora | 198 |
| Alegrinho | 216 |
| Alegrinho-de-barriga-branca | 240 |
| Alegrinho-trinador | 240 |
| Alma-de-gato | 207 |
| Amarelinho-do-junco | 240 |
| Anambé-branco-de-rabo-preto | 240 |
| Andorinha-chilena | 241 |
| Andorinha-de-bando | 241 |
| Andorinha-de-sobre-acanelado | 241 |
| Andorinha-de-testa-branca | 221 |
| Andorinha-do-barranco | 241 |
| Andorinha-do-campo | 220 |
| Andorinha-doméstica-grande | 221 |
| Andorinha-morena | 241 |
| Andorinhão-de-coleira | 238 |
| Andorinhão-de-sobre-cinzento | 209 |
| Andorinhão-do-temporal | 209 |
| Andorinhão-preto-da-cascata | 238 |
| Andorinha-pequena-de-casa | 220 |
| Andorinha-serradora | 241 |
| Andorinha-velho-da-cascata | 238 |
| Anu-branco | 207 |
| Anu-preto | 207 |
| Aracuçã | 192 |
| Arapaçu-de-bico-torto | 245 |
| Arapaçu-escamoso-do-sul | 212 |
| Arapaçu-grande | 239 |
| Arapaçu-verde | 239 |
| Arredio-de-papo-manchado | 214 |
| Arredio-do-gravatá | 245 |
| Arredio-oliváceo | 214 |
| Asa-de-telha | 231 |

| | | | |
|---------------------------------------|-----|-------------------------------|-----|
| Azulão | 229 | Carrapateiro | 200 |
| Azulinho | 229 | Carretão | 246 |
| Bacurau | 238 | Caturrita | 206 |
| Bacurau-da-telha | 238 | Cavalaria | 226 |
| Bacurau-pequeno | 238 | Chimango | 200 |
| Bacurau-tesoura | 209 | Choca-da-mata | 211 |
| Bacurau-tesoura-gigante | 245 | Choca-de-boné-vermelho | 211 |
| Balança-rabo-de-máscara | 221 | Chopim-do-brejo | 231 |
| Barulhento | 215 | Chupa-dente | 212 |
| Bate-bico | 239 | Cigarra-bambu | 242 |
| Batuíra-de-coleira | 236 | Cochicho | 213 |
| Batuiruçu | 236 | Colegial | 241 |
| Batuiruçu-de-axila-preta | 236 | Coleirinho | 229 |
| Beija-flor-cinza | 238 | Coleiro-do-brejo | 242 |
| Beija-flor-de-bico-vermelho | 209 | Colhereiro | 197 |
| Beija-flor-de-fronte-violeta | 239 | Corocoxó | 245 |
| Beija-flor-de-papo-branco | 239 | Corruíra | 221 |
| Beija-flor-de-topete | 239 | Corruíra-do-campo | 246 |
| Beija-flor-de-veste-preta | 239 | Corucão | 238 |
| Beija-flor-dourado | 209 | Coruja-de-igreja | 208 |
| Beija-flor-preto-de-rabo-branco | 239 | Coruja-do-campo | 237 |
| Bem-te-vi | 217 | Coruja-orelhuda | 208 |
| Bem-te-vi-rajado | 240 | Corujinha-do-mato | 208 |
| Bichoita | 213 | Corujinha-do-sul | 237 |
| Bico-chato-de-orelha-preta | 215 | Curiango-do-banhado | 244 |
| Bico-de-lacre | 233 | Curicaca | 234 |
| Biguá | 193 | Curriqueiro | 239 |
| Biguatinga | 194 | Curutié | 213 |
| Borboletinha-do-mato | 215 | Dançador | 214 |
| Brujarara-assobiador | 212 | Dragão | 242 |
| Cabeça-seca | 193 | Ema | 243 |
| Cabecinha-castanha | 242 | Encontro | 230 |
| Cabeçudo | 214 | Enferrujado | 219 |
| Caburé | 237 | Falcão-de-coleira | 235 |
| Cais-cais | 242 | Falcão-peregrino | 235 |
| Calhandra-de-três-rabos | 242 | Filipe | 218 |
| Cambacica | 224 | Fim-fim | 232 |
| Caminheiro-de-barriga-acanelada | 242 | Flemingo | 197 |
| Caminheiro-de-espora | 242 | Flautim | 239 |
| Caminheiro-zumbidor | 223 | Frango-d'água-azul | 235 |
| Canário-da-terra-verdadeiro | 228 | Frango-d'água-carijó | 203 |
| Canário-do-brejo | 246 | Freirinha | 218 |
| Canário-do-campo | 242 | Gaivota-de-cabeça-cinza | 236 |
| Caneleirinho-preto | 240 | Gaivota-maria-velha | 204 |
| Caneleirinho-verde | 240 | Gaivotão | 204 |
| Capororoca | 234 | Galinholha | 202 |
| Caracará | 200 | Garça-azul | 234 |
| Carão | 201 | Garça-branca-grande | 195 |
| Cardeal | 226 | Garça-branca-pequena | 196 |
| Cardeal-do-banhado | 230 | Garça-moura | 195 |
| Carqueja-de-bico-amarelo | 235 | Garça-vaqueira | 194 |
| Carqueja-de-bico-manchado | 235 | Garibaldi | 231 |

| | | | |
|--|-----|-------------------------------------|-----|
| Gaturamo-rei | 232 | Maçarico-solitário | 204 |
| Gaturamo-serrador | 233 | Maria-faceira | 195 |
| Gaturamo-verdadeiro | 242 | Maria-preta-de-bico-azulado | 241 |
| Gavião-asa-de-telha | 243 | Maria-preta-de-penacho | 241 |
| Gavião-caboclo | 199 | Mariquita | 229 |
| Gavião-caburé | 244 | Marreca-asa-branca | 234 |
| Gavião-caramujeiro | 198 | Marreca-caneleira | 234 |
| Gavião-carijó | 199 | Marreca-cricri | 192 |
| Gavião-cinza | 243 | Marreca-de-bico-roxo | 234 |
| Gavião-de-rabo-branco | 235 | Marreca-de-coleira | 234 |
| Gavião-de-rabo-curto | 199 | Marrecão | 192 |
| Gavião-do-banhado | 198 | Marreca-parda | 234 |
| Gavião-papa-gafanhoto | 235 | Marreca-pardinha | 191 |
| Gavião-peneira | 198 | Marreca-pé-vermelho | 191 |
| Gavião-preto | 235 | Marreca-piadeira | 191 |
| Gavião-velho | 235 | Martim-pescador-grande | 210 |
| Gaviãozinho | 235 | Martim-pescador-pequeno | 210 |
| Gralha-piçaça | 220 | Martim-pescador-verde | 210 |
| Graúna | 242 | Mergulhão | 192 |
| Guaracava-de-barriga-amarela | 215 | Mergulhão-de-orelha-branca | 192 |
| Guaracava-de-bico-curto | 216 | Mergulhão-grande | 193 |
| Guaracava-de-crista-alaranjada | 240 | Mergulhão-pequeno | 234 |
| Guaracava-de-crista-branca | 216 | Mocho-dos-banhados | 244 |
| Guaracava-grande | 216 | Narceja | 203 |
| Guaracavuçu | 241 | Narceja-de-bico-torto | 236 |
| Inambugauçu | 234 | Narcejão | 244 |
| Irré | 217 | Neinei | 240 |
| Jaçanã | 204 | Noivinha | 219 |
| Jacuaçu | 243 | Noivinha-de-rabo-preto | 246 |
| Jacurutu | 208 | Papagaio-verdadeiro | 237 |
| Jacutinga | 243 | Papa-lagarta-cinzentos | 207 |
| João-botina | 239 | Papa-lagarta-verdadeiro | 207 |
| João-da-palha | 212 | Papa-moscas-canela | 245 |
| João-de-barro | 212 | Papa-piri | 214 |
| João-grande | 193 | Papo-preto | 242 |
| João-pobre | 240 | Pardal | 233 |
| João-porca | 212 | Pariri | 237 |
| João-teneném | 214 | Patinho | 214 |
| João-velho | 211 | Pato-de-crista | 243 |
| Juriti-gemeadeira | 237 | Pato-do-mato | 243 |
| Juriti-pupu | 206 | Peitica | 240 |
| Juruviara | 220 | Perdigão | 243 |
| Maçarico-acanelado | 236 | Perdiz | 234 |
| Maçarico-de-cara-pelada | 196 | Periquito-de-encontro-amarelo | 237 |
| Maçarico-de-colete | 236 | Pernilongo | 203 |
| Maçarico-de-perna-amarela | 236 | Petrim | 239 |
| Maçarico-de-sobre-branco | 236 | Pia-cobra | 229 |
| Maçarico-do-campo | 236 | Pica-pau-branco | 210 |
| Maçarico-grande-de-perna-amarela | 236 | Pica-pau-do-campo | 211 |
| Maçarico-pintado | 236 | Pica-pau-dourado | 210 |
| Maçarico-preto | 196 | Pica-pau-verde-barrado | 211 |
| Maçarico-real | 234 | Picapauzinho-verde-carijó | 210 |

| | | | |
|--------------------------------|-----|------------------------------------|-----|
| Pichororé | 213 | Socó-boi-verdadeiro | 194 |
| Pintassilgo | 232 | Socói-amarelo | 234 |
| Piolhinho | 240 | Socozinho | 194 |
| Pi-puí | 214 | Suiriri | 218 |
| Pitiguari | 220 | Suiriri-cavaleiro | 217 |
| Polícia-inglesa | 232 | Suiriri-pequeno | 219 |
| Pomba-de-bando | 206 | Surucuá-variado | 245 |
| Pomba-galega | 237 | Tachã | 191 |
| Pombão | 206 | Talha-mar | 205 |
| Pombo-doméstico | 206 | Tecelão | 242 |
| Primavera | 241 | Tesourinha | 218 |
| Príncipe | 241 | Tico-tico | 227 |
| Pula-pula | 229 | Tico-tico-do-banhado | 227 |
| Pula-pula-assobiador | 230 | Tico-tico-do-campo | 227 |
| Quem-te-vestiu | 228 | Tico-tico-rei | 224 |
| Quero-quero | 203 | Tiê-de-topete | 242 |
| Quete | 228 | Tiê-preto | 242 |
| Quiriquiri | 201 | Tio-tio | 239 |
| Risadinha..... | 215 | Tipio | 228 |
| Rolinha-picui | 205 | Tiriba-de-testa-vermelha | 244 |
| Rolinha-roxa | 205 | Tiziu | 228 |
| Sabiá-barranco | 222 | Tororó | 215 |
| Sabiá-coleira | 223 | Tovaca-campainha | 245 |
| Sabiá-do-banhado | 228 | Trepador-quiete | 213 |
| Sabiá-do-campo | 223 | Trepadorzinho | 213 |
| Sabiá-ferreiro | 223 | Tricolino | 240 |
| Sabiá-laranjeira | 222 | Trinca-ferro-verdadeiro | 224 |
| Sabiá-poca | 222 | Trinta-réis-anão | 236 |
| Sabiá-una | 246 | Trinta-réis-boreal | 236 |
| Saci | 208 | Trinta-réis-de-bico-vermelho | 237 |
| Saí-andorinha | 227 | Trinta-réis-de-coroa-branca | 237 |
| Saí-azul | 227 | Trinta-réis-grande | 204 |
| Saíra-preciosa | 225 | Tucanuçu | 245 |
| Saíra-viúva | 226 | Tucão | 216 |
| Sanã-carijó | 244 | Tuju | 238 |
| Sanã-parda | 202 | Tuque | 240 |
| Sanã-vermelha | 235 | Uí-pi | 239 |
| Sanhaçu-cinzento | 225 | Urubu-de-cabeça-amarela | 235 |
| Sanhaçu-de-encontro-azul | 246 | Urubu-de-cabeça-preta | 197 |
| Sanhaçu-do-coqueiro | 225 | Urubu-de-cabeça-vermelha | 197 |
| Sanhaçu-frade | 225 | Urutau | 237 |
| Sanhaçu-papa-laranja | 226 | Verdinho-coroado | 241 |
| Saracura-carijó | 202 | Veste-amarela | 246 |
| Saracura-do-banhado | 202 | Vira-bosta | 231 |
| Saracura-do-mato | 202 | Vira-bosta-picumã | 242 |
| Saracura-sanã | 202 | Vira-folha | 212 |
| Saracura-três-potes | 202 | Viuvinha-de-óculos | 219 |
| Saracuruçu | 201 | | |
| Sargento | 230 | | |
| Savacu | 194 | | |
| Seriema | 244 | | |
| Socó-boi-baio | 234 | | |

FLORA

| | | | |
|----------------------------------|-------------------------|--------------------------------|---------------|
| Abóbora-do-mato | 276 | Cambará | 274 |
| Acácia-de-flores-vermelhas | 277 | Camboatá-vermelho | 266, 270, 280 |
| Açoita-cavalo | 277 | Camboim | 265, 278 |
| Aguaí | 280 | Cambuí | 278 |
| Aguaí-vermelho | 268, 280 | Cana-da-índia | 276 |
| Aguapé | 264, 279 | Canambaia | 275 |
| Aguapé-de-baraço | 279 | Canchalágua | 277 |
| Alecrim-do-campo | 275 | Cançorosa-de-três-pontas | 257, 280, 281 |
| Alface-d'água | 274 | Canela | 277 |
| Alho-bravo | 274 | Canela-frade | 277 |
| Amoreira | 264, 277 | Canela-guaicá | 277 |
| Ananás-de-cerca | 275 | Canela-lageana | 257, 266, 277 |
| Araçazeiro | 278 | Canela-preta | 277 |
| Araticum-graúdo | 266, 274 | Canela-sebo | 277 |
| Aroeira-braba | 274 | Canema | 280 |
| Aroeira-vermelha | 264, 274 | Cansação | 277 |
| Aspargo-samambaia | 256, 274 | Capim-bambu | 279 |
| Assa-peixe | 275 | Capim-boiador | 279 |
| Assa-peixe-manso | 275 | Capim-colchão | 279 |
| Assobiadeira | 274 | Capim-de-anta | 279 |
| Avenca | 281 | Capim-do-mato | 279 |
| Avenca-de-espiga | 281 | Capim-gafanhoto | 279 |
| Azedinha | 278 | Capim-gordo | 279 |
| Azedinha-do-brejo | 275 | Capim-mourão | 279 |
| Azedinha-linda | 278 | Capim-navalha | 276 |
| Azola | 281 | Capim-rabo-de-raposa | 279 |
| Bacopa-anã | 278 | Capim-trepador | 279 |
| Balieira | 275 | Capororoca | 271, 278 |
| Banana-do-mato | 259, 275 | Capororoca-vermelha | 256, 278 |
| Barba-de-pau | 257, 275, 281 | Cará-redondo-chato | 276 |
| Barbasco | 275 | Caratinga | 276 |
| Batinga-vermelha | 278 | Carqueja | 274 |
| Boa-noite | 264, 276 | Carrapicho | 275, 277 |
| Botão-de-ouro | 280 | Carrapicho-de-calçada | 277 |
| Branquilha | 256, 265, 276 | Caruru-amargoso | 274 |
| Bromélia | 275, 281 | Catiguá-vermelho | 270, 277 |
| Butiazeiro | 256, 258, 259, 274, 281 | Catléia | 257, 278, 281 |
| Cabomba | 275 | Chá-de-bugre | 260, 280 |
| Caeté | 277 | Chal-chal | 265, 271, 280 |
| Café-do-mato | 265, 280 | Chapéu-de-couro | 262, 274 |
| Cafeeiro-do-mato | 280 | Cipó-cabeludo | 281 |
| Cainca | 279 | Cipó-cruz | 275 |
| Cairuçu-asiático | 254, 278 | Cipó-d'água | 275 |
| Cairuçu-do-brejo | 274 | Cipó-de-leite | 274 |
| Calaguala | 281 | Cipó-de-mico | 276 |
| Camará | 263, 280 | Cipó-de-São-João | 275 |
| Camará-de-espinho | 263, 280 | Cipó-limoeiro-do-mato | 278 |
| Cambaí-amarelo | 277 | Cipó-timbó | 280 |
| | | Cipó-unha-de-gato | 275 |
| | | Cocão | 260, 265, 276 |
| | | Coentrilho | 280 |

| | | | |
|-------------------------------|--------------------|-------------------------------|--------------------|
| Coerana | 280 | Guamirim | 265, 278 |
| Coração-de-Jesus | 275 | Guaxuma | 277 |
| Coronilha | 280, 281 | Imbuia | 256, 265, 277, 281 |
| Corticeira-do-banhado | 264, 277 | Ingá-banana | 264, 277 |
| Cravo-do-mato | 257, 260, 275, 281 | Ipê-da-praia | 275 |
| Cruz-de-malta | 262, 278 | Ipê-verde | 275 |
| Efedra | 256, 257, 281 | Jerivá | 256, 274 |
| Embaúba | 280 | Joá | 280 |
| Embira | 280 | Joá-manso | 280 |
| Erva-baleeira | 275 | Junco | 262, 276, 277 |
| Erva-capitão | 274 | Junquinho | 276 |
| Erva-da-vida | 277 | Junta-de-cobra-vermelha | 263, 274 |
| Erva-de-bicho | 279 | Laranjeira-do-mato | 270, 276 |
| Erva-de-lagarto | 260, 274 | Limoeiro-do-mato | 280 |
| Erva-de-passarinho | 277, 280 | Língua-de-vaca | 274 |
| Erva-de-Santa-Maria | 274 | Macela-branca | 274 |
| Erva-de-São-João | 274 | Macelinha | 274 |
| Erva-de-vidro | 278 | Mal-me-quer | 274 |
| Erva-grossa | 275 | Mamica-de-cadela | 280 |
| Erva-guiné | 278 | Mamona | 276 |
| Erva-lanceta | 275 | Maracujá | 259, 278 |
| Erva-moura | 280 | Maracujá-de-cobra | 278 |
| Espada-de-São-Jorge | 260, 274 | Maracujá-de-cortiça | 278 |
| Espadana | 262, 279 | Maracujá-de-estalo | 278, 281 |
| Espichadeira | 264, 265, 280 | Maracujzinho | 278 |
| Espora-de-galo | 278 | Marcela | 274 |
| Esporão-de-galo | 276, 277 | Margarida-da-praia | 265, 267, 275 |
| Falsa-ipecacuanha | 279 | Margarida-do-banhado | 262, 275 |
| Falso-linho | 275 | Maria-mole | 263, 270, 275, 278 |
| Farinha-seca | 256, 279, 280 | Maria-preta | 276 |
| Fedegoso | 277 | Maria-sem-vergonha | 258, 275 |
| Feijãozinho-do-campo | 277 | Maricá | 261, 277 |
| Figo-da-Índia | 256, 258, 275 | Mastruço-do-brejo | 276 |
| Figueira-de-folha-miúda | 265, 277 | Mata-olho | 280 |
| Flor-das-almas | 275 | Mata-pau | 280 |
| Flor-de-fogo | 274 | Micânia | 275 |
| Fumo-bravo | 280 | Murerê | 281 |
| Gervão | 280 | Murta | 278 |
| Ginseng brasileiro | 274 | Murtilho | 278 |
| Goiabeira | 264, 278 | Neomarica | 277 |
| Gramma-portuguesa | 279 | Olhos-de-boneca | 259, 264, 280 |
| Gramma-vermelha | 279 | Orquídea | 260, 265, 278 |
| Gramofone | 259, 260, 261, 276 | Orquídea-terrestre | 278 |
| Grandiúva | 276 | Ovo-de-galo | 280 |
| Gravatá | 274 | Parietária | 280 |
| Guabiju | 266, 278 | Parreira-brava | 259, 280 |
| Guaçatunga | 280 | Parreirinha | 274 |
| Guaco | 259, 274 | Pastinho-do-mato | 279 |
| Guaco-do-mato | 275 | Pata-de-galo | 259, 260, 275 |
| Guaco-liso | 275 | Pata-de-vaca | 265, 276 |
| Guajuvira | 275 | Pau-de-ervilha | 269, 277 |

| | | | |
|-----------------------------------|---------------|--------------------------------|--------------------|
| Pau-de-leite | 276 | Salso | 263, 280 |
| Pé-de-galinha | 279 | Samambaia | 256, 267, 281 |
| Pega-pegas | 277 | Sambacuité | 277 |
| Peloteira | 280 | Sarandi | 261, 278, 279, 283 |
| Perna-de-papagaio | 274 | Sete-sangrias-do-campo | 277 |
| Pessegueiro-bravo | 279 | Soldanela-d'água | 277 |
| Pessegueiro-do-mato | 257, 266, 278 | Suçuaiá | 258, 274 |
| Petunia | 265, 267, 280 | Taboa | 262, 280 |
| Picão | 274 | Taiuiá | 263, 276 |
| Picão-do-banhado | 262, 274 | Taquara | 279 |
| Picão-preto | 274 | Taquaruçu | 279 |
| Pimenta-de-macaco | 278 | Tarumã | 261, 269, 277 |
| Pinheirinho-d'água | 277 | Timbaúva | 277 |
| Piririca | 258, 279 | Tiririca | 276 |
| Pitangueira | 265, 271, 278 | Tiririca-de-flor-amarela | 277 |
| Pitangueira-do-mato | 259, 265, 278 | Topete-de-cardeal | 261, 276 |
| Pixirica | 277 | Trapoeraba | 265, 267, 276 |
| Poaia | 280 | Treme-treme | 279 |
| Quebra-pedra | 275 | Tuna | 256, 258, 275 |
| Quitoco | 275 | Tupiçaba | 278 |
| Rabo-de-bugio | 277 | Ubá | 278 |
| Rabo-de-burro | 279 | Unha-de-gato | 276 |
| Rabo-de-rato | 275, 278 | Urtigão | 280, 281 |
| Rainha-dos-lagos | 279 | Vassoura | 274 |
| Roseta | 276 | Vassoura-vermelha | 258, 280 |
| Saco-de-touro | 280 | Veludinho | 280 |
| Salsa-gaúcha-da-folha-larga | 274 | Verbasco | 280 |
| Salsaparrilha | 280 | Viuvinha | 279 |







**Prefeitura de
Porto Alegre**